UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – GEOGRAFIA HUMANA

HELICIO RIBEIRO CAMPOS

**Polarização Urbana, Identidade Territorial e Futebol: a Zona da Mata
e Juiz de Fora/MG entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte**

São Paulo

2016

HELICIO RIBEIRO CAMPOS

**Polarização urbana, identidade territorial regional e futebol: a Zona da
Mata e Juiz de Fora/MG entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Doutor em
Geografia Humana.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Professora Dra. Amália Inés
Geraiges de Lemos

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo

Campos, Helcio Ribeiro.

C474 p Polarização urbana, identidade territorial regional e futebol: a Zona da Mata e Juiz de Fora/MG entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte. / Helcio Ribeiro Campos / orientadora Amália Inés Geraiges de Lemos. São Paulo, 2016.

664 f. : il.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Polarização Urbana; 2. Futebol; 3. Zona da Mata/Juiz de Fora; 4. Identidade Territorial Regional. I. Lemos, Amália Inés Geraiges de, orient. II. Título.

CAMPOS, Helcio Ribeiro.

Polarização urbana, identidade territorial regional e futebol: a Zona da Mata e Juiz de Fora/MG entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Ao meu pai,
que, sem saber e mesmo ausente,
deu início a este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Calmir e Therezinha, pelo exemplo de honestidade, pelos estudos e incentivos. Ao meu pai (*in memoriam*) por ter me levado para ver os jogos... do campo e da imaginação. À minha irmã Lucimar, pela hospedagem em São Paulo, por me ouvir e pelos pitacos valiosos. Aos demais familiares pelo apoio e incentivo.

Aos meus professores de todos os tempos, muitíssimo obrigado pela formação! E, em especial, à minha orientadora, profa. Amália Inés, pela confiança dada a um então desconhecido... e aqui estamos! À Ana Maria Marangoni (imprescindível!) e ao Tônico (inesquecível!). Às críticas e sugestões valiosas dos professores André Martin, Gilmar Mascarenhas, Maria Lúcia Menezes, Ricardo Mendes e Vicente Pinto. Sou muito grato a todos vocês!

À professora Alcimara, pela revisão do texto (enorme). Gratidão igual ao número de páginas! Ao professor Fabiano Amarante, pelos mapas (feitos e refeitos!) e tantas tardes compartilhadas para tal!

Às muitas pessoas e suas contribuições em diferentes segmentos e cidades:

- aos colegas do IF Barbacena: Aquiles (a um atleticano pelo contato no Cruzeiro!), Bernard e Monique (contato na Tribuna de Minas, livros e textos), Bianca (contatos na Globo), Elen (contatos passados), Flávia (livros), Gilson (aquela reportagem foi exata!), Frederico e Kelly (mapa), Guilherme (livro), Pedro (textos), Thiago (contato na Biblioteca do Granbery), Terezinha (textos).

- em Barbacena: ao professor Carlos e ao Fernando, presidente do Andaraí, pela oportunidade de entrevistar os ex-jogadores (até da Seleção do Brasil); ao Natan, valeu pelos livros!

- em Juiz de Fora: Adriana, Alice e Fábio (acesso ao Granbery); Marcelo Rinco (pela amizade); João, Marcel e Tatiana (pelas entrevistas); ao pessoal da TV Globo (Roberta Oliveira, pelo contato com Alexandre Soares; Cláudia Oliveira; Inácio Novaes, responsável pelo GE); Maria do Carmo (contato no Cruzeiro); Wendel Guiducci (editor de esportes da Tribuna de Minas); Ricardo Wagner (da Rádio Globo); Paulo César Magella (editor-gerente da Tribuna de Minas e em nome da CBN); Márcio Guerra (jornalista e professor da UFJF); Eliane Casarin (responsável pelo Setor de Memória da Biblioteca Murilo Mendes); ao pessoal da FUNALFA (Daniel, Monique e Nilo); ao pessoal da loja Torcedor Esporte Clube (sobretudo Yan Lopes).

- em Belo Horizonte: ao pessoal do Cruzeiro, Dalai Rocha, Dimas Fonseca, Guilherme

Mendes e, sobretudo, Rita de Cássia Pereira (pela entrevista); ao Mário Savaget (da Rádio Gerais), ao Marco Antonio (pela entrevista).

- em Guarará (minha irmã Adma e ao Wagner Oliveira), em Uberlândia (Alexandre Soares, diretor de programação da TV Integração); em Muriaé (Lia Brum e ao editor e ao diretor da Rádio Muriaé, João Acélio e Paulo Roberto, respectivamente); São João Nepomuceno (Fernando de Lélis); Manhuaçu (Klairton de Souza e Luiz Nascimento); Manhumirim e Barbacena (Josimar, pelas fotos e sabedoria computacional!); Ubá (José Lourenço, Carlos Silva e Júlio César, radialista e presidente da Liga); Pirapetinga (Silva Filho); Viçosa (Wagner Alexandre), Leopoldina (Jairo Fernandes e Arnaldo Espíndola); Cataguases (Baiano); Ponte Nova (Danilo e Marcos Dias, chefe de esportes da Rádio Montanhese); Santos Dumont (Maria das Graças); Matias Barbosa (ao tio Geraldo e seus 95 anos de histórias!); São Paulo (Joaquim, pelo livro e dicas de entrevistas dos anos de experiência de Datafolha).

- ao carinho e incentivo dos amigos!

- aos gestores do IF Barbacena, pelo apoio financeiro e pelo período de 1,4 ano de afastamento.

- ao meu amigo Pepê, por mais uma revisão de abstract!!!

- ao habitantes da Zona da Mata e seus times de futebol!

- por antecipação, àqueles que enviarão seus comentários para o e-mail helcio.campos@ifsudestemg.edu.br . Obrigado!

- e, por fim, e para dar sentido a tudo o que foi feito, o apoio e a infinita compreensão da minha companheira, Sirdilene! E também à companhia de nossas “meninas” – Bilu, Teteia e Tesinha – em qualquer horário em que eu estudasse! Com todo o respeito aos professores, mas esta foi a minha banca pessoal (e só gatas!), sempre rondando o que eu fazia... À Sirdilene, por tantas empreitadas... gráficos, tabelas, quadros, fotos, mapas, revisões etc. etc. e, sobretudo, por cuidar de mim e de nossos sonhos. Obrigado pela fonte de amor!

RESUMO

CAMPOS, H. R. **Polarização urbana, identidade territorial regional e futebol: a Zona da Mata e Juiz de Fora/MG entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte**. 2016. 664 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

A pesquisa partiu da observação de uma diminuição da polarização urbana do Rio de Janeiro sobre a Zona da Mata/Juiz de Fora (seu principal núcleo) em detrimento de Belo Horizonte. O objetivo deste estudo foi dimensionar essa gangorra da polarização metropolitana exercida na região por meio do futebol, a “fute-polarização”. A influência urbana sobre a Mata foi dimensionada. Partimos da presença do futebol no Brasil como fato socioespacial para chegarmos à Mata, onde elencamos o futebol como uma modernidade articulada com as redes de transportes e de cidades, e com seus divulgadores proeminentes (escolas, jornais e rádios). Ao contato com a novidade “futebol”, grupos sociais passaram a criar times e identificações por meio das sedes sociais, campos e estádios, formação de torcidas e de uma “fute-iconografia” (insígnias, cores e mascotes) utilizada pelos clubes de futebol. Nas cidades matenses, o futebol foi favorecido pela ideologia do higienismo, pela destinação de espaços públicos defronte das igrejas (onde se jogava futebol) e pela divulgação exercida por imigrantes (italianos), estudantes repatriados do exterior ou internamente (comumente do Rio), além dos jornais e rádios. Em escala nacional e regional, traçamos a trajetória da mídia (dos impressos à TV) como meio de apreensão de torcedores, pois as cidades-sedes dos grupos de comunicação – Rio e São Paulo – obtiveram um extenso território sob domínio de suas agremiações de futebol. Assim, levantamos historicamente como o maior contato da Zona da Mata com o Rio de Janeiro fez dela uma região de influência carioca: caminhos e estradas seculares, além da penetração de emissoras de rádios e de televisão fizeram dos matenses torcedores dos times cariocas. Para tal, usamos fontes primárias (jornais, arquivos públicos, *sites* dos times). Além disso, a disputa entre Juiz de Fora e Belo Horizonte para sediar a nova capital de Minas (final do século XIX), aliada a uma posterior decadência econômica regional e da tardia conexão viária (meados do XX) e econômica com Belo Horizonte atrasaram a influência da capital mineira na Mata, refletida apenas nas últimas décadas. A partir de todo esse panorama passamos a dimensionar a polarização urbana via futebol. Analisamos e cartografamos as preferências clubísticas nos 142 municípios da Mata Mineira, que ficou cingida por uma diagonal NE-SW: a leste dela, domínio do Rio de Janeiro, e a oeste domínio de Belo Horizonte, além de São Paulo se postar na contenda em ambos os lados. Cotejamos os territórios das torcidas com as transmissões de jogos de futebol pelas rádios e pelas TVs (afiliadas da Globo) da região, que reforçam uma ou outra metrópole. Como senda analítica, utilizamos as noções de redes e de redes urbanas. Por fim, relacionamos a “fute-polarização” com a “fute-iconografia” a fim de discutir as identidades territoriais da região, que é comumente taxada na literatura de ter pouca “mineiridade”. Encontramos verdades, mas também exageros e omissões diante de uma suposta não/pouca vinculação Mata-Minas. Via futebol, concluímos que a polarização carioca é maior no S-SE da Zona da Mata, enquanto Belo Horizonte domina o N-NW, confirmando a hipótese inicial.

Palavras-chave: Polarização urbana; futebol; Zona da Mata/Juiz de Fora; identidade territorial regional; influência midiática.

ABSTRACT

CAMPOS, H. R.. **Urban bias, regional and soccer territorial identity: Zona da Mata and Juiz de Fora/MG between Rio de Janeiro and Belo Horizonte**. 2016. 664 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

The research started from the observation of a decrease in the urban bias of Rio de Janeiro on the Zona da Mata/Juiz de Fora (its core) over Belo Horizonte. The aim of this study was to scale this seesaw of metropolitan bias exerted in the region through soccer, "Soccer-polarization". Urban influence on Zona da Mata was scaled. We start from the soccer presence in Brazil as socio-fact to come to the Zona da Mata region, where we list soccer as an articulated modernity with transport networks and cities, and their prominent advisers (schools, newspapers and radios). The contact with the new "soccer", social groups started to create teams and identifications through the head offices, fields and stadiums, training cheering and a "Soccer-iconography" (insignia, colors and mascots) used by soccer clubs. In Zona da Mata cities, soccer was favored by hygienism ideology, the allocation of public spaces in front of the church (where it was played) and the dissemination carried out by immigrants (Italian), returnees students from abroad or internally (commonly Rio), and newspapers and radio. At the national and regional level, we draw the media path (from printed form to TV) as a means of seizure of fans as the host cities of communication groups - Rio and São Paulo - obtained an extensive territory under the control of their soccer associations. Thus, historically we raised as the largest contact Zona da Mata region with the Rio de Janeiro made it a region of Rio influence: paths and secular roads as well as penetration of radio stations and television made the people of Zona da Mata region fans of Cariocas teams. To reach this we use primary sources (newspapers, public archives, sites of the teams). In addition, the dispute between Juiz de Fora and Belo Horizonte to host the new capital of Minas Gerais (late nineteenth century), together with a further regional economic decline and late road connection (mid-XX) and economic in Belo Horizonte delayed influence of the state capital in Mata reflected only in recent decades. From all this panorama we size the urban bias through soccer. We analyze and map soccer clubs preferences in 142 municipalities in the Mata Mineira, which was girded by a NE-SW diagonal: east her area of Rio de Janeiro, and the western area of Belo Horizonte, and São Paulo to stand in the strife in both sides. Comparing the territories of the fans with the transmission of soccer matches by radio and by TV (affiliated with Globo TV) in the area which reinforce one or another metropolis. As an analytical path we use the notions of networks and urban networks. Finally we list the "Soccer-bias" with the "Soccer-iconography" in order to discuss the territorial identities of the region, which is commonly taxed in the literature to have little "mineiridade" – the peculiar characteristics of the inhabitants of Minas Gerais state. We find truths but also exaggerations and omissions in the face of an alleged no / little Mata-Minas Gerais state binding. Through soccer we conclude that the Rio polarization is greater in S-SE of the Zona da Mata, while Belo Horizonte dominates the N-NW, confirming the initial hypothesis.

Keywords: Urban Polarization; soccer; Zona da Mata/Juiz de Fora; regional territorial identity; media influence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Fotos

Foto 2.1 – “Pelada” em uma rua de Havana (Velha), Cuba (2013).....	99
Foto 2.2 – Maracanã da Cidade do Panamá: uma projeção do Brasil via futebol.....	100
Foto 2.3 – Falcão trabalhando na construção do Estádio do Internacional, o Beira-Rio.....	113
Foto 2.4 – Seleção Brasileira de 1930: Araken Patuska (3º agachado), único paulista entre jogadores cariocas.....	118
Fotos 2.5 e 2.6 – Primórdios do futebol em Minas Gerais: proposta de criação de um clube de futebol em Juiz de Fora (1904) e o Villa Nova (em foto de 1908).....	122
Foto 2.7 – Desfile do então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, no Estádio de São Januário, em decorrência das comemorações do Dia do Trabalho.....	127
Foto 2.8 – Marco na aceitação de pobres e negros, o Vasco da Gama de 1923.....	128
Foto 2.9 – Estádio Camp Nou, do Barcelona.....	132
Fotos 2.10, 2.11 e 2.12 – Reinaldo, Sócrates e os atletas norte-americanos: manifestações políticas por meio do esporte.....	133
Fotos 2.13 e 2.14 – Juiz de Fora: bondes na Rua Direita em 1900 (atual Av. Rio Branco) e enchente de 1906 na Av. 15 de Novembro (atual Av. Getúlio Vargas).....	139
Foto 2.15 – Time do Sport (Juiz de Fora), <i>Campeão da Cidade</i> de 1918, o “Time da espanhola”.....	140
Foto 2.16 – Campeonato de Futebol em Juiz de Fora (1919).....	141
Foto 2.17 – Time do Siderúrgica, Campeão Mineiro de 1964.....	146
Foto 2.18 – Evocação identitária do Cruzeiro Esporte Clube.....	149
Foto 2.19 – Um ano da iluminação elétrica em Guarará e no então Distrito de Bicas (1919).....	181
Fotos 2.20 e 2.21 – Muriaé: enchente (1926) e falta d'água (1918).....	183
Fotos 2.22 e 2.23 – Anúncio do <i>Collegio Progresso</i> (Pequeri, 1893).....	184
Fotos 2.24 e 2.25 – Times do Athletico Mineiro e do Social (de Santos Dumont) na estação da Central do Brasil (em Santos Dumont).....	185
Fotos 2.26, 2.27 e 2.28 – Novos trechos ferroviários implantados na Zona da Mata na década de 1910.....	186
Foto 2.29 – Interstícios urbanos em Guarará (1919).....	195
Foto 2.30 – Parque Municipal Peixoto Filho, Visconde do Rio Branco (1909).....	195
Fotos 2.31 e 2.32 – Rio de Janeiro em 1915 (treino do América, Andaraí) e em 1939 (jogo do Botafogo, General Severiano): paisagens com interstícios urbanos nos bairros.....	196
Fotos 2.33 e 2.34 – Região central de Juiz de Fora em 1920 e em 2004: visível supressão de	

interstícios urbanos.....	197
Foto 2.35 – Campo da Academia de Comércio (hoje extinto), Centro de Juiz de Fora (1909).....	198
Fotos 2.36, 2.37 e 2.38 – Exemplos de pequenos estádios de futebol na Zona da Mata.....	207
Fotos 2.39, 2.40, 2.41, 2.42, 2.43, 2.44, 2.45, 2.46 e 2.47 – Alguns dos principais estádios da Zona da Mata.....	208
Fotos 2.48 e 2.49 – Torneios municipais em Lima Duarte (2014) e Miradouro (2016).....	212
Fotos 2.50 e 2.51 – Rio de Janeiro marcou presença na década de 1970 em Manhumirim com seleções do Estado.....	214
Fotos 3.1 e 3.2 – Articulações urbanas entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro (1893).....	333
Fotos 3.3 e 3.4 – Influências recentes <i>versus</i> Escala local: as torcidas como representação das contendidas polarizadoras entre cidades.....	355
Fotos 3.5, 3.6, 3.7 e 3.8 – As polarizações metropolitanas sobre Juiz de Fora: expressão via comércio de material esportivo.....	356
Foto 4.1 – Primeira página inteira dedicada aos esportes – Jornal do Brasil (1912).....	399
Foto 4.2 – Importância da ferrovia no cotidiano de Muriaé (1920), nota jornalística.....	407
Foto 4.3 – Jornal de Muriaé contesta publicação sobre a cidade em revista carioca (1920).....	408
Foto 4.4 – Exemplo de articulação entre Zona da Mata (via Muriaé) e Belo Horizonte.....	408
Foto 4.5 – Página inteira dedicada à inauguração do Paulistano F. C., de Muriaé (1920).....	409
Fotos 4.6 e 4.7 – Criação de clube de futebol em Muriaé e futebol como meio de lazer (1920).....	410
Foto 4.8 – Edição número 1 de <i>A Notícia</i> : junção automóveis-rodovias-jornais na modernidade matense.....	411
Fotos 4.9 e 4.10 – Torcedores brasileiros durante a Copa de 1938.....	414
Fotos 4.11 e 4.12 – Juiz de Fora: 1ª transmissão de um jogo de futebol profissional (Campo do Sport, 1944, com “Bié” e Oscar Silva) e 1ª transmissão na várzea.....	417
Fotos 4.13 e 4.14 – Relação entre sucesso do time (Tupi) e exposição popular e mercadológica (em Juiz de Fora).....	436
Fotos 4.15, 4.16 e 4.17 – Reação de torcedores pernambucanos, paraibanos e potiguaras contra seus contrerrâneos que torcem para times de outros estados.....	469
Foto 5.1 – Anúncio exaltando programação livre dos grandes times do Sudeste e voltada para o Nordeste.....	544
Fotos 5.2, 5.3, 5.4 e 5.5 – Referenciamentos à Minas Gerais a partir de Juiz de Fora: uma tônica e não uma exceção.....	561
Fotos 5.6, 5.7 e 5.8 – Referenciamentos à Minas Gerais a partir da Zona da Mata: do cotidiano do setor terciário (de Viçosa e de Juiz de Fora) ao futebol amador (Minas F. C., de Goianá).....	568

Fotos 5.9 e 5.10 – Pessoas da Zona da Mata (Cipotânea, 2016) <i>versus</i> o imaginário de que elas têm o “jeito carioca de ser”.....	572
Fotos 5.11, 5.12, 5.13 e 5.14 – Visualização da bipolarização carioca e belo-horizontina na Zona da Mata via futebol: exemplos a partir de Goianá, Rio Novo e Juiz de Fora (2015 e 2016).....	575

Lista de Gráficos

Gráfico 2.1 – Média de público nas Copas do Mundo (1930-2010).....	97
Gráfico 2.2 – Notas sobre futebol no <i>Jornal do Commercio</i> (Juiz de Fora, 1904-1914).....	144
Gráfico 2.3 – Evolução da produção de café em Minas Gerais – Médias quinquenais (1850-1924).....	163
Gráfico 4.1 – Número de torcedores e simpatizantes dos clubes mais citados por alunos do Instituto Federal de Barbacena (2012).....	447
Gráfico 4.2 – Meio de comunicação mais confiável de acordo com o público, Brasil (2010).....	464
Gráfico 4.3 – Meio de comunicação mais importante para se buscar informações, Brasil (2010).....	465
Gráfico 4.4 – Canal de televisão preferido, Brasil (2010).....	465

Lista de Mapas

Mapa 1.1 – Zona da Mata e demais mesorregiões do Estado de Minas Gerais.....	33
Mapa 1.2 – Microrregiões Geográficas da Zona da Mata.....	34
Mapa 1.3 – Frentes de povoamento nas bacias dos rios Pomba e Piranga (meados do século XVIII).....	36
Mapa 1.4 – Atividades agropecuárias dominantes em Minas Gerais (2007).....	38
Mapa 1.5 – Atividades agropecuárias dominantes em Minas Gerais – Previsão (“Melhor Futuro”) para 2023.....	39
Mapa 1.6 – Atividades industriais dominantes em Minas Gerais (2007).....	39
Mapa 1.7 – Atividades industriais dominantes em Minas Gerais – Previsão (“Melhor Futuro”) para 2023.....	40
Mapas 2.1 e 2.2 – A expressiva territorialidade ligada ao futebol no Brasil (2006): Estádios ou ginásios; Clubes e associações recreativas (por município).....	102
Mapa 2.3 – Assentamentos humanos identificados até 1821 nas atuais microrregiões da Zona da Mata.....	160
Mapas 2.4, 2.5, 2.6 e 2.7 – Fluxos de exportações agropecuárias em Minas Gerais no século	

XIX (1815-1884) por recebedorias (em libras).....	164
Mapa 2.8 – Malha ferroviária entre as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro (1884).....	173
Mapas 2.9, 2.10, 2.11 e 2.12 – Malha ferroviária da Zona da Mata (1870-1900).....	174
Mapa 2.13 – Malha férrea, estações ferroviárias, cidades e vilas na Zona da Mata (1893)..	175
Mapa 2.14 – Sistema de bondes, Juiz de Fora (início do século XX).....	200
Mapa 3.1 – Formação da rede urbana da Zona da Mata (1893).....	235
Mapas 3.2, 3.3, 3.4 e 3.5 – Rede urbana da Zona da Mata (1893): Cidades e Vilas; Freguesias; Povoações; e Conjunto dos Assentamentos Humanos.....	236
Mapas 3.6 e 3.7 – Distâncias às capitais estaduais: casos de Rio de Janeiro e de Belo Horizonte (2007).....	243
Mapa 3.8 – Região de Influência Urbana do Rio de Janeiro (1987).....	287
Mapa 3.9 – Região de Influência Urbana de Belo Horizonte (1987).....	287
Mapa 3.10 – Região de Influência do Rio de Janeiro (1993).....	290
Mapa 3.11 – Região de Influência de Belo Horizonte (1993).....	291
Mapa 3.12 – Região de Influência de Juiz de Fora (1993).....	291
Mapa 3.13 – Polarização urbana de ordem metropolitana em Minas Gerais (2008).....	301
Mapas 3.14 e 3.15 – A bipolarização urbana Rio-BH na Zona da Mata (2008).....	304
Mapa 3.16 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais até 1930.....	315
Mapa 3.17 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais entre os anos 1930 e 50.....	317
Mapa 3.18 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais nas décadas de 1950 a 70.....	321
Mapa 3.19 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais após 1970 até 2016....	322
Mapa 3.20 – Zona da Mata: predileção dominante por times do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte (2015).....	358
Mapa 3.21 – Zona da Mata: variações percentuais de torcedores onde os times do Rio de Janeiro foram os mais queridos (2015).....	360
Mapa 3.22 – Zona da Mata: variações percentuais de torcedores onde os times de Belo Horizonte foram os mais queridos (2015).....	361
Mapa 3.23 – Zona da Mata: Percentuais de torcedores dos times do Rio de Janeiro nos municípios onde eles ficaram em 2º e 3º lugares na ordem de preferência (2015).....	363
Mapa 3.24 – Zona da Mata: Percentuais de torcedores dos times de Belo Horizonte nos municípios onde eles ficaram em 2º e 3º lugares na ordem de preferência (2015).....	364
Mapa 3.25 – Municípios da Zona da Mata com times paulistanos em 2º lugar na predileção dos torcedores (2015).....	368
Mapa 3.26 – Percentuais de predileção pelos times paulistanos na Zona da Mata (2015)....	369

Mapa 3.27 – Relação entre percentuais de torcidas (BH/Rio) e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (MG-III, MG-482 e MG-356, MG-448 e MG-126).....	376
Mapa 3.28 – Relação entre percentuais de torcidas (BH/Rio) e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (MG-329, BR-116 e BR-040).....	377
Mapa 3.29 – Relação entre percentuais de torcidas (BH/Rio) e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (MG-108).....	378
Mapa 3.30 – Relação entre percentuais de torcidas (BH/Rio) e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (BR-482 e MG-280).....	379
Mapa 3.31 – Principal local de destino dos emigrantes (por municípios) – Minas Gerais (1986-1991).....	383
Mapa 3.32 – Principal local de origem dos imigrantes (por municípios) – Minas Gerais (1986-1991).....	383
Mapa 3.33 – Relação entre as preferências clubísticas (2015) e as médias de imigração para a Zona da Mata (1986-1991).....	384
Mapa 4.1 – As 15 cidades mineiras onde houve pesquisas sobre predileção clubística (2008-2013).....	449
Mapas 4.2 e 4.3 – Regiões de influência por predomínio de torcida e por metrópoles em Minas Gerais, respectivamente.....	458
Mapa 4.4 – Áreas de Influência Urbanas das Metrópoles Brasileiras.....	475
Mapa 4.5 – Polarizações Urbanas de São Paulo e do Rio de Janeiro de acordo com as transmissões do Campeonato Brasileiro de Futebol (2014) pela TV Globo.....	476
Mapa 4.6 – Porcentagem de transmissões de jogos do Campeonato Brasileiro (2014) em relação ao Estado de origem dos clubes participantes.....	477
Mapa 4.7 – Área de cobertura das afiliadas da TV Globo em Minas Gerais (2015).....	481
Mapa 4.8 – Área de cobertura da TV Integração/Globo Juiz de Fora.....	486
Mapa 4.9 – Cobertura da Zona da Mata pelas afiliadas da TV Globo.....	488
Mapa 4.10 – Zona da Mata: Relação entre transmissão do Brasileirão (2015) pela TV Integração/Globo Juiz de Fora e os territórios predominantes de torcidas.....	490
Mapa 4.11 – Zona da Mata: Relação entre transmissão do Brasileirão (2015) pelas TVs Globo Minas (Belo Horizonte) e InterTV dos Vales (Governador Valadares) e os territórios predominantes de torcidas.....	492

Lista de Planta

Planta 2.1 – Planta Geral da Cidade de Minas (atual Belo Horizonte) e seus locais de desportos.....	137
--	-----

Lista de Quadros

Quadro 1.1 – Passos metodológicos e respectivos resultados de pesquisa.....	77
Quadro 2.1 – Países que disputaram as primeiras 4 Copas do Mundo (1930 a 1950).....	98
Quadro 2.2 – Bancos fundados no Brasil até 1888.....	165
Quadro 2.3 – Aspectos culturais, serviços e equipamentos urbanos noticiados em jornais de Cataguases (<i>Cataguazes</i> - 1910 e 1911) e de Muriaé (<i>Gazeta</i> - 1941 e 1945).....	180
Quadro 2.4 – Denominações clubísticas enquanto reforço da toponímia local/regional e do espaço de vivência.....	202
Quadro 2.5 – Times da Zona da Mata e as referências buscadas em suas denominações.....	203
Quadro 2.6 – Exemplos de clubes de futebol criados na Zona da Mata até 1960.....	204
Quadro 2.7 – Localização de estádios em diversas cidades da Zona da Mata.....	209
Quadro 2.8 – Exemplos de ligas de esportes/futebol criadas na Zona da Mata.....	210
Quadro 2.9 – Principais eventos futebolísticos envolvendo a cidade de Juiz de Fora (1893 a 1960).....	218
Quadro 3.1 – Fatores que explicam como a Zona da Mata ficou bipolarizada pelo Rio de Janeiro e Belo Horizonte.....	318
Quadro 4.1 – Tecnologias empregadas nas transmissões das Copas do Mundo de Futebol (1954-2014).....	391
Quadro 4.2 – Exemplos de jornais surgidos na Zona da Mata ainda no século XIX.....	407
Quadro 4.3 – Relações entre radiodifusão e influência das cidades por meio do futebol: caso da Rádio Montanhosa de Viçosa.....	420
Quadro 4.4 – Radiodifusão na Zona da Mata: distribuição geográfica, programação esportiva e expressão de polarização urbana.....	421
Quadro 4.5 – Transmissões da TV Globo: jogos do Campeonato Brasileiro em 01/09/2013.....	468
Quadro 4.6 – Jogos sob transmissão da TV Globo nas quatro primeiras rodadas do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2014.....	472
Quadro 4.7 – <i>Ranking</i> dos times com mais jogos exibidos nas afiliadas globais em Minas Gerais, Campeonato Brasileiro (2014).....	485
Quadro 4.8 – <i>Ranking</i> dos times com mais jogos exibidos nas afiliadas globais em Minas Gerais, Campeonato Brasileiro (2015).....	486
Quadro 5.1 – Ações do Governo de Minas Gerais (1920 a 1960): novos empreendimentos.....	567
Quadro 5.2 – Contestando a “anti-mineiridade” de matenses e juiz-foranos.....	577
Quadro 5.3 – Nexos entre Nacionalismo e Clubismo.....	592
Quadro 5.4 – “Fute-Iconografia” do futebol matense: identificações territoriais e indicações de influências urbanas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte.....	596

Lista de Tabelas

Tabela 2.1 – Campeões da <i>Champions League</i> até 2015 (por clubes).....	107
Tabela 2.2 – Número de títulos da <i>Champions League</i> até 2015 (por países).....	107
Tabela 2.3 – Maiores vencedores do Campeonato Italiano de Futebol até 2013 (por clubes).....	108
Tabela 2.4 – Campeões brasileiros de futebol e seus estados de origem (1959-2015).....	109
Tabela 2.5 – Times brasileiros campeões da Taça Libertadores da América e seus estados de origem (1960-2015).....	110
Tabela 2.6 – Valores pagos (em milhões de reais) pela TV Globo aos times para a transmissão do Campeonato Brasileiro (2009-2016).....	111
Tabela 2.7 – Ano de início dos campeonatos estaduais em todas as unidades da federação (Brasil).....	119
Tabela 2.8 – Estádios: capacidade de público do Maracanã, do Mineirão, do Independência e dos estádios das principais cidades do interior de Minas Gerais.....	156
Tabela 2.9 – Participação da Zona da Mata na produção cafeeira de Minas Gerais (períodos selecionados entre 1847 e 1926).....	163
Tabela 2.10 – Participação da indústria de Juiz de Fora em relação à Minas Gerais e à Zona da Mata (1907).....	166
Tabela 2.11 – Relação dos 10 maiores municípios industriais mineiros segundo o valor da produção industrial (1907).....	166
Tabela 2.12 – Participação da indústria de Juiz de Fora em comparação com os principais municípios industrializados do Brasil (1907).....	166
Tabela 2.13 – Municípios mais industrializados de Minas Gerais (1920).....	167
Tabela 2.14 – Número de estabelecimentos industriais: proporções entre Juiz de Fora, Zona da Mata e Minas Gerais (1949-1970).....	168
Tabela 2.15 – População em alguns distritos da Zona da Mata (1905).....	178
Tabela 2.16 – Relação entre lotes vagos e lotes ocupados em Juiz de Fora (1984 e 1986)...	196
Tabela 3.1 – Distribuição de torcedores por faixas etárias em 15 cidades mineiras segundo diversas pesquisas sobre predileção clubística.....	263
Tabela 3.2 – Níveis de centralidade das cidades brasileiras (1993).....	289
Tabela 3.3 – Distribuição das sedes de grandes empresas (2008).....	297
Tabela 3.4 – Fluxos de passageiros rodoviários nas três principais metrópoles brasileiras e em duas importantes cidades da Zona da Mata (1974 e 2008).....	311
Tabela 3.5 – Fluxos de passageiros rodoviários entre núcleos urbanos da Zona da Mata e a cidade do Rio de Janeiro (1974 e 2008).....	312
Tabela 3.6 – Origem do capital de empréstimo para as unidades agroexportadoras de Juiz de Fora (1879-1919).....	343

Tabela 3.7 – Dimensão das redes de primeiro nível (2008).....	346
Tabela 3.8 – Percentuais populacionais de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo sobre o total brasileiro (1890-1940).....	347
Tabela 3.9 – Supremacia de São Paulo sobre o Rio de Janeiro (anos 1960).....	350
Tabela 3.10 – Relacionamento empresarial de Belo Horizonte (2008).....	354
Tabela 3.11 – Juiz de Fora e Zona da Mata: Saldo Migratório (1986-1991 e 1995-2000)....	381
Tabela 3.12 – Juiz de Fora: total e porcentagem de procedência dos imigrantes (1986-1991 e 1995-2000).....	381
Tabela 3.13 – Migração intermicrorregional (origem e destino) na Zona da Mata (1986-1991 e 1995-2000).....	385
Tabela 4.1 – Hábitos de ouvir rádio (por idade), Brasil (2010).....	401
Tabela 4.2 – Predileção clubística em Belo Horizonte (1931).....	440
Tabela 4.3 – Predileção clubística em Belo Horizonte (1971).....	441
Tabela 4.4 – Predileção clubística entre homens na RM Belo Horizonte (1993).....	441
Tabela 4.5 – Tamanho das torcidas no Brasil, segundo Pluri Stochos (2013).....	443
Tabela 4.6 – Tamanho das torcidas no Brasil – Região Sudeste (2013).....	444
Tabela 4.7 – Cidades de Minas Gerais com pesquisas sobre predileção clubística e seus torcedores segundo os estados de origem dos times de futebol (2008 e 2013).....	450
Tabela 4.8 – Comparação entre a “Pesquisa das Curtidas” (GE, 2015) e 16 pesquisas com perfil científico.....	459
Tabela 4.9 – Principais meios de captação de sinal de TV residencial, Grandes Regiões do IBGE e Brasil (2010).....	464
Tabela 4.10 – Número de vezes na grade de exibição dos jogos, Brasileirão 2014 e 2015 (TV Globo) x Tamanho das torcidas dos clubes de futebol (Pluri Stochos).	474
Tabela 4.11 – Campeonato Brasileiro de Futebol (2014 e 2015) transmitido pelas afiliadas da TV Globo em Minas Gerais: distribuição (total e percentual) segundo os estados de origem dos clubes.....	482
Tabela 4.12 – As 15 equipes de futebol mais frequentes nas transmissões de jogos do Campeonato Brasileiro (2014) exibidos pelas afiliadas da TV Globo em Minas Gerais.....	484
Tabela 4.13 – Número de jogos exibidos no Campeonato Brasileiro (2015) segundo as 15 equipes de futebol mais frequentes nas afiliadas da TV Globo em Minas Gerais.....	485
Tabela 4.14 – Perfil das torcidas nos 20 Municípios da MR Manhuaçu segundo a origem dos times de predileção (2015).....	492
Tabela 4.15 – Torcidas nos 20 Municípios da MR Manhuaçu: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).....	494
Tabela 4.16 – Perfil das torcidas nos 18 Municípios da MR Ponte Nova segundo a origem dos times de predileção (2015).....	494

Tabela 4.17 – Torcidas nos 18 Municípios da MR Ponte Nova: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).....	495
Tabela 4.18 – Perfil das torcidas nos 20 Municípios da MR Viçosa segundo a origem dos times de predileção (2015).....	496
Tabela 4.19 – Torcidas nos 20 Municípios da MR Viçosa: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).....	496
Tabela 4.20 – Perfil das torcidas nos 33 Municípios da MR Juiz de Fora segundo a origem dos times de predileção (2015).....	499
Tabela 4.21 – Torcidas nos 33 Municípios da MR Juiz de Fora: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).....	499
Tabela 4.22 – Perfil das torcidas nos 17 Municípios da MR Ubá segundo a origem dos times de predileção (2015).....	500
Tabela 4.23 – Torcidas nos 17 Municípios da MR Ubá: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).....	500
Tabela 4.24 – Perfil das torcidas nos 20 Municípios da MR Muriaé segundo a origem dos times de predileção (2015).....	501
Tabela 4.25 – Torcidas nos 20 Municípios da MR Muriaé: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).....	501
Tabela 4.26 – Perfil das torcidas nos 14 Municípios da MR Cataguases segundo a origem dos times de predileção (2015).....	502
Tabela 4.27 – Torcidas nos 14 Municípios da MR Cataguases: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).....	503

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	22
a) Apresentando as motivações pela temática do futebol	22
1.1 – Seções da tese e suas temáticas	27
1.2 – Apresentando a Zona da Mata Mineira	32
1.3 – Em busca do conceito de Região	42
1.4 – Aspectos metodológicos	60
1.4.1 – Revisão bibliográfica e fontes de pesquisa	62
a) Aspectos teórico-metodológicos sobre a utilização de entrevistas	65
1.4.2 – O tema “Geografia Urbana e Futebol” em estudos anteriores e sua relevância acadêmica nesta tese	68
a) Lacunas de pesquisa em estudos anteriores	69
1.4.3 – Passos metodológicos e seus resultados	73
a) Limitações para a consecução desta pesquisa	78
2. GEOGRAFIA, TERRITÓRIOS E FUTEBOL	80
a) Modernidade, a era do futebol: brevíssima noção	81
2.1 – Futebol, um “freguês” para a Academia (Geográfica)	85
2.2 – Sociedade, territórios e futebol	93
2.2.1 – A popularização do futebol e seus contextos: onde, como e a quem chega esse esporte	94
a) As origens	94
b) Entendendo e dimensionando a popularização do futebol	96
c) Formação de um mercado global do futebol e a questão da identidade com os clubes em xeque: divisão do trabalho e produção/circulação alienígenas sobre os territórios	102
2.2.2 – Popularização do futebol no Brasil: contexto urbano-industrial, escolas, imigrantes e a noção de nacionalidade/brasilidade	114
a) Futebol: nas escolas, nas fábricas e entre imigrantes	120
b) O futebol-fantoches: a manipulação dos pertencimentos	126
2.2.3 - Territorialidades do futebol	134
a) O mundo e o Brasil urbanos e as novas ideias na virada do século XIX para o XX: revolução nos territórios e nos esportes	134
b) Estádio de futebol: estratégia de modernidade, fator auxiliar de	

centralidade urbana e da popularidade dos clubes e do próprio futebol	151
2.3 – Territorialidades do futebol na Zona da Mata e em Juiz de Fora.....	157
a) Antecedentes à chegada do futebol: do ouro para a cafeicultura e a formação da rede urbana matense enquanto contextualizações.....	158
b) O contexto moderno na Zona da Mata.....	179
c) Futebol na Zona da Mata.....	188

3. CIDADES E SUAS REDES, POLARIZAÇÕES URBANAS E FUTEBOL (FUTE-POLARIZAÇÕES)	227
3.1 – O conceito de redes	230
3.2 – Concepções sobre redes urbanas e a observação da Zona da Mata quanto às polarizações urbanas.....	248
3.2.1 – Os primeiros estudos: da cidade isolada para a rede de cidades e suas polarizações.....	249
3.2.2 – As redes de cidades.....	257
a) Inovações e Futebol: difusão de valores, ideias e tecnologias sobre a rede de cidades.....	260
b) Alguns conceitos e tipos de Redes Urbanas.....	268
3.2.3 – Exemplos notáveis de estudos sobre Redes, Influências e Hierarquias Urbanas brasileiras.....	278
a) Regiões Funcionais Urbanas – IBGE, 1972.....	279
b) Regiões de Influência das Cidades – IBGE, 1987.....	285
c) Regiões de Influência das Cidades – IBGE, 1993.....	288
d) Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil – IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002.....	292
e) Regiões de Influência das Cidades – IBGE, 2008.....	296
3.2.4 – Estudos acerca da influência urbana, redes e hierarquia de cidades que analisaram um item isoladamente.....	305
a) A “região jornalística” de Milton Santos (1956).....	306
b) Hierarquias e polarizações urbanas em Minas Gerais, IGA (1980)...	308
3.3 – Juiz de Fora e Zona da Mata em dinâmica urbana com Rio de Janeiro e Belo Horizonte.....	314
3.3.1 – O Rio de Janeiro em sua relação com a Zona da Mata: opulência e dificuldades econômicas, apogeu e recuo de sua influência	

até a atual competição com outras metrópoles.....	323
3.3.2 – A disputa Rio-BH pela Zona da Mata expressa nos estudos sobre Minas Gerais e seu paralelismo no futebol.....	347
a) Cartografia da Fute-polarização na Zona da Mata.....	357
b) A Fute-polarização na Mata foi influenciada pela presença de imigrantes que torcem pelos times de BH, Rio ou São Paulo?.....	380

4. MÍDIA E FUTEBOL: POLARIZANDO TORCEDORES E, LOGO, TERRITÓRIOS E PODER.....386

4.1 – Nexos entre mídia e vinculações clubísticas e territoriais..389

4.2 – Breve história da mídia esportiva no Brasil.....398

4.2.1 – A mídia e o futebol de Juiz de Fora e da Zona da Mata: aproximações com Rio de Janeiro e Belo Horizonte.....406

a) Os jornais.....406

b) A radiodifusão.....412

c) A televisão.....427

4.3 – O “time-mercadoria”: relação entre sucesso do time, exposição na mídia e volume de torcedores nos territórios.....439

4.4 – As pesquisas sobre predileção clubística e as divisões/apreensões territoriais por elas indicadas.....445

a) Pesquisas que aferem preferências por times de futebol são confiáveis? E mais: podem ser utilizadas em um estudo científico? O perfil das pesquisas.....445

b) Pesquisas sobre predileção clubística em Minas Gerais: apontamentos para polarizações urbanas e identificações territoriais448

c) Aferições de preferências clubísticas por meio do total de curtidas nas páginas oficiais dos clubes de futebol (GE, 2015).....456

4.5 – A lógica das transmissões do “Brasileirão” de futebol pela TV Globo e a regionalização por ela criada sobre o território mineiro e da Zona da Mata.....463

4.5.1 – Os territórios futebolísticos: projetando a polarização urbana via Brasileirão e TV Globo.....466

4.5.2 – Os territórios futebolísticos da TV Globo: projeção das polarizações do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte na Zona da Mata478

a) Áreas de cobertura das afiliadas da TV Globo em Minas Gerais.....480

b) Regionalizações dos territórios mineiro e matense por meio das transmissões dos jogos do Campeonato Brasileiro (2014 e 2015) pela TV Globo.....	481
c) Relação entre transmissão dos jogos pela TV Globo e predileção clubística nas microrregiões da Zona da Mata.....	489

5. IDENTIDADES E TERRITORIALIDADES: TORCEDORES, CIDADES E CLUBES DE FUTEBOL505

5.1 – A noção de identidade.....506

5.2 – Pensando a identidade territorial via predileção clubística.....517

5.3 – Os territórios do futebol enquanto expressão de identidade local/regional538

5.3.1 – A força da origem do clube: a base territorial local/regional538

5.4 – “Mineiroca” e/ou “Carioca do brejo”: verdades, exageros e omissões quanto à identidade matense e juiz-forana.....552

5.4.1 – A narrativa da Mineiridade: formação, noção e corolários.....554

5.4.2 – Noções e narrativas sobre a identidade da Zona da Mata e de Juiz de Fora por meio do futebol e outras expressões: rebatendo a tradição da (Anti)Mineiridade.....576

a) (Des)Articulações de Juiz de Fora e Zona da Mata com Minas Gerais em textos acadêmicos.....576

b) Articulações de Juiz de Fora e Zona da Mata com Minas Gerais por meio de uma iconografia do futebol: a “fute-iconografia”592

Conclusão: os territórios urbano, futebolístico e identitário na Zona da Mata e em Juiz de Fora.....611

Referências Bibliográficas.....617

Apêndices.....656

1. INTRODUÇÃO

*Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia, futebol se joga na rua, futebol se joga na alma.
A bola é a mesma: forma sacra para craques e pernas-de-pau.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Nesta seção apresentamos a motivação pela temática do futebol – pessoal e profissional – e ainda uma breve caracterização da Zona da Mata (ZM), a região escolhida para as “observações/análises práticas” que dão sentido aos conceituais adotados, verificando-os. No plano teórico, encontra-se a trajetória da noção de região sob as correntes ideológicas geográficas. O encadeamento e a temática das seções desta pesquisa também estão inseridos no capítulo 1, bem como os procedimentos metodológicos utilizados.

a) Apresentando as motivações pela temática do futebol

Cresci ouvindo falar de futebol. Também assistia pela televisão, ouvia pelo rádio e lia sobre futebol nos jornais e revistas¹. Lembro-me da *Revista Placar* que meu pai levava para casa ou íamos juntos comprar e também de álbuns de figurinhas com a ficha técnica dos jogadores, dos estádios e dos clubes de futebol. Além disso, chegava da escola já pensando em ir “jogar bola” no campinho de pelada que ficava colado ao muro do cemitério nas cercanias de nossa casa em Muriaé (cidade da Zona da Mata Mineira). Praticar futebol perto do cemitério foi uma boa estratégia para o desenvolvimento da habilidade com a bola e de chutes mais certos. Por quê? Ora, nenhum garoto queria pular o muro e incomodar os mortos! Isso faz parte da boa educação interiorana, incluindo omitir trechos desagradáveis sobre nossa portentosa coragem! Assim passava os dias com meus amigos: Pedro, Ratinho, Regis, Alcir, Martinho, Miradouro (nome de uma cidade lá de perto) e outros. Não tive um amigo famoso como teve Ferreira Gullar², mas jogávamos e nos divertíamos. Com esses aliados dei trabalho à minha mãe, preocupada com jogos que duravam até o início da noite! “Helcio, Helcio...”, ouvia nesses momentos. Nos finais de semana, nada de descanso: mais futebol, às vezes no clube, no “campinho” da igreja e também com meus irmãos, sem

¹ A apresentação deste estudo é tão profundamente marcada por razões pessoais que não deixou alternativas senão escrevê-la na primeira pessoa. Em seguida, este modelo redacional é abandonado.

² Trata-se de Canhoto, jogador profissional de renome e referência de bom jogador para Chico Buarque, seu admirador.

incomodar os mortos. Tive ainda tempo de treinar, por alguns meses, nas categorias de base do time da cidade, o Nacional de Muriaé, que disputava o Campeonato Mineiro da primeira divisão. Nunca tinha ouvido falar em sociologia ou antropologia do esporte e em Roberto DaMatta (1982) ou Helal (1990), mas vi mais beleza e ludismo em “jogar” bola entre amigos do que em competir. Foi assim que troquei o esporte pelo jogo. As competições também eram atraentes, principalmente com as viagens para jogos em outras cidades e, assim, a “minha Geografia” ganhava voz já naqueles tempos. Definitivamente, não sou um frustrado por não ter jogado profissionalmente! Muitos o são e passam a falar ou escrever sobre aquilo que queriam ter feito, o que também não é demérito algum. Foi só um esclarecimento (para curiosos e até para sádicos) e não uma crítica (nem sutil ou escancarada).

Em tal época, nos anos 1970, levado por meu pai, fui ao campo de jogo pela primeira vez: estádio acanhado, jogadores próximos, mais emoção. Lamento decepcionar o Wisnik (2008), defensor de que os estudiosos do futebol não vão aos estádios, não se envolvem. Isso é dileto para mim e o faço desde a infância, posto que naqueles tempos os times grandes mineiros contavam com grandes futebolistas! Lá vi jogarem Reinaldo, Cerezo, Raul e Nelinho, dentre outros. Meu pai nunca interferiu em nossas escolhas clubísticas: dele cheguei a ganhar uma camisa do Cruzeiro e outra do Atlético no mesmo instante, quando chegara de uma viagem à Belo Horizonte (BH) – mesmo com suas simpatias veladas pelo Botafogo quando mais jovem. Essa simpatia se enquadra nas atenções deste estudo, pois meu pai é natural de Caratinga, no leste mineiro, região do Vale do Rio Doce, que se encontrava sob domínio urbano e radiofônico do Rio de Janeiro nos anos 1930, quando de seu nascimento. Ao apreciar futebol, ensinou-me a reconhecer os talentos independentemente da camisa, e remetia-me às histórias de grandes times e de jogadores do passado. Esse olhar qualitativo está incluso neste trabalho, em um acordo tácito entre a infância e a vida acadêmica.

Com tudo isso, minha mãe preocupava-se com meus estudos, no que ela – por decerto – tinha razão, porque só agora e depois de tantos anos consegui resolver tal problema e usar tanto futebol para alguma coisa (e ela deve estar mais tranquila)! Talvez aí tenha nascido esta tese. Não em sua racionalidade da infância, mas nas lembranças que não me abandonaram. Assim, nada mais natural que reunir Futebol com Geografia.

Nosso contato com o futebol ocorre, em verdade, até quando nem nos damos conta. Assim se dá no Brasil: é comum a criança nascer e algum amigo, familiar ou os próprios pais – mais os homens – já comprarem a camisa do time. E aí pronto, agora sim, o recém-nascido está com “toda a sua identidade”, incluindo a futebolística, aparentemente formada, pois não bastam o sobrenome familiar e outras características sociais herdadas. Mas, isso na cabeça de familiares e amigos, posto que não há uma “ciência exata” quando o assunto em pauta é a predileção por times de futebol, sendo esta também influenciada por vários fatores diferentes do círculo social e familiar da criança, tais como a mídia e o desempenho do clube nos campeonatos mais importantes. Em função dessas características em conjunto – influência familiar, midiática e o desempenho competitivo do clube – é que está proposto este estudo, que vincula identidade clubística com a mesorregião Zona da Mata Mineira e com a cidade de Juiz de Fora (JF), e com a área de influência urbana endógena ou exógena a tais áreas.

Sem tecer pretensões hiperbólicas, mas no Brasil é comum o indivíduo (torcedor) confundir-se com o “clube de coração”, assim mesmo com esse jeito latino emocional presente. Observe que os brasileiros dizem “eu sou...” e falam o nome do time para o qual torcem. Essa questão encontra respaldo, por exemplo, na música popular, quando Djavan (1999) declara na canção *Boa noite*: “ainda bem que eu sou Flamengo / Mesmo quando ele não vai bem, algo me diz em rubro-negro que o sofrimento leva além / Não existe amor sem medo”.

Não é verdade também que achamos até estranho quando alguém não torce ou tem simpatia para/por nenhum clube, dada a “naturalidade” de ser “ter” um time? A homérica paixão por futebol, desenhada na personalidade da maioria dos brasileiros, encontra similitude em outros povos. Afinal, o Papa Francisco não fez questão de revelar sua torcida pelo time portenho do San Lorenzo? E ainda de empenhar-se para contribuir com seu time? Ao Papa, por suas funções religiosas serem díspares do futebol, nem precisava declarar-se torcedor, mas revelar o pertencimento é símile a fé, se lembrarmos que religião significa religar-se (a Deus), como ligamo-nos aos times. Tudo isso nos aproxima de outros povos, mas se são “outros” significa “para fora” ou “alteridade”, e qualquer tentativa de explicar a paixão que vai dentro, no peito de cada torcedor, de qualquer nacionalidade, pelo futebol e pelo seu clube do coração está fadada ao fracasso e ao esquecimento de um ou outro detalhe, sempre deixando uma lacuna a ser compreendida. Esse “erro” se dá porque o ato de torcer é feito de complexidades, de muitas variáveis, e é ombreado com a incompreensibilidade, como já ensinou Carlos Drummond de Andrade (2014, p. 465), “o amor foge [...] a regulamentos vários”, disse ele

quase metodologicamente em *As sem-razões do amor*. É possível afirmar que seu poema apresenta similitudes com a paixão também verificada no esporte e, nesse particular, no futebol.

Eu te amo porque te amo. / Não precisas ser amante, / e nem sempre sabes sê-lo. / Eu te amo porque te amo. / Amor é estado de graça / e com amor não se paga.
Amor é dado de graça / é semeado no vento, / na cachoeira, no eclipse. / Amor foge a dicionários / e a regulamentos vários.

O torcedor de futebol e o amante de Drummond têm muitos significados e convergências: o outro/o clube pode nos decepcionar, mas a permanência dessa relação é uma das mais marcantes características do futebol, cuja fidelidade é dificilmente encontrada em outra manifestação cultural humana, “porque amor não se troca”, como adiante está posto no poema. Em qual outra manifestação cultural encontramos tal entrega? Talvez a religião se apresente como resposta, o que ajudaria a compreender a transformação do futebol em “algo sagrado”, ou perto disso, em muitas sociedades contemporâneas, confluindo para uma genealogia dos “deuses do futebol”, consoante muitos cronistas do gênero. Nesse contexto de teogonia, “O futebol é uma religião no nosso país. A única religião sem ateus. Nossas crianças nascem gritando gol. Por isso nossas maternidades são tão barulhentas”, expõe, também poeticamente, Eduardo Galeano (ZERO HORA, 2010, s/p) sobre o Uruguai, mas poderia ser sobre o Brasil, a Argentina, a Itália, a Alemanha, o México, a Holanda, o Chile ou qualquer outro país onde o futebol é tido como um patrimônio nacional. Há teses já literalmente nesse sentido, como a de Sérgio Paz³ (2009), sobre o caso brasileiro.

Em nosso estudo, a preocupação é com o futebol como objeto de pesquisa e com sua prerrogativa de suscitar observações analíticas de cunho geográfico, dentre as quais, acerca de identidades territoriais locais e de regiões de polarização urbana. Tais temáticas, em Geografia, despontam em diferenciadas correntes, das neoclássicas às marxistas, passando pelas de cunho cultural. A complexidade do conteúdo desta tese afirma-se na interdisciplinaridade do tema e na sua raridade. Este estudo distingue-se dos demais que, costumeiramente, abordam a identidade nacional ligada ao desempenho do escrete nacional em Copas do Mundo, assim como outros temas da Geografia Urbana, mas praticamente sem

³ Paz (2009) defende que há elementos suficientes para caracterizar o futebol brasileiro como uma manifestação da cultura popular; que ele é uma importante manifestação e com especial relevância no cenário cultural nacional a ponto de incluí-lo no rol das atividades culturais interessantes ao Turismo e ao Lazer. Independentemente dessa finalidade utilitarista dada ao futebol, Paz organizou uma série de dados que articulam o futebol ao cenário cultural brasileiro (música, literatura, teatro, circo etc.), cumprindo a tarefa de comprovar sua hipótese inicial.

tocar na análise de hinterlândias sob o prisma do futebol. Com isso, estão disponibilizadas poucas produções e, por consequência, poucos exemplos metodológicos. Em suma, foi preciso seguir, em parte, um (árido, mas instigante) caminho próprio.

1.1 – SEÇÕES DA TESE E SUAS TEMÁTICAS

Uma grande justificativa para este estudo é a sua carga de *ineditismo*, de *originalidade*, pois até o momento não há teses semelhantes no país. Existem estudos sobre as relações entre Geografia Urbana e Futebol, mas que não abordam as áreas de influência urbana relacionadas com a questão da identidade local/regional. Por outro lado, há um sem-número de textos que desfiam acerca da identidade nacional construída com base no futebol brasileiro, principalmente observando jogos da Seleção Nacional ao longo das Copas do Mundo.

A hipótese aqui lançada é a de mostrar que as preferências por times de futebol indicam a formação e a localização de áreas de influência urbana e de identificações locais e regionais na Zona da Mata e em Juiz de Fora, mediante a expressão cultural, econômica, política e social transmitida por meio do futebol. Portanto, essa é nossa contribuição à literatura da Geografia Urbana.

Esta **tese está dividida em 5 capítulos**. O **primeiro** destina-se às motivações pelo tema em questão e em indicar as seções do trabalho (com o respectivo conteúdo de cada uma delas), além de apresentar a Zona da Mata. Traça ainda a trajetória do conceito de região no pensamento geográfico, os procedimentos metodológicos adotados e seus respectivos resultados de pesquisa propostos, além de evidenciar lacunas nas pesquisas anteriores, as quais buscamos completar (parcial ou totalmente), avançando a produção do conhecimento. Esses procedimentos servem ainda ao propósito de evidenciar a presença de certas temáticas ao longo do trabalho, a fim de conferir lógica e encadeamento intelectual. A questão midiática, por exemplo, é considerada por significar um importante fator direcionador nas predileções por times de futebol e, por conseguinte, um item de influência interespaçial/interurbana.

A **segunda seção**, *Geografia e Futebol*, reúne dois temas que, aparentemente, têm pouco em comum, mas que representam a essência deste estudo e relacionam-se com amplidão. O futebol é usualmente tomado como algo trivial e, por esse motivo, é pouco explorado no seio das ciências humanas e, em particular, na Geografia. Com isso considerado, a meta foi indicar as evidências do futebol como fato social e, claro, como manifestação territorial. Evidências essas cravadas por intermédio dos times criados por estudantes e nas

fábricas; na utilização do futebol enquanto condução de ideologias políticas e atuação como objeto geográfico; dentre outros itens abordados. Investigamos ainda a produção do futebol da Mata Mineira sob o contexto da modernidade e, assim, da influência dos meios de comunicação, da criação e da consolidação da rede de cidades, da ideologia higienista e escolar, da implantação da malha rodoferroviária e, em especial, como o futebol foi organizado e organizou territorialmente as cidades, criando clubes de futebol, sedes, campos e estádios, utilizando espaços intersticiais e praças públicas (e depois, espaços destinados especificamente para sua prática), como ameahou e representou grupos sociais urbanos, demarcando, assim, posicionamentos culturais, étnico-raciais e de classes sociais. Consideramos o contexto da modernidade envolvendo novas próteses infraestruturais e comunicacionais que revolucionaram o espraiamento das inovações e também as predileções por equipes de futebol oriundas das principais metrópoles brasileiras.

O **terceiro capítulo** tem nítido caráter teórico. Sob a designação de *Cidades e suas redes, Polarizações urbanas e futebol (Fute-polarizações)*, versa sobre conceitos que vão conduzir a leitura e o entendimento da temática, como as noções acerca de redes e redes urbanas. Tem também a incumbência de relacionar questões da influência comunicacional sobre os espaços, indicando que a Zona da Mata e Juiz de Fora – o estudo de caso aqui considerado – reúnem aspectos reticulares com outros nós da rede de cidades, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Nesse sentido, “cruzamos” dados das pesquisas de predileção clubística com aspectos históricos, socioculturais e econômicos, bem como com as vias (rodoviárias) de penetração na Mata. O resultado disso foi a produção de mapas (inéditos) que permitiram apontar as tendências polarizadoras metropolitanas (de Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo) na região, cartografando-as. Produzindo tal material, preenchemos parte das lacunas de estudos anteriores que não apontaram em quais porções da Zona da Mata estavam ocorrendo os simultâneos movimentos de recuo do Rio e de expansão belo-horizontina quanto aos seus respectivos territórios polarizados. Desse modo, esta seção prende-se ainda ao objetivo de elencar categorias analíticas que são consideradas nos estudos sobre influência urbana, com o propósito final de anunciar e reconhecer a possibilidade de se incluir o futebol como um meio de estudo das polaridades urbanas.

Mídia e Futebol: polarizando torcedores e, logo, territórios e poder é o título do **capítulo 4**, voltado para mostrar relações entre mídia e futebol enquanto mecanismo que absorve torcedores, atenção do mercado e condiciona aos habitantes de um dado território fazer escolhas intermediadas pelo filtro impetrado pelos meios de comunicação. Para melhor

entender esta engrenagem, traçamos uma síntese da trajetória da mídia esportiva brasileira e matense a fim de encontrar origens e explicações que tornaram os torcedores da Mata mais vinculados aos times do Rio de Janeiro do que aos de Belo Horizonte. Ainda monitoramos os jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol (edições de 2014 e 2015) transmitidos pela TV aberta – a mais usada pelos brasileiros – para o território mineiro (em especial para a Zona da Mata), tendo em conta que os times e os territórios escolhidos para a exibição dos jogos funcionam como um meio de influência, projetando as cidades de origem do clube. Em suma, as partidas de futebol são uma forma de lazer e consumo que projetam influências de uma dada localidade sobre outras. Como a *TV Globo* utiliza-se das pesquisas sobre predileção clubística para o pagamento dos direitos de transmissão (para os times) e para a escolha das regiões para onde as partidas serão exibidas (via rede de TVs afiliadas), observamos pesquisas realizadas em Minas Gerais e nos detivemos na pesquisa das curtidas nas páginas oficiais dos clubes na internet, organizada pelo Globo Esporte (GE, 2015). Verificamos que o discurso global do “dar ao mercado/público o que ele quer ver” foi, em muitos casos, desmentido pelos dados que a própria TV em questão forneceu por meio da pesquisa do GE. Portanto, as transmissões de futebol representam uma forma assimétrica de relacionamento entre os núcleos urbanos, pois dão mais espaço aos clubes cariocas e paulistanos em detrimento dos belo-horizontinos, até mesmo onde estes últimos são os mais queridos entre todos os fãs. As estratégias territoriais sob o ponto de vista do clube de futebol foram consideradas a partir do caso do *Cruzeiro Esporte Clube*, assim como o lado do torcedor (via entrevistas), enquanto elo entre o aparato midiático (como a *TV Globo*) e o clube, formando um circuito mercadológico com teor de divisão do trabalho ao concentrar-se nos espaços que comandam o território econômico e futebolístico brasileiro, daí a conexão assimétrica da Zona da Mata e de Juiz de Fora com Belo Horizonte face ao Rio de Janeiro, com o qual tem ligações mais sedimentadas. Para o caso da Zona da Mata, procedemos a uma análise detalhada que contemplou cada microrregião, surgindo informações sobre os 142 municípios da região. Dessa forma, as projeções polarizadoras sobre a Mata Mineira via jogos exibidos pela *TV Globo* puderam ser espacializadas, sugerindo tendências acerca das metrópoles aí litigantes – Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

Por fim, o **quinto capítulo** – *Identidades e territorialidades: torcedores, cidades e clubes de futebol* – tem o principal escopo de revelar que o futebol, por intermédio das predileções clubísticas, pode apresentar relações endógenas e exógenas a um dado território – neste caso, a Zona da Mata – e, consequentemente, clarificar a área de polaridade urbana. As

áreas de influência urbana foram observadas por meio das preferências pelos times de futebol, denotando influências intra-estaduais e extra-estaduais, respectivamente e principalmente representadas por Belo Horizonte e Rio de Janeiro, as mais influentes cidades. A seção é iniciada com aspectos teóricos que envolvem os conceitos de “identidade” e de “identidade territorial”, centrais para compreender a vinculação entre cidades e, para o caso em tela, relacionar Juiz de Fora e a Mata com as metrópoles fluminense e mineira. Em decorrência dessa construção, o capítulo é encerrado com a temática da identidade territorial e clubística regional, como uma evidência de suas conexões com outros nós da rede urbana, notadamente as metrópoles supracitadas. Para tanto, relacionamos a existência de uma base territorial com a criação e a consolidação do clube de futebol e de seus fãs, presentes em vários exemplos, na Europa e na América Latina, valendo, obviamente, também na Zona da Mata. Assim, admitimos que os territórios do futebol representam expressões identitárias locais e regionais. Inserimos os casos juiz-forano e matense no contexto da identidade mineira – a chamada *mineiridade*⁴ –, já que são tomados por populares e até por acadêmicos como projeções da influência carioca – daí juiz-foranos serem *cariocas do brejo* ou matenses serem *mineirocas*⁵. Não que a Mata não seja, de fato, mais ligada ao Rio de Janeiro, mas a questão reveste-se de problema por não considerar ou minimizar as relações da região também com Belo Horizonte e com Minas Gerais. Com o fito de desmitificar tais conceptualizações/caracterizações (tantas vezes repetidas), valemo-nos da expressividade simbólica que o futebol encerra: mostramos por meio de uma “fute-iconografia” dos times da Zona da Mata (incluindo os de Juiz de Fora) que estes indicam, sim, relações com Belo Horizonte e com Minas Gerais. Destarte, cotejamos concepções de (anti)mineiridade – através da iconografia do futebol regional – com replicadas noções sobre as desarticulações (exageradas) de Juiz de Fora e da Mata com Minas.

Fute-polarização é o verbete que criamos e que sintetiza o íntimo nexos verificado entre Futebol e Geografia por meio da relação entre os territórios das torcidas e o das regiões de influência urbana.

Apresentadas as seções desta tese, é importante frisar que as **relações entre Geografia e Futebol** estão entrelaçadas ao longo de todos os capítulos, sempre premidos pela potencialidade do futebol como fato social e como formador de objetos geográficos e

⁴ Mantivemos esse termo na falta de outro que carregasse o sentido de pertencimento a uma dada cultura, ainda que seu significado tenha sido manipulado por interesses ideológicos das elites políticas e socioeconômicas de Minas.

⁵ Verbetes pejorativos usados popularmente como forma de expressar a influência do Rio de Janeiro em Juiz de Fora (a cidade teve muitos pântanos/brejos aterrados em seu passado) e na Zona da Mata (em geral, formando uma região duplamente identificada com Minas e Rio de Janeiro).

territorialidades. Nesse sentido, buscou-se que as teorias e os seus autores estivessem presentes no decurso dos temas elencados, com o intuito de aproximar prática e argumentação. Pretende-se, com isso, esquivar este estudo da situação em que o conteúdo de um clássico capítulo teórico (postado no início do estudo) não aparece mais durante o restante do texto, caindo em um isolamento em que a teoria e a prática não convergem a contento.

Assim posto, o futebol não é aqui tomado meramente como um entretenimento, pois está revestido de grande complexidade, multifacetado (aspectos políticos, midiáticos, artísticos, técnicos, econômicos etc.), além de congregar vasto alcance territorial (praticado em todo o mundo) e social (jogado por ricos e pobres, homens e mulheres, crianças e idosos etc.). Portanto e em suma, o futebol é um fato social universal, com suas várias faces marcantes em países onde é o esporte número 1 da sociedade, logo, sendo seu espelho e um de seus agentes a um só tempo. Por ser capaz de mostrar uma sociedade e como ela constrói sua relação com o espaço geográfico é que o futebol foi eleito como meio e objeto de estudo. Os esforços se concentraram em evidenciar tal capacidade de espelhar, influir e desvendar as relações entre a sociedade – aqui representada pela Zona da Mata – e o espaço resultante, consubstanciado nas áreas de influência urbana.

Para a consecução desses objetivos anunciados, procedemos a um recorte cronológico sobre importantes questões socioculturais que incidiram sobre a Mata e Juiz de Fora desde fins do século XIX, e que marcaram sua caracterização espacial, identitária, futebolística, além de seu vínculo maior com o Rio em detrimento da própria capital mineira. Essa complexidade histórica, cultural, econômica etc. considerada apontou ainda para a dificuldade de se utilizar uma única corrente ideológica da Geografia para explicar manifestações assim várias. As características manifestas na região sob os âmbitos econômico (predominantemente estudadas pela Geografia Crítica), da modernidade (vertendo para a Geografia Histórica) e futebolístico (potencial alvo para a Geografia Cultural) abarcam uma temática interdisciplinar e de manifestação/repercussão locacional complexa. Portanto, que fique claro: não é a tese que está além das ideologias marxista e cultural, mas a realidade imbuída de simultaneidades que torna desaconselhável considerar um único viés conceitual e epistemológico.

1.2 – APRESENTANDO A ZONA DA MATA MINEIRA

A Zona da Mata Mineira é nossa região voltada para o estudo de caso. Utilizamos-a como exemplificação para os temas e conceitos abordados. A rigor, a Zona da Mata é uma das mesorregiões de Minas Gerais. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (1990, p. 8, grifos nossos),

Entende-se por **mesorregião** uma área individualizada em uma Unidade da Federação que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o *processo social* como determinante, o quadro natural como condicionante e a *rede de comunicação e de lugares* como elemento de *articulação espacial*. Essas três dimensões possibilitam que o espaço delimitado como mesorregião tenha uma *identidade regional*. Esta identidade é uma realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou.

No decorrer deste estudo alguns aspectos que formam o conceito de mesorregião foram discutidos. A *rede de comunicação e de lugares* é abordada quando tratamos das redes urbanas e da constituição dos clubes de futebol na Mata em função da malha rododiferroviária implantada em profusão já no século XIX, que promoveu forte *articulação espacial* com o Rio de Janeiro. Tal articulação marca o itinerário do escoamento produtivo de Minas para o litoral fluminense, primeiro o ouro e, depois, o café. A rede dendrítica conformava seus elos entre as minas e as lavouras cafeeiras e o Rio de Janeiro, inaugurando uma polarização que ainda perdura, influenciando decisivamente na estruturação cultural da Zona da Mata e, portanto, na sua *identidade regional*, principalmente sua porção sul. O norte da Mata, menos ligado ao ouro e mais ao café, ficou menos influenciado pelo Rio de Janeiro que a parte sul. Por isso, discutimos essa identidade regional à luz da interferência causada na Zona da Mata pelo declínio da polarização carioca em face do simultâneo crescimento da polarização de Belo Horizonte.

Diversos estudos consultados nos deram a informação dessa cambiante polarização na Mata, como Arruda e Amorim Filho (2002); IBGE (1972, 1987, 2000, 2008). Porém, nossa tarefa foi utilizar o futebol como “variável” para dimensionar as áreas de influência urbana do Rio e de Belo Horizonte na Zona da Mata, algo nunca informado em minúcias por qualquer que fosse o autor ou a instituição. Essa lacuna nas pesquisas credita, por si só, ineditismo a esta tese.

Conhecida – de forma sumariada – nossa temática tratada na tese, vejamos agora onde

tudo isso está consubstanciado.

A Zona da Mata é composta por 142 municípios, os quais estão divididos em 7 **microrregiões geográficas**⁶ capitaneadas por Manhuaçu, Ponte Nova, Viçosa, Muriaé, Ubá, Cataguases e Juiz de Fora. Abrange uma área de 35.726 km² ou 6,1% do território de Minas Gerais (ROCHA, 2008, p. 31).

Mapa 1.1 – Zona da Mata e demais mesorregiões do Estado de Minas Gerais.

Fonte: Instituto de Geociências Aplicadas (IGA), 2000.

O nome da “Zona da Mata” veio da presença regional de **Mata/Floresta Atlântica** (VALVERDE, 1958, p. 3), já quase toda retirada, restando quase 12% nas contas da Empresa Mineira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER, 1999⁷ apud ROCHA, 2008, p.

⁶ Microrregião geográfica: trata-se de “um conjunto de municípios, contíguos e contidos na mesma UF, definidos com base em características do quadro natural, da organização da produção e de sua integração” (IBGE, 2011 apud BALBIM, CONTEL, 2013, p. 43).

⁷ EMATER. **Censo Agropecuário de Minas Gerais 1995-1996**. Belo Horizonte: EMATER, 1999. A Mata Atlântica abrangeu uma área que extrapola os limites da Zona da Mata: “[...] formava um todo contínuo com a floresta do médio Paraíba, ao sul, e a do vale do rio Doce, ao norte, A oeste, limitavam-na os campos naturais do centro e do sul de Minas” (VALVERDE, 1958, p. 7).

por exemplo.

A **hidrografia regional** foi marcante na ocupação territorial (antes proibida por Portugal) e como eixo de penetração para a posse de terras; para a catequese, o extermínio e o escravismo indígenas; para a atividade agropecuária; para o consumo humano e animal; etc. Por isso, a rede urbana regional também é marcadamente linear. Do mesmo modo que os rios, a rede de picadas e caminhos abertos (sobretudo a contar do século XVIII e com o Caminho Novo) propiciou a formação de assentamentos humanos, constituindo-se como importantes eixos de penetração na Mata Mineira.

Opulência e estagnação são termos sintetizantes na designação do **transcurso econômico da Zona da Mata**. Vicejada pela atividade cafeeira no século XIX, a região passou a conviver nas primeiras décadas do XX com a retração de sua fatia de participação na economia mineira após a fase áurea da rubiácea no Estado⁸. Assim, uma pulsante implantação de infraestrutura (hidrelétricas, estradas etc.) deu lugar aos pontuais investimentos, determinados, em parte, pela perda de poder político-econômico e pela prioridade da alocação de projetos em Belo Horizonte e adjacências feita por seguidos governos estaduais no século XX.

⁸ Maiores informações a respeito dos aspectos históricos, político-culturais e socioeconômicos da Zona da Mata estão nos capítulos 2, 3, 4 e 5. Todas as seções dialogam com as temáticas sobre rede urbana e futebol.

Mapa 1.3 – Frentes de povoamento nas bacias dos rios Pomba e Piranga (meados do século XVIII).

Fonte: Carneiro, 2008, p. 107.

Atualmente, a Mata está à frente, por exemplo, das mesorregiões Norte, do Jequitinhonha e do Vale do Mucuri, em termos socioeconômicos, e ombreada com o Vale do Rio Doce. Em conjunto, tais mesorregiões compõem o norte e o leste de Minas, onde estão os maiores problemas de saneamento, de desenvolvimento humano e produtivo, de saúde etc. E isso é assumido até pelos governos de Estado, como em *Cenários exploratórios de Minas Gerais, 2007-2023* (MINAS GERAIS, 2007). Em oposição, a Mata está bem aquém das mesorregiões que têm se destacado economicamente nas faixas oeste, central e sul de Minas Gerais. As faixas oeste e sul têm bipolarização urbana por parte de Belo Horizonte e São Paulo. Como se nota, ao Rio de Janeiro delineia-se mesmo um panorama cada vez menor de inserção no território mineiro. Na Zona da Mata, nossa região de investigação, isso é replicado.

Já isoladamente, a Zona da Mata também exhibe **disparidades** como o conjunto

mineiro: Juiz de Fora exerce uma hipercentralidade, sobretudo com suas atividades terciárias, como os setores de saúde e de educação, estes últimos capitaneados pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A produção de riquezas e as rugosidades⁹ produtivas refletem-se nas microrregiões da Mata, em geral com a **porção sul** historicamente mais **urbano-industrial**, enquanto no **norte matense** o setor **primário** é mais proeminente para o conjunto da sua economia, onde o café é “ainda” um destaque, a exemplo da Microrregião (MR) de Manhuaçu. Isso porque um programa governamental de erradicação de cafezais improdutivos¹⁰ varreu da Zona da Mata 26 milhões de pés de café (correspondendo a 25 mil hectares) entre 1962 e 67, perfazendo 43% do total erradicado em Minas Gerais! Assim, de maior cultura geradora de renda na região, o café despencou para o 5º lugar em 1967¹¹. Cerca de 22 mil empregos foram subtraídos ou 9% de 1962 a 67, diz o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA et al 1973, p. 115-116).

Destarte, a mão de obra então liberada “[...] não encontrou na região um parque industrial capaz de absorvê-la, não apenas por ser ela de baixa qualificação, mas também por que o parque industrial, obsoleto e tradicional (laticínios, têxteis e açúcar), não permitia maior absorção da força de trabalho”. Como corolário desse panorama socioeconômico, a Zona da Mata exibiu seguidos saldos migratórios negativos entre as décadas de 1960 e 80: -1,83% (1960-70) e -2,10% (1970-80), consoante o Programa de Desenvolvimento Integrado da Zona da Mata (PRODEMATA, 1982, p. 2)¹².

Outros fatores pregressos, em bloco, ajudam-nos a compreender a **atual difícil situação socioeconômica** da Zona da Mata (BRASIL/MIC, 1974, p. 2): agropecuária mantida sob modelos produtivos tradicionais; condições relativamente desfavoráveis dos solos da

⁹ Termo que Milton Santos tomou emprestado da geomorfologia, revelando-o em *Por uma Geografia Nova* (1978; 2002b, p. 171-176). Usou-o para tratar das formas espaciais herdadas do passado e cristalizadas no espaço. “As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados”. Com isso, o espaço é um testemunho, uma forma durável no qual “[...] alguns processos se adaptam às formas pré-existententes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas” (SANTOS, 2002b, p. 173).

¹⁰ O plano era reflorestar a Zona da Mata. Contudo, os incentivos fiscais diminuíram já a partir de 1971 (IPEA, 1973, p. 149), levando a resultados finais pífios.

¹¹ Atrás de milho, arroz, feijão e cana (IPEA et al, 1973, p. 163). Tais cultivos são ainda proeminentes na Mata, além do café.

¹² O Programa de Desenvolvimento Integrado da Zona da Mata (PRODEMATA) destinava-se ao aumento do nível de vida e de renda dos pequenos produtores rurais, além de focar na melhoria da produção, da produtividade e da oferta de serviços. Teve um custo total de US\$ 142 milhões, dos quais 40 milhões do Banco Mundial (PRODEMATA, 1982, p. 1-2). A despeito disso, a Mata permaneceu deprimida socioeconomicamente nos anos 1980.

região¹³; obsolescência do setor industrial; redução da importância econômica cafeeira (pilar econômico matense). Como reflexo de uma época de valorização do planejamento estatal, o Ministério da Indústria e Comércio (MIC, 1974) classificou a Zona da Mata como “uma verdadeira região-problema”.

Mapa 1.4 – Atividades agropecuárias dominantes em Minas Gerais (2007).

Fontes: Minas Gerais, 2007, p. 39.

Os mapas com a projeção do cenário econômico mineiro (2023) atestam as informações citadas anteriormente. As regiões mais pobres tendem a poucas alterações produtivas, como é perceptível para o caso da Zona da Mata.

¹³ Em relação ao intenso uso monocultor em áreas dominadas por mares de morros que foram desmatados.

Mapa 1.5 – Atividades agropecuárias dominantes em Minas Gerais – Previsão (“Melhor Futuro”) para 2023.

Fontes: Minas Gerais, 2007, p. 74.

Mapa 1.6 – Atividades industriais dominantes em Minas Gerais (2007).

Fontes: Minas Gerais, 2007, p. 40.

Mapa 1.7 – Atividades industriais dominantes em Minas Gerais – Previsão (“Melhor Futuro”) para 2023.

Fontes: Minas Gerais, 2007, p. 74.

Entrementes, nosso foco sobre o futebol e suas origens na Mata (clubes, estádios criados etc.) nos transporta para as primeiras décadas do século XX e, às vezes, até para fins do XIX. Nessa época, ainda com vigor econômico, a região era protagonista em questões produtivas, políticas e culturais em Minas. Destarte, vislumbramos um cenário intra-urbano e interurbano em grande ebulição. O sistema regional de cidades foi articulado ao enleio das capitais mineira e carioca. Nesse contexto, o futebol era agente e recebedor das mudanças em curso. Nossa proposta de pesquisa foi reunir tal conjuntura matense e contribuir com a compreensão das influências urbanas metropolitanas projetadas na região, tendo o futebol como meio de consecução.

Dentro dessa proposta emerge o **papel destacado de Juiz de Fora** – tanto no passado como ainda presentemente. Desde o período de estabelecimento do futebol (na virada do século XIX para o XX) até hoje Juiz de Fora permaneceu como o maior polo da região matense. Ocupou a dianteira em Minas Gerais até a década de 1930, quando Belo Horizonte

foi catapultada ao posto de principal cidade do Estado sobre base industrial minero-metalúrgica, inclusive por razões políticas. Isso tornou a relação entre tais cidades mais complicada, envolta em rivalidades, mantendo, então, o histórico nexo de Juiz de Fora com o Rio de Janeiro. A partir dos anos 1970, quando Juiz de Fora se verte para o forte da economia mineira – isto é, recebe siderúrgicas, e integra-se ao cenário econômico que estrutura a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e o centro de Minas – passa a haver certa “reconciliação” com a capital. Simultaneamente, por seu turno, o Rio de Janeiro perdia espaço como centro polarizador na Zona da Mata e demais regiões que influenciava ao deixar de ser a capital federal em 1960.

Sob tal panorama, empreendemos pesquisa para relacionar a identidade formada em Juiz de Fora e na Mata Mineira, onde de uma polaridade quase absoluta carioca presenciamos a crescente influência de Belo Horizonte e, secundariamente, até mesmo de São Paulo, ambas se aproveitando do enfraquecimento econômico do Rio de Janeiro.

Com isso em mãos, foi possível e atraente observar manifestações identitárias também mudarem em Juiz de Fora e na Mata em compasso com o novo contexto polarizador em formação. Por intermédio da “fute-iconografia” e demais manifestações socioculturais e econômicas, traçamos este cenário de mudanças nos territórios em foco, discutindo os pertencimentos (nesta ou naquela região de influência, neste ou naquele futebol, sempre no âmbito de uma contenda intermetropolitana pela Zona da Mata e por Juiz de Fora).

Em face da copresença de Rio de Janeiro e Belo Horizonte (além de São Paulo) na Zona da Mata e do papel de relevo de Juiz de Fora neste contexto, vejamos como a Geografia encarou a ideia do espaço regional.

1.3 – EM BUSCA DO CONCEITO DE REGIÃO

Encaramos a Zona da Mata – e Juiz de Fora, seu principal núcleo – como uma “região de transição”, híbrida em aspectos socioeconômicos, político-culturais e mesmo naturais com outras regiões de Minas Gerais e com os estados próximos, principalmente o fluminense. Tendo o futebol como objeto de pesquisa, a “fute-iconografia” regional¹⁴ não deixa dúvidas quanto aos vínculos estabelecidos entre as áreas mencionadas.

Com efeito, as regionalizações envolvendo todo o Brasil também mostram **Minas Gerais como “área de transição”**, com o Estado sendo agrupado a diferentes unidades e até mesmo ficando isolado, como se fora um caso à parte na geografia brasileira. Ao “descermos” a escala para as regionalizações internas mineiras, observamos grande permanência do território da **Zona da Mata** nos mapas elaborados ao longo do tempo, seja sob a noção de *mesorregiões* ou de *regiões de planejamento*, conferindo-lhe, portanto, **particularidades no contexto regional** de Minas. Em conformidade com Diniz e Batella (2005¹⁵ apud PEREIRA; HESPAHOL, 2015, p. 49), a Fundação João Pinheiro (FJP) instituiu em 1992 as Regiões de Planejamento, levando “[...] em consideração a regionalização do IBGE em mesos e microrregiões e também as áreas de influência urbana”. Tal “[...] consorciação de critérios visa compatibilizar os dados estatísticos”.

As similitudes mineiras com os estados vizinhos ajudam a compor um imaginário regional interno no qual certas simplificações identitárias foram criadas sob tipificações preestabelecidas, a exemplo de: “o norte-mineiro é baiano”, “o triangulino e o sul-mineiro são paulistas” e “o matense é carioca”. Apenas no caso da Zona da Mata não se fala no nexo estadual, mas tão somente de uma cidade. A força pretérita da cidade do Rio de Janeiro era tão expressiva a ponto de substituir a noção estadual¹⁶, ensejando a pensar que o “matense não é fluminense, mas sim carioca”, embora não seja, de fato, nem uma coisa nem outra.

Portanto, na clássica articulação entre cidade e região encontramos direções diversas no caso da Mata: cidades que se articularam mais ao Rio de Janeiro do que ao próprio Estado de Minas Gerais e também o contrário, além de momentos de oscilações nas conexões intra-

¹⁴ Tema trabalhado no capítulo 5.

¹⁵ DINIZ, Alexandre M. A.; BATELA, Wagner B. “O Estado de Minas Gerais e suas regiões: um resgate histórico das principais propostas de regionalização”. **Sociedade e Natureza**, dez. 2005, p. 59-77.

¹⁶ A capital, em detrimento do Estado fluminense, concentrou historicamente as riquezas, fato que também projetou a cidade e não o Estado como signo identitário. Vide capítulos 2, 3 e 4.

Mata, tudo sob a batuta de cada contexto histórico e seus pilares político-culturais e socioeconômicos.

As aproximações historicamente construídas pela Zona da Mata com o Rio de Janeiro – e por vezes em detrimento até mesmo de Minas – põem em discussão a ideia de região sob o prisma das semelhanças, das características compartilhadas e, obviamente, das identificações daí surgidas, as quais carreamos para compreendê-las à luz das manifestações futebolísticas.

A **noção de região** é importante na medida da comunhão entre as concretudes matenses citadas e as concepções teóricas construídas que ajudam a desvendá-las com mais lucidez. Vejamos o enredo regional da Mata Mineira e, posteriormente, o conceitual desenvolvido no pensamento geográfico acerca da noção de região.

A **noção de região** está amplamente presente (mesmo **popularmente**), cuja origem remonta a distantes épocas. Segundo Andrade (1987¹⁷ apud BEZZI, 2004, p. 47), os trabalhos de Hipócrates (LENCIONI, 2014, p. 19), Estrabão e Lucrécio, na Antiguidade Clássica, mostrando os traços naturais e sociais das terras por onde passavam funcionaram como precursores nas ideias de influências relativas ao meio. Em consequência, várias **denominações** são hoje empregadas para designar porções de um espaço, como “área” e “zona”. Depreende-se daí que o estabelecimento de uma escala de abrangência é uma problematização que há muito tempo está presente na noção de região.

Partindo dessa “concretude” antes mencionada sobre a Mata Mineira, pensamos com Manuel Correia de Andrade (1988, p. 8-12) que, ao se estudar um Estado de grande extensão territorial como **Minas Gerais**, observa-se a existência de **desníveis econômicos** entre suas diversas áreas, as quais têm o poder de suscitar ressentimentos e rivalidades, como de fato entre a Mata e o centro de Minas, representado por Belo Horizonte. Logo, as diferenças regionais são reais, concretas, e não uma abstração inserida numa ordem conceitual.

Tais diferenças são resultantes das desigualdades socioeconômicas e de poder entre as regiões, dentre as quais a(s) de maior poder que esteve(estiveram) à frente da organização produtiva passa a dominar certa hinterlândia, fonte de mão de obra e recursos etc. Enfim, produz-se uma **assimétrica relação socioespacial de trabalho**. Foi sob tal perspectiva que a Zona da Mata foi capitaneada por séculos pelo Rio de Janeiro, primeiro como região de passagem do ouro (situação extensiva à zona mineradora) e, depois, como produtora de café e outros bens primários exportados pela região. No dizer de Alfredo Costa (2015, p. 153),

¹⁷ ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987. 143 p.

Minas viabilizou o Rio de Janeiro na fase aurífera, que, assim, passou a ser a capital, sucedendo Salvador. Desse modo, reuniu grande poder político, o que lhe renderia ainda mais benefícios e controle territorial, gerando, por sua vez, mais assimetrias e disparidades regionais. Foi assim que o Rio arrebatou também o norte de Minas (Vale do São Francisco), Goiás e Mato Grosso, ou seja, as regiões envolvidas na produção de ouro e diamante¹⁸.

Destarte, uma centralidade interiorana lança tentáculos sobre tais regiões, tudo isso estruturado por caminhos que organizaram uma **rede urbana com duração efetiva de cerca de 100 anos**, aproximadamente entre 1750 e 1870 (COSTA, 2015, p. 154). No final do século XIX, a produção cafeeira projeta a economia paulista e, já na década de 1920, a cidade de São Paulo ultrapassava o Rio de Janeiro. Para a Zona da Mata, no entanto, não significou mudanças significativas e ela permaneceu enredada à economia carioca e fluminense muito em razão da malha ferroviária instalada para escoar café que interligava tais áreas, servindo também aos produtos que o sucederiam nas exportações.

Enquanto ocorria este primeiro capítulo da decadência carioca no século XX, a prerrogativa de **Belo Horizonte como capital pesava contra a Mata** e, mais especificamente, contra Juiz de Fora. As políticas públicas concentraram os investimentos em Belo Horizonte e seus arrabaldes até o ponto de Juiz de Fora deixar de ser o principal polo socioeconômico e cultural de Minas Gerais por volta dos anos 30 em diante. Outros polos matenses também decaíram, como Cataguases, Ponte Nova, Santos Dumont e São João Nepomuceno¹⁹. Ao se preterir uma região em favor de outra, o **risco de uma cisão interna** é grande, podendo assumir ares separatistas.

Ainda que os fatos sugiram um enredo pronto – o do separatismo – e supostamente previsível, as mais pulsantes iniciativas separatistas foram encabeçadas pelo Sul de Minas e pelo Triângulo, ambas “regiões paulistas” segundo a rotulação que já vimos. As “regiões cariocas” do Vale do Rio Doce e da Zona da Mata apresentaram raros e efêmeros episódios de cunho separatista, diferentemente das reiteradas dissensões nas quais se envolveram políticos sulistas e triangulinos (SARAIVA, 2008, p. 32-43)²⁰, sendo que os últimos adentraram até meados do século XX e mais com tal aspiração (SILVA et al 2003 apud SARAIVA, 2008, p. 42)²¹.

¹⁸ Cf Capítulo 3 sobre mapas da evolução da polarização urbana carioca em Minas Gerais no século XX.

¹⁹ Cf. capítulo 3.

²⁰ Só em Saraiva (2008) vimos 12 episódios de separatismo do Sul, 4 do Triângulo e Norte, contra 1 da Mata.

²¹ SILVA, Alex Marciel da et al. “O processo de regionalização e reorganização territorial do Triângulo Mineiro: as origens e causas do movimento emancipacionista”. **II Simpósio Regional de Geografia “Perspectivas para o Cerrado no século XXI”**. UFU – Instituto de Geografia, 2003 (anais).

A questão da dominação está fortemente atrelada ao entendimento da **noção de região** que, até **etimologicamente**, traz este nexo: região deriva do latim *regere*, “[...] palavra composta pelo radical *reg*, que significa poder e que deu origem também a outras palavras como regente, regência, etc. É correto deduzir-se, então, que a idéia de região sempre esteve ligada a mecanismos de dominação, de posse, de conquista, de poder” (BEZZI, 2004, p. 27). A noção de região evoca uma porção da superfície terrestre que por um(a) ou outro(a) critério e característica ganha particularidades. Seu uso popular não retira a importância que tem para a Geografia e demais ciências que incorporam a dimensão espacial em suas pesquisas (CORRÊA, 1997, p. 183).

Desequilíbrios de poder na política e na economia como esses que acompanharam os mineiros e, particularmente, os matenses, demoraram em demasia para comporem objetos na Geografia, não só na nacional. Confirmemos isso por meio de Pierre Monbeig, que, indubitavelmente, a partir de *O estudo geográfico das cidades* (1941; 2004²²) inaugura a pesquisa geográfica urbana brasileira, na avaliação de Abreu (1994, p. 25). Apesar de clamar por uma injeção de Élisée Reclus²³ contra as já usadas estatísticas (na Sociologia)²⁴, Monbeig não via as relações sociais como algo pertinente e conhecido aos/dos geógrafos, não as recomendando neste referido artigo de cunho metodológico, embora as tenha vislumbrado em *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo* (MONBEIG, 1984), outro marco da nossa Geografia.

No Brasil, os estudos urbanos seguiam os preceitos traçados basicamente pelos geógrafos europeus e estadunidenses. De início, as cidades foram estudadas em separado como se não compusessem uma rede urbana. Sítio, situação e função apareciam quase que invariavelmente nas pesquisas²⁵. Derivando do trabalho de Christaller (1933)²⁶, os estudos urbanos passaram a considerar o raio de ação da cidade e a hinterlândia sob sua direção.

²² Neste estudo estamos usando uma republicação do periódico “Cidades” de 2004.

²³ Reclus já defendia a introdução de temáticas sociais nos estudos geográficos, embora pouco tenha inovado em suas obras. Seu ativismo político – militante anarquista, participou da Primeira Internacional e da Comuna de Paris – é que lhe conferiu mais notoriedade, algo que ainda era raro entre os geógrafos de seu tempo. Cf. ANDRADE, M. C. de (Org.); FERNANDES, F. (Coord.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, 200 p.

²⁴ Representada pela corrente chamada de *Escola de Chicago* ou *Escola de Ecologia Humana*, tentava transpor princípios básicos da ecologia vegetal para os estudos urbanos, como competição em razão da luta pela sobrevivência; dominação dos mais adaptados quanto ao meio ambiente; sucessão e substituição de um grupo por outro no espaço. A despeito das críticas que (merecidamente) recebeu, a Escola de Chicago desenvolveu temas e conceitos ainda hoje considerados: centralização, descentralização e segregação. Entre seus expoentes estão Ezra Park e Ernest Burgess (CORRÊA, 1989, p. 82-83). O esquema clássico de segregação espacial de Burgess também influenciou na Geografia Urbana em virtude de levar em conta a organização espacial intra-urbana.

²⁵ Cf. capítulo 3.

²⁶ CHRISTALLER, W. **Dien Zentralen Orte in Suddeutschland**. Jena: Gustav Fischer, 1933.

A incorporação da **função** e da **área de influência das cidades** levou a uma observância maior dos **aspectos políticos** que envolvem o tratamento da **questão urbana e regional**. A função urbana evoca a ideia de *divisão territorial do trabalho*, pois se esta não existisse não haveria diferenciação funcional entre as cidades. Lobato Corrêa (1989, p. 91, grifos nossos) observa que a função urbana “[...] nos remete também para o conceito de processo e estrutura: a função urbana é a realização de um *processo* que emana de uma estrutura social. E nos leva ainda ao conceito de *forma espacial*: a função necessita de uma forma para se realizar, a loja, a fábrica, a cidade, a rede urbana”.

Todavia, a trajetória do referencial teórico da região demandaria tempo e discussões até chegar ao ponto de introjetar a dimensão política. O conceito de região se insere nas transformações que ocorreram na ciência geográfica. Desse modo, “o avanço dos estudos geográficos, centrando-se, ora na análise dos fenômenos da natureza, ora nos aspectos que interessam à sociedade, conduziu à separação da geografia como ciência da natureza ou como ciência do homem” (LENCIONI, 2007, p. 188).

Antes de a Geografia apoderar-se do **conceito de região**, ele já era utilizado na Biologia. Esta ciência estava marcada pela **influência das teorias de evolução** de Lamarck e Darwin. Assim, os estudos do meio geográfico foram associados à seleção natural das espécies, daí a designação dos termos característicos da Biologia da época nos estudos geográficos, como “área de domínio”, “competitividade” e “expansão” (BEZZI, 2004, p. 46). Tais noções vão penetrar nas formulações teóricas dos geógrafos, como La Blache em seu clássico *Des caractères distinctifs de la Géographie* (1913; 1982, p. 39)²⁷ que a Geografia “[...] tem por missão especial procurar como as leis físicas ou biológicas, que regem o globo, se combinam e se modificam aplicando-se às diversas partes da superfície. Ela as segue em suas combinações e suas interferências”.

Destarte, “[...] o processo de diferenciação de áreas, ou regionalização, iniciou-se quando se fizeram as observações propiciadas pelos contatos comerciais, pelas migrações e conquistas, assumindo ritmos distintos, isto é, duração e intensidade variadas” (BEZZI, 2004, p. 47). Portanto, desde a Antiguidade são feitos “estudos regionais”, uma vez que os dois ramos da Geografia (ainda não definida como ciência à época) – o geral e o regional – desenvolveram-se paralelamente até que os sistematizadores da ciência geográfica, Humboldt e Ritter, evidenciassem as relações que os ligavam. A obra de ambos compõe a base da

²⁷ O texto original é de 1913, publicado nos *Annales de Géographie*, vol. 22, n. 124, p. 289-299. Estamos utilizando uma versão de 1982 em português.

chamada **Geografia Tradicional**. Segundo Robert Moraes (1994, p. 48 e 49), Ritter defendeu que caberia à Geografia explicar a individualidade de cada sistema natural, isto é, uma área delimitada e dotada de singularidades. Neste quesito, a análise empírica teria destacada valia, devendo o geógrafo caminhar “de observação em observação”.

Novo fôlego à sistematização da Geografia e à discussão de região viriam com Ratzel (1882)²⁸. Apesar de manter a visão naturalista que já era vigente, sua concepção de influência do meio seria radicalizada por seus sucessores, abrindo caminho para a formação da **Escola Determinista** (MORAES, 1994, p. 55-58). Desse modo foi estabelecido o papel atribuído à natureza: o espaço natural era o controlador do processo de organização do espaço geográfico. Sodré (1977, p. 49) arremata tal questão avaliando a contribuição ratzeliana:

Ratzel via o homem como produto final de uma evolução cuja principal forma era a relação natural dos tipos, na conformidade da capacidade de se ajustarem ao meio natural. Ele tendia a ver o homem como produto de seu meio, moldado por ele, vencendo na proporção de sua adaptação a esse meio. Essa posição, definida na Antropogeografia, tem acabamento na Geografia Política.

Sob tal apelo ideológico o Determinismo lançou mão das divisões espaciais com base nas **regiões naturais**, dominando o pensamento geográfico na transição do século XIX para o XX. Consoante Lobato Corrêa (1987, p. 23-27), a região natural é entendida como uma parte da superfície terrestre, dimensionada segundo diferentes escalas territoriais, mas uniformemente caracterizada como **resultante da combinação ou interação dos elementos naturais**: clima, vegetação, relevo, geologia e outros. Assim, a região natural é tida como um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são interagentes. Somente abaixo das regiões definidas pela natureza é que estão aquelas caracterizadas por elementos humanos, marcados pela instabilidade e capazes de promoverem mudanças no conteúdo e nos limites regionais. No Brasil, a atual macro-divisão regional do IBGE foi influenciada pelo trabalho de Fábio Guimarães (1941)²⁹, que aproveitou a noção de região natural introduzida no país por Delgado de Carvalho (1913)³⁰. A ideia visada por Guimarães era a de uma regionalização de “[...] caráter prático e duradouro, que possibilitasse a comparação de dados estatísticos ao longo do tempo” (CORRÊA, 1987, p. 27), e que depois sofreria a intervenção de geógrafos do IBGE (BEZZI, 2004, p. 287).

²⁸ RATZEL, F. *Anthropogeographie*. Stuttgart: J. Engelhorn, 1882.

²⁹ GUIMARÃES, F. de M. S. “Divisão regional do Brasil”. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 3, n. 2, abr.-jun. 1941, p. 318-371.

³⁰ CARVALHO, D. de. *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

A noção de região seria enormemente marcada pela ideologia do **Possibilismo** e por seu maior expoente³¹, Paul Vidal de La Blache. “Para ele, a ciência geográfica deveria observar e compreender a singularidade dos lugares. Seu objetivo deveria ser o de compreender o único, mais do que indagar por um conceito que o definisse”, além de defender que a região “[...] podia ser objetivamente distinguida na paisagem e que os homens têm consciência da existência das regiões à medida que constroem identidades regionais” (LENCIONI, 2007, p. 189). Contemporâneo de Ratzel, La Blache também via unidade nas relações entre homem e natureza, mas considerava que elas “[...] passam de uma adaptação humana a uma ação modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem e um gênero de vida, ambos próprios e peculiares a cada porção da superfície da Terra” (CORRÊA, 1987, p. 28). Tal concepção forma o componente conceitual da **região geográfica** ou **região-paisagem**³², na qual aspectos humanos e naturais desfrutam de equilíbrio, denotando evidente analogia organicista, segundo Corrêa (1987, p. 28), pois a região constituiria o resultado de um **longo processo de evolução**, onde muitas **obras humanas** fixaram-se com grande força de permanência e incorporadas sem contradições **diante do quadro natural**. Em outros termos, a região era vista como resultado do longo processo de transformação da paisagem natural em paisagem cultural, configurando cada *pays* (BALBIM; CONTEL, 2013, p. 31). Diante dessas características, Lucien Febvre denominou de “possibilismo” a perspectiva vidaliana (MORAES, 1994, p. 68) em 1922.

A região passou a ser então o resultado de uma síntese entre o homem e o meio natural. E, a essa síntese, os possibilistas elegeram como seu objeto de estudo [...] [e] para corrigir o exagero de relações naturalistas³³ [...] enfatizaram o livre-arbítrio do homem, levando as análises geográficas a priorizar o estudo de caso único e a consagrar a descrição regional por si própria (BEZZI, 2004, p. 67).

Desse modo, a partir da análise do prefácio do *Atlas Général* (1894)³⁴, Amorim Filho (1982, p. 9) sintetizou as principais tendências da Geografia Francesa, às quais incluímos citações confirmadoras de seu autor, Vidal de La Blache (1982):

1) ênfase na interinfluência homem-meio físico. “A idéia de meio [...], se precisa como

³¹ Dentre outros possibilistas, ressalta-se Galois que, junto com La Blache, esteve à frente da direção dos 15 tomos de *Géographie Universelle* (AMORIM-FILHO, 1982, p. 10), além de Demartone, Brunhes (*Geografia Humana*), Demangeon, Vallaux e Blanchard (MORAES, 1994, p. 74 e 75). Cf Bezzi (2004, p. 73-76).

³² Expressão substituída por uma única palavra em língua inglesa (*Landscape*) e alemã (*Landschaft*) (CORRÊA, 1997, p. 185). Não obstante, em alemão, não se confundem conceitualmente: “a paisagem está mais vinculada à fisionomia de um espaço que se domina pelos sentidos e foi proposta como objeto de estudo da Geografia por Otto Schlüter [...]” (LENCIONI, 2014, p. 123).

³³ Críticas de La Blache às posições de Ratzel podem ser obtidas por intermédio de Moraes (1994, p. 65-68).

³⁴ LA BLACHE, P. V. de. *Atlas Général*. Paris: A. Colin, 1894.

correlativo e sinônimo de adaptação. Ela manifesta-se através das séries de fenômenos que se encadeiam entre si e são postos em movimento por causas gerais” (LA BLACHE, 1982, p. 45).

2) eleição dos lugares ou regiões como objeto privilegiado do estudo geográfico;

3) ênfase sobre a análise da interação (conexão) do maior número possível de fenômenos na região. “A análise desses elementos, o estudo de suas relações e de suas combinações compõem a trama de toda a pesquisa geográfica” (LA BLACHE, 1982, p. 41).

4) importância da análise do visível, da fisionomia (paisagem), para a explicação geográfica. Além disso, percebemos que La Blache apregoava a observação do conhecimento popular pela Geografia: “[...] é proveitoso para ela servir-se da terminologia popular; [...] tal máxima rural ou provérbio podem abrir uma luz sobre um relatório, uma periodicidade, uma coincidência, qualquer coisa que se reclama diretamente da Geografia” (LA BLACHE, 1982, p. 46).

5) importância às contribuições históricas para a explicação geográfica. “O aspecto da superfície [...] [é] o resultado de modificações incessantemente remanejadas de época em época; ele representa uma sequência e não um estado uma vez dado e atingido de repente. As formas atuais só são inteligíveis se se as focaliza na sucessão das quais fazem parte” (LA BLACHE, 1982, p. 42).

6) eleição da cartografia como técnica privilegiada da pesquisa e da reflexão geográficas, tendo em vista seu poder de sintetizar as relações regionais que se quer estudar;

7) escolha do encaminhamento indutivo como metodologia encoberta pela neutralidade científica, segundo o qual a “Geografia distingue-se como ciência essencialmente descritiva. Não seguramente que renuncie à explicação; o estudo das relações dos fenômenos [...]. Mas esse objeto mesmo a obriga, mais que em outra ciência, a seguir minuciosamente o método descritivo”. Adiante, completa o eminente geógrafo francês: “Descrever, definir e classificar, além de deduzir, são as operações que logicamente se mantêm [...]” (LA BLACHE, 1982, p. 45 e 46).

Os enunciados anteriores podem ser também conferidos na passagem mais conhecida da obra lablacheana: “a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens; ela se interessa pelos acontecimentos da História à medida que acentuam e esclarecem, nas regiões onde eles se produzem, as propriedades, as virtualidades que sem eles permaneceriam latentes” (LA BLACHE, 1982, p. 47).

A confluência de alguns desses princípios acima elencados dá conformação ao

conceito de *gênero de vida*. O relacionamento do homem com cada lugar da Terra produz um

[...] acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis. A este conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente, Vidal denominou “gênero de vida”, o qual exprimiria uma relação entre a população e os recursos, uma situação de equilíbrio, construída historicamente pelas sociedades. A diversidade dos meios explicaria a diversidade dos gêneros de vida (MORAES, 1994, p. 69).

À área abrangida por um conjunto de comunidades que têm um mesmo gênero de vida, La Blache chamou de *domínios de civilização*, os quais tinham nas cidades e nas vias de comunicação verdadeiras “oficinas de civilização”, já que os contatos intercomunitários gerariam arranjos mais ricos por meio da incorporação de novas técnicas e hábitos. Depreende-se daí que tais contatos levariam, inexoravelmente, ao aniquilamento gradativo dos localismos. “Ao definir o progresso como fruto de relações entre sociedades com gêneros de vida diferentes, num processo enriquecedor, Vidal de La Blache abriu a possibilidade de falar da 'missão civilizadora dos europeus na África'. E, assim, legitimar a ação colonialista francesa” (MORAES, 1994, p. 71). Portanto, ideologicamente teve postura que o aproxima de Ratzel, que legitimou a expansão colonialista alemã por meio da noção de *espaço vital*, ou seja, o território “[...] representaria o equilíbrio entre a população nele residente e os recursos disponíveis para suas necessidades, definindo e relacionando, deste modo, as possibilidades de progresso e as demandas territoriais” (CORRÊA, 1987, p. 11).

Esse modelo de pesquisar gestado por Vidal de La Blache compôs o chamado *paradigma regionalista* (a **Geografia Regional**) e ainda promoveu um sem-número de obras enciclopédicas, com forte teor minucioso e que ficaram conhecidas como *teses monográficas regionais*, resume novamente Amorim Filho (1982, p. 10). Suas descrições detalhadas dos espaços agrários e urbanos, além das etapas do povoamento regional³⁵, ensejaram o desenvolvimento da Geografia Agrária, da Geografia Urbana e da Geografia da População, dentre outras temáticas. Consoante Gomes (2007, p. 57), a perspectiva regional francesa se desenvolveu, com pequenas diferenças, também em outras escolas nacionais, como a brasileira, embora o autor não cite o exemplo do Brasil.

As monografias regionais acabaram construindo uma geografia que destacava o caráter único dos lugares em detrimento do estabelecimento de leis e princípios gerais, e isso

³⁵ Moraes (1994, p. 76 e 77) afirma que as monografias regionais seguiam um modelo pré-definido de exposição: Introdução (localizando a área estudada); 1º capítulo sobre as “Bases Físicas”; 2º capítulo mostrando o povoamento; capítulo 3 sobre o “Quadro Agrário”; o 4º capítulo versava sobre a “Estrutura Urbana (funções, população urbana); e o 5º capítulo tratava da “Estrutura Industrial”. A “Conclusão” apresentava um conjunto de mapas referentes a cada capítulo, as quais sobrepostas dariam uma visão das relações entre os elementos da vida regional.

“[...] acabou comprometendo o *status* científico da disciplina e conduzindo a um novo impasse teórico: a dicotomia entre geografia regional e geografia geral” (LENCIONI, 2007, p. 189). Nesse âmbito é que Hettner (1982)³⁶ contribuiu, pois não considerava a Geografia nem uma ciência nomotética e nem idiográfica, mas que sua tarefa era a das diferenciações de áreas (LENCIONI, 2014, p. 123). Assim, aproxima-se de La Blache. Contudo, “enquanto para La Blache a região se evidencia na paisagem, para Hettner ela não é auto-evidente. Os limites regionais são provenientes de um exercício intelectual, uma construção intelectual do pesquisador” (LENCIONI, 2007, p. 190).

As concepções de Hettner somadas às de Hartshorne (1939; 1969; 1978)³⁷ dariam maior aprofundamento aos estudos regionais. Apesar de Hartshorne afirmar que a análise geográfica deve se voltar para o entendimento das diferenciações de áreas, defendeu que

não existe um objeto particular [...] nem tampouco fenômenos particulares à geografia, sendo de interesse da ciência geográfica todos os fenômenos que têm uma dimensão espacial. [...] considera que é na apreensão das inter-relações entre os fenômenos que a diversidade da superfície terrestre é produzida. Para ele, os marcos divisórios entre as regiões decorrem das descontinuidades produzidas quando o grau de integração dos fenômenos é pequeno, podendo haver até mesmo uma região descontínua (LENCIONI, 2007, p. 190).

Hartshorne não adota a região como objeto da Geografia. Centralizou seus estudos sobre o método de identificar as diferenciações de área. “A região, para Hartshorne, não passa de uma área mostrando a sua *unicidade*, resultado de uma integração de natureza única de fenômenos heterogêneos” (CORRÊA, 1987, p. 16).

As críticas destinadas aos “geógrafos regionais” suscitariam novas formas de se conceber a região. Antes de atingir as universidades, porém, essa insatisfação veio através da chamada **Geografia Aplicada**. De acordo com Amorim Filho (1982, p. 10-11), o crescimento da planificação regional impetrada a partir do governo inglês (*Tow and Country Planning*, 1947) e do Congresso da União Geográfica Internacional (UGI, 1949, presidida por

³⁶ HETTNER, A. “La naturaleza de la Geografía y sus métodos”. In: MENDOZA, J. G.; JIMÉNEZ, J. M.; CANTERO, N. O. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos** (de Humboldt a las tendencias radicales). Madrid: Alianza Editorial, 1982, p. 311-322.

³⁷ HARTSHORNE, R. “The Nature of Geography”. **Annals of the Association of American Geographers**, n. 29, 1939.

HARTSHORNE, R. **Questões sobre a natureza da Geografia**. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH)/Comissão de Geografia, 1969, 260 p.

HARTSHORNE, R. **Propósitos sobre a natureza da Geografia**. 2 ed. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1978, 203 p.

Gottmann) acabaram por envolver os geógrafos nos planos estatais. “Na medida em que mais e mais geógrafos se engajavam nessa nova forma de 'geografia utilitária' [...] constatavam que a formação, geralmente recebida nas universidades, cuja geografia se moldava seja pelo paradigma clássico seja pelo paradigma regionalista [...]” (AMORIM FILHO, 1982, p. 11) mostrava-se diferente teórica e metodologicamente das questões impostas pela planificação. Daí surgiria a **Nova Geografia**.

Os defensores da Nova Geografia entendiam que uma transformação só seria viável superando o excepcionalismo (o estudo do único sobre diversos lugares da perspectiva regional) e a visão idiográfica verificada em Hartshorne. Queriam uma abordagem geográfica semelhante àquela dominante em ciências mais avançadas e voltada para a generalização e a aplicação de leis e modelos. Enfim, propugnavam uma tendência nomotética. Suas metas básicas foram elencadas por Christofletti (1982, p. 16-20):

- a) maior rigor na aplicação da metodologia científica: opção pelo procedimento dedutivo-nomológico e pela verificação e teste dos enunciados;
- b) uso de técnicas estatísticas e matemáticas: foi tão marcante para tal corrente que até assumiu o nome da própria perspectiva ideológica, **Geografia Quantitativa**;
- c) abordagem sistêmica e o uso de modelos.
- d) estímulo ao desenvolvimento de teorias: contudo, as teorias econômicas é que ganharam mais espaço (von Thünen³⁸, Christaller³⁹ e Lösch⁴⁰);

A contar da década de 1960, os pressupostos da Nova Geografia ganharam o mundo. Lencioni (2007, p. 192) assevera que, “como decorrência, a região se tornou um instrumento técnico-operacional, a partir do qual se procurou organizar o espaço” e que a descrição geográfica se revestiu de novo significado e passou a ser relacionada à classificação entendida

³⁸ Johann H. von Thünen (1783-1850) foi o pioneiro das teorias de localização das atividades econômicas, a partir do *modelo de localização agrícola*: uma região isolada de um Estado de forma circular. Considerou uniformidade natural (homogeneidade física dos custos de produção), social (homogeneidade técnica) e de transportes até a hipotética cidade localizada no centro do Estado. Com isso, von Thünen mostrou que os lucros dos agricultores seriam proporcionais aos custos de transportes (distâncias do mercado) (BEZZI, 2004, p. 157).

³⁹ Suas formulações estão apresentadas e debatidas no capítulo 3, assim como notas acerca de outras acepções oriundas na Nova Geografia, como a Teoria dos Polos de Crescimento (Perroux). Não a citamos aqui, optando pelo elenco original oriundo de Christofletti.

⁴⁰ August Lösch (1906-1945) trata da determinação ótima das atividades econômicas no espaço. Seu modelo concebe uma planície homogênea onde as condições de transporte e os custos de produção são similares, bem como a distribuição populacional e de matérias-primas. Os consumidores têm gosto e preferências idênticos. Lösch demonstra que cada área deverá ter forma hexagonal, a qual permite o maior número possível de vendas em função das distâncias. À medida em que decrescem os custos, caem também os preços, de modo que a área limítrofe da região desse mercado aumenta. A redução da região de mercado diminuirá em razão do abastecimento de áreas de consumo além das suas e também em razão do aumento do preço dos produtos (BEZZI, 2004, p. 160-162).

como agrupamento de objetos em classes segundo semelhanças. “A região se colocou, assim, como uma classe, sendo determinada teoricamente. Nesse sentido, regionalizar passou a significar classificar regiões”. O uso de variáveis e modelos assumiu tamanho distanciamento do reconhecimento histórico das regiões (estudadas com o fito de classificação, hierarquização e de suas relações funcionais) que a ideologia quantitativa foi vista como a face científica do velho determinismo geográfico. Os questionamentos teóricos da geografia “[...] passaram muitas vezes a se situar como modelos. A discussão começou a ser a dos modelos. Dessa forma, os impasses e os problemas advindos dos procedimentos na análise geográfica e na análise regional eram creditados à imperfeição das técnicas e dos modelos de análise” (LENCIONI, 2007, p. 192).

A Nova Geografia passa a definir a **região** em razão das **inter-relações nela e por ela produzidas** que passam a organizar ou desorganizar os recortes regionais. Assim, não se parte de características que fornecem originalidade a determinada área (*região natural*), nem de alguns traços fisionômicos (*região geográfica*). Nesta visão se consideram os *fluxos de relações* – de cunho social ou econômico – dominantes num dado espaço, podendo chegar a constituir uma verdadeira rede de correntes. A originalidade regional está apoiada, portanto, na coerência das relações (BEZZI, 2004, p. 174; 130-131). Ou seja: as unidades regionais são produto de relações a partir de um determinado centro, considerado como nó (**regiões nodais**) ou um polo de ação socioeconômica (**região polarizada**). Ainda nesse sentido conceitual, Gomes (2007, p. 64) mostra que, ao estudarmos fluxos e trocas que se organizam num dado espaço, chamado de **região funcional** ou *região polarizada*, há naturalmente uma valorização da vida econômica como fundamento de tais trocas e fluxos, sejam eles de mercadorias, de serviços, de mão de obra; além de regiões de tráfego rodoviário, de fluxos telefônicos, de migrações pendulares, de influência comercial das cidades etc.

Corrêa (1987, p. 34) apresenta dois enfoques no âmbito da divisão regional. O primeiro considera as **regiões simples** ou, então, as **regiões complexas**. As regiões simples são vistas de acordo com apenas um critério ou variável, originando regiões segundo o nível de renda da população, dos tipos de solo, da criação de bovinos etc. Quanto às regiões complexas, leva-se em conta muitos critérios ou variáveis para a formulação da divisão regional. Um exemplo de divisão regional é a divisão de um país em regiões econômicas, a qual envolve variáveis diversas como produção agropecuária e industrial, densidade demográfica, grau de urbanização e renda da população. O segundo enfoque que Corrêa apresenta é o das **regiões homogêneas**, formadas por características consideradas fixas, sem

movimento no tempo e no espaço.

Assim, a região, como espaço, é considerada um sistema econômico, de acordo com a sua história de ocupação, exploração e organização. Seu crescimento, no entanto, vincula-se ao nível técnico que a sociedade consegue impor sobre as condições físicas existentes naquele espaço. Como nem sempre técnica e espaço físico se conciliam, adquiriram especial relevância os estudos que permitissem o planejamento regionalizado, com o objetivo de superar os desequilíbrios existentes (BEZZI, 2004, p. 171).

Por fim, na Nova Geografia são identificados padrões espaciais de fenômenos vistos estatisticamente ou por meio dos fluxos gerados. Nesse sentido, a região adquire o senso de padrão espacial e não de uma entidade concreta, a qual é definida por técnicas e não por uma suposta interferência do pesquisador, conseguindo-se outra suposição: a da neutralidade científica. A Nova Geografia brasileira foi disseminada entre os geógrafos de Rio Claro (com seus trabalhos no *Boletim de Geografia Teorética*) e do IBGE (especialmente nos anos 70, através da *Revista Brasileira de Geografia - RBG*, e da *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*)⁴¹. Esta última obra, por ser um marco na análise da rede urbana nacional (portanto, interessante aos objetivos desta tese) deteve nossa atenção no capítulo 3. Como se nota, temas desta pesquisa – como o da polarização urbana – tiveram destaque sob a Nova Geografia. Somos concordantes com a ideia de que os fluxos têm mesmo poder organizador sobre uma dada região, mas isso não nos faz aceitar e utilizar técnicas estatísticas da Nova Geografia. As concepções posteriores a ela são-nos mais apropriadas ética, analítica e ideologicamente.

As críticas à Nova Geografia também não tardaram a aflorar e aos seus pressupostos positivistas surgiram caminhos que procuraram incorporar o caráter social aos estudos geográficos, tais como a Fenomenologia e o Marxismo. Destarte, novos parâmetros conduziram os estudos regionais.

Quanto ao referencial fenomenológico, Sandra Lencioni (2007, p. 193-195; 2014, p. 149-151) pontua suas características e contributos:

- prioriza a percepção e entende que qualquer ideia prévia que se tenha da natureza dos objetos deve ser abolida;
- defende que é por intermédio do vivido que o indivíduo se põe em contato com o mundo dos objetos exteriores. Isso é visto como uma etapa metodológica. Por isso, pela compreensão racional do vivido, com sua dimensão subjetiva, distante do mundo objetivo e abstrato da

⁴¹ Relevante nome brasileiro da Geografia Quantitativa foi Speridião Faissol, com diversos artigos publicados na *RBG* e no *Boletim de Geografia*.

ciência, é que se alcança a essência dos objetos;

- a influência da Fenomenologia na Geografia indicou que a consciência, diante de qualquer objetivação científica, é sempre uma consciência engajada, negação de qualquer imparcialidade;
- incorporou e salientou a dimensão dos valores sociais e culturais, bem como a valorização da história e do mundo vivido. Recuperou a vertente historicista da Geografia à medida que a região passou a ser encarada como um produto da história e da cultura;
- o **enfoque regional** começou a desenvolver esses novos temas: a discussão de como o espaço é percebido e quais são os seus **significados e valores** modelados pela cultura e pela estrutura social como propósito de compreender o sentimento que os homens têm de pertencer a uma região. A identidade regional passou a ser tema central na Geografia de inspiração fenomenológica;
- a região foi tomada não construindo uma realidade objetiva, mas sim como construção mental, individual e submetida à subjetividade coletiva de um grupo social.

Conforme Christofolletti (1982, p. 22 e 23, grifos nossos), “as noções de espaço e lugar surgem como muito importantes para esta tendência geográfica. O *lugar* é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. [...]. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva” para uma pessoa ou grupo de pessoas. Já o *espaço*, envolve a percepção visual, o tato, o movimento e o movimento que, combinados, capacitam-nos para reconhecer e estruturar a disposição dos objetos. A integração espacial faz-se mais pela dimensão afetiva que pela métrica. “Portanto, o estudo do espaço é a análise dos sentimentos e idéias espaciais das pessoas e grupos de pessoas” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23).

Tais pressupostos aqui enumerados foram trilhados pelas correntes ideológicas conhecidas como **Geografia da Percepção e do Comportamento Espaciais** (AMORIM FILHO, 1982, p. 14) ou **Geografia Humanística/Humanista** (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 21; BEZZI, 2004, p. 205; LENCIONI, 2014, p. 154-156), além da **Geografia Cultural (Renovada)** (BEZZI, 2004, p. 205).

“A Geografia humanístico-cultural procura analisar de que modo os fatores culturais e a percepção interferem nas ações de organização e de elaboração do espaço geográfico e também nos recortes regionais”. Destarte, há uma nítida aproximação entre Geografia e Semiologia, pois “[...] há coletividades capazes de criar imagens e viver realidades destoantes do espaço em que estão inseridas” (BEZZI, 2004, p. 206 e 207). Assim, consciência regional e

sentimento de pertencimento são fatores de valorização na dimensão regional (POCHE, 1983, p. 4-6). Pensar e estudar a região à luz da Geografia Cultural implica observar representações e significações de determinado grupo, cujos signos projetados no espaço traçam limites, distâncias e distinções em relação a outros grupos. Assumimos tal perspectiva nesta tese por intermédio da discussão das identidades de cunho territorial à luz do clubismo futebolístico (capítulo 5) e da “fute-iconografia” produzida na Mata Mineira como manifestação de seus nexos (também identitários) com o Rio de Janeiro e com Belo Horizonte/Minas Gerais, o que aponta ainda para as influências urbanas que recebe.

As principais inconsistências observadas nas abordagens de cunho fenomenológico são:

- o não desenvolvimento de uma metodologia robusta (LENCIONI, 2007, p. 195);
- ao centrar nos atores sociais negligenciou os aspectos naturais e com isso: a) acentuou a divisão entre as geografias física e humana; b) chegou mesmo a rejeitar os vínculos com as ciências naturais (LENCIONI, 2007, p. 195);
- atomização dos conhecimentos produzidos, pois originam-se de experiências individuais. Consequentemente, geram uma superposição de percepções sem, contudo, criar sentido coletivo e entendimento das dinâmicas espaciais.

Outra reação contundente ao positivismo e pragmatismo da Geografia Quantitativa (ou Nova Geografia) veio por meio do referencial marxista, na chamada **Geografia Crítica** ou **Geografia Radical**. Aliás, a Geografia Crítica tem suas raízes na ala renovadora da Geografia Regional francesa, com relevo para Jean Dresh (teve discurso politizado já nos anos 30 e 40) e com a proposta da *Geografia Ativa*, nome também de um livro (de autoria de P. George, Y. Lacoste, B. Kayser e R. Guglielmo) que marcou toda uma geração de geógrafos. Criaram uma “geografia de denúncias”, o que, por si só e mesmo que ainda de forma muito descritiva, criou uma oposição à ordem instituída. “Essa denominação de 'ativa' tem o sentido de uma Geografia de ação; no caso, de uma Geografia Regional de ação que entendia a região como objeto de intervenção” (LENCIONI, 2014, p. 140). Nesse grupo, Robert Moares (1994, p. 117-120) destaca Pierre George, responsável por aproximar a metodologia da análise regional do instrumental marxista. Lencioni (2007, p. 195 e 196) afirma que a Geografia Radical teve mérito em propagar o pensamento crítico e, assim, promover a revisão interna do pensamento geográfico, algo que se prende à sua visão e recuperação da perspectiva histórica, pois concebe a relação do homem com a natureza e com os outros homens sob o viés socioeconômico e político e, claro, intrinsecamente histórico. Desse modo, a Geografia

Crítica questionou os padrões espaciais estudados pela fase anterior (da Nova Geografia), bem como os interesses sociais envolvidos nos processos de construção do espaço.

As reações dos geógrafos radicais ao pensamento quantitativo ganharam terreno na década de 1970, a partir de trabalhos desenvolvidos simultaneamente nos Estados Unidos e na Europa, daí se espalhando pelo mundo (AMORIM FILHO, 1982, p. 14). No Brasil, Lencioni (2014, p. 172 e 173) destacou a produção institucional da Universidade de São Paulo (USP) e, individualmente, de Manuel Correia de Andrade e Milton Santos (apesar de diplomados em Direito), Josué de Castro (médico) e Orlando Valverde (geógrafo do IBGE).

A Geografia Radical situou a noção de **região** como **parte da totalidade** manifesta por meio **do modo de produção**, ou seja, como manifestação das desigualdades sociais. Aqui notamos uma contradição: se se fala em “desigualdades sociais” significa que o capitalismo é que está sob análise em tal corrente geográfica que, com isso, teceu ponderações de caráter eufemistas ao analisar áreas sob o socialismo. A contradição reside no seguinte item: os geógrafos radicais criticavam a parcialidade (a favor do mercado) presente na Nova Geografia, mas, ainda que mais engajados e éticos, não abandonaram uma parcialidade (inversa). Bezzi teve essa mesma percepção (2004, p. 231): para os geógrafos radicais, a região foi tida como uma “[...] resposta local aos processos capitalistas”, isto é, ocuparam-se em debater cerca de 2/3 do mundo à época (anos 70 e 80) e “esqueceram” o terço restante (socialista). Nesse mesmo sentido de realçar as contradições, Christofolletti (1982, p. 27) também observou que “embora existam acentuadas desigualdades sociais e espaciais nos países socialistas [...], elas não são mencionadas nem estudadas pelos geógrafos radicais”.

Contudo, esclarecemos em concordância com Lencioni (2007, p. 197):

A geografia regional sob a inspiração marxista, a despeito de todas as falácias de uma proposta renovadora, [...] emergiu na crítica da sociedade moderna aos (des)caminhos do desenvolvimento capitalista e que teve sérias dificuldades para se desenvolver nos centros acadêmicos, dada a transparência de sua perspectiva política, foi facilmente, e na maioria das vezes, gratuitamente criticada quando as críticas às experiências socialistas revelaram os (des)caminhos das revoluções socialistas.

Os geógrafos radicais consideram a **região** como **organização espacial dos processos sociais** associados ao modo de produção e à divisão do trabalho, com destacado papel da circulação de capital no processo de diferenciação regional. “Alguns autores argumentam ainda ser a região o resultado de práticas específicas de classe, de uma cultura ou do regionalismo” (CORRÊA, 1997, p. 187). Ricq (1983⁴² apud BEZZI, 2004, p. 216) contrapõe

⁴² RICQ, C. “Région, Espace Institutionnel et Espace D'intetité”. *Espaces et Sociétés*, n. 42, 1983, p. 65-78.

regionalismo e regionalização. Considera que o regionalismo vem de baixo, parte da base, e nele emerge a consciência das desigualdades regionais como contestação ao centralismo. Já a regionalização vem de cima como manifestação da aceitação do centralismo e da perda de poder decisório. Depreende-se que as noções de Ricq tocam na ideia de coesão regional, além de evocar as noções de horizontalidades e verticalidades, respectivamente, conforme a exposição de Milton Santos (2004, p. 281-288; 2002b, p. 280-284).

Por isso, confirma Lencioni (2007, p. 196), que suas discussões privilegiaram temas como o subdesenvolvimento e o desenvolvimento desigual e combinado, todos ricos em exemplificações das potências capitalistas mundiais no jugo de suas ex-colônias e dos países vitimados pela divisão internacional do trabalho.

Por fim, uma interessante análise comparativa entre as vertentes positivista e marxista foi efetuada por Iná Castro (2002, p. 57). No positivismo,

[...] o primado da disjunção e da redução do complexo ao simples impôs essa escala como ponto de partida metodológico, valorizando a indução [...]. Na vertente materialista, a determinação da base material, 'em última instância', [...] a totalidade impunha-se inexoravelmente sobre a unidade, eliminou as possibilidades explicativas da escala regional [...].
[...] cada vertente valorizava uma escala geográfica: regional na primeira e planetária na segunda [...], o que armou duas armadilhas metodológicas para a geografia: a perspectiva lablachiana, a mais influente na primeira vertente, aprisionou a escala planetária, submetendo-a à regional; a perspectiva materialista aprisionou a escala regional, submetendo-a à planetária.

Todavia, as proposições da Geografia Crítica engrandeceram enormemente as dimensões econômica e política explicitadas na organização do espaço regional, cuja valorização de sua construção histórica trouxe um grande peso na composição da contemporânea geografia que se realiza. Vislumbramos tais contribuições nesta tese (perceptíveis nos capítulos 2 a 5) à luz das sobreposições territoriais vindas da desigual distribuição de poder, de inovações, de infraestrutura, de jogos de futebol transmitidos via TV etc. sobre a Zona da Mata.

A despeito de seus méritos, a Geografia Radical sofreu críticas no enleio do atual período pós-moderno:

A ênfase dada foi no heterogêneo [...]. Incorporou-se a dimensão da subjetividade [...], procurando reaver a tradição cultural comprometida pela homogeneização e universalização encontradas na modernidade. O pensamento pós-moderno criticou a ênfase dada pelo marxismo à análise das relações sociais de produção e das classes sociais [...]. O pensamento pós-moderno não rejeita a história, mas recupera uma história como tradição cultural. A análise regional foi valorizada, na medida em que se procura dar

ênfase ao heterogêneo e à diferença por meio da região (LENCIONI, 2007, p. 198 e 199).

Como se nota, há uma certa correspondência com perspectivas já propugnadas pelas correntes de inspiração fenomenológica, e que inclui até mesmo outra crítica desferida:

[...] quando a análise regional incorpora a dimensão da subjetividade e a fuga às referências gerais conduz o estudo regional a cair facilmente numa atomização, em que os vínculos com os processos globais são pouco levados em consideração, produz-se uma espécie de monografia regional, que se distancia dos modelos clássicos apenas porque incorpora aspectos anteriormente ausentes (LENCIONI, 2007, p. 199).

Para não incorrer nesta inconveniência analítica apontada por Lencioni, descortinamos os processos de estabelecimento do futebol na sociedade – sob efeito político e urbano – e seu espraiamento sob a perspectiva da conformação econômica geral, produtora de ampla divisão do trabalho no âmbito futebolístico. Só depois de tal esclarecimento, incluímos a “análise regional” com a Zona da Mata observada desde a modernidade e seus aspectos constituintes – futebol, ferrovias, jornais e rádios – até a modernidade tardia que tem o futebol espetaculizado, quando o espaço de fluxo comanda o processo econômico de organização do território e quando o espaço é conectado de maneira desigual. Em conformidade com esses novos tempos pós-modernos, evocamos o poder explicativo das redes geográficas sobre a contemporânea questão regional (capítulo 3) em virtude de sua grande força de transformação do território. Outro componente central na conformação regional – no caso da Zona da Mata – é a dominação/poder como diferenciação das áreas, papel exercido por emissoras de TV através do futebol transmitido, e das metrópoles por meio de seus clubes de futebol.

Esclarecidas a natureza da temática e a região de estudo de caso, é chegado momento de apresentar as estratégias metodológicas adotadas com o fito de endossar nossa tese de que por meio do futebol é possível a verificação de áreas de polarização urbana e de formação identitária local/regional.

1.4 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

*Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram
a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade*
(Carlos Drummond de Andrade).

O objetivo central de nossa pesquisa foi mostrar que as preferências por times de futebol podem indicar a (trans)formação e a localização de áreas de influência urbana e de identificações locais e regionais na Zona da Mata e em Juiz de Fora, mediante a expressão cultural, econômica, política e social transmitida por meio do futebol e, de modo mais incisivo, através dos territórios que os clubismos permitem delinear. Portanto, nossos procedimentos metodológicos (que passaremos a apresentar) intencionaram amparar a hipótese que alçamos ao campo da Geografia Urbana.

A pesquisa aqui **proposta parte da vivência pessoal**: quase 30 anos vividos em Juiz de Fora e ainda 5 em Muriaé, além de aproveitar a experiência dos familiares que moraram em Ubá, todas cidades da Zona da Mata. A apresentação desta tese já anunciava tal articulação. A observação dos times pelos quais amigos e (des)conhecidos torciam, as camisas e bonés portados nas ruas, locais de lazer e trabalho, além de uma “vistoria” feita nos locais de assistir os jogos (nos bares ou nos estádios), compôs a sensação de uma pesquisa feita por toda a vida. Vida tal que nos conduziria a morar no Espírito Santo e no Amazonas, além de “intertemporadas” em outras cidades de Minas Gerais (além da Mata) estão no “pacote” de nossas migrações intraestaduais, como Ipanema e Governador Valadares (no Vale do Rio Doce) e Barbacena (no Campo das Vertentes).

As regiões de Minas supracitadas – Doce, Mata e Vertentes – já foram de polarização do Rio de Janeiro e passaram ao domínio de Belo Horizonte, restando atualmente apenas a Zona da Mata, ainda assim parcialmente. Nessas observações feitas ao longo da vida foi possível verificar um hibridismo de torcidas dos times dessas metrópoles e de São Paulo; o surgimento de locais específicos (bares não oficiais) onde se reuniam torcedores de Atlético e Cruzeiro em Juiz de Fora, algo que não ocorria nos anos 1980 e até nos 90; presença amiúde de pessoas usando não somente as camisas dos times cariocas, mas também as camisas das equipes belo-horizontinas e do Tupi, a única equipe profissional remanescente do outrora vigoroso futebol local⁴³, bem como uma recente maior presença paulista.

A ideia e, presentemente, a concretização desse estudo são tributários de um princípio

⁴³ Em 2016, o Tupinambás conseguiu rearticular seu futebol profissional.

ontológico e consagrado nos estudos geográficos: o *princípio da observação*. As viagens tornaram-se uma referência para os precursores da Geografia em diferentes períodos de sua trajetória e, assim, é possível considerar o aporte de conhecimentos que viajantes – como Ibn Batouta, Ibn Khaldun e El Edrisi (LENCIONI, 2014, p. 49-50) – fizeram avolumar em prol da *comparação dos lugares*, sobretudo nos séculos que antecederam a inserção acadêmica da Geografia nas universidades.

Aos viajantes credita-se o legado da observação, da *descrição*, da experiência direta. A convergência de tudo isso se dá em função do conhecimento: mostrar ao longo do tempo e de suas vidas, paulatinamente, a compreensão de que certas características culturais e socioeconômicas de variadas realidades espaciais estão concatenadas, demonstrando, a um só tempo, a importância do que é *único e local*, e sua relação com aquilo que é *comum, que repete sem exclusividade*, dando contornos ao que convencionamos chamar de mundo. Ademais, a valorização da empiria foi retomada recentemente no referencial geográfico, conforme vimos acerca das regiões. Frisamos isso, entretanto, à título de laurear a histórica evolução do pensamento geográfico, pois nossos referenciais teóricos se atrelaram às contribuições das vertentes Crítica e Cultural.

Deixando a Geografia para mencionar os preceitos da **metodologia** quanto à **observação**, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 164) endossam nossa postura: “A observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas”. Algumas críticas a essa estratégia vêm de pesquisadores tradicionais, a exemplo dos geógrafos tradicionais, os quais objetam que a presença do pesquisador pode ser uma intervenção na observação. Outra crítica realça que a observação é limitada aos próprios tempos e espaços do pesquisador, ou seja, os eventos ocorridos fora do período e do local de observação não podem ser registrados. Nenhuma dessas “[...] desvantagens apontadas constitui problema para as pesquisas qualitativas [...]. O limite temporal-espacial só é problema quando a observação é a única técnica usada para a coleta de dados”, afirmam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 164). Esta tese foi ensejada pela observação, mas não ficou circunscrita a ela. Utilizamos múltiplas fontes de coleta de dados (em jornais, TVs, rádios AM, pesquisas sobre clubismo, arquivos públicos etc.), e empreendemos uma reconstrução histórica da polarização urbana e do futebol instalados na Zona da Mata. Com isso, buscamos ainda uma esquivar da suposta neutralidade científica – como defendida na Nova Geografia – em virtude dessa reconstrução ativar os embates sociais e futebolísticos que organizaram a região da Mata como ela se apresenta hoje.

Por outro lado, há também **vantagens que são atribuídas à observação**, relatam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 164):

- a) independe do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos;
- b) permite “checar”, na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para causar “boa impressão” diante de entrevistadores, por exemplo;
- c) pode identificar comportamentos não-intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir;
- d) oportuna o registro do comportamento em seu contexto temporal e espacial.

Assim, na busca de revelar o local, explicitá-lo, ouvíamos que ser de Juiz de Fora era ser “carioca do brejo”, ou lemos que a Zona da Mata tinha o jeito ou copiava o “jeito carioca de ser”. O testemunho de tudo o que foi ouvido, visto e vivido nessas localidades colocava em xeque essas sínteses rotulantes que não pareciam representar a realidade experienciada. E aqueles bares e camisas de vários times, não diziam nada? Sim, diziam, e esta tese é fruto daquilo tudo que mudava a olhos vistos...

1.4.1 – Revisão bibliográfica e fontes de pesquisa

Estudar a temática futebolística implica realizar leituras articuladas com diversas áreas do saber. Dispor em contrário é o mesmo que empobrecer as análises que, neste estudo, recaem sobre as polarizações urbanas (sobre Juiz de Fora e a Zona da Mata por Rio de Janeiro e Belo Horizonte) e as identidades territoriais (o matense e o juiz-forano são mineiros?) em diálogo com o futebol.

Desse modo, a revisão bibliográfica converteu-se em uma tarefa titânica de conhecimento, delimitada a partir dos seguintes propósitos e áreas:

- Juiz de Fora, Zona da Mata, Belo Horizonte e Rio de Janeiro: conhecer aspectos históricos, comunicacionais, socioeconômicos, demográficos etc. a fim de reconhecer as articulações de polarização e de identificação juiz-foranas e matenses com as metrópoles em questão construídas no decorrer da história. Afinal, porque aquele jeito “carioca de ser” parecia diferente, mudado? Por que os jogos de Cruzeiro e Atlético ganhavam mais repercussão?
- Mídia local e externa a Juiz de Fora e à Zona da Mata: investigar como a cobertura dos esportes na região passou a considerar as pendências para o lado mineiro (antes não observadas). Isso é um sinal, ainda que fluido, de uma “mineirização” da região.

–Constituição das cidades em questão, no que tange às suas relações sociais, políticas e econômico-culturais, incluindo as equipes de futebol nela criadas e os jogos realizados entre si, o número de torcedores amealhados e onde se situam/situavam tais torcedores.

Esse panorama (conciso) das articulações da temática futebolística aliada às polarizações urbanas e às relações identitárias com os locais conduziram a uma **revisão bibliográfica**, que teve que percorrer, compulsoriamente, diversas áreas do saber (devido ao perfil interdisciplinar da pesquisa), tais como: Geografia, Sociologia, Antropologia, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Administração e Marketing, Comunicação Social e Jornalismo, Educação Física, História, Filosofia e Literatura.

Elaborar as noções teóricas (como as de região e de identidade/territorial) e as reconstituições históricas da modernidade matense (e de seus fatores que somam ao entendimento da chegada e consolidação do futebol) e das polaridades criadas na Zona da Mata requereu a **busca de teóricos, dados socioeconômicos, documentos cartográficos** etc. de contemporâneos e do passado que dariam conformação ao escopo de pesquisa de relacionar futebol e influência urbana, fatores que se articulam desde fins do século XIX. A par de tamanha complexidade de assuntos inter cruzantes, construímos uma rede de itens que formaram um conjunto coeso de **fontes de pesquisa**, apresentadas a seguir.

Além de ser estudado por tantas dimensões científicas, o futebol ainda foi apreendido por meio das **manifestações comunicacionais**: monitoramos jogos exibidos pela TV Globo e a programação esportiva nos jornais impressos, eletrônicos, radiofônicos e televisivos. A programação futebolística de 18 das 21 rádios AM de 14 cidades da Mata⁴⁴ deram um perfil das polarizações que aí ocorrem, pois ora noticiam o futebol belo-horizontino e ora o carioca. Todos esses meios de comunicação mais as pesquisas de predileção clubísticas tornaram-se **fontes primárias de informação**, bem como as entrevistas (feitas com radialistas, torcedores, ex-jogadores e representantes dos clubes de futebol, caso do Cruzeiro Esporte Clube) e as **pesquisas documentais** oriundas dos arquivos públicos (municipais e do Estado de Minas Gerais), de bibliotecas e de instituições de ensino (Instituto Granbery e Universidade Federal de Juiz de Fora).

Os **jornais impressos** de determinadas cidades matenses (Bicas-Guarará, Cataguases, Juiz de Fora, Leopoldina, Muriaé, dentre outras) foram analisados (sobretudo entre fins do

⁴⁴ As rádios *Manchester* (Juiz de Fora) e as homônimas *Cultura* (Além Paraíba e Visconde do Rio Branco) são as ausentes: a 1ª por ser de cunho religioso e não ter grade esportiva; as demais não deram retorno aos (reiterados) contatos tentados.

século XIX e meados do XX) com o fito de descobrirmos aspectos da modernidade na região que mostrassem os equipamentos e serviços urbanos desenvolvidos, os clubes de futebol e seus estádios criados, além dos jogos e torneios disputados. A pertinência acerca do uso dos impressos de modo acadêmico é defendida por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 169), pois “[...] podem ser muito úteis para a compreensão de um processo ainda em curso [como as interpenetrações polarizadoras na Mata] ou para a reconstituição de uma situação passada” [caso da consolidação do futebol na região em tela].

Ainda foram desenvolvidos **mapas autorais** sobre a/os:

1) **Territórios das torcidas/“Mapas da Fute-polarização”** dos times do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de São Paulo na Zona da Mata, e também acerca dos territórios de tais clubes pela óptica da TV e seus jogos transmitidos para a região: isso dependeu de um minucioso trabalho de **adaptação dos dados** oriundos da única **pesquisa sobre predileção clubística** que envolve a Mata Mineira, a do Globo Esporte (GE, 2015). Tivemos que trabalhar os percentuais declarados de cada torcida para cada um dos 142 municípios matenses (estavam disponíveis apenas por times), separando-os por estados e, depois, por cidades de origem dos clubes (se do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte ou de São Paulo). E mais: após esta etapa, os números foram elaborados especialmente para cada uma das 7 microrregiões da Zona da Mata e seus respectivos municípios, perfazendo mais de 3 mil operações⁴⁵! Somente após todo esse tratamento das informações é que os mapas foram produzidos, permitindo um cotejamento com as produções acadêmicas acerca das polarizações urbanas na Mata Mineira.

2) **Evolução (queda) da polarização urbana do Rio de Janeiro em Minas Gerais**: 4 mapas foram criados com base em estudos que englobaram a rede urbana mineira, como os do IBGE (1972, 1987, 2000 e 2008), os quais não ofereceram um mapeamento sistemático da evolução da histórica polarização carioca sobre Minas.

3) **Relação rodovias e fute-polarização**: 4 mapas mostraram a força das rodovias como eixos de penetração de influências urbanas por meio da concentração de torcedores, ora de BH e ora

⁴⁵ Computamos dados de 6 times de São Paulo, 4 do Rio de Janeiro e 2 de Minas Gerais, totalizando 12 equipes monitoradas em 142 municípios, ou seja, 1.704 somatórios. Depois, separamos os dados de São Paulo entre os times da capital (São Paulo, Portuguesa, Palmeiras e Corinthians) e do interior (Santos e Ponte Preta), perfazendo mais 426 operações. Classificamos as equipes oriundas das cidades e estados de origem segundo os percentuais auferidos em cada município da Mata, criando classes percentuais. Assim, pudemos reconhecer em quantas cidades os clubes cariocas, belo-horizontinos ou paulistanos atingiram o 1º, o 2º ou o 3º lugares na ordem de predileção dos matenses. Desse modo é que ultrapassamos as 3 mil operações de tratamento dos dados do GE (2015).

do Rio, conforme penetramos na Zona da Mata em direção ao seu interior ou à fronteira fluminense.

Tais etapas – trato dos dados e criação cartográfica (via *softwares* para mapeamento) – geraram conhecimento inédito sobre a região, ao gerar procedimentos e instrumentos analíticos diferentes daqueles usados em pesquisas anteriores, colocando-nos nos trilhos metodológicos traçados por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 159).

Em conjunto e em síntese, essas foram as fontes de pesquisa adotadas. As entrevistas – outra forma de coleta de dados utilizada – exigem prévio detalhamento de metodologia específica para sua utilização.

a) Aspectos teórico-metodológicos sobre a utilização de entrevistas

Primeiramente, é mister apresentar os aspectos teórico-metodológicos que envolvem a utilização das “entrevistas em profundidade”. Adiante, serão tratadas as relações encontradas entre identificação e o torcer localmente.

As considerações seguintes foram apoiadas no texto desenvolvido por Belei et al (2008), os quais empreenderam um estudo que revisa a literatura sobre uso de entrevista, observação e videogravação (filmagem) na coleta de dados em pesquisas qualitativas, detalhando-se o caminho percorrido na utilização de tais técnicas. Dessas, somente não usamos a última.

A utilização de entrevistas tem que atender às **exigências éticas e científicas**, implicando em autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade aos participantes. Cabe ainda orientar os entrevistados sobre o objetivo das informações coletadas, o direito ao sigilo profissional e à interrupção da entrevista. Somente ao término dessas orientações e após o livre consentimento e autorização expressa é que as entrevistas são iniciadas (BELEI et al, 2008, p. 188-189). Observamos tais cuidados em nossas entrevistas, as quais geraram uma grande contribuição permitida pelos entrevistados, aos quais nutrimos um sólido agradecimento.

Segundo Manzini (1991), existem **três tipos de entrevistas**: estruturada, semiestruturada e não-estruturada. Entende-se por *entrevista estruturada* aquela que contém perguntas fechadas, semelhantes a formulários, sem apresentar flexibilidade; *semiestruturada*, que é direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões

abertas; *não-estruturada*, aquela que oferece ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da fala do entrevistado.

As entrevistas não-estruturadas, as quais são também chamadas de “entrevistas em profundidade”, são costumeiramente utilizadas em ciências humanas. Isso se dá em virtude da flexibilidade que permitem diante das respostas dadas: novas questões são formuladas e o roteiro inicialmente previsto pode ser readequado, com o objetivo de se aprofundar em temas e itens específicos considerados relevantes para cada pesquisa. Em decorrência dessa característica é que tal método das **entrevistas em profundidade** foi escolhido para utilização de entrevistas, com a prerrogativa de serem completadas durante a pesquisa, colocando-nos alinhados com as assertivas de Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 168): ao uso de entrevistas não-estruturadas, frequentemente segue-se com perguntas mais específicas/focalizadas.

Para a elaboração e adequação do roteiro de entrevista considera-se a vivência do pesquisador, a literatura sobre o tema em estudo, a apreciação de juízes e as informações obtidas no **pré-teste**, indicam Belei et al (2008, p. 189). Os “juízes” são, geralmente, outros pesquisadores, os quais avaliam se a linguagem usada está de acordo para cada entrevistado, se há questões que dificultam a interpretação ou o envolvimento do entrevistado nas respostas, sugerem reformulações do roteiro, dentre outras possíveis ações.

Seguindo os preceitos de Manzini (1991) e de outros autores, como Belei et al (2008), realizamos o recomendado “pré-teste”, que consiste em uma entrevista preliminar com pessoas que possuam características semelhantes às da população-alvo. Assim, o estudo piloto – outro nome dado ao pré-teste – realizado em Barbacena (CAMPOS, 2016b) deu-nos condições de estruturar o roteiro de entrevista e o seu foco, ainda que naquela oportunidade tenhamos feito uso também de questões fechadas, comuns em entrevistas estruturadas. Assim, o pré-teste ficou dividido com questões abertas e fechadas.

Também seguindo as recomendações dos estudiosos sobre entrevistas, utilizamos o gravador na realização das entrevistas, pois este instrumento amplia o poder de registro e captação de elementos de comunicação de extrema importância, pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, aprimorando a compreensão da narrativa. Ademais, “o gravador preserva o conteúdo original e aumenta a acurácia dos dados coletados. Registra palavras, silêncios, vacilações e mudanças no tom de voz, além de permitir maior atenção ao entrevistado” (BELEI et al, 2008, p. 189).

Essas últimas características supracitadas, perceptíveis durante a entrevista, preencheram algumas observações. Pelo mesmo motivo, a transcrição das falas foi empreendida pessoalmente, a fim de atentarmos para algum detalhe que suscitasse alguma consideração posterior, além de procurar eliminar possíveis erros gramaticais, evitando-se, assim, constrangimento para os entrevistados, caso desejem ter acesso ao texto da entrevista. Destarte, segundo Belei et al (2008, p. 190), “deve-se analisar o material transcrito, as palavras e comportamentos não-verbais, como risos, choros, diferenças na entonação da voz, gestos que foram registrados, etc.”.

Para esclarecimento metodológico, não empreendemos uma etapa de análise das entrevistas cuja forma de tratamento mais utilizada é a “análise de conteúdo”, proposta por Bardin (1995)⁴⁶. Assim, as entrevistas por nós realizadas não representavam um único recurso disponível e tampouco o único caminho disponível para a avaliação das identificações locais/regionais e, por isso, não utilizamos a chamada “análise do discurso”, pois isso constituiria uma outra tese, um grande estudo à parte, não cabendo nesta tese já com muitos temas tangentes.

As entrevistas foram orientadas para perfis de torcedores existentes nas cidades matenses, compondo um quadro representativo do torcer. Isso requer esclarecimentos: (i) os perfis foram criados por nós mesmos, dentro da ideia de articulação entre o torcedor e o território; (ii) optamos preferencialmente por torcedores que moram/moraram na parte centro-sul da Mata, pelo fato de serem locais onde as polarizações urbanas estão em curso de mudanças; (iii) entrevistamos torcedores de Belo Horizonte a fim de comparar suas posições identitárias e clubísticas com as dos torcedores da Zona da Mata. Eis os **perfis dos torcedores**:

1º) o “torcedor *bairrista*”: aquele que torce de maneira exclusiva e/ou fanática pelo pequeno time local, muitas vezes acompanhando-o nos jogos realizados (inclusive em outras cidades), de forma individual ou coletiva, neste último caso ligado geralmente a uma torcida organizada (TO).

2º) o “torcedor local *comum*”: torce pelo time de sua cidade, onde até frequenta o estádio de futebol, mas sem o “fanatismo” do *bairrista*, pois este não é o único clube de sua predileção ou, se é, ele não chega a acompanhar os jogos realizados fora da cidade e não faz parte de uma TO.

3º) o “torcedor *mineiro*”: aquele que prefere exclusivamente um grande time de Minas Gerais.

⁴⁶ BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

4º) o “torcedor *exógeno*”: torce exclusivamente para uma equipe não sediada em Minas Gerais, embora resida em um município do Estado.

5º) o “torcedor *híbrido*”: misto do 3º e 4º tipos. Torce simultaneamente por um clube mineiro (que é ou não seu time “número 1”) e por um de outras regiões (do Brasil e/ou do exterior).

Como os 3 últimos tipos de torcedores se fundem em alguns aspectos, não precisaram constar de modo separado.

A utilização das entrevistas em profundidade tem como escopo ajudar no entendimento dos fatores intervenientes nas escolhas clubísticas, nas vinculações identitárias territoriais que, logo, são importantes na observação das áreas de influência urbana criadas na Mata Mineira.

1.4.2 – O tema “Geografia Urbana e Futebol” em estudos anteriores e sua relevância acadêmica nesta tese

Os conceitos norteadores desta pesquisa, suas abordagens e autores são aqueles relacionados com identidade (territorial), futebol, e cidades e redes urbanas, compondo uma tríade temática indissociável, reunida com o escopo de indicar que as polarizações urbanas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte sobre Juiz de Fora e a Zona da Mata estão mudando, passando da supremacia absoluta carioca para um crescimento da influência de Belo Horizonte (e até de São Paulo), ou seja, a Zona da Mata está se tornando uma região “mais mineira” e “menos carioca”, digamos por ora assim mesmo, simplificadamente.

Este objeto de pesquisa foi delimitado e delineado em função de algumas “lacunas” observadas em pesquisas anteriores e, em especial, no saldo da produção geográfica. **A observação de inconsistências científicas progressas é metodologicamente recomendada**, consoante Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 152). Destarte, pode-se dizer que esta tese é, em certa medida, composta desses espaços intersticiais deixados ao longo do tempo, onde tenta-se responder ao que passou despercebido ou foi parcialmente pesquisado. Logo, esta pesquisa torna-se necessária e original. Não obstante, a ênfase dada neste estudo está na contribuição possível e prescinde de desconstruir estudos anteriores. Em outros termos: adotamos a complementaridade no lugar da destruição/desconstrução e da crítica por ela mesma.

a) Lacunas de pesquisa em estudos anteriores

1ª lacuna de pesquisa

Ocorre que esses três pilares supracitados – identidade, futebol e redes de cidades – não são comumente relacionados e chamados a dar contribuições acadêmicas, ou seja, não são habituais os estudos em Ciências Humanas que abordam articulações entre Geografia e futebol: em 20 anos (de 1990 a 2009) os geógrafos não atingiram 1% da produção nacional de dissertações e teses tendo o futebol como tema (GIGLIO, SAPGGIARI, 2010, p. 309). Apesar de uma ampla presença na sociedade e não só como lazer, o futebol foi largamente desprezado pelas diversas ciências, caracterizando uma *1ª lacuna de pesquisa*: **as pesquisas produzidas sobre futebol são poucas** e isso, por si mesmo, confere certa raridade a esta tese, configurando uma contribuição em um universo carente e a ser desenvolvido, isto é, produzir a respeito do que (quase) não se produz. Nesse sentido, **esta tese** torna-se ainda mais **rara se considerarmos o estudo de caso** – Zona da Mata e Juiz de Fora – também pouco explorado.

2ª lacuna de pesquisa

Os estudos sobre redes urbanas consultados⁴⁷, a exemplo de IBGE (2008) e IPEA/IBGE/UNICAMP (2002), foram unânimes em apontar redução da influência do Rio de Janeiro em detrimento de Belo Horizonte na Zona da Mata e em Juiz de Fora, que é o mais relevante fator que está imprimindo transformações neste subsistema urbano brasileiro. A superposição territorial das metrópoles é uma marca regional nas últimas décadas. Contudo, **as pesquisas não explicam em detalhes essa “gangorra de polarização” entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte dentro da Zona da Mata** a ponto de citar às claras quais as zonas ou microrregiões ou municípios que estão “deixando de ser cariocas para se tornarem mineiros”. Neste ponto situa-se uma *2ª lacuna de pesquisa* e que está articulada com a primeira lacuna, posto que deriva da falta de estudos sobre a relações entre Geografia (Urbana) e futebol.

Em razão da falta de estudos e da não especificidade das argumentações acerca da polarização urbana híbrida na Zona da Mata, cabe problematizar:

- quais os territórios já “descarioquizados” / “mineirizados”?
- onde as influências do Rio de Janeiro tendem a permanecer por mais tempo sem (ou nem) sofrer ameaças de Belo Horizonte? Onde São Paulo – que nem é citada nas demais pesquisas

⁴⁷ Vide capítulo 3, onde o assunto é focado.

sobre polarização urbana na Mata – tem projetado sua influência?

- uma possível crescente e gradual “mineirização” de Juiz de Fora, por ser o polo da Zona da Mata, irá representar automaticamente a mesma nova influência (belo-horizontina) para toda a região? Se não, quais porções matenses estão mais resistentes e quais estão mais fluidas à troca de polarização?

Empenhamo-nos em esclarecer tais questionamentos e ainda em cartografar as dinâmicas territoriais urbanas neles envolvidas.

3ª lacuna de pesquisa

Para ser compreendida devidamente esta lacuna requer um pouco da história. Trata-se de uma **suposta não identificação da Zona da Mata e de Juiz de Fora com Minas Gerais**.

A proximidade histórica entre Juiz de Fora e o Rio de Janeiro suscitou uma rivalidade com Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX, pois Juiz de Fora queria ser a capital e Belo Horizonte não tinha o peso político-econômico já desenvolvido por Juiz de Fora. Esperava-se da nova capital uma modernidade como aquela vista nas fábricas juiz-foranas e em seus tantos pioneirismos (energia elétrica, jogos de futebol etc.), mas Belo Horizonte, a ex-Cidade de Minas⁴⁸, era ainda pacata e provinciana, mas acabou por exercer centralidade política em Minas Gerais. As cidades de Juiz de Fora e Belo Horizonte pareciam ter almas e corpos trocados entre si⁴⁹: uma já moderna e que não virou capital; a outra ainda provinciana e tornada capital mineira.

O agravo seria ainda maior com a decadência da cafeicultura, a base da economia matense e juiz-forana e com o empenho do governo estadual em tornar Belo Horizonte, de fato, a principal cidade mineira. Ou seja, enquanto Belo Horizonte resolvia seu problema de identidade, tornando-se moderna, Juiz de Fora passava por um esvaziamento de seu prestígio e mergulha em décadas seguidas de declínio econômico, restando-lhe:

- (i) um passado de glórias justamente quando escoava café via Rio de Janeiro, com o qual mantinha relações culturais, econômicas e políticas estreitas;
- (ii) a sensação de que Belo Horizonte representou parte da queda de seu *status* socioeconômico jamais readquirido.

Na ideia popular, amiúde sintetizadora, “Juiz de Fora é Rio”, carioca. Na ideia mitificada e repetida à exaustão por políticos e mentores da “mineiridade” – uma pretensa

⁴⁸ Nome que seria atribuído à nova capital mineira.

⁴⁹ A temática da rivalidade JF-BH e da suposta identidade mineira – a “mineiridade” – conferida somente à capital está abordada nos capítulos 3 e 5.

construção da identidade do mineiro a partir do período das lavras de ouro – fez cair no colo da região central do Estado, local da mineração, certo ar de autenticidade. Quem não é dali ou não comunga suas características tem sua mineiridade/mineirice questionada: tal percepção foi direcionada (simplificadamente) para algumas regiões do Estado, como o Norte (baiano), o Sul (paulista) e a Zona da Mata (carioca). As diferenças interregionais em Minas Gerais são concretas, mas isso não desabona nenhuma porção ao título de “mineira”, pois **a receita de ser mineiro forjada no discurso da mineiridade é impositiva e mitificada**. Isso no caso matense ficou forte e pejorativamente marcado: o juiz-forano recebe popularmente a alcunha de “carioca do brejo”.

Enredada nesse contexto encontra-se a *3ª lacuna de pesquisa*, pelo fato de encontrarmos repetidamente nos estudos sobre a Zona da Mata e Juiz de Fora:

- (i) exacerbação do contato de Juiz de Fora e da Mata com o Rio de Janeiro em detrimento de Minas e Belo Horizonte. O contato com o Rio foi, de fato maior, mas ganha ares de (quase) exclusividade na literatura acadêmica local, que possui suas verdades, mas também omissões e exageros;
- (ii) afirmações muito genéricas de que a relação matense e, sobremaneira, a juiz-forana com Belo Horizonte ou com o passado barroco e aurífero ser quase inexistente, desprezível ou coisa congênere. O discurso beira ao dogmatismo, pois afirmações semelhantes a essas costumam ser o único trecho destinado a relatar tal relação. O mais incrível em tão grande generalização, é que nem os historiadores tendem a questioná-la, mesmo aqueles com viés ou inserção na história das mentalidades.

A partir desse quadro, é possível alardear novas e instigantes problematizações:

- Se os estudos expuseram os vínculos de Juiz de Fora e da Zona da Mata com o Rio em detalhes, porque não fazem o mesmo quanto aos vínculos com Belo Horizonte e demais áreas de Minas, ainda que sejam poucos? Será que sempre são poucos mesmo?
- Ao aceitarmos essa ligação Mata/Juiz de Fora/Rio com certo “essencialismo” e acreditando só existir um caminho a pesquisar, não é também a admissão do “mito da mineiridade”? E isso não é ainda pior se percebemos que a mineiridade foi uma imposição discursiva das elites (políticas, principalmente) mineiras como forma de manter a coesão estadual e o poder para elas mesmas?
- Se a influência do Rio de Janeiro sobre a Zona da Mata e Juiz de Fora é creditada à história, ao pouco ou nenhum envolvimento com o barroco e a mineração, o que dizer da situação de cidades como São João del Rei e Tiradentes, intensamente inseridas nesse contexto e que

estiveram sob a polarização carioca (mas hoje são influenciadas por Belo Horizonte)? Falta lógica. O sentido dado a uma pesquisa seria totalmente inadequado em outra.

- Similarmente a esse último raciocínio está a questão do discurso da “mineiridade”, quando incorpora elementos do campo (da “roça”) ou dele derivados para compor um arcabouço de características para a existência de um pretenso mineiro, apresentando duas inconsistências: a 1ª diz respeito ao caráter urbano verificado nas áreas da mineração (onde supostamente existe o “tipo mineiro”, conforme as narrativas da “mineiridade”); e a 2ª é a que exclui as características dadas ao mineiro para o natural da Zona da Mata, justamente a região que se notabilizou pela economia cafeeira e também com a pecuária de leite, ou seja, intrinsecamente ligada ao campo. Houve, é verdade para o caso juiz-forano, uma gradual passagem para um estilo de vida urbano-industrial, mas sob a base da agricultura. Portanto, questionamos: o que é ser o “mineiro legítimo”? É o indivíduo belo-horizontino? Belo Horizonte, surgida em 1897, em nada viveu a fase do ouro, tentou negar o barroquismo a todo custo e tem típico estilo de vida urbano, mas não é excluída da mineiridade e, tantos menos, de seu discurso formador. Lembremos que a modernidade foi desejada e buscada tanto em Juiz de Fora como em Belo Horizonte e ambas tendo o Rio de Janeiro como referência. Então, onde está a lógica da identificação com o tipo mineiro só para a capital?

O objetivo desses questionamentos não é o de “adequar” a história ao objetivo desta pesquisa, mas indicar a também **real existência de vínculos entre a Zona da Mata e Minas**, sem querer subverter a dimensão, pois os contatos com o Rio de Janeiro foram mais intensos. Contudo, há que se delinear um embasamento sobre a Zona da Mata e Juiz de Fora: não podemos somente ler “houve pouco vínculo com a região do ouro” e logo encerrar a discussão. Com a consecução desse delineamento é possível traçar uma identidade regional mais realista e passível de contribuir com o entendimento das articulações identitárias e futebolísticas existentes entre Mata, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, e ser também uma forma de entendimento das polarizações que essas metrópoles aí exercem.

Em síntese, os questionamentos anteriores servem para apontar caminhos e objetivos, substantivando as estratégias metodológicas aqui adotadas como meio de permitir a consecução de respostas às problematizações levantadas.

1.4.3 – Passos metodológicos e seus resultados

O objetivo central desta obra é reunir Geografia e Futebol, confluindo para uma análise de como o futebol pode ser empregado com vistas a uma análise da formação de regiões de influência urbana e de identificações territoriais.

Por outro lado, não é pretendido, como consecução última, a obtenção de um modelo funcional que possa mensurar as polarizações oriundas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte sobre a Zona da Mata, ou seja, esta pesquisa não tem perfil quantitativo. Contudo, elementos de demonstração e de apoio ao esclarecimento e evidenciamento do futebol como meio de se chegar ao intento principal de relacionar Geografia (Urbana) e Futebol serão utilizados, o que permite cotejar suas relações com as metrópoles em análise, de acordo com a origem do clube para o qual se torce na cidade e, por fim, sugerir os municípios da Zona da Mata que tendem mais à influência do Rio de Janeiro e os que tendem mais à Belo Horizonte.

Ressalva-se que, embora mensurar regiões polarizadas possa ser de origem neopositivista, isso não implica, necessariamente, que as análises aqui empregadas também tenham tal teor e podemos recordar que a pesquisa acerca da região de influência das cidades é há muito considerada na Geografia, antes dos aportes ideológicos mais usuais na atualidade. Ao contrário, o nítido caráter transideológico (na Geografia) e transdisciplinar desta tese, cujo apoio nos **referenciais** da Geografia Crítica e da Geografia Cultural determinam uma aproximação com a concretude que é o futebol, ora travestido de valores simbólicos e ora econômicos na composição de sua territorialidade, para ficar em uma exemplificação apenas.

O **sentido transdisciplinar em Geografia** (Urbana) – como anunciado para este estudo – ocorre e é defendido há décadas (mesmo antes de o futebol lograr *status* científico), como afirmou Pierre Monbeig (2004) nos idos de 1941⁵⁰, em *O estudo geográfico das cidades*. As múltiplas relações que envolvem os estudos de cidades foram admitidas por Monbeig como indispensáveis à apreensão da realidade urbana e seus fenômenos manifestos. Textualmente, ele assim postulou:

O geógrafo vê-se, então, mais que em qualquer outro terreno familiar às suas pesquisas, levado a trabalhar com o auxílio dos historiadores, dos sociólogos e dos economistas [...]. Assim, o caráter eminentemente sintético da geografia humana se acha acentuado nos inquéritos de geografia urbana. [...]. Tudo isso prova que desse lado um campo de trabalho não só interessante em si, mas também pelos contatos científicos indispensáveis à sua execução

⁵⁰ Publicado originalmente na *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano 7, vol. 73, jan. 1941. Republicado no *Boletim Geográfico* (IBGE), Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, out. 1943, p. 7-29. Para este trabalho, o texto foi citado a partir do periódico *Cidades*, vol. 1, n. 2, 2004, p. 277-314, que contou com revisão de Roberto Lobato Corrêa.

(MONBEIG, 2004, p. 278).

Suas palavras não parecem um excerto, mas um testemunho atual e criado com a finalidade de dar corpo aos argumentos desta tese, a qual relaciona-se com disciplinas como aquelas apontadas pelo eminente geógrafo francês. A sobreposição científica é necessária quando se parte de uma realidade complexa. Portanto, explorar uma temática urbana que reúne futebol, formas e forças simbólicas, influências midiáticas e identificações territoriais, requer atributos científicos de ciências afins à Geografia, mas sem lhe retirar o protagonismo.

Interessante é notar que esta tese tem uma carga de ineditismo justamente por combinar aspectos pouco estudados em Geografia (como identidades locais/regionais com futebol) e tudo isto pensado à luz da polaridade urbana. Contudo, as interpenetrações científicas já são defendidas há muito tempo, o que explica a referência à obra de Monbeig (2004), original de 1941, embora a carga de ineditismo supracitada esteja apoiada, em boa dose, na combinação de análises de ciências e correntes geográficas diferentes. Em suma, o antigo e o novo deram liga, amálgama de um projeto inclusivo para se debater uma faceta do urbano e da sociedade.

Entrementes, não só geógrafos de outros tempos, mas também os nossos contemporâneos, apologizam a interdisciplinaridade nas pesquisas geográficas, a exemplo de Milton Santos (2002b, p. 125-141) no capítulo 9, *Uma nova interdisciplinaridade*, do livro *Por uma Geografia Nova*. Nele, Santos (2002b, p. 133) esclarece que reconhecer que um dado fenômeno requer a colaboração de diversas disciplinas não é por si só garantia de integração entre elas, ao que chamou de *multidisciplinaridade*, o que seria atingível mediante uma imbricação de disciplinas ao redor de um mesmo objetivo de pesquisa.

No transcurso da busca de uma interdisciplinaridade aplicada à Geografia, Milton Santos (2002b, p. 134-140) reconhece certas tentativas, quais sejam:

1ª) Geografia e História: durante muito tempo foram consideradas como uma espécie de irmãs siamesas. Assim, “a história relataria os acontecimentos que se sucedem no tempo; a geografia se ocuparia dos acontecimentos que se realizam simultaneamente no espaço”, ao que Milton Santos adverte contra tal postura tradicionalista: “[...] a geografia [...] deve ocupar-se em pesquisar como o tempo se torna espaço e de como o tempo passado e o tempo presente têm, cada qual, um papel específico no funcionamento do espaço atual” (SANTOS, 2002b, p. 134 e 135). Dentre outras validades da assertiva acima para nossa pesquisa, há o período moderno na Mata (capítulo 2) e as manifestações da iconografia do futebol matense

na atualidade (capítulo 5);

2^a) recusa dos geógrafos em aperfeiçoar conhecimentos oriundos de outras ciências. La Blache, ao repelir a inclusão da Geografia como uma ciência social, promoveu sua longa separação da Sociologia, conforme já pontuamos na exposição sobre a noção de região. “A idéia de uma morfologia social, isto é, de uma disciplina sociológica particular tratando das modalidades de transformação de sociedade em espaço geográfico [proposta de Durkheim], desagradou profundamente a Vidal de La Blache” (SANTOS, 2002b, p. 136);

3^a) a interdisciplinaridade necessária à Geografia ganha nova dimensão em razão das mudanças acerca do domínio das técnicas (em fins do século XIX e após a II Guerra) que ampliaram o campo das ciências sociais, pois as novas realidades exigem uma explicação particular. “A cada evolução técnica corresponde uma nova forma de organizar o espaço. Não se pode obter a compreensão do espaço prescindindo-se da posse da significação exata dos instrumentos de trabalho: casas, estradas, fábricas, barragens etc.”. Ainda nessa perspectiva, Milton Santos assegura que para se conseguir “sucesso é, antes de tudo, preciso partir do próprio objeto de nossa disciplina, o espaço, tal como ele se apresenta, como um produto histórico, e não das disciplinas julgadas capazes de apresentar elementos para sua adequada interpretação” (SANTOS, 2002b, p. 137 e 141). Por isso, trouxe-mos à baila as contribuições, por exemplo, da Comunicação Social/Jornalismo, da Sociologia e da História diante das sedes e dos campos de futebol criados nas cidades da Zona da Mata, na inspiração semiótica de insígnias e cores escolhidas para a caracterização dos clubes fundados, da formação do clubismo e na demarcação de hinterlândias por meio dos territórios das torcidas, dentre outras manifestações impactantes no espaço matense e na composição de suas identificações locais/regionais ou externas à região, todas tipificadoras das polarizações urbanas ali criadas.

Não reduzir as explicações sobre uma dada temática a uma só ciência tem duplo significado, imbuído de sentido maniqueísta: positivamente, apreende melhor a realidade complexa que se apresenta territorialmente por meio do futebol porque tem viés multidisciplinar; mas negativamente pode suscitar questionamentos ligados a uma fruição menos profunda nas variadas ciências e temáticas propostas. Destarte, tangenciar alguns temas dentro de um objetivo maior é uma tarefa hercúlea e que não despreza os muitos significados territoriais e sociais que encerram a dupla Geografia e Futebol. Se as tantas temáticas tangenciadas podem sugerir superficialidade para alguns, por outro lado, ao desconsiderá-las, isso nos aproximaria de tendências positivistas centradas em ciências estanques e pouco relacionadas entre si. Essa última possibilidade foi peremptoriamente

marcante para a decisão de se reconhecer as vantagens de abordagens externas à Geografia, sem, entretanto, conferir-lhe um pretenso papel de holismo (sintético) no conhecimento produzido neste estudo.

O aspecto supracitado requer um entendimento: a prioridade dada nesta tese pendeu para tratar dos diferentes aspectos ligados a uma análise de polarização urbana mediada pelo futebol (e influenciada pela mídia) a partir das ciências e correntes com maior lastro científico para fazê-lo. É essa a razão pela qual obras da Comunicação, da História e da Sociologia foram elencadas para compor as discussões e descobertas aqui desenvolvidas. Portanto, não há nenhuma negação ao cabedal geográfico, pois, ao contrário, ele soma contribuições capitais. Tudo isso fica assim dito por Monbeig (2004, p. 278): “Esta interpretação das disciplinas, que apenas reflete a dos fatos, não acarreta uma dissolução de cada uma delas e, embora a ciência geográfica recorra largamente às suas irmãs, conserva seu ponto de vista e seu método”. Adiante, Monbeig (2004, p. 281) endossa essas mesmas ideias e, por conseguinte, advoga em nome desta pesquisa de veio interdisciplinar, quando reconhece que a “[...] demarcação entre os fatos geográficos, sociológicos ou econômicos raramente é fácil, principalmente quando o objeto da pesquisa é um aglomerado urbano; nessas condições, será absurdo exigir que o pesquisador se detenha, diante de fronteiras teóricas e universitárias”.

A combinação de elementos já meritosamente elencados nos estudos de polarização urbana (como distâncias e redes viárias) ao serem combinados com o futebol (número de torcedores dos clubes e o território das torcidas), ganham importância, e essa importância se acentua exatamente por ser diferente dos modelos tradicionais. Portanto, busca-se não uma nova medição para as hinterlândias resultantes dos equipamentos urbanos de Rio e BH na Zona da Mata, mas uma nova maneira de indicá-las, qual seja, por intermédio do futebol. Ao considerar múltiplas “variáveis”, abre-se o leque de possibilidades analíticas e observacionais, constituindo, a um só tempo, fator de opulência na senda metodológica adotada e na contribuição ao saber geográfico.

Quadro 1.1 – Passos metodológicos e respectivos resultados de pesquisa.

Passos metodológicos e Inserção na tese	Resultados obtidos
Apresentar conceitual sobre Regiões à luz das correntes geográficas. Capítulo 1	- Posicionamento do estudo de caso (a Zona da Mata) e da pesquisa como um todo dentro das perspectivas ideológicas da Geografia.
Conhecer e explicitar o território futebolístico (da escala nacional para o contexto da Zona da Mata e de Juiz de Fora): histórico, grupos sociais e territórios envolvidos. Capítulo 2	- Possibilidade de relacionar as estruturas existentes: clubes amadores e profissionais (cidades e grupos envolvidos na criação), campos e estádios (atuais e extintos), espaço na mídia (e torcedores) para o futebol carioca e belo-horizontino etc. com influências dessas cidades na Zona da Mata. - Produção de dados acerca da história dos clubes matenses, suas territorialidades (sedes, estádios etc.), contexto de criação e iconografia (cores, insígnias).
Levantar dados urbanos e futebolísticos nos jornais e arquivos públicos de cidades da Zona da Mata (do fim do século XIX ao início do XX) Capítulo 2	- Conhecimento sobre o desenvolvimento do equipamento urbano das cidades da Mata, os espaços destinados ao futebol, os torneios disputados, cruzar dados da cobertura das ferrovias com a criação dos primeiros clubes de futebol da região e com a realização dos torneios etc.
Apresentar conceituações sobre redes. Capítulo 3	- Evidenciou os nexos entre as seções da tese (cidades e mídias) sob a perspectiva de que os espaços são relacionais e estão em rede: redes de comunicação e de transportes, e redes urbanas.
Apresentar estudos sobre a rede urbana brasileira. Capítulo 3	- Conhecer a dinâmica da rede nacional e nela situar Juiz de Fora e a Zona da Mata em meio às polarizações oriundas de diferentes metrópoles ao longo do tempo.
Mapear a “Fute-polarização”. Capítulo 3	- Relacionar os territórios das torcidas com os territórios das polarizações metropolitanas historicamente desenvolvidas. - Apontar cidades, microrregiões e porções da Mata pendentes para o domínio do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte.
Entrevistar torcedores, (ex) jogadores e jornalistas de meios de comunicação matenses. Capítulos 2 a 5	- Reconhecer possíveis manifestações do clubismo e de influências midiáticas, familiares etc.; espaços (distintos) destinados a quais clubes. - Mapeamento da influência urbana por meio da programação esportiva emanada das rádios da Zona da Mata.
Entrevista com relações-públicas do Cruzeiro Esporte Clube. Capítulos 2 a 5	- Conhecimento e compreensão de estratégias territoriais de um grande clube de futebol para a consecução de torcedores e mercado.

Continua.

Passos metodológicos e Inserção na tese	Resultados obtidos
Apresentar e debater pesquisas de predileção clubística. Capítulos 3 e 4	- Relacionar sobreposições territoriais: onde estão as torcidas com os territórios das polarizações dos estudos acadêmicos e com os territórios das exibições dos jogos via TV. - Mapas acerca da “Fute-polarização” ensejada pelos territórios das torcidas no espaço regional matense.
Realizar breve histórico acerca da mídia esportiva brasileira. Capítulo 4	- Encontrar as origens da maior predileção clubística pelos times do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo na Mata Mineira.
Realizar histórico sobre a mídia da Zona da Mata e avaliar sua programação. Capítulo 4	- Conhecer a evolução do espaço dado ao futebol local, aos times de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, bem como a grade de programação futebolística (das rádios AM) como indicações de influências urbanas.
Monitorar os jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol (edições 2014 e 2015). Capítulo 4	- Conhecer e mapear as regionalizações do território mineiro feitas pela TV Globo. - Comparar as regiões de torcidas com as regiões para onde os jogos são transmitidos (via mapas) enquanto expressão das polarizações urbanas a partir da cidade-sede dos times exibidos.
Discutir conceitos de identidade e identidade territorial. Capítulo 5	- Analisar a construção do mito da mineiridade (identidade mineira) e a exclusão de Juiz de Fora nesse contexto. Comprovar nexos entre a Mata Mineira e Rio de Janeiro e/ou Belo Horizonte por meio da “fute-iconografia” de seus times: o futebol como elo territorial.

Conclusão.

Fonte: organizado pelo autor.

a) Limitações para a consecução desta pesquisa

Os itens supracitados tiveram como propósito a possibilidade de dar uma série de respostas aos questionamentos e às lacunas percebidas em pesquisas anteriores e ideologias já produzidas. Os resultados foram explicitados ao longo da tese, mas a consecução das análises e respostas às problematizações depararam-se com alguns empecilhos.

As pesquisas de natureza interdisciplinar realizadas no seio da Geografia Urbana e que abordam futebol, como já anunciado, são poucas. Como decorrência, os dados, análises etc. específicos da relação geografia-futebol apresentam-se ainda insuficientes. Isso constitui a *primeira limitação*, na medida em que retira a oportunidade de cotejar informações e resultados deste com os de estudos passados.

Uma *segunda limitação* insere-se na questão das pesquisas de opinião sobre predileção por times de futebol. Elas não costumam envolver a rede de cidades da Zona da Mata, havendo somente uma pesquisa abordando todos os seus municípios a um só tempo. Trata-se da iniciativa do GE (2015) de mensurar os torcedores por intermédio do número de curtidas verificadas nas páginas oficiais dos maiores clubes brasileiros de futebol, cujos dados foram divididos por municípios. No geral, a quase ausência de pesquisas acerca da predileção clubística nos municípios da Zona da Mata⁵¹ retira-nos do acompanhamento das séries históricas, que dariam maior sentido à evolução da penetração da metrópole expressa pelo clube que nela tem origem, como meio de reverberar sua influência.

Houve um conjunto de tentativas frustradas de obtenção de dados que formam nossa *terceira limitação*. Solicitações de informações não atendidas e “portas fechadas” deram a tônica em determinadas incursões, restringindo o elenco para análises e comparações, tais como: pacotes de jogos (de times do Rio ou BH) oriundos das TVs fechadas e vendidos para cidades da Mata; e número de torcedores e de viagens para estádios do Rio ou Belo Horizonte.

Ponderando diante de tais limitações, cria-se uma questão subjacente: por que, então, pesquisar? A despeito das dificuldades alardeadas, partimos do princípio de que “alguém deve fazê-lo” e de que havia dados, elementos, características etc. suficientemente disponíveis para a empreitada do estudo. Os dados complementares aos da aferição do número de torcedores por municípios, como o futebol abordado nas rádios da Mata Mineira e os dados monitorados das transmissões dos jogos de futebol pela TV (e a territorialização de Minas Gerais e da Zona da Mata por ela empreendida) serviram como fontes de informações. As entrevistas em profundidade formam mais um componente nesse mesmo sentido, açambarcando o modo como a identidade clubística se forma no torcedor e o posicionamento dos (ex)atletas profissionais, que podem dar seu testemunho acerca do peso do mercado e da TV para o jogador.

⁵¹ Detectamos somente 2 pesquisas, ambas sobre Juiz de Fora, mas que não foram utilizadas, sendo uma pela insuficiência de informações e a outra pela impossibilidade do acesso (fechada nos arquivos do jornal Tribuna de Minas), mesmo com o contato intermediado pelo seu editor de esportes em 2015, Wendel Guiducci.

2. GEOGRAFIA, TERRITÓRIOS E FUTEBOL

*Poucas coisas ocorrem, na América Latina,
que não tenham alguma relação, direta ou indireta, com o futebol.
Festa compartilhada ou compartilhado naufrágio,
o futebol ocupa um espaço importante na realidade latino-americana,
às vezes o lugar mais importante,
ainda que o ignorem os ideólogos que amam a humanidade
e desprezam as pessoas*
(Eduardo Galeano).

As relações entre Geografia e Futebol consideradas neste trabalho primeiramente mostram o pequeno e, às vezes, até pífio papel (quantitativo) das Ciências Humanas na construção dos saberes que envolvem os esportes e, de modo especial, o futebol. Em lado diametralmente oposto estão suas possibilidades de contribuição, o que explica a crescente produção acadêmica acerca dos esportes.

Nesta **seção inicial** a meta é clarear a visão aqui defendida na qual o futebol não é apenas entretenimento, mas também um objeto de análise passível de evidenciar territorialidades, sendo estas produzidas pelo e para o futebol, além de serem consideradas susceptíveis ao emprego empírico e acadêmico.

A **segunda parte do capítulo** atende ao escopo de evidenciar a presença do futebol na sociedade, especialmente na Zona da Mata e em sua principal cidade, Juiz de Fora. As manifestações do/no futebol ocorrem em diferenciadas seções da vida cotidiana, com amplo espectro de alcance de suas ações e realizações, como na expressão de uma contínua modernidade urbana – com suas fábricas, imigrantes, nascentes clubes de futebol, construção de estádios, dentre outros exemplos cabíveis. Justamente pela amplitude de tais exemplos, houve uma delimitação destes na tese sem, contudo, perder a eficácia da demonstração de que o futebol está ombreado com outros objetos de pesquisa tradicionalmente empregados em Geografia. Enfim, a questão é endossar a concretude do futebol: ele existe na sociedade (sim!) e não é hierarquicamente inferior a outras temáticas usualmente estabelecidas nas investidas acadêmicas.

O roteiro exibido acerca do futebol na segunda porção deste capítulo é replicado em seu **epílogo**, ao abordarmos a Zona da Mata e Juiz de Fora, isto é, as origens e manifestações sociais, territoriais e culturais que envolvem o futebol em seus primórdios. À historiografia

regional somamos as questões territoriais e futebolísticas que permearam o desenvolvimento dos primeiros clubes de futebol na Zona da Mata nas décadas iniciais do século XX, no enleio da modernidade, em paralelo ao surgimento e à formação da rede urbana matense.

Em virtude de tratarmos da noção de modernidade amiúde neste capítulo, passaremos à tarefa de delimitá-la temporal e conceitualmente, ainda que em curta apresentação.

a) Modernidade, a era do futebol: brevíssima noção

A modernidade está diretamente relacionada com o futebol. Foi seu **esteio de difusão** em contexto urbano-industrial, *locus* de maior manifestação do capitalismo internacional, por onde operou sua introdução e cuja aceitação presta-se para revelar o perfil cultural e ideológico que cerca a noção de “moderno”.

Para certos autores, existem modernidades (e não “a” modernidade), as quais refletiriam etapas do capitalismo, consoante a exposição de Haesbaert (2002, p. 35). Concordando com Mascarenhas (2001, p. 69), preferimos acreditar que essas etapas da modernização são um único processo, nascido na 2ª metade do século XIX (mas com origens no Iluminismo⁵², século XVIII) e a partir das nações europeias mais avançadas sob a “[...] transição do antigo regime para o capitalismo industrial, apoiado no estado-nação [sic], na conquista ampliada de mercados mundiais e na racionalidade científica, que tende a conectar e 'homogeneizar' as diferentes culturas regionais rumo à sociedade global de base urbana”⁵³.

Desse modo, por ser parte de um projeto imperialista de origem europeia e não só britânica, não nos seduz embrenhar numa análise específica do caso inglês em razão das origens do futebol, até porque a Mata Mineira foi destino mais de imigrantes de outras nacionalidades – como italianos e alemães – do que de ingleses. Embora não divulgado diretamente pelos seus pais bretões, o futebol matense espalhou e foi consolidado regionalmente. Importou-nos, então, mais a ubiquidade que foi ganhando do que perscrutar relações de sua origem. Destarte, os casos em que o futebol foi conhecido fora dos domínios ingleses – todavia conhecido via britânicos – não refutam a experiência da modernidade que carregam.

Giddens (2002, p. 21-28) salienta **características básicas da modernidade**:

⁵² Cf. capítulo 5.

⁵³ Reportar à mesma ideia de um único processo socioeconômico, político e cultural é que está na origem de se considerar a etapa moderna como parte de um movimento maior de globalização iniciando, assim, no século XV. Outras visões podem ser conferidas em Haesbaert (2002, p. 67 e 68).

- i) é aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” (mas o industrialismo não é sua única dimensão institucional), referente às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção;
- ii) o capitalismo é uma outra dimensão da modernidade, envolvendo mercados competitivos e mercantilização da força de trabalho;
- iii) o acelerado ritmo das mudanças, a natureza intrínseca das instituições modernas e a amplitude planetária das transformações, pela crescente interconexão entre diferentes áreas do globo, dão os últimos contornos do perfil da modernidade.

Perry Anderson (1986, p. 2-7) articula 3 ideias acerca da temática em questão: **modernização, modernidade e modernismo.**

- i) Por *modernização* Anderson entende o processo econômico e o uso das técnicas de produção. Defende que a maior preocupação atual não é ampliar as fronteiras espaciais, mas a fronteira das inovações. Cronologicamente, a modernidade ocorre desde a I Revolução Industrial.
- ii) A *modernidade* envolve a experiência individual de se viver nesse mundo de constante inovações. Antes disso, vivia-se sob tradições (do nascer até a morte era o “mesmo mundo”), passando-se a uma fluidez dos valores, ideias etc.
- iii) Anderson admite a noção de *modernismo* como maneira de expressar tal vivência através da arte, da ciência etc., tendendo a uma aceitação de certos valores – como os direitos humanos – e da ideia de progresso. Exatamente como Giddens (2002), afirma que isso é a própria ocidentalização do mundo, ao que Harvey (2006) encara como a aceitação passiva dos mercados. Sob tais perspectivas abre-se o caminho para a crítica do progresso pela via da pós-modernidade, tão assentada no individualismo e na pulverização dos grupos sociais, ideológicos e culturais ou na sua suposta representação perante o mundo. Na ciência suscitou estudos pormenorizados (como aqueles da História das Mentalidades) e de âmbito cultural (como na renovada Geografia Cultural). A concepção unitária e reducionista da modernização como processo econômico passava a ruir.

Na periferia mundial, como a brasileira, a modernização é a meta, mas uma meta seletiva – para poucos (espaços e pessoas). Aos ricos, a modernidade; aos pobres, o seu malogro, arriscaríamos generalizar. A despeito de um processo modernizador efetuado pelas elites e por elas mais vivenciado do que pelos pobres mundo afora, é inegável seu papel revolucionário sobre a esfera do cotidiano em face da apreensão dos ditames globais. Giddens (2002, p. 10 e 13) observou que a vida social moderna é marcada por profundos processos de

reorganização do tempo e do espaço que se associam à expansão de mecanismos de **desencaixe**, isto é, mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombinao-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. Portanto, na dita modernidade *alta* ou *tardia* **a influência dos acontecimentos distantes sobre os eventos próximos e sobre as premissas pessoais são cada vez mais comuns**, o que o autor qualificou como *transferência da intimidade*. Neste particular, Giddens (2002, p. 12) define que a mídia desempenha papel central, interferindo na autoimagem e na organização das relações sociais. Esse “desencaixe” no âmbito da identificação e das relações sociais (família, religião etc.) é rico em relação ao futebol, cujo embate local-global produziu coexistentes formas de torcer influenciadas pela presença das relações sociais e também pela força midiática. Desse modo, as continuidades atuais do padrão moderno instituído desde o século XIX (berço do futebol) delimitaram temáticas aqui desenvolvidas (capítulo 2), isto é, a modernidade é a gestora do futebol, mas este resistiu e sobrevive em sua atual fase *tardia* ou *pós-modernidade*.

O futebol como elemento cultural ocupa papel crucial na implementação desta pesquisa. Esse sentido ganha força com a análise que Iná Castro (2005, p. 288-289) faz da modernidade. “Pelo seu conteúdo de mudança em todas as esferas da vida social, inclusive cultural, o moderno referencia-se necessariamente ao passado como seu oposto. [...]. A tensão entre modernização e tradição é, portanto, latente no processo dinâmico de transformação das sociedades”. O sentido de tradição informa transmitir ou entregar valores, crenças etc. através de gerações, contendo, portanto, forte veio cultural. É perceptível, ainda, independentemente de fazer parte do futebol (ou outra ferramenta analítica) que a demarcação de valores individuais ou compartilhados sempre denotará também uma demarcação política. Por isso, às vezes as identidades territoriais assumem extremismos culturais.

Iná Castro (2005, p. 289-290) conseguiu reunir diferentes nuances sobre a modernidade, abarcando-a com mais propriedade, e, por isso, utilizamos sua conceituação como epílogo desta breve sub-seção. Ela enuncia que a modernidade é um

[...] processo de mudança econômica, social e política pelo qual são superadas estruturas tradicionais, criando novas formas de produção, mecanismos racionais de dominação e novos padrões de comportamento. Do ponto de vista econômico, a modernização envolve expansão e transformação do sistema produtivo mediante a incorporação de inovações técnicas. [...]. Cada inovação pode transformar profundamente a distribuição geográfica da produção, as relações de trabalho e as relações de poder dos agentes no sistema produtivo. Do ponto de vista político, modernização pode significar ampliação da cidadania através da ampliação dos canais de

participação política, aprimoramento das práticas democráticas ou condições de atendimento a demandas para alcançar a justiça social.

Apesar de o conceito acima ser importante, nota-se que Castro teve crença no efeito positivo da modernidade sobre as condições de cidadania, cuja porção de malogro foi esquecida. A modernidade como expressão do homem racional criou a opressão nas fábricas e sua mesma obsessão passada aos esportes por meio da cronometragem⁵⁴. Por isso, “caberia aos pós-modernistas, em consequência, resgatarem a 'vida', a sensibilidade, a liberdade e a imprevisibilidade que haviam sido oprimidas pela modernidade”, afirma Haesbaert (2002, p. 36-37), também sem relativizar a pós-modernidade, que criou um grande pedestal para o individualismo e que, mesmo diante do reconhecimento dos pormenores das identidades vislumbradas em maio de 1968, não refutaram o homem alienado oriundo da modernidade (e ainda tão atual e presente nas sociedades).

Encerrando nossa discussão⁵⁵, por ora nos debruçaremos sobre a presença do futebol na ciência e, depois, nas cidades (primeiro, de um modo geral e, na sequência, nas cidades da Mata). Assim, mostramos as razões de o futebol atravessar e transformar os tempos e os espaços da modernidade, de sobreviver em seu enleio ao mesmo tempo em que, de modo híbrido, adere e também não adere aos desencaixes identitários e territoriais da modernidade tardia.

⁵⁴ De acordo com Benedict Anderson (2009, p. 239), o cronômetro foi inventado em 1761 por John Harrison, que permitiu o cálculo exato das longitudes. Com isso, contatos e explorações ultramarinos foram realizados, bem como os mapeamentos. Antes dele, nos esportes, não havia tempo medido, mas apenas o ranqueamento das posições auferidas nas provas, como se fazia no atletismo.

⁵⁵ Cf. modernidade e pós-modernidade em Harvey (2006) e Haesbaert (2002).

2.1 – FUTEBOL, UM “FREQUÊS” PARA A ACADEMIA (GEOGRÁFICA)

No “futebolês”, a linguagem do futebol, “freguês” é aquele time que frequentemente perde suas partidas e, nesse jogo com a Academia, as goleadas sofridas pelo futebol são históricas. O *status* acadêmico do futebol é ainda tabu ou alvo de desconfiança. A quantidade (e não a qualidade) de produções científicas sobre futebol é muito pequena, inclusive entre os geógrafos. Por isso, este estudo já nasce raro pelo fato de utilizar o futebol como objeto científico na Geografia.

O futebol é uma variável preta de espaço, de potencial para a ciência geográfica, sendo isso que é perseguido mostrar neste estudo, sem, claro, a presunção de avaliar todas as conexões, pois ambos, Geografia e Futebol, são fontes praticamente inesgotáveis para a produção acadêmica. Mesmo com todas as variáveis que oferece à **Academia**, o **futebol foi por ela preterido**. E pior: foi preterido tanto mais no Brasil que no exterior, onde, apesar disso, Ramón Goig (2006, p. 38) delineou um quadro de dificuldade para a inserção do futebol no caso do universo científico espanhol. O futebol ainda é um filão pouco explorado por geógrafos. Além da Geografia, também em outras áreas, como a Sociologia (nas quais o futebol ganhou patamar científico antes de aportar na Geografia), existem críticas agudas sobre a discriminação do esporte e do lazer na Academia – incluindo o futebol –, dentre as quais algumas proferidas por Eric Dunning (2003, p. 19):

1ª) poucos sociólogos foram capazes de entender completamente o significado social de lazer e esporte e, conseqüentemente, os problemas sociológicos que eles apresentam. Entre os geógrafos ocorre(u) o mesmo. Se fosse o inverso, nossas publicações sobre uma leitura societária do espaço a partir dos esportes seriam fartas, mas são pífias no conjunto dos temas geográficos recorrentes como pesquisa;

2ª) lazer e esporte foram negligenciados como objetos de reflexão e pesquisa porque eles são acusados de tender para o “lado negativamente valorizado de um conjunto de dicotomias convencionalmente percebidas e sobrepostas”, tais como aquelas entre “trabalho e lazer, corpo e mente, seriedade e prazer, fenômeno econômico e não econômico, o 'racional' e o 'irracional', 'vida real' e 'fantasia', e o 'útil' e o 'inútil’” (DUNNING, 2003, p. 19);

3ª) o esporte tende a ser percebido como uma esfera trivial e irracional da vida, voltada para o

prazer que envolve “o corpo” em vez de “a mente” e de pouca ou nenhuma utilidade. A frivolidade com a qual o futebol foi tomado nas ciências (também na Geografia) foi responsável pelo seu surgir temporão;

4ª) “Esporte e lazer são reduzidos a termos econômicos e assim desvalorizados como atividades com sua própria significância e significado”. Por isso, não são considerados problemas sociológicos tão importantes quanto aqueles associados aos negócios “necessários” e “sérios” da vida econômica e política (DUNNING, 2003, p. 19). Como contraste a esta última observação de Dunning, nesta pesquisa articulamos o futebol à temática da “identidade”.

As manifestações dos intelectuais e geógrafos seriam tardias, começando nos anos 1970 e com destaque para os geógrafos Jonh Bale, na Inglaterra, e Jean-Pierre Augustin, na França. Bale é autor de diversos artigos e livros, constituindo-se no maior divulgador dessa temática. De acordo com Jean-Christophe Gay (1997 apud MASCARENHAS, 1999a, p. 10), os geógrafos despertaram muito tardiamente para a importância dos esportes.

Em se tratando de Brasil, o **futebol entrou na pauta acadêmica via sociólogos e antropólogos** na transição dos anos 1970 para os 80 – despontado pela dissertação de Simoni Lahud Guedes (1977)⁵⁶ – e aportaria somente na década seguinte entre os geógrafos, cujo destaque atual pode ser creditado, indubitavelmente, a Gilmar Mascarenhas de Jesus, autor de várias obras nessa temática.

No outro lado do campo dos adeptos do futebol estavam intelectuais que, segundo Helal (1990, p. 15), costumavam “[...] encarar o esporte como algo trivial, inconsequente e desprovido de qualquer significado de maior relevância”, mas que privilegiavam os temas referentes “[...] à política, à economia e às relações internacionais”, pois isso sim é que era considerado sério e merecedor de estudo, em detrimento dos temas que se interessavam pelo cotidiano das pessoas. Nesse período (até o início da década de 1990), a produção jornalística e não acadêmica tentou suprir a quase ausência dos pesquisadores. Apesar do viés de sociólogo que Helal, por sê-lo, naturalmente quer transmitir, o fato é que foi exatamente isso também o que houve entre os geógrafos. Vejamos.

Afinal, a superação dos referenciais quantitativos da Geografia Teorética, em nome de uma análise espacial crítica aos sistemas políticos e com o uso do referencial marxista, não levou os geógrafos a estudarem exatamente a política, a economia e as relações

⁵⁶ GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro**: instituição zero. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ, 1977.

internacionais? A Geografia Crítica Marxista conduziu análises que, em muito, privilegiaram explicações macroeconômicas, nas quais cada indivíduo era tratado como mero joguete e mecanismo dos interesses corporativos do sistema capitalista (CAMPOS, 2012, p. 165). Gisela Rio (2012, p. 160), ao analisar o percurso da Geografia Econômica, afirma que “muitas atividades que hoje movem a economia, como os serviços, ainda não eram atinentes a esse campo da geografia”, em detrimento dos ramos considerados diretamente ligados à produção. É somente dentro desse contexto que podemos compreender a afirmativa vinda de Moraes (1994), ao falar sobre o indivíduo comum, após se referenciar em Yves Lacoste⁵⁷, com quem coaduna em reafirmar que o Estado possui uma visão integrada do espaço, dada pela articulação integrada em vários lugares.

Por outro lado, o cidadão comum tem uma visão fracionada do espaço, pois só concebe os lugares abarcados por sua vivência cotidiana, e só esporadicamente possui informações (e mesmo assim truncadas) da realidade de outros lugares. O indivíduo conhece sua rua, seu quarteirão, seu bairro, o local de seu trabalho, os locais de seu lazer, uma localidade visitada numas férias, talvez sua cidade; entretanto, mesmo essa consciência se dá de uma forma parcial. Duas pessoas podem conviver na mesma cidade, concebendo-a de forma diferente, em função de seus interesses e de sua área de ação (um habitante da zona sul de São Paulo pode desconhecer totalmente o que se passa na periferia da zona leste). Por outro lado, o Estado tem uma visão integrada e articulada do espaço, pois age sobre todos os lugares, e isto se transforma numa arma a mais de dominação (MORAES, 1994, p. 116).

Torna-se quase incrédulo a qualquer leitor desse fragmento supor que a Geografia Crítica ou Radical propunha uma análise marxista e que ela seria usada como senda para a promoção da justiça social. Embora os geógrafos radicais se autoproclamem como produtores de uma ciência que visa superar o capitalismo, como diz Antônio Carlos Robert Moraes (1994, p. 115), contradições estão presentes. Já na página seguinte, conforme o trecho transcrito, o mesmo autor deposita uma imensa crença na reificação das entidades e dos indivíduos, incompatíveis com um processo de cidadania e de participação. O próprio Moraes não comungou mais das afirmações⁵⁸ relacionadas ao trecho transcrito feitas há mais de 20 anos! Elas estão aqui apenas a título de análise de certas posturas existentes no processo de

⁵⁷ LACOSTE, Y. *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

⁵⁸ Conversamos sobre isso diretamente em 2004, durante curso do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da USP. Ao contrário do que possa dar a entender, Moraes gostou das observações supracitadas, as quais ele também havia feito antes ainda. Provou ser realmente um homem de ciência ao mostrar-se aberto ao diálogo como requer o mundo acadêmico, declarando-se contrário ao que ele mesmo dissera já há tempos. Foi uma lição de humildade e de conhecimento, bem como um exemplo a ser seguido: podemos e devemos mudar de opinião, pois ser ensimesmado é, de fato, uma prisão (nada) científica.

renovação da Geografia brasileira, no qual o papel de Moraes foi importante, levando-o a ser um dos maiores geógrafos do país.

Voltando ao conteúdo citado, quaisquer que sejam as estratégias montadas, da política e das resistências locais até o megaprojeto empresarial, todas elas têm base individual, realizado por pessoas. O interessante é que Robert Moraes (1994, p. 116), na sequência de seu livro, aceita esta perspectiva e usa uma citação de Yves Lacoste para ratificá-la: “[...] é necessário saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater”. Em *Ideologias Geográficas* (MORAES, 1988, p. 21) é mais claro: “[...] se observa a entrada na Geografia de uma leitura do marxismo que acaba por banir a figura do sujeito do processo real de que trata esta disciplina: a valorização do espaço”. Com isso, colocaria as “[...] questões da consciência, da individualidade e da subjetividade como 'esfera sobredeterminada da superestrutura', isto é, como um universo reativo, explicável externamente por 'causas' econômicas”.

Duncan e Ley (1982, p. 32) são geógrafos que se manifestaram a esse respeito, afirmando que “[...] apesar de os indivíduos talvez não serem livres para transcender seu contexto social, também são os grandes agentes de uma grande força como a ‘lógica do capitalismo’ ou o ‘modo de produção’[...]”. Os autores defendem que a Geografia Radical se utiliza de organismos ou entidades “[...] cujos motores são parecidos, dotados de direção própria e com controle sobre homens e mulheres” e, a partir daí, citam exemplos de entidades reificadas, como: capitalismo, capital, trabalho, formação social, modo de produção, Estado, sociedade, mercado etc. Segundo Duncan e Ley (1982, p. 35), tais expressões representam os todos supraindividuais ativos nas análises dos geógrafos radicais, “[...] enquanto os indivíduos, as partes, são os objetos controlados pelos sujeitos”, isto é, as entidades reificadas.

Essa reificação dos agentes de governo e da economia povoou a produção geográfica de tendência marxista e também de modo geral, já que tal corrente ideológica foi hegemônica após o ocaso da Geografia Teorética. Assim, a Geografia Crítica dominava a cena acadêmica até que nas últimas décadas outras correntes passaram a refletir acerca das lacunas deixadas pelos marxistas, sobretudo aquelas ligadas à cultura, ao comportamento e à percepção dos indivíduos com relação ao espaço e seus agentes produtores (CAMPOS, 2012). Significa que a Geografia Cultural e a Geografia Humanística (ou Geografia da Percepção) entraram no 2º tempo do jogo, sem, no entanto, a Geografia Crítica ser substituída como referencial entre os geógrafos. A coexistência de vários pontos de vista enriqueceu o debate e ainda suscitou as críticas entre os defensores de tendências diferentes.

A ideologia marxista, sendo hegemônica na Geografia e pendente para análises de âmbito econômico, tornou **lento o processo de apreensão de aspectos culturais como objetos de análise**, impingindo ao futebol um papel insignificante, dentre outros filões do saber que eram tão pouco aproveitados.

Apesar de as novas tendências geográficas possibilitarem a incorporação de assuntos cotidianos – o mesmo observou Helal (1990) para o caso da Sociologia do Esporte – abrindo espaço para a redenção da Geografia Cultural brasileira, o fato é que nem assim uma “Geografia dos Esportes” passou a vigorar. Isso pode ser comprovado por intermédio dos dados de Giglio e Spaggiari (2010, p. 309), que mostram, através de um levantamento sobre a produção acadêmica entre 1990 e 2009, a **pífia produção (quantitativa) dos geógrafos** nos programas de pós-graduação *stricto sensu* quando o assunto é *esporte* e, em particular, *futebol*. Nosso passado acadêmico parece ainda bem atual e nos condena (o chavão é verdadeiro, lamentavelmente). Um levantamento em livros e revistas dedicados à Geografia vai encontrar os mesmos raros trabalhos.

Se a Geografia ainda deixa o futebol como assunto de “segunda divisão”, em outros setores acadêmicos houve um percurso diferente. Dessa forma, na Literatura o futebol suscitou adesões, como as de Olavo Bilac e Coelho Neto, mas também opositores, dentre os quais Lima Barreto, para quem o futebol era um estrangeirismo, um modismo passageiro (ledo engano!) e restrito a uma sociedade elitista (outro erro crasso, cuja popularização era impensável para Barreto na transição do século XIX para o XX). O hiato entre a popularização do futebol (por volta dos anos 1920) e a sua incorporação acadêmica, durou até a década de 1980, aproximadamente, quando os antropólogos Roberto DaMatta, Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel lançam o livro *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982). Ao mesmo tempo, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publicou uma coletânea de ensaios, tão importante e diversificada quanto à anterior, organizada por José Carlos Meihy e José Sebastião Witter, com a participação de Robert Levine e Matthews Shirts, dois “brazilianistas”: trata-se de *Futebol e Cultura: coletânea de estudos* (1982)⁵⁹. No ano seguinte, após realizar pesquisas no Brasil, a socióloga norte-americana Janet Lever lançaria *A loucura do futebol* (1983)⁶⁰, deixando ainda mais evidente o desprezo dos intelectuais brasileiros pelo tema. Desse modo, até a década de 1990 “eram raros os estudiosos que observavam o futebol como fenômeno social capaz de ajudá-los a entender

⁵⁹ MEIHY, J. C.; WITTER, S. **Futebol e Cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982, 119 p.

⁶⁰ LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983, 243 p.

e explicar os brasileiros e o Brasil. Assim, apenas na última quadra do século XX o futebol foi incorporado ao mundo acadêmico. E ainda hoje é tido como um tema “emergente” (BARRETO, 2013, p. 12). A partir daí houve uma **sucessão de iniciativas e trabalhos acadêmicos**, que podem ser assim apresentados:

- **lançamentos de revistas e de livros especializadas em esporte e/ou futebol**: por exemplo, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Esporte e Sociedade, Revista Brasileira de Futebol, Revista Brasileira de Futsal e Futebol e Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, dentre outras. A produção de livros sobre esportes e, particularmente, sobre futebol cresceu exponencialmente, muito embora a maioria verse sobre seleções (costumeiramente abordando as Copas do Mundo) e times, seus jogos e seus atletas mais importantes. Contudo, a produção acadêmica também é relevante e crescente, sobretudo a partir da década de 1990.

- **organização de eventos**: a universalidade (diferentes níveis salariais, etários, educacionais etc.) de espectadores do futebol certamente é refletida neste item, uma vez que há participantes de muitas das ciências em congressos que discutem os esportes e o futebol. Por isso, as abordagens vão desde a área educacional/formativa de atletas e técnicos, por exemplo, até às questões de fisiologia, contusões, esquemas táticos etc., incluindo abordagens das ciências humanas, com destaque para sociólogos, historiadores e antropólogos. A produção dos geógrafos é ainda incipiente, mas vem ganhando fôlego. Os profissionais da Educação Física transitam entre tais áreas, de acordo com sua tendência acadêmica, ora com aproximações com as ciências da saúde e ora com as ciências humanas. Em suma, questões relativas à história dos esportes e do futebol, *marketing*, administração dos clubes (de futebol, de voleibol etc.), violência entre torcedores, incorporação do futebol feminino, dentre outros temas, estão presentes na pauta acadêmica.

- **criação de grupos de pesquisas temáticos**, como *Esporte e Cultura*, relacionado com o Núcleo de Sociologia do Futebol (criado em 1990 e, hoje, extinto), sob a coordenação de Maurício Murad, que passou a editar a revista *Pesquisa de Campo* em 1991 (BARRETO, 2013, p. 13); *Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade* (NEPESS), fundado em 2005 e coordenado por Marcos Alvito Pereira de Souza; *Anima: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais*, criado em 1999 na UFRJ e coordenado por Victor Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres; *Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer*, formado em 2006 e também coordenado por Victor Andrade de Melo; *Esporte e Cultura*, criado em 1997 por Ronaldo Helal e Hugo Lovisoló; *Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol*,

formado em 2006, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e coordenado por Josimar Jorge Ventura de Moraes e Túlio Velho Barreto (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 296-297).

Há ainda a oportunidade de se verificar uma síntese da produção sobre futebol e/ou esportes ou ainda interna ao grupo de pesquisa, como a do Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol e Futsal (GEPEFFS), ligado à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Também na USP há o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS), que tem o Museu do Futebol-SP como uma das instituições em parceria. O Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), criou um programa dedicado ao futebol (Rádio UFMG Educativa), o “Óbvio Ululante”. Já o Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tem foco nos estudos interdisciplinares que envolvem a comunicação e o esporte. O Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento (GECUPOM/Futebol), articulado com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), considera o movimento humano como expressão corporal cultural, tendo no jogo de futebol sua principal intervenção e interlocução teórica.

Os grupos/núcleos de pesquisas citados representam exemplos, o que significa que aqueles que estiverem ausentes do elenco supracitado não têm deméritos ou papel secundário.

- **revistas não especializadas**, mas com números especialmente dedicados ao futebol, como o “Dossiê Futebol”, de 1994, da *Revista USP*, cuja justificativa de apresentação foi assim impetrada pelo sociólogo José Carlos Bruni (USP):

Foi pensando na inegável importância do futebol dentro da sociedade brasileira (mas não só) que surgiu a idéia de um dossiê sobre esse tema. Contribuir para uma interpretação crítica do futebol, alicerçada no tipo de conhecimento cultivado no interior da universidade, foi o fio condutor dos textos aqui coligidos, aproveitando a oportunidade aberta com a Copa do Mundo, quando o fenômeno do futebol torna-se mais visível, empolgante e rico do que ordinariamente (BRUNI, 1994, p. 7).

- **artigos**: antes da proliferação dos debates acerca do futebol, e que são facilmente encontrados atualmente, pode-se destacar o ensaio *O futebol no Brasil*, publicado ainda em 1973 por Anatol Rosenfeld, outro estrangeiro, na revista *Argumento*, já extinta.

- **dissertações e teses** envolvendo a “nobre arte”, como alguns se referem ao futebol: caso dos mestrados em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de

Simoni Lahud Guedes (*O futebol brasileiro: instituição zero*, de 1977) e de Ricardo A. B. de Araújo (*Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*, de 1980). Como parâmetro, vale mencionar o levantamento de Giglio e Spaggiari (2010, p. 309): 356 trabalhos (entre mestrados e doutorados) foram produzidos no Brasil, no período de 1990 a 2009, com a temática do futebol. Destes, cerca de 53% se concentraram em apenas 3 áreas: Educação Física (23,31%), Ciências Sociais (19,38%) e História (10,11%); pouco mais de 22% em mais 3 áreas: Letras (7,58%), Administração e Comunicação Social (7,30% cada). A participação da Geografia é modesta: somente 0,84%, ocupando o 14º lugar no *ranking* científico de produção sobre futebol. Dentre as instituições, os destaques globais de produção acadêmica, ficavam em São Paulo (USP, PUC e UNICAMP), com 30,05% da produção nacional; do 4º ao 10º lugar aparecem Universidade Gama Filho, UFRJ, UFRGS, UFMG, UNB, UFSC e UFPR⁶¹ que, em conjunto, detinham 37,63% da produção acadêmica no setor. O terço restante foi produzido por outras 29 instituições de ensino superior.

A Geografia pode e deve fazer uso do futebol como foco de análise. Contudo, é ainda comum a produção de áreas afins à Geografia serem usadas como referenciais. Há cerca de 15 anos, Gilmar Mascarenhas (2002, p. 1) afirmava: “cidade e futebol no Brasil perfazem um pífio encontro no plano intelectual: um jogo de 0 x 0, pobre em lances capitais, mas que promete ‘esquentar’ nos próximos momentos. O panorama geral ainda é incipiente, embora promissor”. A previsão de esquentar estava correta, houve uma maior produção, mas que, de fato, ainda é tépida.

⁶¹ Os respectivos nomes das instituições de ensino são: Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná.

2.2 – SOCIEDADE, TERRITÓRIOS E FUTEBOL

O presente item do capítulo possui duas vertentes bem definidas: na primeira são tratados os destinos do futebol na sociedade – seu crescimento e alcance territorial mundial, sua consolidação no Brasil a partir do contexto urbano moderno, com a influência de escolas, imigrantes e fábricas. Já a segunda parte do capítulo verte para os aspectos territorializantes ligados ao desenvolvimento do futebol, como os estádios e a força do local com a pulverização dos diversos clubes criados no país, especialmente aqueles da Zona da Mata e de Juiz de Fora. Sempre que possível, referenciais do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e da Zona da Mata/Juiz de Fora foram utilizados para compor as duas subseções supramencionadas.

Inicialmente, procurou-se **evidenciar a presença do futebol na sociedade**, existente em diferenciados filões: sociedades, cidades, países, ideologias, dentre tantas manifestações possíveis. Por conta dessa multiplicidade, houve um recorte, com a finalidade de tornar palpável algumas exemplificações, o que não invalida as demais não tratadas neste estudo e que igualmente são formas de o futebol reverberar e influir na sociedade. Música, racismo, literatura, guerras, teatro e cinema, dentre tantos componentes⁶², fazem parte deste universo estendido do futebol para além de um jogo de 90 minutos. As exemplificações aqui adotadas envolvendo o futebol têm dupla finalidade: evidenciar que o futebol é um dado real/concreto e mostrar a **potencialidade de sua utilização por parte da Geografia**. Com isso sustentamos a temática desta tese.

Portanto, pretendeu-se um caminho dedutivo, partindo de uma amplitude de significados do futebol como fato social para, só depois, considerá-lo como “fato espacializante” por meio do caso da Zona da Mata e de Juiz de Fora, assim convergindo para os propósitos geográficos deste estudo. Esta última finalidade encerra o presente capítulo. Para começar esse caminho, a trajetória do surgimento e de expansão do futebol.

⁶² Uma visão do futebol nesses moldes pode ser conhecida através da tese de Sérgio Paz (2009).

2.2.1 - A popularização do futebol e seus contextos: onde, como e a quem chega esse esporte

a) As origens

As origens do futebol são postuladas em vários períodos, com povos e épocas diferentes envolvendo seus primórdios. Assim, o histórico aqui tecido é muito breve e não tem por alvo retomar suas raízes primitivas milenares⁶³, que são até anteriores à Era Cristã. Cronologicamente, nossa preocupação é com os clubes criados e os torcedores amealhados no Brasil moderno, no transitar do século XIX para o XX, fase em que o futebol é introduzido e instituído no país, que passava por transformações urbanas, políticas e socioculturais em torno de sua afirmação como nação.

Vários tipos ou variantes do *futebol primitivo/ancestral* ou *folk football* foram desenvolvidos ao longo do tempo, em diferentes lugares e por diversos povos, como: tribos da América Central e Amazonas há 1500 a.C.; gregos e romanos na Antiguidade; chineses entre 206 a.C. e 220 d.C.; o *soule* francês desde os tempos medievais; o *calcio*⁶⁴ de Florença a partir do século XIII; etc. (GIULIANOTTI, 2010, p. 16). Tais jogos tiveram ainda marcas culturais quanto às disputas: violentas, nos dias religiosos, no campo ou na cidade, entre grupos rivais de cidades vizinhas, dentre outras.

Diante desse quadro, aos esportes e ao futebol foram imputados o poder de desvio de padrões éticos e ideológicos, os quais existem em abundância ao longo da história, a exemplo dos que Mascarenhas (2001, p. 25-31) citou em sua tese, como:

- o imperador romano Teodósio, no ano de 349, portanto já em plena vigência da hegemonia cristã, proibiu a continuidade dos Jogos Olímpicos (que existiam há mais de mil anos!), alegando que o corpo deveria resignar-se aos imperativos da alma;
- repressão aos praticantes do futebol primitivo que, segundo as autoridades policiais, criavam movimentação descontrolada de centenas de homens em luta por uma “pelota”, gestos considerados obscenos, acidentes, mortes, danos à propriedade privada (considerado como o maior dos males), além de desviar das artes da guerra as “energias preciosas da juventude”.

As práticas esportivas e corporais permaneceram desprestigiadas frente ao valor dado à erudição durante todo o medievo, fato que começará a mudar apenas em fins do século XVIII, quando, segundo Mascarenhas (2001, p. 20), o Iluminismo e alguns estudos

⁶³ A história do futebol primitivo é comum em várias obras. Pode ser vista, por exemplo, em Giulianotti (2010) e Mascarenhas (2001), ainda que não sejam trabalhos com este fim.

⁶⁴ Esse termo atravessou os séculos e por ele ainda se designa o futebol na Itália.

medicinais já apontavam os males do sedentarismo e as benesses dos exercícios físicos, além da apreensão dessa ideologia pelas instituições de ensino, incluindo as religiosas, que se tornariam eficientes divulgadoras do futebol.

O chamado *futebol moderno* passa a ser incorporado por diversas escolas inglesas sediadas em diferentes cidades, onde havia uma máxima: “em cada escola ou em cada cidade uma regra”, como em Rugby (o nome já diz tudo!), Cambridge e Harrow. Nesta última, houve a iniciativa de escrever e divulgar suas regras ao mesmo tempo em que fundaram a *Football Association* (FA) Graças a C. W. Alcock, aluno veterano de Harrow e secretário da FA por 25 anos, o futebol foi disseminado pela Inglaterra, onde, em 1872 houve um torneio entre as escolas públicas (Copa da FA) e o 1º jogo internacional da história, envolvendo Inglaterra e Escócia (WALVIN⁶⁵ apud GIULIANOTTI, 2010, p.19).

Outras datas marcantes para o acontecer do futebol foram (GIULIANOTTI, 2010, p.19-60):

- 1877: codificação das regras do futebol⁶⁶, livrando-se de qualquer inconsistência remanescente;
- 1885: profissionalização do futebol inglês;
- 1888: clubes do norte da Inglaterra organizam a Liga de Futebol e seu 1º campeonato teve sucesso imediato;
- 1889: primeira associação de futebol não inglesa;
- 1904: a Federation International Football Association (FIFA) é fundada por Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça.

A partir da Inglaterra o futebol teve expansão pela Europa⁶⁷, caso da Espanha, onde o campeonato nacional começou em 1903 (GOIG, 2006, p. 44). As relações comerciais internas, com as colônias e com países de outros continentes levaram o futebol a uma projeção mundial em poucas décadas. A influência inglesa, todavia, continuou uma chancela deste esporte, não só pelo pioneirismo, mas também pela força econômica e seu poder no comércio exterior à época.

No Brasil, as localidades onde houve a presença de imigrantes europeus tenderam a

⁶⁵ WALVIN, J. **The people's game**. Edinburgh: Mainstream, 1994, p. 48 e 75.

⁶⁶ Desde a codificação em 1877, há cerca de 150, portanto, poucas alterações ocorreram nas regras do futebol, como a lei do impedimento e as substituições (antes proibidas e, depois, ampliadas para 3 jogadores).

⁶⁷ Contudo, a expansão inicial do futebol transcorreu com certas dificuldades e marcou especialmente o território europeu. Cf. Mascarenhas (2001).

conhecer o futebol mais cedo do que aquelas onde não ocorreu imigração. Empresas e escolas ligadas aos europeus constituíram as grandes desbravadoras dessa então novidade estrangeira no país no início da 20^a centúria. Por isso, o surgimento do futebol no Brasil possui quase que simultaneamente vários pontos de “entrada”, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belém e Salvador. O interior brasileiro também se inscreveu nessa história: imigrantes e escolas estão entre os precursores do futebol, casos de Itu-SP e de Juiz de Fora-MG, que registraram o futebol escolar ainda no século XIX. Além disso, vários estudantes repatriados de escolas da Europa foram cruciais na divulgação do futebol, como em Belo Horizonte.

b) Entendendo e dimensionando a popularização do futebol

O futebol é o esporte mais admirado no Brasil e no mundo, mensurável por meio dos milhões de fiéis espectadores – nos estádios, pelo rádio e pela TV, além das novas mídias, como a internet. A cada evento, sobretudo nas nações onde o futebol é mais popular, a audiência vem crescendo, chegando ao extremo durante as Copas do Mundo. “Cerca de 715,1 milhões de pessoas assistiram à final da Copa do Mundo da FIFA 2006 na Alemanha. O evento de 2010, na África do Sul, foi transmitido a 204 países por 245 canais diferentes. Dentro dos estádios, 3.170.856 espectadores compareceram às 64 partidas” (FIFA, 2013), enquanto que a recente Copa de 2014, no Brasil, contou com um público total de 3.429.873, distribuídos em iguais 64 partidas (FIFA, 2014a).

Quando o assunto é a audiência via TV, a dimensão da admiração do futebol ganha ainda mais relevo, a saber: “a audiência domiciliar da competição alcançou mais de 3,2 bilhões de pessoas, compreendendo 46,4% da população mundial, considerando os telespectadores que acompanharam pelo menos um minuto de cobertura”. Isso representa um aumento de 8% no número de pessoas que assistiram à Copa da Alemanha. “Levando-se em consideração os telespectadores sintonizados na cobertura por pelo menos 20 minutos ininterruptos, o torneio de 2010 alcançou quase um terço da população global, com 2,2 bilhões de telespectadores – um aumento de 3% em relação a 2006”, de acordo com os dados compilados pela *KantarSport* em nome da FIFA (FIFA, 2010).

A última Copa do Mundo com média de público menor que 40 mil espectadores presentes nos estádios foi em 1962, no Chile (27.911). De lá para cá, os picos ocorreram no México – 1970 (média de 50.124), Alemanha – 2006 (52.491) e Estados Unidos da América

(EUA) – 1994 (68.991), o maior público médio da história. Antes de 1962, as copas tiveram público médio na casa dos 20 mil espectadores, excetuando-se a 1ª delas, no Uruguai – 1930 (32.808) e a de 1950, no Brasil (47.511) (FIFA, 2013). Vejamos esses e demais dados correlatos no gráfico a seguir.

Gráfico 2.1 – Média de público nas Copas do Mundo (1930-2010).

Fonte: Baptista; Porto; Spolidori, 2012, s/p.

A Copa de 2014, no Brasil, teve a 2ª maior média da história, 53.592 espectadores. A expansão do futebol é tamanha, que pode ser assim endossada: as Copas do Mundo de Futebol têm mais público do que os Jogos Olímpicos, que congregam dezenas de modalidades esportivas. A FIFA (2014b) conta, hoje, com 209 federações nacionais a ela associadas, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU, 2014) chegou aos 193 membros. Deve-se ter em conta que a FIFA tem perfil mercadológico e expansionista, e não costuma fazer vetos políticos aos seus novos integrantes (FAVERO, 2009, p. 25). Por tal motivo, por exemplo, a Palestina faz parte da FIFA enquanto a ONU ainda não a reconhece plenamente. Para a FIFA, a Grã-Bretanha ou o Reino Unido não existem, mas sim Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, que são representados por federações nacionais, independentes, sem qualquer vínculo uma com a outra.

A popularização do futebol veio no limiar do século XX e daí em diante sofreu rápida expansão fora da Europa, sobretudo na América. Por isso mesmo, realizadas 20 edições da Copa do Mundo, apenas seleções europeias e sul-americanas foram campeãs. Observando os continentes dos países componentes das primeiras Copas no quadro a seguir, temos noção da

grande dispersão espacial do futebol. A Austrália seria a 1ª representante fora da Euro-América no torneio, mas somente em 1974, na Copa da Alemanha.

Quadro 2.1 – Países que disputaram as primeiras 4 Copas do Mundo (1930 a 1950).

Ano e Sede	Países que disputaram a Copa	Países por continente
1930, Uruguai	Uruguai*, Argentina, Brasil, Chile, Bolívia, Peru, Paraguai, México e EUA Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia	América – 9 Europa – 4
1934, Itália	Itália, Áustria**, Tchecoslováquia, Hungria, Suíça, Suécia, Espanha, Alemanha, Holanda, Romênia, Bélgica e França Brasil, Argentina e EUA Egito	Europa*** – 12 América – 3 África – 1
1938, França	França, Suíça, Hungria, Polônia, Noruega, Suécia, Alemanha, Holanda, Romênia, Tchecoslováquia, Itália, Bélgica e Áustria Brasil e Cuba Índias Orientais Neerlandesas (atual Indonésia)	Europa – 12 América – 2 Ásia – 1
1950, Brasil	Brasil, Uruguai, Bolívia, Paraguai, Chile, EUA e México Holanda, Suécia, Inglaterra, Suíça, Espanha, Iugoslávia e Escócia Turquia**** e Índia	América – 7 Europa – 7 Ásia – 2

Fonte: Organizado pelo autor a partir de FIFA, 2013.

* A 1ª Copa comemorou o centenário de independência dos países americanos. Por isso, o Uruguai foi a sede escolhida. A longa viagem e comunicados para participação em cima da hora diminuíram a participação europeia. Por conta dessas ausências, o Uruguai boicotou a Copa de 1934, a única sem contar com o campeão da edição anterior.

** A Áustria, ao ser invadida pelos nazistas, não compareceu a um jogo da Copa de 1938, configurando o único WO (“walkover” ou “whitout opponent”) da história dos mundiais de futebol.

*** “A Espanha já sofria com a guerra civil e não pôde viajar até a vizinha França” (BAPTISTA; PORTO; SPOLIDORI, 2012, s/p.). Assim, o torneio passou de 16 para 15 participantes.

**** Atualmente, a Turquia disputa as seletivas europeias (e não asiáticas) para a Copa do Mundo. Outro país que “mudou de continente” na peculiar geografia da FIFA foi a Austrália, que passou a disputar as eliminatórias asiáticas (para a Copa de 2014) e não mais entre os países da Oceania.

Além dessa expansão verificada, lembremo-nos que as regras do futebol existem desde 1863 (via *Football Association*) e codificadas em 1877, enquanto a FIFA surgiu em 1904. Entre os países, as maiores organizações supranacionais foram criadas comumente em momentos de crises no decorrer do século XX. Além da perenidade das regras⁶⁸, o futebol também se popularizou devido ao conagraçamento de variados tipos físicos, algo mais difícil de ocorrer nos demais esportes que gozam de popularidade, como vôlei e basquete, nos quais a boa estatura qualifica para o jogo. O futebol é, peremptoriamente, um esporte “darwinista”,

⁶⁸ A lei do impedimento, por exemplo, sofreu somente 2 alterações ao longo da história do futebol: em 1866 e em 1925 (TOLEDO, 2000, p. 70).

valendo-se de amplo espectro de adaptabilidade.

O **futebol tornou-se um grande fato social**. Impregnou as comunicações em todos os continentes e é o **esporte preferido** das pessoas em escala mundial, ainda que em certos países não seja assim, caso da Índia, Japão, Cuba, Vietnã, Canadá, África do Sul, Estados Unidos e Venezuela, entre outros. O gosto ou a paixão por um esporte não é inato, “não existe naturalmente em nosso ‘sangue’, como pode supor o senso comum. Ele existe na coletividade, em nosso meio social que nos transmite esse sentimento da mesma forma que a escola nos ensina a ler e escrever” (HELAL, 1990, p. 13). Apesar de não ser o esporte predileto dos cubanos e não ser “socialmente aprendido” como é aqui no Brasil, o futebol é capaz de gerar fatos cotidianos inusitados e mostrar sua penetração internacional, como o da foto seguinte, que retrata uma “pelada” em Havana (que tem cerca de 2 milhões de habitantes!), em plena rua da parte velha da cidade, onde um garoto usa a camisa justamente da Seleção Brasileira e se prepara para receber o passe.

Foto 2.1 – “Pelada” em uma rua de Havana (Velha), Cuba (2013).

Fonte: o autor, 2013.

Alguém pode questionar: “qual a importância de alguns garotos jogarem uma 'pelada' em um país distante?” Autores como DaMatta (1982) e Helal (1990) se preocuparam em mostrar as diferenças entre *play* (brincadeira), *game* (jogo) e *sport* (esporte), trazendo embutida a tradição dos ingleses nos esportes. A brincadeira é uma atividade *per se*, que não tem sentido além ou fora de si, mas que é responsável por proporcionar prazer e diversão. Já os jogos, como uma pelada, apresentam certas regras, que estão ausentes nas brincadeiras.

Contudo, os jogos não competitivos podem prescindir de entidades organizadoras, de algumas regras (lei do impedimento, tamanho oficial do campo de jogo, presença de árbitros etc.). A importância disso? Os jogos são desprovidos da obsessão que o futebol e os demais esportes de competição têm com a eficácia, com o cumprimento das regras etc. Aí está o prazer que uma “pelada” proporciona, sendo também parte das razões de sua popularidade e o nome destinado aos seus praticantes diz muito: são os *amadores*. Isso mostra que o futuro da expansão do futebol em países onde, atualmente, não é o esporte nacional predileto está, até possivelmente, a caminho. Afinal, no Brasil, foi o futebol de várzea o grande ponto de apoio para seu crescimento e popularização um século atrás. O gosto pelo futebol – vindo de amadores ou profissionais – é transmitido como uma projeção de determinado país: por isso, o Estádio do Maracanã está localizado (também) no Panamá.

Foto 2.2 – Maracanã da Cidade do Panamá: uma projeção do Brasil via futebol.

Fonte: o autor, 2015.

Nos países onde o **futebol** é uma paixão, por outro lado, é comum ele se misturar aos **sentimentos nacionais** de autodeterminação, orgulho, sofrimento, dentre outros. Vejamos o caso do Uruguai, na exposição de Eduardo Galeano (2000, p. 119-120), apresentando traços convergentes para com os brasileiros e muitas outras nacionalidades:

Nos países do Sul, não sobram, por certo, espaços onde possam afirmar sua identidade, condenados que estão à imitação dos modos de vida impostos como modelos de consumo de massa, em escala universal. Desaparecida a indústria nacional, esquecidos os projetos de desenvolvimento autônomo, desmantelado o Estado, abolidos os símbolos que encarnavam a soberania, os subúrbios do mundo têm poucas oportunidades de exercer o orgulho de

existir e o direito de ser.

Talvez, por isso, o futebol ocupe um lugar tão importante em nossa realidade de carne e osso, às vezes, o mais importante dos lugares, ainda que o ignorem os ideólogos que amam a humanidade mesmo desprezando as pessoas. Uma prova: poucas coisas ocorrem, na América Latina, que não tenha alguma relação direta ou indireta com o futebol.

A cidade de Montevideu ofereceu 150 empregos para a coleta de lixo. Apresentaram-se 26.748 jovens. Para receber essa multidão, não houve outro remédio a não ser realizar o sorteio dos postos de emprego no estádio onde o Uruguai havia ganho o primeiro Campeonato do Mundo, em 1930 [...]. O Centenário, símbolo da felicidade nacional, converteu-se em albergue da angústia coletiva. [...] E enquanto isso ocorria em Montevideu, em Lima, tombavam metralhados os guerrilheiros que haviam ocupado a embaixada do Japão. Quando o comando invadiu a embaixada e, num relâmpago, perpetrado sua espetacular carnificina, os guerrilheiros estavam jogando futebol.

A popularização do futebol no Brasil contou com o envolvimento de jornalistas, escritores e intelectuais, como Mário Filho (*O negro no futebol brasileiro*, de 1964⁶⁹) e seu irmão Nelson Rodrigues (*A pátria de chuteiras*, 2013⁷⁰), vários cronistas e modernistas, além de escritores de gerações mais jovens que o abordaram. Nesse time ainda estão escalados Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto, Vinícius de Moraes, Moacyr Scliar, João Ubaldo Ribeiro, Luís Fernando Veríssimo, Graciliano Ramos, João do Rio, Alcântara Machado, Monteiro Lobato, Paulo Mendes Campos, dentre outras memoráveis trocas de passes entre futebol e literatura. Antes mesmo dos modernistas, Helal (1990, p. 39) relata o poema escrito pela poetisa Ana Amélia em homenagem a Marcos de Mendonça, natural de Cataguases, o 1º goleiro da Seleção Brasileira e tricampeão carioca pelo Fluminense (1917-1919), com quem se esposou. Mendonça serviu ainda a uma discussão da eficácia dos futebolistas nacionais frente aos estrangeiros, pois disputou a vaga na Seleção com um goleiro europeu naturalizado que atuava no país. O poema é uma das primeiras

⁶⁹ O livro, original de 1947, reúne em 3 partes a história paralela entre o negro e o futebol no Brasil. Na 1ª (até 1910), o futebol ficou restrito aos mais ricos e aos seus clubes. A 2ª parte, anos 10 e 20, marca a aproximação entre o futebol e as demais classes sociais, ao mesmo tempo em que se buscou apartar dele os pobres e negros. A última das partes, a partir da década de 1930, marca a “ascensão social do negro”, referência de Mário Filho a uma (enfim) concretização da participação dos negros no futebol (profissional). A obra reflete a discussão e descobrimento internos ao país acerca de suas origens, formações e (falta de) identidade, da qual participaram nomes de peso como Monbeig, Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Hollanda.

⁷⁰ Este livro é composto por 40 crônicas escritas entre as décadas de 1950 e 70. Tornou-se célebre pela até então inusitada forma de se conhecer a sociedade brasileira através do futebol, impetrada por Nelson Rodrigues. Sua obra denunciou o “complexo de vira-latas” do brasileiro, mas também foi, de modo indisfarçável, crédula e otimista quanto ao nosso povo, respaldada pelas conquistas das Copas do Mundo (1958, 62 e 70) e ainda pelas glórias fora do gramado, como o triunfo no Festival de Cannes de 1962, com o filme *O pagador de promessas*. “Para quem soubesse ver nas entrelinhas da vitória, a Jules Rimet anunciava também várias coisas, inclusive – seriamente – o triunfo d’*O pagador de promessas* [...]”. Nelson Rodrigues vaticinou: “É uma relação nítida, taxativa, e eu quase dizia: – é uma cínica relação. *O pagador* ganhou em Cannes porque o escrete ganhou na Suécia. E digo mais: – o escrete vai ganhar no Chile porque *O pagador* ganhou no festival” (RODRIGUES, 2013, p. 132-133).

manifestações femininas quanto ao futebol. Vê-se, por esse exemplo, que o futebol acompanha desde cedo a sociedade brasileira, pródiga em dedicações de afeto pelo esporte e seus atletas.

Ao longo do século XX, o futebol ganhou praticamente todo o território brasileiro. Tornou-se quase que ubíquo, mas isso não o deixou equilibrado entre as regiões enquanto manifestação de poderio econômico-político e sociocultural. Não só no Brasil. Também nos demais lugares do mundo onde o futebol chegou.

Mapas 2.1 e 2.2 – A expressiva territorialidade ligada ao futebol no Brasil (2006): Estádios ou ginásios poliesportivos (por município).
ou ginásios; Clubes e associações recreativas (por município).

Fonte: IBGE, 2010, p. 180.

c) Formação de um mercado global do futebol e a questão da identidade com os clubes em xaque: divisão do trabalho e produção/circulação alienígenas sobre os territórios

Como atividade de múltiplos significados (político, econômico, cultural etc.), o futebol perpassa a visão da divisão do trabalho ao mesmo tempo que a compõe. A força da racionalidade econômica distribui atividade produtivas e títulos de campeonatos de futebol. A própria força do futebol e dos esportes em geral, enquanto máquina lucrativa, fazem produzir bens e territórios para sua existência; fazem circular fãs, trabalhadores e mensagens midiáticas. Com esse aparato somado ao aparato que carrega, o futebol tem grande vigor

econômico, mas também simbólico. As torcidas oscilam em adeptos ao longo do tempo, criando equipes de maior ou menor popularidade, de maior ou menor alcance territorial, segundo sua inserção mercadológica. É este o sentido dado ao torcer para equipes locais, como Tombense, Tupi, Ribeiro Junqueira, Ipiranga ou Nacional, influentes respectivamente em Tombos, Juiz de Fora, Leopoldina, Manhuaçu e Muriaé, na Zona da Mata. Em escala estadual tais equipes não têm a representatividade de Cruzeiro e Atlético que, por sua vez, não se comparam numericamente aos adeptos de Flamengo, Vasco, Corinthians e São Paulo. Como essas, as agremiações mais populares de países periféricos ao sistema capitalista, como River e Boca, da Argentina, ou América e Tigres, do México, nem de longe estão ombreadas com a força de penetração econômica e arrebatadora de fãs de um Barcelona ou Real Madrid, por exemplo. Aspectos como esses explicam a valorização das equipes europeias em vencer o campeonato europeu, a *Champions*, e não o Mundial Interclubes. No primeiro caso, disputam com as mais midiáticas e afortunadas agremiações do mundo⁷¹, ao passo que no Mundial se deparam com a “segunda divisão (capitalista) do futebol”.

Neste “futebolístico Davi contra Golias” em todos os territórios e escalas, é compreensível e assinalável analisar a divisão do trabalho, as disparidades socioeconômicas, as adesões de torcidas sob a interlocução midiática e econômica (capítulo 4), a força polarizadora das diversas cidades e suas hierarquias urbanas (capítulo 3) etc. Em suma, há muito de teor geográfico no futebol. Vejamos o quanto a seguir, mas não sem antes lançarmos luz aos conceitos de Milton Santos (SANTOS, SILVEIRA, 2002)⁷².

– Conceitos de Milton Santos que auxiliam no entendimento das relações Geografia-Futebol

Sob inspiração do marxismo, que trata da *produção necessária*, ou seja, a produção cuja presença implica em ganhos de bem-estar para as populações, ao contrário daquela voltada para espaços distantes (alienígenas). A esta última Milton Santos (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 297) denominou *produção desnecessária* ou *produção alienígena*. Ela acarreta um ônus social, desnecessário. Além disso, percebeu Santos que a uma produção não

⁷¹ Nesta obra, *clube midiático* é entendido como aquele que reúne atratividades quanto ao aspecto mercadológico, isto é: grandes patrocinadores (corporações fortes, grupos nacionais e transnacionais); apresenta penetração em (quase) todo o Brasil e até no exterior; tem muitos jogos transmitidos via emissoras de televisão e outras mídias; etc. Este item pode ser ilustrado pela pública torcida dos ex-presidentes das TVs Globo e Bandeirantes, Roberto Marinho e João Jorge Saad, por Flamengo e Corinthians, respectivamente.

⁷² Obra em parceria com Maria Laura Silveira. Contudo, o livro reflete a produção acadêmica histórica de Santos. Por essa razão, demos o crédito somente ao professor Milton Santos.

voltada para o local/regional estava associada uma *circulação desnecessária* ou *intercâmbio desnecessário*. Dessa forma, “[...] o estabelecimento de infra-estruturas de custo pesado e a mobilização de veículos e serviços para assegurar tal circulação e tal intercâmbio, quando não coincidem sobre o bem-estar da população, constituem uma carga para a sociedade como um todo [...]” (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 298)⁷³. O termo “alienígena” foi usado por Milton Santos (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 300) para designar a situação na qual boa parte da produção que os espaços realizam destinar-se ao consumo em outros lugares, tanto no país como no exterior, constituindo os *espaços alienados*. Destarte, importantes porções dos insumos intelectuais, financeiros, técnicos e políticos têm origem externa à área de produção direta, uma origem frequentemente distante.

Nota-se aí outro encadeamento: à circulação desnecessária sucederia também uma ampliação do domínio de um espaço sobre outros, aprofundando a divisão do trabalho ao mesmo tempo em que acentua as disparidades sociais das populações submetidas a tal lógica capitalista. Numa perspectiva que se estreita com a desta pesquisa, na qual o futebol é parte dessa esfera de dominação, Milton Santos (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 299, grifo nosso) conclui: “O resultado já sabido é que, a partir de sua origem exógena, as frações do território assim atingidas acabam por manifestar uma verdadeira *crise de identidade*”. Portanto, com base nessa “ampliação dos contextos” gerada pela base produtiva, o uso diferenciado do território provoca seu uso hierárquico, conformando os *espaços luminosos/comandantes* e os *espaços opacos/dominados*. Em termos futebolísticos, isso se traduz pelo torcer pelos times mais midiáticos e permanecer participativo no futebol amador (ou mesmo profissional) local e regional. Como admitiu o próprio Milton Santos (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 103), “existem contudo, modos de resistência à homogeneização dessa psicosfera, fundados em formas regionais de viver e de fazer convivendo com os novos padrões de comportamento e de gosto, típicos da globalização”.

Em outro livro, Santos (2004, p. 256) analisa a modernidade (tardia)/globalização sob o nome de “período técnico-científico-informacional”, para o qual cunhou as noções de *tecnosfera* e *psicosfera*.

O meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência, condiciona os novos comportamentos humanos, e estes, por sua vez, aceleram a necessidade da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional de novos automatismos sociais. Tecnosfera e psicosfera são os dois pilares com os quais o meio científico-técnico introduz a

⁷³ Omitimos o nome de Silveira durante o texto, pois tratamos de concepções elaboradas por Santos ao longo de sua carreira, ainda que María Laura Silveira seja coautora da obra de 2002 citada.

racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade, no próprio conteúdo do território.

Após os esclarecimentos acerca das concepções elaboradas por Milton Santos (2002; 2004), passemos a averiguar o teor geográfico presente no futebol, sem olvidar das noções apresentadas há pouco que servem justamente ao papel de conectar Geografia e Futebol.

➤ **Considerações sobre as relações Geografia-Futebol**

Que ninguém se engane: a expansão territorial do futebol também contou com as suas “frentes pioneiras”. Uma delas ocorreu nos anos 1970, com a chegada de João Havelange à FIFA, dando início à implantação da política de aumento da influência, da prática e da comercialização do futebol por todas as partes do planeta. Grandes clubes europeus (como o inglês Manchester United e o espanhol Real Madrid) passaram a realizar, no verão do Hemisfério Norte (período de recesso entre uma temporada e outra dos campeonatos dos seus países), turnês rumo à Ásia, buscando angariar além de torcedores, dividendos. No atual mercado asiático futebolístico, destacam-se os mercados chinês e japonês (ELIOMAR FILHO, 2007, p. 17). A **divisão do trabalho** em nível mundial está **profundamente presente e em crescimento no futebol**. É isso que está posto em discussão a seguir.

A China é um destino mais recente, para onde começam a ir técnicos (Cuca, Mano e Luxemburgo) e jogadores oriundos do Brasil e do exterior. O Japão é um destino mais antigo na Ásia, com destacado papel de desenvolvimento do futebol alavancado por brasileiros, dentre os quais Zico, que pode ser considerado como uma espécie de “bandeirante da bola”. Além disso, o Japão e a Coreia do Sul sediaram a Copa do Mundo de 2002. A Coreia do Sul também é outro mercado futebolístico asiático cujo contato com jogadores de outras nacionalidades vem surtindo efeito: os sul-coreanos estão ficando comumente classificados para as Copas do Mundo, assim como o Japão. A China, por outro lado, ainda não atingiu tal patamar. Similarmente à China, é o caso estadunidense. Atletas de renome global estão voltando a disputar a *Major Soccer League* (MSL), como era comum nos anos 1980, quando Pelé, Beckenbauer e Johan Cruyff estiveram por lá. Agora é a vez de David Beckham, Kaká, Frank Lampard e Thierry Henry. A média de público saltou de 16 mil (em 2007) para 22 mil (2013), contra 13 mil na Série A do Campeonato Brasileiro. A organização fora de campo tem seus méritos, afirma Barbosa (s/d, s/p): o modelo de gestão da MSL repassa de maneira igualitária entre os clubes os patrocínios globais, os direitos de TV e o controle da receita. Atualmente, as 19 franquias recebem um valor de cerca de US\$ 103 milhões (R\$ 249,5

milhões), enquanto no Brasil a estratégia é inversa: a *TV Globo* paga cotas diferenciadas, com forte pendência para Flamengo e Corinthians⁷⁴.

Com o crescimento econômico alcançado pelos países do Extremo Oriente desde meados do século XX, a Ásia passou a ser um local propício à expansão comercial do futebol-entretenimento. O futebol, como esporte mais propagado e praticado em todo o planeta, inicia a ampliação do seu mercado de negócios para essa região que, historicamente, não possui grande tradição futebolística, sobretudo porque, quando da difusão do futebol pelo globo, no século XIX, o leste asiático era regido por governos “fechados” para as novidades ocidentais (ELIOMAR FILHO, 2007, p. 17).

Outro episódio de territorialização do futebol está vinculado a uma gradativa saída de jogadores brasileiros para as equipes mais afortunadas da Europa, na década de 1980. Até então, era uma raridade a transferência para o exterior, como ocorrera com Didi e Evaristo de Macedo (que atuou no Barcelona e Real Madrid, 1957-65). Contudo, em 1980, a venda de Falcão (meio-campista da célebre Seleção Brasileira de 1982) para a Roma, da Itália, marcaria época. Em poucos anos, outros jogadores da Seleção (de 82 e 86) estariam na Itália, como Zico e Edinho (Udinese), Sócrates (Fiorentina), Cerezo (Roma e, depois, Sampdoria), Júnior (Torino), Renato Gaúcho (Roma), Careca (Nápoli, onde fez dupla de com o argentino Maradona)⁷⁵. Além de brasileiros e argentinos, jogadores de outras nacionalidades passaram a fazer parte de um crescente mercado global, agregando outros países, a exemplo de Espanha, França, Portugal, Inglaterra etc. Atualmente, Turquia, China, Emirados Árabes e os ex-países socialistas europeus estão incluídos neste grupo, com relevo para Rússia e Ucrânia. A Índia inicia-se neste processo.

Observando-se os times supracitados, é interessante notar que os jogadores foram para times que não estão entre os mais poderosos (do ponto de vista econômico e midiático). Isso apenas foi possível porque, nos anos 1980, os clubes só poderiam contar com um estrangeiro no elenco, fato que pulverizava as contratações entre mais equipes. Em poucos anos essa lei do estrangeiro único cairia, abrindo caminho para uma concentração dos títulos nacionais e europeus nas mãos das mais poderosas equipes, como o Real Madrid, detentor do inédito décimo triunfo na *Champions League* de 2014, “la decima”, como dizem seus torcedores.

⁷⁴ Sobre esse assunto ver o capítulo 4.

⁷⁵ Foi o astro da Copa de 86 e eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA neste período.

Tabela 2.1 – Campeões da *Champions League* até 2015 (por clubes).

Clube / País	Número de títulos	Última conquista
Real Madri, Espanha	10	2014
Milan, Itália	7	2007
Liverpool, Inglaterra	5	2005
Bayern de Munique, Alemanha	5	2013
Barcelona, Espanha	5	2015
Ajax, Holanda	4	1995
Internazionale, Itália	3	2010
Manchester United, Inglaterra	3	2008
Benfica, Portugal	2	1962
Juventus, Itália	2	1996
Nottingham Forest, Inglaterra	2	1980
Porto, Portugal	2	2004
Celtic, Escócia	1	1967
Hamburgo, Alemanha	1	1983
Marseille, França	1	1993
Steaua de Bucarest, Romênia	1	1986
Chelsea, Inglaterra	1	2012
Aston Villa, Inglaterra	1	1982
Borussia Dortmund, Alemanha	1	1997
Estrela Vermelha, Sérvia	1	1991
Fayenoord, Holanda	1	1970
PSV, Holanda	1	1988

Fonte: União Europeia das Federações Associadas (UEFA), 2015.

Tabela 2.2 – Número de títulos da *Champions League* até 2015 (por países).

País	Campeões	Vice-Campeões
Espanha	15	10
Itália	12	15
Inglaterra	12	6
Alemanha	7	10
Holanda	6	2
Portugal	4	5
França	1	5
Escócia	1	1
Romênia	1	1
Sérvia	1	1

Fonte: UEFA, 2015.

Nesses moldes, é possível analisar também o caso italiano. O poder econômico do norte da Itália, sua região mais próspera desde os prenúncios da industrialização do século XIX, fica evidenciado na próxima tabela, por meio da concentração dos títulos nacionais nas tradicionais cidades industriais de Milão (36 vezes) e Turim (41 vezes). O mesmo ocorre quanto às regiões: o *scudetto*⁷⁶ ficou 49 vezes no Piemonte e 36 na Lombardia, regiões do norte; e apenas 2 vezes na Campania e 1 na Sardenha, regiões do sul italiano, marcadamente agrárias e mais pobres do que as províncias do norte.

Tabela 2.3 – Maiores vencedores do Campeonato Italiano de Futebol até 2013 (por clubes).

Clube	Número de títulos	Última conquista
Juventus	30	2012-2013
Internazionale	18	2009-2010
Milan	18	2010-2011
Torino	11	1975-1976
Roma	3	2000-2001
Fiorentina	2	1968-1969
Napoli	2	1989-1990
Sampdoria	1	1990-1991

Fonte: UEFA, 2015.

Com a recente liberação legal para que os clubes tivessem mais de um estrangeiro no plantel, os clubes com maior poder aquisitivo de toda a Europa passaram a concentrar os melhores atletas e mais títulos, como é visível na Itália, que teve a Roma (2000-2001) como o último time campeão nacional fora da tríade do norte, composta por Juventus, Milan e Internazionale.

Embora o “Brasil-arquipélago” tenha ficado no passado, a integração territorial e econômica produzida nas últimas décadas e aliada a uma organização planetária da produção e da circulação, inscreveram o Brasil na globalização e na divisão do trabalho. O reflexo de tudo isso no futebol brasileiro? Reproduzimos aqui o mesmo efeito verificado na Itália. Tal situação pode ser comprovada por meio deste exemplo: desde a adoção do Campeonato Brasileiro por pontos corridos, em 2003, o torneio teve apenas três títulos fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, e todos com o Cruzeiro (2003, 2013 e 2014).

⁷⁶ *Scudetto* é o nome dado à conquista do Campeonato Italiano de Futebol, pois a equipe campeã, desde 1924-1925, tem direito a estampar um pequeno brasão de armas com as cores tricolores da bandeira italiana em suas camisas na temporada seguinte.

Tabela 2.4 – Campeões brasileiros de futebol⁷⁷ e seus estados de origem (1959-2015).

Estado e clubes vencedores	Número e ano das conquistas	Última conquista
SÃO PAULO	29	2011
Santos	8 (1961, 62, 63, 64, 65, 68, 2002 e 04)	2004
Palmeiras	8 (1960, 67, 67*, 69, 1972, 73, 1993 e 94)	1994
São Paulo	6 (1977, 1986, 1991, 2006, 07 e 08)	2008
Corinthians	5 (1990, 98, 99, 2005, 11 e 15)	2015
Guarani	1 (1978)	1978
RIO DE JANEIRO	15	2012
Flamengo	5 (1980, 1982, 1983, 1987 e 2009)	2009
Vasco	4 (1974, 1989, 1997 e 2000)	2000
Fluminense	4 (1970, 1984, 2010 e 2012)	2012
Botafogo	2 (1968 e 1995)	1995
RIO GRANDE DO SUL	5	1996
Internacional	3 (1975, 1976 e 1979)	1979
Grêmio	2 (1981 e 1996)	1996
MINAS GERAIS	5	2014
Cruzeiro	4 (1966, 2003, 2013 e 2014)	2014
Atlético	1 (1971)	1971
BAHIA	2	1988
Bahia	2 (1959 e 1988)	1988
PARANÁ	2	2001
Coritiba	1 (1985)	1985
Atlético	1 (2001)	2001
PERNAMBUCO	1	1987
Sport	1 (1987)**	1987

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol (CBF), 2015.

* Em 1967, o Palmeiras venceu a Taça Brasil e a Taça de Prata, as competições de caráter nacional à época.

** Sport e Flamengo têm uma briga para serem legitimados como campeões de 87. O Flamengo se negou a jogar a decisão contra o Sport como previa o regulamento, alegando que o Sport estava em divisão inferior.

Outra avaliação comparativa, envolvendo quaisquer outros períodos e competições, vai também apresentar a concentração de títulos nos estados de maior envergadura econômica do país, tal qual na Itália e na Espanha, dentre muitos exemplos cabíveis. Além disso, os clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro tinham regalias constantes no regulamento, como na

⁷⁷ O Campeonato Brasileiro de Futebol foi instituído em 1971 pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Os campeonatos ocorridos entre 1959 e 1970, chamados de *Taça Brasil* (1959-1968) e *Torneio Roberto Gomes Pedrosa*, ou *Taça de Prata* (1967-1970), foram reconhecidos como autênticos campeonatos brasileiros, como os de 1971 em diante (GE, 2010). Todos os títulos foram igualados e legitimados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em dezembro de 2010.

Taça Brasil⁷⁸. A tabela seguinte não deixa dúvida quanto à manifestação da racionalidade econômica presente no futebol brasileiro.

Tabela 2.5 – Times brasileiros campeões da Taça Libertadores da América e seus estados de origem (1960-2015).

Estado e clubes vencedores	Número e ano das conquistas	Última conquista
SÃO PAULO	8	2012
Santos	3 (1962, 1963 e 2011)	2011
São Paulo	3 (1992, 1993 e 2005)	2005
Palmeiras	1 (1999)	1999
Corinthians	1 (2012)	2012
RIO GRANDE DO SUL	4	2010
Grêmio	2 (1983 e 1995)	1995
Internacional	2 (2006 e 2010)	2010
MINAS GERAIS	3	2013
Cruzeiro	2 (1976 e 1997)	1997
Atlético	1 (2013)	2013
RIO DE JANEIRO	2	1998
Flamengo	1 (1981)	1981
Vasco	1 (1998)	1998

Fonte: Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), 2015.

Na Espanha, a bipolaridade econômica e futebolística de Madri (via Real Madrid) e de Barcelona (clubes homônimos) é ainda mais evidente do que aquelas apresentadas na Itália e no Brasil. Em decorrência desse dualismo espanhol, as recentes discrepâncias nos valores pagos aos clubes pela *TV Globo*, vêm sendo duramente criticadas. Tem havido uma concentração marcante nas cotas recebidas por Flamengo e Corinthians, os clubes mais midiáticos do país. Assim, teme-se pelo fenômeno de uma possível futura bipolarização em nosso futebol, que foi denominada de *espanholização do futebol brasileiro*. Levando em conta a divisão de direitos de TV da temporada 2013/14, Real Madrid e Barcelona receberam €140 milhões cada um, valores muito além dos auferidos pelos demais times⁷⁹ (LOBO, s/d, s/p).

⁷⁸ A competição tinha um representante (o time campeão) por estado e os jogos eram regionalizados, com grupos formados pela proximidade geográfica, mas os campeões paulista e carioca tinham o privilégio de entrar em fases mais avançadas (quartas de final e semifinal). O mesmo direito era conferido ao vencedor da edição anterior. Na Taça Brasil de 1959 (a 1ª edição), fizeram parte apenas 15 campeões estaduais, pois os outros possíveis integrantes – oriundos de/do AM, PI, AC, MA, SE, MT, GO, AP e RO (onde os campeonatos estaduais já existiam nesse período) foram ignorados. São Paulo foi o único estado com 2 clubes representantes, Santos e São Paulo. O Santos fez a final com o Bahia, mas sem lograr êxito (GE, 2010).

⁷⁹ O Valência está em um 2º escalão na distribuição e recebeu €48 milhões. O Atlético de Madrid vem em seguida, com €42 milhões, depois um grupo de três times com €32 milhões e vai diminuindo até o último grupo, que recebe €18 milhões (LOBO, s/d, s/p).

Tabela 2.6 – Valores pagos (em milhões de reais) pela TV Globo aos times para a transmissão do Campeonato Brasileiro (2009-2016).

Período	Times	Cotas	Variação sobre o período anterior (milhões de reais e %)
2009 a 2011	Flamengo, São Paulo, Palmeiras, Vasco e Corinthians	25	-
	Santos	18	-
	Grêmio, Internacional, Fluminense, Botafogo, Cruzeiro e Atlético-MG	16	-
	Outros integrantes do Clube dos 13	13	-
2012 a 2015	Flamengo e Corinthians	110	+ 85 ou 340 %
	São Paulo	80	+ 55 ou 220 %
	Vasco e Palmeiras	70	+ 45 ou 180 %
	Santos	60	+ 42 ou 233 %
	Grêmio, Internacional, Fluminense, Botafogo, Atlético-MG e Cruzeiro	45	+ 29 ou 181 %
	Outros integrantes do Clube dos 13	27	+ 14 ou 107 %
2016	Flamengo e Corinthians	170	+ 60 ou 54 %
	São Paulo	110	+ 30 ou 37 %
	Vasco e Palmeiras	100	+ 30 ou 42 %
	Santos	80	+ 20 ou 33 %
	Grêmio, Internacional, Fluminense, Botafogo, Cruzeiro e Atlético-MG,	60	+ 15 ou 33 %
	Outros integrantes do Clube dos 13	35	+ 8 ou 29 %

Fonte: Zirpoli, 2013, s/p.

Aquela geração de jogadores brasileiros dos anos 1980 que foi atuar na Europa fez do país um contínuo emissor de mão/pé de obra futebolística, quando os passes eram ainda bem menos valorizados do que atualmente. Os jogadores eram nossas “matérias-primas” disponíveis no mercado internacional comandado pelas nações e corporações mais poderosas (FAVERO, 2009). Com os jogadores ocorria (e ainda ocorre) o mesmo que com os produtos primários: são oriundos de países pobres e com baixos valores agregados. Contudo, quando os jogadores são vendidos entre grandes clubes internacionais e quando os produtos são transformados por grandes corporações transnacionais os valores são multiplicados. Tal **intercâmbio desigual** conta com uma eufemista lei que o combate, pois “caberá à entidade de prática desportiva cessionária do atleta reter do valor a ser pago à entidade de prática desportiva cedente 5% (cinco por cento) do valor acordado para a transferência, distribuindo-os às entidades de prática desportiva que contribuíram para a formação do atleta” (Lei 12.395/2011, Art. 29). As desigualdades, contudo, permanecem.

A venda de Falcão para a Roma, em 1980, foi emblemática para todo o futebol do Brasil⁸⁰, pois até então era comum a permanência dos jogadores em seus clubes de formação por vários anos, criando uma grande identificação com o clube e sua torcida, a exemplo de Falcão com o Internacional (onde jogou de 1973 a 1980), Zico com o Flamengo, e, claro, Pelé com o Santos. Éder (Informação verbal, 2015) expressou sua identificação clubística quando o entrevistamos, mostrando a perenidade dos nexos no futebol: “Eu cheguei à Seleção jogando pelo Grêmio, depois pelo Atlético [Mineiro] onde joguei por 10 anos. Eu tenho uma identificação grande com o Atlético. É o meu time do coração [...]”.

O mercado futebolístico pondo em xeque as identificações territoriais

Tal permanência nos clubes também ajudava a formar uma identidade com o selecionado brasileiro, pois antes o torcedor via o jogador do “seu clube” em ação e, agora, vê um grupo de jogadores “estrangeiros” (nome dado aos atletas que atuam fora do Brasil). Alguns deles saem tão precocemente que não são bem conhecidos no clube e na cidade de origem (como Hulk e David Luiz, que atuaram na Copa de 2014), muito diferente daquilo que os grandes jogadores estavam habituados até os anos 1970. Foi assim que Luís Fernando Veríssimo, escritor e torcedor colorado (do Internacional), exaltou o craque do seu time no *site* do clube (S. C. INTERNACIONAL, s/d): “Dizem que um jogador sozinho não ganha um campeonato. Mas o Falcão de 79 seria vice com certeza”. Além disso, o jogador ajudou a construir o estádio do clube, repetindo atitude protagonizada por Geraldo II, goleiro do Palestra-Cruzeiro e da Seleção Mineira nos anos 1940. Como pedreiro profissional que era, trabalhou, muitas vezes gratuitamente, para erguer o Estádio Juscelino Kubitschek⁸¹, no Barro Preto, cuja reinauguração se deu em 1º de julho de 1945, diante do Botafogo-RJ, sinalizando mais uma vez para a **referência polarizadora e futebolística que o Rio de Janeiro representava**, lembrando que sua inauguração (em 1923) também já havia envolvido o futebol carioca, pois na ocasião o Flamengo foi o convidado.

⁸⁰ Embora outros jogadores (como Leivinha, Luís Pereira e Roberto Dinamite) já tivessem atuado na Europa, a partir de Falcão houve contínua migração do trabalhador brasileiro do futebol para o exterior.

⁸¹ Seu homenageado era o então prefeito de Belo Horizonte. O referido estádio não existe mais. Contudo, o Cruzeiro E.C. continua presente no bairro, onde funciona sua sede administrativa.

Foto 2.3 – Falcão trabalhando na construção do Estádio do Internacional, o Beira-Rio.

Fonte: <http://jogadores-colorados.blogspot.com/2011/04/falcao.html>

Essa dubiedade entre os jogadores “brasileiros” e os “estrangeiros” que atuam na Seleção, conduz a outras diferenças e debates, como a do pertencimento/identidade nacional. Primeiramente, mostra a diferença de valores mercadológicos entre os jogadores que foram jogar no exterior, sobretudo na Europa, mais valorizados que os jogadores que atuam no Brasil. Isso também indica a duplicidade da economia mundial e sua divisão do trabalho, expressa entre os locais exportadores de atletas (os espaços que obedecem) e os que têm poder de compra (os espaços que mandam), oferecendo visibilidade e valorização incrivelmente superiores das que podem ser auferidas em solo brasileiro. Em 2º lugar, a **nacionalidade e o patriotismo** são, inegavelmente, discutidos e comparados com a força das corporações e suas imposições. Foi o que ocorreu após o episódio conhecido como o *Drama de Ronaldinho*, na final da Copa de 1998: mesmo após sentir-se mal, o jogador foi escalado e atuou na final entre Brasil e França. Minutos antes da partida, a escalação oficial brasileira, divulgada no estádio, apresentava Edmundo, reserva de Ronaldinho, algo impensado por todos (GUEDES, 2006, p. 170). A improbabilidade foi ainda maior quando Ronaldinho apareceu em campo, contrariando a escalação oficial dada pela própria comissão técnica. A derrota do Brasil virou a discussão de uma suposta interferência das transnacionais patrocinadoras da Copa e das seleções nas decisões das equipes médica e técnica do selecionado brasileiro, afinal Ronaldinho era o seu maior nome na Copa da França.

A culpabilização dos *jogadores estrangeiros* ou *européus* do futebol brasileiro pela derrota na Copa do Mundo envolve, com bastante clareza, “uma avaliação moral que passa

pela trajetória da maioria dos jogadores. Em geral, pobres que enriqueceram, são acusados de esquecerem a vida de pobreza, esquecendo e negando suas origens no sentido mais amplo: sua gente, seu país, seus valores” (GUEDES, 2006, p. 171).

Com tais características, Simoni Lahud Guedes (2006) defende que a Seleção Nacional de futebol representa um campo fértil para o debate sobre a honra, a diversidade, o nacionalismo e a identidade dos brasileiros.

Criador e criatura de divisões do trabalho nos países e no mundo, esse é o futebol. Inserido em uma perspectiva mercadológica, o torcedor passa a viver nessa engrenagem e passa a se identificar com os clubes de maior representação desse modelo dialético futebolístico de criar e ser criado territorial, cultural, política, social e midiaticamente. Até a adesão ao selecionado nacional é colocada em dúvida, sendo ele sempre aludido como grande construtor da identidade brasileira. Nos casos analisados – Brasil, Itália e Espanha – a **divisão territorial do trabalho entre os espaços mandantes e obedientes conformam a filiação clubística** em paralelo com a dinâmica econômica. O campo de forças entre as polarizações metropolitanas se concretiza enquanto tamanho de torcida e, consequentemente, em tamanho do espaço na grade esportiva da mídia, em tamanho das cotas pagas pela TV aos clubes e em tamanho dos valores de patrocínio. Por outro lado, a lógica dessa racionalidade avassaladora **não obtém homogeneidade** e nos seus interstícios surgem as **filiações clubísticas locais e regionais**, o apelo ao **pertencimento territorial** local, regional, estadual ou até nacional, não importando qual, mas importando a quebra das verticalizações expressas por meio do futebol. Torcer, a despeito das “regras” sugestionadas por esse modelo aglutinador, é praticamente uma resistência político-econômica e sociocultural: torcer, mesmo que “contra tudo e contra todos”, variando apenas as escalas territoriais, mas com forte marca urbana.

2.2.2 – Popularização do futebol no Brasil: contexto urbano-industrial, escolas, imigrantes e a noção de nacionalidade/brasilidade

O futebol vai aportar no Brasil no final do século XIX, onde se desenvolve nas cidades, praticado por estudantes, em geral, jovens da elite com atividades discentes no exterior, sobretudo na Inglaterra. As empresas inglesas atuantes no Brasil representam outra fonte de introdução do futebol em conjunto com a chegada dos imigrantes e dos estudantes repatriados.

No contexto internacional, esse período foi de redefinição da divisão internacional do trabalho (DIT) e dos centros hegemônicos do capitalismo, reverberando nas diversas escalas territoriais. Assim, o Brasil passa a utilizar-se cada vez mais das atividades não primárias do mercado interno pré-existente. O motor da nova racionalidade econômica nacional e mundial assentava-se, portanto, na rede de cidades, na economia urbana. Destarte, também as novas contradições capitalistas despontaram no espaço urbano: em coexistência, inovações técnicas e mazelas sociais, tendências culturais padronizadoras, novas práticas desportivas etc.

Dai – do ocaso do século XIX – para as primeiras décadas do século XX, o Brasil passaria por transformações em praticamente “tudo o que se pode imaginar”. Alguns itens dessas mudanças merecem destaque:

1) Ideias higienistas para as cidades: o Movimento Higienista, importado da Europa, foi responsável pela introdução de marcas nos espaços urbanos, como a abertura de amplas avenidas, o saneamento básico, parques e espaços públicos etc., tudo isso com vistas para o fomento das práticas corporais e dos esportes ao ar livre e em espaços especificamente a eles destinados.

2) Início da urbanização brasileira: as cidades brasileiras ainda eram muito envoltas pela produção agropecuária e à medida em que o contato com imigrantes e ideologias e culturas externas crescia, passava-se a ter que conviver com as inovações mais amiúde. Havia um “espírito de mudança” naqueles tempos: bondes, ferrovias, carros, iluminação domiciliar e pública, revoltas regionais e separatismos, ex-escravos nas cidades, movimentos populares e sindicais em formação, a Primeira República etc. A vida pulsava intensamente. Dentre essas novidades, o futebol.

Enredado em tantas ideologias, inovações técnicas e variedade de grupos humanos em diversas atividades, o Brasil era um país em formação, cuja “cara” não estava definida: o país deitava no divã à procura de sua identidade e, para encontrá-la, os políticos brasileiros lançaram mão de certas estratégias na esteira de específicas características presentes no país, como o carnaval, o barroco colonial e o futebol. Este último ainda abriu espaço para as discussões a respeito da democracia racial e trabalhista (salários, profissionalização, futebol feminino etc.), um outro faceamento entre os brasileiros e o Brasil, mutuamente estranhos à época, e, portanto, criando mais uma “cara” do país.

3) A prática do futebol, os lugares dos jogos e quem o praticava: as práticas corporais e os esportes foram designados pela ideologia higienista, nascida no século XVII, na Europa, sob o rótulo do *mens sana in corpore sano*. Para abandonar o sedentarismo, as cidades passaram a contar com programas que repensavam seu espaço urbano, vindo daí o surgimento de vários **espaços públicos** nos limiares do século XX em diversas localidades, numa profusão de intervenções urbanísticas. Nas **escolas** (religiosas e “nobres”) também se copiava o modelo protagonizado na Inglaterra e demais países “civilizados”, onde os esportes passaram a ser exaltados como meio de doutrina e disciplina dos jovens. Esta mesma disciplina foi transposta para o campo trabalhista e várias **fábricas** criaram equipes de futebol (amadoras e profissionais) com vistas a arrefecer os embates entre patrões, sindicatos (anarquistas e comunistas) e empregados, aumentando o número de pobres e negros ou mulatos praticantes do futebol. Muitos desses empregados eram já mão de obra experiente, oriunda da Europa, e já conhecedora dos nascentes esportes modernos, assim como os discentes abastados que por lá estiveram para sua formação acadêmica. Imigrantes, operários e estudantes compõem grupos indissociáveis da popularização do futebol no Brasil.

No primeiro quartel do século XX, quando todas as características supracitadas ocorriam simultaneamente, o Brasil era um país de economia primária e ilhada regionalmente, de maioria populacional analfabeta e pouco concentrada nas cidades, cujos **espaços intersticiais** eram ainda abundantes e reconhecíveis mesmo nos maiores centros, sendo intensamente ocupados pelos “campinhos” distribuídos por todo o país. Não olvidemos, porém, que os intervalos urbanos e seus lotes vazios sempre funcionaram como uma reserva de valor da terra urbana, prestando-se à especulação e à valorização proporcionalmente à implantação de infraestrutura urbana (calçamento de ruas, iluminação pública, saneamento etc.). Assim, se quisermos compreender consideravelmente onde estão as áreas que passaram por tal processo, basta identificarmos os campos que foram extintos ao longo da história do mercado de terras urbanas nos municípios. Nesse sentido, inventariamos diversos exemplos em Juiz de Fora, exibidos à frente (item 2.3).

A desintegração econômico-territorial fez o futebol se estruturar sem a interveniência direta das grandes cidades, numa fluidez espontânea de difícil percepção em outras atividades de quaisquer naturezas. Por isso, o futebol se espalhou: por uma infinidade (mesmo) de clubes que foram se formalizando no Brasil, com os agentes clássicos descritos (elites, imigrantes, estudantes, operários); pelos campos de várzea ou estádios, que passavam a figurar na

paisagem urbana como o maior símbolo do elo entre futebol e modernidade, e de concretização do clube no cenário esportivo; pelo noticiário dos jornais e rádios, veículos nos quais ganhou mais espaços na medida da popularidade que ia galgando.

Entrementes, no âmbito das transformações sociais impregnadas nos centros urbanos, **o futebol expressava a persistente diferenciação classista brasileira**, sociedade praticamente imóvel ao longo de nossa história. Aos clubes de elites sucederam clubes de imigrantes e operários, clubes dos subúrbios e aqueles poucos clubes que, ainda no raiar do futebol, já incorporavam os negros, os mulatos e os pobres, todos os socialmente desvalidos. No entender de Paulo C. da C. Gomes (2006, p. 237 e 238), o poder simbólico do futebol também se exprime quando da filiação a uma torcida ou a um time pela “[...] afinidade que de certa forma rompe com as categorias hierárquicas que organizam o resto da vida social”. À marcada clivagem classista urbana teria ocorrido a criação de agremiações que refletiram estas posições hierárquicas na sociedade, “[...] possivelmente devido à dificuldade de se alinharem, nesse momento, todos os habitantes em uma mesma unidade” (GOMES, 2006, p. 238). Daí a popularização do futebol ter sido paralela à flexibilização dessas fronteiras sociais, justificando a presença nas grandes cidades brasileiras de, no mínimo, dois grandes clubes, reproduzindo a ideia de um clube de elite e um popular. Com o transcorrer do tempo e com a flexibilização citada, tais associações deixaram de ser uma verdade absoluta, havendo mudanças, tornando também populares os outrora clubes de elite.

Gomes (2006, p. 237) contrasta o perfil dual urbano-futebolístico brasileiro com o de países europeus, onde suas sociedades, por serem menos classistas, apresentariam vários casos com a presença de somente um grande clube por cidade. Defendemos ser provável que a unicidade europeia transportou uma maior identificação cidade-clube, algo que no Brasil é experimentado pelas localidades interioranas, orgulhosas da projeção que coletivamente o clube de futebol promove. Isso é mais nítido em virtude de uma “invisibilidade” municipal em setores diferentes, da cultura ao econômico. O simbolismo que o clube carrega é, assim, muito maior do que só entrar em campo, tornando as vitórias sobre os times das capitais um meio de afirmação social.

O governo brasileiro teve também seu papel na **estruturação do futebol**. Segundo Antunes (1994, p. 105), na gestão de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), o governo empreendeu uma intervenção organizacional e burocrática nas associações esportivas por meio do Conselho Nacional de Desportos, que ditava o modelo dos estatutos a ser seguido pelos clubes em todo o país!

A despeito de tantos percalços na estruturação do futebol no Brasil, o fato é que, mesmo se organizando, deixava pistas de outros privilégios e discriminações. As seleções brasileiras que foram às primeiras copas do mundo, até os anos 50, eram dominadas por jogadores que atuavam apenas no Rio e em São Paulo, provocando até contendas entre as duas cidades e os dois estados, com debates via imprensa esportiva etc. para sediar a Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Foto 2.4 – Seleção Brasileira de 1930: Araken Patuska (3º agachado), único paulista entre jogadores cariocas.

Fonte: *Museu do Futebol*, 2015.

O resto do Brasil, onde o futebol já estava estruturado com clubes fortes, campeonatos e atletas profissionais, era simplesmente esquecido. Em Minas Gerais, por exemplo, o profissionalismo data de 1933, quando foi organizado o 1º campeonato mineiro sem clubes amadores, vencido pelo Villa Nova, informa a Federação Mineira de Futebol (FMF, 2014). Esta estruturação nacional do futebol pode ser mais bem avaliada com o uso da tabela vindoura.

Tabela 2.7 – Ano de início dos campeonatos estaduais em todas as unidades da federação (Brasil).

Posição	Campeonato	Ano	Edições	Interrompido	Nº Atual de Equipes
1º	Paulista	1902	121	Não	20
2º	Baiano	1905	109	Não	12
3º	Carioca	1906	112	Não	16
4º	Paraibano	1908	103	Sim	10
5º	Paraense	1908	101	Sim	12
6º	Amazonense	1914	94	Sim	10
7º	Paranaense	1915	99	Não	12
8º	Mineiro	1915	99	Não	12
9º	Pernambucano	1915	99	Não	12
10º	Cearense	1915	99	Não	11
11º	Piauiense	1916	73	Sim	8
12º	Capixaba	1917	96	Não	10
13º	Acreano	1917	73	Sim	8
14º	Maranhense	1918	93	Não	10
15º	Sergipano	1918	90	Sim	10
16º	Potiguar	1919	93	Não	10
17º	Gaúcho	1919	93	Sim	16
18º	Catarinense	1924	90	Não	10
19º	Alagoano	1927	82	Sim	10
20º	Mato-Grossense	1943	90	Não	10
21º	Goiano	1944	82	Sim	10
22º	Amapaense	1944	90	Não	8
23º	Rondoniense	1945	67	Não	8
24º	Brasiliense	1959	54	Não	12
25º	Roraimense	1960	54	Não	6
26º	Sul-Mato-Grossense	1979	35	Não	14
27º	Tocantinense	1989	25	Não	8

Fonte: CBF, 2015.

Imagem e semelhança: o futebol realmente é a expressão do Brasil, e isso até territorialmente, pois o “Brasil-arquipélago” era uma realidade também nas convocações dos jogadores da seleção: o Brasil era Rio-São Paulo. Não se tomava conhecimento do que ocorria nas “ilhas de desenvolvimento”, isto é, nas “ilhas de futebol” existentes por todo o país.

Minas Gerais, por exemplo, teve dois jogadores – Perácio e Zezé Procópio – disputando a Copa do Mundo de 1938. É possível concluir, então, que havia olhos para todos os estados? Na verdade, não, pois ambos foram convocados após deixarem de atuar pelo seu clube de origem, o Villa Nova Atlético Clube de Nova Lima-MG (VNAC, s/d).

Para o caso de Minas Gerais, isso mudaria juntamente com a gradativa integração territorial e econômica: nos anos 1960, jogadores do Cruzeiro foram convocados, mas não sem antes demonstrar capacidade de vitória na *core area* brasileira, ao golear a equipe do Santos (com Pelé, pentacampeão brasileiro – 1961 a 1965 – e já bicampeão mundial de seleções e de clubes da FIFA).

Aos poucos, atletas de outros estados, que não Rio de Janeiro e São Paulo, passaram a ser observados e também chamados para integrar a seleção, tornada mais fidedignamente “brasileira”, embora os gaúchos já fossem frequentes no selecionado nacional. Antes disso houve grande hegemonia de paulistas e cariocas.

a) Futebol: nas escolas, nas fábricas e entre imigrantes

A introdução do futebol passa pelas mãos das escolas, sobretudo as religiosas, com destaque para as escolas dos jesuítas. Essa tradição já era comum no exterior, como já nos referimos. “Assim, desde o início de 1880, os colégios de Jesuítas da Itália ofereciam, sob um certo controle, o futebol a seus alunos, esporte já bastante desenvolvido naquele País” (MELO, 2000, p. 18). Afinal, nesse período, os jesuítas tinham um grande respaldo no mundo, com uma das linhas pedagógicas mais avançadas. Eis alguns **exemplos de introdução do futebol via escolas no Brasil**: Colégio São Luiz, Itu-SP (1880), Colégio Dom Pedro II, Rio de Janeiro-RJ (1892) e **Colégio Granbery, Juiz de Fora-MG (1893)**.

No contexto da **contribuição dos imigrantes** e de seus filhos para a introdução do futebol no Brasil, sem dúvida o nome que nos vem é o de Charles Miller, que se tornou o “pai do futebol brasileiro” ao retornar da Inglaterra, em 1894, com equipamentos e regras do futebol. Miller ficou familiarizado com o futebol na sua escola, a *Banister Court School*, em Southampton, e ainda “[...] defendendo clubes locais. Era, de fato, comum aos jovens estudantes, naquele País, se envolverem com a prática de algum esporte” (MELO, 2000, p. 20). Miller era paulista, do Brás, filho de um inglês que viera ao Brasil trabalhar na *São Paulo Railway*, onde ele também trabalharia.

A influência inglesa no futebol brasileiro pode ser medida pelos termos importados utilizados na sua designação e na sua nomenclatura, como se pode ver nos nomes de alguns clubes (tais como Grêmio de *Foot Ball* Portoalegrense e *Sport Club* do Recife) e em vocábulos como: *corner*, *goal keeper*, *off side* e *back*, todos já aportuguesados para *escanteio*,

goleiro, impedimento e zagueiro, respectivamente, dentre outros exemplos possíveis, mas todos sem superar o próprio nome da modalidade, o *foot-ball*.

Além da contribuição inglesa, outras nacionalidades marcaram os primórdios do futebol no Brasil. Certos clubes foram organizados pelas colônias italianas instaladas no Brasil, como em São Paulo e em Minas Gerais, cujos homônimos times – Palestra – passaram a se nomear Palmeiras e Cruzeiro, respectivamente, em virtude da proibição de alusões aos “inimigos” do Brasil durante a II Guerra Mundial⁸². A colônia lusitana, por seu turno, também gerou a formação de clubes de futebol, como a Portuguesa de Desportos-SP, a Portuguesa “Santista” (Associação Atlética Portuguesa) e o Vasco da Gama. Como último exemplo, há ainda o baiano Galícia, fundado pelos imigrantes espanhóis de Salvador em 1933. Existem diversos outros exemplos.

O Brasil urbano em formação e seus políticos passam a se valer da crescente popularidade do futebol. De início introduzido por escolas (em especial as religiosas) e imigrantes – relacionado com os investimentos por eles realizados (como minas, fábricas etc., onde alguns dos atuais clubes surgiram) –, o futebol era o esporte da elite. A despeito de tal origem, o futebol vai paulatinamente conquistando espaço na sociedade brasileira do início do século XX, com relevo para os jogos nas várzeas, nos pátios e campos de fábricas. Waldenyr Caldas (1994, p. 42) observa que, na transição dos séculos XIX e XX, surgiram os **primeiros clubes de futebol** do Brasil, como o Clube Atlético Payssandu (RJ), o Germânia (atual Pinheiros, SP) e o São Paulo Athletic (SP, mas que não é o tricolor do Morumbi). Poucos anos depois surgiriam ainda Ponte Preta (Campinas), The Bangu Athletic Club (time de fábrica), Mangueira, Andaraí etc. no Rio de Janeiro.

Em Minas Gerais, os clubes mais antigos ainda em atividade datam de 1908: o Atlético, fundado em 25 de março, e o Villa Nova (de Nova Lima), em 28 de junho. Este surgiu devido à presença dos ingleses na cidade (para a exploração mineral), daí o vermelho e branco como suas cores. No entanto, Souza Neto (2010, p. 17) sustenta que o time de futebol mais antigo é de 1904, o *Sport Club Foot-Ball*, criado pelo estudante carioca radicado em Belo Horizonte, Victor Serpa. No juiz-forano *Jornal do Commercio*, encontramos, também em 1904, nota publicada acerca de uma reunião programada com o fito de se fundar um clube de futebol, fato que, porém, não está registrado na literatura local. Dentre as agremiações mais tradicionais, o América surgiu em 30/04/1912 (com jovens da elite belo-horizontina) e o Cruzeiro somente em 02/01/1921 (ligado aos operários e colonos italianos).

⁸² Optaram por nomes e insígnias que traziam “brasilidade”, inspirados até no Hino Nacional Brasileiro.

Fotos 2.5 e 2.6 – Primórdios do futebol em Minas Gerais: proposta de criação de um clube de futebol em Juiz de Fora (1904) e o Villa Nova (em foto de 1908).

Fontes: Jornal do Commercio, 18 set. 1904, s/p; Villa Nova Atlético Clube, s/d.

A **popularização do futebol** ocorreu relacionada com a criação dos **campos de futebol de várzea**, comumente nas proximidades dos rios, já que a rede urbana brasileira está muito assentada na penetração territorial e na consequente criação de cidades ao longo da rede hidrográfica. Antunes (1994, p. 104) ressalta a multiplicação dos **clubes de várzea** no primeiro quartel do século XX. Outrossim, os “esportes anteriores (turfe, críquete) exigiam espaços específicos e equipamentos caros”, ensina Melo (2000, p. 21).

Outra forma de disseminação do futebol, no Brasil e no exterior, veio com a criação dos **clubes de fábrica**, tal como ocorreu na Inglaterra com Manchester United e Liverpool, equipes cuja tradição fabril ajudou a coadunar uma legião de torcedores⁸³. No caso brasileiro, “formou-se uma tradição de futebol amador em clubes de fábrica criados por intermédio dos próprios trabalhadores, mas com o apoio das empresas, cuja colaboração material e financeira foi fundamental para a continuidade desta iniciativa” (ANTUNES, 1994, p. 104). Tal colaboração envolvia, dentre outras ações, uma cota mensal para a manutenção do clube, com o intuito de permitir a limpeza e a conservação da sede, pagamento de impostos e de energia, limpeza dos uniformes, cessão de terrenos para a instalação do campo de futebol e da sede social (onde eram desenvolvidas as atividades sociais, como festas, excursões etc., envolvendo os familiares dos operários).

⁸³ Anatol Rosenfeld (1973, p. 67) afirma que os ingleses, promotores do futebol no Bangu (clube suburbano carioca vinculado a uma indústria de tecidos), “viram-se obrigados a recorrer aos operários da fábrica, estimulados pela direção esclarecida, que provavelmente soubera que os fabricantes de tecidos ingleses na Rússia fomentavam o futebol entre os turnos para animar sua disposição ao trabalho e seu *esprit de corps*”.

O incremento das atividades dos clubes de fábrica exigiu um **aprimoramento organizacional**, com diretores, conselheiros fiscais e outros cargos, geralmente ocupados por pessoal do quadro burocrático da própria fábrica. A pergunta óbvia, nesse contexto, é: o que os empresários buscavam com tal apoio? Eles usavam o sucesso do clube de futebol com uma extensão do sucesso da fábrica. Por isso, passou-se a fazer uma seleção rigorosa entre os jogadores e na qual somente os melhores integrariam a equipe. A ideia era seguir o modelo de popularização do futebol na França, onde houve um claro “[...] interesse dos empresários em promover [...] uma identificação clube-empresa, suscitando a crença de que os jogadores, trabalhadores e patrões formavam uma grande família. A vitória no futebol aumentaria o orgulho do trabalhador pelo clube e pela empresa dos quais fazia parte” (ANTUNES, 1994, p. 106). Portanto, o futebol era usado como elemento apaziguador nos conflitos entre trabalhadores e empresários, oportunizava ganhos com o surgimento do operário-jogador, além de gerar uma promoção social e das vendas da fábrica.

Contudo, a aceitação social do **futebol enfrentou opositores**, a exemplo dos sindicalistas de perfis comunista e anarquista, para os quais o futebol era o “esporte burguês”, pela sua origem europeia, pelo preço elevado dos materiais para a sua prática e, claro, porque era jogado por descendentes de europeus e pelos mais abastados. No final da década de 1910, as tradicionais festas de propaganda dos anarcossindicalistas foram substituídas por festivais, piqueniques e excursões ao ar livre e em locais públicos, nos quais prevalecia o aspecto lúdico com os jogos de *football*. Essa postura anarquista mudaria na transição dos anos 20 para os 30, após denúncias da imprensa operária acerca do controle dos trabalhadores pelos clubes de fábrica. Desse modo, os anarquistas passaram a coadunar com a ideia que os comunistas já tinham sobre a cooptação dos operários.

Mudando o foco dos discordantes, mas não da discordância quanto ao futebol, variados setores sociais colocavam em xeque as propaladas benesses advindas das atividades esportivas pelos mais populares. Toledo (2000, p. 56-57) exemplifica com as posições do médico carioca Carlos Sussekind de Mendonça e do escritor Lima Barreto, para os quais “assistir aos jogos consistia numa atividade ainda mais inútil que praticá-los” e que se notabilizaram por organizar uma liga contra o futebol. Ressalta-se ainda a denúncia, por parte dos cronistas esportivos no regime amador (até 1933), “[...] da falta de educação esportiva dos torcedores oriundos dos estratos mais populares⁸⁴” (TOLEDO, 2000, p. 56).

⁸⁴ Os torcedores populares eram chamados de *assistência*, que se contrapunham aos sócios, indivíduos notabilizados por laços mais estreitos, inclusive de parentesco com os integrantes dos clubes.

Contudo, a violência nos estádios, costumeiramente associada com tais grupos populares, já existia entre os próprios sócios e jogadores dos times de elite, fato propositadamente omitido pela recém-formada imprensa esportiva, tomando como base a circulação do 1º suplemento de esportes em 1928, encarte do jornal *A Gazeta*, em São Paulo. Os anos 1940 marcam o surgimento das torcidas uniformizadas em São Paulo, que depois se espalharam para o resto do Brasil, demonstrando, no plano da sociabilidade esportiva, maior aceitação dos torcedores, “[...] sobretudo no que diz respeito às formas ‘teatralizadas’ de torcer”. Tais torcidas tinham “[...] motivações ideológicas da época, cuja sensibilidade política estava alicerçada e difundida em torno das idéias de *raça, nação, ordem* e, sobretudo, *juventude*”. Elas evocavam aspirações nacionalistas, “[...] com grande anuência e chancela dos setores da elite que ocupavam os cargos dirigentes no âmbito dos esportes, dos meios de comunicação e de parte dos aparelhos do Estado” (TOLEDO, 2000, p. 60-62).

Esse foi um período marcado pelo nazi-fascismo e pela II Guerra Mundial no plano internacional, e pelo getulismo centralizador no plano nacional – grande propagador dos esportes como propulsor simbólico de um ideário de nação baseado na saúde social. Por essa razão, em 3 de maio de 1943, *A Gazeta Esportiva* publicava a matéria “A torcida líder em ação” com duas fotos da torcida uniformizada corinthiana empunhando faixas de exaltação à pátria e aos jornalistas beneméritos dos esportes, com os dizeres “Para uma Pátria grande e raça forte; Salve! Cronistas e locutores esportivos”, em plena convergência com as elites que comandavam o futebol e com os modelos aceitos de participação popular à época (TOLEDO, 2000, p. 63-65).

Nesse contexto e nos anos 1930 a 50, o futebol começa sua **profissionalização**. Por ser incipiente, os operários-jogadores eram remunerados de muitas formas: presentes (o “bicho” pago)⁸⁵, gratificações e até um 2º salário. Em Juiz de Fora, tal situação possivelmente passou a ocorrer a partir do time do *Industrial Mineira*, conforme creditou Arides Braga (1977, p. 80). A oportunidade de ascensão era inversa da que conhecemos hoje: jogar no clube da fábrica significava uma chance de bom emprego, como operário mesmo ou nos escritórios. Eram operários nos dias de semana e jogadores nos finais de semana, como Garrincha⁸⁶.

A profissionalização veio em decorrência de uma extremada exploração dos jogadores por parte dos dirigentes dos clubes de futebol, principalmente até o início dos anos 1940,

⁸⁵ “Bicho” deixou o sentido literal do passado (um presente) para indicar, atualmente, as recompensas pagas em virtude das vitórias e títulos alcançados.

⁸⁶ “Dentre esses casos, o que mais se destacou foi Garrincha, que começara sua carreira como operário-jogador em 1949, no time do Sport Club Pau Grande”, organizado pelos operários da “Cia. América Fabril de Pau Grande, Rio de Janeiro”, onde ele trabalhava desde menino (ANTUNES, 1994, p. 109).

quando “começa o êxodo de jogadores brasileiros para a Europa e alguns países sul-americanos. Os motivos para deixarem o Brasil eram sempre os mesmos: o falso amadorismo e a conseqüente exploração do seu trabalho” (CALDAS, 1994, p. 44-45). O jogador Amílcar Barbuy assim se expressou diante de tal situação:

Vou para a Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição há muito deixou de existir, maculada pelo regime hipócrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso das rendas. Os clubes enriquecem e eu não tenho nada. Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador (CORRÊA, 1933⁸⁷ apud CALDAS, 1994, p. 45).

A revolta acima revelada pode ser muito bem compreendida ao ser confrontada com a entrevista de Rivadávia Meyer, presidente do Flamengo e da Associação Metropolitana de Esportes Athléticos (AMEA), concedida ao *Diário Carioca* em 26 de janeiro de 1932:

Em considero o jogador que quer se profissionalizar como um gigolô que explora a prostituta. O clube lhe dá todo o material necessário para jogar e se divertir com a pelota e ainda quer dinheiro? Isso eu não permitirei no Flamengo. O profissionalismo avilta o homem (CALDAS, 1994, p. 45).

É importante salientar que até a década de 1960 os jogadores profissionais ainda tinham, comumente, uma 2ª profissão como sustento familiar e como forma de inserção social (eram mal vistos pela prática do esporte). Tal situação perdura até hoje, afetando os atletas dos chamados “times pequenos”. Outro caso notório de dupla jornada, porém mais antigo (final dos anos 30), envolveu Leônidas da Silva⁸⁸, o “Diamante Negro”: jogou os campeonatos estaduais de futebol e de basquetebol no mesmo ano, atuando pelo Bonsucesso, modesto clube suburbano do Rio de Janeiro.

A partir de meados do século XX o Brasil sofre uma contínua e progressiva unificação territorial com os transportes, com a mídia e com as novas formas de sociabilidade e de lazer, dentre as quais o futebol, que foi usado para alargar a ideia de sermos brasileiros, imputando um pretenso perfil nacional a um país carente de identificação, ainda que consolidado a partir de tamanhas dificuldades como vimos há pouco.

⁸⁷ CORRÊA, Floriano Peixoto. **Grandezas e Misérias do Nosso Futebol**. Rio de Janeiro: Hermano Editores, 1933. Neste livro, o autor-jogador faz um longo relato dos constrangimentos sofridos pelo jogador de periferia ao integrar-se aos clubes de elite.

⁸⁸ Leônidas da Silva foi artilheiro da Copa de 1938 e inventor da bicicleta – jogada executada no ar e de costas para o gol adversário. Ele chegou a ter um gol de bicicleta anulado quando o árbitro do jogo estranhou este movimento que fora realizado. Depois do início de carreira no Bonsucesso, Leônidas jogou no Flamengo e no São Paulo. Curiosamente, segundo dados do Arquivo Histórico de Ubá (s/d), reza a lenda nos bastidores do S. C. Aymorês que a bicicleta foi criada por Piranha, atacante do clube local, designada à época apenas como “extravagante jogada”.

b) O futebol-fantoches: a manipulação dos pertencimentos

No Brasil, o futebol serviu aos propósitos populistas da primeira metade do século XX, quando havia uma discussão sobre a identidade brasileira, com seus valores, culturas, patrimônios etc., alavancada com o Movimento Modernista e a efetiva contribuição de seus intelectuais, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Tarsila do Amaral. Assim, em 1938, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) promoveu o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico das “cidades históricas”. As cidades mineiras de Ouro Preto, Mariana, São João del Rei, Tiradentes, Serro e Diamantina foram tombadas em conjunto, por possuírem “[...] características históricas, estéticas e estilísticas semelhantes que, segundo o pensamento vigente na época do tombamento, seriam representantes de uma autêntica cultura nacional, originária da mistura das habilidades peculiares dos povos formadores do país” (CAMPOS, 2006, p. 87).

A noção de patrimônio e de sua proteção surgem, no Brasil, apenas nos anos 1930. Tal atraso liga-se a uma dificuldade de se construir uma identidade nacional que, inicialmente, vinha de não ser português, legado de atraso e ignorância como então se pensava. Comparado com países como França e Inglaterra, o Brasil era o país em que “tudo estava por se fazer”. Por essa razão, as reformas urbanas radicais foram comumente realizadas em torno desse período, abarcando muitas cidades brasileiras, a exemplo do Rio de Janeiro.

À medida que a **popularização do futebol** vai ocorrendo nas cidades, sua prerrogativa de atrair as massas foi **usada por governos** interessados em manipular informações e sentimentos em relação ao povo brasileiro. Não por acaso, Getúlio Vargas anunciou, em 1º de maio de 1940, as novas regras trabalhistas brasileiras da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) a partir do Estádio de São Januário, do Vasco da Gama, então o maior do Brasil⁸⁹, onde também se realizou o jogo de despedida (entre Brasil e Uruguai) em homenagem aos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que partiram para a II Guerra Mundial (SILVA, S. 2005, p. 38), e local foram dadas aulas coletivas de música orientadas por Heitor Villa-Lobos, mas sob o incentivo de Vargas.

Esses episódios getulistas apontam para as características da sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX, ou seja, à procura de sua identidade. Deriva daí uma submissão e atenção para com as atividades das sociedades tidas como “exemplo/modelo” –

⁸⁹ O Estádio de São Januário foi o maior do Brasil até 1942, monumentalidade que cabia aos olhos e ideologia getulistas. Ele foi inaugurado em 1927 sob a ajuda financeira da torcida vascaína (SILVA, S. 2005, p. 38). Em 1942, foi superado pelo Pacaembu, estádio municipal de São Paulo. Assevera Matos (2004, p. 52) que Getúlio Vargas esteve presente em várias edições do Dia do Trabalhador comemoradas em São Januário.

leia-se europeias – e o motivo de “civilizar” o Brasil com as regras trabalhistas já praticadas neste e em outros polos relevantes do mundo Ocidental, bem como aproveitar do respeito obtido por Villa-Lobos, um representante dos “povos selvagens dos trópicos” reconhecido em palcos europeus, sobremaneira na França.

Foto 2.7 – Desfile do então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, no Estádio de São Januário, em decorrência das comemorações do Dia do Trabalho.

Fonte: Matos, 2004, p. 61.

Ainda usando o futebol como instrumento de propaganda estatal e de controle ideológico nos moldes do governo fascista italiano, Getúlio Vargas estava presente no mais novo e maior estádio brasileiro, o Pacaembu, em São Paulo-SP, em 1942. Seu discurso, na inauguração, dava pistas desse ideário e ainda do caráter eugenista do período em questão.

Este monumento consagrado à cultura cívica da mocidade em pleno coração da capital paulista é motivo de justo orgulho para todos os brasileiros e autoriza a aplaudir merecidamente a administração que o construiu.

Assistimos ao desfile de 10 mil atletas em cujas evoluções havia a precisão e a disciplina conjugadas no simbolismo das cores nacionais. Diante dessa demonstração de mocidade forte e vibrante, índice eugênico da raça – mocidade em que confio e que faz orgulho de ser brasileiro (BRASIL, 1940, p. 267).

Em termos de pensamento voltado para dentro do próprio Brasil, anunciar regras igualitárias de trabalho significava incluir todos os trabalhadores urbanos (sob claro interesse produtivo), alcançando mulatos e negros, além de ares de civilização aos olhos estrangeiros. Esta inclusão total, no futebol carioca, foi protagonizada exatamente pelo Vasco da Gama que,

seguindo o exemplo do precursor Bangu nos anos 1920, fez a incorporação de atletas pobres e negros (quase todos semianalfabetos) em jogos contra as equipes das elites (Fluminense, Flamengo, Botafogo e América). O episódio ganhou ainda mais notoriedade porque veio acompanhado do êxito vascaíno no campeonato carioca de 1923.

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor.

Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual seria a reação dos grandes clubes (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 128).

Foto 2.8 – Marco na aceitação de pobres e negros, o Vasco da Gama de 1923.

Fonte: *Museu do Futebol*, 2015.

De acordo com Mário Rodrigues Filho (1964, p. 132), a reação foi a criação de uma nova liga de futebol, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA): “em 24 nascia a AMEA, uma liga de grandes clubes, sem o Vasco”. Em 1926, seria a vez do São Cristóvão ser campeão carioca (único de sua história) com uma equipe “multirracial”. A iniciativa de apartar o Vasco de disputar o campeonato local passou ainda pela parte infraestrutural: o clube deveria ter, por força do regulamento, estádio próprio. Ele foi inaugurado em 1927, após ser construído em apenas 10 meses por meio da contribuição financeira de muitos vascaínos (SILVA, S. 2005, p. 38).

Por outro lado, é justo afirmar que os futebolistas mulatos e negros também alcançariam o estrelato e também teriam oportunidades de mercado, como Leônidas da Silva (1913-2004), o “Diamante Negro”, que também foi o 1º jogador garoto-propaganda da história do futebol nacional, atuando para várias marcas, dentre elas o chocolate de mesmo

nome. Seu prestígio e sua popularidade de maior jogador brasileiro dos anos 1930 e 40 rendeu uma tentativa de o Estado getulista cooptá-lo, usando-o como a personificação do homem trabalhador e disciplinado que o governo se esforçava em promover. Leônidas, ao valer-se do esporte de forma hedonista, valorizando a diversão e o prazer, acabava por representar uma transgressão aos interesses estatais, ainda que de modo inconsciente, amealhando ainda mais admiradores entre aqueles que contestavam o ideário getulista.

Nas décadas seguintes e até o presente o futebol foi/é usado por governantes que tentam ter ares de popularidade, sobretudo nos momentos de vitórias em Copas do Mundo. Ambos, futebol e Copas do Mundo, também criavam maior ou menor aceitação do Brasil como país mestiço, conforme os casos de vitória ou de derrota. Quanto às derrotas, a de 1950 foi a mais marcante e ainda alçou os jogadores da defesa (negros e mulatos) ao protagonismo da derrota e a uma “máxima” futebolística nacional: negros não servem para goleiros, em alusão à Barbosa. DaMatta (1982, p. 31-32) afirma que após a derrota brasileira, falou-se de destino e má sorte, alcançando conotações para toda a sociedade, que assim seria o próprio reflexo do selecionado nacional: muitos brasileiros foram tomados de “uma tremenda desilusão quanto a planos, motivações [...]”. De que valia tudo isso, perguntavam amargamente, se no final eram derrotados e a boa-sorte não lhes sorria?”. Além desse imaginário social, a derrota também se alocou em uma vertente racista. Muitos jornalistas, avalia Guedes (1977), identificaram nos fatores raciais e na constituição do povo brasileiro, formado por grupos tidos como inferiores (como índios e negros), a explicação da derrota. “A prova (da derrota de 1950) estaria naqueles bodes expiatórios, todos pretos: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os brancos [...] não foram acusados de nada. Os jogadores foram escolhidos *precisamente* porque eram pretos e, mais, eram todos membros da defensiva do time brasileiro”, sentenciou Mário Filho (1964, p. 171, grifo do autor). Nota-se, por um único episódio, a inconsistência da autoimagem nacional e sua delgada identidade.

Retrocedendo algumas poucas décadas (tendo em mente que a maioria dos clubes brasileiros de futebol surgiu no final do século XIX e início do XX), ainda vicejava o calor da então recente abolição da escravidão (1888). Como os escravos foram utilizados para o trabalho nas principais atividades dos núcleos econômicos no Brasil-Colônia – cujas cidades continuaram mantendo força produtiva e atraindo investimentos e imigrantes oriundos da Europa –, a incorporação de mulatos e de negros no futebol foi gradativa nesses referidos núcleos econômicos e também marcada por episódios *sui generis* de racismo. Porém, independentemente das características fenotípicas apresentadas, os jogadores de futebol não

eram vistos como trabalhadores que dignamente cumprem uma jornada de atividades. Havia menosprezo social para com a profissão. No entanto, ainda assim coube ao futebol papel relevante para alavancar ideologias e governos.

De volta ao caso dos governos totalitários, algumas ditaduras fizeram ingerências em contratações e escalações de atletas em clubes e selecionados diversos. Algumas dessas ingerências foram marcantes. No Brasil, João Saldanha, comunista assumido, foi substituído por Zagalo no comando da Seleção da Copa do Mundo de 1970, supostamente quando não aceitou a interferência exercida por Médici na escalação de seu grupo selecionável, o que mexeu com o futebol mineiro, pois representou a entrada de Dario (do Atlético) e a exclusão de Dirceu Lopes (do Cruzeiro).

No exterior, Mussolini “recepcionou” a Seleção Italiana nos vestiários do jogo da final da Copa de 1938 com um famoso recado: *vencer ou morrer*. E mais um detalhe: a Itália trocou o tradicional uniforme azul pelo preto, a cor do fascismo, outra imposição de Mussolini. Por sorte – dos jogadores – a Itália sagrou-se campeã da então 3ª Copa do Mundo, a 1ª não vencida pelo país-sede. Contudo, a conquista anterior (1934), obtida “em casa”, foi recheada de manipulações, nas quais alguns árbitros “contribuíram”, assevera Carvalho (2012, p. 48).

Na Espanha, o craque argentino Di Stéfano foi conduzido por Francisco Franco do Barcelona para o Real Madrid⁹⁰. Eis o que consta em pleno Museu do Barcelona (2014, tradução nossa)⁹¹:

[...] em 1953, o FC Barcelona contratou o argentino Alfredo Di Stéfano através de um acordo com o River Plate, o time que detinha os direitos legais sobre o jogador. Paralelamente, o Real Madrid negociou com o Millonarios, a equipe em que atuava Di Stéfano nesse período. Uma estranha manobra federativa, com aval franquista, determinou que Di Stéfano jogasse alternadamente uma temporada em cada clube. Em desacordo com o veredito, o Barcelona renunciou ao jogador.

Franco arrasou a Espanha entre 1939 e 1975, na maior guerra civil já vista. O ditador financiou toda a contratação de Di Stéfano e aparecia em todos os jogos contra o Barcelona realizados em Madrid, mas nunca em Barcelona, temendo pela oposição que sofria na Catalunha. Craque em campo, Di Stéfano decepçionava fora dele e aparecia sempre ladeando o verdugo espanhol, responsável por uma “caçada” aos clubes da Espanha.

Seguidos decretos alteraram nomes de locais públicos, jornais, instituições, conferindo-lhes denominações no que se chamava espanhol de Castela, a

⁹⁰ Para um maior detalhamento nas questões envolvendo o uso político do futebol em diferentes épocas e contextos geopolíticos, a fim de produzir uma sensação de unidade nacional. Cf. Agostino (2002).

⁹¹ Texto disponível no Museu do F.C. Barcelona (2014), localizado nas dependências do Estádio Camp Nou.

“língua do Império”. O idioma catalão foi oficialmente banido, juntamente com outras expressões lingüísticas regionais, paralelamente ao lançamento do slogan: *Se você é patriota, fale espanhol*. Em meio a esta depuração, como era de se esperar, o *Barcelona* sofreu intervenção estatal, sendo presidido por um homem ligado ao poder [...]. Todos os clubes da Espanha que possuísem qualquer referência tida como estrangeira na denominação, símbolo ou uniforme foram obrigados a passar pelo processo de “castelhanização” (AGOSTINO, 2002, p. 78-79, grifos do autor).

O exagero franquista era tamanho, que até o nome do estádio do Barcelona foi censurado. Antes disso, em plena Guerra Civil, a sede social do “Barça”, como dizem seus torcedores, foi bombardeada. O motivo? A identificação do clube com as causas republicana e catalã. O clube foi ainda arrasado financeira e desportivamente nesse período, chegando a contar com apenas 2.500 sócios⁹². Exposto em seu Museu, um boletim oficial do clube, de outubro de 1932, afirmava: “Em la popularidad de nuestro club entran, innegablemente, elementos extradeportivos” (FC BARCELONA, 2014). A participação em atos políticos e culturais fazia parte desse compromisso. Nos anos 1960, o Barcelona viveu um incremento incomparável no número de sócios, mesmo diante dos fracassos desportivos. Nessa época, a Catalunha se convertia em grande destino de imigrantes. Para reunir todos, o clube se transformou em elemento-chave de integração da nova sociedade catalã em formação. A próxima imagem revela esse espírito: *Mais que um clube* não representa somente o *slogan* do F. C. Barcelona, mas uma marcação identitária. Seu estádio foi refúgio nos anos da ditadura franquista, onde se cantava em catalão (de uso proibido) e contra o governo espanhol. Não se repetiam manifestações em público desse tipo nos demais lugares da cidade ou da Catalunha. Em pesquisa da *Liga de Fútbol Profesional* (LFP, 2005⁹³ apud GOIG, 2006, p. 54), 53% dos entrevistados veem o Barcelona como uma imagem da Catalunha e 17% como da cidade de Barcelona.

⁹² Em maio de 2014, o clube contava com mais de 170 mil sócios, importante fonte de receita e de gestão.

⁹³ Disponível em www.lfp.es.

Foto 2.9 – Estádio Camp Nou, do Barcelona.

Fonte: o autor, 2014.

No Brasil houve também episódios em que cidadania e protagonismo político ocorreram no cerne do futebol. Alguns exemplos são dignos de nota nas últimas décadas:

1º) Na transição dos anos 1970 para os 1980, em plena vigência da ditadura militar, a *Democracia Corinthiana*⁹⁴, capitaneada por Sócrates – raro caso de jogador com estudos de nível superior (Medicina na USP de Ribeirão Preto) – Wladimir, Casagrande e outros atletas, promoveu um instigante caso de autogestão da carreira e do cotidiano dos jogadores, que passaram a ser dispensados de ficarem concentrados (pois se responsabilizavam por zelar por suas carreiras e pelo bom desempenho dentro de campo); discutiam as decisões tomadas para com o elenco com a diretoria do clube; dentre outras atitudes. Fora de campo, o movimento foi alimentado pela eleição presidencial do Corinthians de 1981. Segundo Rossi e Mendes Jr. (2014, p. 328-329), isso se deveu a indicação de Adílson Monteiro Alves, filho do então vice-presidente do clube. “Sociólogo, formado pela USP, não entendia nada de futebol”, mas propunha “suprimir a distância entre dirigentes e dirigidos, assegurar o livre debate de ideias e instalar o círculo democrático”. O movimento representou uma oposição comportamental contra os moldes da repressão de clubes e do governo vigentes no país. Alguns anos mais tarde, já nos anos 80, certos jogadores da Democracia Corinthiana atuaram na campanha das *Diretas Já*, pela redemocratização brasileira.

⁹⁴ Uma posição controversa a essa sobre a Democracia Corinthiana é encontrada em Rossi e Mendes (2014). Seus autores afirmam que as decisões tomadas pelos jogadores, na realidade, eram resumidas a um pequeno grupo. A democracia era uma “Oligarquia corinthiana”, com poderes até para interferir no afastamento de atletas que não se aliaram ao movimento, como relato do então goleiro Leão.

2º) Na mesma época, os anos 1970, Reinaldo, do Atlético-MG, comemorava seus gols erguendo o braço direito e cerrando o punho como símbolo de liberdade, assim como fizeram os atletas norte-americanos do movimento *Panteras Negras*, durante as Olimpíadas de 1968. Tais atletas tiveram suas medalhas recentemente devolvidas pelo governo dos EUA, depois de tomá-las após os gestos protagonizados nos pódios olímpicos, cuja semiologia podia ser traduzida por “não à Guerra do Vietnã e aos ditames contra negros”⁹⁵, dentre outros significados, convergindo para a ascensão de grupos que se formaram nos movimentos de 1968, sobretudo a partir da França, defendendo um sem-número de causas, como o feminismo e o pacifismo.

Fotos 2.10, 2.11 e 2.12 – Reinaldo, Sócrates e os atletas norte-americanos: manifestações políticas por meio do esporte.

Fonte: <http://memoriadoesporte.org.br/documentary/contadores-de-estorias/>

3º) Em 2013, durante o Campeonato Brasileiro, coletivamente, os jogadores passaram a reivindicar melhorias trabalhistas, no movimento conhecido como *Bom Senso Futebol Clube*: menos jogos dos campeonatos estaduais; férias de 30 dias; jogos em horários privilegiados para os espectadores (sobretudo os que comparecem aos estádios) e não para as emissoras de televisão; críticas abertas a dirigentes e instituições intervenientes no futebol, como a CBF e a Rede Globo de Televisão; criação da Série E (5ª divisão) do Campeonato Brasileiro, com o intuito de promover o emprego de jogadores dos clubes pequenos (imensa maioria dos atletas) durante o ano todo, já que costumam ter contratos mínimos (de apenas 3 meses); dentre outras ações e solicitações.

⁹⁵ O boxeador Muhammad Ali também sofreu represália por ter se negado a lutar no Vietnã, perdendo os cinturões de campeão mundial que já detinha. Chegou a ser condenado à prisão, revogada pela Corte Suprema dos EUA. Sua trajetória veio à baila em 2016, ano de seu falecimento.

Os fatos supracitados mostram a capacidade de se revelar e de se (re)conhecer a sociedade – brasileira ou outra – por intermédio do futebol, o que reforça sua característica sociocultural e diminui a visão que lhe atribui apenas papel de entretenimento. Torna-se, claro, portanto, que a vociferação replicante de que “o futebol é o ópio do povo”⁹⁶ é muito generalista e, pior, muito simplista e superficial: ou seja, há quem corra o risco de não saber nem política e, muito menos, futebol. Assim, citar a suposta desinformação alheia pode ser a sua própria.

2.2.3 - Territorialidades do futebol

a) O mundo e o Brasil urbanos e as novas ideias na virada do século XIX para o XX: revolução nos territórios e nos esportes

Funcionando também como produto desse Brasil urbano-moderno que se anunciava, o futebol deixou marcas nas paisagens das cidades brasileiras: a maior parte dos clubes de futebol surgiu nas primeiras décadas do século XX – não só nas metrópoles, mas também em cidades do interior, cujas sedes sociais e estádios tornaram-se referências simbólicas e centralidades nos bairros e em diversos municípios, atraindo investimentos imobiliários, prestação de serviços, trabalhadores informais etc. Os possíveis exemplos cabíveis nesse item são incontáveis, o que inviabiliza sua total enumeração ou discriminação, pois o futebol passava a reorganizar o espaço intra-urbano de forma irrevogável e, praticamente, ubíqua. Foi o caso de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Aracaju, Recife, Natal e Belém⁹⁷.

Nesse panteão urbano, malgrado as diferenciadas conformações das paisagens urbanas, é possível ter em relevo algumas das características comuns no conjunto das cidades brasileiras, tais como:

1) Preocupações higienistas: os espaços urbanos apresentavam-se com baixa qualidade, reverberando as tradições de uma histórica política pública elitista. Os problemas relacionados

⁹⁶ Esta ideia teria similaridade ao sentenciarmos, “a política é o ódio do povo”. Os dissabores históricos promovidos na política e no futebol são realmente deploráveis, mas não deveriam se sobrepor aos seus verdadeiros papéis e significações sociais ou deixar de entrever suas qualidades. Por outro lado, os “maus usos” da política e do futebol devem ser conhecidos e criticados. Ironicamente, os preconceituosos em relação ao futebol são, costumeiramente, cheios de si em matéria de discussões políticas e versados em suas ideologias. Sabendo falar dos excluídos na sociedade, excluem dela o futebol e aqueles que por ele se interessam.

⁹⁷ Cf. “Os *sports* e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX”, sob a organização de Melo (2010).

às infestações e ao acometimento de doenças, insalubridade das habitações, saneamento básico etc. eram dominantes. Juiz de Fora, às voltas com epidemias, teve sua Sociedade de Medicina criada em 1889. Diante desse quadro pouco civilizado e distante dos padrões europeus (o modelo a ser seguido, como o de Paris), os esportes (e o futebol) eram recomendados como meio salutar e educacional, apesar da violência que lhes era imputada. Em Belo Horizonte, um nome sugestivo de um clube criado em 1913: *Hygienicos*. Suas concepções ideológica e social foram retratadas no jornal *Minas Gerais*⁹⁸ (13 abr. 1913, p. 5 apud ROSA et al, 2011, p. 102):

Um grupo de distintos cavalheiros projecta fundar dentro de poucos dias um club de sports, onde as familias de associados encontrem, além de um ponto de palestra, exercicios phisicos reclamados pela hygiene. À frente de tal empreendimento se acham conhecidos clínicos da capital que contam obter da prefeitura área necessária no Parque, para os campos de 'laivn-tennis, criquet' etc., bem como para edificação de pavilhões destinados á palestra, vestuários, etc.

O Hygienicos cobrava altas taxas para a inserção de novos associados como forma criteriosa de seleção de seus membros e iguais aos preços praticados pelo Fluminense (ROSA et al, 2011, p. 103). Sua sede era o Parque Municipal, espaço fundamental na consolidação do esporte e do lazer em Belo Horizonte. Apesar de público, “o Parque chama atenção por ter sido sede de muitos clubes, principalmente da elite belo-horizontina, fundados no início do século XX, como o *Velo Club* (1898), o *Sport Clube* (1904), o *Club Athletico Mineiro* (1908) e o *Hygienicos* (1913)” (ROSA et al, 2011, p. 103-104). O time de futebol do Hygienicos foi extinto em 11 de novembro de 1916, quando optou por fundir-se ao Athletico “para a obtenção de resultados ainda melhores, quando a primeira colocação era do rival *America Football Club*” (ROSA et al, 2011, p. 107).

Assim como o Parque Municipal serviu de espaço privilegiado para o desenvolvimento dos esportes (e do futebol) em **Belo Horizonte**, outras cidades também tiveram seus locais. Em **Juiz de Fora** a atual Praça Antônio Carlos, no Centro, e a Praça da Matriz de **Muriaé**, tiveram esse mesmo papel. O importante é delinear a quantidade de equipamentos urbanos criados nos municípios Brasil afora. Houve uma profusão de sedes sociais e de campos de futebol criados (com dimensões oficiais ou improvisados e campinhos de terra). São incontáveis os clubes amadores e profissionais surgidos na 1ª quadra do século XX, alguns dos quais com trajetória intermitente entre o amadorismo e o profissionalismo, e

⁹⁸ MINAS GERAIS. Bello Horizonte, ano XXII, n. 83, 13 abr. 1913. Secção Alheia, p. 5.

tão distantes do enleio econômico e da espetacularização dos grandes clubes e jogadores verificados nas últimas décadas, mas não de representar o local e seus grupos.

2) Equipação urbana: a dotação de infraestrutura e de equipamentos urbanos ainda era notória nas cidades brasileiras na passagem do século XIX para o XX: praças e parques públicos, hipódromos, grandes avenidas, calçamento de ruas, criação de hospitais e escolas, etc., dominaram a cena nacionalmente. Espaços antes pouco usados passam a ter cada vez mais frequentadores, como as praias, por exemplo. Em certos casos, o futebol beneficiou e foi beneficiado por sistemas de transportes (bondes, por exemplo) e de iluminação, a qual permitia a realização de jogos noturnos.

Alguns exemplos ilustram o alastramento dos territórios urbanos⁹⁹ destinados ao esporte/futebol:

- **Belo Horizonte:** o *Prado Mineiro* foi seu principal palco dos jogos de futebol nas décadas de 1910 e 20, quando era considerado distante e de difícil acesso. Contudo, o crescimento da popularidade do futebol exerceu certa pressão para a consecução de melhorias nos serviços de acesso ao Prado Mineiro. Para um festival da Liga Mineira em 1917, era anunciado que “haverá bondes para o Prado de 5 em 5 minutos” (*Minas Gerais*, 11 fev. 1917, p. 7 apud SOUZA NETO, 2010, p. 48). Em 1919, para o jogo dos combinados mineiro e carioca esperava-se muitos torcedores: “[...] a assistência¹⁰⁰ [...] vai ser colossal, devendo, portanto, a Liga Mineira tomar providências para facilidade de locomoção dos assistentes” (*Minas Gerais*, 9 ago. 1919, p. 7 apud SOUZA NETO, 2010, p. 48).

A foto seguinte indica a intenção contida no planejamento urbano de Belo Horizonte de destinar espaços para a prática de esportes, os quais não eram especialmente voltados para o futebol, mas as adaptações o tracionaram para isso anos depois.

⁹⁹ Os casos tomados aqui (Belo Horizonte, Rio e Juiz de Fora) atendem aos interesses deste estudo. Outras localidades são abordadas em Melo (2010) e Cunha Jr. (2011), como Santos, Montes Claros, Belém etc.

¹⁰⁰ Aqueles que assistiam os jogos, o público espectador.

Planta 2.1 – Planta Geral da Cidade de Minas (atual Belo Horizonte) e seus locais de desportos.

Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte apud Rodrigues, 2010, p. 104.

- **Rio de Janeiro:** *Club de Corridas*. Destinado ao turfe, foi fundado em 1849 sob inspiração franco-britânica. Segundo Melo (2010, p. 21), as corridas de cavalo já ocorriam esporadicamente no Rio desde 1810, e mais frequentemente a partir de 1825, geralmente efetuadas na Praia da Saudade, no Bairro de Botafogo. O Club de Corridas é, certamente, uma das primeiras agremiações exclusivamente voltadas para o esporte no Brasil. “De fato, os clubes em geral (não só os esportivos), desde que foram criados, obtiveram local de destaque na cidade do Rio de Janeiro” (MELO, 2010, p. 22-23).

O mesmo autor narra, também a partir de meados do século XIX, a disseminação do remo na então capital federal (MELO, 2010, p. 25-29). Com a ideologia do Movimento Higienista em vigor, os banhos de sol e de mar passam a ser tomados como elementos de saúde (e não como lazer). A orla começa a ter uma nova dimensão de valores para a sociedade, deslocando o eixo de maior *status* urbano carioca da zona norte para a zona sul: as melhorias de acesso e de saneamento contribuíram para isso. Tais fatores explicam a existência do termo “regatas” nos nomes dos 4 grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro

(em razão de o remo ter sido mais popular e mais velho do que o futebol) e explicam ainda suas localizações na zona sul, à exceção do Vasco, que não nasceu elitizado, lembrando que as regatas eram apreciadas pelas famílias endinheiradas da capital.

As praias, dentre outros espaços públicos, eram utilizadas para os treinos das equipes de futebol, que ainda não possuíam sedes e campos ou estádios próprios.

Apesar da perda de popularidade, o remo permaneceu como símbolo de modernidade por meio dos esportes. Comprova-se isso quando, quase 100 anos após o período supracitado (meados do XIX), a inauguração do Complexo da Pampulha – grande símbolo da modernidade belo-horizontina – contou com esportes náuticos, dentre eles a regata.

– **Juiz de Fora:** *Velódromo Mineiro*. Sua construção, em 1897, foi assim noticiada pelo Jornal do Commercio (19 ago. 1897 apud MORORÓ, 2012, p. 74):

Pedem licença para a construção de um velódromo na cidade os senhores Alfredo Amaral e Carlos Alberto Nunes Leal. A mesma terá duas pistas para patinação e velocipédia e duas bancadas para o povo. [...] será realizado na rua São João Nepomuceno. Todo o material foi encomendado do Rio de Janeiro, tendo chegado parte dele.

O Velódromo Mineiro, em seus primeiros anos, foi utilizado para diversas práticas (nem sempre desportivas), como corridas de cavalos, touradas, ciclismo e passeios de bicicleta (MORORÓ, 2012, p. 74).

Apesar dos arroubos de modernidade em Juiz de Fora serem frequentes nessa fase, a cidade também estava enredada com as questões do higienismo: era assolada com epidemias de febre amarela, cólera, varíola e peste bubônica. A obsolescência dos serviços públicos até então instalados chegou por volta dos anos 1930. A modernidade trouxe às cidades matenses ainda vários outros problemas: casas de capim, animais mortos nas ruas, moradores de ruas, violência, trabalho infantil, educação precária e seletiva. Esses aqui citados foram elencados por Jefferson Pinto (2008, p. 35-36, 64, 91-94) sobre Juiz de Fora. Sonia Miranda (1990, p. 263-268 e 283-293) abordou os problemas urbanos juiz-foranos decorrentes de ações seletivas do poder público e dos investidores também nas décadas de transição secular (XIX-XX).

Tais problemas interferiam na atração de imigrantes, na não escolha da cidade para ser capital de Minas Gerais (fim do século XIX), na manutenção da mão de obra (Juiz de Fora era o maior polo industrial mineiro) e, claro, na localização dos equipamentos e serviços novos, como o Velódromo Mineiro. Este foi situado no Centro, o local que contava com as melhores

condições de frequência, com água e estações de bondes bem próximas, localizadas na antiga Rua Direita – atual Avenida Barão do Rio Branco, a principal via da cidade.

Fotos 2.13 e 2.14 – Juiz de Fora: bondes na Rua Direita em 1900 (atual Av. Rio Branco) e enchente de 1906 na Av. 15 de Novembro (atual Av. Getúlio Vargas).

Fontes: Amaral, 2006, p. 25 e Giroletti, 1988, s/p.

Sob o mesmo período (final do século XIX) e contexto do surgimento do futebol em Juiz de Fora, ginástica, corridas a pé, lutas, touradas, além de espetáculos circenses e teatrais estavam em plena atividade na cidade. É o que consta do levantamento organizado por Cunha Jr. (2010) a partir do jornal *O Pharol* (de 1876 a 1886). As tentativas de implementação de atividades pecuárias como alternativas ao café (desde o século XIX) e à sua posterior decadência (já no XX) repercutiram duplamente no cenário esportivo: (1ª) em 1890, quando foi criado o *Hipódromo Ferreira Lage*, de curta duração, mas com efeito marcante na estruturação do bairro Tapera¹⁰¹, onde foi instalado; (2ª) no início dos anos 1930, quando houve a fundação do *Joquêi Club de Juiz de Fora*, sem grande contribuição para o desenvolvimento do esporte na cidade.

No âmbito do higienismo, todavia, atividades esportivas também sofreram com as epidemias. De acordo com Arides Braga (1977, p. 33), o Sport venceu o 1º campeonato da cidade, em 1918, com o “time da espanhola”, em virtude da ausência de vários jogadores titulares no jogo decisivo acometidos com a doença (febre).

¹⁰¹ A região se organizou em Tapera de Baixo (Santa Terezinha, onde funcionou a hospedaria para imigrantes Horta Barbosa) e em Tapera de Cima (Bandeirantes).

Foto 2.15 – Time do Sport (Juiz de Fora), *Campeão da Cidade* de 1918, o “Time da espanhola”.

Fonte: Braga, 1977, p. 33.

Em Juiz de Fora, a oferta local de determinados serviços chama a atenção pela precocidade para o padrão brasileiro: bondes, iluminação pública, telefonia e telégrafos, água à domicílio, escolas (GIROLETTI, 1988; CHRISTO, 1994), como o Instituto Metodista Granbery, de 1890, onde houve a realização de uma das primeiras partidas de futebol do país, em 1893. Apesar de um equipamento urbano notável para inaugurar o século XX, **Juiz de Fora não exerceu influência** expressiva sobre o **surgimento do futebol** nas cidades da **Zona da Mata**, do mesmo jeito que as metrópoles não o fizeram em maiores escalas territoriais. As agremiações futebolísticas matenses foram fundadas basicamente seguindo dinâmicas locais próprias.

Semelhantemente, **Belo Horizonte não exerceu influência sobre a difusão do futebol em Minas Gerais**, onde, como no restante do Brasil, as iniciativas se pulverizavam simultaneamente. Vale destacar ainda que tanto Juiz de Fora como Belo Horizonte já possuíam emissoras de radiodifusão na década de 1920, o que, porém, não se transformou em influência marcante sobre outras localidades mineiras. Anderson Mororó (2012, p. 106) discute essa dianteira não assumida pela capital sobre o território mineiro:

Adverso ao que ocorria com o Rio de Janeiro, o futebol em Belo Horizonte se desenvolveu de forma desconexa em relação ao restante do estado. Apesar de se constituir como capital [...], não se destoava das demais localidades mineiras. Ainda vivenciando o seu processo de construção, a cidade buscava se consolidar como referência frente a outros municípios” [de Minas].

Ao contrário do que se poderia imaginar, foi o **interior mineiro que influenciou a capital**. Após passar por um encolhimento, o futebol renasce em Belo Horizonte sob a inspiração do que ocorria em outras capitais e no interior de Minas Gerais. “Em 1908, os periódicos locais traziam em suas páginas diversas notas acerca do sucesso do futebol praticado em outros relvados, como no exterior, nas capitais brasileiras e até notícias sobre sua ocorrência no interior do estado”, diz Rodrigues (2006, p. 182).

A despeito da simultaneidade na eclosão das agremiações esportivas em todo o país, ainda assim é possível depreender que o **papel indutor do Rio de Janeiro (e de São Paulo) foi muito superior ao de Belo Horizonte**, quase sem expressão fora de seus limites. Sem dúvida, isso é um fator relevante para a questão do pertencimento clubístico, reduzindo a penetração belo-horizontina e aumentando as chances dos times de São Paulo e Rio em conquistar fãs e simpatizantes, o que, transposto para as prerrogativas da influência urbana, significa estender seus alcances territoriais tendo o futebol como vetor.

À medida que os **esportes** iam se popularizando **novos espaços** a eles destinados surgiam **em Juiz de Fora**, muitos dos quais por iniciativa privada. Foi o caso da *Cervejaria Weiss*: conforme o *Jornal do Commercio* (22 out. 1897 apud MORORÓ, 2012, p. 75), a empresa passaria a contar com um espaço multiuso (turfe, corridas de bicicleta e a pé), fato que se tornaria realidade em 13 de janeiro de 1898 sob a denominação de *Prado Juiz de Fora*. No começo do século XX, o futebol já era uma realidade sedimentada quanto aos eventos como com a demanda por campos, como depreendemos da matéria a seguir.

Foto 2.16 – Campeonato de Futebol em Juiz de Fora (1919).

Fonte: *Diario de Minas*, 20 jun. 1919, s/p.

Outros exemplos seriam registrados em Juiz de Fora, como o da *Fábrica de Tecidos São João Evangelista*, no bairro Floresta, que construiu uma série de casas, uma escola e até hoje detém um campo de futebol, tudo isso nas suas adjacências e originalmente de uso para o operariado. A partir dessas condições surgiu o *E. C. Floresta* (19 de jan. 1934), iniciando-se nos campeonatos da Liga de Desportos de Juiz de Fora a partir de 1945. Atualmente, os moradores do bairro Floresta também usam o campo, que é o único espaço ao ar livre disponível, já que não há praça no local.

A popularização do **futebol também criou um mercado consumidor** deste evento/lazer. Os calendários esportivos dos municípios passavam a contar com os primeiros campeonatos e times visitantes, principalmente oriundos do cenário regional e de Rio e São Paulo, os maiores centros futebolísticos do país. O futebol era usado – tal como nos teatros – para que a “boa” sociedade de cada município aparecesse para seu público, lazer que incluía a presença feminina nas torcidas. Com o tempo e com a consolidação do futebol entre a população, políticos também compareciam amiúde aos jogos. Em meados de 1915, no 1º jogo intermunicipal¹⁰² entre times de Muriaé (Atlético Napoleão) e de Tombos de Carangola¹⁰³ (Tombense), “compareceu numerosa assistência, solidário ainda o belo sexo [...] o beque Artur Werneck convida uma senhorita para o *kick-off* inaugural. A moça dá a saída, passando a bola ao meia do Tombense [...]” (DG, 1979, p. 127)¹⁰⁴.

Os **impressos passavam a cobrir o futebol** com mais ênfase e um se alimentava do outro. Periódicos especializados surgiam. Em Belo Horizonte, *Foot-Ball* (1917) e *O Treno* (1918) são exemplos disso. Havia uma demanda crescente pelo futebol: novos estádios, transportes, mais arquibancadas etc. Souza Neto (2010, p. 52 e 53) mostra a visão jornalística sobre o assunto em Belo Horizonte, a partir de dois momentos:

1º) reivindicação de melhor estádio do que o Prado Mineiro no periódico *Foot-Ball* (13 set. 1917, p.1): “A necessidade de um campo [...] é [...] uma questão de alta gravidade e que se impõe como necessidade orgânica do football”.

2º) e quando, finalmente, se inaugurou um novo e melhor estádio, em 6 mai. 1923: “[...] o vasto e confortável *stadium* do America, construído com todos os requisitos modernos e no centro da cidade, virá dar enorme impulso ao foot-ball nesta cidade” (*Minas Gerais*, 3 mai. 1923, p. 10). O novo estádio tinha mais que o triplo da capacidade do Prado Mineiro, que era

¹⁰² O 2º jogo intermunicipal envolvendo Muriaé ocorreu em 1916: Atlético Napoleão x Ribeiro Junqueira, em Leopoldina.

¹⁰³ Tombos era chamada de “Tombos de Carangola” por fazer parte do Município de Carangola, do qual foi emancipado.

¹⁰⁴ Republicação condensada das originais crônicas veiculadas pela *Gazeta de Muriaé* (1952).

de 1500 espectadores, além de salões (1 para a diretoria, 1 para a secretaria, 1 nobre e 1 para ginástica), 2 *bars*, 2 vestiários e banheiro feminino, atendendo ao crescimento desta assistência à época (*Minas Gerais*, 6 mai. 1923, p. 8).

O **perfil ilhado** que **cada centro urbano** ainda possuía foi responsável por um considerável **isolamento e individualidade do processo de implantação e consolidação do futebol** nos vários núcleos espalhados quer seja pela Zona da Mata ou em outras regiões de estados distintos. Mas isso mudaria e com o rádio participando da união do país, ao menos no campo futebolístico.

3) As inovações tecnológicas: dentre as inovações, aquelas que, possivelmente, mais impactaram o futebol foram as da comunicação: os **impressos** e a **radiodifusão**. Os jornais tiveram menor impacto que o rádio, em vista de uma profusão de analfabetos no Brasil, razão direta do abismo classista nacional. Argumenta Melo¹⁰⁵ (2001 apud MORORÓ, 2012, p. 47) que apesar dos 85% de analfabetos, tal situação era driblada pagando-se alguém para ler, além de as conversas sobre esportes/futebol servirem como meio de inclusão social para os analfabetos.

Os Grupos Escolares criados pelo governo estadual em Juiz de Fora (1907) são o marco inicial da educação básica pública em Minas Gerais. Com isso, é possível depreender a situação das demais localidades e a existência generalizada dos iletrados na Zona da Mata e no restante dos territórios. Por outro lado, ainda que para uma minoria, os jornais passaram a dar maior visibilidade ao futebol e vice-versa, pois os jornais vendiam mais e também cobravam mais pelos anúncios.

¹⁰⁵ MELO, Victor A. de. *Cidade sportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

Gráfico 2.2 – Notas sobre futebol no *Jornal do Commercio* (Juiz de Fora, 1904-1914).

Fonte: Mororó, 2012, p. 137.

* Ausência do jornal a partir de outubro.

** Ausência do jornal a partir de agosto.

Na década de 1920 as **rádios** começaram a se disseminar. Já estavam atuando, por exemplo, no Rio de Janeiro¹⁰⁶, São Paulo e Juiz de Fora. Persistiam as diferenças de classes e o analfabetismo exacerbado. Este último podia ser contornado pelo rádio, que, por isso, passa a ser o maior veículo de comunicação da 1ª metade do século XX, sendo depois destronado pela televisão. Porém, enquanto o rádio foi maior, o futebol ainda não era ubíquo. Resultado: muitos ouvintes **conheceram a ainda novidade esportiva através do rádio** que, através das ondas de longo alcance territorial emanadas a partir do Rio de Janeiro e de São Paulo, construíram uma adesão clubística que perdura até o presente. As insígnias e os nomes de vários clubes (amadores ou profissionais pelo Brasil) são uma fonte de endosso dessa “vinculação pelas ondas do rádio”. A TV prolongou tais características. Na Zona da Mata há muitos exemplos fute-iconográficos¹⁰⁷ que remetem a essa influência comunicacional e intermunicipal, tais como:

- i) Ribeiro Junqueira, de Leopoldina (1911): seu antigo escudo era semelhante ao do Flamengo;
- ii) Flamengo, de Cataguases (1917): cujo escudo é também inspirado em seu homônimo carioca;
- iii) Leopoldina, de Bicas (1925): tem escudo e mascote (galo) como os do Atlético-MG;
- iv) Cruzeiro, de Juiz de Fora (1967): usa uniforme com estrelas, como o Cruzeiro da capital.

¹⁰⁶ No Rio surgiu a 1ª rádio brasileira em 20 de abr. 1923, a *Rádio Sociedade* (LINS, BRANDÃO, 2012, p. 74).

¹⁰⁷ Cf. Capítulo 5.

“Flagramos” outros casos matenses, nos quais nomes e cores dos clubes são utilizados com base em inspirações vindas de outras cidades e agremiações. Clubes pequenos na atualidade, mas que outrora tiveram mais peso futebolístico, como os cariocas Olaria, América, Bonsucesso e São Cristóvão também foram homenageados na região.

É mister não olvidar que as **rádios passaram a cobrir o território nacional** de modo mais amplo e a transmitir partidas de futebol décadas após a multiplicação do surgimento de clubes de futebol, questão que não prescinde de especificidades, isto é, as cidades, desde as menores até as mais importantes do país fundaram clubes, cuja simultaneidade comprova que não tivemos o Rio ou São Paulo como núcleos irradiadores do futebol, embora o precursor do futebol em Belo Horizonte seja justamente um carioca, o estudante Victor Serpa.

Para se ter ideia mais precisa de tal *club-boom*, somente **no Rio de Janeiro existiam mais de 40 clubes em 1907**, originários de variadas zonas e bairros, como do Méier, Mangureira, Lapa, Vila Isabel e Realengo (PEREIRA, 1998, p. 23-70). Os clubes mais tradicionais e atualmente conhecidos estão relacionados aos espaços mais centrais das cidades, como Fluminense (fundado em 1902), Botafogo e América (ambos de 1904). Pereira (1998, p. 16) afirma que a primeira partida de futebol no Rio de Janeiro ocorreu em 1901¹⁰⁸. Em um levantamento sobre a criação de agremiações esportivas voltadas à prática do futebol em São João del Rei, Astrogildo Assis (1985, p. 71) observa também uma profusão: 10 clubes entre 1909 e 1920, e 26 clubes até 1948. O caso de **Juiz de Fora** confirma este crescimento exponencial, com **33 agremiações fundadas de 1904 a 1914**, aponta a pesquisa de Mororó (2012, p.141) nos jornais locais *O Pharol* e *Jornal do Commercio*.

Em razão do relacionamento entre o futebol e a urbanização brasileira, **certos clubes brasileiros** trazem em seus nomes **referências às engenharias sobre o território** que se desenhavam nesse início de século XX. É o que houve no caso da implantação das ferrovias que, após suscitarem a criação de cidades, gestaram times de futebol, como Ferroviário (Fortaleza-CE), Ponte Preta (Campinas-SP) e Ferroviária (Araraquara-SP). No caso mineiro, a tradição minero-siderúrgica se fez representar através do Siderúrgica (Sabará-MG) – que chegou a ser bicampeão estadual (1934 e 1964) – e do Metalusina¹⁰⁹ (Barão de Cocais-MG).

¹⁰⁸ Fato conhecido graças ao *Correio da Manhã*, o único jornal que noticiou a partida de 22 set. 1901.

¹⁰⁹ O Metalusina tem hoje apenas futebol amador. Disputou seu último campeonato profissional, pela 2ª divisão estadual, em 1965. A decadência veio com o fim do patrocínio da Companhia Brasileira de Usinas, anunciado em meados dos anos 1950 (HOJE EM DIA, 18 jul. 2012). Essa história do fim do futebol é quase a mesma para o caso do Siderúrgica, quando perdeu o apoio da Companhia Belgo-Mineira, em 1967. Além disso, todos os jogadores eram empregados e recebiam seus salários de atleta pela empresa. “A maioria trabalhava no setor de modelagem e fazia serviços leves, como pintura”, explica o ex-atacante Michel Spadano, que atuou na década de 1950 (HOJE EM DIA, 17 jul. 2012).

O Siderúrgica também entraria para a história da TV em Minas Gerais, pois seu atacante, Michel Spadano, marcou o 1º gol transmitido ao vivo por uma emissora de televisão mineira, em partida contra o Villa Nova, em 1952, realizada no Estádio Independência (RIBEIRO, H. 2012, s/p). Como se vê por meio desse exemplo, na crescente mídia urbana brasileira o futebol vira um caminho para uma dupla popularidade: a dele próprio e o da TV.

Foto 2.17 – Time do Siderúrgica, Campeão Mineiro de 1964.

Fonte: Arquivo do Siderúrgica Futebol Sabará.

Essas últimas informações aliadas ao quadro anterior endossam a tese de que o **futebol surgiu e se desenvolveu simultaneamente em diversos pontos do país**. Essa percepção da força avassaladora que o futebol protagonizou já era relatada a um século atrás! O periódico *Montes Claros*¹¹⁰, da cidade homônima do norte de Minas, assim narrou a experiência local em 2 de novembro de 1916:

A sociedade evolue dia a dia; e aos poucos vão aparecendo e vão chegando uns influxos novos de geração também nova e o modo como vae trilhando pela senda do progresso. *O sport esta hoje em moda e constitue a nota emocional e palpitante das populações metropolitanas*. As regatas, as corridas equestres, os matches de foot-ball, o ciclysmo e muitos outros aspectos desse genero de diversão, enthusiasmam as massas, empolgam as atenções e fazem a delícia dos seus campeões e protagonistas. E vão se desdobrando, espalhando-se e hoje *em muitas cidades brasileiras existe ao menos um club de foot-ball*. *Montes Claros, apesar de afastada dos centros de irradiação algumas dezenas de legoas, já possui também um club sportivo*. E assim que vamos ter no domingo, cinco do corrente, o *match inaugural do 'Mineiro Foot-Ball-Club'*. Ao que tudo nos consta e segundo o programa que vimos esboçado, *vae ser uma festa á carioca* [...]. Ali, em

¹¹⁰ MONTES CLAROS, 2 nov. 1916, ano I, n. 26, p. 3.

torno ao campo onde vae se ferir o match inaugural, teremos ocasião de ver reunida a elite montesclarenses e, excepcional, e fazendo-a realçar, as nossas gentis patricias sempre jovias e promptas a prestarem o seu concurso a reuniões assim” (CALEIRO; SILVA; SOUZA NETO, 2011, p. 69-70, grifos nossos).

Os trechos destacados da notícia veiculada em Montes Claros deixam caminho aberto para determinadas análises:

1ª) **o futebol preencheu a lacuna como diversão** para uma sociedade carente de lazer, e isso não ficou circunscrito ao caso em questão (repercutindo a baixa qualidade dos espaços urbanos e das administrações municipais no Brasil), além da apartação dos mais pobres, já que o jogo/festa seria marcado pela presença das elites locais;

2ª) **denuncia uma penetração carioca no imaginário nacional**, relacionando o Rio de Janeiro ao festivo, mas também de modo concreto mostra a sua presença como referência para Montes Claros. E se foi assim, aponta para uma ainda frágil estruturação da polarização de Belo Horizonte que estava se organizando nesse período, a ponto de não ser nem sequer a cidade de maior economia de Minas Gerais, posto assegurado por Juiz de Fora. Contudo, a capital mineira já estava delimitando seu território no norte mineiro: “Todo este processo era capitaneado pelos jovens da elite montesclarenses que, embebidos de um espírito progressista (ao sair para estudar em importantes cidades brasileiras, notadamente o Rio de Janeiro e Belo Horizonte), retornavam com o intuito de promover uma revolução dos hábitos [...]” (CALEIRO, SILVA, SOUZA NETO, 2011, p. 69), e cumpriam o papel de “mensageiros da civilização” para o contexto local;

3ª) o “*match* inaugural” teve seus desdobramentos em Montes Claros no próprio futebol (quando **surtem novos clubes** – como o *America Foot-Ball Club*, em 1917 – e com a inserção da cidade em um torneio intermunicipal); e ainda na imprensa, com a criação de seções destinadas exclusivamente aos esportes, caso do periódico *Gazeta do Norte*.

4) O futebol e a imigração no Brasil: futebol e imigração são contemporâneos e esta reunião confluiu para o acontecer dos esportes no país. No final do século XIX começam a aportar no Brasil ideias (higienistas) acerca do favorecimento da saúde pelas práticas esportivas ou práticas corporais etc. Desse modo e com a perspectiva do planejamento intra-urbano, muitas cidades brasileiras passaram a deixar espaços públicos disponíveis para os praticantes de esportes. Muitos deles tiveram contato com determinadas modalidades esportivas por estarem

na Europa – eram os imigrantes ou os filhos das elites que lá estudavam – trazendo tais práticas ao retornarem ao país.

Os resultados dessa combinação de fatores são diversos, dentre os quais citamos:

- (i) Houve **proliferada fundação de clubes de futebol e de novos adeptos** das modernas modalidades esportivas fomentados por estudantes (Atlético Mineiro, Sport Recife, etc.) e imigrantes (Coritiba, Cruzeiro, Palmeiras, Vasco da Gama, dentre outros).
- (ii) A tomada de **conhecimento e de gosto pelos novos esportes** (sobretudo o futebol) irão alcançar tamanha popularidade na centúria passada que, juntos, são justificativas para o surgimento de clubes entre operários ou nas fábricas controladas notoriamente pelos ingleses, enfim, com praticantes entre os mais populares, casos que respondem, por exemplo, pela criação de Bangu, Cruzeiro e Internacional, ainda que imigrantes também tenham contribuído para a constituição desses clubes.

Ao longo de 2015, e continuando em 2016, o Cruzeiro fez questão de resgatar suas origens entre o operariado italiano¹¹¹, intitulando-se “O time do povo”. A expressão podia ser vista nos estádios durante os seus jogos e ainda no *site* do clube. É possível que essa atitude seja uma resposta a uma recorrente ideia popularizada em Minas de que (só) o Atlético é o time das massas, do “povão”. De fato, depois, grupos de imigrantes italianos se enriqueceram. Esta confusão ganha proporções internacionais e chegou até o pesquisador britânico Richard Giulianotti (2010, p. 27): “Em Belo Horizonte, a criação do Cruzeiro por imigrantes italianos possibilitou sua associação com a elite local e, assim, contrasta com seu eterno rival, Atlético Mineiro, o time das classes mais baixas”. A fusão entre os times de futebol do *Hygienicos* e do *Athletico* (já relatada) dá conta do quão questionável é essa rotulação designada ao Atlético até mesmo quanto à sua origem.

¹¹¹ “Os italianos que se estabeleceram em diversas partes do Brasil, no final do século XIX, não podem, de modo algum, ser tomados como membros da elite da sociedade brasileira daquela época. Eles eram sobretudo, trabalhadores sem capital e sem instrução, que se dedicavam a atividades pouco valorizadas, como o trabalho nas fábricas e nas lavouras [...]. O Palestra Itália [antigo nome do Cruzeiro] era um clube de imigrantes que, na sua grande maioria, eram membros de famílias pobres ou no máximo remediadas, sustentadas pelo trabalho árduo nas fábricas, oficinas e armazéns” (SILVA, 2007, p. 60 apud NETO, 2010, p. 49).

No início do século XX, os 3 principais times de BH representavam segmentos específicos: o América (por rapazes da elite), o Atlético (por estudantes oriundos do interior do Estado), e o Palestra Itália (por imigrantes italianos operários). “Este último [...] prosperou além dos outros. Essa correlação de forças se assenta sobre o poderio econômico alcançado pelos descendentes dos imigrantes e o relativo empobrecimento dos filhos das tradicionais famílias mineiras” (ÁVILA, 2008, p. 17 apud NETO, 2010, p. 50).

Foto 2.18 – Evocação identitária do Cruzeiro Esporte Clube.

Fonte: Cruzeiro E. C., 2015.

De todo modo, é notável a preocupação identitária dos clubes de futebol e o cuidado em reafirmá-la perante a torcida e a imprensa. Os grupos relacionados com a origem das agremiações foram se perdendo. Não há praticamente, hoje, meio de se afirmar que esse ou aquele clube é de elite, de operários etc., conforme já ponderamos a partir da análise de Gomes (2006, p. 237 e 238).

(iii) Em mais um reflexo da popularidade do futebol, os antigos **clubes das elites** e que proibiam/dificultavam a **presença de pobres, mulatos e negros** passam a aceitá-los, algo marcante para a história, por exemplo, de Grêmio e Fluminense¹¹².

(iv) Internamente ao Brasil, os **estudantes de cidades interioranas** que recorreram às faculdades das principais cidades de suas regiões também foram **vetores de divulgação do futebol**. É o caso de São João del Rei-MG, localizada no Campo das Vertentes: “Falando especificamente do futebol, este surgiu na cidade em 1907, [...], quando estudantes vindos de férias do Rio de Janeiro¹¹³ trouxeram as primeiras bolas de pneu e realizaram as primeiras partidas com os rapazes do comércio” (ASSIS, 1985, p. 72).

(v) Essa popularização do futebol criou uma **série de “campinhos” e campos de futebol** nos grandes espaços intersticiais que as cidades brasileiras possuíam nas primeiras décadas do século XX, contribuindo para compor a ideia de ascensão social via futebol originária das periferias e do lazer barato proporcionado pelo futebol;

¹¹² Esses clubes tricolores ficaram marcados pela demora na aceitação de tais grupos como jogadores em seus elencos e, logo, na identificação entre clubes e torcedores negros e pobres. Assim, entraram para a história a maquiagem (com pó de arroz, e daí a alcunha da torcida tricolor) do jogador Carlos Alberto, do Fluminense, e a elaboração do hino do Grêmio por Lupicínio Rodrigues, marcando uma nova etapa popular do clube entre pobres e descendentes de negros, como o próprio ilustre compositor.

¹¹³ É prudente recordar que o Campo das Vertentes foi uma região polarizada pelo Rio de Janeiro, conforme os estudos apresentados no Capítulo 3, situação que perdurou até por volta dos anos 1960-70 (IBGE, 1972).

(vi) Dentre essas infraestruturas criadas, as ferrovias¹¹⁴ (já mencionadas) ensejaram inclusive a criação de **clubes de futebol/esportivos ligados ao setor ferroviário**. Cabe recapitulá-los a fim de esclarecer que sob a gestão de estrangeiros (ingleses, preponderantemente) estavam várias linhas férreas, como a São Paulo Railway, que com seu clube chegou a disputar o Campeonato Paulista e ainda amenizou os embates entre dirigentes e funcionários na empresa¹¹⁵. Outro exemplo paulistano vem da E.F. Paulista, com origem em Jundiaí, onde deu nome ao time da cidade. Adão e Lima (2011, p. 82) asseveram que a construção da E. F. Oeste de Minas, pelos ingleses, foi o vetor que permitiu a introdução do futebol em São João del Rei. Na Zona da Mata, **Leopoldina e Santos Dumont** são exemplos de cidades em que a **parceria ferrovia-futebol fez surgir equipes** voltadas para esse esporte, casos do Leopoldina Railway e do Clube Social Olímpico Ferroviário, ambos criados em 1925.

Dentro da estruturação dos espaços internos às cidades, o papel das linhas de bondes e de ferrovias é considerável. À medida que o público espectador dos jogos de futebol crescia, a oferta de linhas também crescia. De maneira geral, a ferrovia encaminhou a ocupação e o povoamento de bairros em um sem-número de cidades brasileiras, pois nas suas proximidades se aglutinavam hotéis e o comércio; ao escoar a produção, as ferrovias atraíram os operários para morarem perto do local de trabalho; e ao interligarem cidades conurbadas ou próximas nas regiões metropolitanas, alimentaram novos eixos de penetração, aumentando ainda mais a concentração demográfica nas grandes cidades. Esse contexto para o Rio de Janeiro foi assim configurado: “Utilizada inicialmente para transportar cargas, a malha ferroviária cumpriu papel importante no processo de expansão da ocupação urbana [...]”. Vários ramais foram desativados para e pela expansão viária em benefício dos automóveis em meados do século XX. “A expansão dos subúrbios veio como decorrência da entrada em operação do transporte de passageiros nos ramais ferroviários. Núcleos residenciais foram se formando em torno das estações”, diz o Observatório das Metrópoles (OM, 2005, p. 32). Os mesmos trens serviam para coisas diferenciadas, como ir trabalhar e ir aos estádios nos jogos dos finais de semana, os mais frequentados.

Por seu turno, os bairros já estabelecidos contavam com serviços de transportes instalados há décadas, fato que alimentou e foi alimentado pela presença dos clubes

¹¹⁴ Além da ligação com o futebol (introdução e criação de clubes), as ferrovias também têm relação estreita com a política brasileira: por terem sido o primeiro meio de transporte moderno no país, serviam aos políticos que, viajando nos trens, faziam comícios nas estações, assistidos pela multidão que ficava nas plataformas. Vem daí a expressão “plataforma política”, ainda usual na atualidade.

¹¹⁵ Este exemplo foi perseguido por outras empresas, que introduziram o futebol com pretensões ideológicas capitalistas.

esportivos, com suas sedes sociais e estádios. E isso transcende, logicamente, o exemplo carioca. Seja por automóveis ou trens, o acesso aos jogos de futebol e demais eventos esportivos nas mais diversas cidades brasileiras (grandes ou pequenas, com times de massa ou pequenos) foi e é ainda uma realidade social e de lazer em pauta.

b) Estádio de futebol: estratégia de modernidade, fator auxiliar de centralidade urbana e da popularidade dos clubes e do próprio futebol

Outro aspecto relacionado com o orgulho pelo clube – e também com o tamanho de sua torcida – diz respeito aos *estádios de futebol*. Nesse item da tese, os estádios são considerados como objetos geográficos que se inserem na lógica modernista urbana do século XX no Brasil e, portanto, representam, tanto para o clube que o detém como para a cidade onde está localizado, não só um fixo no espaço geográfico, mas um **símbolo da modernidade**, de monumentalidade, na então sociedade urbano-industrial em formação. Por isso, muitos dos estádios representam para suas cidades um **objeto geográfico que ajudou a produzir uma nova centralidade**.

Os grandes estádios no Brasil seguiram o modelo do Maracanã, inaugurado em 1950. Antes dele, São Januário e Pacaembu foram as grandes vitrines do futebol brasileiro e símbolos da modernidade carioca e paulistana, respectivamente. De acordo com Mascarenhas (1999b), os estádios ocupam o imaginário urbano e influenciam os sentidos em relação ao lugar.

Assim, em Minas Gerais, a partir do **advento do Mineirão**, uma nova forma de pensar e narrar o futebol no Estado emerge. Concomitante a isso, hábitos e usos desse espaço foram sendo criados. O discurso forma a modernidade da época de tal modo que os locais “modernos” também atraem sujeitos “modernos”. Em 1959 foi iniciado o projeto para a construção do Estádio Minas Gerais, inaugurado em 1965 sob o nome *Magalhães Pinto*¹¹⁶, com capacidade para 130 mil espectadores e sendo o 2º maior estádio de futebol coberto do mundo (CAMPOS, SILVA, 2013, p. 8)¹¹⁷. Atualmente, em consonância com dados da CBF

¹¹⁶ Governador de Minas Gerais à época da inauguração do Mineirão.

¹¹⁷ O Maracanã, construído para a Copa do Mundo de 1950, cuja final (Brasil 1 x 2 Uruguai) é o maior público da história das copas (199.854 torcedores presentes e 173.850 pagantes) e “[...] talvez a maior tragédia da história contemporânea do Brasil. Porque implicou numa coletividade e trouxe uma visão solidária da perda de uma oportunidade histórica” (DAMATTA, 1982, p.31). Tal recorde, provavelmente não será batido, já que a capacidade dos estádios, no Brasil e no exterior, tem sido reduzida em razão de medidas para a consecução de mais segurança e de mais conforto para os torcedores. Por outro lado, tais mudanças encareceram o acesso. Desse modo, o atual Maracanã pode receber 78.838 espectadores.

(2013), o Mineirão tem capacidade para 61.846 espectadores. A modernidade do Mineirão pode ser pensada ainda por meio de sua localização, na Pampulha, onde já existia um conjunto de obras de Oscar Niemeyer, que fora contratado pelo então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira, ele próprio não menos emblemático quando o assunto é a modernidade brasileira, consubstanciada em seu Plano de Metas, com os milhares de quilômetros de rodovias e a construção de Brasília, quando presidiu o país (1956-1961) nos eufóricos tempos da Copa de 58 e da bossa nova (JK era o “presidente bossa nova”).

De acordo com Campos e Silva (2013, p. 7), nesse contexto, ser moderno representava ter um grande estádio, capaz de abrigar um número elevado de pessoas (mesmo sabendo que nem em todos os jogos essa capacidade máxima seria atingida), mas isso possibilitaria se firmar no circuito nacional do futebol, concorrendo diretamente com Rio de Janeiro e São Paulo. Ter um grande estádio de futebol que pudesse **fazer frente ao Maracanã (RJ) e ao Pacaembu (SP)** era um desejo da população mineira, uma vez que o futebol já estava bastante incorporado na cultura urbana (de Belo Horizonte para este caso). O raciocínio era simples: um estádio maior atrairia e comportaria mais público, a renda aumentaria e, com isso, diminuiria o êxodo de jogadores para o Rio de Janeiro e São Paulo, sustenta André Santos (SANTOS, 2005, s/p).

O meio esportivo de Minas Gerais se sentia injustiçado por não poder equiparar-se aos paulistas e cariocas – que, além do esporte, comandavam as questões político-econômicas do país –, sendo que o principal motivo alegado era a falta de um estádio como o Maracanã, no Rio de Janeiro, ou o Pacaembu, e depois o Morumbi, em São Paulo (SANTOS, 2005, s/p).

Esse raciocínio está presente no sítio eletrônico do Mineirão, por meio de sua gestora, a Minas Arena (s/d, s/p), onde procura evidenciar:

- 1) o maior público da história do estádio (132.834), alcançado na final do campeonato mineiro de 1997 entre Villa Nova (que estava ausente das finais desde 1951) e Cruzeiro;
- 2) expor que 302.865 torcedores estiveram presente nos 3 clássicos disputados entre Atlético e Cruzeiro em 1969, totalizando uma média de 100.865 espectadores. “Estes números causavam inveja por todo o Brasil” (MINAS ARENA, s/d, s/p). O teor da citação não deixa dúvida alguma quanto ao caráter inovador e simultaneamente competitivo proporcionado pelo Mineirão.

A megalomania expressa por meio dos grandes estádios brasileiros construídos em meados do século XX é um reflexo desse mesmo ideário em relação à ascensão do país no cenário internacional. Inaugurava-se a era das grandes construções, do ufanismo: rodovias

radiais partindo de Brasília, Ponte Rio-Niterói, Transamazônica, hidrelétricas do Rio São Francisco e Itaipu etc. Nesse contexto, o Maracanã estava para o futebol como o sonho de o Brasil virar potência mundial (mas assentado na desigualdade social) estava para os interesses das elites.

No contexto clubístico a lógica também era simples: como os times dos demais estados do Brasil (alçando uma projeção nacional ao fazer frente aos times de São Paulo e Rio de Janeiro) podiam demonstrar grandeza e rivalidade mandando seus jogos em estádios acañados? Afinal, os pequenos estádios tinham sido suficientes na fase em que as disputas eram de cunho local e/ou regional. Serviram para os clássicos da cidade, para enfrentar o maior rival. Hoje, e já em meados do século XX, os velhos e pequenos estádios representam/representavam um período de expansão urbana, o que resultou na extinção de vários dos estádios precursores na vida de grandes clubes do futebol brasileiro. Assim, não se pode aspirar a um posto de vanguarda nacional mediante a realização de jogos entre equipes de massa (de torcedores) nos mesmos palcos usados para jogos de muitas décadas anteriores. Essa é a ideologia embrenhada nessa perspectiva de mandar jogos em grandes estádios.

Os grandes estádios espalhados nos maiores centros do futebol brasileiro podem ser interpretados à luz da divisão do trabalho no território nacional. Ao se interligar economicamente o Brasil, o futebol também se transformou em algo nacional. A sociedade e os territórios passaram a constituir uma rede cuja densidade cresce incessantemente. Desse modo, os campeonatos regionais foram perdendo a centralidade que ocupavam na mídia e na expectativa dos torcedores. Agora, o objetivo de um grande clube não era mais (só) o de se sobrepor aos seus rivais locais, mas mostrar superioridade em escalas cada vez mais abrangentes. Por essa razão, os campeonatos supraestaduais passaram a ser continuamente jogados a partir dos anos 1950. Os clubes tinham a difícil tarefa de transpor suas hegemonias locais e regionais para todo o país.

Apesar de a recente redução na sua capacidade – de incríveis 200 mil para 78.838 (CBF, 2013) – o Maracanã segue como um grande estádio do mundo. Desse modo, agora a quantidade veio acompanhada de ganhos em qualidade: assentos individuais (antes as pessoas podiam assistir aos jogos em pé, na popular “geral”), maior fluidez do público, proximidade com linha de metrô, maior vigilância interna (monitoramento e filmagem das torcidas), dentre outras inovações presentes nos novos estádios. Por outro lado, a qualidade que chegou teve um preço, sendo literalmente cobrado do torcedor/consumidor (de elite) que pode pagar por isso. Os espaços mais populares/baratos do estádio foram extintos.

Os novos estádios construídos em função da Copa de 2014 atendem aos preceitos estabelecidos pela FIFA, mandatária do evento. Cada uma das 12 sedes entrou nessa empreitada e cada estádio teve que comportar cadeiras (ninguém mais pode ficar em pé durante os jogos), cobertura para a torcida, câmeras de vigilância etc. Tais exigências levaram a uma nova concepção de estádios e pressupõe a formação de um novo tipo de torcida, neutra, pacificada e constantemente vigiada, convertida em consumidora, atesta Cruz (2010). Essas características conferem um grau de **enobrecimento aos estádios**, que passaram a ter novos gestores e, assim, novos preços de ingressos e demais serviços. Nesse sentido, cria-se uma gentrificação perceptível nos estádios do Brasil e dos demais países que sediaram Copas do Mundo. Contudo, o processo gentrificador vem sendo criado por meio de etapas em períodos cronológicos distantes, de acordo com Jonh Bale (1993, p. 11-18).

Bale (1993) parte do período em que o futebol ainda não tinha sido “esportificado”, ou seja, quando ainda não existiam regras específicas, responsáveis pelos processos de racionalização e burocratização na sua forma de disputa e organização. Não havia estádio propriamente dito, mas um espaço, sem limites definidos, com topografia acidentada, com usos variados (pastos, caça, agricultura), ou mesmo uma porção do espaço urbano era utilizado (como as praças), dentro do qual se desenrolava a disputa do jogo e havia grande interação entre jogadores e observadores, podendo ocorrer até mesmo troca e inversão de papéis no desenrolar da ação.

O estabelecimento de regras e a institucionalização do futebol criaram, no contexto da urbanização, a **segregação de espaços destinados aos esportes**, incluindo os estádios. A ideia de tempo livre dos trabalhadores, um tempo para o lazer, passava a ser cada vez mais considerado. Bale (1993) observa essa situação nas cidades inglesas, onde as construções dos primeiros estádios separaram observadores e jogadores, além da demarcação dos limites do campo de jogo em 1882, de acordo com a *Football Association*. Assim, um dos últimos aspectos do futebol popular foi suprimido. Para o caso brasileiro, os campos de várzea, localizados nos interstícios de nossas cidades, tornaram-se cada vez mais escassos. Cruz (2010, p. 67) salienta que

[...] com o crescimento da popularidade do esporte e a separação definitiva entre praticantes e espectadores, novas soluções tiveram de ser buscadas para acomodar a crescente aglomeração de torcedores nas arquibancadas. O primeiro passo foi a cobrança de ingresso para assistir às partidas, que remonta a 1872 em uma partida no campo do Aston Villa (Birmingham), que rendeu 5 *shillings*. A partida de futebol se aproximava cada vez mais com

um espetáculo a ser assistido, mais próximo do teatro popular, no qual a ênfase não está mais no *play* (jogo), mas no *display* (espetáculo, encenação).

As arquibancadas, antes de madeira ou encravadas nos barrancos, passam a contar com coberturas e cadeiras, onde se alojavam as classes sociais abastadas. Atrás de cada gol, onde tais privilégios não existiam, ficavam os trabalhadores ingleses. Esses torcedores, chamados de *ends* e *kops*, foram os primeiros considerados violentos, originando setorizações e vigilância. Cercas também foram instaladas entre o gramado e arquibancadas para evitar invasões de campo, além de aumento do policiamento. Como nos informa Giulianotti (2002, p.111), a partir da década de 1970 a utilização de câmeras de monitoramento deixou de ser exclusiva a instalações militares e fábricas e passou a ser usada no espaço público em geral. Os estádios de futebol parecem ter sido os lugares onde se experimentou pela primeira vez a vigilância em espaços públicos, cujo monitoramento interno tornou-se obrigatório e comum a partir dos anos 1980.

Nessa nova realidade, onde impera o paradigma da vigilância difusa, virtual, grades e segregação não faziam mais sentido, uma vez que mudou a concepção de segurança dentro dos estádios. Para tanto, afirma Cruz (2010, p. 73) que os setores mais populares foram removidos e substituídos por assentos ou camarotes executivos. Da mesma forma, os torcedores que mantinham relação de extrema topofilia em relação a tais setores, que proporcionavam uma experiência flexível e modos de sociabilidade genuínos, contribuindo para a criação da atmosfera festiva durante as partidas, foram excluídos economicamente, na busca dos clubes por uma plateia mais civilizada e que nutrisse outro tipo de relação e envolvimento emocional com o espetáculo. Essa situação inglesa encontra similaridade no Brasil: o setor popular da “geral” (onde os torcedores ficavam em pé e perto do gramado) foi extinto com a recente reformulação do Maracanã.

Nessa fase de afirmação do futebol perante a modernidade, o Brasil inscreve-se como sede de duas Copas do Mundo, o que significa construir estádios. O fato é que os estádios estão apenas atendendo aos requisitos da mandatária da Copa do Mundo, a FIFA. Assim como construir grandes estádios significava inserção na modernidade brasileira, atualmente, sediar a Copa visou a uma enorme propagação do Brasil no exterior, atestando força econômica e atração de capitais, com destaque para o setor de turismo. Ou seja, ainda somos os mesmos e vivemos de costas para o nosso interior, como em meados do século XX, no auge do ufanismo nacional, quando produzimos para o mercado externo e ainda com subserviência.

As cidades do interior de Minas Gerais também providenciaram seus estádios como forma de acompanhar a modernidade tardia brasileira, cujas metrópoles funcionaram como “garotas-propaganda”.

Tabela 2.8 – Estádios¹¹⁸: capacidade de público do Maracanã, do Mineirão, do Independência e dos estádios das principais cidades do interior de Minas Gerais.

Estádio e Cidade	Capacidade	Capacidade Oficial	Propriedade do Estádio
Maracanã, Rio de Janeiro	78.838	78.838	Estadual
Mineirão, Belo Horizonte	61.846	75.783	Estadual
Parque do Sabiá, Uberlândia	53.350	56.450	Municipal
Independência, Belo Horizonte	23.018	23.018	Particular
Mário Helênio, Juiz de Fora	14.185	25.000	Municipal
José Mammud Abbas, Governador Valadares	8.678	8.678	Particular
Juca Ribeiro, Uberlândia	7.000	-	Particular
José Maria Melo, Montes Claros	5.000	5.000	Particular

Fonte: CBF – Cadastro Nacional de Estádios de Futebol, 2013, p. 60-62 e 74.

Apesar de a tabela revelar os estádios das principais cidades do interior mineiro, a Zona da Mata também teve uma profusão deles criados, ainda que a região seja majoritariamente composta por pequenas cidades. O significado de modernidade atribuído aos estádios é tão marcante que algumas dessas cidades os construíram com grandeza exagerada frente ao número de moradores e de torcedores. Em Rio Doce, por exemplo e onde o Ponte Nova manda seus jogos pela “Segundona”, a capacidade de espectadores do estádio e o número de habitantes do Município são equivalentes – perto dos 2500.

¹¹⁸ Muitos dos estádios brasileiros têm apelidos, cujos nomes oficiais são costumeiramente até desconhecidos do grande público. Exemplos: Jornalista Mário Filho (Maracanã), Magalhães Pinto (Mineirão), Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), João Havelange (Parque do Sabiá, em Uberlândia; era o nome do Engenhão, no Rio de Janeiro), José Pinheiro Borda (Beira-Rio), Governador Plácido Aderaldo Castelo (Castelão), Joaquim Américo Guimarães (Arena da Baixada), Aldemar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro), Eládio de Barros Carvalho (Aflitos), José do Rego Maciel (Arruda), Octávio Mangabeira (Arena Fonte Nova) etc. (CBF, 2013).

2.3 – TERRITORIALIDADES DO FUTEBOL NA ZONA DA MATA E EM JUIZ DE FORA

A Zona da Mata não fugiu ao quadro pioneiro geral da difusão do futebol verificado no Brasil, ou seja, assentado sobre a influência urbana, escolar e imigrantista, incluídos aí os estudantes brasileiros repatriados da Europa e os trabalhadores de suas firmas atuantes no país, com destaque para a Inglaterra nesses dois últimos casos. As regiões que margeiam a Zona da Mata, como Campo das Vertentes, Metropolitana, Vale do Rio Doce e a zona fronteira com o Estado do Rio de Janeiro também foram abarcadas por esse processo introdutor e irradiador do futebol. Todavia, não sendo tais regiões o alvo central desse estudo, os exemplos aqui informados que as contemplam são apenas esporádicos, mas ressaltando a pertinência dos tangenciamentos entre tais regiões e a Mata.

O período moderno para a Zona da Mata está amplamente estabelecido pela cafeicultura que se disseminou no século XIX e atingiu o XX ainda no auge, até decair por volta dos anos 40. Os barões do café e as inversões de capital da cafeicultura para a indústria delinearão esse período por meio da criação de ferrovias e rodovias; atração de mão-de-obra imigrante (destacadamente alemães e italianos); criação de escolas e faculdades; fundação de bancos; melhorias urbanas; etc., sobressaindo Juiz de Fora,

A afirmação futebolística ocorreu, em grande medida, devido ao sistema de transportes, cuja instalação a Zona da Mata teve de forma precoce (rodovias começando na década de 1830!) em face de outras regiões mineiras e até sob contexto nacional, cujas diferenças são notórias e costumam passar de meia centúria até, ou mais. Os contatos intermunicipais, interregionais etc. ainda eram muito precários na 2ª metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Pensar em telégrafos, telefones e rádios como articuladores para tal período é permanecer com a ideia do isolamento configurado na ilha que cada localidade representava e no conjunto regional: assim era a Mata Mineira nessa fase. A maioria dos habitantes não dispunha de acesso a tais produtos e serviços, quer pela sua ausência como infraestrutura urbana ou pelo alto preço para adquirir um aparelho de rádio, por exemplo.

Diante desse quadro, a cronologia da chegada do futebol em cada cidade perde até um pouco do sentido, pois o chegar praticamente simultâneo de uma inovação era sucedido por

seu desenvolvimento com considerável dose de natividade, não configurando uma cópia fiel daquilo que acontecia nas cidades mais influentes e opulentas, fato narrado por viajantes e jornais que circulavam nos municípios de menor envergadura no sistema urbano da época. E tal localismo ocorria também mais por se tratar de desconhecimento do que somente por autenticidade. Divergidamente, conhecer a cronologia da chegada do futebol em cada cidade, por meio da fundação de agremiações esportivas, aponta para uma conexão entre os lugares bem como para os efeitos da difusão de inovações sobre a Zona da Mata.

A tudo isso soma-se, ainda, a grande massa de iletrados, de ex-escravos e de pobres que povoaram a Zona da Mata, sobremaneira nos municípios mais dinâmicos no bojo da pronunciada economia cafeeira que enfaticamente ocorreu na região. Os aparelhos de rádio para acompanhar os jogos eram caros, bem como a compra de um terreno para a instalação dos campos de futebol e das sedes sociais. Estas, quando se podia, em geral foram inauguradas décadas após a criação das agremiações esportivas.

Malgrado um caminho de dificuldades, ainda assim o futebol vingou na Zona da Mata. Essa trajetória, aliada ao contexto urbano da época, ocupa as páginas restantes deste capítulo.

a) Antecedentes à chegada do futebol: do ouro para a cafeicultura e a formação da rede urbana matense enquanto contextualizações

Este item prende-se ao objetivo primaz de mostrar a cafeicultura como grande agente da modernidade regional: fator modificador da estrutura material, infraestrutural e cultural para a vida cotidiana na Zona da Mata, servindo de preparo para a incorporação dos esportes na sociedade. Não é pretendido uma revisão historiográfica¹¹⁹, mas sim focar na **relação entre a economia cafeeira e a consolidação do futebol**. A cafeicultura como maior das atividades econômicas, ampliou e deu ares modernos à rede urbana regional. Como o futebol matense é pouco anterior ao começo do século XX (data de 1893), significa que as cidades criadas até o limite de 1900 tiveram chances maiores de conhecerem e desenvolverem o futebol escolar e clubístico. Esta hipótese, que pensamos inicialmente, foi confirmada e está também relacionada ao avanço do sistema de transportes. Apresentamos tal endosso neste capítulo.

A Zona da Mata ficou à margem do processo de ocupação do território mineiro durante a fase mineradora na região central do Estado. Junto com o Vale do Rio Doce, a Mata

¹¹⁹ Outras informações a esse respeito constam no capítulo 3.

era um dos “Sertões do Leste”, ou seja, compunham juntamente com o Espírito Santo, um amplo espaço estrategicamente discriminado para o anecúmeno (CAMPOS, 2013, p. 1011), sob o propósito de proteger as regiões das minas.

A despeito da proibitiva ocupação por parte de Portugal, a atual Zona da Mata teve que ser rasgada com caminhos que levassem o ouro extraído no centro de Minas até o litoral fluminense, em Parati e no Rio de Janeiro, compondo o Caminho Velho e o Caminho Novo de escoamento¹²⁰ (BASTOS, 2004, p. 13-14). O Caminho Novo (1705)¹²¹ serviu à ocupação da atual porção centro-sul Zona da Mata, pois ao redor dele as sesmarias¹²² (datas) eram cedidas. Carrara (1999) defende a tese de que a ocupação da Mata teria se iniciado pelo norte, através de migrantes oriundos de Mariana que ocuparam o Vale do Rio Piranga, atingindo Ponte Nova e Manhauçu. Tratando as duas ideias como complementares, ainda assim, a atual Zona da Mata ficou praticamente desabitada até 1829, quando possuía apenas cerca de 22 mil habitantes, passando a 250 mil por volta de 1880, já sob o efeito do café (PEDROSA, 1962¹²³ apud GIROLETTI, 1988, p. 93). O eixo econômico migrara para o circuito ouro-porto da rede dendrítica comandada pelo Rio de Janeiro, a nova capital, que, com sua recente centralidade instaurada, começava longa trajetória de influência sobre Minas Gerais, englobando singularmente a Zona da Mata, que passa a uma ocupação gradativa. Ao longo dos caminhos de escoamento – na Mata e outras regiões – **surgiram vários núcleos de povoamento** relacionados basicamente com os locais de:

- (i) descanso das tropas e viajantes;
- (ii) abastecimento alimentar, tanto pontualmente quanto em espaços mais amplos com a prática da agropecuária, inclusive sobre áreas subtraídas dos indígenas;
- (iii) cobrança dos impostos ligados ao ouro, as “recebedorias”;
- (iv) aprisionamento de índios e ladrões de ouro, que fizeram surgir pontos de defesa e de prisão.

¹²⁰ O Caminho Velho partia de Taubaté-SP e transpunha a Serra da Mantiqueira para alcançar Minas Gerais e daí até Parati. O Caminho Novo surgiu da iniciativa de Garcia Rodrigues Paes (primogênito de Fernão Dias Paes) com a aquiescência governamental. A partir de 1701 passou a ligar o Rio de Janeiro à Serra da Mantiqueira, na Borda do Campo (Barbacena-MG), aproveitando o curso do Rio Paraibuna, que corta Juiz de Fora. Cidades foram fundadas no trajeto de ambos os caminhos, como Baependi e Paraíba do Sul, por exemplo (BASTOS, 2004, p. 13-21).

¹²¹ Foi aberto por Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias Paes. Há discordâncias sobre sua “inauguração”, tendo autores que citam até 1720, como Valverde (1958). Porém, 1705 é mais consensual, já que é atribuído ao Caminho Novo influência sobre a emancipação de Minas Gerais (1720).

¹²² “Sesmaria é uma imensa extensão de terras que é entregue a um sesmeiro para o seu cultivo regular, roças, pastagens [...]. Não exploradas, tornam-se devolutas, não tendo mais o sesmeiro poder sobre elas” (BASTOS, 2004, p. 67).

¹²³ PEDROSA, M. X. V. “Zona silenciosa da historiografia mineira: a zona da Mata”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, n. 9, 1962, p. 189-230.

Abarcando os dois primeiros itens, observou Orlando Valverde (1958, p. 26): “Para atender à circulação intensa de tropas, de pessoas e mercadorias, organizaram-se os pousos. Estes precisavam assegurar a alimentação de pessoas e animais tanto quanto possível com os recursos locais. Foram-se assim abrindo as roças ao redor desses núcleos embrionários [...]”.

Além disso, os saqueadores criaram caminhos alternativos às rotas oficiais para uma região de grande fluxo para seu tempo, nos séculos XVII-XVIII, mas ainda influente no XIX. O mapa a seguir aglutina os casos da gênese urbana regional citados.

Mapa 2.3 – Assentamentos humanos identificados até 1821 nas atuais microrregiões da Zona da Mata.

Fonte: Soares, 2009, p. 111.

Aos assentamentos acima cartografados, somam-se outras povoações que já existiam, como Simão Pereira, Matias Barbosa, Belmiro Braga e Santana do Deserto (nomes atuais), todas nas imediações da fronteira Minas-Rio de Janeiro. Foi tal o número de fazendas dividindo as sesmarias e o movimento no trajeto do Caminho Novo que o Governo Provincial

contrata Henrique Guilherme Halfeld – um dos precursores na ocupação de Juiz de Fora – para construir a Estrada do Paraibuna (1836), ligando a então capital Ouro Preto até Barbacena e Juiz de Fora¹²⁴, integrando-se com a rota do ouro e sobrepondo-se ao Caminho Novo. O circuito da estrada de rodagem ficaria completo em 23 de junho de 1861, quando foi inaugurada a Estrada União e Indústria entre Petrópolis e Juiz de Fora, a primeira com técnica de pavimentação com macadame¹²⁵. Portanto, completava-se a conexão entre as capitais mineira e federal por eixo terrestre sob boas condições de tráfego (BASTOS, 2004, p. 73-74). Petrópolis e Rio de Janeiro já possuíam ligação rodoviária.

A maior rapidez e conforto permitidos pela **Estrada do Paraibuna** dinamizaram os assentamentos em suas margens, dentre os quais Juiz de Fora, cuja emancipação (1850) veio somente 14 anos após a instalação da rodovia. A **Rodovia União e Indústria**, por sua vez, facilitou a comunicação de Juiz de Fora com a Zona da Mata (Bicas, Guarará, São João Nepomuceno, Rochedo de Minas, Leopoldina, Cataguases, Mirai, Muriaé) e com os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, como se observa na atualidade (BASTOS, 2004, p. 159 e 174). Com isso, compreende-se a **aproximação e as polarizações urbanas surgidas** entre tais áreas a ponto de constituírem um **sistema de cidades capitaneado pelo Rio de Janeiro** (de forma geral) e **por Juiz de Fora** (na escala regional).

Com a queda da produção mineral ainda no século XVIII, Portugal foi obrigado a revogar a proibição de ocupar os “sertões”. Assim, o século XIX marcou a mudança de uma sociedade mais dinâmica e urbana do período minerador para uma sociedade mais estática e rural, de base cafeeira. A rede urbana mineira e matense tendeu a uma desaceleração quanto ao surgimento de novas cidades, algo em boa medida “compensado” com a ascensão das vilas à condição de sedes municipais e com os contínuos desmembramentos.

A dinâmica econômica aliada às pressões políticas de meados do século XIX criam as condições para o surgimento de novos municípios matenses.

No interior da Zona da Mata, onde ainda não havia sido criada nenhuma vila, foram implantadas 10 sedes municipais entre 1831 e 1855 [...]. A criação das três primeiras vilas está relacionada ao processo mais antigo de crescimento de seus núcleos urbanos. Correspondem, atualmente, aos municípios de Rio Pomba, emancipado em 1831, Visconde do Rio Branco, em 1839, e Piranga,

¹²⁴ Em 1836 Juiz de Fora fazia parte de Barbacena, desmembrando-se em 1850. Nesta época, o Município de Juiz de Fora alcançava a fronteira com o Rio de Janeiro. Há indícios que a estrada chegou até Paraíba do Sul-RJ e daí atingia Petrópolis (BASTOS, 2004, p. 140). Em Juiz de Fora, a Estrada do Paraibuna fez surgir a atual Av. Barão do Rio Branco, um marco na estruturação urbana da cidade e até hoje sua principal artéria.

¹²⁵ Mariano Procópio Ferreira Lage, idealizador da União e Indústria, conheceu a pavimentação de estradas quando viajou para EUA e Europa, onde era usada a técnica de *Mac Adam*, o que no Brasil passou a ser chamada de *macadame* ou *macadamização*. No espaço interno juiz-forano, a rodovia foi responsável por dinamizar a Av. 15 de Novembro, atual Av. Getúlio Vargas (BASTOS, 2004, p. 169).

em 1841. Os outros sete municípios foram resultado de processos mais contemporâneos, vinculados de forma mais direta ao contexto de transformações econômicas, políticas e territoriais ocorridas na primeira metade do século XIX. Esse é o caso do município de São João Nepomuceno, emancipado em 1841; de Rio Preto, emancipado em 1844; Juiz de Fora, em 1850; Mar de Espanha, em 1851; Ubá, em 1853; Leopoldina, em 1854, e Muriaé, em 1855 (SOARES, 2009, p. 129-130).

Além desses, mais municípios surgiram na Mata ainda no século XIX, como Rio Novo (1870), Viçosa (1871), Cataguases (1875), Ponte Nova (1875), Manhuaçu (1877), Carangola (1878), Guarará (1890), Palma (1890) e Abre Campo (1889). A gênese urbana matense prosseguiu pelo século XX com Guarani (1911) e Rio Casca (1911), conforme o Departamento Nacional do Café (1934 apud GIROLETTI, 1988, p. 95). As demais antigas “Áreas Proibidas” ou “Sertões de Leste” passaram pelo mesmo processo e no mesmo período, a exemplo dos vales dos rios Mucuri e Doce¹²⁶.

O sul da Zona da Mata era a grande área produtora de café, a qual se juntam os atuais municípios de Viçosa, Ubá e Senador Firmino em meados do século XIX. Com isso, a circulação torna-se imprescindível, o que

[...] forçou até mesmo a organização de alguns fazendeiros locais para a realização de melhoramentos que possibilitassem o acesso à Estrada do Paraibuna, principal via de escoamento da produção rumo ao porto carioca. Foi em meio a esse contexto que o empresário Mariano Procópio Ferreira Laje solicitou ao governo imperial a exclusividade para a formação de uma companhia de transportes por carros para os artigos de comércio e diligências para o transporte de pessoas, fazendo o percurso desde Barbacena até a Vila da Estrela, no Rio de Janeiro. Pelo decreto imperial de 27 de agosto de 1852, tal concessão foi sancionada e, em 1853, o governo provincial mineiro cedeu o usufruto da Estrada do Paraibuna, entre Barbacena e o rio Paraibuna, à recém-criada Companhia União e Indústria. Além de fazer os serviços de transporte, a Companhia era responsável pela abertura e manutenção das estradas sob sua concessão. A inauguração da Rodovia União e Indústria, em 1861, no trecho entre Juiz de Fora e Petrópolis, contribuiu, assim, para incentivar a continuidade do processo de difusão da cafeicultura na Mata (SOARES, 2009, p. 117).

O café passa a ser o maior trunfo das economias mineira e matense, além de ter proporcionado fortes inversões de capital no setor industrial e com articulações no sistema financeiro, permitindo o destaque de alguns municípios da região no cenário estadual e até no nacional, sobressaindo Juiz de Fora. **Cidades e novos habitantes (e imigrantes) surgiam**. Desse modo, sob o âmbito da produção cafeeira, a Zona da Mata teve saltos exponenciais em seu contingente populacional, atingindo 430 mil habitantes em 1890, e 840 mil em 1920

¹²⁶ Caratinga surgiu em 1890, Mutum e Rio José Pedro (atual Ipanema) em 1911, por exemplo.

(PEDROSA, 1962 apud GIROLETTI, 1988, p. 96), ou seja, quase 40 vezes mais pessoas do que em 1829. E isso em menos de 100 anos! Juiz de Fora dá o mote dessa celeridade, pois o município foi criado em 1850 com meros 500 habitantes, mas ascendeu a 27.722 moradores em 1855, dentre os quais pouquíssimos ficavam na área urbana, apenas pouco mais de 100, consoante Esteves (1915, p. 58), e com 11.176 estrangeiros¹²⁷ (BASTOS, 2004, p. 165), algo indissociável do pioneirismo da cidade no âmbito do futebol. Porém, as populações urbanas cresceram com rapidez em Juiz de Fora e nas cidades matenses no início do século XX.

Gráfico 2.3 – Evolução da produção de café em Minas Gerais – Médias quinquenais (1850-1924).

Fonte: Pires, 2005, p. 21.

Tabela 2.9 – Participação da Zona da Mata na produção cafeeira de Minas Gerais (períodos selecionados entre 1847 e 1926).

Período	Minas Gerais	Zona da Mata	%
1847/48	745.381	743.707	99,77
1850/51	900.264	898.184	99,76
1886	5.776.866	4.316.067	74,71
1888	5.047.600	4.433.800	87,83
1903/04	9.404.136	5.993.425	63,73
1926	12.793.977	9.105.543	71,17

Fonte: Pires, 2005, p. 22

¹²⁷ Dado revelado em sessão da Câmara Municipal em ata de 27 out. 1855.

Mapas 2.4, 2.5, 2.6 e 2.7 – Fluxos de exportações agropecuárias em Minas Gerais no século XIX (1815-1884) por recebedorias (em libras).

Fonte: Restitutti, 2006, p. 141.

A reunião dos capitais oriundos da cafeicultura com a rede viária implantada para seu escoamento (aproveitando a malha anterior da fase aurífera) fizeram de Juiz de Fora o maior entreposto comercial da Zona da Mata, além de local onde os investimentos industriais passaram a ocorrer amiúde. Com perspicácia, Orlando Valverde (1958, p. 63) observou a importância da articulação viária: “Suas principais cidades [da Zona da Mata] estendem-se como guirlandas ao longo dos caminhos tradicionais. Quanto mais velhas as estradas, mais importantes as cidades”.

Uma nova reunião de fatores – os capitais do café e das fábricas – catapultaram Juiz de Fora a assumir o posto de centro financeiro regional. Desse modo, a cidade passou a ser sede de bancos e estes, por sua vez, estavam recheados de barões do café como acionistas e investidores. De acordo com Peter Blasenheim (2013, p. 148), os investimentos no setor industrial também funcionaram como estratégia de fuga dos problemas com os preços do café,

como acontecido após 1896.

Ainda no século XIX surgiram 3 bancos em Juiz de Fora: o *Banco Territorial e Mercantil de Minas* (1887, o primeiro do Estado), o *Banco de Crédito Real de Minas Gerais* (1889) e o *Banco de Crédito Popular de Minas* (1891). O principal deles, o Banco de Crédito Real de Minas Gerais (também chamado de *Credireal*), foi um pilar para o financiamento da produção de café, contando com 7 fazendeiros entre seus maiores acionistas, que totalizavam 57,14% do montante das ações (CROCE, 2008, p. 58-60 e 89).

Quadro 2.2 – Bancos fundados no Brasil até 1888.

UF	Número de bancos criados	Fundação do 1º banco
RJ	14	1853, Banco do Brasil
SP	7	1872, Banco Mercantil de Santos
BA	4	ND (Não Disponível)
MA	3	1857, Banco do Maranhão
PA	2	ND
MG	1	1887, Banco Territorial e Mercantil de Minas
RS	1	ND

Fonte: adaptado de Croce, 2008, p. 54.

Apesar dos problemas antevistos para a cafeicultura enfrentar no século XX, a Mata e Juiz de Fora esbanjavam força no Estado, sendo as maiores fornecedoras de receita ao governo mineiro desde o século XIX. Sendo assim, provavelmente ajudaram a financiar a construção de Belo Horizonte, cujo despertar econômico viria da concentração dos investimentos produtivos que recebeu em detrimento de Juiz de Fora e da Mata como um todo. De acordo com o *Censo Industrial de 1907* (DEAN, 1980¹²⁸ apud CROCE, 2008, p. 155), das 100 maiores firmas manufatureiras brasileiras, em termos de valor da produção, 2 eram de Juiz de Fora: a Companhia Industrial Mineira (tecidos) e a Companhia Nacional de Tecidos de Juta. Domingos Giroletti (1988¹²⁹ apud MIRANDA, 1990, p. 132) mostra ainda que das 19 empresas têxteis fundadas em Minas Gerais de 1901 a 1910, 12 localizavam-se na Zona da Mata, das quais 7 só em Juiz de Fora.

¹²⁸ DEAN, W. **A industrialização durante a República Velha**. São Paulo: Difel, 1980.

¹²⁹ GIROLETTI, D. **A modernização capitalista em Minas Gerais**: a formação do operariado industrial e de uma nova cosmovisão. Tese de Doutorado, UFRJ/Museu Nacional, 1988.

Tabela 2.10 – Participação da indústria de Juiz de Fora em relação à Minas Gerais e à Zona da Mata (1907).

Item analisado	Minas Gerais	Zona da Mata	Juiz de Fora	% MG	% ZM
Nº de estabelecimentos	524	192	43	8,2	22,34
Capital (em contos)	26.515	10.459	5.859	2.209	56,01
Número de operários	9.421	2.997	1.516	16,09	50,58
Produção	32.444	14.070	8.341	25,86	59,28
Capital/Estabelecimento	53	54,47	136,25	+ 157	+ 150
Operário/Estabelecimento	18	15,60	35,25	+ 96	+ 125
Produção/Estabelecimento	62	73,28	193,27	+ 213	+ 164

Fonte: Pires, 2005, p. 28.

Tabela 2.11 – Relação dos 10 maiores municípios industriais mineiros segundo o valor da produção industrial (1907).

Município	Valor da Produção Industrial (em contos de réis)	%
Juiz de Fora	8.341	46,81
Sete Lagoas	2.514	14,11
Belo Horizonte	1.468	8,23
Palmyra	1.099	6,16
Prados	1.044	5,85
Ouro Preto	750	4,20
São João Nepomuceno	744	4,17
Ponte Nova	642	3,60
Cataguases	632	3,54
Baependi	582	3,26
TOTAL	17.816	99,93

Fonte: Pires, 2005 p. 28.

Tabela 2.12 – Participação da indústria de Juiz de Fora em comparação com os principais municípios industrializados do Brasil (1907).

Item analisado	Distrito Federal	São Paulo	Rio de Janeiro	Juiz de Fora
Capital/Estabelecimento*	254	393	415	136,25
Operários/Estabelecimento	52,6	74,2	698	35,25
Produção/Estabelecimento	334	362	270	193,97

Fonte: Pires, 2005 p. 31.

* Em contos de réis.

Tabela 2.13 – Municípios mais industrializados de Minas Gerais (1920).

Municípios	Valor da Produção (em mil contos de réis)	Pessoal Ocupado
Juiz de Fora	33	4.953
Conselheiro Lafaiete	19	1.650
Belo Horizonte	18	2.223
Nova Lima	16	3.395
Santos Dumont	13	520
Ouro Preto	08	884
Oliveira	07	320
São João Nepomuceno	05	872
Itajubá	05	599
Ponte Nova	05	508
TOTAL	129	15.924

Fonte: Singer, 1968, p. 236¹³⁰ apud Pires, 2005 p. 31.

Os municípios da Mata estavam entre os mais industrializados de Minas Gerais nos 2 anos de referência das tabelas (1907 e 1920). Mesmo em um interregno de tempo tão curto, os dados já sugeriam a **progressiva perda do protagonismo matense**, ao passar de 5 para 4 municípios de maior valor de produção industrial no Estado. À exceção de Juiz de Fora, as demais cidades citadas perderam posições no *ranking*: Palmyra/Santos Dumont¹³¹ (de 4º para 5º), São João Nepomuceno (de 7º para 8º), Ponte Nova (de 8º para 10º) e Cataguases (cai para além do 10º lugar). A estagnação econômica passou a ser o mote matense a partir de então: segundo o *Cadastro Industrial de Minas Gerais - 1965* (IBGE, 1968), dos 2.550 estabelecimentos industriais matenses, somente 595 empregavam mais de 5 pessoas. Além disso, salários menores que as médias regionais foram detectados desde o final dos anos 50, quando do início das medições (IPEA et al, 1973, p. 164).

A hipercentralidade urbana de Juiz de Fora impôs um decréscimo na participação sobre os estabelecimentos industriais em todas as microrregiões, comparando-se 1949 com 1970, exceto na de Viçosa (+0,3%, de 6,5 para 6,8%). As maiores perdas foram nas microrregiões do Caparaó – atual Manhuaçu (2,9%, de 12,7 para 9,8), Ponte Nova (1,8%, de 10,5 para 8,7) e Cataguases (1,1%, de 14,8 para 13,7). Menores reduções ocorreram nas microrregiões de Ubá (0,6%, de 12,9 para 12,3) e Muriaé (0,2%, de 13,6 para 13,4). Por seu turno, Juiz de Fora e a Zona da Mata encolheram sua participação no conjunto de Minas Gerais, principalmente pela concentração industrial na RMBH, atingindo em 1970 níveis inferiores aos de 1949 (início das séries medidas).

¹³⁰ SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional, 1968.

¹³¹ Mudou seu nome de Palmyra para Santos Dumont via Decreto 10.447, de 31 jul. 1932, assinado no governo Olegário Maciel, em homenagem ao seu filho mais ilustre, inventor do avião (IBGE, 1959, p. 182).

Tabela 2.14 – Número de estabelecimentos industriais: proporções entre Juiz de Fora, Zona da Mata e Minas Gerais (1949-1970).

Ano	Minas Gerais	Zona da Mata	% ZM/MG	Juiz de Fora	% JF/ZM	% JF/MG
1949	11.950	2.641	22,10	768	29,08	6,43
1959	12.327	2.509	20,35	791	31,53	6,42
1965	15.052	2.588	17,19	886	34,23	5,89
1970	17.256	3.061	17,74	1.081	35,32	6,26

Fonte: BRASIL/MIC, 1974, p. 13.

Contudo, as últimas tabelas evidenciam o peso econômico de Juiz de Fora (isoladamente) e da Zona da Mata (em conjunto) para o contexto mineiro do início do século XX. Giroletti (1988 apud¹³² MIRANDA, 1990, p. 137) afirma que, em 1920, Juiz de Fora concentrava 35,6% da produção industrial mineira, caindo para 20% em 1940 segundo Diniz (1981¹³³ apud MIRANDA, 1990, p. 137). A liderança de Belo Horizonte viria somente após os anos 1930. Contra Juiz de Fora pesou principalmente a **deliberada força que fez o governo de Minas em desenvolver atividades produtivas na capital e adjacências**, cujo marco crucial, segundo o Observatório das Metrópoles (2005, p. 16), foi a instalação do distrito industrial de Contagem nos anos 1940. E isso até na visão do empresariado, caso do estudo promovido pela Federação das Associações Comerciais do Estado de Minas Gerais, a FACHEMG (1982, p. 41): a Mata, a contar de 1949, estacionou ou até decresceu seu ritmo no setor industrial, tendo como (parte da) causa a “criação do Centro Industrial de Contagem [...], a considerável melhoria no sistema de transporte [...] e a realização de grandes investimentos nos setores siderúrgico e energético”.

As retrações de espaço na economia mineira por parte da Mata não ficaram só na indústria, mas também se deram no setor primário e de transportes. De acordo com o IPEA et al (1973, p. 116), de 1962 a 1967 foram erradicados cerca de 26 milhões de pés de café na região, perfazendo 43% do total erradicado em Minas Gerais! Já as ferrovias, cuja malha de 1920 já era muito próxima da atual, passaram a uma contínua desativação de ramais, sobretudo a contar dos anos 1970¹³⁴, em função do crescimento das rodovias – cerca de 5.500 km contra 1.500 km das ferrovias, diz o IPEA et al (1973 et al, p. 162)¹³⁵. Esse cenário, em

¹³² GIROLETTI, D. **A modernização capitalista em Minas Gerais**: a formação do operariado industrial e de uma nova cosmovisão. Tese de Doutorado, UFRJ/Museu Nacional, 1988.

¹³³ DINIZ, C. C. **Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira**. Belo Horizonte: UFMG, 1981.

¹³⁴ Segundo o IPEA et al (1973, p. 162), nessa época existiam 1.144 km de ferrovias na Mata (da Central e da Leopoldina).

¹³⁵ Embora apenas 918 km fossem pavimentados.

aliança com a perda da condição de capital federal pelo Rio de Janeiro, daria ainda maior dramaticidade ao processo de estagnação regional.

Ao lento e contínuo **recuo polarizador do Rio de Janeiro na Mata seguiu-se em paralelo uma gradativa centralidade belo-horizontina**, até atingir o ponto de dividir com a metrópole carioca a influência urbana na região, servindo os anos 1970-80 como transição entre as duas etapas. Isso teve reflexos no futebol como, por exemplo, no levantamento que fizemos dos nomes das equipes de futebol amadoras de Santos Dumont e de Juiz de Fora a partir dos livros de Pedrosa (s/d e 2008, respectivamente): os nomes e **distintivos dos clubes inspirados nas equipes de Belo Horizonte passaram a ser mais habituais nas últimas 3 décadas**, confirmando o campo de forças entre as referidas metrópoles na Mata Mineira.

Outrossim, o que interessa mais aqui é delimitar os fatores ascendentes desde o século XIX que conformariam as condições para o surgimento e a afirmação do futebol na Mata. Nesse contexto e diante de um panorama econômico de destaque em Minas Gerais no XIX, o perfil urbano-industrial juiz-forano dava-lhe relevante centralidade na Zona da Mata, consolidando sua polarização ao passo que evoluía a complexidade do seu equipamento e das funções urbanas que desempenhava. No caminhar dessa relação entre Juiz de Fora e a Zona da Mata é fundamental elencar os seguintes fatores do desenvolvimento regional:

- **rede rodoferroviária**: instalada desde 1836, formada pela Estrada Paraibuna (1836, Juiz de Fora-Ouro Preto), pela Rodovia União e Indústria (1861, de Juiz de Fora para Petrópolis) e pelas ferrovias Leopoldina e Dom Pedro II (esta última surgida em razão do malogro da União e Indústria). Apesar disso, as ligações rodoviárias internas à Zona da Mata teriam formato de rede e mais qualidade somente em meados do século XX. As reivindicações por transportes eram encabeçadas pelos jornais, como enfatiza o ex-funcionário dos *Diários de Juiz de Fora*, Rubens Furtado (2009 apud LINS; BRANDÃO, 2012, p. 216):

A estrada daqui para a Zona da Mata era muito ruim, era de barro, você para ir daqui a Leopoldina e Muriaé era um horror, levava horas, dias. Juiz de Fora começou a perder o comércio daqui para o Rio de Janeiro [efeito da BR-116], então escrevi uma série de reportagens sobre a necessidade de fazer o asfaltamento [...] e praticamente obriguei o Magalhães Pinto a fazer o asfaltamento da estrada daqui para Muriaé.

- **pioneirismo nacional na oferta de energia elétrica**: a Usina de Marmelos foi inaugurada em Juiz de Fora em 1889 (apenas 7 anos após a 1ª hidrelétrica do mundo, nos EUA). Foi idealizada e concretizada pelo empresário Bernardo Mascarenhas para abastecer sua fábrica

de tecidos no Centro da cidade. A energia que sobrava era usada para a iluminação pública. Mascarenhas fundou a *Companhia Mineira de Eletricidade* (1888).

Em 1905, outra iniciativa no setor de energia elétrica surge na Zona da Mata através da *Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina*. Impelidos por tais empreendimentos, vários municípios matenses tiveram acesso à iluminação pública no início do século XX, ou mesmo no XIX, mas só para poucos¹³⁶. A eletricidade possibilitaria que a radiodifusão tivesse seus ouvintes a contar da década de 1920.

- **educação:** Juiz de Fora contou com os primeiros grupos escolares de Minas Gerais criados pelo governo mineiro (1907), além de outros colégios/faculdades, alguns desde o século XIX, como o Granbery e a Academia de Comércio (esta voltada para atividades mercadológicas, como seu nome indica). Outras cidades matenses, contudo, já contavam com escolas no século XIX, como em Além Paraíba (teve sua 1ª escola pública feminina em 1889), segundo o Arquivo Histórico de Minas Gerais (AHMG, s/d).

- **equipamentos e serviços:** os bondes começaram a circular em 1871 (inicialmente puxados por animais); E. F. Dom Pedro II, 1875; funcionavam 6 estabelecimentos de ensino em 1878; telefonia em 1883; telégrafos em 1884; água à domicílio em 1885; fundação do 1º banco em 1887; iluminação pública e funda-se outro banco em 1889 (GIROLETTI, 1988, p. 102). Esses são os dados para Juiz de Fora. Em geral, as localidades da Zona da Mata passaram a contar com serviços e equipamentos urbanos após a instalação das ferrovias. Elas foram o caminho das modernidades até o interior, a forma através da qual seus habitantes passavam mesmo a tomar conhecimento pleno/maior do mundo ao seu redor.

A importância econômica da Zona da Mata é incontestável no contexto mineiro em análise. Outras cidades também tiveram destaque, como Leopoldina, Cataguases, Muriaé e Mar de Espanha, por exemplo. O Município de Mar de Espanha, atualmente o de menor expressão econômica dentre esses supracitados, teve outrora diferente dimensão político-econômica para a Zona da Mata. Citamos isso a partir da obra de Daniel de Carvalho (1957¹³⁷, p. 224-236 apud BARBOSA, 2013, p. 60-61, grifos nossos):

¹³⁶ Os municípios, à época, habitualmente contavam com iluminação pública à base de querosene, como atesta o contrato celebrado em Pirapetinga (8 abr. 1893), Volta Grande (8 jul. 1893) e Além Paraíba (14 ago. 1895), diz o Arquivo Histórico de Minas Gerais.

¹³⁷ CARVALHO, Daniel Serapião de. **Capítulos de memórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

Mar de Espanha foi nos derradeiros anos do Império e primeiros da República, um dos mais importantes municípios de Minas, pela sua riqueza e pelo valor de seus filhos. O Partido Republicano contava ali com homens do quilate de Joaquim Gonçalves Ramos, Rodrigues Caldas, João José Gonçalves Ramos e, entre os moços, Estevão Pinto, Agostinho Côrtes e Agostinho Pereira. [...].

Quando se cogitou da renovação do mandato à Câmara Federal, Agostinho Côrtes, já então chefe não só da política de Mar de Espanha como da Zona da Mata (Segundo Distrito Eleitoral), reunira o Diretório de seu partido em Mar de Espanha para indicação de Gonçalves Ramos.

A reunião da importância econômica à importância política foi responsável por ensejar a implantação de infraestruturas na região que a mudariam enfaticamente na etapa transitória entre os séculos XIX e XX. “Minas inteira, durante anos e anos, ressentiu-se da falta de estradas de rodagem. E nesse particular, o município de Mar de Espanha levou a palma, pois na sede terminava a única estrada de penetração” (CASTRO, 2001, p. 135). A mais notável delas se daria com a chegada das ferrovias. Muitas **cidades da Zona da Mata passariam a contar com linhas férreas** nesse período, que era marcado pela falta de integração entre os territórios. Isso significou revolucioná-los com a maior chegada de imigrantes e informações. Abria-se, desse modo, o **caminho para que os elementos formadores da modernidade** alcançassem cada vez mais cidades. Foi sob tal panorama urbano que o futebol surgiu nas cidades da Zona da Mata.

Contudo, a dinâmica regional é mais bem explicitada pelo caso de Juiz de Fora, seu núcleo de maior expressividade econômica, mas o vigor juiz-forano passava também pela cultura e pela política. Intelectuais, músicos (Noel Rosa) escritores (Manuel Bandeira¹³⁸), artistas e políticos (D. Pedro II, Getúlio Vargas¹³⁹) amiúde frequentavam a cidade. A proximidade de Juiz de Fora com o Rio de Janeiro, então capital federal e maior polo da hierarquia urbana nacional, ativava os contatos e as inovações técnicas e culturais. Isso foi determinante na história local e regional para a Zona da Mata também. A Academia Mineira de Letras foi organizada e instalada em Juiz de Fora antes de ser transferida compulsoriamente pelo Governo do Estado para Belo Horizonte.

Mas o que parece ser só qualidade virou problema. O protagonismo de Juiz de Fora em Minas, onde aconteciam encontros de políticos, por exemplo, mesmo após a criação de

¹³⁸ Dedicou o poema “Declaração de amor” à Juiz de Fora, o qual é assim encerrado: “Juiz de Fora! Juiz de Fora! / Tu tão dentro do Brasil! / Tão docemente provinciana... / Primeiro sorriso de Minas Gerais!” (BANDEIRA, 2000, p. 103).

¹³⁹ Vargas esteve em Juiz de Fora, por exemplo, no aniversário da cidade em 1945 (31 mai.), quando houve uma partida de futebol entre as ligas de Belo Horizonte e de Juiz de Fora (GERHEIM, 1978, p. 14), e D. Pedro II na inauguração da Rodovia União e Indústria, em junho de 1861. Cf. BASTOS, 2004, p. 147-149.

Belo Horizonte, a fez menos prioritária nos investimentos governamentais em detrimento da capital e seu entorno. Da complementaridade funcional (Juiz de Fora, industrial-comercial; e Belo Horizonte administrativa) à concorrência foi o caminho traçado entre as duas cidades na primeira metade do século XX.

A presença de intelectuais e de modernistas foi considerável na Zona da Mata. Seus trabalhos estão presentes em algumas cidades, como em Cataguases e em Juiz de Fora, ricas em produções artístico-arquitetônicas (Cândido Portinari e Oscar Niemeyer), literárias (revista *Verde* – 1927-29, Pedro Nava e Murilo Mendes) e cinematográficas (Humberto Mauro e João Carriço) (WERNECK, 2013; MELLO, 2014). Leopoldina foi a terra que o poeta simbolista Augusto dos Anjos, natural da Paraíba (1884), escolheu para viver¹⁴⁰.

Todas essas esferas, da economia à cultura, eram alimentadas pela presença da **rede de transportes**, notadamente instalada para atender ao escoamento cafeeiro de Juiz de Fora e da Zona da Mata. Porém, não se restringiria a essa função, principalmente em um período de parcos contatos entre os territórios, coisa que se aplica e explica na medida da distância entre eles. Por tal razão, as relações internas aos municípios na Mata e destes com os núcleos fluminenses eram intensas se comparadas com muitas regiões brasileiras nas quais rodovias e ferrovias eram indisponíveis ou tinham menor densidade viária.

As ligações rodoferroviárias **articularam o sul da Zona da Mata ao Estado do Rio de Janeiro**, com conexões envolvendo Três Rios, Petrópolis e sua capital, impulsionando a economia cafeeira regional. Há quase 100 anos, Ezequiel Ubatuba (1918, p. 12) mostrava as difíceis articulações comerciais impostas ao centro-norte matense com o Rio de Janeiro em detrimento de sua porção sul, favorecida pela dotação de estradas precocemente.

Na segunda metade do século XX, ao contrário do que houve no passado, a **Zona da Mata perde em articulação interna norte-sul com a criação da BR-116**, sobretudo Juiz de Fora¹⁴¹, pois esta rodovia passa a criar conexões de cidades matenses com o Estado fluminense diretamente nas proximidades de Leopoldina, abrindo uma nova artéria de influência paralela às fronteiras entre Minas e Rio, passando também por Laranjal, Muriaé, Miradouro, Fervedouro e São João do Manhuaçu, além de carrear outros importantes municípios do leste matense como Cataguases e Manhuaçu. Isso explica os costumeiros amistosos entre as agremiações desses estados desde os primeiros anos do futebol matense.

¹⁴⁰ Publicou em 1912 seu originalíssimo *Eu*.

¹⁴¹ Apesar de o sul da Mata, região do entorno de Juiz de Fora, integrar-se com a BR-116 por meio da BR-267, que atravessa ainda Bicas, Guarará e Maripá de Minas ao acesso perto de Leopoldina. Cf. Capítulo 4.

Mapa 2.8 – Malha ferroviária entre as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro (1884).

Fonte: Restitutti, 2006, p. 270.

Os mapas a seguir apresentam a rede urbana em relação à malha ferroviária matense em 1893. Não olvidemos do futebol nesse período, pois foi exatamente em 1893 a primeira partida jogada na Mata. As cidades da região iriam desenvolver atividades esportivas como um todo no limiar do século XX, criando diversas agremiações nas suas primeiras décadas. Nessa fase, as articulações entre territórios eram restritas para os padrões atuais. O **sistema viário, os jornais impressos e os viajantes/migrantes funcionavam como os conectores espaciais**, fundamentalmente até os anos 1920-30, quando o rádio se junta a tal elenco.

Portanto, **a distribuição espacial da rede de cidades, do sistema viário e dos clubes de futebol apresenta uma relação íntima**. Se pensarmos o futebol como uma novidade dos tempos modernos a partir dos anos 1900, temos a ideia do papel indutor de sua difusão através dos jornais e rodoferrovias. As cidades existentes em 1900, servidas por malha viária e onde havia jornal disponível para a população tiveram chances maiores de conhecerem e desenvolverem o futebol escolar e clubístico. Essa hipótese – inicial neste estudo – pode ser confirmada por meio da análise dos mapas a seguir e pelo cotejamento entre eles.

Mapas 2.9, 2.10, 2.11 e 2.12 – Malha ferroviária da Zona da Mata (1870-1900).

Fonte: Soares, 2009, p. 158.

Mapa 2.13 – Malha férrea, estações ferroviárias, cidades e vilas na Zona da Mata (1893).

Fonte: Soares, 2009, p. 157.

A interseção entre elementos-chave para o entendimento dos locais onde o futebol se desenvolveu na Zona da Mata, ou seja, redes viária, de cidades e de jornais, apontam para a divulgação do futebol levada a cabo por viajantes, jornalistas, estudantes, imigrantes etc. Levando em conta a dinamização econômica proporcionada pela cafeicultura, a atração de mão de obra regional, interestadual e mesmo estrangeira (italianos e alemães se fixaram em

muitas cidades matenses), bem como o contato dos estudantes das classes mais ricas (filhos de fazendeiros, comerciantes e industriais) com o futebol, todos esses agentes lograram êxito em torná-lo conhecido na região.

Os **imigrantes** se fixaram também em cidades da Mata Mineira (e nas que lhe são fronteiriças, como os alemães em Barbacena, no Campo das Vertentes). A partir do Censo de 1872 e dos dados de Rodrigues e Cantoni (2010, p. 72), pesquisadores de Leopoldina, podemos citar a presença de imigrantes nas seguintes localidades da região: Além Paraíba, Angustura, Argirita, Boa Família, Cachoeira Alegre, Cataguases, Conceição da Boa Vista, Guarará, Juiz de Fora, Laranjal, Leopoldina, Mar de Espanha, Mirai, Muriaé, Palma, Piacatuba, Pirapetinga, Santo Antônio do Aventureiro e Taruaçu. Os imigrantes, por já conhecerem as práticas corporais e o futebol, foram **proeminentes na divulgação dos esportes nas cidades da Mata**. Além do mais, os imigrantes da região chegavam pelo Rio de Janeiro, outro local onde o futebol estava cada vez mais difundido. A maior hospedaria de imigrantes da Zona da Mata – a Horta Barbosa – situava-se em Juiz de Fora. Não por acaso, nesta cidade e pela via dos imigrantes o futebol teve início na região, ainda em 1893. Leopoldina foi outra cidade a possuir hospedaria e a receber imigrantes. As colônias agrícolas eram o destino de muitos desses imigrantes, tais como as de Mar de Espanha, Leopoldina (Colônia de Constança), Astolfo Dutra (Santa Maria), todas criadas em 1910. Junto com a Colônia Rodrigo Silva, de Barbacena, as de Leopoldina e de Astolfo Dutra contavam com os maiores contingentes em Minas Gerais no início do século XX. O governo mineiro instalou 7 colônias entre 1893 e 1900 (5 nos arredores de BH, 1 em Pouso Alegre e 1 em Lambari), e ainda a de Sete Lagoas (1907). Os imigrantes também se dirigiram para as cidades, como Pequeri, um núcleo de italianos. O considerável contingente italiano na Mata e nas Vertentes pode ajudar a explicar a dianteira da torcida cruzeirense sobre a atleticana nessas regiões.

A **industrialização regional** também está entre os fatores enredados na **afirmação do futebol na Mata**, pois muitos cafeicultores levaram seus capitais do comércio primário para a criação de indústrias, onde surgiram diversas equipes. Nenhuma cidade se destacou tanto na Zona da Mata como Juiz de Fora – que até ganhou a alcunha de “Manchester Mineira”. Em Cataguases, Pimenta (2010, p. 3-7) analisou o contexto industrial local, fomentado pela instalação da *Cia. Força e Luz Cataguases-Leopoldina*, responsável pela eletrificação urbana local em 1908, criando apoio logístico para as fábricas vindouras na cidade, equipação privilegiada (menos de 5 % dos lares brasileiros dispunham de tal serviço à época) e mudanças urbanas e de hábitos cotidianos da população. Cataguases teve mesmo uma

modernidade marcante para o caso da Mata (RUFFATO, 2002)¹⁴², como na criação de *O Cataguazes* (1906) e dos clubes (Operário e Flamengo, 1917) que ele passou a noticiar em sua “Columna Operária” (PIMENTA, 2010, p. 5).

Observando essa tríade – as redes viária, de cidades e de jornais – fundante do futebol na Zona da Mata, reconhecemos sua presença em diversas cidades, atestando a validade de nossa premissa inicial. Com isso considerado, é verídico atestar as situações em que esses 3 fatores pesaram no aparecimento e na consolidação do futebol em cidades como Juiz de Fora, Santos Dumont, Leopoldina, Cataguases, Rio Novo, Tombos, São João Nepomuceno, Muriaé, Bicas, Guarará, dentre outros relevantes casos matenses.

A mútua relação entre urbanização, ferrovias/rodovias e jornalismo não é uma expressão específica da Zona da Mata. Os dois primeiros fatores foram abordados por Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010) acerca do Noroeste Paulista e os times de futebol por lá originados. Isso aponta para a notoriedade do caso da expansão do futebol na Mata, sem desqualificar, é claro, os demais episódios ocorridos no Brasil.

O futebol foi marcado por uma relação com as fábricas e não com o setor agropecuário. Times nomeados com os termos “Operário” e “Industrial”, por exemplo, surgiram nas cidades matenses, além das referências às dotações da modernidade, como “Eletricidade”, “Manufatora”, “Raiway” e mais as referências às ferrovias. Constatam de nossos levantamentos equipes como Operário F.C. (Cataguases, 9 nov. 1917), Industrial Mineira (Juiz de Fora, fev. 1919), Clube Social Olímpico Ferroviário (Santos Dumont, 19 jul. 1925), Leopoldina Raiway – depois Leopoldina A.C. (Bicas, 12 nov. 1925), S.C. Mineira de Eletricidade (Juiz de Fora, 1935), Ferroviária (Juiz de Fora, 15 ago. 1956), Manufatora-Mineira E.C. (Cataguases, 15 nov. 1959) e E.C. Industrial (Leopoldina). Tais conexões entre futebol-cidades-modernidade (via infraestruturas) são ainda mais destacadas considerando-se a pequena proporção das populações urbanas dessas cidades na época em questão.

¹⁴² RUFFATO, Luiz. **Os ases de Cataguases**: uma história dos primórdios do modernismo. Cataguases: Instituto Francisca Peixoto, 2002, p. 30.

Tabela 2.15 – População* em alguns distritos da Zona da Mata (1905).

Município (distrito da sede)	População		
	Urbana	Rural	Total
Além Paraíba	4.000	15.000	19.000
Palma	1.500	15.000	16.500
São Paulo do Muriaé	4.000	15.000	19.000
São Manoel	900	17.500	18.400
Carangola	2.411	6.000	8.411
Leopoldina	3.000	12.000	15.000
Cataguases	2.411	6.000	8.411
Ubá	2.644	13.747	16.391
Rio Branco	3.000	10.000	13.000
Viçosa	1.800	1.500	3.300
Ponte Nova	2.500	6.000	8.500
Rio Preto	1.200	8.800	10.000
Mar de Espanha	1.800	8.800	10.000
Guarará	1.500	6.000	7.500
São João Nepomuceno	2.200	10.000	12.200
Pomba	4.000	8.500	12.500
Rio Novo	2.298	10.174	12.463
Juiz de Fora	20.000	5.000	25.000

Fonte: Prates, 1906¹⁴³ apud Soares, 2009, p. 152.

* Os valores correspondem à população dos distritos da sede dos municípios. Desse modo, mesmo nos núcleos urbanos onde a população urbana superou a rural (Viçosa e Juiz de Fora), na realidade, se considerado o total municipal (incluindo os demais distritos), a população rural, nesse momento, ainda é bastante superior à urbana.

As cidades com maior dinamismo econômico tenderam a apresentar concentrações de população urbana ainda mais intensas, sendo Juiz de Fora um grande exemplar regional: em 1890 com 31,8% (17.122 pessoas) e 43,4% em 1920 (51.392) (ESTEVEZ, 1915, p. 85). Sua população urbana crescia em ritmo superior ao da população rural nesse período.

Como desdobramento dessa vivência urbana que pulsava na Mata Mineira, observamos ainda que os **nomes e os escudos conferidos aos clubes matenses** apontam para uma dupla característica que nos interessa: quando são referenciados nos clubes do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte e usam suas insígnias (um quê de “plágio futebolístico”), e quando carregam o nome do município, deflagrando as identificações e **representações de orgulho com a toponímia local**. As **polarizações urbanas se traduzem por uma polissemia e por uma “heráldica” futebolísticas**. Em certos casos, o time de futebol é a instituição mais conhecida do município fora de seu território, seu porta-voz e representante da população.

¹⁴³ PRATES, Carlos. **A Lavoura e Indústria na Zona da Mata**. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Secretario das Finanças pelo engenheiro Carlos Prates, Inspector de Industria, Minas e Colonização. Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado de Minas Geraes, 1906.

Tombos, por exemplo, é assim. Com cerca de 10 mil habitantes (IBGE, 2015), antes do Tombense F.C. (TFC), a localidade era conhecida por suas cachoeiras (que lhe emprestam o nome). Com o profissionalismo nos anos 2000, o Tombense venceu a Série D do Campeonato Brasileiro (2014) e vem jogando repetidamente a primeira divisão do Mineiro. Espontaneamente¹⁴⁴, o *site* oficial da agremiação traz informações a respeito da cidade de Tombos (TFC, s/d) e, em algo símile ao que é habitual na Europa, clube e cidade/comunidade estabelecem uma relação recíproca de identificação. Outra demonstração de relação identitária clube-cidade vem de Muriaé, de onde sua única agremiação de futebol profissional declarava em 2016: “Um time. Uma cidade. Uma paixão: o Nacional” (NAC, s/d).

As representações urbanas, industriais e identitário-culturais ligadas ao futebol tiveram amplas manifestações nas cidades da Zona da Mata, como pudemos examinar. Como tudo isso surgiu é o nosso próximo passo analítico.

b) O contexto moderno na Zona da Mata

Como anunciado anteriormente, o futebol nasce no Brasil junto com a modernidade, em meio aos problemas urbanos das décadas finais do século XIX e recorrentes ao longo do século XX. Contraditoriamente, as cidades também reuniam serviços e equipamentos urbanos cada vez mais sofisticados: transportes prestados, telefonia, bens eletrodomésticos, serviços médico-hospitalares, escolas e faculdades.

As **novas ideias e comportamentos** também se **multiplicavam nas cidades**. O futebol era uma das novidades do período, chegando a ser considerado um fenômeno de momento pelo jornal juiz-forano *O Pharol* (1 ago. 1905, p. 1):

Esta agora em moda em nossa cidade o *foot-ball*. Dentre os muitos jogos athleticos, affirmam-me que esse é um dos encantadores e um dos mais praticados, actualmente, no *sport* carioca e paulistano. Toda gente esta farta de saber que esses divertimentos são recommendados pelos higienistas e que eles completam a educação de um gentleman que se preza [...] é um dos muitos meios conhecidos de se quebrar uma perna com entusiasmo e alegria. Mas os moços não se deixam levar por semelhante temor e, aos domingos, já se sabe: tomam [...] o bonde da fabrica e vão até o Manoel Honório, onde passam deliciosas tardes em folguedo, jogando bola [...].

Em conjunto, tais **modernidades** – infraestruturas, equipamentos, atitudes e ideias –

¹⁴⁴ A agremiação não é subsidiada/patrocinada pela Prefeitura Municipal local, como é de praxe ocorrer com os pequenos clubes de cidades do interior.

tiveram **efeito de reforço e de divulgação do futebol**, tais como os da nota acima: os bondes para acesso, o campo já preexistente e os divertimentos recomendados. Contudo, foram antes os **problemas que deram condições de os esportes se desenvolverem** como campo fértil dentro do ideário higienista. Eis alguns exemplos que permitem-nos delinear as conquistas de melhorias urbanas nos municípios da Zona da Mata, bem como observar a influência do Rio de Janeiro na oferta de bens (bondes) e serviços (anúncio médico).

Quadro 2.3 – Aspectos culturais, serviços e equipamentos urbanos noticiados em jornais de Cataguases (*Cataguazes* - 1910 e 1911) e de Muriaé (*Gazeta* - 1941 e 1945).

Serviços, equipamentos e aspectos culturais	Cidade e Data
Abastecimento de água	Cataguases, 21 ago. 1910
Bondes esperados do Rio de Janeiro	Cataguases, 21 ago. 1910
Notícias sobre a Academia Mineira de Letras (JF)	Cataguases, 21 mai. 1911
Filme sobre Esportes no cinema	Cataguases, 24 jun. 1911
Aumento do acervo da Biblioteca Pública	Muriaé, 5 jan. 1941
Calçamento de ruas, “Um grande melhoramento”	Muriaé, 19 jan. 1941
Melhorias no bairro Barra	Muriaé, 1 jun. 1941
Anúncio de médico do Rio de Janeiro*	Muriaé, 29 jun. 1941
Construção de ponte	Muriaé, 16 jan. 1945
Atividades da Rádio Sociedade	Muriaé, 16 jan. 1945

Fontes: jornais *Cataguazes* (1910 e 1911) e *Gazeta* (1941 e 1945).

* Os médicos que atuavam na Zona da Mata costumavam ser oriundos do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife (In: *Revista do Acervo Público Mineiro*. Ano VI, abr.-jun. 1901, p. 500-504).

O aniversário de 1 ano da chegada da iluminação elétrica pública nos atuais municípios de Guarará e Bicas (em 1919) foi assim narrado pela imprensa local, na matéria *Luz Electrica*:

Faz hoje precisamente um anno que, no meio do mais vivo contentamento popular, foi inaugurada, neste e no visinho e prospero districto de Bicas, a iluminação electrica, cuja distribuição de lampadas deixa perfeitamente illuminados as ruas, jardins e praças publicas, dando-lhes realce e graça [...]. Foi mais um grande melhoramento que a nossa municipalidade, a custa de não pequenos sacrificios orçamentarios conseguiu introduzir, sacrificios aliás, compensados, não só pelo embellezamento [...], como pelas commodidades a seus habitantes, e, ainda mais, pelo desenvolvimento de nossas industrias [...]. Si temos hoje o prazer de registrar este facto, manda a justiça que se diga ser elle, em parte, devido á Companhia Mineira de Eletricidade, que não poupou esforços e sacrificios para satisfazer ao seu compromisso contractual[...] (*O Guarará*, 14 de jul. 1919, p. 1).

Foto 2.19 – Um ano da iluminação elétrica em Guarará e no então Distrito de Bicas (1919).

Fonte: *O Guarará*, 14 de julho de 1919, p.1.

A mesma reportagem indica ainda que as atividades da Companhia Mineira de Eletricidade (CME) atrasou as obras pela impossibilidade de importação dos materiais para a iluminação elétrica em função da I Guerra Mundial. Isso também é uma (a)mostra do quão antiga é a polarização de Juiz de Fora – sede da CME – sobre os demais municípios da Mata.

Entretanto, **houve grande seletividade social e espacial (intra e interurbana) na implantação dos equipamentos urbanos**. Sonia Miranda (1990, p.163) revelou que os serviços de energia elétrica chegaram até a zona suburbana de Juiz de Fora (bairros São Pedro, Grama, Creosotagem e Benfica) só após os anos 1930. Portanto, o atraso deste serviço em relação às áreas centrais foi de cerca de 30 a 40 anos.

Com relação à telefonia, a análise dos jornais *O Operario* (de Muriaé) e *O Guarará* (de Guarará e Bicas, atualmente), de 1919 e 1920, permitiu-nos perceber também as diferenciadas equipações das cidades matenses: as propagandas veiculadas em Muriaé já apresentavam os telefones dos estabelecimentos comerciais e de serviços, ao passo que em Guarará/Bicas eles eram inexistentes.

Problemas decorrentes da falta de infraestrutura urbana, de saneamento e as muitas e variadas epidemias rondaram a Zona da Mata (e ainda persistem). Somente em Juiz de Fora havia um total de 53 mil pessoas sem contar com esgotamento sanitário em 1931, segundo Miranda (1990, p. 176), o que, absurdamente, representa pouco mais que toda a sua população urbana do Censo anterior, isto é, 51.392 (IBGE, 1920¹⁴⁵ apud MUSSE, 2008, p. 79). Peter Blasenheim (2013, p. 145) contemplou este assunto na escala regional:

¹⁴⁵ IBGE. *Censo 1920*. Rio de Janeiro: IBGE, 1920.

A cólera eclodiu na porção sul da Mata em janeiro de 1895. Em seu auge, em fevereiro, a peste fechou o tráfego na ferrovia de Leopoldina, uma precaução necessária dado que a estrada de ferro trazia a doença da cidade do Rio de Janeiro para a região. A escassez de alimentos provocada pela suspensão do serviço instaurou o pânico: cataguasenses fugiram da cidade, e leopoldinenses instituíram o racionamento. Quando o Congresso Estadual foi convocado em abril, a Mata, desesperada, implorou ao governo que não deixasse passar os artigos constitucionais que deixariam o saneamento a cargo dos municípios. Sem qualquer objeção, o Legislativo passou uma lei que garantiria empréstimos a municípios isolados para promover melhorias na qualidade da água inadequada e na rede de esgoto das zonas urbanas, causa principal da rápida disseminação da doença, uma vez que a mesma atingiu a Mata. A segunda lei de saneamento, sancionada em 1896, estabeleceu uma comissão médica para proteger a Mata contra todas as doenças contagiosas, já que a febre amarela, a malária, a febre tifóide e também a cólera prevaleciam ali mais que em outras partes de Minas. Antes da epidemia diminuir, em meados de 1896, a doença já havia atingido 7.000 matenses e tirado quase 500 vidas. E, portanto, a autonomia municipal na Mata transformou-se em um feitiço que acabou virando-se contra o feiticeiro.

O caótico quadro urbano não desapareceu nas décadas subsequentes e as cidades da Zona da Mata tiveram que continuar a conviver com incontáveis problemas, como o das enchentes, novas epidemias, falta de hospitais etc. Os exemplos a seguir – de Muriaé – não são exclusivos desta cidade, mas representam um contexto regional muito carente, em parte também decorrente das disputas políticas entre a Mata e outras regiões, costumeiramente envolvendo a capital (seja Ouro Preto ou Belo Horizonte), quando os recursos públicos não chegavam às cidades matenses em razão de tais contendas. Juiz de Fora, nos anos 1920, ressentia-se da falta de criação de novos equipamentos e serviços públicos “[...] em decorrência de uma significativa ação do governo estadual no sentido de transferir as linhas básicas de investimentos e recursos para a região de Belo Horizonte” (MIRANDA, 1990, p. 278). Sob tal contexto, basta mencionar que o poeta Augusto dos Anjos morreu em Leopoldina, em 1914, aos 30 anos, vitimado por pneumonia (BUENO, 1999, p. 5-6).

Fotos 2.20 e 2.21 – Muriaé: enchente (1926) e falta d'água (1918).

Fonte: Arquivo Municipal de Muriaé (AMM).

Fonte: *O Operário*, 31 out. 1918, p. 2.

Com as cidades acometidas por tão graves problemas, era de se esperar que os **ideais higienistas** tivessem **guardida** também (e, por isso, talvez até maior) no interior do país, onde a precariedade de serviços e equipamentos urbanos tende a ser mais evidente. Esforços e aplausos públicos envoltos na construção de hospitais, calçamento e saneamento davam o tom do início do século XX, bem como a chegada/disponibilidade de profissionais da saúde, a implantação de escolas e de ferrovias, e o incentivo aos esportes. Nesse contexto podemos entender as felicitações dispensadas pelo jornal *O Operário* (18 jul. 1920, p. 1) aos habitantes de Muriaé, em face da comunhão social em torno da construção de um hospital na cidade.

As **escolas matenses envolveram-se na educação que contemplava os esportes**. Faziam questão de mencioná-los. Espaço ao futebol também não faltava, sobretudo em face de sua progressiva popularidade que, por sua vez, era alimentada pelo maior número de praticantes entre os estudantes. Sob um contexto de modernidade, as instituições de ensino passavam a se valer de uma programação voltada às práticas corporais/esportivas, como o anúncio abaixo de uma escola feminina de Pequeri em 1893¹⁴⁶.

¹⁴⁶ Encontramos outros registros semelhantes nos jornais de cidades da Zona da Mata, que exaltavam a educação esportiva em seus quadros, como do *Instituto La-Fayette*, de São João Nepomuceno, em publicidade veiculada no jornal *O Guarará* de 8 jan. 1922, p. 4.

Fotos 2.22 e 2.23 – Anúncio do *Collegio Progresso* (Pequeri, 1893).

Fonte: *O Guarará*, 18 mar. 1893, p. 4.

A figura mostra que a educação ainda não estava efetivamente dispersa pelas cidades devido aos preços praticados pelo colégio, sugerindo a presença de estudantes de outras localidades pela disponibilidade do internato, até porque a propaganda foi veiculada em jornal de outro município (Guarará). Além disso, evidencia também a importância da localização da escola junto à ferrovia (E.F. Leopoldina), o maior canal de acessibilidade da população matense em fins do século XIX, bem como o prenúncio da integração territorial em curso na região.

A centralidade exercida pelos núcleos urbanos de maior dotação de infraestrutura e de serviços tendeu ao reforço com a chegada das ferrovias. A necessidade era suprida pelos maiores centros da região, o que direcionava os fluxos das cidades da Zona da Mata para Juiz de Fora e Rio de Janeiro. Embora a malha ferroviária não tenha sido instalada especificamente para este fim, serviu aos usuários da saúde, bem como aos desportistas.

Ainda no contexto da modernidade, os espaços urbanos estavam às voltas com o operariado, desempregados, vazios urbanos sob especulação e supressão de espaços de futebol, dentre outras contemporaneidades vividas à época. Sobre Juiz de Fora, Maria Lúcia Menezes (2004, p.7) asseverou: “A economia urbana cresce apoiada na difusão da indústria fordista e no mercado imobiliário criando bairros, vilas operárias e adensando a ocupação da área central da cidade”, onde campos de futebol foram extintos nas primeiras décadas do século XX – como o da Academia de Comércio e o da rua Santo Antônio.

Foi nesse contexto que os **campeonatos regionais e amistosos na Zona da Mata ganharam em organização e em número de cidades e equipes participantes**, promovendo

os primeiros torneios e jogos intermunicipais. É isso também que explica a precocidade de jogos interestaduais, orientados pelo traçado das linhas férreas, isto é, com sentido preferencial ao Estado do Rio de Janeiro. Os municípios da porção norte da Zona da Mata tenderam aos jogos também contra equipes capixabas. Ou seja, em sentido próprio à Geografia Urbana, o efeito clássico da proximidade entre cidades mostrou-se válido e determinante nos primórdios do futebol.

Portanto, as relações de vizinhança preponderaram no bojo futebolístico. Algo diferente disso seria difícil de ocorrer, dado o longo tempo das viagens (morosidade das locomotivas), o que praticamente inviabilizava partidas entre times de cidades que dispunham de ferrovias, mas que estavam muito distantes entre si. As **ferrovias mediavam as relações culturais, caso do futebol**, entre as cidades no início do século XX. De Muriaé vem-nos um exemplo que comprova a importância das linhas férreas para o futebol e, simultaneamente, a sua limitação como eixo de acesso aos lugares no primeiro quartel do século XX dada pela pouca agilidade. O caso envolve o Paulistano – time muriaeense – rumo a uma partida em Mirai (cidade vizinha):

Excursão a deixar saudade [...] empreendeu o Paulistano a Mirai. A embaixada, reunindo jogadores e a torcida, abalou daqui em trem especial, em maio de 1924. Longa viagem, transitando por Patrocínio, Palma, Recreio, Cataguases... até o destino longínquo, que hoje [1952]¹⁴⁷ se atinge numa corrida de meia hora (DG, 1980, p. 104).

Fotos 2.24 e 2.25 – Times do Athletico Mineiro e do Social (de Santos Dumont) na estação da Central do Brasil (em Santos Dumont)¹⁴⁸.

Fontes: Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF) e Arquivo Histórico de Minas Gerais (AHMG)

¹⁴⁷ Data original em que este texto foi publicado na *Gazeta de Muriaé*, o qual foi republicado em 1980.

¹⁴⁸ O Atlético rumava para um jogo em Juiz de Fora. A foto do Social data de 1940.

Os transportes tiveram suma importância no limiar do século XX. Por eles chegavam pessoas, bens e serviços prestados, além das novidades ou ao menos a tomada de consciência delas, como o futebol. Quanto à E.F. Leopoldina, Rodrigues e Cantoni (2010, p. 72-73) indicam que suas primeiras estações criadas foram: Porto Novo (atual Além Paraíba), Pântano (Fernando Lobo), Volta Grande, São Luiz (Trimonte) e Providência em 1874; São Martinho em 1875; Santa Isabel (Abaíba), Recreio e Campo Limpo (Ribeiro Junqueira) em 1876; Vista Alegre, Leopoldina e Cataguases em 1877; São Joaquim (Angaturama), Aliança (Cisneiros) e Palma em 1883; Banco Verde em 1884; Morro Alto em 1885.

Fotos 2.26, 2.27 e 2.28 – Novos trechos ferroviários implantados na Zona da Mata na década de 1910.

Fonte: *Cataguazes*, 9 jul. 1911, p. 1 e 2.

A difusão de inovações na Zona da Mata, no transitar do XIX para o XX, teve importantes componentes fundantes: **a rede viária e a imprensa**, representadas pelas ferrovias e pelos jornais e revistas, respectivamente. É capital reportar ao pouco articulado sistema urbano da época, cujas conexões concentravam-se nos caminhos/picadas dos séculos anteriores e, posteriormente, nas ferrovias e rodovias. Sob tal contexto, podemos compreender os contratempos trazidos pelos atrasos dos trens relatados no ano de 1920, em Muriaé (*O Operário*, 15 fev. 1920, p. 1), prejudicando as viagens de passageiros e comerciantes, a chegada de mercadorias nas cidades etc. As dificuldades com os serviços de transportes também alteravam a organização esportiva, como dá o tom da matéria do *Jornal do Commercio* (3 mai. 1912, p. 2), acerca do jogo entre América-MG e *scratch* de Juiz de Fora,

que seria disputado “[...] no *ground* do Tupy, fim da rua do Commercio¹⁴⁹ [...]”. O *team* do *America* deveria ter chegado, hontem, a esta cidade, pelo nocturno” (MORORÓ, 2012, p. 146).

Quanto à imprensa, o final do século XIX marca o começo da existência de jornais e revistas em diversas cidades da Zona da Mata, fato continuado nas primeiras décadas do XX e acrescido com a criação de pioneiras emissoras de radiodifusão, sendo a primeira delas oriunda de Juiz de Fora, fundada em janeiro de 1926. As ferrovias marcavam até o fim das atividades do dia: “Após o jantar, às cinco horas da tarde, voltavam os homens à rua principal, para um passeio. Em sua maioria, deitavam-se às nove da noite¹⁵⁰. Em muitas cidades o horário de recolhimento fixava-se pela chegada do expresso da Leopoldina. O trem trazia os jornais e punha fim à jornada” (MERCADANTE, 1973, p. 121). Nossas pesquisas indicaram a existência de jornais em 17 localidades matenses até 1900 (século XIX), quais sejam: Além Paraíba, Carangola, Cataguases, Guarará, Juiz de Fora, Leopoldina, Manhuaçu, Mar de Espanha, Palma, Patrocínio do Muriaé, Ponte Nova, Recreio, Rio Pomba, Santos Dumont, São João Nepomuceno, Ubá e Viçosa. Se levarmos em conta os desmembramentos destes municípios no século XX (portanto, ocorridos após a criação desses jornais), encontraremos uma rede de cidades ainda maior servida por periódicos, ou seja, com abrangência sobre Abre Campo, Astolfo Dutra, Belmiro Braga, Bicas, Chácara, Coronel Pacheco, Dona Eusébia, Ewbank da Câmara, Goianá, Laranjal, Matias Barbosa, Mirai, Pirapetinga, Santana do Deserto, Simão Pereira, Tabuleiro e Tombos, dentre outras, somando mais 17 municípios.

Simultaneamente aos problemas, as cidades matenses iam se desenvolvendo (seletivamente). Nesse particular os jornais também são fontes das transformações intra-urbanas operadas, inclusive por requerê-las ao se depararem com outras localidades já servidas por esse ou aquele serviço e equipamento urbanos. As ferrovias cumpriram o mesmo papel inovador. Algumas novidades vão influir diretamente na organização e difusão do futebol, como a instalação de rede elétrica (possibilitando futuros jogos noturnos) e de bondes (potencializando o público presente nos estádios), além de ampliar o horário destinado ao lazer e ao consumo, as idas aos cinemas, teatros e circos, ao comércio etc. As cidades e seus moradores nunca mais seriam os mesmos, e o futebol um de seus agentes e expressão das transformações em curso no início do século XX.

¹⁴⁹ Atual Rua Batista de Oliveira, no Centro, de acordo com o portal juiz-forano *Acessa.com*. (Disponível em: www.acessa.com/arquivo/jf150anos/1004/. Acesso em: 10 fev. 2016).

¹⁵⁰ Origem da expressão popular “cheio de nove horas”, uma referência ao momento de partir para casa.

c) Futebol na Zona da Mata

Os registros mais antigos da prática futebolística na região da Zona da Mata levam-nos ao ano de 1893, quando os alunos do Colégio Granbery participaram de um jogo de futebol nas dependências da instituição, localizada em **Juiz de Fora**. Eis um trecho do **registro histórico** e o recente ufanismo advindo com o fato:

“Inaugurou Foot-ball and Tennis. O primeiro field Day realizou-se em 24 de junho de 1893, com saltos, corridas, indianclubs, tennis, football entre gregos e troianos”. Essa frase está no primeiro livro de Atas do Granbery. O que era aparentemente uma afirmação simples de nosso primeiro reitor, John McPhearson Lander, ganha destaque se lembrarmos que o primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam no Brasil. Significaria arriscar dizer que, com base nos documentos históricos preservados até hoje, a primeira partida de futebol no Brasil ocorreu na verdade aqui no Granbery, em 1893 (O GRANBERIENSE, abr. 2007).

O ego ufanista acerca do pioneirismo futebolístico em nível nacional expressado em *O Granberense* não tem razão de ser. Na verdade, outras instituições de ensino já possuíam casos semelhantes, como mencionamos neste capítulo ter havido em Itu (1880) e no Rio de Janeiro (1892). De todo modo, é uma das iniciativas mais antigas no Brasil, garantindo-lhe destacado papel no cenário da implantação do futebol no país e, logo, em Minas Gerais.

A análise do periódico prescinde da informação de que os jogos nas escolas – como o referido embate de 1893 – antecederam aos jogos entre times. Estes cumpriam as regras do futebol enquanto as escolas não necessariamente. O Granbery é um colégio fundado por imigrantes norte-americanos em Juiz de Fora (como é possível depreender até no seu grafismo), importando novos hábitos ao cotidiano cultural local. Aos imigrantes coube ainda uma série de investidas, como no comércio e na indústria (ESTEVEZ, 1915, p. 291-296). Outras **instituições de ensino** tanto em **Juiz de Fora** como em **outras cidades matenses** aderiram ao currículo escolar com **práticas esportivas**, garantindo gradual mas perene popularização do futebol, transpondo os limites das escolas para ganhar outros espaços das cidades. Por esse motivo, houve casos de clubes de futebol/desportos surgidos nas décadas subsequentes à introdução do futebol e criados destacadamente pela ação de estudantes, comerciantes, operários e imigrantes. Esses são grupos sociais de grande representatividade na consolidação do futebol regional e deles surgiram, dentre outras agremiações:

- time de estudantes: Tombense (de Tombos);
- times de comerciantes: Comercial (de Santos Dumont), Comercial (de Além Paraíba);

- times de fábricas: Operário (de São João Nepomuceno), Manufatora-Mineira (de Cataguases), S.C. Mineira de Eletricidade e C.A. FEEA¹⁵¹ (de Juiz de Fora); Operário (de Cataguases), Tigre (de Santos Dumont);
- times de imigrantes: Primeiro de Maio (italianos) e Pontenovense (portugueses), ambos de Ponte Nova; Palestra Itália (italianos), de Juiz de Fora.

Outros grupos sociais se envolveram na criação de clubes de futebol. Este foi o caso do *Nacional Atlético Clube* (NAC), de Muriaé, formado em 25 dez. 1927 pelos próprios jogadores de futebol, a partir de uma pacífica dissidência do *Paulistano* FC (NAC, s/d; DG, 1980, p. 105). Muitos casos também demonstraram uma confluência de diferentes grupos, às vezes pendendo para uma outra identificação. O *Operário* de Cataguases, por exemplo, foi fundado pelo industrial Deocleciano Werneck (Sinhô) da Fábrica de Tecidos Irmãos Peixoto, mas acabou associado aos seus funcionários e à Liga [Operária Cataguasense]¹⁵². Deve-se isso, em grande parte, ao perfil cultural e de solidariedade social que as agremiações esportivas assumiram como incentivadoras do lazer, caso dos bailes festivos e carnavalescos (MELLO, 2014, p. 231-233). Desse modo, “[...] o apito cotidiano das fábricas não representava somente as horas de trabalho profissional, mas também, a reunião de um grupo articulado em torno de interesses comuns que envolviam, logicamente, festividades e comemorações”, analisa Fernando Mello (2014, p. 228). Por isso mesmo, as rivalidades entre os times iam sendo construídas, como entre *Operário* e *Flamengo*, algo que atraiu a atenção de Chico Buarque em 1959 (nos 6 meses em que morou em Cataguases)¹⁵³: “Nos passeios que fazia nos fins de semana na Praça Rui Barbosa, ao lado de amizades feitas no curto período em que estive na cidade, gostava de ouvir as histórias de seus amigos que jogavam no Flaminguinho contra o seu maior rival, o Operário” (WERNECK, 2013, p. 8).

No caso dos **estudantes**, ainda que não tenham fundado agremiações em elevada quantidade na Mata Mineira, comportaram-se como grandes divulgadores do futebol. Isso porque as elites regionais enviavam seus filhos para **estudar nas capitais, destacadamente no Rio de Janeiro**, de onde traziam o gosto e as regras pelo/do então futebol emergente. Consoante Marcos Domenici (s/d), foi assim que o filho de italianos, Juventino Domenici,

¹⁵¹ O Clube Atlético FEEA (Fábrica de Estojo de Espoletas para Artilharia) foi fundado pelos seus funcionários em 1937 (BRAGA, 1977, p. 72). A fábrica ainda existe na zona norte de Juiz de Fora, mas sob outra denominação, agora como IMBEL – Indústria de Material Bélico do Brasil.

¹⁵² Cf. Pimenta (2010).

¹⁵³ Tempo em que Chico Buarque estudou no Colégio Cataguases. “[...] já mostrando o que viria a ser mais tarde, Chico – aliás ‘O Bananal’ –, escreveu aos 15 anos crônicas n’*O Pírilampo*, jornalzinho mimeografado no Colégio Cataguases”, cujo 1º número (110 exemplares), saiu em 3 set. 1959 (WERNECK, 2013, p. 8).

conheceu o futebol. Ele estudava teologia em Mariana e recorreu ao Rio de Janeiro para um curso de capacitação religiosa. Lá conheceu o futebol. Deixou o seminário, mas não a ideia de fundar um clube de futebol em Ponte Nova. Recebeu apoio de comerciantes e imigrantes italianos para criar, em 1918, o *Primeiro de Maio Foot-Ball Club*.

Aos jovens pode ser ainda creditada a participação na fundação, dentre outras instituições esportivas, do *Flamengo* (de Cataguases) e do *Nacional* (de Muriaé): o Flamengo Futebol Clube (1917), foi fundado por um grupo de jovens chefiados por Aristóteles Fabrino e Manoel Viana, e o Nacional Atlético Clube (1927) pela iniciativa de Aparício Felisberto, Aníbal Freitas, Othon Bandeira de Melo e José Vidon Sobrinho (MELLO, 2014, p. 231; DG, 1980, p. 104).

Se de um lado temos replicados Brasil afora os mesmos principais grupos fundantes do futebol – estudantes, imigrantes, comerciantes e operários –, de outro temos também os mesmos grupos sempre rechaçados – pobres e negros. Domenici (s/d, grifos do autor) mostra o desenrolar dessa situação nos primórdios do futebol em Ponte Nova:

[...] alguns anos antes da criação da entidade 1º de Maio pela colônia italiana de Ponte Nova, havia sido fundada, pela aristocracia local, o Pontenovense Foot-Ball Club, em que os requisitos primordiais [...] para filiar-se a entidade na condição de sócio ou de atleta, “que o então sócio pretendente”, não fosse negro ou/e afro-mestiço, indígena, ou *oriundi* italiano ou de qualquer outra nacionalidade, que não fosse a portuguesa ou seus ascendentes brasileiros caucasoides.

[...] os fundadores do [...] *Pontenovense* foram os ascendentes dos grandes latifundiários do século XIX, época do apogeu mundial dos donos das usinas açucareiras de Ponte Nova, que possuíam, naqueles tempos, grandes levas de escravos, e que após a promulgação da Lei Áurea [...] foram os responsáveis por contratar os imigrantes europeus, em sua maioria, italianos, para suprirem a mão de obra afro/escrava, então extinta em 13 de maio de 1888.

Assim ficou o artigo 1º do estatuto da entidade Primeiro de Maio Foot-Ball Club, que passou a se chamar: *Sociedade Esportiva Primeiro de Maio*, “fundada em Ponte Nova, Minas Gerais, aos 06 de julho de 1918, se compõe de sócios em número ilimitado, sem distinção de nacionalidade, etnia, opiniões políticas ou crenças religiosas, e se destina a promover, estimular e promover a prática de todos os esportes e exercícios atléticos, especialmente ao jogo de Foot-Ball, organizando partidas, concorrendo às organizadas por [agremiações] congêneres, e realizando, quaisquer festas de caráter desportivo social”.

Mesmo que as origens do futebol regional se refiram ao contexto escolar, nossa análise recai sobre o futebol organizado nas agremiações futebolísticas amadoras e profissionais que surgiram no contexto da modernidade instaurada na Zona da Mata, mas que são nascidas dos diferentes grupos e classes da sociedade matense de cerca de 1 século atrás. Nesse particular,

é comum que cada cidade da Mata reúna ao menos 1 dos 4 principais grupos fundantes do futebol. No entanto, os estamentos diferenciados e de vivência fechada, com pouca comunicabilidade entre tais grupos, orientaram a criação de clubes com perfis inicialmente muito bem definidos. A essa sectorização futebolística sucedeu o período das filiações clubísticas, fato que **abriria caminho para as rivalidades** locais/regionais (como em Ponte Nova) e, depois, para escalas ainda mais abrangentes.

As identificações de grupos sociais com os times foi um fator-chave na obtenção de um público para o futebol. Houve a formação gradativa do sentimento de pertencimento – e, logo, de rivalidades com os times antagonistas – em conjunto com a estruturação de um mercado de consumidores do então novo esporte. Estádios eram erguidos, depois ganhavam mais espaço, conforto e iluminação. A predileção clubística vira oportunidade de negócios e os campeonatos locais passam a integrar os calendários oficiais das municipalidades. Jornais específicos sobre futebol ou com seções a ele destinadas passam a ser cada vez mais comuns. Um dava fôlego à expansão do outro.

No período em questão – as primeiras décadas do século XX –, a Mata Mineira era uma plethora de acontecimentos sociais, esportivos, econômicos etc., como caracterizamos anteriormente neste mesmo capítulo. A dinâmica própria de cada município, e também a da região, fizeram com que vários **clubes de futebol tivessem vida curta ou duros obstáculos**, como em Muriaé, onde seus 2 primeiros times não vingaram nos anos 1910, Atlético Napoleão e Barrense F. C., existindo por menos de um decênio (DG, 1979, p. 128).

A queda da importância econômica matense foi mais sentida em torno dos anos 1950, quando: a) Juiz de Fora era preterida por Belo Horizonte e adjacências nos investimentos dos governos estaduais; b) milhões de pés de café foram erradicados na Zona da Mata. No futebol, as sucessivas décadas de estagnação econômica também deram seus sinais e que repercutem ainda hoje, as quais se somariam ainda uma crescente centralização econômica nos maiores clubes nacionais. À título de exemplificação, citamos percalços de importantes instituições esportivas matenses:

- *Sport Club Renato Dias*: agremiação de Juiz de Fora que surgiu em março de 1917, tendo o industrial Renato Cordeiro Dias como patrono. O S.C. Renato Dias é um dos fundadores da atual Liga de Futebol de Juiz de Fora, (criada em 22 fev. 1918), participando de seus campeonatos daí até 1931, sendo extinto em 1932. Mesmo em face das dificuldades econômicas que atravessou, o clube ressurgiu como *Sport Club Palestra Itália*, cuja iniciativa também declinou.

- *Paulistano Futebol Clube*, de Muriaé: foi a 1ª agremiação futebolística perene da cidade, criada em junho de 1920, mas que acusou o grande golpe sofrido em 1986 com a perda de seu estádio – Waldemar Alpoim – no bairro da Barra. No seu lugar existe agora a Praça Carlos Drummond de Andrade ou Praça do Trabalhador;

- *Esporte Clube Ribeiro Junqueira* (de Leopoldina), *Tupinambás Futebol Clube* e *Sport Club* (ambos de Juiz de Fora): são equipes tradicionais da região, com longa história (1911, 1911 e 1916, respectivamente) e participações até na 1ª divisão do Campeonato Mineiro. Todos, em virtude do encolhimento orçamentário e de dívidas, não contam mais com quadros profissionais¹⁵⁴. Durante a elaboração desta pesquisa, a participação (de 1%) na venda do lateral Danilo (do Porto para o Real Madrid) rendeu ao Tupinambás – que é clube formador do atleta – cerca de R\$ 1 milhão. Com esse aporte financeiro, a diretoria conseguiu seu reingresso no futebol profissional em 2016, disputando a “Segundona” do Campeonato Mineiro (DIÁRIO REGIONAL, 2016)¹⁵⁵. Os demais clubes não acenam no mesmo sentido, mas participam de competições amadoras. Tais torneios ainda ajudam a manter as atividades das agremiações. O Ribeiro Junqueira, por exemplo, disputou em 2015 a *Copa dos Campeões*, organizada pela Liga Esportiva de Cataguases, quando enfrentou o Leopoldina F.C. pela 2ª rodada. De acordo com o *Leopoldinense* (29 mar. 2015), a partida teve público de cerca de 500 pessoas e renda de R\$3.375,00, sendo disputada no Estádio Guanahyro Fraga Motta, campo do Ribeiro Junqueira, que tem capacidade para 1.600 espectadores. Isso revela também que as disputas locais – nesse caso de Leopoldina – ainda têm espaço no futebol, perpassando as relações de imediatece – Lefebvre (2001) – e topofílicas, mobilizando torcedores: “Poder representar o município na II Copa dos Campeões é muito gratificante, porque, dessa forma, levamos o nome do Operário e consequentemente o da cidade no cenário do futebol regional”, argumentou José Vitor Lima, presidente e ex-atleta do clube de Cataguases (LOPES, 2014, s/p). O citado perfil regional mostra as relações em rede e sua reticularidade, pois a Copa dos Campeões envolveu equipes de 8 cidades: Cataguases, Leopoldina, Recreio, Santana de Cataguases, Laranjal, Muriaé, Guiricema e Guarani.

¹⁵⁴ O E.C. Ribeiro Junqueira foi campeão mineiro da 3ª divisão em 1989 e vice-campeão da 2ª divisão em 1990, quando ascendeu à elite. Jogou-a em 1991 e, após o rebaixamento, abandonou o profissionalismo. Apesar de “lotado de dívidas”, mantém escolinha de futebol, atesta o jornal o *Leopoldinense* (29 mar. 2015, s/p).

¹⁵⁵ Segundo o Diário Regional (2016), a diretoria tratou de pagar dívidas, apesar de não ter obtido todas as certidões negativas de débito. A “Segundona” (30 jul. a 26 nov.) prevê apenas 5 atletas com mais de 23 anos no elenco de cada uma das 14 equipes disputantes: Arsenal S.C., Coimbra E.C., União Luziense E.C., Valeriodoce E.C. (Grupo A), S.E. Guaxupé, Jacutinga A.C., Santarritense F.C. (Grupo B), F.C. Betinense, E.C. Itaúna, Ponte Nova F.C., Tupynambás F.C. e Venda Nova F.C. (Grupo C). Vê-se a ênfase dada na disputa regionalizada (mas há muita equipe da RMBH e entorno) e na valorização da base, com apelo para utilização de jogadores jovens.

De volta aos espaços do período de surgimento do futebol, a organização territorial das cidades via Igreja (Católica) no Brasil foi determinante (MARX, 1991). Assim até a toponímia regional sofreu tal influência:

Os cruzeiros – marcos de formação dos povoados – antepuseram-se às capelinhas e em torno redor deles surgiram as primeiras casas. O Orago – o santo da Invocação – era aquele que festejavam [...] no dia em que levantavam o cruzeiro, surgindo, com a junção de um topônimo designativo de rio, ribeirão, serra ou lembrança da terra distante, os pitorescos nomes de [...] Conceição do Turvo, Santa Rita do Meia Pataca, São João Nepomuceno do Rio Novo [...] [etc.] (CASTRO, 2001, p. 49).

A prosperidade, de capela curada para paróquia, eleva religiosamente o arraial em nível de freguesia¹⁵⁶, dando-lhe o roussio¹⁵⁷ como patrimônio público e permitindo a aglomeração ao redor do templo (MARX, 1991), muitas vezes colocado em *plateau*. Depois a freguesia vai almejar sua autonomia com o pelourinho e a Casa da Câmara, religiosamente ascendendo de paróquia para matriz e, em termos de ocupação, tornando-se vila. Celso Castro (2001, p. 50 e 51) dá os exemplos de igrejas criadas em Dolores do Turvo (1783), Mercês (1791) e Além Paraíba (1818), cruciais na conformação urbana de suas respectivas cidades. Zacchi (2009, p. 32-33) traz o exemplo de Viçosa, cuja área central foi organizada por volta de 1800 e ao redor da igreja. A Zona da Mata foi intensamente influenciada por tal organização devido a sua inserção econômica nas fases aurífera e cafeeira, com seus constituintes clássicos: escravos, terras, índios, imigrantes, colonos, bandeirantes e religiosos. Não percamos de vista que a cada **local circundante às igrejas** costumeiramente destinou-se à criação de espaços/prças públicos(as), onde, também habitualmente, os **jogos de futebol se desenrolavam**. Esses espaços primevos do futebol não faltaram, em absoluto, nas localidades matenses, como em Muriaé: seus jovens pioneiros futebolistas treinavam no Largo da Matriz desde 1906 (mas só até 1910, para não danificar a fiação da recém-instalada iluminação elétrica pública),

[...] na época uma ampla e lisa esplanada, improvisando-se equipes que se empenhavam ardorosamente [...].

Anos mais tarde o Largo da Matriz serviria ainda para o bate-bola em que se entretinham os estudantes em férias, habituados ao futebol evoluído dos colégios distantes [...].

[...] a situação amadurecia para a criação da primeira associação desportiva de Muriaé, o “Atlético Napoleão”¹⁵⁸ (DG, 1979, p. 125).

¹⁵⁶ Povoação eclesiástica.

¹⁵⁷ Terreno geralmente amplo e frontal às igrejas que o povo roçava e usufruía em comum.

¹⁵⁸ “Napoleão” foi uma homenagem ao fundador homônimo, procedente de Campos-RJ, que chegara em Muriaé com o propósito de instalar uma tinturaria e uma agência de jornais. Associando-se a um grupo de muriaeenses, criou o campo do time na Armação (DG, 1979, p. 125).

Além do Largo da Matriz, os primeiros futebolistas muriaeenses utilizaram também o Largo do Rosário e o Largo de São Pedro (de acordo com o dono da bola!) nos anos 1910 (DG, 1979, p. 128).

Em pesquisa anterior (CAMPOS, 2006, p. 32), já relatávamos que o padrão geral dos povoados mineiros acompanhava os acidentes topográficos do terreno, preferindo os vales. Orlando Valverde (1958, p. 66) aponta uma causa comercial para tal: as fazendas, mesmo que empenhadas na autossuficiência, tinham que buscar certos produtos fora. “Certamente muitas fazendas possuem vendas, mas havia necessidade de um centro regional de abastecimento, que era também um centro social (igreja, cartório, clube etc.) [...] para o comércio o fator transportes é vital, pois aquele depende sobretudo das trocas”. As lojas surgiam ao longo das estradas gerando um *Strassendorf*. O outro padrão que difere desse é o *Castrum*, resultado da doação de terras para a construção da paróquia (ao qual já nos reportamos), permitindo um jardim quadrangular defronte, de cujos vértices saem as ruas. Algumas vezes combinam-se os padrões e, em geral, o crescimento desfigura o tipo.

As cidades maiores do leste da Mata – Muriaé, Manhauçu, Manhumirim, Carangola, estão neste caso. Elas têm uma atividade que lembra os centros urbanos do planalto paulista. Mas, ao contrário destes, estão metidas num vale. [...]. Este padrão [...] misto de *Strassendorf* e *xadrez*, vai ser encontrado em Ubá, Mar de Espanha, Lima Duarte, Rio Preto e Juiz de Fora. Em todas elas se pode distinguir ainda a estrada axial (VALVERDE, 1958, p. 68).

As cidades dispunham de amplos espaços para a prática do futebol que, premido pela facilidade com que pode ser jogado, ganhou força entre pobres e operários. A ocupação intra-urbana apresentava amplos **interstícios entre as áreas centrais** (de maior densidade de construções e de habitantes, com lotes menores e maior dotação de equipamentos/infraestrutura) e **as áreas suburbanas** (com lotes maiores, empreendimentos industriais, bairros operários e de classes médias etc.). Além disso, os espaços públicos criados ao redor das igrejas e as praças públicas oriundas do ideário higienista e planejador – como já anunciamos – criaram ainda mais espaços e, por conseguinte, maiores condições de se praticar o futebol nas cidades.

Um exemplo de espaços disponíveis para a prática esportiva/futebolística vem de Guarará (1919). A foto também endossa o padrão geral dos povoados mineiros que seguiam os acidentes topográficos dos terrenos e sem um plano urbanístico fixo, marcado pelo gradativo aparecimento dos sobrados (com funções residenciais e comerciais) e pelos arruamentos e teia urbana organizados pelas edificações religiosas.

Foto 2.29 – Interstícios urbanos em Guarará (1919).

Fonte: *O Guarará*, 14 jul. 1919, p. 1.

A presença desses espaços intra-urbanos não era existente apenas nas cidades pequenas, a exemplo de Guarará com seus atuais 3.963 habitantes (IBGE, 2015), como pode-se supor. Localidades de maior envergadura hierárquica também apresentavam a mesma situação, como os casos de Visconde do Rio Branco, de Juiz de Fora e até do Rio de Janeiro. As fotos seguintes confirmam essa comparabilidade urbana, cujas similitudes (de espaços disponíveis) vicejaram o futebol em Guarará e no Rio de Janeiro, coisa replicada nas demais cidades da Mata – como em Visconde do Rio Branco, Juiz de Fora e Muriaé¹⁵⁹ – e do Brasil.

Foto 2.30 – Parque Municipal Peixoto Filho, Visconde do Rio Branco (1909).

Fonte: *Jornal Consciência da Mata*, Visconde do Rio Branco, nov. 2012.

¹⁵⁹ Observamos, por exemplo, o mesmo em Muriaé, com base em fotos (mais de 2 mil) do acervo do Memorial Municipal que mostram panorâmicas da cidade no passado com a presença de espaços para o futebol.

Fotos 2.31 e 2.32 – Rio de Janeiro em 1915 (treino do América, Andaraí) e em 1939 (jogo do Botafogo, General Severiano): paisagens com interstícios urbanos nos bairros.

Fontes: *Museu do Futebol*, 2015 e *O Malho*, 27 abr. 1939.

Por outro lado, houve uma **redução dos referidos interstícios urbanos** à medida em que as cidades tiveram crescimento urbano (SEABRA, 2000). As regiões varzeanas foram sendo ocupadas e, genericamente, as encostas mais elevadas ficavam como **reservas do crescente mercado de terras**. A reboque deste processo, um contínuo valor de troca em ascensão. Destarte, muitos clubes da Mata Mineira venderam terrenos nas áreas mais valorizadas ou mudaram de sede social ou nem tiveram acesso a isso.

É certo, também, que a manutenção de lotes vazios se presta à especulação, estratégia marcada pela espera da implantação de infraestrutura (saneamento, calçamento etc.) para venda ou uso dos terrenos, o que agrega valor aos interstícios urbanos. Por isso, mesmo após décadas a fio (nos anos 1980 e já com cerca de 350 mil habitantes¹⁶⁰), Juiz de Fora contava com impactante proporção entre lotes vagos e lotes ocupados.

Tabela 2.16 – Relação entre lotes vagos e lotes ocupados em Juiz de Fora (1984 e 1986).

Ano	Lotes Vagos (LV)	Lotes Ocupados (LO)	Total de lotes	Proporção LV/LO
1984	38.700	71.611	110.311	54,00%
1986	36.966	77.256	114.222	47,00%

Fonte: Secretaria da Fazenda da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (PMJF) apud Miranda, 1990, p. 68.

A partir dos dados de 1984 da PMJF (apud MIRANDA, 1990, p. 69) calculamos a relação LV/LO em alguns bairros onde houve a supressão de campos de futebol, indicando ainda o total de lotes vagos: Centro (1,26% com 239 lotes vagos), Manoel Honório (4,36%

¹⁶⁰ Juiz de Fora tinha 307.525 habitantes em 1980, e 385.996 em 1991 (IBGE, 1980; IBGE, 1991).

com 72 LV), Vitorino Braga (17,02% com 168 LV) e Santa Luzia (37,39% com 544 LV). Os resultados percentuais acompanharam a cronologia de existência dos bairros, já que o Santa Luzia é o de ocupação mais recente (após 1936), depois Vitorino Braga e Manoel Honório (entre o final do século XIX e 1936), enquanto o Centro apresenta áreas originais da cidade (meados do XIX)¹⁶¹.

Fotos 2.33 e 2.34 – Região central de Juiz de Fora em 1920 e em 2004: visível supressão de interstícios urbanos.

Fonte: Amaral, 2006, p. 29 e 30.

Enfim, as consequências da especulação imobiliária foram sentidas no futebol. Em Juiz de Fora, o Tupi ainda mantém sua sede no Centro, mas o antigo estádio da Avenida Francisco Bernardino (no Centro) foi extinto. O mesmo ocorreu com o Vivabela, campo do Sport Club na década de 1930, outra tradicional agremiação local. Diversos campos de futebol deixaram de existir.

¹⁶¹ Entre 1892 e 1915, Miranda (1990, p. 124) afirma que houve ocupação, ainda que difusa, nos bairros Mariano Procópio, Botanágua, Glória, Alto dos Passos, São Mateus, Tapera, Borboleta, Fábrica, Poço Rico, Grama, Benfica e São Pedro. Daí até 1936, a ocupação se deu no Tapera, Santa Terezinha, Manoel Honório e Mundo Novo. O Município de Juiz de Fora é datado de 1850 (emancipado de Barbacena), mas originado em 1838.

Foto 2.35 – Campo da Academia de Comércio (hoje extinto), Centro de Juiz de Fora (1909).

Fonte: Acervo Juarez Venâncio apud Cunha Jr., 2011, p. 27.

Outros campos desativados podem ser citados à título de comprovação e endosso da relação entre o valor de troca dos imóveis urbanos e os **campos de futebol suprimidos**, sobretudo no **caso de Juiz de Fora**, o maior núcleo urbano da Zona da Mata, onde o famigerado mercado de terras urbanas tem mais veemência (PEDROSA, 2008; BRAGA, 1977; MORORÓ, 2012):

- ABC/Manoel Honório: entre os bairros Ladeira e Manoel Honório. Hoje é uma área residencial e comercial, além de contar com órgãos públicos (da Prefeitura e a sede local da Polícia Federal);
- Academia de Comércio: seu campo ficava na Rua Halfeld, no Centro (uma das mais conhecidas da cidade). Foi engolido pela expansão desta instituição de ensino;
- Avenida Sete de Setembro, no bairro Vitorino Braga: seu campo era arrendado ao São Cristóvão (time do bairro que atuou nos campeonatos locais na década de 1930 e, hoje, está extinto);
- Bandeirantes: neste bairro existia um campo onde há, agora, residências e a garagem de uma empresa de ônibus urbano;
- Benjamim Constant (rua): contava com 2 campos que serviam ao Sport, Volante¹⁶², Telefônica e São Cristóvão;
- Curva do Lacet: ficava no bairro Dom Bosco. Nas suas imediações houve a consolidação de

¹⁶² Time formado pelos motoristas da cidade. Disputou os certames profissionais da Liga de Juiz de Fora entre 1947 e 1958, sagrando-se campeão em 1949. Curiosamente, o clube teve um padre, Wilson Vale da Costa, como jogador e dirigente. Também apitou jogos e ainda comandou programa de rádio campeão de audiência na PRB-3, a Super B-3 (BRAGA, 1977, p. 67 e 68).

investimentos no Cascatinha (bairro de maior estrato social), de um shopping e de um hospital. Nenhum campo foi devolvido ao bairro por parte da Prefeitura de Juiz de Fora, antiga detentora da Curva do Lacet;

- *Ground do Tupy*: muito usado nos anos 1910 pelo Tupi e outros times locais. Ficava ao fim da Rua do Commercio¹⁶³, além da E.F. Central.
- Independente: existiu até a década de 1930 ao lado do Estádio Sales de Oliveira (pertencente ao Tupi), no bairro de Santa Terezinha;
- Gargantão: situava-se na Garganta do Dilermando, morro que marca o início da Avenida Rio Branco, a principal via de Juiz de Fora;
- Industrial Mineira: teve 2 campos extintos, sendo um no bairro Democrata e um no Morro da Glória – este nos anos 1920;
- Jacobana: ficava no bairro Nova Era;
- Krambeck: funcionava onde atualmente está a rodoviária Miguel Mansur, no bairro São Dimas;
- Parque José Weiss: foi o 1º campo do Tupinambás, no bairro Fábrica (inaugurado em 21 de julho de 1918 diante do Renato Dias, que venceu por 4 a 3), usando-o até 1933. Aí o Baeta¹⁶⁴ venceu o Villa Nova, campeão mineiro daquele ano, onde teve sua única derrota. A partir de 1934 o clube passou a usar os campos das ruas Santo Antônio e Francisco Brandi, este ao lado da E. F. Central e que pertencera ao Tupi.
- Santa Rosa: situado no bairro Manoel Honório na década de 1960;
- Social: ficava no bairro Santa Luzia;
- Sport: o clube teve seu 1º *field* no Centro (Rua Santo Antônio). O estádio foi o 1º de Minas Gerais com arquibancadas cobertas, sob as quais havia salão de baile, secretaria, vestiários, quadra para vôlei e cestobol¹⁶⁵, e onde havia boxe, luta livre e outros espetáculos;
- Universal: localizava-se no bairro Vitorino Braga;
- Várzea Central: era utilizado por Tupi e Renato Dias até os anos 1910 e 1920.

Entretanto, a **dotação de infraestrutura** serviu não só para eliminar os espaços para o futebol, mas também para **potencializar o público** presente aos eventos. Esse foi o caso do sistema de bondes de Juiz de Fora – ativo até meados do século XX – ao atender os locais dos

¹⁶³ Atual Rua Batista de Oliveira, no Centro, de acordo com o portal juiz-forano *Acessa.com*. (Disponível em: www.acessa.com/arquivo/jf150anos/1004/. Acesso em: 10 fev. 2016).

¹⁶⁴ A equipe rubra do Tupinambás passou a ser conhecida como Baeta devido a um pano vermelho muito em voga à época de sua fundação, em 1911 (BRAGA, 1977, p. 11).

¹⁶⁵ Nos termos de Arides Braga (1977, p. 39).

jogos ou seus arrabaldes, tais como os campos situados nos bairros Manoel Honório, Santa Terezinha, Vitorino Braga, Centro, Fábrica e Glória (antes elencados).

Mapa 2.14 – Sistema de bondes, Juiz de Fora (início do século XX).

Fonte: Miranda, 1990, s/p (Anexos, Mapa 5).

Associações de classes/grupais (como os operários¹⁶⁶ e imigrantes, por exemplo), **bairros e ruas estão intensamente articulados aos times criados nas cidades matenses** (como em todo o país¹⁶⁷), emprestando-lhes nomes em diversos casos, especialmente o nome do próprio município ou o seu gentílico. Utilizando o livro de Halber Pedrosa (2008, p. 31-145), a respeito do futebol em Juiz de Fora, tem-se noção da força dessa relação toponímica:

¹⁶⁶ O termo “operário” foi largamente empregado para denominar clubes de futebol em cidades da Zona da Mata, como em Tabuleiro, Raul Soares, Cataguases, São João Nepomuceno, Além Paraíba, Santos Dumont, Palma e Muriaé. Isso aponta a íntima articulação entre os espaços urbanos, a modernidade e a industrialização como fatores envolvidos no desenvolvimento do futebol. Pelo mesmo motivo, jornais e outros equipamentos identificados com a modernidade também têm “operário” nos seus nomes. É o caso do periódico *O Operário*, de Muriaé.

¹⁶⁷ Mencionamos isso a partir dos clubes filiados à CBF (2015) por unidades da federação.

nele contamos 303 nomes de times ligados aos bairros onde se originaram, 17 aos de ruas e avenidas, 99 aos locais de trabalho e associações de classe¹⁶⁸, e 119 times com nomes relacionados às suas cidades (agremiações de outros municípios que disputaram campeonatos em Juiz de Fora). Em Santos Dumont, a partir de Pedrosa (s/d, p. 11-83), também verificamos dezenas de casos em que os **times criados reforçam a toponímia municipal, de ruas/avenidas, bairros e distritos, ou até mesmo a do Estado**. Levantamentos nossos indicaram igual situação nas demais localidades matenses.

Como um todo, as **denominações clubísticas seguiram um padrão**: até os anos 1970, aproximadamente, os nomes eram muito referenciados em aspectos locais e regionais, como o Operário F. C. (fundado em 1931), time de Tabuleiro em azul e branco, uma homenagem ao Cruzeiro de Belo Horizonte (LÉLIS, 2011, s/p). Os nomes inspirados e replicados em/de clubes estrangeiros passam a ser mais claramente utilizados a contar da década de 1970, bem como os de renomados clubes nacionais cujas cidades não possuíam uma penetração na Mata como tinha o Rio de Janeiro. As insígnias e cores das agremiações também seguiram tal padrão de influência, conformando as características centrais da “fute-iconografia” matense¹⁶⁹.

¹⁶⁸ Exemplificamos com o Duque de Caxias, um dos times mais tradicionais (atuou nos anos 1930 e 40), criado por militares (BRAGA, 1977, p. 70).

¹⁶⁹ Cf. Capítulo 5.

Quadro 2.4 – Denominações clubísticas: reforço da toponímia local/regional e do espaço de vivência.

Clube, Localidade e Fundação	Referência denominativa / Origem
América, Santos Dumont	Bairro João Gomes Velho (atual Santo Antônio)
Bandeirantes, Juiz de Fora, ND*	Bairro homônimo
Barbosa Lage, Juiz de Fora, 1959	Bairro homônimo
Barreira, Juiz de Fora, 1968	Bairro Barreira do Triunfo
Belmiro Braga, Belmiro Braga, ND	Município
Benfica, Juiz de Fora, 1937	Bairro homônimo
Biquense, Bicas, 1920	Município
Borboleta, Juiz de Fora, 1928	Bairro homônimo
Cerâmica, Juiz de Fora, 1930	Bairro homônimo
Chacarense, Chácara, 1921	Município
Comercial, Santos Dumont	Comerciantes da cidade
Coronel Pacheco, Coronel Pacheco, ND	Município
Cruzeiro, Santos Dumont	Rua São José/Alto dos Passos, no Centro
Descoberto, Descoberto, 2001	Município
Ewbankense, Ewbank da Câmara, 1947	Município
Ferroviária, Juiz de Fora, 1956	Estação da RFFSA no Centro de Juiz de Fora
Floresta, Juiz de Fora, 1934	Bairro homônimo
Guarani, Guarani, 1938	Município
Guarani, Santos Dumont, ND	Distrito de Mantiqueira
Ibitipoca, Santa Rita de Ibitipoca, ND	Município
Industrial Mineira, Juiz de Fora, 1919	Indústria de Fiação e Tecelagem Mineira (Ferreira Guimarães)
Jardim Glória, Juiz de Fora, 1946	Bairro homônimo
Lima Duarte, Lima Duarte, 1947	Município
Manufatora-Mineira, Cataguases, 1959	Fábrica homônima
Mardespanhense, Mar de Espanha, ND	Município
Matiense, Matias Barbosa, 1917	Município
Minas, Goianá, 1926	Estado de Minas Gerais
Minas, Lima Duarte, 1940	Estado de Minas Gerais
Mineira, Juiz de Fora, 1935	Companhia Mineira de Eletricidade
Mineiro, Juiz de Fora, ND	Estado de Minas Gerais
Mineiro, Santos Dumont, 1925	Estado de Minas Gerais
Miraí, Miraí, 1949	Município
Pequeri, Pequeri, 1932	Município
Pirapetinga, Pirapetinga, ND	Município
Pombense, Rio Pomba, 1924	Município
Santanense, Santana do Deserto, 1923	Município
Social, Santos Dumont, 1925	Bairro Quarto Depósito
Tigre, Santos Dumont, 1944	Funcionários da Cia. Brasileira Carbureto de Cálcio
Viçosa, Viçosa, ND	Município
Vila Nova, Santos Dumont, anos 1950	Bairro São Sebastião

Fonte: organizado pelo autor.

* ND – Não Disponível.

Quadro 2.5 – Times da Zona da Mata e as referências buscadas em suas denominações¹⁷⁰

Time inspirador e Local de origem	Time da Zona da Mata, Cidade de origem, Fundação e Característica replicada
América-RJ	América de Rio Pomba (1916) e Tabuleirense F. C. (1928): cores do clube (alvirrubro) 2 times amadores de Juiz de Fora alvirrubros (bairros Progresso e Teixeiras)
Atlético-MG	Leopoldina de Bicas (1925): uniformes, insígnias e cores e mascote
Ajax, Holanda	5 equipes homônimas amadoras de Juiz de Fora e Rio Pomba
Bangu-RJ	Bangu, do Bairro Eldorado de Juiz de Fora; nome do time
Barcelona, Espanha	4 equipes homônimas amadoras de Juiz de Fora
Boca Jrs., Argentina	Boca Jr. de Juiz de Fora (1972); nome do clube
Botafogo-RJ	Times homônimos de São João Nepomuceno e de Juiz de Fora; uniformes, insígnias e cores
Cruzeiro-MG	Cruzeiro (Bairro São Benedito, Juiz de Fora, 1967) e Cruzeiroinho (Bairro Santa Cruz, Juiz de Fora): nomes, uniformes, insígnias e cores
Flamengo-RJ	Flamengo (Bairro Bonfim, Juiz de Fora, 1939), Flamengo (Cataguases, 1917), Flamengo (Goianá): nomes, uniformes, insígnias e cores
Fluminense-RJ	Homônimos de Ewbank da Câmara (um do fim dos anos 1930 e outro de 1991) e dois de Juiz de Fora: nomes, uniformes, insígnias e cores
Internacional-RS	Time homônimo do Bairro Poço Rico, Juiz de Fora (1967): só não usa as mesmas cores (trocou o vermelho pelo verde)
Juventus, Itália	2 equipes homônimas amadoras de Juiz de Fora
Palmeiras-SP	Homônimos de Matias Barbosa e Juiz de Fora
Santa Cruz-PE	Santa Cruz F. C. de Santos Dumont (1974): cores e mascote (cobra coral)
São Cristóvão-RJ	São Cristóvão do Bairro Vitorino Braga, de Juiz de Fora (1925): uniformes, insígnias e cores
São Paulo-SP	São Paulo do Bairro Centenário de Juiz de Fora (1979): uniformes, insígnias e cores
Vasco da Gama-RJ	A. A. Vasco da Gama (Juiz de Fora, 1929): uniformes, insígnias e cores

Fonte: organizado pelo autor.

Encontramos ainda mais referências denominativas a partir de clubes estrangeiros, mas que por não terem datas de fundação ou locais/sedes de origem não foram citados. Surgiram nomes replicados em diversas cidades a partir dos originais Nápoli e Roma (Itália); La Coruña, Real Madrid e Real Sociedad (Espanha); dentre outras expressões do capitalismo mundial manifestos sob a designação de times amadores de futebol.

¹⁷⁰ Outras agremiações homônimas às famosas também foram levantadas, mas sem que pudéssemos verificar cores e escudos, como Flamengo (de São Sebastião da Vargem Alegre).

Quadro 2.6 – Exemplos de clubes de futebol criados na Zona da Mata até 1960.

Cidade / Bairro ou Distrito	Clubes	Período de Fundação
ALÉM PARAÍBA	EC Operário SC Independente	15 ago. 1955 17 jan. 1938
ASTOLFO DUTRA	EC Portuense	25 jan. 1925
BICAS	Serrano EC Biquense Leopoldina AC	Jan. 1920 14 jul. 1920 12 nov. 1925
CARANGOLA	Comercial FC Carangola F C	1934 Não Disponível (ND)
CATAGUASES	Operário FC Flamengo FC Manufatora-Mineira EC	9 nov. 1917 21 jan. 1917 15 nov. 1959
CHÁCARA	Chacarense FC	12 ago. 1921
CORONEL PACHECO	Aimoré	19 jun. 1931
DIVINO	Divino	ND
EWBANK DA CÂMARA	EC Ewbankense	14 jan. 1947
GOIANÁ	Minas FC	26 mai. 1926
GUARANI	Guarani FC	01 mai. 1938
GUARARÁ	Aymoré F-BC SC União Guarareense	Jan. 1920* ND
JUIZ DE FORA	Granberyense Tupinambás FC Tupi FC	1893** 15 ago. 1911 26 mai. 1912
Benfica	EC Benfica	01 mai. 1937
Bonfim	Portuguesa F-B C Flamengo FC SC Germânia SC Mineira de Eletricidade	15 set. 1937 9 jul. 1939 Década de 1930 Década de 1930*
Chapéu D'Uvas (distrito)	Aimoré FC Sport Club Juiz de Fora Mangueira F-BC SC Renato Dias Industrial Mineira F-BC	14 jul. 1914 24 set. 1916 07 set. 1917 Mar. 1917 Fev. 1919
Fábrica	AA Vasco da Gama	15 ago. 1929
Floresta	EC Floresta	9 jan. 1934
Francisco Bernardino	Bonsucesso F-BC	3 set. 1930
Manoel Honório	SC Manoel Honório	1 jan. 1942
Monte Castelo	EC Vila Branca EC Olaria	01 nov. 1934 26 jul. 1946
Santa Luzia	Minas Gerais EC São Carlos	Década de 1940* 21 ago. 1950
São Mateus	SC Guanabara	15 out. 1936

Continua.

Cidade / Bairro ou Distrito	Clubes	Período de Fundação
Vitorino Braga	São Cristóvão FC Madureira F-BC SC Mineiro Ypiranga FC	Abr. 1925 Década de 1920* Década de 1920* Década de 1920*
LEOPOLDINA	EC Ribeiro Junqueira Leopoldina Railway EC Leopoldina	27 ago. 1911 12 nov. 1925 28 set. 1933
LIMA DUARTE	AA Lima Duarte Social FC	05 jun. 1947 26 nov. 1958
MANHUMIRIM	Grêmio Manhumirense de Desportos	1950. Nasceu como Associação Sportiva Athletico (ASA), 1932
MIRAÍ	EC Miraí EC Primeiro de Maio	30 ago. 1949 01 mai. 1948
MURIAÉ	Paulistano FC Nacional AC	29 jun. 1920 25 dez. 1927
PALMA	Operário FC	1952
PEQUERI	EC Pequeri	1932
PIAU	Atlético EC	14 mai. 1944
PONTE NOVA	EC Palmeirense Pontenovense FC	10 out. 1943 11 out. 1911
RAUL SOARES	EC Operário	27 jul. 1949
RECREIO	Recreio EC	30 jun. 1946
RIO NOVO	Quinze de Novembro FC PRAINHA FC	01 jan. 1914 2 set. 1948
RIO POMBA	América AC Pombense SC	30 jun. 1916 8 jan. 1924
ROCHEDO DE MINAS	E C Rochedo de Minas	ND
SANTANA DO DESERTO	Associação Recreativa Santanense FC	26 ago. 1923
SANTOS DUMONT	Atlético Palmyrense FC União Palmyrense Mineiro FC Clube Social Olímpico Ferroviário EC Tigre Vila Nova AC Independente FC	1906 1909 24 mai. 1925 19 jul. 1925 10 abr. 1944 Década de 1950 8 out. 1950
SÃO JOÃO NEPOMUCENO	Mangueira FC Operário FC	17 fev. 1918 14 jul. 1918
TOCANTINS	Itararé FC	27 out. 1935

Continuação.

Cidade / Bairro ou Distrito	Clubes	Período de Fundação
TOMBOS	Tombense FC	07 set. 1914
UBÁ	SC Aymorés	17 mai. 1923
	AA Bandeirante	01 jan. 1951
VISCONDE DO RIO BRANCO	Nacional AC	07 set. 1937

Conclusão.

Fontes: organizado pelo autor a partir de APM; AHU; AMM; Braga (1977); Ligas Municipais de Esportes; Pedrosa (2008); *sites* dos clubes.

* Não encontramos registros exatos da fundação de tais agremiações. Assim, citamos o período do torneio mais antigo do qual cada equipe participou.

** O Granberyense não se profissionalizou, mas foi influente na afirmação do futebol local e de Minas Gerais. Consideramos sua fundação a partir do 1º jogo nas dependências do colégio.

Há também os casos em que a própria identificação com bairros de uma cidade podem suscitar a origem de uma rivalidade alocada na escala municipal. Em Muriaé protagonizaram-se dérbis entre times da Barra e do Centro: “Por volta de 1917 desaparecia o nosso clube pioneiro [Atlético Napoleão]. Nascia o Barrense F. C., de duração efêmera. [...]. O campo um pouco acima da atual sede do Paulistano [em 1952]¹⁷¹. Faziam-se competições entre a Barra e o Centro, este com equipes improvisadas [...]” (DG, 1979, p. 128). Em outro episódio, o então único clube da cidade, o Paulistano (criado em 1920) via o surgimento de uma nova agremiação no Centro, em 1927, o Nacional, para onde migrariam alguns de seus atletas: “[...] Biluca, Hércules, Umbelino, Djalma, Jairo, Izá, Guardiano... quase um time” (DG, 1980, p. 102).

Com a proliferação do futebol e dos seus clubes, incontáveis **campos e estádios surgiram nas cidades da Zona da Mata**, incluindo as menores e nas que até já foram distritos. Atuais distritos também contam com campos, numa demonstração de ubiquidade do futebol. Em Juiz de Fora, Mororó (2012, p. 142) assinalou os primeiros campos de futebol da cidade: *Ground* do Largo do Riachuelo, *Ground* do Tupy, Largo da Alfândega, Campo do Boa Vista, Fazenda Cel. Manoel Honório e Academia de Commercio. Tais campos estariam, hoje, em privilegiada localização, dentro ou nas cercanias do Centro. Todos foram extintos e estão com usos comercial e residencial. O Tupi realocou seu estádio para Santa Terezinha (onde ainda existe), distante da maior especulação imobiliária verificada nas áreas centrais. O *Ground* do Largo do Riachuelo era o mais estruturado nos primórdios do futebol de Juiz de Fora por volta dos anos 1910, tendo sido o palco de Granberyense 5 x 1 Athletico, em 1909.

Como as menores cidades resguardam mais espaços em sua malha intra-urbana, gera uma gama abrangente de campos de futebol. Há ainda aqueles que resistem à especulação

¹⁷¹ Ano referente ao texto utilizado, originalmente publicado em 1952 pela *Gazeta de Muriaé*.

imobiliária nas maiores cidades da região (onde os agentes imobiliários atuam mais incisivamente) e estão localizados nas áreas centrais de suas cidades, como os estádios do Aymorés (em Ubá), do Mineiro (em Santos Dumont) e do Sport (em Juiz de Fora). Diante da plethora de campos existentes, nos limitaremos a citar e mostrar alguns exemplos desses estádios, cujo total é enorme. A quase totalidade dos estádios matenses é de pouca capacidade de público, como é o caso do Estádio Municipal de Cipotânea, cuja infraestrutura foi montada em agosto de 1989.

Fotos 2.36, 2.37 e 2.38 – Exemplos de pequenos estádios de futebol na Zona da Mata.

Fontes: o autor, jan. 2016.

Dentre os que comportam mais espectadores, elencamos: João Lopes Quatorze Voltas (do E.C. Itararé, 4 mil, em Tocantins), Afonso de Carvalho (do S.C. Aymorés, 4 mil, em Ubá), Almeidão (do Tombense F.C., 5 mil, em Tombos), Juscelino Kubitschek (em Manhuaçu, 5 mil)¹⁷², José Procópio Teixeira (do Sport Club, 10.500, em Juiz de Fora), Soares de Azevedo (do Nacional A.C., 13.694, em Muriaé) e Mário Helênio (em Juiz de Fora, 25 mil).

¹⁷² A recente retirada do “tobogã” da parte detrás dos gols reduziu a capacidade do JK, antes tida como de 8 mil.

Fotos 2.39, 2.40, 2.41, 2.42, 2.43, 2.44, 2.45, 2.46 e 2.47 – Alguns dos principais estádios da Zona da Mata.

Fontes: org. pelo autor a partir de APM; ligas municipais de esportes; *site* do GEM; Pedrosa (s/d); fotos autorais.

Quadro 2.7 – Localização de estádios em diversas cidades da Zona da Mata.

Estádio	Equipe e/ou Cidade Detentora
29 de Junho	Ervália
Afonso Carvalho	Ubá
Alcides Campos	Recreio
Campo do União FC	São João do Manhuaçu
Carlos Peixoto	Operário, Cataguases
Carlos Stheblem	Operário, São João Nepomuceno
Emílio Miguel Khede	Grêmio, Manhumirim
Estêvão Cândido	Minas, Lima Duarte
Gigante Azul da Colina	Primeiro de Maio, Viçosa
Guanahyro Fraga Motta	Ribeiro Junqueira, Leopoldina
Heleno de Freitas	São João Nepomuceno
Hélio Guimarães	Nacional, Piranga
Hermínio de Oliveira Fernandes	Senador Firmino
José Baldine	Miraí
José Ferreira Gomes	Social, Santos Dumont
José Guimarães	Mineiro, Santos Dumont
José Paiz Soares	Tupinambás, Juiz de Fora
José Ribeiro de Paiva	Rio Novo
José Rodrigues da Silva/Colônia	Viçosa
Joseph Lambert/Alto da Boa Vista	Visconde do Rio Branco
Jupiraci Martins Freitas	Itamarati de Minas
Miguel dos Santos Fintelman	Cruzeiro, Muriaé
Murilo de Castro	Rio Novo
Pau D'Alho	Palmeirense, Ponte Nova
Rodrigo Lanna	Cataguases
Sales de Oliveira	Tupi, Juiz de Fora
Serafim Machado Naia	Laranjal

Fonte: organizado pelo autor, 2016.

A propagação do futebol gerou também a sua **organização/institucionalização**. À medida em que as equipes de futebol se consolidavam nas cidades e que essas eram servidas por ferrovias, os torneios ampliaram suas escala e rede de execução, deixando o isolamento de cada localidade para atingir as regiões próximas e daí para seus espaços mais distantes.

A 1ª liga desportiva criada em Minas Gerais foi a *Liga Mineira de Desportos Terrestres*, em Belo Horizonte, no dia 5 de março de 1915, após um acordo entre dirigentes da capital e de Juiz de Fora. Por isso a sede juiz-forana era a *Sub-Liga de Desportos Terrestres*, situada, à época, na esquina das ruas Halfeld e Batista de Oliveira. Sua efetivação contou com os representantes do Renato Dias, Tupinambás e Tupi (GERHEIM, 1978, p. 4). Essa organização do futebol mineiro só se tornou possível graças a uma troca de relações cada vez mais frequentes entre dirigentes de Belo Horizonte e de Juiz de Fora, fato que rechaça a

replicada ideia que passam pesquisadores juiz-foranos – como Christo (1994) – sobre uma separação/oposição entre as duas cidades em “tudo” o que se possa imaginar.

A efetivação da institucionalização do futebol de Minas Gerais foi selada a partir de um amistoso proposto por Marcondes Ferraz, mas realizado só em 14 de outubro de 1917, no campo do Tupi da Avenida Francisco Bernardino, em Juiz de Fora, entre os selecionados de Belo Horizonte e de Juiz de Fora. Os quadros do Tupi, Tupinambás e Academia de Comércio compuseram a equipe local, evidenciado o trajeto do futebol das escolas (Academia de Comércio) para a sociedade e seus clubes (Tupi e Tupinambás). Conforme Gerheim (1978, p. 4 e 5), o amistoso foi interrompido pelas chuvas e não teve o 2º tempo, mas teve a organização do futebol mineiro: foi fundada a Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres (SLMDT)¹⁷³, em Juiz de Fora, às 19h do dia 22 de fevereiro de 1918, na sede do Comercial Clube, cujo primeiro presidente foi Renato Dias, patrono do já extinto homônimo time local.

Apesar de uma inicial união com a capital, a Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres – que passou a se chamar Associação Mineira de Esportes (AME) em junho de 1933 – se desvinculou de Belo Horizonte e passou a representar Minas Gerais junto à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) até o dissídio esportivo de 1937, em função do profissionalismo implantado, quando a sede de Belo Horizonte passa a organizar o futebol mineiro, originando a atual Federação Mineira de Futebol. A liga juiz-forana passou a organizar torneios regionais com times da Mata e Vertentes. Recebeu apoio do Conselho Nacional de Desportos (Cr\$ 30 mil) e do governo Juscelino Kubitschek (Cr\$ 300 mil) para a compra de sua sede (PEDROSA, 2008, p. 23). Atualmente, funciona no bairro Santa Terezinha e é chamada de Liga de Futebol de Juiz de Fora (LFJF).

Quadro 2.8 – Exemplos de ligas de esportes/futebol criadas na Zona da Mata.

Ligas	Fundação
Juiz de Fora	22 fev. 1918
Ubá	1941
Além Paraíba	1941
Santos Dumont	16 set. 1943
Carangola	1953
Muriaé	1955
Cataguases	15 abr. 1957

Fonte: organizado a partir das ligas desportivas municipais, 2016.

¹⁷³ A entidade não lidou só com futebol. Dentre outros esportes, dedicou-se ao tiro. Existia na cidade o *Revolver Club de Juiz de Fora* – depois *Club de tiro, caça e pesca*. Dos seus quadros destacou-se Braz Magaldi, campeão brasileiro de 1928 e que participou dos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles (GERHEIM, 1978, p. 60).

Em decorrência da institucionalização do futebol, eram comuns, a princípio, a existência dos “campeonatos municipais” e “campeonatos das cidades” ou coisa que o valha, como houve no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Juiz de Fora. Mais tarde surgiram os torneios regionais (Campeonato da Zona da Mata, por exemplo) e ainda os estaduais. A escala regional das disputas envolvia até alguns atuais grandes times. Assim, muitas de suas participações estão presentes nos torneios da LFJF, que registra, somente entre seus 22 campeões, clubes de 13 diferentes cidades de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, quais sejam: Barbacena (América e Olympic); Barra do Piraí-RJ (Royal); Belmiro Braga (Portuense e São José); Belo Horizonte (América, Atlético e Cruzeiro); Bicas (Biquense e Leopoldina); Chácara (Chacarense); Ewbank da Câmara (Ewbanquense); Leopoldina (Ribeiro Junqueira); Mirai (Primeiro de Maio); Rio de Janeiro (Bonsucesso, Fluminense, Olaria e Vasco); Rio Novo (Prainha); Santos Dumont (São Luiz e Social); Visconde do Rio Branco (Nacional). Somente de Juiz de Fora são oriundas cerca de 90 agremiações campeãs. E tudo isso sem contar as cidades que tiveram seus times representantes e que não levaram títulos, apontando para evidente articulação urbano-regional juiz-forana, a qual aglutinou em torno de seus certames cidades das regiões da Mata, das Vertentes e da Metropolitana (em Minas Gerais), além da Metropolitana do Rio de Janeiro.

A participação pioneira de Juiz de Fora na institucionalização do futebol em Minas Gerais fez com que a cidade representasse Minas Gerais no *Campeonato Brasileiro de Seleções* (Estaduais), sendo a 1ª vez em 17 de março de 1935, diante dos gaúchos (GERHEIM, 1978, p. 12)¹⁷⁴. O certame era habitualmente frequentado por São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco, Bahia e Santa Catarina, dentre outros estados. Por essa razão, muitos amistosos entre combinados e jogos do torneio em questão aconteceram em Juiz de Fora, sobretudo nos estádios do Sport Club e do Tupi, os que reuniam as melhores condições de acesso (o campo do Sport localiza-se na Av. Rio Branco, a principal da cidade), além de contarem com maior capacidade de público (sobremaneira o do Sport) e com refletores.

Nas últimas décadas, defronte da crescente mercantilização do futebol, os **certames locais e regionais voltaram** como (único?) meio de as pequenas agremiações subsistirem.

¹⁷⁴ Minas Gerais (ou Juiz de Fora) perdeu o jogo por 5 a 0, sofrendo eliminação do certame. No ano seguinte, Juiz de Fora novamente representa o Estado, desta vez contra os cariocas, mas em 2 jogos, com uma vitória para cada escrete. O jogo em casa diante do Rio de Janeiro foi realizado em 3 mai. 1936. A quantidade de jogos por Estado foi aumentando e, em 1960, Juiz de Fora (em nome de Minas) fez jogos contra as seleções de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, para as quais sofreu derrotas, exceto para Santa Catarina.

Praticamente todas as cidades desenvolvem torneios municipais – a exemplo de Lima Duarte (2014)¹⁷⁵ e Cipotânea (2015, com 12 times) – e até intermunicipais, como em Cataguases (Copa dos Campeões, 2016) São João do Manhuaçu (2015), reunindo equipes de Caputira, São Francisco do Glória, Divino, Sericita, Fervedouro, Orizânia e de Manhuaçu. Segundo Carlos H. Cruz (2015, s/p), do *Portal Caparaó*, o Campeonato Intermunicipal de Futebol de Campo de São João do Manhuaçu contou com prêmios em dinheiro para os finalistas e brindes para os torcedores, ocorrendo os jogos no estádio do União Futebol Clube.

Fotos 2.48 e 2.49 – Torneios municipais em Lima Duarte (2014) e Miradouro (2016).

The left image is a table titled "CAMPEONATO OFICIAL DE LIMA DUARTE - TABELA 2014". It is a complex grid showing the schedule for a football tournament. The columns include team names, dates, and scores. The right image is a poster for the "1ª COPA Maped DE MIRADOURO MG FUTEBOL DE CAMPO AMADOR". The poster lists prizes: "CAMPEÃO: R\$ 2.000,00" and "VICE CAMPEÃO: R\$ 500,00". It also mentions "MAIS TROFÉUS" and "LOCAL DA COMPETIÇÃO: CAMPO DO AMA". The opening date is "DATA DE ABERTURA: 14/02/2016". The poster also lists various locations and dates for the tournament.

Fontes: prefeituras municipais de Lima Duarte e de Miradouro.

Repetidamente encontramos apoio das prefeituras e das ligas desportivas municipais aos campeonatos locais/regionais, incluindo aporte de material esportivo e prêmios. Contudo, o interesse dos desportistas, familiares etc. e das comunidades locais é que congregam sentido à subsistirem os clubes de futebol da Zona da Mata. Em Visconde do Rio Branco (2014), detectamos apoio com a manutenção do gramado do Estádio Joseph Lambert e transporte para o Nacional fazer jogos em outras cidades¹⁷⁶. Prêmios também foram distribuídos pela *1ª Copa de Miradouro-MG de Futebol de Campo Amador* – (fev. a abr. 2016), campeonato que reúne equipes de outras cidades, como Fervedouro e Itaperuna-RJ. Em Cataguases, a expressão dos matenses como “mineiros de fronteira” desponta na *4ª Copa dos Campeões*, composta por 11 times mineiros e 5 fluminenses (como o E. C. Laje do Muriaé, da cidade homônima).

Como um todo, o futebol foi profundamente moldado pelo desenvolvimento dos

¹⁷⁵ A existência de mais clubes locais facilitou a dinâmica dos jogos do *Campeonato Oficial de Lima Duarte*, no qual 4 campos foram utilizados: de Santa Terezinha, do Minas, do Cruzeiro e da A. A. Lima Duarte (PMLD, 2016). Já em Cipotânea, todas as partidas ocorrem no Estádio Municipal Jonathas Pedrosa, apuramos em pesquisa *in loco*, a partir de jogadores do torneio da cidade. O estádio foi reaparelhado em 1989.

¹⁷⁶ Publicado em 4 abr. 2014 (PMVRB, 2016).

transportes e das comunicações, os quais impuseram contatos predominantemente locais e regionais quando existiam sérias limitações de mobilidade: menos estradas (malha rodoferroviária), veículos mais lentos que os atuais e rodovias não pavimentadas foram muito comuns na Mata até os anos 1960. Desse modo, a infraestrutura pretérita criada – principalmente ferrovias para escoamento de ouro e, depois, do café – **direcionou as partidas de futebol para ocorrerem na região**: clubes de cidades próximas se enfrentavam e se valiam basicamente das ferrovias existentes. Ou seja: a integração matense com o Estado do Rio de Janeiro passava também para os horizontes futebolísticos. Jogos **amistosos marcantes**, sobretudo aqueles ligados a um evento especial para os clubes – datas festivas, inauguração de refletores e estádios – eram costumeiramente realizados **com a presença das equipes do Rio de Janeiro, mas não significando uma exclusão das agremiações de outras localidades, como Belo Horizonte e São Paulo**. Vejamos alguns exemplos:

- i) Sport Club (Juiz de Fora) x Everest (Rio de Janeiro), 1 out. 1916: esse foi o 1º *match* da então nascente agremiação juiz-forana;
- ii) Paulistano (Muriaé) x Aliança (Porciúncula-RJ), 29 jun. 1920: inauguração do campo do time muriaeense, o que acabou se confundindo com a própria “inauguração do Paulistano”.
- iii) Tupi (Juiz de Fora) e Vasco da Gama, 19 jun. 1932: inauguração do estádio do Tupi – Salles de Oliveira – no bairro de Santa Terezinha.
- iv) Sport x América-MG, 28 set. 1947: inauguração das arquibancadas do estádio do Sport Club, como promoção das comemorações do 31º aniversário da agremiação juiz-forana.
- v) Tupi x Bangu (Rio de Janeiro), 21 mai. 1950: primeira experiência de transmissão de uma partida de futebol no Brasil¹⁷⁷.
- vi) Tupinambás (Juiz de Fora) x Corinthians, 26 mar. 1950: inauguração do estádio do clube, cuja reinauguração também se deu diante do Corinthians, em 18 out. 1969, quando ficou em definitivo com o nome de José Paiz Soares.

A época acima tratada – a primeira metade do século XX – casa com a chegada e a consolidação da radiodifusão e da malha viária em diversos núcleos da Zona da Mata. Por isso, as **equipes dos grandes centros do futebol nacional têm registros de jogos em cidades da região**. Seus principais jogadores também podiam ser vistos através do Campeonato Brasileiro de Seleções, torneio interestadual. Certamente, a presença de celebridades esportivas em tais jogos **confluiu fã**s para os clubes que defendiam, projetando

¹⁷⁷ Informações relacionadas à mídia foram contempladas no capítulo 4, no qual estão detalhadas.

também a cidade-sede desses clubes sobre os torcedores da Zona da Mata. Na microrregião (MR) Manhuaçu, 4 cidades têm os times do Rio de Janeiro como preferidos, dentre as quais Manhumirim (GE, 2015), onde a presença carioca foi marcante.

Fotos 2.50 e 2.51 – Rio de Janeiro marcou presença na década de 1970 em Manhumirim com seleções do Estado.

Fonte: Grêmio Manhumiriense, 2015.

No cômputo das partidas amistosas envolvendo Tupi (1940-71), Tupinambás (1945-64) e Sport (1943-66), disputadas em Juiz de Fora contra equipes do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, elencadas por Gerheim (1978, p. 32, 36 e 37), obtivemos os seguintes escores:

- por clubes: Tupi (RJ 29 x 15 BH); Tupinambás (RJ 23 x 16 BH) e Sport (RJ 29 x 17 BH);
- por década: 1940 (RJ 31 x 12 BH); 1950 (RJ 37 x 32 BH); 1960 (RJ 11 x 4 BH); 1970 (RJ 2 x 0 BH);
- geral: Rio de Janeiro 81 x 48 Belo Horizonte.

Já no rol dos “Grandes Amistosos” disputados pelas equipes de Juiz de Fora entre 1925 e 2004, conforme Pedrosa (2008, p. 164-178), encontramos pela 1ª vez um time mineiro somente em outubro de 1945 (Tupinambás x Cruzeiro), quando os cariocas já computavam 22 partidas. Até 1950, houve 43 jogos diante dos times do Rio de Janeiro, 7 contra os de Belo Horizonte e 2 envolvendo clubes paulistanos. O auge dos confrontos com Atlético (11 jogos), Cruzeiro (5), América (1) e Villa Nova (1) foi a década de 1950, com 18 encontros.

Contabilizamos 144 amistosos na lista de Pedrosa (2008), 115 diante dos clubes do Rio de Janeiro e 29 com os de Belo Horizonte. Juntos, eles ficaram assim distribuídos por décadas: 1920 (5 jogos), 1930 (7), 1940 (38), 1950 (40), 1960 (22), 1970 (9), 1980 (11), 1990

(10) e 2000¹⁷⁸ (2). Existem interessantes ideias que tais dados estão gritando em conjecturas com esta pesquisa:

i) nota-se que o número de embates dos anos 70 em diante volta próximo ao nível dos anos 30, mas os efeitos constritores são distintos: nas décadas de 20 e 30 ligam-se mais à morosidade e dificuldade das viagens, e a uma consolidação do futebol ainda em curso (quando várias agremiações ainda surgiam em Juiz de Fora, bem como no restante dos núcleos urbanos matenses). A queda compreendida entre os anos 70 e 90 é decorrente dos efeitos da mercantilização do futebol enquanto espetáculo midiático e partícipe das divisões do trabalho no Brasil e no mundo, consoante com o que já destacadamente explicitamos neste mesmo capítulo. Exatamente por esse perfil mercadológico, os amistosos internacionais ocorridos em Juiz de Fora também estão bastante delineados: foram 12 os que encontramos em Pedrosa (2008) entre 1953 e 1995, dos quais 9 ocorreram de 1977 a 1995, sendo 5 só na década de 80.

ii) desde o jogo de 1966 (Tupi x Cruzeiro) até 2004, só houve 1 partida com times de Belo Horizonte (Manchester¹⁷⁹ x Atlético, em 1995): ou seja, em quase 50 anos a presença dos clubes da capital em Juiz de Fora foi praticamente nula. A última aparição do América é de 1957! Não consideramos aqui que a presença durante os jogos válidos pelo campeonato estadual substitua tamanha interrupção, pois eles têm perfil de obrigação pelo cumprimento de tabela da FMF. Claro que amistosos são jogos sob acordo e convite, mas o abandono de Juiz de Fora pelos clubes belo-horizontinos é, indubitavelmente, uma restrição que ecoa no número de torcedores que possuem na cidade. Como Juiz de Fora é um posto, um núcleo urbano *ralais* do Rio de Janeiro na Zona da Mata, a polarização carioca tendeu a não cair mais do que poderia na região. Em outros termos: ao menos em um aspecto econômico – o lazer/serviço, representado pelo futebol – o Rio de Janeiro foi pouco ameaçado e (ainda) não ultrapassado como já vem ocorrendo em outras contendas metropolitanas, como nas ofertas de saneamento básico e acesso à educação, nas quais o Rio tem grandes problemas, com situação inferior a de Belo Horizonte, conforme indica o relatório do Observatório das Metrópoles (2005). Ressalvamos que as equipes de Belo Horizonte estiveram em Juiz de Fora para jogos

¹⁷⁸ Dados de até 2004. Portanto, não fecha a década e, desse modo, iremos desprezar tal período para efeito de comparabilidade.

¹⁷⁹ Equipe surgida de uma breve reunião de Sport, Tupi e Tupinambás ocorrida nos anos 1990, inspirada em outras experiências, como a do Paraná Clube. O nome “Manchester” foi dado em virtude de Juiz de Fora ter a sua forte industrialização das primeiras décadas do século XX comparada com a de Manchester (notória cidade na industrialização inglesa), de onde surgiu sua alcunha de “Manchester Mineira”. O time do Manchester disputou o Campeonato Mineiro através da vaga que dispunha o Tupi (TUPI, 2015).

amistosos contra seleções da cidade e da região: o Cruzeiro em 1967 (2 partidas) e 1980; e em 1983, o Atlético. Tais jogos talvez não tenham a mesma eficiência para criar empatia com a torcida local, pois joga-se “contra a cidade” e não contra uma de suas agremiações.

A despeito das diferenças evidenciadas entre as cidades, os embates eram, basicamente, locais e regionais. O exemplo de Juiz de Fora é um espelho disso. Os **primeiros jogos intermunicipais** punham à prova a proliferação e a consolidação do futebol na região, conforme notas de *O Pharol* e do *Jornal do Commercio* [sic], compiladas por Mororó (2012):

- Granberyense x Athletic Club (O Pharol, 14 nov. 1905, p. 1), equipes de Juiz de Fora;
- Paraguassú (de Juiz de Fora) x equipe de Rio Novo (Jornal do Commercio, 6 jun. 1907, p. 2);
- Granberyense x Mineiro Foot-Ball Club (O Pharol, 12 jan. 1907, p. 2), de Santos Dumont;
- Granberyense x Dr. Cunha Foot-Ball Club (O Pharol, 22 nov. 1907, p. 2), equipe de Barbacena.

Além desses jogos, garimpamos ainda uma partida de 1906 entre Granberyense e Ginásio Mineiro¹⁸⁰ (de Barbacena), relatada em *O Lampadário* (7 fev. 1965), mostrando também a importância das escolas na consolidação do futebol na região.

Dois desses amistosos – diante do Granberyense – fazem parte da história do Atlético (sendo um deles sua primeira partida intermunicipal), mas com dupla derrota: houve um jogo na capital (12 mai. 1909, 5 a 1) e uma em Juiz de Fora (7 set. 1909, 3 a 0). Hoje, o Atlético é o maior vencedor do campeonato estadual. O Granberyense não se profissionalizou.

À medida em que o futebol se popularizava, a imprensa cobria os jogos das equipes que começavam a despontar, como o juiz-forano Granberyense, cuja excursão na década de 1910 em cidades de Minas Gerais e do Rio de Janeiro constava nos impressos da época.

As partidas de futebol ocorriam segundo a lógica da proximidade diante das dificuldades de locomoção e de comunicação das décadas iniciais do século XX, proporcionando o acirramento de rivalidades interclubísticas, intermunicipais e interestaduais. É neste contexto que Belo Horizonte se insere. Sua afirmação de núcleo nascente coincidiu com o futebol nascente: as rivalidades com o Rio e com Juiz de Fora, se obscuras em outros

¹⁸⁰ Essa escola (hoje extinta, conforme verificamos *in loco*) entrou para a história do futebol regional também por ter tido Heleno de Freitas como aluno, onde cursou as duas primeiras séries do 2º grau. A família de Heleno vendeu suas posses na cidade em junho de 1933 e foi para o Rio de Janeiro. Lá, Heleno de Freitas seria o maior ídolo da história do Botafogo pré-Garrincha (anos 40). Porém, voltaria a Barbacena para ser internado no hospício (Casa de Saúde São Sebastião, também extinta) até sua morte em 8 nov. 1959, após quase 5 anos de tratamento. Foi enterrado em São João Nepomuceno, na Zona da Mata, sua terra natal (NEVES, 2006, p. 286).

setores, eram dadas às claras nos jogos de futebol.

O futebol é, neste estudo, visto como ferramenta que permite o conhecimento das relações sociais vigentes e dos padrões socioterritoriais que delas emergem. Assim, podemos considerar as tendências de contato entre regiões, já que as mudanças nas relações interurbanas ao longo do tempo ora aproximam e ora afastam uma cidade da outra. É o que ocorreu, por exemplo, com Juiz de Fora, a maior e mais importante cidade de Minas Gerais entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Quando Belo Horizonte surgiu, em 1897, Juiz de Fora já estava ligada cultural, social, política e economicamente ao Rio de Janeiro. Tal ligação era, inclusive, literal: a Estrada União e Indústria, nascida das ordens de Dom Pedro II, ligava as duas cidades, tendo Petrópolis-RJ como ponto e elo intermediário.

Antes da existência de Belo Horizonte, as relações de Juiz de Fora com o Rio de Janeiro eram estreitas, ancoradas na menor distância e na maior importância da então capital federal. Entretanto, a recente, crescente e gradativa aproximação/incorporação de Juiz de Fora em relação à economia mineira através, dentre outros, do setor siderúrgico, coloca em xeque uma influência absoluta do Rio em detrimento de Belo Horizonte. A área de influência urbana, embora dinâmica no tempo e no espaço, provém das estruturas espaciais pretéritas e das relações sociais, econômicas e políticas estabelecidas entre as cidades. “De fato, a estrutura e a organização do território são o substrato que condiciona, e sobre o qual atuam, as políticas públicas e os agentes sociais e econômicos que compõem a sociedade” (IBGE, 2008, p. 9). Essa nova inserção econômica pode ser observada no próximo fragmento de texto.

Os anos 70 são um importante marco para a economia da cidade, pois significaram a inserção do território municipal na economia regional do estado de Minas, através de incentivos propostos pelo II Plano de Desenvolvimento Nacional. Neste processo o espaço juizforano passa a compor uma complementaridade com o setor metalúrgico da região de Belo Horizonte, integrando-se, pela primeira vez, à economia de Minas Gerais. A instalação da siderúrgica Mendes Jr, atual Belgo Mineira e da Paraibuna de Metais – metais não ferrosos foram capazes de revitalizar parcialmente o mercado de empregos e a dinâmica interna da economia urbana. Além destas plantas o município recebeu uma unidade da White Martins multinacional no setor de gases químicos e a Paraibuna de Papéis fábrica de embalagens situada no distrito industrial no bairro de Benfica e primeira indústria a receber a ser atendida, recentemente, pelo gasoduto Rio–Belo Horizonte (MENEZES, 2004, p. 8).

Não por acaso, desenvolvemos esta tese observando uma crescente manifestação de torcedores dos times da capital mineira em Juiz de Fora, conhecido reduto de flamenguistas, botafoguenses, vascaínos e tricolores. Esse empirismo não é desprezível: são pouco mais de

30 anos de observação, no qual vimos surgir bares específicos onde se reúnem torcedores de Atlético e Cruzeiro, vimos objetos à venda no comércio (camisas, bonés, chaveiros etc.), dentre outras manifestações cotidianas. Nesse contexto e como endosso, o IBGE (1972, 1987, 2000 e 2008) vem, reiteradamente, confirmando uma ampliação da polarização belo-horizontina sobre a área de influência carioca em todo o Estado, incluindo Juiz de Fora e a Mata. Pode-se ter uma noção desta dual relação territorial juiz-forana, entre Minas Gerais e o Rio, por meio da discriminação de alguns dos principais eventos esportivos da cidade.

Quadro 2.9 – Principais eventos futebolísticos envolvendo a cidade de Juiz de Fora (1893 a 1960).

Data	Evento	Local
1893	Primeira partida de futebol entre alunos	Instituto Granbery – Juiz de Fora MG
1909	Fundação do Clube Ginástico	Juiz de Fora - MG
1911	Fundação do Tupynambás F.C.	Juiz de Fora - MG
1912	Fundação do Tupi F.C.	Juiz de Fora - MG
1916	Fundação do Sport Club Juiz de Fora	Juiz de Fora - MG
22/02/1918	Fundação da Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres	Juiz de Fora - MG
20/06/1919	Seleção J. Fora 6 x 3 Seleção B. Horizonte	Campo Parque José Weiss
22/05/1921	Sub-Liga Mineira 3 x 1 Liga Mineira (BH)	Campo do Tupi F.C.
29/08/1926	Juiz de Fora 3 x 1 Belo Horizonte	Juiz de Fora - MG
05/09/1926	Juiz de Fora 4 x 3 Belo Horizonte	Belo Horizonte – MG
?/9/1927	Seleção de J. Fora 3 x 3 Seleção de B. Horizonte	Juiz de Fora - MG
15/09/1929	Liga Mineira (BH) 4 x 2 Sub-Liga Mineira (JF)	Belo Horizonte – MG
05/07/1931	Seleção B. Horizonte 9 x 1 Seleção J. Fora	Belo Horizonte – MG
07/07/1931	Seleção B. Horizonte 4 x 2 Seleção J. Fora	Belo Horizonte – MG
19/06/1932	Inauguração do Stadium Salles de Oliveira (Estádio do Tupi)	Juiz de Fora - MG
19/06/1932	Tupi F.C. (SLMDT) 1 x 1 C.R. Vasco da Gama (AMEA)	Campo do Tupi F.C.
08/07/1934	Tupi F.C. 2 x 4 C.R. Vasco da Gama	Campo do Tupi F.C.
02/09/1934	Tupi F.C. 1 x 3 América F.C.	Campo do Tupi F.C.
06/06/1933	Fundação da Associação Mineira de Esportes	Juiz de Fora - MG
17/03/1935	1ª participação de Juiz de Fora no Campeonato Brasileiro	Jogo a seguir
17/03/1935	Minas Gerais 1 x 5 Rio Grande do Sul	Campo do Botafogo – RJ
03/05/1936	Mireiros 2 x 1 Fluminenses	Juiz de Fora - MG
10/05/1936	Cariocas 3 x 2 Mineiros	São Januário – RJ
01/08/1937	Tupi F.C. 3 x 2 Botafogo F.C.	Campo do Tupi F.C.

Continua.

Data	Evento	Local
01/01/1942	Juiz de Fora 2 x 6 Belo Horizonte	Campo do Sport Club – JF
26/05/1942	Tupi 1 x 1 C.R. Vasco da Gama (30º aniversário do Tupi)	Campo do Tupi F.C.
11/11/1942	Fundação da Liga de Desportos de Juiz de Fora	Juiz de Fora - MG
30/01/1944	Juiz de Fora 0 x 2 Belo Horizonte	Campo do América – BH
06/02/1944	Juiz de Fora 5 x 2 Belo Horizonte	Campo do Sport Club – JF
31/05/1945	Liga Desp. JF 2 x 6 Fed. Mineira Futebol (Aniversário JF)	Visita de Getúlio Vargas a JF
18/08/1946	Juiz de Fora 1 x 5 Belo Horizonte	Campos do Cruzeiro – BH
25/08/1946	Juiz de Fora 1 x 2 Belo Horizonte	Campo do Tupi F.C.
30/05/1946	Mineiros (LDJF) 2 x 0 Cariocas (FMF)	Campo do Sport Club – JF
28/05/1947	Mineiros 2 x 0 Cariocas	Campo do Sport Club – JF
28/09/1947	Inauguração Arquibancadas Sport Club (31 anos)	Campo do Sport Club – JF
28/09/1947	Sport Club JF 1 x 2 América Mineiro	Campo do Sport Club – JF
28/05/1949	Juiz de Fora 1 x 8 Botafogo F.R.	Campo do Tupi F.C.
31/05/1949	Juiz de Fora 1 x 5 C.R. Flamengo (Aniversário Juiz de Fora)	Campo do Sport Club – JF
13/01/1950	Juiz de Fora 3 x 1 Belo Horizonte (Seleção Mineira)	Campo do Sport Club – JF
28/05/1950	Juiz de Fora 1 x 2 Santos F.C.	Campos do Tupi F.C.
31/05/1952	Juiz de Fora 3 x 3 Belo Horizonte (Aniversário Juiz de Fora)	Campo do Sport Club – JF
31/05/1953	Juiz de Fora 1 x 4 Belo Horizonte (Aniversário Juiz de Fora)	Campo do Sport Club – JF
31/05/1956	Juiz de Fora 0 x 2 Belo Horizonte (Aniversário Juiz de Fora)	Campo do Sport Club – JF
01/09/1959	Juiz de Fora 4 x 2 Belo Horizonte	Campo do Sport Club – JF
17/01/1960	Santa Catarina 0 x 1 Minas Gerais (Camp. Bras. Fut.)	Adolfo Konder – Florianópolis
27/01/1960	Minas Gerais 2 x 2 Santa Catarina	Campo do Sport Club – JF
31/01/1960	Distrito Federal 6 x 0 Minas Gerais	Maracanã – RJ
10/02/1960	Minas Gerais 1 x 8 Distrito Federal	Campo do Sport Club – JF
14/02/1960	Pernambuco 4 x 1 Minas Gerais	Não mencionado
03/02/1960	Minas Gerais 1 x 2 Pernambuco	Campo do Sport Club – JF
07/02/1960	São Paulo 6 x 1 Minas Gerais	Pacaembu – SP

Conclusão.

Fonte: Gerheim, 1978, p. 8-26; Sena Jr. e Miranda, 2011, p. 164-165.

Na tabela anterior, é possível identificar mais jogos de futebol entre Juiz de Fora e Belo Horizonte do que entre Juiz de Fora e os clubes cariocas, como se poderia imaginar de antemão. Isso tem uma provável explicação: antes da decisão de se planejar a capital mineira, inaugurada em 1897, Juiz de Fora era a principal cidade do Estado, onde ocorriam encontros

frequentes entre políticos e entre literatos (mesmo após a fundação de Belo Horizonte), desde o Império, além das “cantoras do rádio”. Desse modo, os **dérbis futebolísticos entre Belo Horizonte e Juiz de Fora eram a expressão do comando urbano sobre o território mineiro**: “quem manda em Minas Gerais?”, poderíamos sintetizar.

Por isso, é notável ainda que os jogos eram entre *idades* quando envolviam o embate Juiz de Fora-Belo Horizonte. No entanto, Juiz de Fora não enfrentava o Rio de Janeiro, a cidade, mas sim seus *clubes de futebol*, situação díspare da anterior. Georgino Neto (2010, p. 63) afirma que os jogos intermunicipais, desde os anos 1910, instigaram a rivalidade de BH com outras cidades mineiras, mas notadamente com Juiz de Fora e Morro Velho (atual Nova Lima). A 1ª por já possuir considerável desenvolvimento da prática do futebol, e a outra por 2 motivos: “[...] ser vizinha à capital, e por ter um clube fundado por ingleses, proprietários das minas, que introduziram e incentivaram a prática do esporte em seus domínios”.

A contenda entre a capital e Juiz de Fora pelo território mineiro foi selada com um duro golpe, quando, nos anos 1930, o governo mineiro, de Belo Horizonte, instituiu o distrito industrial de Contagem (município da conurbação que compõe a RMBH): Juiz de Fora deixaria de ser um espaço de comando para se transformar em um espaço obediente, opaco, nos termos de Milton Santos (SANTOS, SILVEIRA, 2002), passando por longa letargia econômica, principalmente entre os anos 1940 e 1970. O antigo apogeu industrial, que valeu a alcunha de “Manchester Mineira” para Juiz de Fora, jamais seria readquirido.

Assim como os **jogos** intermunicipais, os **interestaduais ganharam força na década de 1910**. Deles nasceu uma rivalidade entre Belo Horizonte e o Rio de Janeiro, acentuada pelos confrontos entre equipes das duas cidades e, sobretudo, pelos jogos das seleções Mineira e Fluminense, dos quais quase sempre Minas Gerais saía com a derrota. Num deles, em 8 de setembro de 1918, o combinado Atlético-América representou o Estado. Diante do dilatado placar de 13 a 0 para o Rio de Janeiro, a imprensa de Belo Horizonte tomou o jogo seguinte¹⁸¹ como da redenção do “Orgulho de Minas”. Consoante Georgino Souza Neto (2010, p. 68), havia um **cenário de rivalidade com o Rio que fora estendido pela imprensa belo-horizontina para o interior mineiro**, de onde chegavam telegramas para saber o resultado da partida. Esta – um empate no campo do Flamengo – “[...] representou a retomada do brio e da dignidade altiva dos futebolistas e dos torcedores de todo o Estado, mas singularmente da cidade de Belo Horizonte”, onde as crônicas tiveram tom de desabafo.

¹⁸¹ Os jogos – 4 ao todo – foram válidos pela *Taça Delfim Moreira*, e realizados em 1918 e 1919, alternadamente em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Minas Gerais perdeu os 3 primeiros confrontos (3 a 1, 13 a 0 e 2 a 1) e empatou o último (SOUZA NETO, 2010, p. 65).

A rivalidade belo-horizontina com o Rio de Janeiro parece ter sido projetada para a sua principal zona de influência em Minas – a Zona da Mata – e, em especial, para Juiz de Fora, reconhecida por seus laços históricos com os cariocas. Outro endosso: as pesquisas sobre preferências clubísticas na RMBH apontaram para uma tendência de crescimento das equipes paulistanas em detrimento das cariocas (CP2, 2012). Essa tendência apareceu também na pesquisa do GE (2015) para a Mesorregião de Ponte Nova, na qual Cruzeiro e Atlético são os times mais queridos em seus 18 municípios, os clubes paulistanos ficaram em 2º lugar em 16 municípios contra 2 dos cariocas. Isso sugere que Belo Horizonte e suas áreas de influência já consolidadas – como a MR de Ponte Nova – têm também refletido o recuo do poder polarizador do Rio, justamente a antiga dominadora dessas regiões de Minas Gerais.

De volta aos jogos – sejam intermunicipais ou interestaduais –, pesa sobre eles que a **presença de importantes times nas pequenas cidades ajudou a interiorizar as vinculações clubísticas tanto na Mata quanto no resto do país**. Como os municípios matenses têm maiores proximidades ao sul com o Rio de Janeiro, e ao norte com Belo Horizonte, passamos a tê-la fatiada e disputada desde décadas anteriores. Contudo, aos times cariocas coube primazia em face da divulgação radiofônica e dos impressos, mas, claro, também em razão do bom futebol apresentado. Isso funcionou como um mecanismo que ultrapassou os problemas de distância, permanecendo ao longo dos anos numa espécie de “rugosidade futebolística”. Segundo dados do Globo Esporte (2015), na Zona da Mata, os times do Rio de Janeiro têm a preferência dos torcedores em 4 de suas 7 microrregiões (em todos os municípios das MRs Muriaé, Ubá e Cataguases); e em 89 de seus 142 municípios (zero na MR Ponte Nova, 2 MR Viçosa, 4 MR Manhuaçu, 14 MR Cataguases, 17 MR Ubá, 20 MR Muriaé e 32 MR Juiz de Fora). Aos times de Belo Horizonte coube a preferência nas microrregiões de Ponte Nova (nos seus 18 municípios), Viçosa (18 de 20 municípios) e Manhuaçu (em 16 de seus 20 municípios), além de 1 município – Santa Rita de Ibitipoca – na MR Juiz de Fora, totalizando supremacia em 53 municípios matenses.

Na atualidade, mesmo com todo o aparato comunicacional (que fez surgir o “teletorcedor”), as **relações de proximidade continuam a fazer efeito positivo sobre os torcedores**, além de dinamizar setores econômicos, como os de transportes e hospedagem. Clubes do Rio de Janeiro utilizaram o Estádio Mário Helênio de Juiz de Fora para realizar jogos dos campeonatos Carioca, Brasileiro e Sul-Minas-Rio de 2016, incluindo a final deste último torneio em partida única. Contudo, não se trata de uma estratégia territorial das agremiações cariocas visando a uma manutenção e/ou incremento de sua massa torcedora na

Zona Mata ou ir até onde estão os torcedores e criar uma situação de troca, de pertencimento, de agrado. Os jogos mandados para Juiz de Fora foram decorrentes do uso dos estádios do Maracanã e do Engenhão para os Jogos Olímpicos. Belo Horizonte viveu a mesma situação com a Copa do Mundo, quando perdeu o uso do Mineirão e até do Independência, mas seus times não jogaram em Juiz de Fora¹⁸².

O **futebol é um serviço/lazer regional**, algo ainda mais real quando envolve os grandes clubes e seus contingentes expressivos de aficionados. Juiz de Fora pode(ria) ser utilizada pelos times belo-horizontinos para mandar seus jogos, basicamente em função dos seguintes fatores:

- (i) rapidez de acesso com a presença de serviço aeroportuário regional¹⁸³;
- (ii) expressiva massa torcedora na região. Em um raio de apenas 100 km de Juiz de Fora, Cruzeiro e Atlético estão à frente dos times cariocas na preferência dos torcedores em certos locais, como Santa Rita de Ibitipoca (54,5%) e Barbacena (55,2%);
- (iii) a opção rodoviária também é praticável, pois Juiz de Fora fica a cerca de 180 km de Belo Horizonte;
- (iv) há infraestrutura hoteleira nos arredores do Estádio Mário Helênio, que poderia ser acessado em cerca de 5 minutos.

Isso sendo considerado, sugere que certas concepções – de **rivalidades** – do passado parecem **ainda arraigadas no imaginário de Belo Horizonte, dos dirigentes de Atlético e Cruzeiro**, o que nos sugere ainda um recado desses clubes para o Rio de Janeiro e suas agremiações: “Juiz de Fora e a Zona da Mata são de vocês!”. Ações pontuais como essas dos times cariocas, mas que marcam presença, indicam uma possível continuidade na supremacia de Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense sobre Cruzeiro e Atlético em Juiz de Fora e região.

A essa aquiescência das agremiações da capital mineira cabe ainda outra contra-argumentação: considerando-se um raio de 150 km, outros municípios emanariam potenciais consumidores do evento jogo, como Carandaí, Ressaquinha, Ibiritoga, Santa Cruz de Minas, Alfredo Vasconcelos e Desterro do Melo, dentre outros da Mesorregião do Campo das

¹⁸² Atlético e Cruzeiro realizaram jogos em Ipatinga, Uberlândia e, principalmente, em Sete Lagoas, a mais próxima de Belo Horizonte dessas 3 cidades, onde também contaram com as recém-inauguradas instalações da Arena Jacaré, pertencente ao Democrata. As viagens para Sete Lagoas foram rodoviárias.

¹⁸³ Até o período da Copa do Mundo, em 2014, os voos comerciais eram operados em Juiz de Fora, mas passaram para o Aeroporto Regional da Zona da Mata, situado em Goianá, a cerca de 40 km de Juiz de Fora. Ou seja: quando Mineirão e Independência ficaram interditados, os voos desciam em Juiz de Fora e não em Goianá, facilitando ainda mais do que hoje a presença das equipes de Belo Horizonte.

Vertentes, onde a dupla de times mineiros é também a preferida, com percentuais entre 51,4 (Santa Cruz de Minas) e 73 (Carandaí). O mesmo vale para 18 municípios da MR Viçosa (entre 41,2% e 78,5% de torcedores para os times de BH), incluindo o polo. Diversas cidades próximas de Juiz de Fora – e ainda não citadas – reúnem significativos montantes de fãs de Cruzeiro e Atlético:

- mais de 10% do total da torcida em 28 municípios da MR Juiz de Fora, 9 da MR Cataguases, 9 da MR Ubá e 18 da MR Muriaé, incluindo todos os polos microrregionais;
- mais de 20% em Senador Firmino, Divinésia, Dores do Turvo, Guiricema, Guidoal, Rodeiro, Mercês, Rio Pomba (MR Ubá), Divino (MR Muriaé) e Brás Pires (MR Viçosa);
- acima de 30% em Antônio Carlos (Campo das Vertentes) e Ervália (MR Viçosa);
- além dos 40% em Barroso e São João del Rei (nas Vertentes).

A única agremiação belo-horizontina a marcar presença na Zona da Mata – em Muriaé – foi o América, em jogo do dia 31 de maio contra o Náutico, válido pela Série B do Brasileirão de 2014. Segundo o *Guia Muriaé* (2014, s/p), o público pagante foi de 3.510 e parte de Minas Gerais recebeu a transmissão da partida pelos canais *Premiere* e *Globo*. Esse público é uma prova de que o futebol pode ser um evento regional, senão vejamos. O América possuía cerca de 10% das preferências dos torcedores de Belo Horizonte em enquete do *Estado de Minas* de 1931 (26 mar.); 5% na pesquisa *Gallup/Placar* de 1971 (31 dez.); e 1% pelo *CP2 Pesquisas* (2012). Ou seja, se a torcida americana diminuiu em “sua casa”, a capital, um jogo em Muriaé sugeria fracasso de público, mas os 3.510 pagantes representam cerca de 3% da população total muriaeense – de pouco mais de 100 mil habitantes (IBGE, 2015). Não imaginamos que o América tenha, percentualmente, mais torcedores em Muriaé do que em Belo Horizonte, mesmo descontando a torcida contrária, do Náutico, de contingente improvável na cidade. Portanto, tudo indica que o jogo atraiu torcedores de times diversos, que gostam de futebol, e, possivelmente, até de outras cidades, reafirmando que o futebol é mesmo um serviço/lazer regional. A “lição” para os demais times belo-horizontinos foi dada pelo América, ainda que sob condições que são potencialmente mais adversas do que enfrentariam Atlético e Cruzeiro. E para arrematar: “A torcida local apoiou o América-MG”, diz o *Guia Muriaé* (2014, s/p). A Mata pode passar a ser vista como menos “anti-mineira” aos olhos dos belo-horizontinos e seus times de futebol.

O local dos jogos em Muriaé, o Estádio Soares de Azevedo (do Nacional) é o 2º maior

da Mata Mineira, com capacidade para 13.694 espectadores, além de novo (de 2014)¹⁸⁴. É comumente usado pelo Tombense, time de Tombos – distante 60 km – para jogos do Campeonato Brasileiro da Série C e da Copa do Brasil (como em Tombense x Fluminense, 6 abr. 2016). Para este último jogo, a viagem rodoviária de 6 horas do Fluminense mostra à dupla Cruzeiro e Atlético que até viagens rodoviárias seriam viáveis quanto aos jogos na Zona da Mata, principalmente em Juiz de Fora, mais próxima de Belo Horizonte (do que Muriaé do Rio) e com estádio de maior capacidade de público.

Quando entramos em contato com o Clube Atlético Mineiro (CAM), via assessoria de imprensa, procuramos saber acerca dos locais consumidores de pacotes *pay-per-view* na Zona da Mata e, em especial, na região de Juiz de Fora, por ser a mais populosa. De acordo com Emmerson Maurilio, que respondeu pelo clube (Informação pessoal, 2015)¹⁸⁵, a agremiação “[...] não tem acesso aos dados detalhados da venda de PPV”. Tal desconhecimento, entretanto, não abafa outro: o fato de o CAM ter pouca torcida nas referidas regiões (GE, 2015), ao que coube esclarecer: “Nos últimos meses, o clube trabalha para reestruturar o programa Galo na Veia (sócio-torcedor). Estão sendo estudadas ações baseadas nesse produto, mas o planejamento se encontra em andamento e ainda não foi finalizado. Nada voltado especialmente para a região de Juiz de Fora”. Como se vê, apesar do perfil comercial que as agremiações de futebol têm e das quais se espera posição mercadológica nos territórios, o Atlético parece desinteressado em seu (novo) público da Zona da Mata. O mesmo aplica-se ao Cruzeiro, que também não dedica atenção especial aos territórios onde tem baixa penetração entre os torcedores, segundo depreendemos do relato de Rita Pereira (2015).

O tamanho e a identificação das torcidas têm ainda outras facetas. O período compreendido entre a afirmação do futebol local/regional e sua mercantilização/globalização foi o de máxima expressão popular nas cidades menores, isto é, entre as décadas de 1930 e de 1960, aproximadamente, quando a maioria das empreitadas – às vezes intermitentes – no futebol profissional¹⁸⁶ ocorreram. É o que justifica a **dificuldade atual enfrentada pelos clubes pequenos**, carentes de recursos e com torcedores distantes, menos identificados com suas tradições, sendo trocados pelas filiações clubísticas midiaticizadas e vinculadas ao sucesso nos certames oficiais. A espetacularização do futebol cambiou as atenções dos torcedores para os times mais poderosos. Costumamos saber mais o que se passa no time da capital de nosso

¹⁸⁴ Inaugurado na partida entre Nacional e Guarani (Divinópolis) pelo Campeonato Mineiro.

¹⁸⁵ CAM; MAURILIO, Emmerson. Mensagens recebidas por helcio.campos@ifsudestemg.edu.br em 15 e 16 jul. 2015.

¹⁸⁶ A profissionalização no futebol mineiro data de 1933.

Estado, no time das mais importantes cidades do país e/ou da Europa do que no(s) clube(s) da localidade onde moramos. Isso sem faltar a forte atração provocada pelas celebridades do futebol. Observemos isso sob um viés menos retórico e mais direto e pragmático, que confirma a ideia supramencionada.

Marcel e Tatiana – 2 de nossos entrevistados – reagiram opostamente quanto à presença de um grande jogador nos seus times:

- Marcel: após um jogo Nacional (Muriaé) x Cruzeiro, virou cruzeirense (por volta dos 7) anos pois “Na época, o Nelinho jogava no Cruzeiro. Ele fez um gol e eu fiquei muito encantado com o time e a partir daí eu comecei a torcer para o Cruzeiro e sofrendo menos influência por morar em Muriaé”, referindo-se a uma maioria de torcedores dos times do Rio de Janeiro.

- Tatiana: inversamente, deixou de torcer pelo seu time por causa de uma celebridade. “[...] se por acaso entrar para o clube algum jogador que me desagrade por sua postura e/ou seu comportamento deixarei de torcer para ele e escolherei outro”. E arrematou: “Já fui flamenguista quando criança e deixei de ser quando o Romário entrou para o time. Já mudei de religião, de partido político, por que não mudar de time de futebol?”. O final da história? Hoje, Tatiana torce pelo Botafogo e tem simpatias pelo Cruzeiro.

Todas as pesquisas acerca das predileções clubísticas em cidades de Minas Gerais analisadas (ÁPICE, 2013; PHD, 2012; CP2, 2012) indicaram a extrema dificuldade dos clubes menores em amealhar torcedores entre os mais jovens, como nos casos de Uberaba e Nacional (de Uberaba), Democrata (de Governador Valadares), Guarani (de Divinópolis), além dos tradicionais Villa Nova (de Nova Lima) e América (de Belo Horizonte). As pesquisas mostraram os torcedores divididos em 5 faixas etárias e nenhum desses times teve a maioria de seus próprios votos dentro das duas primeiras faixas de idade (até os 34 anos). Mesmo o América, o de maior torcida dentre esses times, tem sérios problemas com a renovação de seus aficionados: das 7 pesquisas nas quais aparece, em 4 delas foi mais votado na última faixa etária (55 anos ou mais). Nosso americano entrevistado (Marco Antônio, da TO *Avacoelhada*) é um adulto da penúltima faixa, replicando as informações anteriores sobre a dificuldades de renovação da torcida.

Tais comentários não são aleatórios, mas amparados por investigação científica, como a de Gaspar Giacomini (2011, p. 285-305), ao observar os efeitos da presença de grandes jogadores e do desempenho dos times como um modelo reflexivo motivador quanto à identificação com a modalidade esportiva, com o clube e com as celebridades, além de o fã

tender ao consumo do evento futebolístico como um todo (produtos licenciados pelas agremiações, jogos em canais a cabo etc.). O pequeno clube é o “antagonista perfeito” desse panorama narrado e o trabalhador-jogador sua maior vítima, estando frequentemente cara a cara com o desemprego, habituado que é aos contratos mínimos de 3 meses de duração. A mencionada precária renovação de torcedores dos times pequenos, como se vê, gera também implicações sociais e trabalhistas¹⁸⁷.

Concluimos, então, que a primeira metade do século XX, por tudo isso, foi a fase áurea da criação das agremiações esportivas. Os diferentes grupos presentes nas cidades tentavam se exprimir por diversos meios, dentre os quais o futebol. Surgiram, então, clubes relacionados aos imigrantes, às rivalidades sociopolíticas locais (como em Gurarense x Cruzeiro – este o clube dos “pobres” – em Guarará), às escolas/faculdades (Granberyense, de Juiz de Fora), e outros casos.

As razões que levaram ao surgimento dessas agremiações estão intimamente relacionadas ao contexto da modernidade matense, ou seja, enredada no espaço urbano e em suas transformações advindas com certos fatores decisivos para o alastramento do futebol, como as ferrovias e até mesmo os problemas urbanos, ao ensejarem ideais e planos de higienismo.

Esta seção encerra-se volumosa, pois alertar para os vícios acadêmicos traduzidos em décadas de confinamento do futebol na Geografia requer uma tarefa detalhada. Ela mostra também e, sobremaneira, que o futebol tem potencial para diversas áreas geográficas e que o seu uso como ferramenta analítica é plenamente exequível. Com isso considerado, é o momento de uma incursão nos preceitos próprios da Geografia Urbana, nosso elo de ligação e de pesquisa com a temática espacial do futebol em Juiz de Fora e na Zona da Mata.

¹⁸⁷ Esse não é um problema circunscrito à Minas Gerais, mas nacional. Muitos campeonatos amadores transcorrem no segundo semestre (após os estaduais) e são a “salvação” para atletas profissionais que ficariam sem trabalho neste período. Eles recebem por partida, driblando a desocupação. Por isso, o movimento reivindicatório/trabalhista dos jogadores profissionais, chamado *Bom Senso Futebol Clube*, requer uma 5ª divisão do Campeonato Brasileiro, a fim de não desempregar os jogadores de clubes que não conseguem entrar nas atuais 4 divisões do “Brasileirão” e nos demais certames oficiais, para os quais muitos dos pequenos clubes não são relacionados. Além disso, quando conseguem se empregar profissionalmente, mudam de clube e também de cidade, podendo prejudicar a formação educacional dos filhos, dentre outros problemas.

3. CIDADES E SUAS REDES, POLARIZAÇÕES URBANAS E FUTEBOL (FUTE-POLARIZAÇÕES)

Este capítulo apresenta-se com duas partes bem definidas. A primeira tem feição teórica pois discute os **conceitos de redes e de redes urbanas**, já que ambos possuem relações entre si e com a (inter)temática aqui proposta para pesquisa. A temática das **polarizações urbanas** está disposta ao longo de todas as noções desta seção, pois ela apresenta correspondências com os estudos sobre redes (urbanas). Para delinear tais assuntos, mostramos exemplares de pesquisas que trabalharam um item analítico de modo isolado (SANTOS, 1956¹⁸⁸/2007; IGA, 1980), avaliando um só aspecto (jornais e ônibus, nos casos que coletamos), ou uma gama de aspectos (IBGE, 1972, 1987, 2000, 2008).

Posteriormente, na segunda parte do capítulo, analisamos as dinâmicas polarizadoras voltadas para a Zona da Mata Mineira e Juiz de Fora, observando os aspectos conceituais contidos na primeira seção, bem como nos capítulos posteriores, nos quais a temática da polarização urbana está também contemplada – sem voltas às teorizações – em razão das filiações clubísticas nos municípios matenses, nos espaços midiáticos etc., sempre em referência ao papel dominador do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte na região, além de São Paulo, a “terceira força”. Portanto, o conteúdo deste capítulo se estende aos demais vindouros.

O papel do **conceito de redes** aqui considerado é o de clarear a concepção por nós adotada de que o espaço se apresenta reticular, formado, por exemplo, entre as cidades e entre as emissoras de televisão, dois dos temas eleitos neste estudo (rede urbana e mídia). Trata-se de um conceito que funciona como elo entre as temáticas da comunicação e das cidades, ambos intervenientes e articulados no e com o futebol. Não houve a preocupação em mergulhar profundamente no significado das *redes*, mas sim deixá-lo na medida em que permite sinalizar e confirmar as conexões mencionadas anteriormente.

Já a noção de **redes urbanas** foi traçada a partir de uma visão cronológica e de sua inserção nos estudos urbanos até tornarem-se uma tradição geográfica, englobando ainda referências às hierarquias e às polarizações urbanas advindas das relações entre as cidades interna e externamente aos sistemas urbanos onde estão presentes. Por essas características

¹⁸⁸ Obra original de 1956. Utilizamos uma republicação de 2007 com atualização ortográfica.

que carrega, o conceitual de redes urbanas é de capital importância para esta pesquisa.

As **regiões de influência do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte** foram avaliadas também a partir de uma concepção cronológica e aí citadas as cidades e regiões que estiveram de um lado e de outro dessa dinâmica fronteira da polarização entre as duas metrópoles, mesmo aquelas cidades situadas fora da Zona da Mata, perto de suas fronteiras. Com isso foi possível obter uma visão de conjunto para o território de Minas Gerais em suas porções sudeste, sul e leste, onde o campo de forças entre as metrópoles supracitadas apresenta as disputas mais acirradas ao longo do tempo. Tal dinâmica polarizadora foi permanentemente relacionada ao contexto futebolístico carioca e belo-horizontino seguindo a mesma linha temporal, a fim de apreender indícios de uma incipiente e contínua consolidação das torcidas das equipes mineiras na Zona da Mata em detrimento das agremiações do Rio de Janeiro. Simultaneamente, foi possível ainda apontar para um aumento do número de torcedores dos times paulistanos à medida em que as economias fluminense e carioca deram sinais de dificuldades após os anos 1960. Hoje, décadas depois de uma lenta e contínua decadência carioca, houve paralelamente a esse processo, o crescimento das torcidas de equipes como Cruzeiro, Atlético, Corinthians e São Paulo nas cidades da Mata, dentre outros possíveis exemplos, mas onde mantém-se expressiva a torcida dos times de futebol do Rio de Janeiro.

A presença de torcidas de diferentes agremiações esportivas nascidas e sedimentadas em épocas diferentes na Mata Mineira, mas coexistentes no tempo atual, faz do futebol um item analítico que recupera parte do que o passado imprimiu em formas (estádios, sedes) e símbolos (cores, bandeiras, ser fã) e que se coloca em interação com a dinâmica recente dos sistemas urbanos, possibilitando-nos compreender porque a torcida pelos times de Belo Horizonte cresce na Zona da Mata, algo que, peremptoriamente, não é casual. O futebol produziu suas tradições do passado (torcer por Vasco, Botafogo, Flamengo e Fluminense) e tem manifestações atuais resultantes de décadas de novas tendências (torcer para Cruzeiro, Atlético, São Paulo e Corinthians, ao mesmo tempo em que minguam, aos poucos, os aficionados pelos clubes cariocas). Enfim, as **rugosidades futebolísticas** são ainda mais ricas quando cotejadas com as manifestações do presente.

Essa ideia ganha em esclarecimentos se a compararmos com a pesquisa do Instituto de Geociências Aplicadas (IGA, 1980) acerca das linhas de ônibus intermunicipais. Nela, mediu-se o alcance territorial da polarização urbana por meio do número de cidades interligadas a um dado centro e pelo número de viagens/dia ou de viagens/semana. Ou seja: se, hipoteticamente, algum dia o Rio de Janeiro foi o destino de 10 viagens/semana de uma

determinada cidade da Mata Mineira, mas que hoje representa só 3 viagens/semana, é impossível que se veja isso no guichê da empresa de ônibus ou em qualquer outro lugar. O passado não se revela facilmente. A paisagem (urbana) pode ser o acúmulo de tempos, como dissera Milton Santos (2004, p. 103), mas como reconhecer a intersecção dos tempos em prestação de serviços, por exemplo? E mais: como este reconhecimento poderá ainda nos evocar tanto a cidade que está sob nossos olhares e também cidades distantes? O futebol permite isso. Assim, quando afirmamos que o futebol produz paisagens e simbolismos carregados de passado e de presente é porque podemos ver nele manifestações de um núcleo urbano que outrora foi primaz¹⁸⁹/hegemônico, e porque dificilmente outro aspecto observado nos daria o mesmo e com tamanha veemência. Passando para a linguagem do futebol: vemos bandeiras, fãs com camisas, nomes de times copiados etc. das equipes cariocas na maioria das cidades matenses e onde elas são as prediletas dos torcedores, mesmo que o Rio não reúna mais o mesmo ímpeto dominador e a mesma centralidade urbana de 60 ou mais anos atrás.

Com isso explicitado, reiteramos nossa convicção na relação futebol-polarização urbana, a “**fute-polarização**”. Por isso, retomamos nos capítulos 4 (sobre mídia) e 5 (sobre identidade territorial) como uma necessária confirmação de seu poder e papel explicativos acerca da influência urbana de Rio de Janeiro e de Belo Horizonte – mais a perceptível chegada de São Paulo. Por agora, veremos questões conceituais que circundam o estudo das cidades – redes e redes urbanas – mas sem perder de vista o contexto (inter)urbano e futebolístico da Zona da Mata.

¹⁸⁹ Cidade primaz é aquela duas ou mais vezes maior demográfica e economicamente que as cidades de escalão imediatamente abaixo em tamanho (CORRÊA, 2006, p. 56). As redes urbanas com presença de cidades primazes são, portanto, marcadas pela falta/escassez de centros intermediários.

3.1 – O CONCEITO DE REDES

Esta tese precisa do conceito de redes porque seus **temas de estudo estão organizados em redes**, caso dos sistemas urbanos (atuantes na Zona da Mata), das redes de televisão (com os jogos de futebol que transmite distintamente para as regiões de Minas Gerais) e da rede de transportes (que ajudaram a espriar o futebol regional). Ao buscar uma explicação/análise dos embates entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte sobre Juiz de Fora/Zona da Mata por meio do futebol, tivemos que considerar que não só as cidades, mas também o **futebol organiza redes e é influenciado pela existência delas**. Assim, existem escolas de futebol, lojas de produtos oficiais, sedes de torcidas organizadas e de federações de futebol, transmissões de partidas via rádio, TV e internet, dentre tantas manifestações e evidências de que o futebol se inscreve e ajuda a produzir (n)um mundo de espaços reticulados, cujas articulações deixam antever, produzem e se alimentam de disparidades e racionalidades econômicas. Enfim, concordando com o IBGE (2000, p. 13), as redes geográficas dão sentido às redes de relações espaciais, às hierarquias dos centros urbanos e às suas respectivas áreas de atuação/influência. Por tais qualidades e convergências com nossas investigações, as redes foram eleitas para dar sustentáculo conceitual a este estudo.

O **conceito de redes emergiu no século XIX** com o fito de melhor compreender a organização territorial através da configuração e materialização dos fluxos (de pessoas, mercadorias, capitais e informações). Assim, Rodrigues e Silva (2007, p. 52) defendem que o ordenamento do espaço em redes tem como função primordial facilitar e agilizar a comunicação e a circulação dos fluxos entre um ponto e outro, podendo ser observado em todas as escalas de análise (da local até a global). A partir daí e de tais noções o conceito de redes passaria a auferir tradição na literatura geográfica. Em consonância com tal perspectiva otimizamos saber que o termo “rede” vem do francês antigo *réseuil* (oriundo do latim *retiolus*), significando, originalmente, um conjunto de linhas entrelaçadas. Por analogia, os nós são as intersecções dessas linhas, tais como as vias de acesso aos lugares e as vias de comunicação.

Lobato Corrêa (2011, p. 200) afirma que as **redes geográficas** são redes sociais espacializadas. Elas são sociais (porque são construções humanas e mostram relações de poder e de cooperação) e são históricas (contextualizadas, mutáveis). As redes sociais são

tornadas geográficas quando se expressam em localizações qualificadas e com interações espaciais entre elas.

O avanço material produziu uma sequência de redes técnicas que foram sendo agrupadas ao longo dos anos nos territórios, aí coexistindo e criando crescente coesão. Entrementes, nem tudo está em rede e aquilo que está não se põe ao alcance de todos. As redes são seletivas, portanto.

Como a **organização espacial é revelada pelos elementos fixos** (como as cidades, para o nosso caso) e **pelos fluxos** entre eles estabelecidos (daí a importância das redes de comunicação e de transportes, que também avaliamos), as **redes** são, portanto, elementos **viabilizadores desse processo**. Ademais, tais fluxos não são simétricos e isso em virtude das diferenciadas intensidades, direções e diversidades que assumem. De acordo com o desempenho dos centros urbanos nessa dinâmica dos fluxos entre os nodos da rede de cidades, eles terão maiores ou menores portes hierárquicos e alcance territorial de suas atividades, compondo a **geratriz** de sua **hinterlândia**. Nesse sentido, o futebol, com a prerrogativa de possuir tanto elementos econômicos quanto culturais, torna-se um interessante item de avaliação do alcance territorial das atividades nascidas a partir das cidades.

Corrêa (2006, p. 146) observa que há uma profusão do emprego do termo “rede” em diversos campos disciplinares e por atores sociais: redes de solidariedade, redes de ONGs, redes de energia, redes de informação, redes de universidades etc., enfim, uma concepção de organização sob a forma de redes. Desde os trabalhos de Labasse (1955)¹⁹⁰ e Monbeig (1984), os estudos sobre redes ficaram praticamente circunscritos à Geografia Urbana. A volta da temática das redes aos estudos geográficos está, segundo Corrêa (2006, p. 146), relacionada com a emergência do planejamento territorial devido aos múltiplos processos de integração recentemente promovidos. Porém, tais processos provocam desintegração e exclusão. A densificação das redes surgiu como uma condição necessária à circulação de tecnologia, capitais e matérias-primas; uma estratégia bem definida para viabilizar o binômio produção-circulação.

No início deste estudo demarcamos seu perfil interdisciplinar, cuja manifestação na adoção da noção de redes cria um de seus exercícios. Lobato Corrêa (2006, p. 149) joga a nosso favor: “Neste novo contexto teórico, a análise das redes implica abordagem que, no lugar de tratá-la isoladamente, procure suas relações com a urbanização, com a divisão

¹⁹⁰ LABASSE, J. **Les Capitaux et la Region**: Étude géographique essai sur de commerce et la circulation des capitaux dans la region Lyonnaise. Paris: Cahiers de la Fondation Nationale de Sciences Politiques, 1955.

territorial do trabalho e com a diferenciação crescente que esta introduziu entre as cidades”. É justamente em razão das diferenciações das cidades em termos demográficos, funcionais, hierárquicos, de relações regionais etc. que a rede urbana é abordada sob diversificadas perspectivas.

A noção de redes e a sua consubstanciação são marcadamente geográficas, pelo efeito da integração socioterritorial produzida. Segundo o *Dictionnaire de la Géographie*, organizado por Pierre George (1970), **três aspectos estão atrelados à ideia de redes**:

- (i) polarização de pontos de atração e de difusão, como verificado nas redes urbanas;
- (ii) projeção concreta de linhas de relações e ligações, como é o caso das redes de comunicação, apesar de sua estrutura física ser nodal;
- (iii) projeção abstrata, como no sistema de coordenadas geográficas.

Este último aspecto é o menos aproveitável para o efeito polarizador observado por meio das torcidas. Por outro lado, os aspectos I e II estão em intimidade com a temática do futebol, cujas cidades-sede dos clubes e das emissoras cabeças de rede funcionam mesmo como nodos de articulação da projeção de uma cidade (ou poucas cidades que concentram tais centros administrativos dos times e TVs) sobre várias outras.

Milton Santos (2004, p. 262) sintetiza as **definições de redes em duas grandes vertentes**:

- a) uma que considera apenas a feição de uma rede, sua materialidade, referindo-se a toda infraestrutura que possibilita o transporte de matéria, energia ou informação, e marcada pelos seus pontos de acesso, arcos de transmissão, nós de bifurcação ou de comunicação;
- b) a outra, que soma os aspectos sociais aos materiais, ou seja, a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens e valores que a frequentam.

Nesse sentido, a observação dos mesmos centros gestores/administradores citados antes, das redes de transportes e a rede de distribuição espacial dos jogos de futebol (pela TV) e das torcidas têm especial importância.

Um reconhecido estudo em Geografia que trata das redes é o de Raffestin (1993). Embora não foque sobre os sistemas urbanos, suas considerações são pertinentes para o entendimento das redes de cidades. Ao relacionar agentes sociais e construção territorial, Raffestin (1993, p. 6) enuncia 5 axiomas:

- 1) Toda superfície é passível de ser "tecida em malhas". O autor refere-se ao sentido de divisão territorial;
- 2) Esse sistema de malhas não é único;

- 3) Pode-se estabelecer ao menos um caminho entre dois pontos dessa superfície;
- 4) Esse caminho não é único;
- 5) Entre três pontos dessa superfície, pode-se estabelecer ao menos uma rede.

Os enunciados se aproximam das representações da geometria euclidiana. Porém, isso se dá em função da noção de **espaço reticular** que as redes ensejam. Raffestin (1993, p. 6) defende a ideia de que o poder constrói malhas nas superfícies do sistema territorial para delimitar campos operatórios. “Esses sistemas de malhas não são únicos; existem diferentes tipos, de acordo com a própria natureza das ações consideradas. Observações análogas, senão idênticas, poderiam ser feitas para os nós e as redes”.

A perspectiva de Raffestin (1993, p. 200) acerca das redes é composta ainda pelo binômio **circulação-comunicação**. As redes de comunicação são responsáveis pelas transferências de informação, enquanto as redes de circulação são mais gerais já que englobam tudo aquilo que é mobilizável e não são dissimuladas, pois nelas são visíveis o fluxo de bens e pessoas sobre uma previsível infraestrutura. Este autor advoga ainda que tais redes não são estanques ou separadas dos modos de produção que as engendram, e que os fluxos criados são controlados por agentes sociais de certos *locais-nós*, responsáveis pelo traçado de diversas redes.

Essa percepção das influências de **inovações técnicas e infraestruturais** pontuam diferentes momentos da história e, logo, da história do conceito de redes. Nesse sentido, Leila Dias (2007, p. 145) sugere que o primeiro trabalho teórico a respeito das redes¹⁹¹, em 1863, tenha vertido para a rede de ferrovias e sua articulação com os canais fluviais. O projeto defendido à época era claramente de integração territorial, envolvendo a quebra de barreiras físicas, obstáculos à circulação de matérias-primas, bens e capitais. Em meados do século XX, dois autores relacionaram as redes ferroviária e bancária: Labasse (1955¹⁹² apud DIAS, 2007, p. 145-146) e Monbeig (1984, p. 375-388; obra original de 1952). O primeiro pesquisador mostrou que à disseminação das ferrovias seguiu-se a dos bancos, e que ambas foram conduzidas pelos mesmos meios sociais, funcionando como as principais formas de unificação do mundo material neste período. Pierre Monbeig (1984) revela em *Pioneiros e plantadores de São Paulo*, no último capítulo (“Regiões ou redes de comunicação”), a participação do capital dos cafeicultores na formação das companhias ferroviárias e a relação destas com a toponímia da região.

¹⁹¹ Este trabalho pioneiro foi desenvolvido pelo engenheiro Leon Lallane, buscando encontrar as leis que presidiam à configuração das redes de estradas de ferro (DIAS, 2007, p. 145).

¹⁹² LABASSE, J. **Les capitaux et la région**. Paris: Armand Colin, 1955, 532 p.

[...] constatou-se a existência e o papel das capitais regionais. Rio Preto, Araçatuba, Marília, Presidente Prudente, Londrina são, na opinião unânime, os centros vitais da Alta Araraquarense, da Alta Paulista, da Alta Sorocabana e do norte do Paraná. São reveladoras essas próprias denominações, pois provêm diretamente dos nomes das companhias de estradas de ferro. [...]. Até hoje é mais exato falar de regiões ferroviárias, que de regiões geográficas ou econômicas da franja pioneira. [...]. Só para os fazendeiros e os comerciantes, cujos interesses materiais os fazem solidários com a ferrovia, são providos de sentidos os nomes de regiões (MONBEIG, 1984, p. 385 e 387).

O primado das ferrovias no Brasil, contudo, teve seu primeiro grande empreendimento através da E. F. D. Pedro II, em 1865, ligando a cidade do Rio de Janeiro às províncias de São Paulo e Minas Gerais, cortando o sul da Zona da Mata. Aí, diferentemente de São Paulo, as ferrovias não acompanharam a frente cafeeira e, portanto, não foram importantes para o surgimento de cidades, mas houve alguns casos. Vejamos nuances da **densificação técnica na Mata e a repercussão** disso sobre sua **rede de cidades**, o que nos dará elementos mais palpáveis para seguir a discussão sobre a temática das redes.

Segundo Soares (2009, p. 173), a rede de cidades da Zona da Mata foi profundamente influenciada pela **malha ferroviária**, responsável por ligar as localidades da região ao território fluminense, privilegiando as áreas produtoras de café. As linhas férreas se desenvolveram sobretudo no Estado do Rio de Janeiro (caso da E. F. D. Pedro II) e vertiam para o porto carioca, seu local terminal. Com isso, uma série de capelas ascendeu hierarquicamente (gerando mais freguesias), dando início a uma primeira ocupação no norte matense. Como decorrência, houve uma sensível diminuição dos assentamentos então chamados de “povoações”. Ao final dos oitocentos, a rede urbana da Zona da Mata apontava para um processo difuso de consolidação de diversos núcleos e que teve sensível adensamento na segunda metade do século XIX. “Cerca de 80% dessas cidades – na forma de estações ferroviárias, freguesias, vilas ou cidades – já apareciam na carta de 1893”, avalia Josarlete Soares (2009, p. 173).

Mapa 3.1 – Formação da rede urbana da Zona da Mata (1893).

Fonte: Soares, 2009, p. 172.

A formação da rede de cidades da Mata Mineira teve mais capítulos. Soares (2009, p. 164) afirma que a implantação das estações ferroviárias fora das áreas urbanas foi uma estratégia para beneficiar as fazendas próximas, o que possibilitou o aparecimento de novos núcleos urbanos que cresceram a partir da centralidade adquirida por algumas dessas estações, como as atuais cidades de Rochedo de Minas, Dona Eusébia, Piraúba e Volta Grande.

Mapas 3.2, 3.3, 3.4 e 3.5 – Rede urbana da Zona da Mata (1893): Cidades e Vilas; Freguesias; Povoações; e Conjunto dos Assentamentos Humanos.

Fonte: Soares, 2009, p. 173.

Poucas cidades surgiram na Zona da Mata após os núcleos citados e os constantes nos mapas anteriores, ou seja, a rede urbana matense é, basicamente, do século XIX, estando enredada no esquema de prover a exportação cafeeira via Rio de Janeiro. **A então capital carioca assim capitaneou a Zona da Mata**, aproveitando as ferrovias e também as rodovias instaladas, como a União e Indústria, inaugurada em 1861. Gerber, engenheiro responsável

pelo seu projeto, afirmou em relatório enviado ao governo central em 22 fev. 1859: “se alguma parte da província de Minas Gerais tem feito progressos visíveis em poucos anos é, por certo, a leste, compreendendo os municípios de Mar de Espanha, Pomba, Ubá e São Paulo do Muriaé, vulgarmente denominada *A Mata*”, cuja articulação com os cariocas foi percebida por Gerber. “Essa região, pela sua natureza fertilíssima, pela sua posição próxima ao Rio de Janeiro, onde acha sempre mercado para gêneros de sua produção e mormente o café, [...] oferece [...] esperançoso futuro. [...]. E tudo isso sob a falta absoluta de boas vias de comunicações” (CASTRO, 2001, p. 140).

Por seu turno, regiões preteridas na dotação de estradas chegaram a pedir **anexação ao Rio de Janeiro**, como o fez o encarregado João Camilo de Brito em nome de Aventureiro, Mar de Espanha, Leopoldina, Cataguases, Além Paraíba etc., registra Falabella de Castro (2001, p. 143-145). Algumas demandas só seriam plenamente atendidas praticamente 100 anos depois, como a construção e o asfaltamento do trecho Mar de Espanha-Bicas, feitos de meados dos anos 1980!

Cataguases e Leopoldina codificam bem essa importância das ferrovias e rodovias na Zona da Mata. Cataguases foi beneficiada pelo traçado das ferrovias no século XIX, e Leopoldina teria o mesmo processo, mas no século XX e já sob o primado das rodovias.

Em 1877 lá chegou [em Leopoldina] a estrada de ferro, por um ramal partindo de Vista Alegre. Junto da estação estabeleceram-se algumas casas de comércio atacadista. Não eram muitas; Leopoldina ficou, quanto ao transporte ferroviário, numa posição excêntrica. Muitas fazendas exportavam sua produção por Cataguases¹⁹³, que ficava na linha-tronco.

Com a construção da Rio-Bahia e o surto dos transportes rodoviários, Leopoldina ascendeu a uma situação de entroncamento de comunicações, enquanto Cataguases descia, agora, a uma posição secundária (VALVERDE, 1958, p. 73 e 74).

Em consequência, as funções urbanas seriam alteradas. Cataguases, ao perder sua antiga influência comercial (exportava café para o Rio de Janeiro), acabou por ter investidores externos que se aproveitaram dos desempregados da agricultura para sua ascensão como centro industrial. Leopoldina, beneficiada como entroncamento rodoviário, tardaria a decair no cenário cafeeiro, o que retardou sua industrialização. Por isso, ainda hoje, Cataguases tem economia mais pulsante, dando-lhe credenciais para se firmar como polo da microrregião que abarca Leopoldina.

¹⁹³ A linha férrea também chegou a Cataguases em 1877 (VALVERDE, 1958, p. 75), o que nos dá ainda mais noção acerca da importância de seu traçado e das relações comerciais (venda de café) então estabelecidas.

A **apreensão da Zona da Mata pelo Rio de Janeiro** também pode ser verificada num excerto datado de 1918:

[...] por mais afastada dos grandes centros consumidores, por menor desenvolvimento da industria pecuaria, por menor valorização das terras, em geral, pela maior escassez de população, pelas extremas dificuldades de vias de rodagem, afóra outros muitos motivos, esta região [norte da Zona da Mata] não póde ser comparada á primeira [...] [sul] (UBATUBA, 1918, p, 12).

Nessa época, Ezequiel Ubatuba (1918, p. 96) mostra que o centro-norte matense produzia pouco mais de 18 milhões de litros de leite, dos quais 3.450.000 (quase 20%) eram exportados para o Rio de Janeiro, destacando-se como maiores produtores os municípios de Ubá, Viçosa, Muriaé, Pomba e Palma. Exatos 50 anos depois do texto de Ubatuba, Valverde (1958, p. 38-60) pontua outros tantos núcleos matenses exportadores para o mercado carioca, como Carangola, Faria Lemos, Espera Feliz, Rio Novo, Rio Preto, Lima Duarte¹⁹⁴, Guarani e Juiz de Fora (laticínios); Piraúba, Dona Eusébia e Astolfo Dutra (milho). O **hibridismo polarizador na região** pode ser observado através do MIC (Ministério da Indústria e Comércio), quando afirma que os excedentes agropecuários da Zona da Mata eram destinados majoritariamente aos mercados carioca e belo-horizontino (BRASIL/MIC, 1974, p. 8). Essa inclusão de Belo Horizonte está de acordo com o IBGE (1972), que nos anos 1960 passou a considerá-la atuante na Zona da Mata conjuntamente com o Rio de Janeiro. Tudo isso em pouco mais de 50 anos (de 1918 até 1974)!

O caráter de **centralidade** que uma cidade exerce exprime-se pela coordenação e pela direção das diferentes atividades que articula no espaço que se organiza ao seu redor. A consubstanciação deste processo é visível quando “[...] os diversos tipos de vínculos entre a cidade e seus arredores, mais ou menos próximos, exprimem-se e são representados cartograficamente através de eixos ou linhas de força que correspondem a vias de circulação e transportes”, ressalta Pierre George (1983, p. 223). Concentração e dispersão dependem da infraestrutura de transportes e de comunicação, que dá maior interação entre os nodos – as cidades. Como os nodos são diferenciados, a conformação de cada rede também é singular.

De volta ao **faceamento entre inovações e o desenvolvimento das redes**, verificamos uma íntima relação entre a difusão de **jornais**, de **ferrovias** e do **futebol** na Zona da Mata. As informações e novas ideias sobre os esportes foram responsáveis por conferir popularidade ao

¹⁹⁴ Rio Novo, Rio Preto e Lima Duarte exportavam para o Rio de Janeiro através de Juiz de Fora (VALVERDE, 1958, p. 40).

futebol. Os jornais passaram a noticiá-lo cada vez mais frequentemente. Viajantes, (i)migrantes e estudantes transformaram-se em grandes difusores do futebol, além de terem protagonizado a criação de agremiações e instituições normativas do futebol. A presença de uma malha rodoviária já no século XIX, aliada aos novos ramais férreos que se multiplicavam (sobretudo na E.F. Leopoldina e na E.F. Dom Pedro II), proporcionaram uma verdadeira eclosão do futebol em amistosos e torneios intermunicipais e interestaduais, criação de ligas desportivas, distribuição de jornais e revistas etc.

Uma vez implantada para além dos limites municipais, a rede de transportes irá multiplicar os fluxos – de informação, bens, pessoas e ideias. **Em associação com as funções urbanas, a rede de transportes explica, em grande medida, a conformação, o desempenho e as alterações de uma rede urbana.** Por isso, o futebol pode ser avaliado como integrante desse circuito que interliga as cidades (como nos jogos pela mídia e nos estádios) e influi nas escolhas clubísticas e, logo, nas articulações com uma ou outra cidade, de acordo com a cidade-sede do clube.

Ao já traçado transporte integrador entre a Zona da Mata e o Estado do Rio de Janeiro e sua capital, soma-se todo o contexto supracitado de desenvolvimento do futebol. A rede regional Rio-Mata pode ainda ser observada por meio dos torcedores dos times cariocas, numa espécie de rugosidade cultural implantada também sob o viés das redes técnicas das quais as cidades dessa rede urbana se serviram no passado.

Todavia, as **redes funcionam diferenciadamente ao longo do tempo.** Em sua primeira parte, o século XX impôs um lento crescimento da importância econômica de Belo Horizonte e da região central de Minas como um todo. Aos poucos, sobretudo pelo **norte da Zona da Mata, as vinculações matenses com o Rio de Janeiro foram se esvanecendo.** O mesmo se deu com as mesorregiões que lhe são fronteiriças: Vale do Rio Doce e Campo das Vertentes. Uma grande porção mineira – leste e sudeste – passou a abrigar uma **mistura de influências urbanas que perdura até os atuais dias.** Em certas cidades, como Barbacena e São João del Rei (nas Vertentes), e em Ipanema e Caratinga (no Vale do Rio Doce) a presença carioca é, hoje, mais lembrada na seção esportiva do que na econômica, face a um passado em que o Rio de Janeiro era marcante em ambas.

Tais exemplos jogam a favor dos pesquisadores e suas postulações, dado que as redes não são estanques e acabadas em si mesmas, mas adaptadas aos novos rumos que a racionalidade econômica impõe ao longo do tempo. Esse aspecto conduz à seguinte afirmação de Raffestin (1993, p. 217): “A rede faz e desfaz as prisões do espaço tornado território: tanto

libera como aprisiona. É porque ela é 'instrumento', por excelência, do poder". No caso matense, as prisões não foram desfeitas, mas os "carcereiros" se duplicaram sob os nomes de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, ou até triplicaram se considerarmos a gradativa inserção de São Paulo na região. Aceitando essa mutabilidade das redes, Raffestin (1993, p. 204) destaca o papel dos atores sociais quanto ao binômio circulação-comunicação e a disseminação do poder:

A rede aparece, desde então, como fios seguros de uma rede flexível que pode se moldar conforme as situações concretas e, por isso mesmo, se deformar para melhor reter. A rede é proteiforme, móvel e inacabada, e é dessa falta de acabamento que ela tira sua força no espaço e no tempo: tanto libera como aprisiona. É o porquê de ela ser o "instrumento" por excelência do poder [...]. Redes de circulação e comunicação contribuem para modelar o quadro espaço-temporal que é todo o território. Essas redes são inseparáveis dos modos de produção dos quais asseguram a mobilidade.

Outra manifestação comunicacional e em rede¹⁹⁵ que influenciou no futebol foi a **radiodifusão**. Antes da popularização das transmissões dos jogos pelas redes de televisão na década de 1960, coube ao rádio de ondas curtas interligar o espaço brasileiro. Ao largarem na frente com as partidas radiadas, Rio de Janeiro e São Paulo obtiveram larga e fácil penetração para seus clubes de futebol. As emissoras de televisão prosseguiram esse roteiro da radiodifusão. Minas Gerais contou com rádios e TVs com alguns anos de atraso. A Zona da Mata, através de Juiz de Fora, teve a primeira emissora de rádio nos anos 20 (precursora em Minas) e a de TV nos anos 60. Entretanto, a proximidade com o Rio de Janeiro, o maior centro cultural do país ao longo do século XX, impôs à Juiz de Fora um papel secundário. Grande parte do Brasil se ligava na Rádio Nacional e nos jogos dos times cariocas que ela emanava. Uma **rede de influências e de torcedores estava em formação**, ou seja, não só produtos mas também preferências culturais (futebolísticas, neste caso) tendem a se desenraizar. Assim **começa a ruptura do torcedor local/regional com as agremiações de sua cidade e região**, as quais passariam por uma derrocada ainda sem recuperação. Muitos clubes da Zona da Mata atravessam problemas financeiros sérios para a manutenção dos campos, categorias de base etc., como Sport e Tupinambás (Juiz de Fora) e Ribeiro Junqueira (Leopoldina). O sonho do retorno ao futebol profissional tem ficado só como parte de um passado glorioso, exceção ao Tupinambás, como já anunciamos.

Queremos apontar, com a exemplificação da vinculação (cultural) clubística, que as

¹⁹⁵ No sentido de que uma emissora está articulada a uma rede de cidades, e não no sentido de rede de emissoras obedientes a uma "cabeça de rede", como são as redes das rádios Itatiaia e Globo, por exemplo.

redes não podem ser vislumbradas sob restrito aspecto econômico. Deixemos, então, a palavra com Rogério Haesbaert (2007b, p. 178): “[...] se a territorialização é sobretudo enraizadora, promovendo a coesão por seu caráter mais intrínseco e introvertido, é claro que ela vai estar ligada muito mais às iniciativas político-culturais de apropriação e domínio do que à dinâmica do capital”, ao qual este autor associa um caráter desterritorializador e “sem pátria”. Nesse mesmo sentido, Renato Ortiz (1994¹⁹⁶ apud HAESBAERT, 2007b) usou o exemplo do *jeans* para mostrar a relação entre o capitalismo flexível e a desterritorialização no âmbito dos valores e da cultura. Do mesmo modo, mas para o contexto brasileiro, equivale a vinculação clubística “deslocada” do time da cidade ou da região para Flamengo, Corinthians, Vasco, São Paulo etc., ou seja, “[...] não só os objetos, mas também as referências culturais que o compõem, devem se desenraizar”, conclui Ortiz (1994, p. 111).

É perceptível até aqui que **pensar em redes implica em considerar a evolução histórica das técnicas**, a criação e a difusão de inovações, a equipação de infraestrutura nos territórios, a introjeção e o hábito cultural tornados comuns, dentre outras concepções. “O potencial de cada ponto em transmitir 'coisas' para um outro ponto traz as ações necessárias para dar vida aos objetos que compõem as redes ou elas próprias como objetos técnicos e sociais”, afirmam Rodrigues e Silva (2007, p. 56) sob a guarida do que Milton Santos (2004) chamou de *sistema técnico* e sobre o qual argumentou:

[...] toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação.

As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas.

São todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar (SANTOS, 2004, p. 48, 43 e 58).

De início mais raros, os bens e as novas técnicas e culturas tendem a se concentrar no espaço, dando grande significação aos nós, mesmo aqueles de subsistemas urbanos, como é o caso da Mata. Após serem habilitadas a “viajar” por intermédio dos transportes, telefonia, telemática etc., bens, novas técnicas e culturas tendem a uma estupenda reticularidade dos/nos territórios.

Enfim, as inovações imprimiram uma aceleração no processo de urbanização e sujeição do campo à cidade; ampliaram as conexões entre cidades e as possibilidades de

¹⁹⁶ ORTIZ, R. **A mundialização da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

domínio de umas sobre as outras; consolidaram e intensificaram as divisões do trabalho; etc. Isso também incidiu sobre a *Lei da relação de proximidade* (ALVIM, 2009, p. 42), segundo a qual os fatos geográficos encontram-se relacionados entre si, mas os fatos mais próximos correlacionam-se mais fortemente do que os que estão mais distantes. Acerca de tal noção, há aqui duas advertências cabíveis: a primeira decorre da aceleração contemporânea e das externalidades criadas pelas cidades; a segunda, deriva da primeira, pois somente a proximidade não garante que haja, de fato, uma rede urbana (ou ela poderá ter laços bem frágeis), dependendo da articulação promovida pelas cidades que a compõem.

Para o caso da Zona da Mata, a proximidade com o Rio de Janeiro (aliada com transportes e comunicações) foi mesmo crucial para a sua captação como hinterlândia. Milton Santos e María Laura Silveira (2002, p. 144-145) assim analisam as relações (de proximidade) entre localidades e suas economias:

Hoje, há uma crescente segmentação territorial das etapas do trabalho, intensificando-se as trocas e relações entre as regiões. Esses intercâmbios freqüentes e espessos não são necessariamente entre áreas contíguas. [...] Daí a necessidade de substituir a noção de circuitos regionais de produção pela de circuitos espaciais de produção.

[...] cada lugar é alvo de sucessivas divisões do trabalho [...]. Como estas não se realizam independentemente dos fluxos, superpõem-se nele também diversos circuitos da produção. Criam-se, assim, solidariedades entre elementos novos e herdados [...] e assinalam, a cada momento histórico, distintas combinações técnicas e sociais do trabalho.

No período atual, esse movimento é comandado sobretudo por fluxos [...] [de] capitais, informações, mensagens, ordens. Essa é a inteligência do capital, reunindo o que o processo direto da produção havia separado em diversas empresas e lugares, mediante o aparecimento de verdadeiros círculos de cooperação.

Com a amplidão dos contatos interurbanos de naturezas diversas, como as de ordem não-material, as redes passaram a criar aproximação ou exclusão, conforme tais relações se solidarizam ou não, principalmente com o envolvimento dos setores ditos sociais, ditos não-produtivos, diferentemente do excerto supracitado.

Mapas 3.6 e 3.7 – Distâncias às capitais estaduais: casos de Rio de Janeiro e de Belo Horizonte (2007)¹⁹⁷.

Fonte: IBGE, 2010, p. 269 e 272.

As **relações entre cidades provocam externalidades** e, assim, situações de assimetrias e de hierarquias. Para Boix Domènech (2003, p. 6), tais relações são de 2 tipos: em *árvore* (semelhante ao que sugeriu Christaller), com relações verticalizadas; e em *rede*, com misto de relações verticalizadas com horizontalizadas, que são mais condizentes com a realidade, já que os fluxos são mesmo assimétricos e existentes entre núcleos urbanos de diferentes níveis hierárquicos, bem como entre os de níveis semelhantes.

Dentro do mesmo sentido anterior (de **assimetrias e hierarquias**), Camagni e Salone (1993) apregoam a **ocorrência de 3 tipos de redes**:

- *complementares*: quando as cidades têm especializações produtivas distintas e, por isso, se complementam;
- *de sinergia*: marcada por orientações produtivas similares;
- *de inovação*: os centros provisionam infraestrutura ou serviços tecnológicos, os quais, pela difusão de conhecimento, são hierarquicamente superiores, ou seja, a disseminação ocorre verticalmente, mas podendo ocorrer entre centros de níveis semelhantes ou até inferiores.

Outro pesquisador e suas concepções sobre redes que apresentamos é Dupuy (1985). Com foco nas **redes territoriais** (ferrovias, rodovias, redes de TV e de satélites, etc.), duas de suas propriedades têm muita convergência com as redes de cidades. São elas:

¹⁹⁷ Tais mapas revelam a posição relativa das capitais em relação aos demais municípios e da população aproximada.

- *connexité*: rede de relações entre as cidades, podendo ser forte ou fraca. Está associada ao número de relações entre os elementos da rede – as cidades, neste caso.

- *connectivité*: aborda a multiplicidade da rede, isto é, as múltiplas formas e possibilidades de relação entre as cidades, sejam diretas ou alternativas. Assim, uma cidade A pode relacionar com uma cidade B só para trocas de bens e pessoas; e a cidade B troca bens, pessoas e capitais com a cidade C. Isso confere grande conectividade à rede urbana. Esta propriedade refere-se à capacidade relacional das redes.

Dupuy (1985) adverte que se a *connectivité* de uma rede urbana é forte, a *connexité* também será forte. Se a *connexité* é forte, isso não garante que a *connectivité* de uma rede urbana também será forte. Portanto, os nodos são lugares de poder e referência, que transmitem não a totalidade das relações de uma rede, mas a manifestação das manipulações técnicas, econômicas, culturais, políticas e sociais que permitiu fluidez. Para o caso matense, a construção da BR-116 (em 1939) alterou sua *connectivité*, uma vez que verteu os fluxos que antes iam para o sul da Mata (polo de Juiz de Fora) para municípios fluminenses nas proximidades de Leopoldina. Assim, embora a rede urbana da Mata mantivesse certa conexidade entre suas porções norte e sul, as partes norte e leste passaram a multiplicar suas relações com o Estado do Rio de Janeiro. Exatamente por isso, há um marcante domínio territorial de torcedores dos times cariocas nas microrregiões de Cataguases e Muriaé (por onde a BR-116 atinge a Zona da Mata e por onde nela prossegue), conforme apuramos após tratamento dos dados da pesquisa do GE (2015)¹⁹⁸.

Em Miossec (1976¹⁹⁹ apud IBGE, 2000, p. 14 e 15), encontramos ponderações valiosas (para nosso estudo) acerca das redes. Em termos gerais, distinguiu também 3 tipos de **redes**: as **de produção**, as **de decisão** e as **de distribuição** (ou **de difusão**).

A primeira delas – a *rede de produção* – relaciona-se, contemporaneamente, com a “dissolução” dos espaços nacionais, regionais e locais que se tornam dependentes, concentrados. Nesse tipo de rede, a localização está ligada à situação em relação às massas de mão de obra, de consumo, aos pontos de concentração e transbordo de cargas, e às vias de comunicação mundiais. As *redes de decisão* são constituídas por alguns polos, caracterizados por malha extremamente densa de linhas e de terminais de codificação e decodificação, e como locais privilegiados de interação onde as enormes necessidades de tecnoestruturas em

¹⁹⁸ As equipes cariocas (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense) foram as preferidas em todos os municípios das microrregiões de Cataguases, Muriaé e Ubá, além de 32 dos 33 municípios da MR Juiz de Fora (GE, 2015).

¹⁹⁹ MIOSSEC, Jean-Marie. “Espace et pouvoir. La localisation de forces de décision dans le monde: esquisse de géographie politique théorique”. *L'espace Géographique*, Paris, n. 3, 1976, p. 165-175.

homens, materiais e informações os estenderiam sobre um espaço horizontal.

Miossec (1976) especifica que as *redes de distribuição/difusão* têm a rede de lugares centrais como referência, a qual preconiza a existência de uma hierarquia entre os seus centros urbanos, conformada segundo o oferecimento diferenciado de bens e serviços em função das necessidades de consumo. Esta necessidade é responsável pela determinação do raio de alcance territorial das atividades oriundas dos lugares centrais. Quando tais bens e serviços são mais elementares e frequentes, as pessoas percorrem menores distâncias para obtê-los. Contudo, quando esses bens e serviços assumem maior sofisticação, raridade ou escassez passam a ser procurados por muito mais pessoas e a distâncias cada vez maiores, até o ponto de uma extensão de milhões de km² e de milhões de usuários/consumidores.

Acerca da exposição das ideias de Miossec (1976), advertimos que o **desempenho** de dada **rede de lugares** ou de uma localidade em especial é mediado por 2 fatores primordiais:

1) pela tipologia da rede de cidades ao redor: se simples ou complexa tenderá a atingir maior ou menor extensão, respectivamente; 2) pela consecução de produção pelos centros hierarquicamente inferiores de parte daquilo que o(s) principal(is) centro(s) da região produz(em). Isso é um processo, ou seja, depende de um intervalo de tempo para que ocorra, interferindo ainda a conjuntura econômica, os investimentos em pesquisa e desenvolvimento, recuo ou avanço na dinâmica dos centros de maior polarização etc. Caso tais fatores intervenientes ocorram, poderá haver uma **diminuição da dependência quanto aos núcleos polarizadores**, com consequente ganho em autonomia pelos centros dominados. Dessa forma, nasce ou fortalece um subsistema urbano, no qual algum núcleo (ou mais de um) assume parte da oferta de bens e serviços antes só disponível no polo máximo da rede (ou outros colíderes na polarização urbana). É isso o que vem ocorrendo com a Zona da Mata e seus principais núcleos frente ao Rio de Janeiro, num processo de lenta e paulatina consolidação.

Os acréscimos que colocamos ao trabalho de Miossec (1976) fazem muito sentido ao nosso estudo de caso, embora suas colocações sejam também importantes. A cidade do Rio de Janeiro tornou-se a cidade primaz de uma rede dendrítica muito simples que encampou a Zona da Mata, estruturando-se com mais ênfase a contar do século XIX. A gradativa independência da região para com o Rio veio após a era do ouro, já na fase cafeeira (que adentra até os anos 1940, aproximadamente). Nela, Juiz de Fora foi alçada ao posto de centro financeiro e industrial regional, obtendo grande avanço nos equipamentos urbanos disponíveis para sua população. Em escalas menores, outros polos da Mata Mineira viveram o mesmo processo, como Cataguases, Leopoldina, Manhuaçu, Muriaé, Ponte Nova, Santos Dumont,

Ubá e Viçosa. Em conjunto, tais núcleos fortaleceram a circulação interna regional. Enquanto isso ocorria, a infraestrutura de transportes comunicava a Zona da Mata até Belo Horizonte sob as boas condições que até então nunca tinham sido atingidas. Em paralelo, com a perda da condição de capital federal, o Rio de Janeiro perdeu espaço na polarização sobre a Mata.

Esse brevíssimo jogo de relações que envolveram a Zona da Mata ao longo do tempo reúne um misto de imbricações das noções sobre redes, como a força estruturante da polarização urbana pela produção-circulação (de Raffestin) ou articulações de poder internas ao sistema urbano matense (aproximando-se das versões de Milton Santos e Camagni e Salone). Esse mesmo jogo de relações mostra que a ascensão belo-horizontina e paulistana no cenário nacional do século XX reverberou na Zona da Mata, agora considerada simultaneamente polarizada pelas 3 metrópoles referidas. O futebol – via localização das torcidas – não falhou na detecção desta tripartite influência urbana. A “fute-polarização” mostrou-se valiosa e certa, como veremos adiante neste capítulo. Nessa perspectiva da transformação das redes, novos processos implicam, portanto, também em novas funções e interações que inibem, em maior ou menor grau, as condições de reprodução que caracterizam uma dada rede urbana. Formas do passado sobrevivem como resíduos que desaparecem ou são refuncionalizadas. Assim, o ciclo de reprodução do capital (valor, mais-valia, margens comerciais e ganhos com serviços, despesas com consumo) dispõe de uma espacialidade que está destacadamente ancorada nas metrópoles, centros de gestão territorial, pontos inicial e final do ciclo de reprodução do capital (CORRÊA, 2011, p. 212-214).

Essa última conceituação elege a fase contemporânea como escala temporal, pois nem sempre são metrópoles que organizam determinados pontos da gestão. No caso do futebol mineiro e de sua institucionalização nos anos 1910, Belo Horizonte e Juiz de Fora adiantaram-se na sua organização, sediando as primeiras ligas. Evidentemente, a delimitação político-administrativa (representada por Minas Gerais) funcionou como nicho de mercado para as duas referidas cidades, defendendo-as, por exemplo, do Rio de Janeiro. Esse efeito fronteiro não detém, todavia, o torcer dos fãs e nem os fatores que nisso interferem ao longo da história, como as transmissões de jogos (por rádio, TV e internet), os impressos de circulação interestadual, os migrantes que levam seu torcer geracional etc. Por isso, as mesorregiões mineiras fronteiriças com Rio de Janeiro e São Paulo apresentam tal situação, enquanto os clubes profissionais aí situados são subordinados à gestão do futebol de Minas Gerais ancorada em Belo Horizonte – a Federação Mineira de Futebol.

Emissoras de rádios e TVs, jornais, federações de futebol etc. têm como, de fato,

muito influenciar o futebol: onde vai chegar, quem vai assistir, a infraestrutura destinada a dar suporte aos jogos, torcedores, futebolistas, imprensa etc. Em outros termos, a reunião de empresas (ligadas aos setores público e privado) gere o futebol. Adotando essa mesma visão, o IBGE (2014, p. 18) entendeu a existência de 2 padrões de gestão do território que organizam o espaço, um Estatal (a gestão pública vista através das instituições estatais) e outro empresarial (sob a ótica das ligações entre sedes e filiais de companhias, tais como as emissoras de rádio e TV obedientes a uma “cabeça de rede”). Isso aponta para o seguinte: não só o espaço do futebol, mas também a territorialização das torcidas atende a uma lógica cada vez mais reticular que intimida o efeito da proximidade quanto às filiações clubísticas.

A noção anterior tem articulações com o ideário de Sassen (1998; 2002²⁰⁰), que vê a organização da economia baseada em fluxos transfronteiriços com escalas e articulações bem diferentes do sistema de Estados previamente estabelecido. Logo, essa “porosidade” das fronteiras é também aplicável às hinterlândias tradicionais: as regiões de influência de cidades clássicas, formando áreas estanques, definidas pelo encadeamento de hierarquia entre os centros urbanos passam a ser apenas uma das formas de organização do território engendrado pelo funcionamento da economia – o que não quer dizer sem importância.

À medida em que as interações entre as redes dos sistemas urbanos foram crescendo em razão da consolidação da divisão territorial do trabalho no Brasil (organizada de modo preponderante a partir de suas metrópoles), as articulações regionais passaram por um gradual fortalecimento enquanto novos padrões espaciais emergiam e se complexificavam. As transformações do subsistema regional matense (em conexão com a dinâmica urbana do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo) seriam marcantes na segunda metade do século XX, quando as sobreposições de influência urbana de tais metrópoles ganhariam ênfase.

A seguir, continuamos a considerar a noção de redes, mas agora veremos sua inserção nas conceituações específicas que a articulam com a rede de cidades, dando feição à produção dos geógrafos urbanos ou àquilo que é por eles usado como referência acadêmica.

²⁰⁰ SASSEN, S. “Locating *cities* on global circuits”. In: SASSEN, S. (Ed.). **Globalnetworks, linked cities**. New York: Routledge, 2002. p. 1-39.

3.2 – CONCEPÇÕES SOBRE REDES URBANAS E A OBSERVAÇÃO DA ZONA DA MATA QUANTO ÀS POLARIZAÇÕES URBANAS

Estudos sobre redes de cidades passaram a ser mais frequentes na Geografia a partir da proposição da Teoria dos Lugares Centrais de Walter Christaller (1933), segundo a qual cada cidade tem uma importância relativa às demais de sua região em decorrência de sua centralidade, ou seja, de acordo com o bens e serviços que oferta na sua região **desenvolve uma área de influência** sobre outras cidades de menor porte hierárquico. Assim, quanto maior o número de funções centrais desempenhado por uma localidade, maior será a sua região de influência, e tal cidade tenderá a possuir mais população e mais população urbana que as demais.

“Para cada produto ou serviço haveria, em princípio, um alcance espacial específico. No entanto, aqueles que apresentam alcances espaciais semelhantes tendem a ser oferecidos nas mesmas localidades centrais”, atesta Corrêa (1989, p. 22). Aquelos bens e serviços de uso mais cotidianos tendem ser ofertados em diversas cidades, mas poucas pessoas residentes nas proximidades são suficientes para justificar a oferta deles. Por outro lado, produtos e serviços consumidos esporadicamente, em menor frequência, necessitam de maior alcance espacial mínimo para abranger um total de consumidores que justifique a oferta. Nesse caso, mesmo a distância e os custos de transportes daí advindos tenderiam a suportar a oferta desses bens e serviços mais raros (CORRÊA, 1989, p. 22).

Se pensarmos o **futebol como serviço prestado**, veremos que ele é mesmo oferecido simultaneamente em várias localidades – como dissera Corrêa – consoante também com sua dispersão pelo Brasil. No entanto, ainda que ofertado com menor eficiência, ele poderá ser levado/consumido a/por mais pessoas pela decisão dos canais de comunicação. Dito de outro modo, significa que, por exemplo, o Flamengo não precisa “jogar mais bola” que seus oponentes nos campeonatos transmitidos, pois as emissoras de televisão já lhe garantem antecipadamente lugar destacado na grade de exibição das partidas. Com isso, o futebol torna-se uma “função” urbana com certa “inércia de execução”, conferindo aos clubes com maiores torcidas um lastro de mercado amparado por uma identidade clubística que pode remontar a um passado de maior dinamismo vivenciado por dada cidade (como de fato, para o caso do Rio de Janeiro) ou mesmo para um clube de futebol. Assim como a economia de uma cidade,

o futebol também pode declinar, carreando menor número de fãs para seus clubes. Por isso, usamos o termo inércia em destaque, pois o peso da torcida amealhada no passado tende a permanecer, já que as filiações futebolísticas tendem à fixidez, mas não são imutáveis.

A concepção de Christaller (1933) levou a diversas pesquisas que trataram acerca da relação entre cidades e região. A fim de hierarquizar as cidades de uma região, os conhecimentos sobre a realidade socioeconômica ganharam relevo, bem como estudos e conceitos acerca do desenvolvimento regional, destacando-se a noção de “Polos de Crescimento”²⁰¹. Desse modo, o contato entre Geografia Urbana (ramo mais novo) e Geografia Regional (mais velha e já estabelecida) tornou-se efetivo.

3.2.1 – Os primeiros estudos: da cidade isolada para a rede de cidades e suas polarizações

A noção de que toda cidade está inserida numa rede de cidades e constituída de funções que podem extrapolar sua própria região conduziria aos estudos conjuntos entre cidade e região, embora as pesquisas acerca de uma única cidade tenham marcado os primeiros trabalhos produzidos (CAPEL, 1983) ou de uma atividade econômica ou cultural específica (CAPEL, 2003).

Os primeiros autores se preocuparam com o **sítio** (o local de implantação da cidade, sua base geológica e topográfica) e a **situação das cidades** (posição geográfica e acessibilidade, fatores cruciais para a inserção numa dada rede urbana). Segundo Maurício Abreu (1994, p. 22), os estudos sobre cidades tornaram-se sistemáticos na Geografia nas décadas de 1920 (no exterior) e 1930 (no Brasil), após papel influente de Ratzel no final do século XIX (*Antropogeografia*)²⁰². Analisou as cidades pela “lage”, termo que em português equivale ao mesmo tempo às noções de posição (segundo as coordenadas geográficas) e de

²⁰¹ Noção associada à obra de F. Perroux (1950; 1971), cuja grande preocupação era a interação entre setores industriais. O crescimento econômico seria gerado mediante uma série de setores ou polos econômicos dominantes, assentados em grandes empresas e oligopólios, os quais deveriam exercer forte influência sobre fornecedores e clientes. Os polos de crescimento, portanto, estavam localizados no espaço econômico e não no geográfico, e constituíam essencialmente uma idealização da forma como funcionavam as articulações entre indústrias e como elas podiam ser manipuladas a fim de produzir o máximo de efeitos multiplicadores. Assim, o desenvolvimento espacial e o desenvolvimento econômico concentraram-se numa estratégia de crescimento urbano, na qual a estimulação de poucos setores aliada com a expansão urbano-industrial seria a chave para a consecução de um desenvolvimento que atingiria escalas territoriais mais amplas. Daí vem a preocupação com a urbanização, a localização industrial e a composição de laços efetivos entre as cidades de um dado sistema urbano. Todas essas noções compuseram o cabedal do planejamento urbano-regional tão frequente entre os anos 1950 e 70 (FORBES, 1989, p. 201-206).

²⁰² RATZEL, F. *Anthropogéographie*. Stuttgart: J. Engelhorn, v. I, 1882 e 1889; v. II, 1891 e 1912.

situação (localização relativa a outros elementos). Ratzel defendia que a cidade deveria ser estudada a partir de sua situação em relação às vias de comunicação. Assim, a partir dos conceitos de posição e situação a cidade entra no temário geográfico pela escola alemã. Já a noção de **sítio** entrou pela escola geográfica francesa, pois La Blache via nos estudos sobre o sítio das cidades um palco do homem no jugo da natureza/do ambiente, o que explica os trabalhos sobre sítios “desfavoráveis”, como o de Blanchard (1911) sobre Grenoble²⁰³. O geógrafo francês Pierre Deffontaines também seria influenciado por tais tendências. Ele em companhia de Pierre Monbeig (também francês) e de Carlos Delgado de Carvalho²⁰⁴ foram pioneiros da então Moderna Geografia Brasileira que surgia (ABREU, 1994, p. 25).

Dos trabalhos pioneiros de Hassert (1907) e de Blanchard (1911) emergiu uma direção nos estudos de Geografia Urbana centralizada na análise do sítio e da situação das cidades, afirma David Clark (1991, p. 25). Blanchard (1911, p. 5 apud ABREU, 1994, p. 23) explicou a evolução urbana de Grenoble em função de suas características físicas e de sua localização, fatores primordiais para exercer seu papel dentro do sistema urbano: “A origem e o desenvolvimento da cidade são explicados pelas condições físicas do seu sítio”. Dois anos depois, Auerback (1913)²⁰⁵ relacionou o número de cidades ao seu porte, afirmando que a quantidade de cidades é inversamente proporcional à sua população mínima (CAPEL, 1983, p. 11).

No Brasil, essas mesmas características também puderam ser observadas. É o que indica o artigo de Monbeig escrito em 1941²⁰⁶ (2004), no qual alguns estudos sobre cidades brasileiras são relatados: BH e Ouro Preto²⁰⁷, Rio e São Paulo²⁰⁸ (JAMES, 1932 e 1933), São Tomé das Letras-MG²⁰⁹ (FONSECA FILHO, 1932), Petrópolis-RJ²¹⁰ (ARBOS, 1938), Rio de

²⁰³ BLANCHARD, Raoul. **Grenoble, étude de géographie urbaine**. Paris: Colin, 1911. 162 p.

²⁰⁴ Já escrevia trabalhos em consonância com o pensamento geográfico de seu tempo nos anos 1910, como em **Le Brésil meridional** (Rio de Janeiro: s/ed., 1910) e em **Geografia do Brasil** (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913). Portanto, antecedeu aos estudos de Deffontaines e Monbeig lançados nos anos 30 e 40. Ambos tiveram papel pioneiro na formação da pós-graduação brasileira ao lecionarem na USP. Monbeig substituiu Deffontaines quando este foi trabalhar no Rio de Janeiro em 1935.

²⁰⁵ AUERBACK, Felix. **Das Gesetz der Bevölkerungs Konzentration**. 1913

²⁰⁶ MONBEIG, Pierre. “O estudo geográfico das cidades”. A obra foi publicada originalmente na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, ano 7, volume 73, de janeiro de 1941. Citamos aqui uma republicação do periódico *Cidades*, de 2004, sob a supervisão de Roberto Lobato Corrêa.

²⁰⁷ JAMES, Preston. “Belo Horizonte and Ouro Preto, a comparative study of two Brazilian cities”. **Arts and Letters**, vol. 18, p. 239-258, 1932.

²⁰⁸ JAMES, P. “Rio de Janeiro and São Paulo”. **Geographical Review**, n. 33, p. 271-298, 1933.

²⁰⁹ FONSECA FILHO, H. R. “S. Tomé das Letras”. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, v. 35, p. 46-58, 1932.

²¹⁰ ARBOS, Philippe. “Petrópolis, esquisse de Géographie urbaine”. **Géographie Alpine**, v. XXV, p. 477-530, 1938.

Janeiro²¹¹ (DEFFONTAINES, 1937), Marília-SP (MONBEIG, 1940), Poços de Caldas-MG (RAMOS, 1940), Santo André-SP (ANDRADA, 1940), Jaboticabal-SP (MATOS, 1940), Franca-SP (RIBEIRO, 1940) e Catanduva-SP (PANTALEÃO, 1940)²¹². Alguns desses textos não estão redigidos em português, fato que atesta a então nascente Geografia Urbana no Brasil sob influência estrangeira. Maurício Abreu (1994, p. 25 e 26) cita ainda outras dessas “monografias urbanas”, redigidas em português (Azevedo, 1941 e 1943²¹³) e em outros idiomas (Quelle, 1931²¹⁴; Deffontaines, 1935²¹⁵). A produção em vernáculo local proporcionou uma inequívoca maior divulgação, como no caso de Monbeig.

As noções de sítio e de situação, contudo, foram tidas como insuficientes para compreender a cidade por Arousseau, em 1924, (CARTER, 1975 apud ALVIM, 2009, p. 21), mas isso não retira sua pertinência, como mostrou Monbeig (2004, p. 283) em texto original de 1941:

Vê-se [...] o que a cidade deve à sua posição: paradas obrigatórias dos viajantes e das tropas, antes ou depois da travessia de zonas de relevo acentuado, etapas sobre uma grande via natural de comunicações, as cidades citadas [da Serra da Mantiqueira e do Vale do Paraíba] gozaram na sua formação e no seu crescimento de uma superioridade natural. [...].

Quanto ao estudo do “local urbano”, não é outra coisa senão o estudo da situação. Os geógrafos têm tentado estabelecer uma classificação das cidades segundo os tipos de local urbano: cidades de pântanos [como Juiz de Fora foi reconhecida em suas origens], cidades de meandros, [...] cidades em acrópole etc. [...]. A importância do local é manifestamente do maior interesse, pois ao mesmo tempo que a localização, ela justifica a forma atual da cidade [...].

Essa importância vista por Monbeig tem sua valia para cidades desta pesquisa. O sítio do Rio de Janeiro, por exemplo, impôs à cidade crescer para o norte²¹⁶. Com isso, suas conurbações ocorreram no sentido da Mata Mineira, provocando maior interatividade entre os

²¹¹ DEFFONTAINES, P. “Rio de Janeiro, une grande victoire urbaine”. *Revue d'économie politique*, p. 92-109, 1937.

²¹² Série de trabalhos dos alunos de Geografia da USP publicados nos anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, 1940.

²¹³ AZEVEDO, Aroldo de. “Goiânia, uma cidade 'criada'”. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1. p. 3-19, jan./mar. 1941. Sua obra mais impactante foi *A Cidade de São Paulo*. (São Paulo: Nacional, 1958. 4 v., Estudos de geografia urbana), que esteve sob sua coordenação.

²¹⁴ QQUELLE, Otto. “Rio de Janeiro - Beitrag zur geographie einer tropischen grosstadt”. *Zeitschrift gesellschaft fur Erdkunde zu Berlin*, v. 7/8, p. 241-257, 1931.

²¹⁵ DEFFONTAINES, P. “Sorocaba, la ville des foires à mulôts du Brésil”. *Bulletin de l'Association des Géographes Français*, v. 91, p. 212-225, 1935.

²¹⁶ Para Villaça (2001, p. 114), as metrópoles brasileiras formam 3 categorias quanto ao meio físico: aquelas que têm 360° para se desenvolverem (São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba); as que têm 180° (Recife, Porto Alegre e Fortaleza) e as que têm apenas 90° (Rio de Janeiro e Salvador). Se for feita a abstração da Baía da Guanabara, o Rio de Janeiro, fundido à Niterói, terá à disposição em 180°.

núcleos urbanos dessa região. Já Belo Horizonte e Juiz de Fora tiveram suas expansões muito influenciadas pelos rios Arrudas e Paraibuna, respectivamente. Sobre o caso belo-horizontino, Villaça (2001, p. 119), afirma que a quase totalidade da zona urbana (nobre), da zona suburbana (popular) e de chácaras do seu planejamento inicialmente ficaram localizadas ao sul da barreira constituída pelo Arrudas e pela ferrovia ao redor dele. Juiz de Fora nasceu a partir de uma fazenda de um lado do Rio Paraibuna, mas foi se desenvolver mais na outra margem através dos núcleos implantados por seus pioneiros agentes urbanos, como Halfeld e Mariano Procópio. Tanto Juiz de Fora como Belo Horizonte sobrepujaram os limites dos mencionados rios.

Clark (1991, p. 25-26) observa que o ambiente físico coloca, indiscutivelmente, limites gerais ao desenvolvimento urbano, mas somente uma análise do sítio e da situação urbana revelaram-se ineficazes. Houve evidente descuido comparativo das características socioeconômicas das cidades e dos fatores históricos. Essa lacuna científica começaria a ser preenchida pelos estudos que focavam na **morfologia urbana**, classificando e diferenciando as cidades em termos de seus planos viários, tipos de moradias/construções e função/uso do solo. Tais estudos ocorreram concentrados no período entre guerras (I e II), anos 1920 e 30.

Características específicas desempenhadas pelos núcleos urbanos também passaram a ser estudadas. Capel (2003, p. 31) cita o exemplo de Charles Galpin, autor de pioneira pesquisa acerca do domínio cultural exercido pelas cidades, indicando que à medida em que as diferenças entre campo e cidade diminuía, as características culturais urbanas eram mais nítidas. A partir daí considerou interessante estudar tais áreas para comprovar a difusão de comportamentos típicos do que, mais tarde, Wirth denominaria "cultura urbana". As *áreas de influência comerciais* ou "regiões maiores" coincidiriam com as áreas culturais.

Tendência investigativa semelhante foi observada por Robert Ezra Park em 1929²¹⁷, ao relacionar imprensa, difusão do comportamento urbano e cobertura do sistema de transportes. Park afirmou que os centros financeiros eram também os centros difusores de notícias e do jeito urbano de ser, sendo que isso podia ser representado por círculos concêntricos a partir do ponto de difusão das inovações (CAPEL, 2003, p. 31).

Os primeiros estudos regionais de cidades cuidaram de dimensionar **esferas urbanas de influências** com base em uma dada característica, como os deslocamentos diários

²¹⁷ PARK, R. E. "La urbanización medida por la circulación de la prensa" (original em inglês em **The American Journal of Sociology**, XXXV, July 1929, 60-79). In: Theodorson, G.A. **Studies in human ecology**. Nova York: Harper and Row, 1969. Trad. castellana, **Estudios de ecología humana**. Barcelona: Editorial Labor, 1974. 2 vols.

residência-local de trabalho (CHABOT, 1938²¹⁸), suprimento de alimentos (DUBUC, 1938²¹⁹) e chamadas telefônicas (LABASSE, 1955). Contudo, a observação de uma escala interurbana acerca do papel das regiões funcionais na organização espacial viria com a pesquisa *City, Region and Regionalism* (Dickinson, 1947²²⁰), cita Clark (1991, p. 27), na qual o problema da influência das áreas metropolitanas é interpretado por meio das “funções dessas áreas em relação ao perfil econômico das regiões [por elas] servidas”, explica Capel (2003, p. 31, tradução nossa).

As pesquisas envolvendo as regiões de influência urbana em muito se pautaram no funcionamento da economia terciária, bem como no interesse pela atração dos equipamentos comerciais existentes nas cidades e nas respectivas delimitações das áreas de mercado, além do foco sobre as áreas de abastecimento das cidades, e “[...] pelo papel destas na organização da produção agrária regional e pela complexidade funcional dos centros urbanos segundo seu tamanho, foram se desenvolvendo à medida em que se iniciavam os estudos sobre as relações comerciais e sobre as áreas de mercado das cidades” (CAPEL, 2003, p. 32, tradução nossa).

A perspectiva regional também aportou na Geografia brasileira com significativa produção nos anos 1950, incluindo nomes de peso como Ab'Saber (sobre a Região de Santa Isabel, 1950/51)²²¹, Pasquale Petrone (Região de Corumbataí, 1951/52)²²², Milton Santos (zona cacauífera, 1955²²³) e Orlando Valverde (1958), trabalho que utilizamos pois versa sobre a Zona da Mata-MG. De acordo com Abreu (1994, p. 36), a metodologia de Monbeig (1941) era habitualmente empregada nessa época, a qual preconizava 6 itens: 1) sítio; 2) posição; 3) evolução histórica; 4) fisionomia e estrutura; 5) funções urbanas; 6) raio de ação da cidade. Os temas sociais, como a relação de classes, não eram tidos como temas geográficos por Monbeig, mas sim da sociologia (em função da produção da Escola de Chicago à época). Maurício de Abreu (1994, p. 36) credits a Orlando Valverde (1960)²²⁴ a observação das disparidades regionais, da miséria e ainda do “exército industrial de reserva”, uma inovação para essa fase. Em nossa leitura, avaliamos que embora não tenha usado termos marxistas em

²¹⁸ CHABOT, G. “La détermination des courbes isochrones en géographie urbaine”. *Comptes Rendus du Congrès Internationale de Géographie*, tome 2, Géographie Humaine, p. 110-113, 1938.

²¹⁹ DUBUC, R. “L'Apportionnement de Paris en lait”. *Annales de Géographie*, n. 47, p. 257-266, 1938.

²²⁰ DICKINSON, R. E. *City, Region and Regionalism*. London: Routledge & Kegan Paul, 1947.

²²¹ AB'SABER, Aziz Nacib. “A região de Santa Isabel”. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 79-126, 1950/1951.

²²² PETRONE, P. “Aspectos geográficos e problemas da região de Corumbataí”. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 91-113, 1951/1952.

²²³ SANTOS, M. *Zona do cacau*. Salvador: Artes Gráficas, 1955. 114 p.

²²⁴ VALVERDE, O. “O noroeste da mata pernambucana (a região de Timbaúba)”. *Boletim Carioca de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1/2, p. 5-68, 1960.

obra anterior (1958, acerca da Zona da Mata), Valverde não se descuidou de aspectos sociais e trabalhistas, como o êxodo rural para os principais núcleos matenses e até a fome entre camponeses de Guarani (VALVERDE, 1958, p. 63 e 39).

A **temática das redes de cidades** foi gradativamente sendo considerada até ganhar espaço acadêmico na segunda metade do século XX, sob influência do período de reconstrução europeia após a II Guerra, fator que foi interveniente nas propostas de planejamento territorial dessa época. Foi assim que, de acordo com Alvim (2009, p. 31), em 1952 o planejamento territorial tornou-se oficial na França, a contar das proposições de Gottman, Sestine, Tulippe, Willatts e Vila em *L'aménagement de l'espace: planification régionale at géographie*.

A partir daí o setor público também passa a se ocupar das cidades e o *aménagement du territoire*²²⁵ surge como meio de se repensar uma distribuição mais equilibrada dos recursos, atividades e pessoas nos espaços regional e nacional, com destaque para a França, onde Paris exerce função de núcleo primaz e com destacada macrocefalia urbana.

Dickinson (1947 apud ALVIM, 2009, p. 31 e 32) defendeu que os centros urbanos deveriam ser entendidos como canalizadores de atividades e organizações humanas a serviço da área circundante. Sugeriu o estudo dessa articulação cidade-região por meio da intensidade e da estrutura econômica, da densidade populacional, das relações financeiras, das trocas comerciais, da circulação de jornais e revistas, e dos movimentos de veículos e de pessoas (migrantes).

A segunda parte do século XX seria marcada por uma associação maior entre a cidade e seu espaço de atuação e sua região imediata, e por uma simultaneidade das conexões urbanas, levando a um caminho conceitual mais amplo. Segundo Capel (2003, p. 34 e 35), novas linhas de investigação foram surgindo, principalmente nos EUA, acerca da **base econômica das cidades e de suas classificações** (funcionais e de serviços); das cidades como lugares centrais (centros de serviços, hierarquia urbana); dentre outras temáticas, como

²²⁵ Num esforço de conceituação do *aménagement du territoire*, Manuel Correia de Andrade (1977, p. 27-29 e 39) afirmava que se tratava de estudar o problema das diferenças de desenvolvimento regional encarando-o de forma globalizada, através de seus aspectos econômicos, sociais, culturais e geográficos. Para a consecução de tal objetivo partia-se do diagnóstico das regiões deprimidas para que depois recebessem investimentos (públicos e/ou privados) nos setores considerados capazes de puxar sua economia, mas sob o consentimento e o envolvimento da população regional. O *aménagement du territoire* previa um tempo mais elástico para execução de seus planos, quando vários planos de desenvolvimento de curto prazo seriam executados. O *aménagement du territoire* é “ao mesmo tempo geográfico e econômico. Geográfico porque ele é essencialmente espacial e econômico porque visa elevar os níveis de vida, visa orientar a dinâmica do desenvolvimento a fim de alcançar um equilíbrio entre as várias regiões de um país” (ANDRADE, 1977, p. 39). Corresponde, mais ou menos, ao que os estadunidenses chamam de *Regional Science*, que os holandeses designam como *Planificação do espaço*, e ao *Town and Country Planing* dos ingleses.

a atenção dada aos padrões espaciais dos assentamentos humanos (habitacionais), sobretudo a partir do livro de Peter Haggett (*Locational Analysis in Human Geography*, 1965)²²⁶, que difundiu um enfoque geometrizar, paralelamente defendido por outros autores como William Bunge (*Theoretical Geography*, 1962)²²⁷ e David Harvey (*Explanation in Geography*, 1969)²²⁸. Por várias vezes a análise realizada por Haggett se referiu aos nodos, hierarquias e áreas de influência. Nascia, assim, a concepção das redes geográficas para a compreensão da distribuição locacional dos fenômenos espaciais.

No mesmo período, mas com perspectiva diferenciada da anterior, despontavam os trabalhos dos geógrafos franceses Pierre George e Michel Rochefort. O primeiro foi responsável, dentre tantas produções, pela observação do papel do consumo na organização espacial (GEORGE, 1972)²²⁹, enquanto Rochefort, conforme Capel (2003, p. 35-36), abriu caminho para desvendar a “armadura urbana”, focando na rede de cidades, suas hierarquias e polarizações²³⁰. Pierre George junto com Bernard Kayser e outros geógrafos²³¹ formaram um grupo empenhado em reformular os estudos regionais sob o prisma urbano da rede de cidades.

A cidade passava a ser estudada cada vez mais integrada a um sistema urbano e não mais isoladamente e, ao mesmo tempo, **correntes ideológicas diferentes apresentavam suas contribuições**, a exemplo da Geografia Humanística/Comportamental, da Geografia Crítica/Radical e da Geografia Cultural (renovada).

As perspectivas comportamentais direcionaram a Geografia Urbana com vistas aos processos que dão origem ao padrão urbano, formado a partir de manifestações do comportamento na tomada de decisões sobre a paisagem. Os geógrafos dessa corrente examinam mais os processos que produzem os fenômenos espaciais do que estes por si mesmos. Segundo Clark (1991, p. 32), assinalam que a estrutura urbana não pode ser compreendida pela simples descoberta de dois padrões espaciais similares, como renda e habitação. A análise de Lynch (1960²³²) é um marco na visão comportamentalista acerca dos habitantes das cidades.

²²⁶ HAGGETT, P. *Locational Analysis in Human Geography*. London: Edward Arnold, 1965.

²²⁷ BUNGE, W. *Theoretical Geography*. Lund: The Royal University of Lund, Lund Studies in Geography, 2ª ed. 1962.

²²⁸ HARVEY, D. *Explanation in Geography*. London: Arnold, 1969.

²²⁹ GEORGE, P. *Geografia do consumo*. 2 ed., São Paulo: Difel, 1971. Uma série de livros de Pierre George foi editada no Brasil nos anos 60 e 70, como “Geografia industrial do mundo” (1975), “Geografia agrícola do mundo” (3 ed., 1973); “Panorama do mundo atual” (5 ed., 1975); “Os grandes mercados do mundo” (3 ed., 1969); etc.

²³⁰ ROCHEFORT, M. *L'organisation urbaine de l'Alsace*. Paris, 1960. ROCHEFORT, M. “Typologie fonctionnelle des villes en Afrique Noire et à Madagascar”. *Croissance*, 1972, p. 139-148.

²³¹ KAYSER, B.; GEORGE, P.; LACOSTE, Y.; GUGLIELMO, R. *A Geografia Ativa*. São Paulo: Difel, 1975.

²³² LYNCH, K. *The image of the City*. Cambridge: MIT Press, 1960.

Do mesmo modo, mas para os marxistas, a obra de Harvey (1973²³³) também foi um divisor de águas. Argumentava que as injustiças sociais são aspectos inerentes das sociedades organizadas sob o capitalismo, e que somente uma mudança acerca dos direitos de propriedade conduziria a uma nova estrutura urbana. Assim, a Geografia Urbana não se atém a uma mera explicação da estrutura espacial da cidade, mas tem foco nas mudanças sociais e geográficas, com as quais possui envolvimento. Na visão de Corrêa (1989, p. 14-15), o artigo de Fredrich e Davidovich (1982²³⁴) representa um diferencial na Geografia Crítica do Brasil por considerar o sistema urbano como expressão territorial da divisão social do trabalho.

Somente com a sua renovação desde os anos 1970 é que a Geografia Cultural passou a dar ênfase ao urbano em suas pesquisas. Seus membros reconhecem que a cultura não é uma variável independente, mas se expressa como reflexo, mediação e condição social. Usam o fato de a cultura se manifestar espacialmente para justificar que os mapas podem representar aquilo que é lembrado, imaginado, vivenciado (COSGROVE, 1999, p. 2²³⁵ apud CORRÊA, 2006, p. 174). Nesse sentido se aproximam dos geógrafos comportamentais. O estudo das formas simbólicas presentes no espaço urbano e as relações entre toponímia e identidade estão entre as contribuições da Geografia Cultural, as quais recaem principalmente sobre o espaço intra-urbano em detrimento das relações interurbanas. Daí a pequena convergência teórica sobre a temática das redes urbanas.

Em comum, essas ideologias geográficas anteriores têm uma marcada reação contrária aos tratamentos estatísticos que os estudos sobre as cidades receberam a contar da década de 1950, aproveitando uma base de conhecimentos criada com classificações funcionais, dentre as quais Corrêa (1989, p. 10 e 11) cita as de Auroousseau (1921), Harris (1943) e Howard Nelson (1957), que classificou 897 cidades norte-americanas, aponta Capel (1972). Modelos de organização espacial também foram produzidos na perspectiva da Geografia Teórico-Quantitativa, como o de *centro-periferia*, por John Friedmann, com grande repercussão no Brasil entre os anos 1960 e 70, por meio dos trabalhos de Speridião Faissol (1970), expoente da ideologia quantitativa na Geografia²³⁶.

Para finalizar este subitem e independentemente das correntes ideológicas geográficas

²³³ HARVEY, D. **Social Justice in the City**. London: Edward Arnold, 1973.

²³⁴ FREDRICH, O.; DAVIDOVICH, F. "A configuração espacial do sistema urbano brasileiro como expressão no território da divisão social do trabalho". **Revista Brasileira de Geografia**, v. 44, n. 4, 1982.

²³⁵ COSGROVE, D. **Mappings**. London: Reaktion Books, 1999.

²³⁶ FAISSOL, S. "As grandes cidades brasileiras – dimensões básicas de diferenciação e relações com o desenvolvimento econômico: um estudo de análise fatorial". **Revista Brasileira de Geografia**, v. 32, n. 4, 1970. Há diversos artigos de Faissol publicados na RBG nas décadas de 60 e 70.

sob foco, é coerente indagar: por que tanto interesse no estudo das cidades? Deixemos que Corrêa (1989, p. 20-21) aponte-nos o caminho:

Com o capitalismo, o processo de diferenciação das cidades se acentua, aí incluindo-se a hierarquização urbana: a criação de um mercado consumidor, a partir da expropriação dos meios de produção e de vida de enorme parcela da população, e a industrialização levam à expansão da oferta de produtos industriais e de serviços. Esta oferta, por sua vez, se verifica de modo espacialmente desigual, instaurando então a hierarquia das cidades. Esta, por sua vez, suscita ações desiguais por parte dos capitalistas e do Estado: daí o interesse em compreender a sua natureza.

Após sabermos da trajetória dos estudos sobre as cidades, isoladamente ou no contexto regional, investiremos em como a temática das cidades em redes ganhou corpo no conhecimento geográfico.

3.2.2 – As redes de cidades

Como já vimos, as pesquisas sobre redes urbanas ganham ênfase em meados do século XX, pois até então as cidades eram estudadas isoladamente ou em sistemas urbanos reduzidos. Capel (2003, p. 31) mostra que no século XIX já eram feitos trabalhos sobre *funções urbanas*. Nas décadas de 1920 e 30, pesquisas na Alemanha, França e Escandinávia passaram a versar sobre *influência urbana*. A lógica da ciência seguiu a lógica das transformações tecnológicas, econômicas, nos transportes, nas comunicações, etc. em curso nas sociedades por todo o mundo. Assim, dos impactos locais passamos a receber e produzir impactos em escalas cada vez mais amplas, articulando territórios cada vez mais distantes, reverberando numa produção ascendente sobre o sistema de cidades e suas polarizações.

O **mercado futebolístico** também incorporou e foi incorporado por essa dinâmica. A mão de obra (ou pé de obra, para este caso) deixou de ser a do local (a do bairro ou a das imediações da sede do clube ou da fábrica que o geria) para alcançar novos territórios. A circulação de informações via jornais, rádios e televisões (mais tarde a internet) criou uma multidão de aficionados pelo futebol, inaugurando adesões clubísticas nacionais e, depois, até internacionais sobre o espaço antes ocupado pelo torcer local e regional. As empresas de comunicação e os programas de conexão clube de futebol-torcida passam a operar em redes. Os atletas antes confinados ao time da cidade e conhecidos em espaços mais restritos ganham em notoriedade e em transferências interclubísticas, interestaduais e internacionais.

A Geografia brasileira foi grandemente marcada no ano de 1956 pelo XVIII Congresso Internacional da UGI (União Geográfica Internacional), com repercussões locais assumidas na Assembleia Geral da AGB de 1957 (em Colatina) e na de 1959 (em Viçosa). Sob a influência dos trabalhos de Tricart e de Rochefort, a UGI-56 tomou o rumo dos estudos acerca das **redes urbanas** e ao mesmo tempo fez declinarem as pesquisas até então prevalentes sobre espaço intra-urbano. No Brasil, afloram as discussões metodológicas, os estudos sobre metropolização, a organização interna das cidades, a análise do grau de centralidade e a determinação da área de influência dos núcleos urbanos. Nesse contexto, Maurício de Abreu (1994, p. 39 e 40) destaca as produções de Lysia Bernardes²³⁷ e de Maria Therezinha de Segadas Soares (1962)²³⁸.

Horacio Capel (2003, p. 34) sustenta que, durante os anos 1960, **estudos sobre funções e áreas de influência urbanas** foram se generalizando tanto no campo da Geografia como da Sociologia. Na primeira, houve numerosos trabalhos acerca da delimitação de comarcas urbanas a partir de indicadores diversos, dentre os quais a circulação de ônibus, os deslocamentos cotidianos em torno das cidades e o uso dos equipamentos comerciais. Os sociólogos, por sua parte, estudaram as zonas de contato entre as áreas de influência das capitais metropolitanas por meio das preferências dos consumidores e das transformações das áreas rurais satélites, dentre outros temas. A contar daí as pesquisas passaram a considerar e a reconhecer a existência de uma rede de cidades.

Nessa perspectiva, os primeiros trabalhos produzidos mostravam as relações da cidade com a região agrícola que capitaneava, mantendo sua tutela comercial, financeira, industrial, administrativa, médica, cultural, política, religiosa e de lazer. A partir de tudo isso se chega à configuração das áreas de influência e da hierarquia urbana (CAPEL, 2003, p. 37). Os estudos tenderam a incorporar as relações cada vez mais intensas entre as cidades, sobretudo onde já havia um lastro de economia urbano-industrial. Nesses casos, os polos regionais tiveram grande poder organizador nas suas regiões de influência, casos que seriam vistos também em países como o Brasil, ainda que a rede de cidades não fosse tão articulada (com “ilhas

²³⁷ Bernardes produziu diversos trabalhos nos anos 50 e 60, muitos dos quais sobre o Rio de Janeiro. Por exemplo, temos: 1) “Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do Século XX”. **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1/2, p. 17-39, 1959. 2) “Elementos para o estudo geográfico das cidades: exemplos brasileiros”. **Boletim Geográfico IBGE**, v.18, n. 154, p. 41-48, 1960.

²³⁸ SOARES, M. T. de S. “Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro”. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 155-256, abr./jun. 1962. (Tese de Livre Docência não defendida). Um capítulo deste trabalho, com o título “A integração do recôncavo da Guanabara na Área Metropolitana do Grande Rio de Janeiro” foi transcrito em: BERNARDES, L. M. C., SOARES, M. T. de S. (1990, p. 42-67).

regionais”), coexistindo casos de redes urbanas simples e complexas.

Evidenciando e reverberando o processo de urbanização, as pesquisas ampliaram seu leque de abordagens desde os anos 1980 – lembrando que entre as décadas de 1950 e 70 vários trabalhos de cunho quantitativo deram a feição da Geografia naqueles tempos. Na etapa seguinte, podemos assinalar temas como: áreas de influência, hierarquias urbanas, estrutura funcional de cidades, articulações entre províncias e regiões, funções urbanas, o papel do sistema urbano sobre o desenvolvimento regional e sobre os processos de inovação, o papel das pequenas e médias cidades no processo de modernização do sistema urbano. Embora certas temáticas não tenham mudado com os anos, mas suas abordagens sim, havendo o aporte das correntes ideológicas dessa fase (marxista, comportamentalista e cultural), conforme também já abordamos.

Desse modo, o **futebol reverbera a nova sociedade em formação**. Em seu seio, a divisão socioterritorial do trabalho também vai se tornando cada vez mais clara. Os clubes mais midiáticos, de regiões e cidades que se constituem em nós das redes econômicas internacionais passam a comandar a compra dos passes das celebridades esportivas, a ocupar mais espaço nos canais de comunicação e a dominar as conquistas dos principais torneios em disputa nacional e internacionalmente. Cidades e regiões passam a ser conhecidas pelas agremiações de futebol que sediam e, por vezes, até mais que propriamente características econômicas, sociais e políticas que lhes dão sustentação como cidades mundiais²³⁹.

A percepção da **formação de sistemas urbanos que relacionavam espaços supranacionais** cada vez mais amplos, abarcando continentes, lançou luz sobre a existência de sistemas mundiais, os quais não prescindem de seus nodos mais proeminentes, as *cidades mundiais*.

Cidade mundial significa, de alguma maneira, sistema mundial de cidades, um caminho que desde cedo foi recorrido, especialmente a partir do momento em que historiadores e economistas têm falado claramente de um sistema socioeconômico mundial, [...] que enfatiza a 'globalização' da economia (CAPEL, 2003, p. 46, tradução nossa).

As novas prerrogativas da economia que foi se globalizando interferiram na (re)conhecida importância da **proximidade geográfica**. Isso porque o fator distância deixou de ser crucial, afetando o sistema de cidades em face das novas tecnologias de informação, de

²³⁹ As relações entre o futebol e a divisão do trabalho e os meios de comunicação foram detalhadas no capítulo anterior. A fim de não replicar determinadas considerações sobre futebol e espaço urbano, optamos por apresentá-las sumariadas neste capítulo. Segundo Capel (2003, p. 46), a expressão *cidades mundiais* foi proposta em 1915 por Patrick Geddes.

comunicação e de transportes. Apropriadamente, Capel (2003, p. 42, tradução nossa) analisa que “há agora possibilidades de relação instantânea entre distância e sistemas de transmissão de informações que asseguram a interação e as chances de articulação regional e nacional. Tudo isso diminuiu o papel do meio sobre a hierarquização dos núcleos urbanos”. Logo, obras efetuadas em etapas pré-industriais ou de menor industrialização – com a de Christaller – foram balançadas e tiveram sua validade relativizada a partir de então, pois até os primórdios da revolução industrial a vida e a produção giravam em torno da localidade e da região circundante. A contar do século XIX, as melhorias nos transportes terrestres (sobretudo com a malha ferroviária) e marítimos permitiram o traslado rápido de materiais e pessoas, ampliando as áreas de intercâmbio e, por conseguinte, as amarras ao sistema da divisão do trabalho. No âmbito da Geografia Urbana tais mudanças suscitaram a compreensão dos novos fenômenos espaciais em curso, daí surgindo conceitos/verbetes como “metropolização”, “aglomeração urbana”, “conurbação”, “megalópole” etc. Entrementes, tudo isso não logrou o fim do poder local e regional sobre a organização espacial, mas trouxe à baila escalas territoriais mais abrangentes. Por isso, as conexões não são somente as urbanas, mas também as do conjunto regional ou mesmo de todo um país, o que favorece ou dificulta as articulações especificamente urbanas. Para Capel (2003, p. 47), frequentemente isso se reflete sobre os estudos de redes ou sistemas urbanos, nos quais está muito presente a dimensão regional ou estatal, notando-se que o especificamente urbano se estende ao conjunto territorial.

Portanto, as redes urbanas são estudadas e conformadas segundo o desenvolvimento de inovações, valores e ideias ao longo do tempo, algo de que não prescindiram.

a) Inovações e Futebol: difusão de valores, ideias e tecnologias sobre a rede de cidades

Tocamos na noção da difusão de inovações com interesse específico de indicar a relação do contexto de surgimento e sedimentação do futebol ante a modernidade e suas inovações nas áreas urbanas, embutido aí o próprio futebol, uma de suas “novidades”. Não pretendemos a uma revisão conceitual no seio das correntes geográficas²⁴⁰.

As inovações fazem das cidades ambientes em contínua construção, onde tempos e espaços são sobrepostos. Encontrar o presente vivido por uma cidade é tarefa praticamente

²⁴⁰ Sobre difusão de inovações cf. Milton Santos (2014), por exemplo.

impossível, embora, como sustentou Milton Santos (2014, p. 41), nas sociedades mais ricas as inovações tenham passado por difusão muito longa e “[...] extensiva de todas as formas de modernização”, enquanto nas sociedades subdesenvolvidas (como a nossa) foram difundidas recentemente e de forma seletiva no espaço, “[...] confinadas a alguns poucos pontos muito nitidamente delimitados”. Advoga Santos (2004, p. 269) que uma visão da atualidade das redes passa pelo conhecimento da idade dos objetos e de sua longevidade (a idade “local” do respectivo objeto) e também pela quantidade e pela distribuição desses objetos, dos usos que lhes são dados, das relações que tais objetos têm com outros fora da área considerada, e esta visão passa ainda pelas modalidades de controle e regulação do seu funcionamento. Embora sugira a percepção da “idade local” somente em coisas concretas, manifestações imateriais (como o ato de torcer) também podem ser reveladoras. Defendemos que a inércia futebolística evoca relações territoriais, a exemplo da Mata, onde times cariocas ainda são os prediletos, reverberando um prestígio urbano que a cidade do Rio de Janeiro não repete mais em outros ramos: é o que designamos como *rugosidades futebolísticas*. Enfim e de modo importante, como podemos depreender, Milton Santos enfatiza a articulação entre redes e poder.

Este poder tem localização. A metrópole é, indubitavelmente, o local onde as inovações se manifestam com mais intensidade. Para Corrêa (1989, p. 70), a “finalidade última desta difusão é a de criar condições de reprodução de todo o sistema social [...], por meio do qual difundem-se idéias e valores que são apresentados como modernos, urbanos, senão metropolitanos, e cosmopolitas”, justificando a implantação de filiais de grandes empresas e a exploração e a naturalização das diferenças socioespaciais. A metrópole nutre e é nutrida pelo sistema econômico, pelos investimentos das empresas e dos governos; articula regiões aos processos sociais, econômicos, políticos e culturais que ajuda a construir. Nessa mesma direção, Gisela Rio (2012, p. 165-166) verte seu pensar: “o crescimento econômico das metrópoles representa uma concentração sem precedentes na história. [...]. Em parte, a 'economia em arquipélago' indica que a economia global privilegia as metrópoles como espaço principal dos fluxos ligados aos serviços”.

Os esportes, incluindo o **futebol**, constam deste **rol de modernidades urbanas**. A popularização do futebol o levou a figurar em outra ilustre criação do período, a dos meios comunicacionais. “As redes nacionais de televisão constituem um bom exemplo, senão o melhor, dos veículos através dos quais difunde-se todo um ideário urbano-capitalista”, centralizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, “estando estruturadas de acordo com os principais escalões da rede urbana brasileira – as metrópoles regionais e as capitais regionais”

(CORRÊA, 1989, p. 70). Para Lefebvre (2001, p. 5), segue-se que a sociedade, no seu conjunto, compreendendo a cidade, o campo e as instituições que regulamentam suas relações, tende a se constituir em *rede de cidades*. “Causa e efeito dessa centralização particular, a centralização do poder, uma cidade predomina sobre as outras: a capital”.

O conjunto das **inovações** tende a **impactar a conformação e a expansão das redes urbanas**, como no último meio século, quando:

- (i) houve incremento dos fluxos de pessoas, bens e informações devido ao desenvolvimento dos transportes e das comunicações;
- (ii) surgiram novos produtos e serviços (como a partir das nanotecnologias), mas problemas também, como diferenciações regionais ainda mais sensíveis. Milton Santos (2009, p. 41) atentou para as mudanças que incidiram sobre o lazer (como o futebol) e não apenas as formas de produção material: “[...] há uma grande expansão das formas de produção não-material: da saúde, da educação, do lazer, da informação e até mesmo das esperanças”, asseverou o eminente geógrafo a respeito do Brasil.

Para o caso do futebol, significou romper as dificuldades de realização de eventos intercontinentais, como na organização da Copa de 1930, que teve reduzido número de participantes como decorrência do enorme tempo gasto com viagens até o Uruguai, o país-sede, impondo algumas desistências. Em oposição, significou ainda solapar signos e laços do/com o futebol local e regional. Como tais laços são comumente mais delgados ou inexistentes entre os mais jovens – que ainda estão conhecendo a cultura de sua cidade/região –, encontramos neste grupo as menores vinculações com times da própria cidade e que não desfrutam de prestígio midiático, como na RM Belo Horizonte (com América e Vila Nova), em Uberaba (com Nacional e Uberaba) e Governador Valadares (com Democrata), segundo o levantamento que realizamos a partir das pesquisas dos institutos CP2 (2012) e *Ápice* (2013). O oposto é verdadeiro: o desencaixe/desterritorialização do local/regional está também claramente delineado: times midiáticos têm tido crescente predileção entre os mais jovens, como o Corinthians. Em 15 cidades mineiras pesquisadas (ÁPICE, 2013; CP2, 2013; VERITÁ, 2008; TABULARE, 2008), o clube só obteve votos até a faixa dos 34 anos, e daí em diante desapareceu. Os resultados gerais estão na tabela a seguir.

Tabela 3.1 – Distribuição de torcedores por faixas etárias em 15 cidades mineiras* segundo diversas pesquisas sobre predileção clubística.

Clubes de futebol	As 5 faixas etárias dos torcedores e o nº de vezes em que cada faixa representou a maioria dos votos dos times preferidos				
	1 (18-24 anos)	2 (25-34 anos)	3 (35-44 anos)	4 (45-54 anos)	5 (55 ou mais)
Atlético-MG	3	3	2	3	1
Cruzeiro	9	1	2		
Flamengo	2	3	5		
Vasco**	2	1	2	1	1
Fluminense**	1	1	2	1	
Botafogo	1	2	2		
São Paulo	2	1	1		
Corinthians	6	4			

Fonte: organizada pelo autor a partir de Ápice Pesquisas (2013); CP2 Pesquisas (2013); Instituto Veritá (2008); Tabulare Consultoria (2008).

* As 15 cidades são Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Contagem, Divinópolis, Nova Lima, Sete Lagoas, Vespasiano, Capelinha, Campestre, Governador Valadares, Ipatinga, Araguari, Uberaba e Uberlândia. No capítulo 4 elas foram mapeadas e também analisados seus respectivos resultados de pesquisa.

** Dados indisponíveis desse clube em Divinópolis.

Lobato Corrêa (2006, p. 141) sintetiza uma representação geral da **introdução de inovações sobre uma sociedade e suas localidades**:

Toda a história das redes técnicas é a história de inovações que, umas após as outras, surgiram em respostas a uma demanda social antes localizada do que uniformemente distribuída. Com a ferrovia, a rodovia, a telegrafia, a telefonia e, finalmente, a teleinformática, a redução do lapso de tempo permitiu instalar uma ponte entre lugares distantes: doravante eles serão virtualmente aproximados.

Desse modo, aportes técnicos e infraestruturais foram sulcando os territórios e os transformando. As redes de cidades estão nesse contexto “[...] com transformações profundas, mas que não excluem as funções tradicionalmente desempenhadas, embora às vezes suscitem uma nova fase de desenvolvimento”, na qual ascendem certos fatores, desde os equipamentos científicos e educacionais superiores até o ambiente social, político e natural (CAPEL, 2003, p. 47, tradução nossa). Os eventos distantes passam a concorrer com os eventos locais e regionais, quando não são até superiores. No futebol, aproximou o torcedor de diversas cidades – envolto com a presença dos grandes times nos estádios e, depois, praticamente só na mídia – dos clubes sediados em outras cidades, regiões e países. Ao futebol regional – como o matense – restaram estratégias de resistência e sobrevivência, uma busca de articular *in loco* aquilo e aqueles que parecem relocados alhures.

Afirmamos isso sob a batuta do que expressou Milton Santos (2014, p. 42, grifos nossos) em âmbito metodológico, com o qual temos nossas convergências:

Apenas alguns poucos autores compreenderam que a história de um dado lugar é construída a partir tanto de *elementos locais*, desenvolvidos ali mesmo, como de *elementos extralocais*, resultantes da difusão; e que a definição de um lugar pressupõe uma *análise de impacto seletivo*, em diferentes épocas, das variáveis correspondentes.

Mediante os processos contemporâneos de influência de acontecimentos distantes sobre eventos, pessoas e locais próximos (GIDDENS, 2002, p. 12), é justo afirmar que as fronteiras entre local e distante, regional e universal – ou algo símile – foram revolucionadas nas últimas décadas, o que requer um estudo histórico para explicarmos como muitos aspectos geográficos chegaram a estar aonde estão (SANTOS, 2014, p. 43). Daí a importância e o flerte com a Geografia Histórica contidos neste estudo²⁴¹.

Notamos que as diferentes noções acerca da difusão de inovações tendem a um apego sobre os aspectos tecnológicos, mercadológicos etc. em detrimento das estruturas sociais e culturais existentes. Ao longo de nossa pesquisa procuramos cotejar tal diversidade, incluindo as relações de identificação presentes – tanto em relação às instituições futebolísticas como com os bairros, cidades e regiões onde estão sediadas. Passando por tantas nuances que conferiram perenidade ao futebol em detrimento de outras inovações, articulamos desde os aspectos materiais e técnicos (como a rede rodoferroviária, radiofonia, impressos, telefonia, bondes) até os aspectos socioculturais (times de imigrantes, de bairros, de ricos ou de pobres, locais dos jogos etc.). Na verdade, todos esses aspectos se fundem na relação da modernidade com o futebol e com a rede de cidades da Mata Mineira.

Nessa perspectiva, dois trabalhos sobre a Zona da Mata – IBGE (1959) e UFV (1971) – deram-nos condições de observar uma região com sérias restrições de comunicação via telefonia. Até o início da década de 1950, a maioria das cidades matenses tinha pouquíssimos telefones (até 10) ou mesmo nenhum, enquanto no início dos anos 1970 os novos **ramais telefônicos indicavam como crescia a polarização de Belo Horizonte no leste e nordeste de Minas Gerais**:

Zona da Mata e Região Leste de Minas Gerais ficarão mais bem servidas [...] através da instalação do Tronco Norte. Este tronco [...] ligará Belo Horizonte a Recife, via Salvador. As zonas do Rio Doce e Mucuri, com as cidades de Governador Valadares e Teófilo Otoni, serão pontos de convergência dos

²⁴¹ Santos (2014, p. 44) apregoa que a Geografia Histórica deve seguir 2 caminhos: 1) levantar a história da mudança de um dado lugar ao longo de um certo intervalo de tempo escolhido; 2) acompanhar a disseminação de 1 ou mais fatores de modernização sobre uma porção do mundo mais ou menos dimensionável. De certa forma acolhemos tal proposta para a Mata e seu futebol como elemento moderno.

sistemas regionais, o que virá a proporcionar benefício a toda a área de sua influência (UFV, 1971, p. 99).

Considerável parte da **ideia da difusão de inovações** veio com o neocolonialismo e a consequente concepção de superioridade intelectual de povos e regiões europeus/europeias sobre africanos e asiáticos, incapazes de inovar, noção que se vincula ainda a de *gênero de vida* proposto por La Blache. Não por acaso, a Geografia Francesa criou uma especialização chamada *Geografia Colonial*, como observou Robert Moraes (1994, p. 66). Mediante o contato com civilizadores, os povos “incultos” alcançariam o progresso, elemento considerado fundamental na ideologia vidaliana. Por isso mesmo, denominou a área abrangida por um gênero de vida como *domínio de civilização*.

Quando anunciamos que imigrantes, estudantes e operários que conheceram o futebol (que já estava em prática na Europa) ajudaram a disseminá-lo no país, assim como impressos e rádios, estávamos aceitando (com restrições) a regra do *efeito-proximidade* proposta por Torsten Hagerstrand (1965, p. 261-262 apud SANTOS, 2014, p. 52 e 53)²⁴²: há uma probabilidade de uma inovação se tornar maior na vizinhança de outra mais antiga e menor com o aumento da distância. Entrementes, uma observação acerca do *efeito-proximidade* é crucial no âmbito ideológico. Aceitamos sua noção, mas não seu método (quantitativo). Trabalhos como o de Hagerstrand (1965) foram incorporados ao corpo científico da *New Geography* (anos 1960)²⁴³ mais afeiçoados aos preceitos do planejamento econômico-estatal do que às antigas concepções culturais de superioridade civilizatória. Nesse campo ideológico as preocupações sociais eram, ao final, substituídas pelas preocupações com os investimentos dito produtivos. Assim, entendemos a coerência de uma inovação ser difundida a curtas distâncias primeiramente (o valor específico que atribuímos ao *efeito-proximidade*), mas também entendemos as questões socioculturais nisso envolvidas como cruciais, diferenciando-se do referido efeito e seu atavismo aos modelos matemático-espaciais. Tal diferença ficou consubstanciada em nosso trabalho quando mostramos a origem dos times na Zona da Mata e sob quais condições de vida isso se deu em suas cidades. Ademais, o *efeito-proximidade* permitiria uma difusão mais rápida da inovação, a qual sofreria obstáculos dependentes dos indivíduos, já que mudam de pessoa para pessoa, ou ainda de ordem seletiva quanto a uma classe social. Fatores que, de fato, interferiram na adoção do futebol na Mata

²⁴² HAGERSTRAND, T. **Locational analysis in Human Geography**. London: Edward Arnold, 1965. Nesse texto, Hagerstrand propõe a mensuração das inovações. Como este não é nosso foco, coadunamos com suas concepções sobre o tema, mas descartamos o caráter quantitativo que conferiu ao estudo em questão.

²⁴³ A obra de Hagerstrand (1965) foi desenvolvida antes e traduzida para o inglês 15 anos depois, coincidindo com o período da Geografia Quantitativa, que exaltou o planejamento (MASCARENHAS, 2001, p. 60).

Mineira, expressos pelo analfabetismo e pelo preço alto dos aparelhos de rádio e televisores, por exemplo. Contudo, afirmamos também (na seção 2) que o futebol não se irradiou a partir de um ou mais núcleos (como São Paulo e Rio de Janeiro), mas de uma série deles, alhures. Tal forma de espraçamento dá sustentação à noção de que os meios de comunicação, portanto, tiveram mesmo sua participação nesse processo.

Apesar das críticas desferidas, o trabalho de Hagerstrand (1965) teve seus méritos como observou Mascarenhas (2001, p. 60): rompendo sobretudo com os princípios do método idiográfico da Geografia Humana de Vidal de La Blache e com a Geografia Cultural de Sauer, Hagerstrand investiu na perspectiva nomotética: tomando a difusão de inovações como “processo espacial”, buscou identificar modelos gerais a partir de regularidades observadas empiricamente.

Referenciamos a **difusão do futebol** por meio da rede de transportes disponível na Zona da Mata durante o transitar do século XIX para o XX. Seu papel foi ainda mais importante até o advento dos impressos nas cidades da região (geralmente entre 1890 e 1920) e da radiofonia (principalmente a contar dos anos 1930). Em 1931, esta novidade provoca perplexidade e confusão em Carlos Drummond de Andrade (2002, p. 23-24, grifos nossos)²⁴⁴, que, em princípio, não consegue entender a força que o rádio já demonstrava. Como de costume, foi passear no domingo à tarde em Belo Horizonte, quando uma multidão reunida na Av. Afonso Pena chamou sua atenção e o poeta para lá se dirigiu.

[...] soube que toda aquela gente estava acompanhando, *pelo telefone*, o jogo dos mineiros na Capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam patriótica emoção.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador [...] é coisa de fácil compreensão. Mas *contemplar, pelo fio*, [...] e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação. [...]. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. [...].

Drummond encerra sua crônica com outro forte mecanismo instaurado na modernidade e intensificado ulteriormente: as articulações entre espaços distantes. Os eventos passariam da escala local para outras cada vez mais abrangentes. O futebol de uma cidade, de um Estado etc. seria levado para seus congêneres. O fluxo de informações encaminharia para a constituição de novas culturas, mercados e sociabilidades. As polarizações urbanas ganhariam em complexidade com essas cambiantes conexões do espaço reticular, dentre elas

²⁴⁴ Crônica original de 1931 publicada no *Minas Gerais* (20-21 jul. 1931) e republicada em coletânea de 2002.

também o futebol. Nesse particular, uma fute-polarização pode ser distinguida.

Aludimos ainda – além das novidades supracitadas – ao espaço intra-urbano, do qual o futebol dependeu de seus interstícios, rede de bondes e de iluminação pública etc. Destarte, acenamos para o propósito de um estudo que se presta a mostrar a organização espacial, o qual deve determinar (SANTOS, 2014, p. 56): (i) por que cada coisa está situada num determinado local em vez de outro qualquer?; (ii) em que medida os diferentes elementos de uma dada organização espacial podem vir a variar em sua distribuição; e (iii) por que uma inovação aparece em um dado local e não em outro. Ademais, referendamos ainda as discussões que mostram o efetivo papel dos centros regionais sobre a difusão de inovações²⁴⁵ quando nos reportamos aos jornais (com os recortes que utilizamos), transmissão de jogos, implantação de malha rododiferroviária, veículos de comunicação, estádios criados e clubes fundados. Nesses exemplos encontramos o desempenho dos nodos da rede de cidades da Zona da Mata.

No tocante ao aspecto econômico do espaço, Gisela Rio (2012, p. 167 e 173) avalia que uma de suas marcas é a presença das *descontinuidades intersticiais* que, tradicionalmente, são identificadas para conformar diferenças e limites entre regiões, áreas e zonas econômicas. Essas descontinuidades estão também associadas a barreiras que dificultam a circulação. Um importante papel das inovações é o seu efeito na eliminação/produção de descontinuidades espaciais. Determinantes na expansão do futebol, as ferrovias têm forte relação com o enunciado anterior, pois o crescimento de sua malha no século XIX até início do XX provocou uma expansão do espaço econômico da época. Assim, as descontinuidades deixaram de assumir o caráter de barreira para expressarem “vazios” que estavam sendo incorporados em rotas mais valorizadas. As manifestações socioculturais e econômico-materiais carregadas para tais vazios deixariam a zona de baixa densidade socioeconômica (recém engolida pela racionalidade moderna) recheada de inovações, a exemplo do rádio para Drummond. Entre elas, um então desconhecido tal de *foot-ball*.

Em seus espaços internos, um projeto capitalista moderno ia ditando as possibilidades locais de pessoas e equipamentos, interferindo novamente nos espaços intersticiais disponíveis para o futebol, na erradicação de campos e abalando o circuito inferior da economia e seus dependentes, algo marcante junto com as dificuldades socioeconômicas matenses a partir dos anos 1940. Dificuldades essas transpostas também para o futebol, cujo

²⁴⁵ Cf. BERRY, B. “Hierarchical Diffusion: the basis of developmental filtering and spread in a System of Growth Centers”. In: ENGLISH, P.W.; MAYFIELD, R.C. (Ed.). **Man, space and environment**. Londres: Oxford University, 1972, p. 340-359.

destino foi o de inibir a ação das agremiações locais em favor dos clubes mais midiáticos. Ou seja e mantendo os termos de Milton Santos: um circuito superior que pendeu contra os chamados clubes pequenos. Portanto, as peculiaridades do lugar dão o tom das inovações também no âmbito futebolístico.

Essa conjuntura marca nosso interesse sobre as inovações. Cada uma delas, a exemplo do futebol, deixou marcas profundas na geografia das cidades, os nodos da reticular expansão das inovações e do futebol. Vejamos concepções e noções acerca desses espaços organizados sob a forma de redes e que possibilitaram a aventura futebolística na modernidade.

b) Alguns conceitos e tipos de Redes Urbanas

Preliminarmente, observemos algumas concepções acerca das redes urbanas segundo renomados autores:

- Michel Rochefort (1960): o geógrafo francês/brasilianista admite que a hierarquia das cidades está associada às noções de rede urbana e de áreas de influência urbana, implicando em dois pontos a serem estudados quando se pesquisa sobre uma rede urbana: o tipo de cidades de cada região e as zonas de influência das médias e grandes cidades. Esses dois níveis hierárquicos de cidades permitem entender a organização urbana de uma rede, pois desenvolvem atividades não básicas que atendem à demanda de seus habitantes e isso as conectam com outras cidades de portes iguais ou diferentes. Ana Alvim (2009, p. 35) analisa esta posição de Rochefort: “[...] numa rede urbana há cidades que despontam, pois a lógica competitiva prevalece. Percebe-se então uma hierarquia em que o poder de domínio de algumas cidades chama a atenção, sendo assim, tais cidades possuem áreas de mercado e influência mais abrangentes”.

Rochefort (1960) salienta o alcance territorial das atividades urbanas: ter equipamentos e serviços terciários raros implica em controlar e influenciar uma dada extensão de terras. Depreende-se, então, que o mestre francês fazia coincidir a hierarquia das cidades com a hierarquia de serviços. Esta especialização produtiva das cidades pode levar a uma inibição ou complementaridades das mesmas atividades em outras cidades, o que reforça as disparidades e as funções entre os núcleos. Para Rochefort (1970), o perfil funcional da cidade lhe garantiria uma dada centralidade, importância relativa na rede urbana, ou posição nesta rede da qual participa. Depreende-se, então, a possibilidade de classificação dos núcleos

urbanos. “Os diferentes níveis de cidades estão associados às decisões de investimentos e inovações [...]. As cidades podem assim ser entendidas como centros de distribuição e propagação do modo de produção, atualmente majoritariamente capitalista”, avalia Alvim (2009, p. 36).

Em seu estudo sobre a região da Alsácia, Rochefort (1960) salientou o papel desempenhado pela cidade na relação com as demais cidades e, assim, com a própria região. Para a compreensão dessa rede relacional complexa defendeu que se recuperassem as fases de construção da vida urbana de uma dada cidade, o que traria à tona seu papel no sistema urbano regional. Michel Rochefort (1960) observou ainda que tal papel mudava em face dos sistemas técnicos, tal qual a rede férrea. Indicou uma divisão hierárquica das cidades (para fins de pesquisa) em 3 níveis funcionais – grandes, médias e elementares. Assim, a cada tipo de cidade corresponderia uma área de influência. Sobre os pressupostos desta hierarquia das cidades e de suas polarizações repousaria a noção do que é uma rede urbana.

Contudo, de modo arguto, Rochefort (1960) anteviu que para interpretar uma cidade não basta inseri-la na sua rede urbana regional, posto que existem relações e determinações que transcendem o plano regional. Em suma, uma correta geografia regional comparada das cidades deveria superar a própria região sob foco de investigação.

Outras pesquisas de Rochefort (1959;1961)²⁴⁶ com vistas ao entendimento da dinâmica das redes urbanas levaram em conta a hierarquização das cidades através de informações sobre a quantidade de estabelecimentos comerciais e do setor terciário sobre o conjunto da população de cada centro urbano (CORRÊA, 1967, p. 101).

- Roberto Lobato Corrêa (1989; 1997): a rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si, formada por vértices ou nós que são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas que criam caminhos e fluxos entre tais núcleos. Considera a rede urbana um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel social é o de articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução. Corrêa condiciona a existência das redes urbanas a três fatores básicos, sem os quais elas não ocorrem:

(i) envolve uma sociedade vivendo em economia de mercado, com transações comerciais

²⁴⁶ ROCHEFORT, M. “A organização urbana da Amazônia Média”. **Boletim Carioca de Geografia**, ano XII, n. 3 e 4, 1959.

ROCHEFORT, M. “Métodos de estudo das redes urbanas. Interesse da Análise do Setor Terciário da População Ativa”. **Boletim Geográfico**, n. 160, 1961. Orlando Valverde (1958) usou tal método e produziu um gráfico acerca das cidades mineiras da Zona da Mata em seu clássico estudo sobre esta região.

abarcando bens local e externamente produzidos, o que pressupõe uma mínima divisão territorial do trabalho;

(ii) deve haver pontos fixos no espaço onde (de modo temporário ou permanente) as transações são realizadas. Tais pontos possibilitam também outras transações, as quais tendem a concentrar outras atividades vinculadas a esses negócios, incluindo as de controle político-administrativo e ideológico, “[...] transformando-se assim em núcleos de povoamento dotados, mas não exclusivamente, de atividades diferentes daquelas da produção agropecuária e do extrativismo vegetal: comércio, serviços e atividades de produção industrial” (CORRÊA, 1989, p. 7);

(iii) é necessário um mínimo de interações que refletem e ratificam uma diferenciação hierárquica e/ou em termos de especialização produtiva entre os já referidos núcleos. Essas interações ocorrem no âmbito da circulação, etapa necessária para que as produções exportada e importada atinjam os mercados consumidores.

A articulação resultante da circulação vai dar origem e reforçar uma diferenciação entre núcleos urbanos no que se refere ao volume e tipos de produtos comercializados, às atividades político-administrativas, à importância como pontos focais em relação ao território exterior a eles, e ao tamanho demográfico. Esta diferenciação traduz-se em uma *hierarquia* entre os núcleos urbanos e em *especializações funcionais* (CORRÊA, 1989, p. 7, grifos nossos).

Apesar da dinâmica presente na rede urbana, conforme sua conceituação anterior deixa transparecer, em outra publicação, Lobato Corrêa (2006, p. 27) reconhece a força dos padrões espaciais herdados pelas cidades e suas regiões, cristalizando um padrão de funcionalidade urbana, ou seja, há uma tendência que a hierarquia de cidades existente permaneça ao longo dos anos, mas sem impedir a ocorrência de mudanças consideráveis. Para isso, o papel dos agentes econômicos, internos ou externos à cidade e à região, é fundamental, bem como a atuação dos agentes políticos.

- Milton Santos (1989, p. 214): a rede urbana é “[...] resultado de um equilíbrio instável de massas e de fluxos, cujas tendências à concentração e à dispersão, variando no tempo, proporcionam as diferentes formas de organização e domínio do espaço pelas aglomerações”. Como vimos há pouco, existe importante peso pretérito sobre as redes urbanas, herdeiras de fixos e fluxos organizados por décadas a fio. Essa *organização espacial por inércia* pode, contudo, mudar sob novos aspectos históricos, econômicos, políticos e técnicos, redefinindo a

conformação espacial construída preteritamente.

Transportes e comunicações – fatores intervenientes nas interações urbanas – podem alterar o padrão de concentração e de dispersão: quando mais eficientes e tecnificados, tendem a realçar a centralidade dos nodos. Como isso é particularmente conformado em cada área, é o que explica a singularidade dos diversos sistemas urbanos. As posições de Santos e Corrêa denotam perspectivas teóricas mais sociopolitizadas, enquanto Rochefort reafirma aspectos de mercado da Teoria dos Lugares Centrais, apesar de reconhecer que os diferentes níveis de cidades estão associados às decisões de investimentos e inovações (ROCHEFORT, 1970). Porém, uma visão funcionalista das cidades marca a perspectiva deste geógrafo. Frutos de seu tempo e da ciência aí praticada, esses autores reverberam as concepções ideológicas vigentes em cada época e lhes conferem importância acadêmica, não havendo deméritos naquilo que produziram.

Desse modo, a percepção de que os **transportes e as comunicações** também influenciam nas migrações, nas divisões do trabalho e no alcance da centralidade das cidades, são ilações possíveis através das perspectivas de Santos e Corrêa. Tais autores não se atêm apenas aos aspectos dos centros ofertantes e demandantes de bens e serviços ou à hierarquia daí formada. Portanto, os fluxos de pessoas, bens e serviços servem aos estudos das redes urbanas, uma vez que denunciam disparidades socioculturais e político-territoriais entre núcleos urbanos e suas regiões.

Como veremos adiante, circulação e comunicações tiveram papel vital na conformação da rede urbana da Zona da Mata, além de terem contribuído com a divulgação e a consolidação do futebol na região. Caminhos para escoamento do ouro, ferrovias e rodovias entre os séculos XVIII e XX são responsáveis pelo surgimento de cidades, atração de migrantes, contato com o então desconhecido futebol e jogos intermunicipais, divisão do trabalho etc. No âmbito comunicacional, jornais e revistas, rádios e televisões deram visibilidade ao futebol das cidades que detiveram tais mídias, influenciando nas articulações territoriais e na estruturação de centralidades e polarizações urbanas.

À complexificação técnica e científica presente nas cidades seguiu-se uma **intensificação funcional** que as envolve em simultâneas redes urbanas. As regiões de influência das diferentes cidades são chocadas com maior frequência e intensidade, enquanto as velhas funções urbanas são postas à prova por um mercado multifacetado; e enquanto as redes viárias estruturam novas interações interurbanas; dentre tantas dinâmicas que desafiam o que estamos aqui chamando de “organização espacial por inércia”.

Outras pesquisas (de geógrafos e demais cientistas sociais) também abordam as redes urbanas, ainda que não tenham a pretensão de conceituá-las, como tratamos até este ponto. Contudo, tais pesquisas reforçam os aspectos intrínsecos das redes urbanas. Eis os exemplos dados por Corrêa (1989, p. 10): a diferenciação funcional das cidades, as relações entre tamanho demográfico e desenvolvimento, a hierarquia urbana e as relações entre cidades e regiões.

Essas pesquisas de “partes” da rede urbana dominam a produção acerca da rede de cidades de Minas Gerais (incluindo nosso alvo, a Zona da Mata), como em Leloup (1970²⁴⁷ apud ARRUDA, AMORIM FILHO, 2002), IGA (1980) e em Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007), obras nas quais as determinações dos níveis hierárquicos das localidades mineiras foram objetivadas centralmente. Tais estudos foram utilizados nesta tese em paralelo com outras contribuições, cujo cotejamento permitiu uma visão de conjunto para o (sub)sistema urbano em questão.

As **redes** (geográficas) são formadas e reconfiguradas continuamente pela articulação entre os elementos fixos (cidades, casas, indústrias, aeroportos etc.) e os fluxos ocorridos entre estes mesmos elementos fixos. Essa articulação galgou um crescimento extraordinário nas últimas décadas, amparada pelos sistemas de transportes e de comunicações, os quais receberam vultosos acréscimos de investimentos devido ao papel central que vêm assumindo no mundo. Nos termos de Milton Santos (2004, p. 277): “Animadas por fluxos, que dominam o seu imaginário, as redes não prescindem de fixos – que constituem suas bases técnicas [...]. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes”.

Os chamados “nós” das redes também respondem aos preceitos técnicos e científicos verificados contemporaneamente, pois estes permitem que a produção seja elaborada com menos espaços em virtude dos ganhos de produtividade. Além disso, a virtualidade e a concretude dos fluxos são operadas a partir de bases concentradas nesses nós das redes, metrópoles, em geral, bem como nos demais polos hierárquicos. As **cidades** tornaram-se grandes cidadelas, envoltas em produção e proteção da base econômica e financeira, bem como em **expressão espacial da divisão social e territorial do trabalho**. Essa ideia fica assim exposta por Corrêa (1997, p. 108 e 109):

A divisão territorial do trabalho em escala crescentemente mundializada só é possível a partir de numerosas redes técnicas engendradas no bojo da expansão capitalista. Redes que se manifestam sobretudo em uma cada vez

²⁴⁷ LELOUP, Y. *Les villes du Minas Gerais*. Paris: IHEAL, 1970, 301 p.

mais complexa rede urbana cujos centros são, do ponto de vista funcional, simultaneamente especializados e hierarquizados, focos, portanto, de diversos fluxos.

As cidades mundiais ou globais [...] constituem [...] os epicentros de numerosas, complexas e desiguais redes que tornaram a organização espacial caleidoscopicamente fragmentada e globalizada. [...]

Na fase atual do capitalismo [...] todos estamos inseridos em mais de uma rede geográfica e, simultaneamente, excluídos ou ausentes de um número ainda maior de redes.

Em suma, as articulações interurbanas passaram a fluxos tornados mais intensos e envolvendo diferentes níveis hierárquicos de cidades. Como já vimos, a ciência acompanhou esse rito: primeiro, estudos a respeito de uma cidade ilhada e, depois, de uma cidade sob conexões complexas. Esta noção também se refletiu sobre as tipologias de redes urbanas concebidas.

Os **tipos de redes urbanas** estão sumariados a seguir a fim de apontar as características relevantes sobre a organização espacial das cidades e de suas redes.

a) Corrêa (1989): apresentou dois modos de organização espacial das redes urbanas, classificando-as em *dendríticas* e *complexas*.

A **rede dendrítica** é a forma espacial mais simples de rede urbana. No Brasil, foi uma marca do período colonial, quando uma cidade era criada em ponto estratégico e excentricamente localizada face a sua futura hinterlândia. Tal cidade “[...] de localização junto ou próximo ao mar, é o ponto inicial de penetração e conquista do território à sua retaguarda, e sua porta de entrada e saída” (CORRÊA, 1989, p. 72). É o caso do Rio de Janeiro, o maior exemplar da nossa fase colonial. A contar de agora, vamos nos valer desse modelo espacial e vertê-lo para a pesquisa em tela, que envolve o Rio, principal centro polarizador da Mata.

Sua função portuário-exportadora do ouro e do diamante de Minas Gerais, principalmente, lhe rendeu papel de destaque na economia dos séculos XVIII (quando foi outorgada como capital) e XIX. O Rio de Janeiro passou a concentrar grande parte do comércio de importação e exportação, tornando sua hinterlândia partícipe da divisão internacional do trabalho. Ao concentrar as atividades comerciais e de administração, o Rio acabou “[...] transformando-se em núcleo desmesuradamente grande em relação aos demais centros que controla. É uma *cidade primaz*”, afirma Corrêa (1989, p. 72).

Essa condição da primazia carioca foi tão fortemente estabelecida que, ainda hoje, a capital fluminense detém elevados níveis de concentração econômica e populacional no Estado (OM, 2005, p. 75). Do mesmo modo que no período colonial, o efeito primaz do Rio

de Janeiro sobre suas regiões de influência formou grandes desequilíbrios socioeconômicos e suscitou o surgimento de uma região metropolitana historicamente carente de infraestrutura urbana, bem como porções empobrecidas no interior dos estados do Rio de Janeiro (Região Noroeste Fluminense) e de Minas Gerais (Zona da Mata), apontam várias pesquisas, como a de Santos, Costa e Vasconcellos (2011) para publicação do IPEA.

Em parte, o desnível socioeconômico entre o **Rio de Janeiro e sua hinterlândia** é decorrência da conformação espacial da rede dendrítica, marcada pela ausência/escassez de centros intermediários e pelo excessivo número de pequenos centros, os quais realizam entre si “[...] múltiplas transações onde cada pequeno centro recebe *de* e envia *para* um núcleo maior e mais próximo da cidade primaz”, criando um esquema de drenagem dos recursos em geral que a privilegia, pois “[...] à medida que se afasta da cidade primaz, os centros urbanos diminuem gradativamente de tamanho populacional, valor de vendas do comércio atacadista, serviços e em termos de expressão política” (CORRÊA, 1989, p. 72 e 73). Portanto, a “organização espacial por inércia” do Rio ainda tem grandes nuances de atualidade. Outros exemplos de sistemas urbanos assentados sobre redes dendríticas foram comuns, como São Luís, Recife e Salvador. As rugosidades também estão presentes nestes casos.

Quanto à forma espacial, as redes dendríticas, como o termo sugere, estão intimamente ligadas a um eixo de penetração. Daí a estratégia dos colonizadores em se apoderar das regiões das baías (Rio de Janeiro e Salvador) e das desembocaduras de rios (Belém e Buenos Aires). As redes viárias terrestres também tiveram forte influência na criação das redes de cidades, como nas fases de exploração aurífera em Minas Gerais (com o Caminho Novo até o Rio de Janeiro, passando pela Zona da Mata) e cafeeira, sobretudo em São Paulo, quando as cidades “pontas de ferrovias” e “bocas de sertão” adensavam o povoamento e a ocupação territorial (MONBEIG, 1984).

Já as **redes complexas**, constituem redes urbanas com formas espaciais que apresentam complexo padrão locacional dos centros, resultante de longo e diversificado processo de criação e recriação de atividades produtivas. Por isso, antigas redes dendríticas podem ascender à condição atual de redes complexas, ao multiplicar a criação, apropriação e circulação dos valores excedentes produzidos: “[...] o território participa de modo variado na divisão territorial do trabalho [DTT], sendo dotado de uma rede urbana caracterizada por uma complexa tipologia de centros, cada tipo apresentando um padrão locacional próprio” (CORRÊA, 1989, p. 75 e 77), isto é, são correlatas a forma espacial da rede urbana e a sua complexidade funcional.

Esta complexidade funcional “[...] traduz-se em uma desigualdade espacial onde aparece um setor densamente urbanizado, a região urbano-industrial – *hearthland* ou *core region* [...] -, e uma hinterlândia com áreas de densidades urbanas variáveis porém mais baixas” (CORRÊA, 1989, p. 77). Portanto, desigualdade e complexidade são também correlatas. A complexidade funcional também pode estar associada à existência de numerosos tamanhos demográficos dos centros urbanos.

Corrêa (1989, p. 77) assim apresenta a forma espacial da rede urbana complexa: ela “[...] é resultante da ação de vários processos, cada um implicando localizações específicas, dotadas de uma lógica que, se não é inexorável, é simultaneamente própria a cada atividade e ao momento de sua implantação”, mas que não é aleatória, pois cada localização advém de uma “[...] decisão dotada de maior ou menor racionalidade”.

Uma real rede urbana complexa no Brasil dependeu da suspensão do padrão espacial das “ilhas regionais” de um “Brasil-arquipélago” para a integração nacional promovida pelas políticas de Estado, sobremaneira desde meados do século XX, através das redes elétrica, rodoferroviária, telegráfica, telefônica e de comunicações. As redes urbanas regionais não seriam mais as mesmas, nem as desigualdades criadas com a nova DTT. Grandes migrações interregionais, crescimento econômico e demográfico acelerado de regiões metropolitanas, bem como uma urbanização (caótica) célere saltam aos olhos nas décadas de 1950 a 70, quando começa a surgir uma interiorização maior dos recursos econômicos e infraestruturais com base nas cidades de porte médio, dando passagem ao processo de desmetropolização e de gradativa descentralização industrial de São Paulo e do Sudeste.

Os aportes técnicos e de infraestrutura (universidades, estadas, aeroportos etc.) e os investimentos ditos produtivos (como novas plantas industriais) concentraram-se no Centro-Sul do país, destacando a vantagem comparativa dos lugares e as atraentes condições das cidades médias face às grandes. Exatamente, claro, no Centro-Sul existem os clássicos exemplares de subsistemas urbanos que se complexificaram, notadamente em São Paulo.

b) Corrêa (1997; 2011): nessas obras o autor vislumbra novas visões e classificações acerca das redes urbanas. As **formas espaciais** assumidas pelos sistemas de cidades são revisitadas por Corrêa (2011, p. 206), as quais são consideradas – assim com as redes geográficas – em função de sua funcionalidade, expressa por meio do conteúdo e dos fluxos que apresentam. Tais formas seriam responsáveis, então, pela formação dos *arranjos espaciais*, classificados em solar, dendrítico, christalleriano, axial, circular e de múltiplos circuitos. Cada forma tem

um sentido próprio:

- *Solar*: estrutura fortemente concentrada na cidade primaz, em torno da qual gravita a vida econômica, política e cultural;
- *Dendrítica*: de origem colonial e com forma análoga a de uma rede fluvial, onde a principal cidade é excêntrica à rede e está, comumente, próxima à foz do rio que drena sua rede urbana;
- *Christalleriana*: combina aspectos dos 2 tipos anteriores, mas diferentemente destes tem nítida hierarquia entre seus centros. Ocorre em áreas de agricultura comercial e de fácil circulação;
- *Axial*: resultante de um modelo de circulação linear;
- *Circular*: modelo sem aparente domínio de um centro sobre os demais, como se dá nos mercados periódicos;
- *de Múltiplos Circuitos*: tipo mais complexo, típico de áreas industrializadas com elevada urbanização e DTT (Divisão Territorial do Trabalho) muito significativa.

A Zona da Mata apresentou, ao longo de sua trajetória, nuances de diferentes arranjos espaciais em relação à tipologia anterior. Contudo, indubitavelmente o padrão dendrítico foi o de maior expressão no âmbito do processo de exportação do ouro. Trechos centro-norte matenses ocupados pelos rios Pomba e Piranga, por exemplo, tiveram apelo constitutivo da rede de cidades da Mata sob influência axial. O sul da região teve nítida primazia de Juiz de Fora, onde também (e por isso mesmo) é notável a enorme presença de pequenas cidades.

Outra classificação empreendida por Lobato Corrêa (2006) acerca das redes urbanas releva suas **estruturas dimensional, funcional e espacial**.

- **Estrutura dimensional**: diz respeito ao tamanho dos centros de uma dada rede, revelando o grau de concentração ou dispersão da população e das atividades, como nas redes macrocefálicas comandadas por *cidades primazes*, nas quais há nítida carência/ausência de núcleos intermediários. Os efeitos da concentração ou dispersão populacional e de atividades suscitaram debates acerca do (des)equilíbrio das redes urbanas, vertendo para a senda do planejamento, que, no Brasil, foi expressa mediante as políticas de fortalecimento das cidades médias (na década de 1970).
- **Estrutura funcional**: está ligada às atividades desenvolvidas pelos centros urbanos, tendo em vista que promovem a diferenciação entre centros de uma determinada rede urbana e entre redes urbanas. Esta diferenciação funcional é operada através de 2 processos:
 - *Competição*: baseada na hierarquia urbana, a competição se manifesta pela grande

disputa entre empresas comerciais e de serviços de diferentes centros por hinterlândias mais amplas, absorvendo ou reduzindo hinterlândias de centros rivais.

- *Cooperação*: tende a ocorrer entre centros onde há empresas com funções complementares, interdependentes. No entanto, por estar associada a uma complexa DTT, a cooperação pode ser transformada em competição, e esta em cooperação. Corrêa (2006, p. 68) revela que os pares mais frequentemente encontrados são competição-hierarquia e cooperação-complementaridade.

A partir de tais concepções os estudos sobre redes urbanas recaíram sobre a *gestão do território*, considerando as atividades de controle e decisão da vida econômica em diferenciadas escalas (das locais/regionais até atingir as internacionais). “As sedes sociais das grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas são os indicadores chaves desses estudos, mas a análise da distribuição espacial das filiais constitui-se em um mais refinado e complementar indicador” (RODRIGUES, SILVA, 2007, p. 58). Diante do poder agora desfrutado pelas metrópoles, a noção de *cidade global* ganha força (SASSEN, 1998) em razão da gestão que passaram a desempenhar, controlando parcela significativa da economia mundial.

Analisando o sistema urbano brasileiro, o IBGE (2014, p. 18) interpretou os padrões de gestão do território em uma dupla base de dados independentes, representantes das formas com que Estado e mercado organizam o espaço: a gestão pública, vista através das instituições estatais, e a gestão empresarial, sob a ótica das ligações entre sedes e filiais de companhias.

Apesar dessa pesquisa de ordem nacional do IBGE (2014), com o enredamento das cidades de variados níveis hierárquicos para o sistema urbano da contemporaneidade, cada centro começou a figurar em mais de uma rede, na qual, segundo Corrêa (1997, p. 100), ocupa uma posição conhecida (metrópole, capital regional etc.) e outra menos sistemática e mais irregular. Assim, saber o escalão hierárquico de uma cidade não é mais suficiente para descrever e explicar sua importância na rede urbana.

- **Estrutura espacial**: constituída, no plano teórico, das estruturas dimensional e funcional, articuladas ao longo do tempo e na qual a inércia de organizações espaciais está presente em maior ou menor grau. Por meio da estrutura espacial, as estruturas dimensional e funcional da rede urbana são mais bem compreendidas, pois ela se refere ao modo como os centros urbanos e os fluxos estão dispostos num dado segmento da superfície terrestre (RODRIGUES; SILVA, 2007, p. 58). Desse modo, o arranjo espacial das redes urbanas volta a ser considerado enquanto tema de pesquisas em Geografia Urbana.

3.2.3 – Exemplos notáveis de estudos sobre Redes, Influências e Hierarquias Urbanas brasileiras

Nesta subseção apresentamos quatro obras do IBGE (1972, 1987, 2000 e 2008) e uma coprodução do IBGE, IPEA e UNICAMP (2002) com o intuito de oferecer a visão desses estudos sobre a temática da influência urbana, pois reúnem o maior trabalho acerca das cidades brasileiras (de grande e médio porte) e suas respectivas polarizações e hinterlândias. Seguindo esse critério, para o caso de Minas Gerais, adotamos as pesquisas empreendidas por Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982); Arruda e Amorim Filho (2002); e Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007) pela sua relevância e qualidade. O objetivo aqui perseguido é o de **conjuguar visão de conjunto sobre a rede urbana brasileira com o caso específico da Zona da Mata e de Juiz de Fora e suas relações com Rio de Janeiro e Belo Horizonte.**

Ademais, as pesquisas aqui selecionadas apresentam estudos em diferentes períodos cronológicos, o que permite a comparabilidade da evolução das áreas de influência, observar as novas polaridades surgidas e também as cidades que passaram a ter duplicidade de influência metropolitana etc. A obra mais recente do IBGE (2008) ganhou prioridade para fins de apresentação em função de sua atualidade.

As quatro produções do IBGE (1972, 1987, 2000 e 2008) supracitadas foram operacionalizadas com “base na definição de um rol de bens e serviços que, medidos o volume e a origem da procura, traduziram a diferenciação entre as localidades centrais e ofereceram condições para que fosse estabelecida a escala hierárquica dos centros”, resenha o IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2009, p. 5).

Começar uma análise a partir de obras que retratam a rede urbana brasileira dos anos 1960 em diante parece tardio, mas isso decorre do próprio fato de ter ocorrido a integração territorial nacional somente nos idos dos anos 1950, inviabilizando a ideia de uma “rede urbana”, já que eram escassos os estudos a respeito das cidades e de suas respectivas zonas rurais. Roberto Lobato Corrêa (1967, p. 96-97) apresenta também outro motivo: o desenvolvimento tardio da ciência geográfica no país, em conjunto, como decorrência do demorado interesse da escola francesa em estudar a temática da rede urbana, principalmente por seu destacado papel metodológico sobre a geografia brasileira.

Entretanto, o Rio de Janeiro e sua região de influência foram contemplados com uma pesquisa conduzida por Costa Pinto (1953), cujo propósito era verificar quais os limites da região do Rio de Janeiro. Para tal, utilizou como ponto de partida as relações recíprocas da

capital com os municípios do entorno. Os centros do interior que estabeleceram mais de 50% de suas ligações interurbanas e que contassem com mais de 2.000 passageiros por mês em direção ao Rio de Janeiro fariam parte de sua região de influência, bem como os municípios que receberam mais de 100 jornais por dia oriundos da capital carioca. Costa Pinto (1953) define que a **região polarizada pelo Rio de Janeiro** forma um arco que passa por Vitória-ES, pela “zona do minério” (referindo-se ao centro-sudeste de Minas Gerais) e chegando a Angra dos Reis-RJ. A esse respeito afirma que **Juiz de Fora, Leopoldina**, Campos e Barra Mansa compõem constelações regionais com suas respectivas localidades vizinhas e todas elas ligadas ao Rio de Janeiro. Lobato Corrêa (1967, p. 99) salienta que o estudo de Costa Pinto representa “um trabalho pioneiro sobre aspectos da rede urbana propriamente dita”.

Devido ao limitado número de trabalhos sobre as redes urbanas, o estudo supracitado funciona como um lance de sorte por abarcar as cidades de Juiz de Fora e Leopoldina, mostrando e ratificando seus históricos vínculos com a então capital guanabariana. O mesmo pode ser afirmado acerca do trabalho de Guimarães (1962 apud CORRÊA, 1967, p. 100)²⁴⁸, ocupado em afirmar os níveis hierárquicos do Rio de Janeiro (metrópole), Belo Horizonte (grande capital regional) e Juiz de Fora (centro regional), dentre outras localidades, com base na proporção dos serviços frente ao conjunto da população municipal.

a) Regiões Funcionais Urbanas – IBGE, 1972

Esta obra de 1972, cujo nome exato é *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*, resulta de dados levantados em 1966 a partir da aplicação de questionários nos municípios, sendo uma revisão de um estudo anterior (denominado *Esboço preliminar da Divisão do Brasil em Espaços Polarizados*, de 1967) e foi elaborada para fins de ação administrativa. Não contou com mapas das regiões de influência urbana, mas indicou as chaves de pertencimento de cada cidade brasileira, incluindo casos de duas ou mais polarizações simultâneas.

Apesar de ser uma obra sucinta, com pouco mais de 100 páginas, algumas tendências conclusivas acerca da rede de cidades no Brasil podem ser anunciadas (IBGE, 1972, p. 9):

1) crescentes integrações entre atividades socioeconômicas de regiões diferentes;

²⁴⁸ GUIMARÃES, M. R. “Determinação da hierarquia dos centros urbanos na Região do Rio de Janeiro através de métodos indiretos. Notas para o estudo da organização urbana na Região do Rio de Janeiro”. **Instituto Pan-Americano de Geografia e História**, Rio de Janeiro, n. 139, 1962.

- 2) as cidades são os locais com infraestrutura de serviços capazes de proporcionar economias externas suficientes para atrair novos investimentos;
- 3) as cidades também são o local onde se podem instalar mais racionalmente os serviços sociais básicos;
- 4) as hierarquias urbanas indicam vantagens e desvantagens locais das diferentes regiões e cidades para diferentes atividades econômicas e sociais.

Essas mesmas tendências estão delineadas (também nos anos 1960) na seguinte exposição de Lobato Corrêa (1967), ao mostrar a delimitação da influência soteropolitana, o que também explica a afirmação belo-horizontina sobre o Norte de Minas Gerais ter sido mais contundente que nas regiões mais ao sul do Estado, nas quais as contendas com Rio de Janeiro e São Paulo eram mais acirradas.

[...] os efeitos da economia colonial podem ser sobrepostos pelos efeitos da economia voltada para os mercados internos. É o caso da desarticulação parcial da estrutura existente na Bahia, onde verificou-se abertura de rodovias ligando o território baiano ao Sudeste do país, causando uma mudança de hierarquia urbana e dependência maior aos grandes centros metropolitanos do Sudeste, mas não impedindo que certas relações com Salvador fôssem mantidas, graças à tradição comercial e à função administrativa que Salvador possui, herdadas do período colonial (CORRÊA, 1967, p. 101).

O relato acima encontra eco nas proporções de torcedores amealhados pelos clubes baianos, segundo Pluri Sthocos (2013, p. 4), circunscritos praticamente ao próprio Estado, onde ainda enfrentam a sensível concorrência das agremiações cariocas e paulistas, as preferidas no interior. As tradicionais equipes baianas – Bahia e Vitória – têm a maioria de torcedores apenas na Região Metropolitana de Salvador.

Ampliando a questão da relação polarização urbana-preferência clubística para todo o Nordeste, aí verificamos que mais da metade da população “torce para times do eixo Rio-São Paulo, sendo 32,2% torcedores de times cariocas e 19,1% de times paulistas” (PLURI STOCHOS, 2013, p. 4). A exceção regional fica por conta de Pernambuco, cuja população é adepta dos times locais²⁴⁹.

Em termos metodológicos, o IBGE (1972, p. 10) considerou que cidade não é apenas uma forma, mas uma estrutura, que é dada pela existência de uma economia básica urbana, capaz de estabelecer laços econômicos entre as cidades e suas regiões. Parte-se, assim, dessa ideia para a hipótese de que pontos (as cidades) e linhas (os fluxos) têm capacidade de

²⁴⁹ No capítulo 5 foi analisado um episódio de repulsa das torcidas de Recife em face de um clássico carioca entre Botafogo e Fluminense (em 2013) que foi marcado para a cidade.

organizar uma estruturação específica do espaço. Para sua concretização foi usado o método da contagem de relacionamentos ou vínculos mantidos entre os centros urbanos nos seguintes setores de atividades: fluxos agrícolas, distribuição de bens e serviços à economia e à população²⁵⁰.

Tais vínculos e relacionamentos foram vistos através:

- 1) da rede viária e dos fluxos de passageiros materializada pelas linhas (estradas)²⁵¹;
- 2) da pesquisa direta, pelo levantamento dos locais que promovem a distribuição de bens e serviços por sua rede de comércio, seus serviços de saúde, bancos, educação etc.

Para auferir a mensuração das áreas de influência e das hierarquias urbanas, o IBGE (1972, p. 10-11 e 129) usou questionários desenvolvidos pelo EPEA (então Escritório de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre as relações dos municípios brasileiros, incluindo os fluxos agrícolas. Os questionários foram aplicados apenas para os municípios com mais de 10 mil habitantes.

Alguns dos resultados obtidos pelo IBGE têm **confluências com o presente estudo** e relevância para o mesmo, quais sejam:

1) A disputa entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro pelo território mineiro²⁵²:

“Além de ser muito menor, a área do Rio de Janeiro [em relação a São Paulo], [...] vai se reduzindo progressivamente, sobretudo em Minas Gerais, onde o grande desenvolvimento de Belo Horizonte e a nova rede viária vem reforçando a metrópole mineira no Estado”, em detrimento da influência do Rio de Janeiro (IBGE, 1972, p. 17). Anteriormente, Belo Horizonte era tida como parte da área de influência carioca (IBGE, 1972, p. 20). Como endosso da dotação urbana crescente de Belo Horizonte nesse período – os anos 1960 –, houve a **criação do Mineirão**, tido como espaço-símbolo da modernidade mineira no quesito futebol, justamente para não se pôr de forma inferior ao Rio de Janeiro e São Paulo, que já dispunham de grandes estádios. Coincidência ou não, nos primeiros anos da “era Mineirão” os clubes mineiros venceram 2 campeonatos brasileiros (1966 e 1971) e 1 Libertadores (1976), e à medida que Belo Horizonte ampliava sua influência sobre o território mineiro, o mesmo se dava com o número de torcedores amealhados por Cruzeiro e Atlético. Mais uma vez, a “variável futebol” tem suas interseções com a geografia: indica a centralidade belo-

²⁵⁰ O referencial utilizado pelo IBGE é derivado de HAGGETT, Peter; CHORLEY, Richard J. **Socio-economic models in Geography**. London: University Paperbacks, 1967.

²⁵¹ Ideia com base em BERRY, Brian; GARRISON, W. **Últimos desarrollos de las estructuras territoriales**. Barcelona, 1968.

²⁵² Vide mapas (3.16 a 3.19) acerca da evolução da polarização carioca em Minas Gerais.

horizontina e a extensão de sua hinterlândia, o poder territorial, a modernidade e seus novos equipamentos urbanos (aqui tipificado pelo Mineirão), dentre outras convergências²⁵³.

A **influência do Rio de Janeiro** ocorria, à época, sobre 52 centros urbanos nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Guanabara, extremo sul da Bahia e parte da **Zona da Mata Mineira, incluindo Muriaé e Juiz de Fora**. Esta última cidade é o “centro mais populoso da rede carioca (exclusive Niterói) e o de funções mais diversificadas, graças ao seu setor industrial. É a única cidade que na metade sul de Minas Gerais, realmente, desenvolveu uma grande projeção regional” (IBGE, 1972, p. 20 e 21). Não obstante a perda de influência que teve o Rio de Janeiro nas décadas posteriores, no contexto do futebol a presença da polarização carioca não cambiou entre capixabas, baianos e mineiros da Zona da Mata, conforme Pluri Stochos (2013). No caso do Espírito Santo, ao contrário da Bahia, mesmo na sua Região Metropolitana não há menção aos clubes locais nem entre os 15 mais bem votados na pesquisa do Instituto Futura (2011). O primeiro clube não carioca é o Corinthians, em 5º lugar. O São Paulo é o 6º, enquanto o primeiro time fora do eixo Rio-São Paulo, o Cruzeiro, surge em 7º. A distância em termos percentuais, no entanto, é astronômica: 85,2% torcem por times cariocas (com 54,8% de flamenguistas), 7,4% pelos paulistas (destes, 3,7% são corinthianos) e 4,7% pelos clubes mineiros (sendo 3,3% de cruzeirenses)²⁵⁴.

A **proximidade histórica entre Juiz de Fora e o Rio de Janeiro** suscitou uma **rivalidade com Belo Horizonte**, patente nas primeiras décadas do século XX, expressas por meio da prioridade dada ao polo industrial de Contagem (em detrimento de Juiz de Fora, que já contava com indústrias desde o século XIX), pela transferência da Academia Mineira de Letras de Juiz de Fora para a capital e, claro, pelos inúmeros jogos de futebol entre as equipes das duas cidades.

Contudo, se a **influência de Belo Horizonte** sobre Juiz de Fora ainda era pequena, por outro lado ela crescia e se sedimentava no Centro-Oeste, no Leste e no Norte de Minas Gerais: a “ampliação de sua área de influência está se fazendo em detrimento da do Rio de Janeiro, o qual perdeu, na década de 60, as regiões de Governador Valadares e Teófilo Otoni, graças às novas ligações rodoviárias que as ligam a Belo Horizonte” (IBGE, 1972, p. 21), cuja hinterlândia ainda abrigava Divinópolis e Montes Claros como núcleos expressivos, totalizando 80 centros urbanos.

A publicação do IBGE (1972, p. 21-22) volta a considerar o interior mineiro, ao

²⁵³ Análises mais aprofundadas sobre o papel dos estádios na modernidade urbana estão no capítulo 2.

²⁵⁴ A pesquisa do Instituto Futura foi realizada durante dez anos consecutivos (de 2001 a 2011) e em todos eles a torcida a favor dos clubes cariocas superou a casa dos 80%.

afirmar que o Sul de Minas e a Zona da Mata têm cidades de pequena importância regional em função da grande penetração da influência de São Paulo (ex.: em Varginha) e do Rio de Janeiro (ex.: em Muriaé). O Triângulo Mineiro também estava sob a influência paulistana, a maior dentre as metrópoles do Brasil, alcançando 164 centros urbanos. Em Milton Santos (1967, p. 89-90) também é possível observar o mesmo: “Existe a tendência à formação de uma verdadeira região polarizada [...] em vista da rede de inter-relações e do sistema de interdependência total que se estabelece entre os diferentes centros da rede”.

Embora a referência inicial aqui adotada seja a do IBGE, já existiam estudos anteriores mostrando as múltiplas influências urbanas sobre Minas Gerais. Em um deles, Pierre Monbeig (1949, p. 737-739), ao fazer dois trabalhos de campo ainda em fins dos anos 1930, relatou que a influência paulistana crescia para novas regiões em função das novas ligações rodoviárias efetuadas, dentre as quais o Triângulo Mineiro, o sudeste de Goiás e o Mato Grosso.

De modo análogo ao de Monbeig (1949), Milton Santos (1967, p. 79-80) dá pistas da polarização urbana delineada desde fins do século XIX até meados do XX, ao apontar a supremacia do Rio de Janeiro no conjunto da rede urbana brasileira, cuja primazia seria quebrada por São Paulo de acordo com o recenseamento de 1960 (SANTOS, 1967, p. 80). A demora de São Paulo em equilibrar as forças da **polaridade urbana** com o Rio levou a uma supremacia carioca na consecução de **adeptos para seus times de futebol na vasta hinterlândia em disputa**, lembrando que, para isso, valeu-se a metrópole litorânea de uma já consolidada rede de comunicações desde o final do século XIX, quando chegou a ter quase 9 vezes mais habitantes do que São Paulo²⁵⁵, de acordo com o primeiro recenseamento, em 1872.

Belo Horizonte, por sua vez, aparece no ranqueamento das mais populosas cidades brasileiras somente a partir dos anos 1930 (SANTOS, 1967, p. 80), permitindo depreender a limitação imposta aos clubes de futebol de Minas Gerais para amealhar torcedores no já fatiado mercado dominado por cariocas e paulistas. Faz-se notar, neste estudo de Milton Santos (1967, p. 89) a designação dispensada a **Belo Horizonte como “metrópole incompleta”**, tendo que lutar contra os centros tradicionais para impor sua polaridade em Minas Gerais e até em trechos de Goiás e Espírito Santo.

É mister ainda reconhecer que a **polarização carioca sobre a Mata esteve guarneçada por um considerável isolamento entre as próprias cidades matenses, e destas**

²⁵⁵ Segundo o Censo de 1872, o Rio de Janeiro contava 272.972 habitantes, a mais populosa cidade brasileira do período, e São Paulo 31.385, apenas a 10ª colocada (IBGE, 2015, s/p).

com Belo Horizonte no que tange à formação de uma malha rodoviária. Isso mudaria a contar da década de 1960, exatamente quando também contamos o início da decadência do Rio de Janeiro, embora as vias conectoras datem dos anos 30 (caso da Rio-Bahia, que integrou – somente – o leste matense entre si). Segundo a UFV (1971, p. 73), em 1969 a Zona da Mata dispunha de 918 km de estradas pavimentadas (federais e estaduais) contra 4.525 de estradas de chão, evidenciando o quão ainda haveria de caminhar a articulação matense consigo e com o restante de Minas Gerais.

Congregando tais ideias sobre o crescimento nacional das torcidas de futebol com o espraiamento das inovações via comunicações, pode-se valer de Milton Santos (1967, p. 83, grifos nossos)²⁵⁶, que assim define a nova integração territorial promovida pelo Brasil urbano que se desenhava:

O deslocamento destes milhares de indivíduos para as cidades responde, quase sempre, a uma preocupação com a melhoria das condições de vida. Evidentemente, os fatores psicológicos são importantes. São o resultado da incorporação de numerosas regiões, incorporação brusca em certos casos, aos *modos de vida da sociedade industrial* [...]. *Os novos meios de comunicação são os responsáveis desta revolução.* A estrada, o avião, aproximando as áreas de crescimento uma das outras, facilitam os contatos e a *propagação das novidades*. São poderosos estimulantes, elementos de provocação muito importantes. O rádio teve um papel bastante importante [...]. O transistor veio concluir esta evolução [...].

O excerto anterior encontra guarida quando é sabido que o futebol ganhou popularidade (e novos territórios) junto com a modernidade nascente no início do século passado, configurando sociabilidade e esportividade novas aos maiores centros urbanos brasileiros que as repassavam às suas hinterlândias, assim como já haviam feito as cidades inglesas mundo afora, incluindo influenciar aristocratas e populares.

2) Articulação entre divisão social e territorial do trabalho com o futebol

O Brasil já era considerado, pelo IBGE (1972, p. 17), dividido em Centro-Sul, Nordeste e Amazônia sob o ponto de vista da organização urbana. Um olhar arguto sobre um aspecto do futebol também confirma tal divisão do país: o dos finalistas do campeonato brasileiro, organizado a partir de 1959. Há um amplo domínio dos clubes do Centro-Sul sobre os demais e não há nenhuma presença dos clubes da Amazônia na competição de 59, lembrando que a Amazônia constituía o espaço menos integrado à recente e inédita conexão territorial brasileira iniciada nos mesmos anos 1950, que foi capaz de forjar uma primeira

²⁵⁶ Cf. item 3.2.4 acerca das “regiões jornalísticas” concebidas por Santos (2007).

divisão do trabalho no país. O professor Milton Santos (1967, p. 84) confirma tal situação quando advoga que até “[...] 1940, o Norte e o Sul não podiam comunicar-se nem por via férrea, nem por estrada de rodagem”, revelando a novidade de uma recém instaurada integração territorial nacional. À precária integração ferroviária criada na primeira metade do século se sobrepôs uma rede rodoviária que proporcionou maior flexibilidade nos fluxos sociais e comerciais: “A industrialização criou [...] uma *urbanização interior* e, ao mesmo tempo, formas novas de relação entre metrópole econômica e centros regionais realizada por intermédio do caminhão” (SANTOS, 1967, p. 84).

Esse novo modelo dos transportes vai se encaixar nas novas necessidades econômicas do período, interiorizando as ligações rodoviárias e retirando a histórica dependência dos portos brasileiros com o exterior e, portanto, servindo mais a uma logística paulistana que carioca. Soma-se a essa perda do Rio de Janeiro uma outra ainda mais arrasadora, o esvaziamento político ocorrido com a transferência da capital federal para Brasília, com a consequente retirada de privilégios, incluindo a decisão locacional de atividades econômicas. Enfim, São Paulo reforça sua posição de metrópole principal frente ao **enfraquecimento do Rio de Janeiro** que, simultaneamente, perde **influência no leste e sudeste de Minas Gerais para Belo Horizonte**.

O IBGE (1972, p. 18) constatou ainda uma suborganização urbana dos espaços do Nordeste e da Amazônia em decorrência de influência externa. Alguns autores, como Corrêa (2005, p. 86), relativizam a tese de que São Paulo e Rio de Janeiro, ou o próprio Sudeste, se tornam mais ricos que o Nordeste em razão da exploração exercida sobre esta região, pois “o Sudeste e o Sul são as principais regiões de produção de excedentes para a acumulação capitalista centrada em São Paulo e Rio de Janeiro”.

b) Regiões de Influência das Cidades – IBGE, 1987

Esta obra do IBGE (1987, p. 9-11) foi concluída em 1983, mas com base em dados de questionários de 1978, constituindo uma revisão de a *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas* (1972). Com isso considerado, focaremos nos avanços e modificações apresentados, resultando em uma exposição mais sumariada sem, contudo, perder o foco nos resultados mais proeminentes para esta tese.

Quanto ao aporte teórico-metodológico, há um respaldo conceitual evidente em W.

Christaller (1933) e sua teoria dos lugares centrais:

O modelo em questão refere-se, como o próprio Christaller afirma, a uma situação ideal. As críticas que recebeu, apoiadas em grande parte, em estudos empíricos, foram numerosas. [...]. Contudo, [...] emergiria uma rede hierarquizada de localidades centrais desde que houvesse uma economia de mercado que interligasse entre si numerosas áreas, cada uma com excedentes locais e consumo de bens e serviços não localmente produzidos (IBGE, 1987, p. 12).

A aferição das áreas de influência urbanas e das hierarquias urbanas teve como base a dotação de equipamentos e serviços urbanos, como escolas, hospitais, bancos etc. (IBGE, 1987, p. 17). Convertendo isso para o caso de Minas Gerais, temos:

1) **A área de influência urbana de Belo Horizonte** é confirmada nas antigas regiões onde experimentou uma expansão nos anos 1960 (no centro-oeste, no leste e no norte do Estado) e **abre uma dupla influência, juntamente com o Rio de Janeiro, sobre a região de Juiz de Fora** (IBGE, 1987, p. 95). A influência carioca sobre a Mata, em conjunto, permanece. Contudo, Belo Horizonte passa a disputar o noroeste mineiro com Goiânia-Brasília, cuja influência se alastra para Unaí, Paracatu e João Pinheiro (IBGE, 1987, p. 162-163).

Os 2 próximos mapas evidenciam as respectivas áreas polarizadas por Rio e Belo Horizonte, bem como as novas tendências anunciadas.

2) São Paulo mantém sua área de influência sobre o Sul de Minas e o Triângulo, compreendendo as regiões de Poços de Caldas, Itajubá, Araxá, Uberaba e Uberlândia (IBGE, 1987, p. 95).

Quanto ao **faceamento entre geografia e futebol**, as considerações supracitadas sobre as influências urbanas retratam também o final da década de 1970 para o futebol mineiro, quando estava ainda enredado com a conquista cruzeirense da Libertadores de 1976 e com o time atleticano que entrou os anos 1980 cheio de jogadores na seleção nacional. Desse modo, não há alterações sensíveis suscitadas pela performance urbana de Belo Horizonte acerca desse novo estudo do IBGE (1987).

Mapa 3.8 – Região de Influência Urbana do Rio de Janeiro (1987).

Fonte: IBGE, 1987, p. 97.

Mapa 3.9 – Região de Influência Urbana de Belo Horizonte (1987).

Fonte: IBGE, 1987, p. 82.

c) Regiões de Influência das Cidades – IBGE, 2000

O IBGE desenvolveu esta obra em 1993 a partir dos questionários aplicados em quase metade dos municípios do país e do teste de campo em Governador Valadares-MG (1992), mas sua publicação veio só em 2000. Os questionários foram voltados para os municípios brasileiros com o propósito de descobrir aqueles que desenvolviam ofertas de bens e serviços, e de quais tipos. Ou seja, uma nova obra sob inspiração da Teoria dos Lugares Centrais. Houve uma etapa seletiva quanto aos municípios que receberiam a coleta de dados, pois no entender do IBGE (2000, p. 22), para exercer centralidade urbana, em 1993, a localidade teria que atender aos seguintes preceitos:

- 1º) Possuir 3 dos 4 itens seguintes: ser sede de comarca; contar com agência bancária; dispor de médico residente na cidade; ter 1 emissora de rádio AM.
- 2º) Não atendia ao requisito anterior, mas atingia população superior a 20 mil habitantes (de acordo com a Sinopse Preliminar do Censo 1991).

A partir de tais critérios de seleção o IBGE considerou que 2.106 municípios (dentre 4.495 à época existentes) exerciam algum tipo/nível de centralidade urbana. Sua dupla de requisitos mostra até certa interseção no que tange àquilo que pode ser considerado urbano, tal qual analisou José Eli da Veiga (2004). Na ocasião, Veiga comparou os critérios adotados em Portugal e no Brasil, concluindo que se os critérios lusitanos fossem aplicados aqui teríamos uma série de cidades perdendo esse rótulo²⁵⁷. Além disso, observemos ainda que diversos países adotam o critério quantitativo como chancela de uma cidade e até organismos supranacionais fazem o mesmo, como a ONU, dentre eles o próprio limiar de 20 mil pessoas. No Brasil, o critério definidor de uma cidade foi estabelecido no governo Getúlio Vargas através do decreto-lei 311/38, segundo o qual é urbano todo habitante que reside no interior dos perímetros urbanos delineados pelas Câmaras Municipais²⁵⁸. Portanto, considera-se que as cidades possam suprir as necessidades de seus moradores (CAMPOS, 2006, p. 116). Como o IBGE (2000, p. 22) deixou mais da metade dos municípios brasileiros de fora da classificação de centros que exercem centralidade, nota-se, então, o tamanho da carência do município

²⁵⁷ Em Portugal, para que uma povoação seja considerada vila, deve ter no mínimo 4 dentre os 8 equipamentos coletivos a saber: 1) posto de assistência médica; 2) farmácia; 3) centro cultural; 4) transportes públicos; 5) estação dos correios; 6) estabelecimentos comerciais e de hotelaria; 7) escola de nível elementar; 8) agência bancária. Além disso, deve contar com 3 mil eleitores em aglomerado populacional contínuo. Esse critério sobe para 5 ou mais equipamentos dentre 10 e ter 8 mil eleitores quando o pleito de uma vila é ascender à condição de cidade (VEIGA, 2004, s/p).

²⁵⁸ Utilizam o critério quantitativo países como França, Islândia, Dinamarca, Suíça, Áustria, Senegal e Venezuela; enquanto a este critério outros países agregam algum critério adicional, casos de EUA, Zâmbia, Suécia e Bangladesh. Há ainda definições de ordem funcional (CLARK, 1991, p. 48-59; DERRUAU, 1973, p. 202). No Brasil, toda sede municipal é cidade, prevalecendo o aspecto político-administrativo.

brasileiro das cidades de menor dotação urbana, ainda que os critérios adotados entre IBGE (2000) e Brasil (1938) sejam díspares.

Especificamente quanto à definição dos níveis e tipologias da centralidade, o IBGE (2000, p. 21-24) procurou delimitar a quantidade de fluxos direcionados a um dado centro urbano na busca de bens e serviços. Esses foram divididos em 2 categorias: os de baixa complexidade (14 itens: agências bancárias, hospital, laboratórios de análises clínicas, dentistas etc.²⁵⁹); e os de média a elevada complexidade (30 itens, como graduação, mestrados e doutorados, computadores, escritórios e agências de propaganda, e mais alguns itens de especialidades de saúde e seus equipamentos).

Uma noção real da interpenetração das influências metropolitanas não pode ser apreendida por meio deste estudo. Isso porque o IBGE (2000, p. 24 e 25) considerou 9 núcleos apenas como destino dos fluxos de pessoas em busca de bens e serviços. São eles: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza e Brasília.

O alcance territorial das atividades de um determinado núcleo urbano foi mensurado via número total de municípios que o acessaram para consumo de bens e serviços. Já quanto aos equipamentos funcionais, o que se buscava era a disponibilidade de cada um dos tipos de bens e serviços em cada cidade (IBGE, 2000, p. 24 e 25).

Após todas essas definições e classificações, o IBGE (2000, p. 25) chegou ao seguinte perfil da rede de cidades do Brasil:

Tabela 3.2 – Níveis de centralidade das cidades brasileiras (1993).

Níveis	Nº de Cidades	Padrões de Cidades
Máximo	9	Metropolitano
Muito Fraco	24	Predominantemente Submetropolitano
Forte	35	Predominantemente de Capital Regional
Forte para Médio	108	Predominantemente de Centro Sub-Regional
Médio	141	Tendendo a Centro Sub-Regional
Médio para Fraco	195	Predominantemente de Centro de Zona (ou Centro Local)
Fraco	250	Tendendo a Centro de Zona (ou Centro Local)
Muito Fraco	3733	Municípios Subordinados

Fonte: IBGE, 2000, p. 25.

As regiões polarizadas por Rio de Janeiro e Belo Horizonte (nível máximo de centralidade) evidenciam uma contenda entre elas no sudeste mineiro, abarcando quase toda a

²⁵⁹ Nenhuma exigência de serviço educacional consta na listagem, que ainda tem serviços de advocacia e de contabilidade, móveis e eletrodomésticos, automóveis novos e óculos com receita médica, por exemplo.

Zona da Mata (exceto ao norte), o leste do Sul de Minas e o Campo das Vertentes. A Mata – aqui representada por Juiz de Fora, seu principal núcleo – segue sua trajetória de ser duplamente influenciada.

A expansão da área de influência de Belo Horizonte sobre a do Rio de Janeiro em território mineiro fica evidenciada no mapa a seguir, sobretudo quando observado que o sul e oeste do Estado são as porções de “ausência” belo-horizontina ou, sob outra visão, são as porções onde atuam Brasília (expandiu sobre o NW de Minas) e São Paulo (manteve o oeste, e briga com BH pelo Sul de Minas).

Mapa 3.10 – Região de Influência do Rio de Janeiro (1993).

Fonte: IBGE, 2000, p. 86.

Mapa 3.11 – Região de Influência de Belo Horizonte (1993).

Fonte: IBGE, 2000, p. 98.

Mapa 3.12 – Região de Influência de Juiz de Fora (1993).

Fonte: IBGE, 2000, p. 90.

d) Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil – IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002

Esta coprodução interinstitucional produziu 6 volumes, sendo 3 deles dedicados às macrorregiões do IBGE. A obra foi gestada entre 1997 e 1999, refletindo, assim, as mudanças ocorridas na rede urbana do Brasil até os anos 90 (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. XIII), o que foi considerado como objeto central. Para isso, três itens analíticos foram considerados (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 33):

- (i) os processos econômicos que estão na base da estruturação e do desenvolvimento da rede urbana brasileira;
- (ii) os processos econômicos regionais e seus desdobramentos na configuração e nas tendências das redes urbanas de cada uma das grandes regiões do IBGE;
- (iii) os processos próprios aos diferentes núcleos hierárquicos que compõem a rede urbana e entender sua influência em escala nacional.

Portanto, o estudo articulou os processos econômicos gerais aos regionais sob o argumento de poder melhor compreender a conformação da rede urbana brasileira, incluindo a hierarquia de cidades, a urbanização, a análise do tamanho e das funções dos centros urbanos, e as aglomerações urbanas. A nova estrutura espacial da rede de cidades levou em conta as regiões com estagnação e com dinamismo econômico. Para tanto, a periodização computou as características da década de 1980 com as de 1990.

A classificação da **rede urbana nacional** foi efetuada com base em **5 pilares estruturantes** (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 49) :

- 1) *Centralidade*: por meio da abrangência regional do fluxo de bens e serviços de uma cidade dimensiona-se sua região de influência urbana;
- 2) *Centros decisórios/Relações internacionais*: considerados pela presença de centros financeiros, sedes de grandes empresas e redes de complexos serviços modernos; pela intensidade da troca de informações entre esses centros, bem como suas relações com uma rede mundial de cidades.;
- 3) *Escala de urbanização*: identificada pelo tamanho populacional dos centros urbanos;
- 4) *Complexidade e diversificação da economia urbana*: identifica a presença de setores econômicos diferenciados e com elevado nível de articulação inter e intra-setorial;
- 5) *Diversificação do terciário/Funcionalidade*: salienta a variedade, a complexidade e a raridade de atividades terciárias, assim como o perfil da população ocupada neste setor.

Tendo em conta o contexto de intensificação das **relações de produção e a integração financeira atuais**, IBGE, IPEA e UNICAMP (2002, p. 52) elegeram os 111 principais núcleos urbanos brasileiros a partir de dados do/de:

- (i) sistema financeiro (número de agências e volume de depósitos);
- (ii) empresas (localização das 500 maiores do país, volume de vendas, número de empregados e valor patrimonial);
- (iii) fluxos aeroportuários (número de passageiros e volume de cargas, nacionais e internacionais).

Os **centros urbanos** também foram classificados e divididos em 6 categorias espaciais consoante a **classificação nas funções urbanas** desempenhadas e na classificação do IBGE (1987), a **REGIC** (Região de Influência das Cidades). São elas: Metrôpoles globais, nacionais e regionais; Centros regionais; e Centros sub-regionais 1 e 2.

As cidades principais estudadas nesta tese ficaram com as seguintes classificações: São Paulo e Rio de Janeiro (Metrôpoles Globais), Belo Horizonte (Metrópole Nacional) e Juiz de Fora (Centro sub-regional 1). Juiz de Fora não foi considerada uma aglomeração urbana, ainda que parte de sua mancha urbana avance na direção dos municípios de Matais Barbosa e Ewbank da Câmara, sendo mais veemente sobre Chácara, que funciona mais como bairro periférico do que como outra cidade. A análise de Menezes (2004, p. 12) acerca desse cenário diz que ele

[...] se insere na problemática apontada pelo IPEA e que diz respeito ao processo de aglomeração urbana se fazer por periferização baseada no empobrecimento, no desemprego e na não requalificação da força de trabalho, o que vem implicado da “ocupação informal” dos centros urbanos, nas áreas centrais e periféricas, agravada pela dificuldade do acesso a terra e por deficiências legais de legalização das áreas ocupadas, contexto que os municípios limítrofes a Juiz de Fora se inserem perfeitamente.

A **dinâmica e a análise da rede urbana brasileira** foram empreendidas por meio de 4 categorias analíticas fundamentais, a saber: Regiões de influência de cidades, Sistemas urbano-regionais, Estruturas urbanas e Rede urbana nacional. Vejamos os respectivos conceitos (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 87 e 88):

- (i) **Regiões de influência de cidades (REGIC)**: porções do espaço submetidas à influência de centros urbanos, cujos fluxos de pessoas, mercadorias e informações permitem a conformação de estruturas territoriais relativamente estáveis no decorrer do tempo. Foram

dimensionadas pelos critérios de contiguidade espacial e dependência funcional. Segundo o IBGE, existem 33 REGIC, 12 delas no Sudeste: Belo Horizonte, *Juiz de Fora*, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Uberlândia, Campinas, Bauru, Ribeirão Preto, Marília, São José do Rio Preto e Presidente Prudente.

(ii) **Sistemas urbano-regionais**: definidos com base na agregação das REGIC. Compreendem sistemas territoriais organizados a partir de metrópoles e centros regionais que possuem encadeamento funcional. Foram identificados 12 sistemas urbano-regionais, em geral nomeados pelas cidades que os encabeçam, a saber:

- a) Cuiabá (1): área de influência de Cuiabá;
- b) Norte (2): Belém e Manaus;
- c) Meio-Norte (2): São Luís e Teresina;
- d) Fortaleza (1): Fortaleza;
- e) Recife (4): Recife, João Pessoa, Campina Grande e Caruaru;
- f) Salvador (2): Salvador e Feira de Santana;
- g) Belo Horizonte (1): Belo Horizonte;
- h) Rio de Janeiro (3): Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Vitória;
- i) São Paulo (8): São Paulo, Campinas, Bauru, Ribeirão Preto, Marília, São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Uberlândia;
- j) Curitiba (4): Curitiba, Londrina, Maringá e Florianópolis;
- k) Porto Alegre (4): Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Passo Fundo;
- l) Brasília-Goiânia (2): Brasília e Goiânia.

Acerca do sistema urbano-regional do Rio de Janeiro, Maria Lúcia Menezes (2004, p. 13) ressalta a formação do eixo de cidades organizado e no entorno pela/da BR-040, desde o Rio de Janeiro até Juiz de Fora, composto por Petrópolis, Areal, Três Rios-Paraíba do Sul (RJ), Simão Pereira e Matias Barbosa (MG). Este eixo, pela crescente urbanização que vem passando, sugere a formação do embrião da aglomeração urbana da “Serra dos Órgãos”.

(iii) **Estruturas urbanas**: formam a armadura da rede urbana brasileira e refletem os distintos tempos presentes no processo de urbanização, isto é, suas dinâmicas diferenciadas. Na prática, trata-se de uma regionalização dos Sistemas urbano-regionais. As características utilizadas para a definição das estruturas urbanas foram: a) o ritmo da urbanização; b) o nível de adensamento e de complementaridade da rede de cidades; c) os níveis de desenvolvimento

humano atingidos nas regiões. São elas:

- a) Centro-Sul (5): Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte;
- b) Nordeste (4): Salvador, Recife, Fortaleza e Meio-Norte;
- c) Centro-Norte (3): Norte, Cuiabá e Brasília-Goiânia.

(iv) **Rede urbana nacional**: compreende o conjunto das cidades que polarizam o território nacional e os fluxos de pessoas, bens e serviços que se estabelecem entre elas e com as respectivas áreas rurais, criando campos de forças de diferentes magnitudes interagentes no decorrer do tempo.

A pesquisa em tela também refletiu as disputas territoriais pela polarização do território de Minas Gerais entre Belo Horizonte e São Paulo (no Sul de Minas), e entre Belo Horizonte o Rio de Janeiro (na Zona da Mata). Esta última contenda, a que nos interessa, foi assim observada:

Sua área de influência [de Belo Horizonte] projeta-se na porção centro-oriental do estado de Minas Gerais, restringida pela influência [...] do Rio de Janeiro sobre a Zona da Mata, através do subsistema urbano de Juiz de Fora. [...]. É um sistema com potencial de expansão, não apenas pelo adensamento de sua malha urbana, mas também pela sua expansão territorial, principalmente sobre as áreas de influência do Rio de Janeiro e Salvador (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 111).

Apesar da referência à malha urbana mineira, o adensamento tem ainda enorme campo de expansão, pois dentre os municípios mineiros (853) predominam os de pequena dimensão demográfica e econômica, com reduzida centralidade, sobremaneira ao norte do Estado, e já na área de disputa com Salvador. No lado baiano, a situação da rede urbana é a mesma de Minas. Há um “grande vazio territorial” a ser ocupado pelas metrópoles ou centro regionais e sub-regionais.

A situação da **REGIC do Rio de Janeiro passa por uma mudança face ao embate com Belo Horizonte**.

A área de influência do Rio de Janeiro é praticamente a mesma desde o apogeu de sua região cafeeira [século XIX], sem grandes transformações no período recente. Dada essa característica, *a tendência dominante é de estabilização e mesmo regressão, em grande parte devido ao dinamismo de Belo Horizonte*, que tende a ampliar a atuação sobre a Zona da Mata Mineira (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 112, grifos nossos).

Consoante com o que anunciamos no Capítulo 1, o recuo da polarização do Rio de

Janeiro sobre a Zona da Mata é relatado sem maiores detalhes, deixando dúvidas: este recuo é homogêneo, vale para seus 142 municípios? Há áreas matenses mais propensas ao avanço belo-horizontino ou à manutenção da influência carioca? Desse modo, nessa lacuna de informações inserimos esta tese.

e) Regiões de Influência das Cidades – IBGE, 2008

Como nos demais casos já apresentados, o IBGE avançou em relação às suas postulações anteriores, incluindo novos conceitos e uma reformulação na hierarquia dos centros urbanos. A obra foi publicada em 2008.

O presente estudo do IBGE retoma a concepção de 1972 acerca dos **vínculos mantidos** por um centro urbano, mas privilegia a **gestão do território**. Segundo Corrêa (1995, p. 83), *centro de gestão do território* é “[...] aquela cidade onde se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nela sediadas”. Assim, foram considerados pelo IBGE (2008, p. 134) os **centros de gestão governamentais** (poderes executivo, legislativo e judiciário; tribunais de justiça; etc.) e os **centros de gestão empresariais**, com seus respectivos endereços de cada unidade.

Para aprimorar a **detecção da área de influência urbana** foram levados em conta estudos complementares sobre “[...] equipamentos e serviços – atividades de comércio e serviços, atividades financeiras, ensino superior, serviços de saúde, Internet, redes de televisão aberta, e transporte aéreo. Ao final, foram identificados e hierarquizados, os núcleos de gestão do território” (IBGE, 2008, p. 131). As áreas de influência urbanas foram constatadas por intermédio dos relacionamentos entre as cidades, mantendo o perfil metodológico já mostrado nos estudos anteriores.

Tabela 3.3 – Distribuição das sedes de grandes empresas (2008).

Local da sede	Empresas
São Paulo	365
Rio de Janeiro	116
Porto Alegre	50
Belo Horizonte	46
Curitiba	40
Salvador	32
Campinas	30
Manaus	27
Brasília	25
Vitória	21
Recife	14
Fortaleza	13
Caxias do Sul	13
Ribeirão Preto	11
Joinville	10
Goiânia	10
Sorocaba	9
Londrina	9
Belém	8
Florianópolis	8
Cuiabá	8
Natal	7
Uberlândia	7
Volta Redonda – Barra Mansa	5
Jundiaí	5

Fonte: IBGE, 2008, p. 141.

Esses equipamentos e serviços tendem a qualificar a centralidade exercida pelo núcleo urbano e, por isso, o IBGE (2008, p. 135-140) adotou alguns **itens capazes de demonstrar tal centralidade urbana**, dentro os quais é justo elencar:

1) Comércio e serviços: extraiu-se do CEMPRE - 2004 (Cadastro Central de Empresas), do IBGE, o número total de classes de atividades comerciais e de serviços, pois quanto maior o número de classes de atividades presentes, maior a diversidade de oferta dessas atividades, e maior, consequentemente, a centralidade exercida pela cidade.

A diversidade do setor de serviços está também relacionada com a presença de atividades industriais, agropecuárias e mesmo de outros serviços dinâmicos. As empresas

demandam de modo crescente serviços especializados – em especial serviços prestados principalmente às empresas – anteriormente incorporados às atividades da indústria.

Em linhas gerais, os dados analisados pelo IBGE (2008) confirmam a proposição da seletividade dos investimentos no espaço. Variações do nível de renda da população, de remuneração da mão de obra, de dinâmica econômica, de políticas locais e regionais, e de dotação de infraestrutura são aspectos que tornam os locais mais ou menos atrativos e vantajosos, o que coincide com a maior diversidade de oferta de atividades de comércio e de serviços. Por outro lado, como resultante desse processo, observa-se que a concentração de atividades aumenta a atração populacional e conduz a variações positivas de renda, remuneração, demanda por políticas públicas, e maior dinamismo econômico.

Tais características reforçam a permanência de um padrão de rede urbana já tradicionalmente consolidado no Brasil, onde pesam as condições urbanas construídas no passado.

2) Instituições financeiras: foi levado em consideração a distribuição e o número de agências bancárias, além do volume do ativo (seu total em reais e seu total em cada unidade federativa).

O quarto nível [após os 3 níveis metropolitanos], o último em que estão maciçamente presentes todos os bancos de atuação nacional, além de significativo número de outras instituições, inclui a maior parte das demais capitais estaduais, as demais subáreas de concentração de população que constituem a área de São Paulo, e tradicionais capitais regionais do Centro-Sul, a exemplo de *Juiz de Fora*, Uberlândia, São José do Rio Preto, Londrina, Maringá, Joinville, Pelotas-Rio Grande, bem como centros do porte de Santa Cruz do Sul (RS) e Rio Verde (GO) (IBGE, 2008, p. 148, grifos nossos).

3) Ensino superior: as informações deste item originaram-se do Censo da Educação Superior (2004) e do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – forneceu os dados relacionados com a modalidade de pós-graduação.

Na graduação, o número de alunos matriculados nos cursos presenciais, o número de Grandes Áreas do saber desses cursos e o número de tipos de cursos formaram os critérios do IBGE. Ao se referir à constituição das áreas de influência urbana segundo temas específicos, o IBGE (2008, p. 163) assim refere-se ao **Estado de Minas Gerais** quanto ao ensino superior: é “onde se distinguem redes curtas ao sul, uma região com vários centros universitários, e redes

mais longas na parte norte, incluindo-se aí os fluxos direcionados a Belo Horizonte, Montes Claros e Governador Valadares”.

Já na pós-graduação, a centralidade foi definida pela combinação e comparação dos dados do total de cursos (número de Grandes Áreas e proporção de cursos de excelência, ou seja, aqueles com notas 6 e 7 da CAPES). “A existência de cursos de excelência foi utilizada como um fator diferenciador que, em alguns casos, serviu para elevar a posição de um município um nível acima do que estaria, caso não o possuísse” (IBGE, 2008, p. 136).

4) Saúde: a partir dos dados da *Pesquisa de Assistência Médico-Sanitária* - AMS (2005), do IBGE, avaliou-se o nível de complexidade de especialidades e equipamentos, o tamanho do setor (medido pelo volume do atendimento realizado) e o número de internações via Sistema Único de Saúde – SUS (2005).

A centralidade urbana avaliada em termos da oferta de serviços de saúde destaca, no primeiro nível, as duas metrópoles nacionais com maior porte e complexidade, São Paulo e Rio de Janeiro. O segundo e o terceiro níveis correspondem aos centros capazes de prestar atendimento mais complexo, distinguindo-se entre si pelo tamanho. No segundo, estão as áreas das maiores capitais estaduais: *Belo Horizonte*, Recife, Fortaleza, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Salvador, Belém e Manaus, bem como Brasília e Campinas. No terceiro nível, além de dez capitais estaduais (Vitória, João Pessoa, Cuiabá, Campo Grande, Maceió, Teresina, São Luís, Natal, Aracaju e Florianópolis) destacam-se grandes centros regionais tradicionais, como Campina Grande, *Juiz de Fora*, Uberlândia, Ribeirão Preto e Londrina, entre outros (IBGE, 2008, p. 152 e 155, grifos nossos).

5) Redes de TV aberta: as informações deste setor foram oriundas dos *Atlas de cobertura* das redes de TV para os anos de 2002, 2003 e 2004, disponíveis nos “sites” de cada emissora. A avaliação da centralidade veio pelas sedes da geradora da TV e de cada emissora afiliada. Três redes de televisão foram consideradas como “nacionais” – Globo, SBT e Band – pois cobriam 97,9%, 87,1% e 55% dos 5.560 municípios brasileiros em 2004, além de possuírem 118, 92 e 46 emissoras afiliadas, respectivamente. “A rede hierarquizada de emissoras de televisão é **comandada por São Paulo e Rio de Janeiro**, que geram programações e os anúncios nacionais de uma ou mais redes de televisão” (IBGE, 2008, p. 137, grifos nossos). Tais informações servem como endosso para a escolha de análise da **regionalização dos jogos de futebol** transmitidos pela TV Globo (mesmo que seja apenas em Minas Gerais), pois sua influência e cobertura no território brasileiro é expressiva e superior a das demais redes de televisão. Portanto, a relação entre mídia e futebol – escolha do clube pelo torcedor,

patrocínios, rendas etc. – apresenta campo vasto para investigação.

Ademais, a inserção do papel das comunicações sobre a conexão das localidades e, logo, seu papel como delineador de polaridades está em plena consonância com a reticularidade que os territórios apresentam na atual aceleração contemporânea, o que é assim expresso pelo IBGE (2008, p. 8): "a introdução de novas tecnologias e alterações nas redes técnicas, o aprofundamento da globalização da economia brasileira e o avanço da fronteira de ocupação imprimiram modificações marcantes no território". Considera ainda, a partir de Offner (2000)²⁶⁰, a coexistência de uma rede de localidades centrais, com regiões formadas no entorno dos centros, e os pontos inseridos nas redes globais, os quais têm maior desempenho econômico e representam o sistema reticular entre cidades, ou seja, a cidade é o nó de uma rede mundial (IBGE, 2008, p. 9).

6) Conexões aéreas: seus dados foram oriundos do *Anuário do transporte aéreo 2004*, do Departamento de Aviação Civil (DAC), atual Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). As análises incidiram sobre os pares (origem-destino) dos voos: total do número de voos e de passageiros, e a quantidade de carga. A condição mínima considerada foi, em média, de 1 voo/mês ou de 12 voos/ano.

De posse de todas essas informações, o **IBGE (2008) estabeleceu as áreas de influência urbana e as hierarquizações urbanas relacionadas com os municípios brasileiros**. A hierarquia urbana foi modificada, surgindo a classificação dos centros urbanos em 5 níveis:

1º) Metrópoles: são os 12 principais centros urbanos do Brasil, que se caracterizam por seu grande porte e por fortes relacionamentos entre si, além de, em geral, possuírem extensa área de influência direta. O conjunto foi dividido em três subníveis, segundo a extensão territorial e a intensidade destas relações.

- Grande Metrópole Nacional: São Paulo, o principal centro de gestão territorial e o maior conjunto urbano brasileiro, com 19,5 milhões de habitantes em 2007.

- Metrópoles Nacionais: Rio de Janeiro e Brasília, com população de 11,8 milhões e 3,2 milhões em 2007, respectivamente, também estão no primeiro nível da gestão territorial. Juntamente com São Paulo, constituem foco para centros localizados em todo o Brasil.

²⁶⁰ OFFNER, J. M. Territorial deregulation: local authorities at risk from technical networks. **International Journal of Urban and Regional Research**. Malden, MA: Wiley Interscience, v. 24, n. 1, p. 165-182, mar. 2000.

- Metrpole: ncleo urbano com capacidade de polarizao regional. Neste nvel existem 9 exemplares (Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Belm, Manaus e Goinia), com populao variando de 1,6 (Manaus) a 5,1 (Belo Horizonte) milhes de habitantes. Constituem o 2 nvel de gesto do territrio. “Note-se que Manaus e Goinia, embora estejam no terceiro nvel da gesto territorial, tm porte e projeo nacional que lhes garantem a incluso neste conjunto” (IBGE, 2008, p. 11).

De posse de todas essas informaes, o IBGE (2008) estabeleceu as **reas de influncia urbana** de metrpoles e capitais regionais. **Em relao ao territrio mineiro e ao domnio de Belo Horizonte**, algumas mudanas ocorreram e outras tendncias permaneceram. Tais caractersticas podem ser assim enumeradas:

- O noroeste mineiro continua sob a polarizao de Braslia, cuja influncia fica destacada frente ao desempenho de Goinia – anteriormente em equilbrio – e de Belo Horizonte (IBGE, 2008, p. 14);

Mapa 3.13 – Polarizao urbana de ordem metropolitana em Minas Gerais (2008).

Fonte: IBGE, 2008.

- So Paulo mantm influncia sobre o Sul de Minas e o Tringulo Mineiro. Nesta ltima regio, passa a compartilhar com Belo Horizonte a polarizao no entorno de Uberbia.

Porém, o principal polo do Triângulo, Uberlândia, permanece como hinterlândia paulistana (IBGE, 2008, p. 13-14);

- o Sul de Minas aparece como a região onde houve crescimento da polarização de Belo Horizonte, que assume Varginha e Passos (antes com São Paulo), além de São Lourenço e Caxambu (antes sob influência do Rio de Janeiro).

Portanto, mantém-se a tendência verificada desde os anos 1960, ou seja, a **polarização carioca sobre Minas Gerais diminui ainda mais.**

2º) Capital Regional: nesse nível de polarização urbana, responsável por uma influência regional, existem 70 municípios no Brasil, dentre os quais 4 das principais cidades do interior de Minas Gerais – Uberlândia, *Juiz de Fora*, Montes Claros e Governador Valadares. Com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, as capitais regionais têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios. Como o anterior, este nível também tem 3 subdivisões: o 1º grupo inclui as capitais estaduais não classificadas no nível metropolitano e Campinas. O 2º e o 3º, além da diferenciação de porte, têm padrão de localização regionalizado, com o 2º mais presente no Centro-Sul, e o 3º nas demais regiões do País.

Os grupos das Capitais Regionais são os seguintes:

a) Capital Regional A: constituído por 11 cidades, com medianas de 955 mil habitantes e 487 relacionamentos, como Vitória-ES.

b) Capital Regional B: constituído por 20 cidades, com medianas de 435 mil habitantes e 406 relacionamentos. Ex.: Juiz de Fora, Uberlândia e Montes Claros.

c) Capital Regional C: constituído por 39 cidades com medianas de 250 mil habitantes e 162 relacionamentos. Ex.: Governador Valadares, Campos-RJ e Volta Redonda-Barra Mansa-RJ.

3º) Centro Sub-Regional: nível formado por 169 centros com atividades de gestão menos complexas, predominantemente entre os níveis 4 e 5 da gestão territorial; têm área de atuação mais reduzida, e seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais. Com presença mais adensada nas áreas de maior ocupação do Nordeste e do Centro-Sul, e mais esparsa nos espaços menos densamente povoados das Regiões Norte e Centro-Oeste, estão também subdivididos em grupos, a saber:

a) Centro sub-regional A: constituído por 85 cidades, com medianas de 95 mil habitantes e 112 relacionamentos, como Muriaé, Ubá, Manhuaçu, Ponte Nova e Barbacena.

b) Centro sub-regional B: constituído por 79 cidades, com medianas de 71 mil habitantes e 71 relacionamentos. Ex.: Cataguases, Viçosa e Caratinga.

4º) Centro de Zona: nível formado por 556 cidades de menor porte e com atuação restrita à sua área imediata; exercem funções de gestão elementares. Subdivide-se em:

a) Centro de Zona A: 192 cidades, com medianas de 45 mil habitantes e 49 relacionamentos. Predominam respectivamente, com 9 cidades no quarto nível e 16 não classificadas como centros de gestão. São os casos de Além Paraíba e Carangola.

b) Centro de Zona B: 364 cidades, com medianas de 23 mil habitantes e 16 relacionamentos. A maior parte, 235, não havia sido classificada como centro de gestão territorial, e outros 107 estavam no último nível daquela classificação. Exemplos: Bicas, Leopoldina, Rio Pomba, Santos Dumont, São João Nepomuceno e Visconde do Rio Branco.

5º) Centro local: nível composto pelas demais 4.473 cidades cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município, servindo apenas aos seus habitantes. Um centro local tem população predominantemente inferior a 10 mil habitantes (mediana de 8.133 habitantes), situação válida para 95 (66,90%) dos 142 municípios da Zona da Mata, e com máxima incidência, quanto às microrregiões, na de Juiz de Fora, perfazendo 26 (78,79%) dos seus 33 municípios componentes.

Quanto à Zona da Mata, seus polos estão divididos sob a influência do Rio de Janeiro (em amarelo) e de Belo Horizonte (em roxo), que são, respectivamente mais representativas ao sul e ao norte da região. Os detalhamentos do mapa não anularam, porém, as contradições entre dados do próprio IBGE (1972 e 2008): na 1ª publicação, Barbacena (nas Vertentes) é tida como na região de influência de BH, exatamente o oposto do que informa o mapa 3.14 (IBGE, 2008). É difícil crer ainda que, na Zona da Mata, apenas Juiz de Fora devesse receber 1 nexo (1 traço) com BH, como em Muriaé e Ubá, por exemplo, ainda que a influência predominante em tais cidades seja mesmo a do Rio de Janeiro.

As ponderações anteriores confirmam a necessidade de novas pesquisas sobre polarizações na Zona da Mata, papel que assumimos através desta tese.

Mapas 3.14 e 3.15 – A bipolarização urbana Rio-BH na Zona da Mata (2008).

Fonte: IBGE, 2008.

Ao transpor algumas dessas tendências atuais e de tendências pretéritas para o caso específico do tamanho das torcidas – expressas sob a forma de pesquisas de opinião, todas de instituições privadas – verifica-se a superposição de influências paulistas e cariocas sobre Minas Gerais. Os mineiros dividem sua **predileção clubística** entre as equipes da capital e dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Adiante, quando é realizada uma análise mais detida desse item supracitado, poder-se-á verificar, com clareza, as congruências entre as preferências por times de futebol e a influência das metrópoles, de acordo com os estudos aqui apresentados do IBGE (1972, 1987 e 2008).

A ascensão hierárquica de Goiânia e Brasília confirmam a recente disputa travada por tais metrópoles com Belo Horizonte pela influência no noroeste mineiro, situação indicada anteriormente (IBGE, 2008, p. 14). Por outro, a permanente importância paulistana e carioca na hierarquia dentre as principais cidades brasileiras indica a hercúlea tarefa a cargo de Belo Horizonte em polarizar regiões de fronteiras com São Paulo e Rio de Janeiro, onde se inscreve o caso matense.

3.2.4 – Estudos acerca da influência urbana, redes e hierarquia de cidades que analisaram um item isoladamente

A exemplo do que ocorre nesta tese, a literatura geográfica acusa uma tradição em pesquisas que penderam para análise de itens específicos. Tal procedimento varou as décadas e as tendências ideológicas, perdurando na Geografia Urbana. Tomados em conjunto ou isoladamente, e mesmo a partir de diferentes pesquisas, ainda assim os critérios utilizados para a compreensão dos sistemas urbanos também podem ser integrados. Os diversificados **objetos das pesquisas** agem como **complementares** ao desvendamento das características e tendências da rede urbana. Logo, alguns itens analíticos saltam aos olhos dos pesquisadores, que os tomam pela relevância (individual, complementar, grupal ou um misto destas). Por isso, o estudo de um tema isoladamente não constitui erro ou problema.

Milton Santos (1956; 2007) observou a área de distribuição de jornais, enquanto o Instituto de Geociências Aplicadas (IGA, 1980) empreendeu estudo sobre as linhas de ônibus intermunicipais a partir de Belo Horizonte²⁶¹. Jornais e viagens intermunicipais podem ser, com facilidade, incorporados aos estudos que consideram demais atividades, como produzir carros, distribuir alimentos entre espaços rurais e urbanos e entre cidades, mensurar chamadas telefônicas e matrículas escolares etc., dentre tantas manifestações passíveis de utilização no âmbito da detecção de áreas de influência urbana. Se tais estudos (Santos e IGA) estivessem voltados para uma mesma área de análise poderiam ser utilizados de forma complementar um ao outro, mostrando o raio de ação de um dado centro urbano sede de jornal e irradiador de viagens e passageiros.

Ademais, certas pesquisas que mesclaram itens analíticos também deixaram em relevo outros. Foi isso que fez o IBGE (2008), por exemplo, em seu último estudo da REGIC, no qual acentuou os locais com capacidade de gestão territorial, fator que orientou a classificação das cidades brasileiras no conjunto de sua rede urbana. Para tal, considerou o IBGE (2008) estudos complementares sobre equipamentos e serviços (atividades de comércio e serviços, atividades financeiras, ensino superior, serviços de saúde, internet, redes de televisão aberta, e transporte aéreo), conforme já apreciamos.

Verificaremos 2 estudos monotemáticos, cujo 3º exemplo pode ser dado por esta tese.

²⁶¹ Segundo Corrêa (1967, p. 124), Copstein, Neves e Ludwing (1962) já haviam usado as viagens intermunicipais para a hierarquização de cidades, porém, no Rio Grande do Sul.

a) A “região jornalística” de Milton Santos (1956)

No estudo denominado *Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas*, Milton Santos (2007; original de 1956²⁶²) sustenta a hipótese da possibilidade de mensuração da **região jornalística** por meio do mercado, posto que cada jornal possui “[...] a sua área mais ou menos de influência, o seu raio de ação determinado, não só quantitativa como qualitativamente [...]” (SANTOS, 2007, s/p). Esta abrangência, contudo, depende das condições de transportes e de comunicações, do padrão técnico e sociocultural vigentes, dentre tantos fatores, como no passado, em que “[...] a impressão se fazia a duras penas, movidos os incipientes maquinismos a braço humano e quando os transportes mais rápidos eram fluvial ou marítimos e o hipomóvel²⁶³”. Portanto, isso imputou aos jornais restrição quanto à área geográfica de influência e ao contingente de leitores (havia enorme população analfabeta).

Com as inovações nos transportes e nas comunicações, Milton Santos (2007, s/p.) percebeu a necessidade de se distinguir entre a *notícia* e o *jornal*: a primeira com muito mais facilidades de divulgação que o jornal, refém das distâncias [ainda mais nos anos 1950] e do prazo de validade das notícias (24 horas para o caso dos diários). “O domínio da notícia é o mundo. Enquanto que o jornal tem o seu domínio limitado, atuando numa determinada área. É a região jornalística” (SANTOS, 2007, s/p.). Pensando nessa delimitação das áreas de influência urbana, poderíamos identificar “[...] zonas e subzonas jornalísticas. Isso subentende a existência de áreas diferentes, maiores ou menores, uma dentro das outras, onde operam os jornais de acordo com as suas categorias funcionais” (SANTOS, 2007, s/p.).

Em outra medida, a contemporaneidade também iria modificar a relação das áreas antes pouco conectadas e que serviram de nicho para os jornais quando o binômio transporte-comunicação era bem menos eficiente. Com isso, as regiões e suas principais cidades alteraram seus relacionamentos com espaços mais distantes e poderosos. Pode-se mensurar tal intensidade com o que o próprio Milton Santos (2004, p. 178-179) afirmou em outra obra, *A natureza do espaço*:

No começo do século XX, o período de desenvolvimento de uma tecnologia era, em média, de 37 anos, prazo que baixa para 24 anos no período entre as duas guerras mundiais, para reduzir-se a 14 anos após a Segunda Guerra. A velocidade de adoção neste último período é duas vezes maior que no segundo e três vezes maior que no primeiro.

²⁶² Texto publicado no *Boletim da ABI*, da Associação Bahiana de Imprensa, ano V, n. 55, em 10 de março de 1956. O texto foi submetido a uma atualização ortográfica.

²⁶³ Veículo movido por tração animal.

Com o crescente processo de tornar as capitais das regiões, bem como as metrópoles, em repositórios de equipamentos urbanos e de gestão da mídia, Santos (2007) observa o esforço dos jornais em cobrir certo território. Essa divisão territorial sugerida pelo autor leva em conta as áreas de atuação do jornal que correspondem tanto àquelas áreas restritas de cobertura quanto a outras mais amplas de circulação do produto de comunicação. Acerca de uma perspectiva regional, Moreira e Deolindo (2013, p. 22) assinalam que “a mídia da cidade local e da cidade regional preenche essa lacuna quando fala do próprio lugar e do território onde se insere, e constitui, assim, o canal por excelência para relatar essas cidades que a metrópole desconhece”.

Logo, a afirmação de uma área de cobertura/de influência de um jornal tem em si forte cunho econômico. Nesse sentido, apropriadamente comentam as jornalistas Sonia Moreira e Jacqueline Deolindo (2013, p. 23):

A estrutura da empresa jornalística determina quantas equipes trabalharão, se contarão ou não com carro para percorrer distâncias em busca da notícia. Em caso positivo, até onde poderão viajar; em caso negativo, se farão ou não contatos, se publicarão releases das prefeituras das vizinhanças, se haverá mais ou menos páginas, se poderão preenchê-las com conteúdo próprio ou se deverão recorrer à reelaboração dos textos do noticiário nacional e internacional disponíveis na internet para ocupar espaço, se poderão ou não investir simultaneamente em várias editorias. Do mesmo modo, a estrutura econômica pode implicar uma logística de distribuição dos exemplares, que pode ser bem ampla.

Além da importância (inegável) do fator econômico, os jornais têm uma chancela ideológica, o que, dependendo do grupo social e/ou das políticas que defendem, podem colocar em xeque um honesto e comprometido relato do local, da região. Também é inegável que o jornalismo “[...] contribui para a construção da identidade local e/ou regional mediante experiência de alteridade que articula o lugar, o entorno e o mundo” (MOREIRA; DEOLINDO, 2013, p. 28).

Em face dessa “questão local-regional” e das lacunas deixadas pelos jornais dos maiores centros (que não cobrem os municípios menores) surgem os diários e os semanais locais, nos quais o

[...] noticiário das cidades e municípios a que servem ganham um espaço maior que o dedicado aos fatos estaduais ou nacionais. Quando há uma “vontade regional” e recursos econômicos surge o diário da região. Quando a “vontade regional” é desacompanhada de certa densidade econômica, verifica-se a presença de um semanário ou periódico. A ausência de ambas as condições determina a ausência de órgãos de imprensa. Os recursos econômicos criam essa “vontade”.

Distinguiríamos, assim, então, num país como o nosso, em que a descontinuidade de transporte e a vastidão do território são um fato, pelo menos quatro categorias de jornais. O jornal nacional, ou supra-estadual, publicado na metrópole política ou mesmo econômica; o jornal estadual, editado via de regra na capital dos estados, centro das pulsações do organismo político e administrativo; o jornal regional; e o periódico local (SANTOS, 2007, s/p.).

Ainda que o embate escalar acima registrado e os interstícios deixados pelos dominantes ocorram na esfera local-regional, a influência urbana avaliada por meio dos jornais (assim como no caso da radiodifusão) tem revelado a sobreposição de grupos midiáticos nos noticiários dos jornais das capitais regionais e centros sub-regionais, ao contrário do período (anos 50) analisado por Milton Santos. Nossa análise conclusiva pode ser endossada com dados de cerca de 50 anos depois desses anteriores (de 1956) e fornecidos pelo mesmo autor (SANTOS; SILVEIRA, 2002, p. 239): o total de jornais diários cresceu 18% no Brasil entre 1992 e 99, dos quais 78% no Sudeste e Sul. Considerando todos os tipos de jornal, 67% deles (cerca de 1.200) estavam no Sudeste. Em termos estaduais, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul são seus maiores detentores. Como se nota, os lindes entre cidades vistos à luz dos jornais dão contornos ricos para estudos de polarização urbana no atual período técnico-científico-informacional (para manter a terminologia de Milton Santos).

b) Hierarquias e polarizações urbanas em Minas Gerais, IGA (1980)

Esta pesquisa do Instituto de Geociências Aplicadas (IGA) consistiu na verificação do total das viagens que servem a determinada localidade e a porcentagem desse total que se destina a centros menores. Quanto à Belo Horizonte, foi contabilizado um universo de ligações diretas por ônibus com 147 cidades em Minas Gerais, todas menores que ela.

Sua área de influência ocupa toda a área central, nordeste e noroeste do Estado, sendo limitada, a sudeste, pela zona de influência do Rio de Janeiro, ao sul e a oeste, pela de São Paulo e, em pequena parte do noroeste, pela de Brasília. [...] A ampliação de sua área de influência está se fazendo em detrimento daquela do Rio de Janeiro, que perdeu, na década de 1960, as regiões de Governador Valadares e Teófilo Otoni, no leste do Estado, graças às novas ligações rodoviárias com Belo Horizonte (IGA, 1980, p. 39).

O estudo do IGA, sediado na capital, procurou mostrar o estágio no qual se encontrava a pulsante contenda travada entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro pelo território mineiro. As décadas de 1950, 60 e 70 funcionaram, em conjunto, como uma etapa de transformação das

polarizações urbanas sobretudo no “grande leste” de Minas Gerais, onde estão localizados alguns dos principais núcleos do Estado, como Juiz de Fora (na Mata), Governador Valadares (no Vale do Rio Doce) e Teófilo Otoni (no Vale do Mucuri). Além desses, o Campo das Vertentes – entre o Sul de Minas e o centro do Estado – também começava a ser apontado como região que transitava do domínio carioca ao belo-horizontino.

A questão específica dessa pesquisa se apoiar sobre o número de viagens intermunicipais encontra sentido/resposta na seguinte situação. Até 1940, aproximadamente, Belo Horizonte ainda carecia de contato com diversas porções e cidades mineiras. Daí em diante, várias rodovias radiais de monta (tendo a capital como centro) passaram a ser inauguradas no Estado, provocando um aumento vertiginoso dos relacionamentos entre interior e capital, alguns deles anteriormente mais fortes com o Rio de Janeiro, o que é devido ao mesmíssimo fator: o contato viário da rede de transportes.

A Zona da Mata, por exemplo, conectava-se com os cariocas por rodovias desde os anos 1860, quase 100 anos antes da criação da BR-040 (Brasília-Rio, com trecho mineiro Belo Horizonte-Juiz de Fora). Antes dela também (mas só cerca de 10 anos), a BR-116 ligou o Rio de Janeiro a todo o leste de Minas (do centro da Zona da Mata até o Jequitinhonha, passando pelas regiões dos vales do Rio Doce e do Mucuri).

O Campo das Vertentes foi rapidamente conectado ao espaço econômico e sociocultural de Belo Horizonte através da BR-040, com ligação via Barbacena, e daí (pela BR-267) para seus demais núcleos de relevo, ou seja, São João del Rei e Lavras, já nos limites do Sul de Minas. Esse aumento dos relacionamentos provocaria mudanças quanto à situação de cidades do sul mineiro, como São Lourenço, Caxambu, Passos e Varginha, todas tidas como de domínio belo-horizontino. As duas primeiras cidades foram subtraídas da hinterlândia carioca, e as últimas de São Paulo, apontou o IBGE (2008, p. 18).

Tendo em tela esse panorama das novas rodovias construídas, houve uma revolução no contato de Belo Horizonte com o restante de Minas Gerais. Exatamente por essa razão, o IGA revela (como no excerto que citamos) o crescimento da influência de Belo Horizonte sobre regiões antes dominadas pelo Rio de Janeiro, como no Rio Doce (Governador Valadares) e no Mucuri (Teófilo Otoni). Embora não conste no trecho transcrito do IGA, a mesorregião das Vertentes também tenderia mais ao polo da capital mineira.

A presença de Belo Horizonte foi ampliada e revelada não somente no número de viagens realizadas para tais porções do território mineiro, mas numa infinidade de fatores que podem ser carreados pela malha de rodovias. Assim, chegaram também mercadorias, serviços,

sinais de TV etc. Entrementes, nem tudo o que se transporta é feito exclusivamente de coisas materiais. As influências culturais também são levadas, novas representações e simbologias. Como resultado, bastaram o transcorrer de 3 décadas para que a torcida predominante no norte da Mata, Campo das Vertentes e nos vales dos rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha já fosse das equipes de BH, superando as cariocas (CP2, 2012; CAMPOS, 2016b; GE, 2015).

Caso a pesquisa do IGA (1980) tivesse uma nova edição, teríamos a oportuna chance de ver e conferir todos os laços econômicos e socioculturais criados ao longo desses quase 40 anos entre Belo Horizonte e o grande leste mineiro mais as Vertentes. Como decorrência atual, mas também situada nos transportes, podemos ter noção do estreitamento desses contatos através do setor aeroviário:

i) Juiz de Fora-Belo Horizonte: a rota tem histórico intermitente, mas vem se firmando. Esse trecho é parte da viagem cujo destino final é São Paulo, sendo operado pela *Gol* com voos comerciais regulares a partir do Aeroporto Regional da Zona da Mata (em Goianá-Rio Novo). A rota Juiz de Fora-São Paulo é a mais duradoura e de caráter permanente. Atualmente está sob administração da *Azul*, após a fusão com a *Trip*, que fazia essa viagem.

ii) voos entre Belo Horizonte (Aeroporto da Pampulha) e 12 cidades do interior, sendo 4 da Zona da Mata (Curvelo, Diamantina, Divinópolis, Juiz de Fora, Muriaé, Patos de Minas, Ponte Nova, São João del Rei, Teófilo Otoni, Ubá, Varginha e Viçosa): iniciativa do governo estadual através do Projeto de Integração Regional de Minas Gerais – Modal Aéreo – PIRMA. Nessa 1ª fase serão 60 voos/semana interior-capital, com cada voo cobrindo, em média, 200 km, duração de 45 min. e 300 reais de preço²⁶⁴. “O projeto visa fomentar os negócios regionais, desenvolver o turismo e facilitar o deslocamento de moradores do interior a Belo Horizonte [...]” e começou em agosto de 2016 (AGÊNCIA MINAS, 2016, s/p).

Das 4 cidades matense incluídas no PIRMA, 3 – Juiz de Fora, Muriaé e Ubá – encontram-se bipolarizadas por Rio de Janeiro e Belo Horizonte, exceto Ponte Nova (só por BH). Em Ubá, onde a fute-polarização mostra um embate mais equilibrado, essa iniciativa de articulação aérea (caso mantida) pode ser um novo passo para a consolidação belo-horizontina e o recuo carioca em Ubá, além de contribuir para que a capital mineira brigue em condições mais equilibradas com o Rio de Janeiro em Juiz de Fora e Muriaé. Frisemos, por fim, que as 3 cidades são polos microrregionais, o que significa que suas respectivas hinterlândias também serão impactadas, isto é, as mudanças quanto à influência urbana na Mata têm a chance de serem catalisadas.

²⁶⁴ A 2ª fase do PIRMA pretende incluir novas localidades e voos mais frequentes.

- Espelho da pesquisa do IGA: redução da polarização carioca vista por meio de fluxos rodoviários

Caso o IGA tivesse como foco de estudo o Rio de Janeiro e não Belo Horizonte, alguns dados mostrariam sua decadência geral (em Minas Gerais) e específica (na Zona da Mata). Buscamos tais dados nos anuários de transportes (BRASIL, 1975; 2008).

Tabela 3.4 – Fluxos de passageiros rodoviários nas três principais metrópoles brasileiras e em duas importantes cidades da Zona da Mata (1974 e 2008)²⁶⁵.

Cidade	1974			2008			Variação (%)
	Entrada	Saída	Total	Entrada	Saída	Total	
Rio de Janeiro	7.104.968	7.396.578	14.501.546	2.910.545	2.911.002	5.821.547	-59,85
São Paulo	5.055.733	4.970.144	10.035.877	4.938.070	5.104.526	10.042.596	+ 0,06
Belo Horizonte	875.415	895.824	1.771.239	1.122.525	1.119.670	2.242.195	+ 26,58
Juiz de Fora	631.681	640.477	1.272.158	601.081	568.625	1.169.706	- 8,05
Muriaé	99.761	99.138	198.899	112.133	114.022	226.155	+ 13,70

Fonte: adaptada dos anuários estatísticos do transporte rodoviário coletivo (BRASIL, 1975; 2008).

Em geral, os dados mostram que o Rio de Janeiro teve uma vertiginosa queda quanto ao seu fluxo de passageiros, contrastando com a ascensão de Belo Horizonte e a estabilidade de São Paulo, a despeito do processo de desmetropolização existente desde os anos 1980. A redução das grandes migrações nacionais responde por parte dessas informações, sem perder de vista que a metade norte de Minas Gerais, o Noroeste Fluminense e o extremo sul paulista têm grande vulnerabilidade social. De tais áreas, a de maior contingente municipal e populacional é a mineira, contribuindo para a procura por BH e daí seus dados “positivos” (26,58%). São Paulo e Rio de Janeiro sofreram ainda um processo de desconcentração econômica maior que Belo Horizonte, pois no passado aglutinaram muito mais os investimentos privados e públicos, sendo estes últimos mais sensíveis no caso carioca. Ademais, a dispersão produtiva mineira foi menos intensa e ainda manteve a Zona Metropolitana como região privilegiada na economia de Minas Gerais.

Os dados das cidades matenses – Juiz de Fora e Muriaé – reverberam o caso carioca, uma vez que seus nexos com Juiz de Fora são maiores (explicando parte da queda de 8% no

²⁶⁵ Os dados do anuário estatístico de 1975 são referentes ao ano anterior.

seu fluxo de passageiros) do que os realizados com Muriaé (+ 13,7%), núcleo menos dependente das variações da economia do Rio de Janeiro.

Entrementes, os dados anteriores são muito genéricos. Foi necessário, então, um detalhamento das informações. Para uma avaliação da situação dos nexos entre a cidade do Rio de Janeiro e a Zona da Mata, passemos a analisar a próxima tabela.

Tabela 3.5 – Fluxos de passageiros rodoviários entre núcleos urbanos da Zona da Mata e a cidade do Rio de Janeiro (1974 e 2008).

Cidades	Passageiros da Zona da Mata para o Rio de Janeiro		Variação (%)	Passageiros do Rio de Janeiro para a Zona da Mata		Variação (%)
	1974	2008		1974	2008	
Muriaé – Rio	31.965	23.720	- 99,92	27.057	28.469	+ 5,21
Cataguases – Rio	28.975	31.759	+ 9,61	31.207	31.883	+ 2,16
Carangola – Rio	22.743	13.934	- 38,73	25.825	14.053	- 45,58
Visconde do Rio Branco – Rio	30.419	18.627	- 38,76	24.067	16.249	- 32,48
Recreio – Rio	5.170	8.809	+ 70,38	4.636	8.189	+ 76,63
Leopoldina – Rio	24.127	7.490	- 68,95	23.349	5.822	- 75,06
Manhumirim – Rio	26.936	18.954	- 29,63	29.062	22.602	- 22,23
Juiz de Fora – Rio	268.965	182.257	- 32,23	267.386	218.531	- 18,27

Fonte: adaptada dos anuários estatísticos do transporte rodoviário coletivo (BRASIL, 1975; 2008).

Em 34 anos (1974-2008), observa-se uma tendência geral de queda nos fluxos Mata-Rio, a despeito da intensificação em Cataguases e Recreio. Aos grandes contatos até meados do século XX (vicejados pelas grandes rodovias instaladas nessa fase) sucedeu um processo de criação de rodovias regionais, o que provocou uma série de nexos (não só rodoviários, mas também em outros segmentos socioeconômicos). O conjunto da mesorregião da Zona da Mata mostra-se no caminho de uma maior autonomia interna, com mais articulações entre seus núcleos principais, e isso em cada microrregião (aí envolvendo também as pequenas cidades). Os fluxos socioeconômicos entre os polos próximos à fronteira Minas-Rio também aumentaram, envolvendo cidades de um lado e do outro, tais como Muriaé, Além Paraíba e Itaperuna.

Replicando esse mesmo processo, a articulação regional matense também cresceu com relação aos núcleos do próprio Estado de Minas Gerais e pertencentes a outras mesorregiões,

casos de Barbacena e Governador Valadares (nas Vertentes e Vale do Rio Doce, respectivamente).

Os saldos das viagens analisadas mostram um Rio de Janeiro que mais perdeu passageiros do que os recebeu. Isso sugere uma possível volta de migrantes matenses que foram para o Rio quando este viveu fase econômica robusta.

Assim, estamos aqui resumidamente apontando para o caminho da queda das articulações do Rio de Janeiro com a Zona da Mata. Trilhar tal caminho requer outra pesquisa, não sendo nosso foco observar especificamente os fluxos de passageiros rodoviários.

3.3 – JUIZ DE FORA E ZONA DA MATA EM DINÂMICA URBANA COM RIO DE JANEIRO E BELO HORIZONTE

A cidade do Rio de Janeiro exerceu um grande poder polarizador não só na Zona da Mata, mas também em grande parte de Minas Gerais (exceção nas porções oeste e sudoeste), quando teve primazia no sistema nacional em razão de ser o maior porto de uma economia dependente do exterior e de ser a capital federal. Contudo, esse vasto domínio sofreu expressivo recuo, o qual reflete a oscilação de poder da metrópole carioca no século XX: de soberana a ultrapassada por São Paulo (na pujança e na dianteira do sistema urbano nacional); de soberana no norte, centro e leste mineiros a disputante com Belo Horizonte (cidade que é ex-integrante de seus domínios urbanos). Por isso, as porções de Minas sob tradicional influência paulistana – Sul e Triângulo/Alto Paranaíba – permanecem quase intactas. Houve perdas modestas, como já afirmamos nos casos de Varginha, Passos e Uberaba, por exemplo, lembrando que tais cidades são núcleos de suas regiões adjacentes e, assim, carregam municípios de menor envergadura nesse processo de filiação urbana. A contenda BH-São Paulo não é desprezível (mas não tem a mesma magnitude do embate com o Rio de Janeiro), possuindo a região do oeste e sudoeste mineiros como palco atual das cidades sob disputa.

A evolução territorial da hinterlândia do Rio de Janeiro em Minas Gerais pode ser observada nos mapas a seguir, que reúnem a evolução do processo supramencionado. O efeito polarizador carioca apresenta-se sob nítida queda nos 40 anos observados nas 5 pesquisas arroladas sobre a rede urbana nacional (item 3.2.3), ao passo que Belo Horizonte teve grande avanço sobre o leste mineiro e conquistas territoriais mais modestas em outras regiões, casos da Zona da Mata, Sul e Triângulo. Antes disso, porém, a capital mineira subtraiu enorme porção do Rio de Janeiro nas partes norte, noroeste, nordeste e central.

A Zona da Mata é a última etapa desse processo entre as metrópoles litigantes, onde a microrregião de Ponte Nova, ao norte, já está solidamente articulada com Belo Horizonte. O sul, de históricas relações com o Rio de Janeiro, tende/pode a ser a mais tardia área de incorporação ao controle da capital mineira, mantidas as tendências atuais. As porções centro-ocidental e nordeste matenses são, hoje, as de mais clara bipolarização entre as metrópoles em questão, correspondendo, em geral, às microrregiões de Manhuaçu, Viçosa e Ubá. Por oposição, as microrregiões de Muriaé, Cataguases e Juiz de Fora – partes leste e sul da Mata –

são aquelas em que o Rio de Janeiro tem ainda certa vantagem polarizadora sobre Belo Horizonte. Assim, passemos a acompanhar uma sequência de mapas (3.16, 3.17, 3.18 e 3.19) que trata da dinâmica territorial da área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais (1901-2016).

i) Até a década de 1930

Mapa 3.16 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais até 1930.

Fonte: concepção e elaboração do autor.

Esse mapa reflete a polarização do Rio de Janeiro sobre Minas vinda desde o século XIX, quando articulou hinterlândias extensas e distantes ao se tornar dupla capital (de Brasil e de Portugal) e principal porto nacional. Nesse contexto, Lysia Bernardes (1990b, p. 73-75) fornece o seguinte cenário sobre Minas Gerais:

- Sul de Minas: “Ao se iniciar o século XIX, o sul de Minas Gerais já se organizava em função do abastecimento do mercado carioca, ao qual se destinavam sua criação de bovinos e suínos, como sua produção de queijos, de toucinho, de fumo, etc.” (BERNARDES, 1990b, p. 73);
- Zona da Mata: cereais, feijão, açúcar e fumo, além de leite e derivados (que Bernardes não cita). As indústrias têxteis e de alimentos se multiplicaram no século XIX. “Se a iniciativa

desses empreendimentos [...] foi sempre de caráter local, era a proximidade do mercado carioca que os fazia florescer. Dos centros industriais que datam dessa época, Petrópolis e Juiz de Fora foram os que mais progrediram e se diversificaram” (BERNARDES, 1990b, p. 74);

- Norte e Nordeste, Vale do São Francisco e áreas adjacentes: “Criaram-se amplas áreas de pecuária de corte no nordeste e norte de Minas Gerais, voltadas para o mercado carioca e, em função dessa atividade dominante, se estruturou toda a vida regional em amplos setores da região” (BERNARDES, 1990b, p. 73);

- Vale do Rio Doce: nova região fornecedora na área da pecuária, quando o grande Norte de Minas passa ao domínio de Belo Horizonte;

- Região Central/Mineradora: primeiras iniciativas na implantação de siderúrgicas, a partir dos anos 1920, “[...] também se apoiaram diretamente no Rio de Janeiro [...] sede da maioria das empresas siderúrgicas e também o principal centro de comercialização e segunda transformação de sua produção” (BERNARDES, 1990b, p. 74-75).

ii) Entre os anos 1930 e 50

O mapa reflete a consolidação do processo de industrialização (setor minero-siderúrgico) iniciado na década de 1920 na zona central de Minas e do papel de centro administrativo estadual de Belo Horizonte. As novas ligações rodoviárias e o planejamento do governo de Minas para industrialização da atual RMBH ampliaram sua polarização e detiveram a do Rio de Janeiro, sobremaneira ao norte de Belo Horizonte.

A transição da fase anterior para esta (de ascensão belo-horizontina) tem guarida em um exemplo matense, de Tabuleiro. A cidade possui 2 times – Tabuleirense e Operário – nascidos sob inspiração de equipes do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte (América e Cruzeiro, respectivamente). Exatamente na passagem para os anos 30 os clubes foram criados: em 1928, o Tabuleirense, e em 1931 nascia o Operário (LÉLIS, 2011, s/p). Era o prenúncio de uma futura bipolarização na Mata. Belo Horizonte chegava para a contenda urbana com o Rio.

Lysia Bernardes (1990b, p. 76) comenta que até os anos 1960 o Rio de Janeiro se valeu do transbordo de suas atividades para seu entorno, incluindo a Zona da Mata, onde foi beneficiado pela expansão dos transportes rodoviários, especialmente das linhas de ônibus. Contudo, entre as décadas de 30 e 50, Belo Horizonte passaria a ter diversas rodovias que a conectaram com o interior de Minas. Com isso, o Rio de Janeiro perderia seus (quase) monopólios comerciais em terras mineiras, como no norte da Mata Mineira, região de Ponte

Nova. “No caso de Ponte Nova, a proximidade de Belo Horizonte, reforçada por estrada pavimentada, que não existe na direção de Juiz de Fora, decidiu por seu afastamento quase total em relação a esta, mas em São João del-Rei e Barbacena a situação [medida em demanda por assentos de ônibus] pende mais em favor de Juiz de Fora” (BERNARDES, 1990b, p. 77-78).

Mapa 3.17 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais entre os anos 1930 e 50.

Fonte: concepção e elaboração do autor.

A dinâmica das influências carioca e belo-horizontina na Zona da Mata vem passando por transformações nas últimas décadas menos pelo aspecto endógeno da região e mais pela alteração do perfil das metrópoles: enquanto Belo Horizonte mantém um vigor econômico e expande sua polarização sobre o território mineiro, o Rio de Janeiro enfrentou uma trajetória de perda de influência na Zona da Mata e também de sua força econômica, fato que se reflete no seu encolhimento como centro polarizador. As décadas de 1950 a 70 expressam essa transitoriedade, a qual está marcada no cartograma seguinte.

iii) Entre as décadas de 1950 e 70

O período 1950-1970 é de típica transição quanto ao domínio polarizador de Belo Horizonte (crescente) e do Rio de Janeiro (decrecente), cuja manifestação nas áreas que circundam a Zona da Mata e nela própria são marcantes. Assim, aspectos pretéritos a essa fase vindos da década de 40 – como a abertura da BR-116 em 1939 – mostraram seus reais efeitos somente nos anos seguintes. Do mesmo modo, o resultado territorial desses embates metropolitanos em Minas Gerais repercutidos a partir dos anos 80 foram gestados nos decênios anteriores (anos 50-70).

Nesse sentido, o noroeste matense (microrregião de Ponte Nova) é a primeira a ser absorvida por Belo Horizonte dos domínios cariocas, isso por volta dos anos 1930-40. A seguir, tais metrópoles passam a exercer dupla polarização nas Vertentes e em partes da Mata e do Sul de Minas, até que toda a Zona da Mata fosse compartilhada.

Assim, reunimos alguns sinais da interpenetração da influência carioca e belo-horizontina no intervalo de transição que representam as décadas de 1950, 60 e 70. Desse modo, podemos reconhecer mais claramente a sequência dos mapas postados a seguir.

Quadro 3.1 – Fatores que explicam como a Zona da Mata ficou bipolarizada pelo Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
1. Décadas de 1870 a 1920: Implantação de rede férrea	1. Reforço na relação da Zona da Mata (produção primária com o café) com o Rio de Janeiro (porto exportador desde a fase mineradora). A tardia ocupação do norte matense em comparação com o sul, deram mais conexão a esta área do que àquela com o Rio de Janeiro. As relações entre os centros urbanos da Mata e destes com Belo Horizonte não eram favorecidas em virtude desse comércio extra-regional, embora seus principais núcleos passassem a ter articulações consideráveis se comparadas ao período de comércio feito por meio de muares.
Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
2. Anos 1910: Comércio leiteiro com o Rio de Janeiro	2. A proximidade do mercado carioca e as vias de escoamento melhores na parte sul da Mata, colocam-na em forte articulação com o Rio de Janeiro. O norte matense ficou, assim, menos atrelado. As conexões internas permaneciam em construção frente ao contato com o Rio de Janeiro.

Continua.

Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
3. 1939: Abertura da BR-116 (Rio-Bahia)	3. Intensificação dos contatos dos municípios do leste matense (microrregiões de Cataguases, Muriaé e Manhuaçu) com a cidade e com o Estado do Rio de Janeiro. Internamente, isso retira a articulação direta de tais municípios com Juiz de Fora que, assim, perde poder polarizador sobre a Mata oriental, onde afloram núcleos secundários (Muriaé, Cataguases, Leopoldina e Além Paraíba).

Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
4. Anos 1950: Abertura da BR-135 (BH-Juiz de Fora)	4. Completa a ligação Rio-BH por asfalto (Juiz de Fora já tinha rodovia até o Rio de Janeiro). Belo Horizonte passa a ter, pela primeira vez, condições pareadas com o Rio quanto ao contato com a Zona da Mata.

Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
5. Anos 1950: ligação entre as rodovias BR-135 e MG-060 (Mata-Vertentes)	5. Os municípios da Mata passaram a acessar as Vertentes na altura de Barbacena através da MG-060, e daí com ligação para São João del Rei e Lavras, onde, nesta última cidade, integra-se com a BR-385 (BH-São Paulo) já no contato com o leste do Sul de Minas. Esse novo panorama rodoviário abre o caminho para a influência de Belo Horizonte no oeste e sul da Mata e no oeste do Sul de Minas. As Vertentes serão dominadas com ênfase já a partir da década de 1980. No sul mineiro as conquistas territoriais foram mais lentas e incluem as regiões de São Lourenço e Caxambu. Belo Horizonte conseguiu também subtrair áreas de São Paulo, como Varginha e Passos. Houve certa recuperação da polarização de Juiz de Fora sobre a Zona da Mata, ao mesmo tempo em que foi adquirindo mais autonomia em relação ao Rio de Janeiro.

Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
6. Anos 1960: Comércio leiteiro com Rio de Janeiro e Belo Horizonte	6. Os produtores matenses foram beneficiados por uma série de pequenas rodovias inauguradas que interligaram suas pequenas cidades aos grandes eixos viários existentes. Com isso, abriu-se a chance de acesso ao mercado de Belo Horizonte, já consolidada como 3º principal cidade brasileira.

Continuação.

Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
7. Anos 1960: Novos eixos rodoviários	7. Ligação Ponte Nova-Realeza (na BR-116); prolongamento da MG-060 (ligou Viçosa e mais 15 cidades com o Sul de Minas e com o Espírito Santos no trecho Ponte Nova-Realeza); integração das cidades de Cataguases, Piraúba, Rio Pomba, Santa Bárbara do Tugúrio, Conselheiro Lafaiete, Porto Firme etc. até a BR-116; ligação da Mata (Leopoldina, Juiz de Fora, Lima Duarte) com o Sul de Minas (Bom Jardim, Caxambu); Ponte Nova-Juiz de Fora (integrando o norte ao sul da Mata, passando por Viçosa e Visconde do Rio Branco). Houve uma aproximação interna dos municípios matenses e desses com o interior de Minas, levando a uma intensidade nunca antes alcançada em direção à Belo Horizonte que, desse modo, consolida presença no Sul de Minas, nas Vertentes e na Zona da Mata. Juiz de Fora mantém os processos já iniciados de mais autonomia quanto ao Rio e de aproximação com a Mata, além de ampliar os contatos com Belo Horizonte.

Períodos e Fatores	Efeitos na polarização da Zona da Mata
8. Anos 1960: Incipientes comunicações (rádio e TV)	8. Minas Gerais possuía, em 1966, emissoras de rádio em apenas 71 de seus 722 municípios (ou em 9,8% deles, sendo 16 na Mata). Pior ainda era a situação das emissoras de televisão: apenas 6 no Estado (4 em BH, 1 em Juiz de Fora e 1 em Uberlândia). Além de mal distribuída, a rede de emissoras comunicacionais tinha pequena área de cobertura, o que abriu Minas e a Mata (mais perto ainda) ao alcance das rádios (sobretudo dos anos 40 em diante) e das TVs (anos 60 em diante) do Rio de Janeiro, quando as equipes de futebol cariocas foram largamente difundidas por suas emissoras. Por isso, mesmo enquanto o Rio de Janeiro patinava quanto aos seus domínios econômico, político (deixou de ser capital federal em 1960) e cultural, avançava na fute-polarização da Mata e de outras regiões mineiras e do Brasil. Tal efeito diminuiria aos poucos em razão dos maiores contatos internos em Minas e na Zona da Mata, esta ficando gradativamente mais incorporada à economia mineira, daí o aumento do território das torcidas dos times de Belo Horizonte na região.

Conclusão.

Fontes: Esteves (1915); Ubatuba (1918); Valverde (1958); IBGE (1960; 1972); UFV (1971); IPEA (1973).

Mapa 3.18 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais nas décadas de 1950 a 70.

Fonte: concepção e elaboração do autor.

iv) Após os anos 1970 até hoje (2016)

Fase marcada por um aprofundamento das razões anteriores que restringiram a polarização carioca, enquanto Belo Horizonte seguiu alargando seus domínios. Por seu turno, Juiz de Fora passa a ter uma integração econômica com a economia mineira mais intensa quando recebeu a instalação de siderúrgicas na década de 1970, colocando-a, assim, em conexão com a RMBH, versada nesta atividade produtiva. Em conjunto, a Zona da Mata diversifica sua economia, tornando seus centros urbanos mais autônomos em relação ao Rio de Janeiro, mais articulados entre si e com outras economias, incluindo a da RMBH. Como resultado, a Mata Mineira inaugura o período de seu compartilhamento como hinterlândia do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte até os dias atuais.

A iniciativa do governo estadual – Projeto de Integração Regional de Minas Gerais, PIRMA – de ligar 12 cidades do interior de Minas a Belo Horizonte por voos aéreos regulares (desde ago. 2016) pode ser um novo capítulo no campo de forças Rio-BH, sobretudo na Zona da Mata, contemplada em Juiz de Fora, Muriaé e Ubá.

Mapa 3.19 – Área de influência do Rio de Janeiro em Minas Gerais após 1970 até 2016.

Fonte: concepção e elaboração do autor.

A própria ocupação da Zona da Mata, por grupos populacionais oriundos exatamente e das proximidades das atuais metrópoles que digladiam pela hegemonia polarizadora na Mata (Rio e Belo Horizonte), já sugeria um “destino” que presentemente verificamos. “[...] Dois rios: o das Velhas trazendo a cultura do século XVIII, ideais de Tiradentes e Ottoni; o Paraíba, negro e café. O espírito dominador da Zona da Mata, teimosia ou reacionarismo deflui dessa união de barroco com decadência baronal” (MERCADANTE, 1973, p. 12). Dúvidas à parte, com certeza, o hibridismo não lhe foi furtado. Ou melhor: seu hibridismo conduziu a novas dúvidas acerca de seus pertencimentos polarizadores e identitários, justamente nossos focos de pesquisa.

Todos os estudos consultados nesta tese – como IBGE (2008), IPEA/IBGE/UNICAMP (2002) – têm indicado uma **superposição territorial das influências das capitais fluminense e mineira na Zona da Mata**, mas com nítidos contornos de recuo na histórica polarização exercida pelo Rio de Janeiro. Contudo, tais estudos tecem considerações extremamente generalizadoras, sem esmiuçar o caso: onde o Rio encolhe e Belo Horizonte amplia sua influência? A partir de quais “variáveis” específicas citam essas tendências na rede urbana da Mata Mineira? E por aí segue a lacuna de pesquisa deixada. Deste capítulo

pretendemos uma contribuição. Este vai e vem da polarização das referidas metrópoles duelando pela Zona da Mata configura-se no mais relevante fator que está imprimindo transformações neste subsistema urbano brasileiro. Desse modo, por exercer histórica influência regional, o caso do Rio de Janeiro merece atenção.

3.3.1 – O Rio de Janeiro em sua relação com a Zona da Mata: opulência e dificuldades econômicas, apogeu e recuo de sua influência até a atual competição com outras metrópoles

Após Recife e Salvador terem exercido papéis relevantes no contexto econômico, cultural e político do Brasil colonial, esse protagonismo passou a ser exercido pelo Rio de Janeiro, com a forte marca de sua relação com o escoamento do ouro explorado em Minas Gerais. A partir daí começaria a primazia carioca sobre vasta porção do território nacional, apoiada ainda pela recepção da função político-administrativa, por fomentar a industrialização e reformas urbanas, pela difusão de inovações tanto econômicas como culturais. No caso do futebol, embora São Paulo seja o local de seus primórdios no Brasil, sua popularização passa pela divulgação oriunda da imprensa do Rio de Janeiro, e isso já no século XX.

Portanto, durante cerca de 400 anos – no transcurso entre meados do século XVII e meados do XX – o Rio foi a mais importante cidade brasileira. Nas primeiras décadas do século XX é alcançada e depois superada por São Paulo, seja em termos demográficos ou no campo econômico. Nas últimas décadas, a perda da condição de capital federal impôs um duro golpe no espraçamento da influência carioca que, aliada a um processo de desconcentração das atividades produtivas, diminuiu ainda mais a dinâmica da metrópole fluminense. Acompanhemos essa trajetória carioca.

A Baía da Guanabara se credenciou para abrigar o **maior porto de sua região**, entre tantos pontos do litoral. Sua escolha envolveu duas estratégias: i) seu canal é profundo e sua barra que se fecha em vez de abrir para o oceano; ii) ser envolta por elevações nos dois lados de sua entrada. Tais características, em consórcio, foram determinantes para a efetiva ocupação do Rio de Janeiro, como propôs Tomé de Souza ao Rei de Portugal, em 1593: “Parece-me que V. A. deve mandar fazer ali uma povoação honrada e boa porque nesta costa já não há rio em que entrem franceses [...]. E se não fiz fortaleza este ano no dito Rio foi [...]

por ter pouca gente [...]” (BERNARDES, 1990a, p. 15).

Apesar dessas características, ao Rio de Janeiro não coube somente a função portuária. Nos séculos XVI a XVIII a cidade teve considerável produção de açúcar. Escoava também a produção de outras áreas produtoras, como o do litoral fluminense, sua primeira hinterlândia (BERNARDES, 1990b, p. 71). Os **engenhos** foram situados ao longo dos rios e se multiplicaram, tendo em vista a comunicação com o porto carioca. Não obstante o caráter autossuficiente de cada engenho, as funções urbanas ficaram altamente centralizadas no Rio por mais de 2 séculos. Nos termos de Pierre Monbeig (2004, p. 283): “[...] o Rio de Janeiro foi uma ilha urbana durante longos anos”. Andrade (s/d, p. 1-2) também caracterizou a cidade

[...] a primeira freguesia fora da cidade, a de N. Sra. da Apresentação de Irajá, só acontece em meados do século XVII, assim como a primeira vila criada no recôncavo da Guanabara, Santo Antônio de Sá, às margens do rio Macacu, que ocorre apenas no século XVIII. Ou seja, por mais de dois séculos, o Rio monopolizou as funções típicas de um centro urbano.

As ocupações ligadas à produção de cana proporcionaram a criação de outros portos, como Sepetiba (na outra baía, homônima), e a ocupação de áreas que até hoje guardam em seus nomes atuais de bairros a origem histórica (Engenho Velho, Engenho Novo, Engenho da Rainha, Engenho de Dentro) e também os que se perderam (Real Engenho, atual Realengo).

A descoberta do ouro em Minas Gerais a partir do século XVII, mas com maior fôlego no XVIII, vai mudar o Rio de Janeiro. Suas atividades econômicas ficaram quase que totalmente tragadas pela **função portuário-exportadora**, quando alguns dos pequenos portos fluviais dedicados ao comércio de açúcar que haviam se formado – como Iguaçu, Estrela, Inhomirim e Suruí (ANDRADE, s/d, p. 2) – foram até desativados. Esse momento é um marco na história da relação do Rio de Janeiro com seus espaços comandados: *a metrópole fluminense de costas para sua hinterlândia*²⁶⁶, algo que se repetirá em outros episódios, como teremos a oportunidade de evidenciar. A expressão destacada serve como *slogan* de um relacionamento do Rio com seu Estado e também regiões extrínsecas, caso da Zona da Mata: as benesses foram sempre concentradas e a palavra “compartilhamento” costumeiramente desprezada. Esse modelo permaneceu ao longo do tempo até chegar ao presente, e ressentir-se de solidariedade, pendendo para o enfraquecimento dos laços entre o Rio de Janeiro e os centros urbanos sob seu domínio. Mas, continuemos nosso percurso. Por outro lado, consoante Lysia Bernardes (1990b, p. 72), coube ao Rio o papel de “[...] foco da expansão do povoamento em ampla faixa florestal intocada até o século XIX”, ou seja, os Sertões

²⁶⁶ A expressão “de costas” foi originalmente utilizada por Andrade (s/d, p. 2)

Proibidos – incluindo a Mata. “[...] Dos povoadores aí instalados, muitos eram mineiros que refluíram para o vale do Paraíba ou a Zona da Mata. [...] Era o Rio de Janeiro o centro sobre o qual se apoiariam em todas as suas atividades”.

Assim, a economia carioca viveu o pêndulo do comércio internacional: ao perder o açúcar para as Antilhas (sob o comando holandês) ganhou o ouro e o diamante de Minas Gerais e outras regiões interioranas, como Goiás. E mais: em 1808 ganha apoio institucional com a transferência da administração política de Portugal para o Brasil, tornando-se uma dupla capital. Desse modo é possível afirmar que Napoleão Bonaparte influiu nessa “escolha” pelo Rio, ou melhor, nessa fuga da família real portuguesa, que em muito potencializou a capacidade de polarização da então instituída “supercapital” luso-brasileira.

Antes de Napoleão, porém, a **centralidade carioca** já havia sido reforçada por meio da infraestrutura organizada para viabilizar a comercialização do ouro através de novas articulações no setor de transportes: Caminho Velho e Caminho Novo. A relação entre o Rio de Janeiro e o interior, a região mineira, passava a se intensificar: começa aí a história desse atual subsistema urbano que envolveu a Zona da Mata e Juiz de Fora, mas que chegou a inserir a influência carioca em outras regiões de Minas Gerais, como nas porções sul, leste, norte e central. Nesta última, que abarca Belo Horizonte (1897), o Rio se fez notar mais sensivelmente até as iniciais décadas do século XX, e de modo mais difuso a partir daí.

Até o período retratado, a incorporação da Mata Mineira como espaço de produção e circulação teve relações com sua função protetora e a falta de caminhos de penetração. Porém, isso não durou tanto tempo. A Zona da Mata e também a atual mesorregião do Vale do Rio Doce compunham os vastos “Sertões do Leste” ou “Áreas Proibidas” em Minas Gerais, que funcionavam como escudo ao processo exploratório da mineração interiorana. Ao atual Estado do Espírito Santo coube igualmente proteger o ouro, sendo transformado em um verdadeiro forte militar e de onde eram proibidas a abertura de estradas entre o litoral e a região das minas. Daí a ocupação rarefeita de todas essas regiões no século XIX (CAMPOS, 2013, p. 1013).

A articulação das minas com o Rio de Janeiro ficou mais efetiva com a **criação do Caminho Novo em 1699**. Ou seja: “quem diz mercado, diz estrada”, sintetizou magistralmente Monbeig (2004, p. 301). Partia o Caminho Novo de Vila Rica (Ouro Preto), atravessava a Zona da Mata pelo sul até chegar ao Estado fluminense e daí até o Rio de Janeiro. Com ele, as viagens de Minas para o Rio encurtaram: antes demoravam 3 meses e

passaram para 15 dias. Ficou mais rápido do que ir para São Paulo, viagem que durava cerca de 50 dias. O Caminho Novo ainda passou por reparos nas primeiras décadas do século XVIII, a partir das quais ganhou em trafegabilidade. O trecho mais difícil era, ao sair do Rio de Janeiro, até as proximidades da Borda do Campo, atual cidade de Barbacena-MG, ou seja, as travessias das serras do Mar e da Mantiqueira.

Ao Caminho Novo podem ser atribuídas as seguintes “revoluções” para a época:

- gerou maior acumulação de riquezas para Portugal, maximizando a cobrança de impostos em territórios mais amplos;
- melhorou o abastecimento das regiões mineradoras, não só pela circulação mais eficaz mas também pelo incentivo à produção agropecuária e ao comércio;
- seu trajeto evitava o enfrentamento dos perigos entre Parati e o Rio de Janeiro (o Caminho Velho), além dos lamaçais, os brejos, dispostos pela Serra da Mantiqueira, acelerando as viagens;
- ocupação das margens da “estrada” por meio de registros, roças/pousos, doação de sesmarias, picadas etc. Os nomes de grandes proprietários dessas terras acabaram por designar alguns futuros topônimos da Zona da Mata, como Simão Pereira de Sá (Simão Pereira) e Coronel Matias Barbosa da Silva (Matias Barbosa), relata Paulo Mercadante (1973, p. 39). Nesse contexto, deve a cidade à sua posição, afirma Monbeig (2004, p. 283): paradas obrigatórias dos viajantes antes de cruzar zonas de relevo acentuado e etapas sobre uma grande via natural de comunicação.

Essa última “revolução” se inscreve no rol das **transformações da rede urbana regional** e, claro, do Rio de Janeiro, no clássico modelo dendrítico. Vejamos.

Quando o ouro foi descoberto, o Rio de Janeiro era um núcleo urbano de pouca expressão demográfica e econômica, apesar de ter a produção açucareira anteriormente relatada. O Caminho Novo fez a cidade carioca não ter rivais como porto e como “boca das minas” – nos termos de Monbeig (1984) –, conectando-se ao espaço de maior dinamismo econômico da colônia, para onde enviava produtos da terra e importados (SOARES, 2009, p. 51): sedas, sal, pólvora, azeite, vidros, armas e, sobretudo, escravos.

No interior fluminense também houve articulações com a fase do ouro, com a expansão das lavouras, dos currais e dos engenhos. Tais fixos da paisagem em formação são produtos dos fluxos, ou melhor, das dificuldades em circular: era necessário ter suprimentos em curtas distâncias para os padrões atuais, o que explica a pulverização de povoações e

localidades lado a lado até os dias atuais nas regiões de onde partia o abastecimento, seja perto ou não das lavras, nos pontos de tributação ou descanso. Como decorrência, não é difícil citar sedes de municípios que distam menos de 20 km em Minas Gerais, como entre Ouro Preto e Mariana (centro do Estado, região das minas), Juiz de Fora e Matias Barbosa (perto da fronteira com o Rio de Janeiro, região dos registros).

Cristiano Restitutti (2006, p. 79), em tese dedicada ao comércio interprovincial mineiro (1839 a 1884), evidencia as articulações territoriais entre mineiros e fluminenses: “Enquanto a agricultura de alimentos era mercantilizada no pequeno *hinterland* agrário dos centros urbanos mineiros, os produtos de origem animal trafegavam grandes distâncias, conectando os mercados regionais e com o Rio de Janeiro”.

Os dois últimos parágrafos contêm dois importantes aspectos na construção da rede urbana de várias regiões brasileiras, e não apenas da Zona da Mata. São eles: as dificuldades na circulação e o trânsito de animais. Depreende-se que um dependia do outro, pois os caminhos/picadas ruins requisitavam o uso de animais para as cargas e como alimentação. Portanto, o que se tem aqui é uma situação urbana e econômica da mais alta relevância: ainda que incipiente, a **economia mineradora conformava núcleos urbanos em nascimento em diferentes porções** das atuais macrorregiões do IBGE e **suscitava as primeiras especializações produtivas** em cadeia, orientadas para o suprimento da região das lavras e para o Rio de Janeiro, mesmo com a decadência da mineração no século XIX. Daí em diante, por cerca de 100 anos, o **café substituiu o papel da mineração** quanto à articulação dos territórios, à origem de novos centros urbanos e às divisões territoriais do trabalho que se anunciavam.

O comércio de bovinos reunia produções no norte e oeste de Minas Gerais (mais perto das minas), além de Goiás, que rivalizavam com São Paulo. Os “caminhos do gado” articulavam as regiões dos rios Grande, São Francisco e Paranaíba, e os sertões do Triângulo, Paracatu e Goiás, que se afunilavam em São João del Rei e daí seguiam para o Rio de Janeiro. Conforme Restitutti (2006, p.125), a maior receita dos produtores vinha do comércio com o Rio de Janeiro, o que justifica a quadruplicação das feiras nas “bocas do sertão” (ou seja, nas zonas das matas mineiras) e no território fluminense.

O comércio de muares também foi potencializado com as minas e depois com o café. Celso Furtado²⁶⁷ (1991, p. 76-77 apud RESTITUTTI, 2006) descreveu o aumento da importação de bestas para Minas Gerais na década de 1730. Vale lembrar que elas foram

²⁶⁷ FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 24 ed. São Paulo: Nacional, 1991.

responsáveis por enfrentar as velhas cordilheiras mineiras carregadas de ouro, enviado para o demandante mercado internacional e tendo o Rio de Janeiro como intermediário. Em menos de cem anos, as bestas eram criadas em cerca de 2/3 dos municípios mineiros, dos quais 40% dedicados ao comércio. Restitutti (2006, p. 130) calcula que todas as exportações mineiras (inclusive de café), utilizando mulas, criaram 62 mil viagens em 1828 e 78 mil em 1839!

São Paulo e Minas Gerais exportavam suínos para o Rio de Janeiro através do Vale do Paraíba, chegando a cerca de 48 mil cabeças em 1828 (RESTITUTTI, 2006, p. 127). A agricultura de alimentos também revelava seus núcleos produtores em Minas Gerais, como Lavras, Alfenas, Pitangui e Campanha.

À medida que a circulação de riquezas crescia, a imperiosa necessidade de catalisar os lucros era refletida em legislações e na **introdução de próteses infraestruturais** (como as ferrovias), ambas condizentes com os objetivos do lucro à época. Por isso, **7 postos fiscais de fronteira** foram criados entre 1810 e 1820; 8 em 1839-1840; e mais 23 até 1874, a maioria, evidentemente, na direção do Rio de Janeiro e aproveitando o final das jazidas auríferas. Nesse sentido, Restitutti (2006, p. 140) relata a iniciativa de criação das recebedorias ou registros pela Lei 154/1839, embora 6 delas já existissem (e continuaram a atuar).

Determinados **registros deram origem a cidades**, como Chiador, Pirapetinga, Além Paraíba, Simão Pereira, Sapucaia-RJ e Matias Barbosa (onde a agricultura também era importante), **a exemplo dos entroncamentos e estações ferroviárias**, mas não com a profusão do que houve em São Paulo. Diferentemente do caso paulista (MONBEIG, 1984, p. 347-354), na Zona da Mata as ferrovias não seguiram as frentes pioneiras da agricultura, pois foram instaladas após a ocupação cafeeira, resultando numa limitada criação de novos núcleos urbanos. Já no caso paulista, a simultaneidade café-ferrovia foi primordial no desenvolvimento de sua rede de cidades, as cidades “bocas de sertão” e “pontas de trilhos”.

No início do século XIX os **sertões estavam livres**, isto é, o antigo impedimento de sua ocupação já não mais existia. Esta regra revogada possibilitou **expressiva entrada de fazendeiros e posseiros** na Zona da Mata, segundo Soares (2009, p. 97) principalmente a partir de 1810. A **demandas por terras** cria e aperfeiçoa estratégias: à população indígena, com terras já subtraídas, coube um redimensionamento do espaço para sobrevivência (caça, coleta e agricultura) que, ainda assim, resultou em guerras intertribais e saques às propriedades instaladas. Tais saques criaram o discurso que se almejava: a necessidade de retirada dos índios. Os aldeamentos de cunho religioso aumentaram e, aliados ao extermínio

via alcoolismo, doenças e violência, culminaram em mortes massivas e até a extinção de certas nações de índios no decorrer da primeira parte do século XIX. Paulo Mercadante (1973, p. 40 e 42) cita a catequese como marcante na ocupação da região dos rios Xopotó, Turvo e Doce, atual porção centro-oeste da Zona da Mata, formada por diversos núcleos urbanos, tais como Cipotânea, Senador Firmino, Alto Rio Doce, Dolores do Turvo e Brás Pires. Daí passaram os ocupantes aos vales dos rios da Bacia do Pomba, descendo afluentes rumo aos aldeamentos, como do atual município de Guarani. A penetração via hidrografia prosseguiu, bem como a articulação com o Rio de Janeiro: “Dos arraiais do Pomba dirigiram-se acima pelo Muriaé, alcançando o Carangola, ultrapassando a serra e atingindo a bacia do Doce pelo Manhuaçu e Manhumirim. A lavoura em expansão eliminava a descontinuidade de povoamento entre o Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais”, observou Mercadante (1973, p. 91).

Contrário ao uso da violência física preconizada pelo governo, Guido Marlière (francês encarregado de catequese e chefe militar para a região do Rio Doce) acabou semeando as origens de cidades como Guidoal (nome em sua homenagem), São Geraldo, Guiricema e Ubá (MERCADANTE, 1973, p. 47-49).

A derrocada indígena amplia a posse de terras por agricultores, insere a Zona da Mata no circuito mercantil com a escalada da produção cafeeira e abre caminho para a disseminação de núcleos urbanos. Antes disso, cabe resgatar que a distribuição espacial dos povoados na região era dada assim: ao longo do Caminho Novo, com perfil mais mercantil; e partindo da área central mineradora, com ocupação mais difusa que nas minas e economia agrícola ao redor de Vila Rica e Mariana (SOARES, 2009, p. 102 e 86-87). Paralelamente ao Rio Doce, da região de Vila Rica (Ouro Preto) seguia estrada para conduzir gado de Minas até o Espírito Santo, passando pelo Rio Piranga por uma ponte, local que originou a cidade de Ponte Nova (MERCADANTE, 1973, p. 43).

Carrara (2007, p. 66) avalia a questão da **ocupação territorial** ao afirmar que “[...] se for possível uma imagem, o movimento agrário característico de Minas colonial é o da ampliação constante da fronteira por ondas crescentes de pequenos lavradores em todas as direções disponíveis”. Esta ocupação gerou uma produção “[...] responsável pela paulatina incorporação das regiões de fronteira à economia mineira. Nessas regiões a produção de gêneros de abastecimento destinada ao mercado se ampliou ao longo do século XVIII, impulsionada principalmente pela migração de pequenos lavradores” (SOARES, 2009, p. 59).

Voltando-se para si, e não para o Rio de Janeiro, essa situação dos agricultores simboliza uma primeira descentralização Minas-Rio.

A decadência da mineração ao longo do século XVIII levou à **migração de habitantes da zona central mineira para a Zona da Mata** que, somados, aos pequenos lavradores já citados, conformariam a ocupação da região no século XIX. Segundo Mercadante (1973, p. 45), terras devolutas norte-matenses foram ocupadas por posseiros oriundos da zona central mineradora (dos atuais municípios de Piranga, Mariana e Itabira). Assim surgiu, em fins do século XVIII, a Freguesia de Santa Rita do Turvo, atual Viçosa. Peter Blasenheim (1982, p. 42 apud LANNA, 1988, p. 32) demonstrou que a elite de agricultores da Mata é oriunda dos emigrantes do Sul e do Centro de Minas, além do Rio de Janeiro, sendo responsáveis pelo estabelecimento das primeiras plantações em Além Paraíba, Leopoldina, Cataguases e Ubá²⁶⁸. Depois, agricultores da própria Mata chegariam até Juiz de Fora.

Essa informação coloca em xeque um outro ponto específico na temática da identidade do mineiro, a dita “mineiridade”: como se vê, o mineiro central – definido como o “autêntico mineiro” – é, na verdade, ao menos em parte, o ancestral do matense. Portanto, há também uma relação histórica, bem delimitada, entre a Zona da Mata e a Região Central Mineira, e o carioca não é formador da população da Zona da Mata ou de Juiz de Fora (os “mineirocas”, ou “cariocas do brejo”, como são popularmente conhecidos). A despeito de não ser exclusivo elemento formador da população matense, o **Rio de Janeiro iria fortalecer sua centralidade com o binômio café-ferrovia**, a maior marca do século XIX e início do XX.

A rápida expansão cafeeira arruinou a antiga produção canavieira carioca, primeiro ocupando as serras da região cuja produção foi logo suplantada pelo Vale do Paraíba em direção também a São Paulo e Minas Gerais (pelo Vale do Paraíba, rio que corta Juiz de Fora). Soares (2009, p. 112) afirma que a Zona da Mata foi atingida pela fronteira agrícola fluminense em 1809. Na capital carioca, os antigos portos fluviais (que serviam ao comércio de açúcar) “[...] voltam a funcionar como pontos de transbordo da produção que chegava em lombos de burro e mesmo às distantes baías de Sepetiba e Ilha Grande, que estavam esquecidas [...]” passam a integrar rede de distribuição do café, assim como “[...] Mangaratiba, Mambucaba ou mesmo Angra dos Reis e Paraty, dentre outros, são pontos finais

²⁶⁸ As famílias ou pessoas fundadoras dessas cidades e suas origens são: os irmãos Leite Ribeiro – Francisco e Custódio – vindos de Valença-RJ (fundaram Além Paraíba e Mar de Espanha); Manoel José Monteiro de Barros, de Congonhas, no centro de Minas (funda Leopoldina); Joaquim Vieira da Silva Pinto, de Queluz-MG, também do centro (Cataguases); Joaquim Dutra Nicácio, sobrinho de Silva Pinto (Ubá); família Tostes, de outras cidades matenses (Juiz de Fora); (BLASENHEIM, 1982, p. 42 apud LANNA, 1988, p. 32).

de trilhas utilizadas pelas tropas de burro e redirecionavam o café para o porto do Rio” (ANDRADE, s/d, p. 3).

O aparente equilíbrio da distribuição cafeeira acima mostrado, contudo, não apresentava ainda o **papel das ferrovias**. Elas foram implantadas em virtude do aumento exponencial da produção de café, do distanciamento entre zonas produtoras e porto exportador (Rio de Janeiro), além do maior volume de cargas que poderia ser levado em face dos burros. Com isso:

- i. Houve a decadência e até a morte de portos fluviais no Rio de Janeiro. Iguaçu, por exemplo, fica arruinado completamente e até a sede do município muda para a estação ferroviária de Maxambomba, depois renomeada como Nova Iguaçu;
- ii. A fronteira agrícola do café expande do sul para o norte e oeste da Zona da Mata, cuja produção fica disseminada nas décadas de 1820-1830, mas acelera-se nos anos 1840-1850;
- iii. As ferrovias viraram assunto de primeira ordem nas políticas governamentais. Novos ramais foram instalados sucessivamente na região: E.F. D. Pedro II (ligação do Rio de Janeiro com Minas Gerais e São Paulo); 1865: 1º trecho construído do Rio a Barra do Piraí e daí terá dois destinos: Cachoeira-SP e Porto Novo do Cunha-MG (hoje Além Paraíba); 1867: chega até Entre Rios (atual Três Rios-RJ), de onde prosseguiu descendo o Rio Paraíba do Sul; 1869: inaugurada a estação de Mar de Espanha, a 1ª em Minas; 1871: a linha chega até Porto Novo do Cunha;
- iv. Em 1871, o Governo de Minas Gerais recebe autorização para realizar trecho férreo de Porto Novo do Cunha a Leopoldina, importante centro produtor de café. Os ramais originais reunidos fariam da Leopoldina a principal ferrovia da região, chegando até Carangola (NE da Mata) no final dos oitocentos;
- v. Na porção centro-sul da Zona da Mata, onde a produção de café tinha mais vigor, houve a implantação de estações ferroviárias fora das áreas urbanas com o fito de atender aos fazendeiros próximos, o que, no relato de Soares (2009, p. 164), possibilitou o surgimento de novos núcleos urbanos, que cresceram a partir da centralidade adquirida por algumas dessas estações, como as atuais cidades de Rochedo de Minas, Dona Eusébia, Piraúba e Volta Grande;

vi. Café e ferrovias ajudaram a atrair e dispersar os imigrantes que chegavam até a Mata, cuja introdução foi facilitada pela diversificação de formas de trabalho (semi-livre, meia etc.)²⁶⁹ em proliferação.

O café está amplamente relacionado com a **intensificação do contato da Zona da Mata com o Rio de Janeiro, resultando na sua polarização**, de modo mais efetivo, no século XIX. Nesse período, a região matense via crescer sua população e seus núcleos urbanos, enquanto o Rio de Janeiro organizava seu espaço intra-urbano com reformas de inspiração franco-americana e articulava grandes porções do espaço nacional. Tais articulações entre matenses e fluminenses guardaram um misto de aspectos socioculturais e econômicos, observados por Blasenheim (1982, p. 33 apud LANA, 1988, p. 33, grifos nossos): o café “[...] recriou na Mata as estruturas econômicas e os padrões sociais da província do Rio. Os **plantadores da Mata seguiam o estilo de vida dos cafeicultores fluminenses e utilizavam técnicas agrícolas similares**”, ao que interpõe Lanna (1988, p. 33 e 34, grifos nossos) e nos moldes do que aqui defendemos:

Apesar dessa proximidade com os padrões econômicos, sociais e culturais do Vale do Paraíba fluminense, a Zona da Mata era parte integrante da Província de Minas. Mesmo se esta dupla ligação causava tensões a nível das reivindicações políticas dos matenses e das concepções que eles tinham de si próprios, ela não invalidava as *fortes relações com o restante da província*. [...].

A presença de bacharéis nos quadros políticos de Minas Gerais e suas ligações com os cafeicultores, os casamentos interfamiliares [...], tudo isso mostra a permanência dos valores constitutivos da elite mineira nos cafeicultores da Zona da Mata.

Enquanto o café foi a estrela da economia regional (no período 1870-1905), Belo Horizonte teve que, além de reunir os regionalismos mineiros, estancar o fluxo de capitais para o Rio de Janeiro. Fala-se muito em rivalidades de Juiz de Fora com Belo Horizonte, mas também houve **rusgas de toda a Mata Mineira com relação à expropriação que causavam a circulação e a comercialização do café pelo porto carioca**, argumenta Ana Duarte Lanna (1988, p. 43), bem como toda importação, que implicou em gastos com taxas, juros e comissões aos intermediários cariocas. “Aumenta a importância de descapitalização se se considerar inclusive que todo equipamento de Juiz de Fora e da Zona da Mata era importado via Rio de Janeiro”, além de atrair capitais aplicados no mercado financeiro, resume Giroletti (1988, p. 119 e 120). A antiguidade dos **fluxos comerciais entre Juiz de Fora, Rio de**

²⁶⁹ Cf. PRATES, Carlos. **A lavoura e a indústria na Zona da Mata**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1906. Observar, por exemplo, a página 132.

Janeiro e Belo Horizonte dão uma mostra da dinâmica que enreda a temática da **polarização ao longo do tempo**. Contudo, a proximidade e o sistema viário deram nítida vantagem para o Rio quanto aos contatos com Juiz de Fora, e não para Belo Horizonte. Nos exemplos a seguir, a presença comercial e simbólica (no nome da confeitaria) do Rio de Janeiro em Juiz de Fora.

Fotos 3.1 e 3.2 – Articulações urbanas entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro (1893).

Fonte: *Juiz de Fora*, 30 jul. 1893, s/p.

Nesse sentido, Albino Esteves (1915, p. 43 e 281-287) revelou que os produtos agrícolas exportados por Juiz de Fora no início do século XX eram predominantemente direcionados para Rio de Janeiro e Belo Horizonte. E isso mesmo com uma renda diferencial menos favorável a Belo Horizonte, por estar mais distante e contar com rede viária pior em detrimento dos cariocas. Os produtos industriais exportados seguiam roteiro semelhante: destinavam-se para outras cidades da Zona da Mata e de outras regiões de Minas; para o Estado e a cidade do Rio de Janeiro; e secundariamente para os demais estados, aí destacando-se São Paulo seguido pelo Espírito Santo.

O panorama das exportações juiz-foranas há cerca de 100 anos está intimamente relacionado aos ramais ferroviários existentes que ligaram Belo Horizonte à Central do Brasil. As demais regiões – Zona da Mata, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo – receberam ferrovias em virtude do binômio produção-circulação do café, assim como as regiões mineiras limítrofes à Mata, com relevo para o Vale do Rio Doce. A concorrência mais próxima (geograficamente) de Juiz de Fora se dava com Petrópolis e com outros centros fabris da Mata, Cataguases e Ubá, por exemplo. Sobre a presença de Juiz de Fora na Mata, Giroletti (1988, p. 113, grifos nossos) comentou: “A inauguração da Ferrovia D. Pedro II, em 1875, e a

posterior abertura ou entroncamento de outras **ferrovias** (Leopoldina, Juiz de Fora e Lima Duarte) vieram **reiterar** até certo período sua **função de polarização econômica** regional”. Desse modo, a polarização **de Juiz de Fora** era barrada no Estado fluminense (por Petrópolis, mas sobretudo pela capital), mas não na Mata, com industrialização menor que a juiz-forana e mais dedicada ao setor primário, principalmente na sua porção norte, ocupada mais tarde e essencialmente cafeeira, bem como suas imediações em Minas e no Espírito Santo. A **crise da cafeeira provocou o encolhimento da polarização de Juiz de Fora**, como revela Domingos Giroletti (1988, p. 124-125):

[...] a nível regional, a produção de café se desloca para norte e nordeste da Zona da Mata, para os vales do Rio Doce e, posteriormente, Mucuri. Com este deslocamento criam-se novas alternativas de transporte, de comercialização de café e de abastecimento, sem necessidade de utilizar a intermediação de Juiz de Fora. A parte oriental da Zona da Mata, que compreende outras cidades como Manhuaçu, Manhumirim, Carangola, Tombos e Palma, sempre se ligou diretamente ao Rio de Janeiro, via Além Paraíba, sem depender do entreposto comercial de Juiz de Fora.

Através do **futebol** ainda vemos tudo isso o que foi construído ao longo do tempo, pois as cidades citadas revelam tais **articulações majoritárias com o Rio de Janeiro em detrimento de Minas Gerais**: em todas elas os times cariocas são os prediletos entre os torcedores, exceção à Manhuaçu (apenas 0,7% a mais para as equipes de Belo Horizonte). Além Paraíba, a “porta de entrada” regional da influência carioca, teve o 2º maior percentual de torcida pelas agremiações do Rio de Janeiro em toda a Zona da Mata, atrás somente de Santa Rita do Jacutinga, no extremo sul matense (GE, 2015).

A gradativa falência da malha ferroviária imposta pela sua substituição por **rodovias** engendrou uma **nova composição da rede urbana** em razão da criação de articulações entre nodos matenses até então inexistentes ou reestruturando os locais já articulados pelas ferrovias. Assim, aproximações e clivagens marcaram a metade do século XX na Mata Mineira, **impactando as regiões de influência urbana de Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Belo Horizonte**:

1) Anos 1880 aos anos 1920, o “Período Ferroviário”: mesmo sob vigência do primado das ferrovias, já havia certa desarticulação da presença de Juiz de Fora na região. O sul da Mata (onde está Juiz de Fora) construiu uma conexão com a parte central (Muriaé, Cataguases, Mar de Espanha etc.) e com a parte ocidental (Ubá, Viçosa, Ponte Nova etc.) desde o século XIX,

por meio da Rodovia União e Indústria, da E.F. D. Pedro II e do ramal Rio Novo-Guarani da E.F. Leopoldina. Por volta dos anos 20, novos trechos ferroviários foram criados, possibilitando novas conexões interurbanas para as porções central e oriental da Mata, carreando-as para o Rio de Janeiro. Destarte, as cidades que compunham o tronco ferroviário Ubá-Caratinga podiam (além do ramal Guarani-Rio Novo-Juiz de Fora) ligar-se diretamente ao Rio de Janeiro via São João Nepomuceno-Bicas-Mar de Espanha ou via Além Paraíba (ramal que integrava Muriaé, Cataguases e Leopoldina), as principais cidades do sudeste matense. O entreposto comercial de Juiz de Fora ficou deslocado dessa rota de exportações que envolve importantes núcleos regionais, afetando o exercício de sua centralidade urbana na Zona da Mata, a qual seria ainda mais prejudicada. Em 1926 foi inaugurado o trecho da E.F. Central do Brasil entre Ponte Nova e Mariana que, por sua vez, ligava-se com Belo Horizonte. Isso trouxe a capital mineira para rivalizar com o comércio atacadista que Juiz de Fora desenvolvia com o noroeste da Mata Mineira, valendo-se do ramal de Rio Novo-Ubá-Viçosa que interiorizava suas ações comerciais na Mata ocidental.

Nesse caso, mais uma vez o filtro do futebol é marcado pela eficiência: a influência belo-horizontina que se estendeu para as regiões de Ponte Nova e Viçosa por meio ferroviário, pode ser atestada pelo perfil das torcidas, pois os times de Belo Horizonte são os preferidos em todos os municípios da MR Ponte Nova e em 16 dos 18 municípios da MR Viçosa, sendo que os 2 casos de “vitória” do Rio de Janeiro (em Ervália e Brás Pires) ocorreram na parte sul da microrregião, mais afastadas da penetração de Belo Horizonte, vinda pelo norte. Neste caminho de norte (perto de BH) para sul da Mata, a MR Ubá concedeu consideráveis percentuais de torcida para as agremiações da capital, caindo um pouco mais na MR Juiz de Fora, onde situa-se Rio Novo, uma das estações do ramal supramencionado. Confirmando o “efeito norte-sul”, as menores preferências pelos times de Belo Horizonte na MR Ubá ocorreram na porção sul, em Silveirânia, Tabuleiro, Guarani (13,7%), Tocantins (14,4%), Piraúba e Astolfo Dutra (15,1%) (GE, 2015).

2) Anos 1930-1950, o início da “Era das Rodovias” (sem pavimento): houve uma retomada dos investimentos no setor viário nesta época, entretanto, a pavimentação não fosse lograda na maioria dos casos. Muitas rodovias vicinais à rodovia Rio-Belo Horizonte articularam Juiz de Fora (por meio de duas vertentes) a outros núcleos matenses importantes na porção central da Mata:

- Vertente 1: a leste, com Leopoldina e Cataguases, e daí para Muriaé;

- Vertente 2: a norte, criando ligações com Rio Novo, Ubá e Viçosa.

Nos dois casos, diversas outras cidades também foram conectadas pelos eixos rodoviários citados, como Coronel Pacheco, Piau, Guarani, Piraúba, Tocantins, Visconde do Rio Branco (norte), Bicas, Guarará, Maripá de Minas, Argirita e Laranjal (leste), dentre outras.

Com isso, parte da polarização urbana que Juiz de Fora perdera com as ferrovias pôde ser retomada até a década de 1940. Houve ainda uma profusão de conexões às estradas mais importantes através da criação de pequenas estradas coadjuvantes ao sistema viário central.

3) Anos 1950 em diante, o “Primado das Rodovias” (com pavimento): a efetivação do sistema rodoviário regional se deu na contramão das ferrovias, que, paulatinamente, tiveram diversos ramais extirpados na Zona da Mata²⁷⁰. Os nodos da rede urbana regional passaram a conviver com uma maior integração, intensificando os laços e as polarizações urbanas metropolitanas, ao mesmo tempo em que as principais cidades matenses gradativamente perderam um pouco da dependência e da referência com o Rio de Janeiro, mas isso sobretudo já nas últimas décadas.

Duas rodovias são mais impactantes sobre a rede de cidades da Mata Mineira e sobre a dinâmica das polarizações urbanas, a BR-116 e a BR-040:

1ª) BR-116 ou “Rio-Bahia”: liga o Sudeste oriental ao Nordeste, passando no sentido longitudinal pela Zona da Mata. Interligou localidades anteriormente servidas por ferrovias, como Leopoldina, Cataguases, Muriaé, Manhuaçu e, fora da Mata, Caratinga. Nas palavras de Orlando Valverde (1958, p. 38), no seu clássico estudo sobre a Zona da Mata, está posto que “a maior parte do tráfego no centro e no leste da região passou a fazer-se por ela; Leopoldina e Muriaé tornaram-se entroncamentos de estradas e, por fim, o Rio de Janeiro roubou grande parte da influência do leste de Juiz de Fora”, limitando-se, assim, “ao âmbito circunscrito por São João Nepomuceno, Rio Pomba e Mercês”. Portanto, o leste matense ampliou suas relações internas ao mesmo tempo em que houve certa desarticulação com o sul da região, retirando parte de uma polarização mais intensa de Juiz de Fora, exatamente como houve com as ferrovias cerca de 30 anos antes.

2ª) BR-040 (Brasília-Rio, passando por Belo Horizonte): provocou, na visão de Menezes (2004, p. 8), a decadência e até o isolamento das ligações mais interiores dos municípios das cercanias de Juiz de Fora, “[...] ligações que passam a ser vicinais, quando órfãs da

²⁷⁰ Observando as cidades matenses, em diversas delas as antigas estações ferroviárias são, hoje, estações rodoviárias.

decadência ferroviária”. Por outro lado, verteu o sul da Mata para uma conexão com Belo Horizonte – que era demorada e de difícil trânsito. Estava aberta, então, a real concorrência da capital mineira com o Rio de Janeiro no sul da Mata (a porção que ainda faltava), o que se arrasta até os dias atuais e assim continuará por tempo indefinido. Reverberando via futebol, já citamos que a polarização de Belo Horizonte diminui na Zona da Mata de norte para sul, cujo extremo está representado pela MR Juiz de Fora (embora a BR-040 não cruze outra microrregião matense). Por isso, as torcidas dos times da capital diminuem neste eixo norte-sul de penetração da rodovia: Santos Dumont-Juiz de Fora-Matias Barbosa (15,4%, 13,4% e 8,8%, respectivamente), crava novamente o futebol (GE, 2015).

Orlando Valverde (1958, p. 63, grifos nossos) sagazmente sintetiza importante relação entre as vias de transporte e a rede de cidades na Zona da Mata:

Ainda mais interessante se revela o estudo dos grupamentos de população na Zona da Mata que formam a rede urbana. Suas principais cidades estendem-se como guirlandas ao longo dos caminhos tradicionais. *Quanto mais velhas as estradas, mais importantes as cidades*. No caminho para as minas, que é hoje a rodovia Rio-Belo Horizonte, estão Juiz de Fora e Santos Dumont; na estrada que do vale do Pomba leva a Ponte Nova, vamos encontrar Leopoldina, Cataguases, Ubá e Viçosa; no vale do Muriaé ficam a cidade de igual nome e Itaperuna [no RJ], e, pela estrada mais oriental que daí vai para o norte, encontram-se Carangola, Manhumirim e Manhuaçu.

Ao posterior momento da decadência cafeeira, a **Zona da Mata** perdeu sua rota produtiva e vem sendo considerada uma **região estagnada** economicamente desde os anos 1940, aproximadamente (incluindo Juiz de Fora, seu principal núcleo), mas com recuperação no atual século. A situação socioeconômica regional ficou ainda mais contundente pelas tendenciosas administrações estaduais empenhadas em fazer de Belo Horizonte a principal cidade de Minas, papel que estava a cargo de Juiz de Fora, preterida principalmente no momento dos investimentos industriais, declinando sua condição produtiva, fato sentido também na Zona da Mata, sua porção de território de influência direta. Em torno dos anos 1950, avalia Menezes (2004, p. 9) que a chegada das transnacionais do setor de laticínios importava concorrência e dificuldades às indústrias nacionais (como as paulistas, sul-mineiras e matenses), sendo mais um golpe acusado regionalmente.

Soma-se a isso tudo a política de erradicação dos cafezais na região na década de 1960, decorrendo em um crescimento demográfico matense no período 1960-70 de 3,9% (contra 15,4% de Minas Gerais e 33% do Brasil) (IPEA et al, 1973, p. 115-116), situação que refletiu sua limitada expansão socioeconômica e o êxodo de sua população para outras

regiões. As décadas seguintes apresentaram dados confirmadores das **dificuldades socioeconômicas enfrentadas pela Zona da Mata:**

- no período 1970-80, as 4 regiões de planejamento mais pobres de Minas Gerais tiveram os menores avanços no ritmo de crescimento da população total, incluindo a Mata (que cresceu 2,5%, ficando à frente só do Mucuri/Jequitinhonha – com 2,4%);
- com a incerteza à baila sobre a produção cafeeira e com a contínua urbanização, a agropecuária foi perdendo espaço econômico na Mata, sobretudo a contar dos anos 1970;
- seu PIB passou de 8,8% do total mineiro, em 1999, para 7,6% em 2003. As reduções (por setor) foram de 1,2% no primário, 1,5% no secundário e 0,6% no terciário (GOMES, 2002, p. 158). De 2002 a 2011, o PIB industrial da Mata Mineira caiu 1,31%, ao passo que o da Região Central avançou 9,66% (FIEMG, 2015, p. 38);
- em 2000, apenas 2 municípios matenses tiveram IDH-M a partir de 0,800: Viçosa (0,809) e Juiz de Fora (0,829). A maioria dos municípios (92 deles) estavam na faixa de 0,700 a 0,799, além de 48 municípios abaixo de 0,700²⁷¹. Somente 13 municípios da Mata ficaram acima do IDH médio nacional (0,769) em 2000 (ROCHA, 2008, p. 41);
- em estudo sobre a indústria mineira entre 1970 e 1994, Figueiredo e Diniz (2000, p. 45-47) observaram 7 microrregiões com PIB industrial em depressão (1 na Mata: Leopoldina), 16 estagnadas (6 na Mata: Cataguases, Muriaé, Manhuaçu, Além Paraíba, Juiz de Fora e Viçosa), 12 com crescimento moderado (só Ponte Nova), 7 com rápido crescimento (nenhum da Mata) e 19 com crescimento acelerado (apenas Ubá). Os autores verificaram que a maioria das microrregiões estagnadas ou em lento crescimento eram do *Grande Leste* de Minas (das mesorregiões Zona da Mata, Rio Doce, Mucuri e Jequitinhonha), associando suas dificuldades à problemática socioeconômica vivida pelo Rio de Janeiro – Estado e capital. “Pode-se concluir, então, que a decadência do estado fluminense reflete-se nas microrregiões mineiras que foram polarizadas” pela cidade do Rio de Janeiro (FIGUEIREDO; DINIZ, 2000, p. 50);

Mais precisamente, essa última assertiva relaciona-se a todos os itens elencados e não só ao último como está posta. Antes de sua derrocada a partir dos anos 1960, o Rio de Janeiro ainda respondeu bem economicamente. Em torno da metrópole carioca, no período pós-café, sucedeu uma etapa de vigor com a fruticultura, chegando a ocupar 48 mil ha de terras em 1940 e 39 mil ha em 1950 (ANDRADE, s/d, p. 4). Tais terrenos foram loteados após a derrocada da fruticultura já nos anos 40, ampliando a ocupação da futura Região

²⁷¹ O IDH 2000 foi dividido em 3 faixas: baixo (< 0,5), médio (de 0,5 a 0,799) e alto (a partir de 0,800). No IDH 2010, a última faixa foi subdividida em IDH alto e muito alto (este a partir de 0,900).

Metropolitana do Rio de Janeiro. Entretanto, o Rio já havia sido superado economicamente por São Paulo na década de 1920, mas as contendas entre tais núcleos ainda eram equilibradas, pesando a favor dos paulistanos em meados do século, quando São Paulo passa a impactar decisivamente a reestruturação urbano-industrial do Brasil (COSTA, 2015, p. 154).

Entretanto, o **maior golpe sofrido pela economia carioca e fluminense** ainda estava por vir, tendo chegado em 1960 com a **transferência da capital federal para Brasília**. O histórico atrelamento da economia da Zona da Mata ao Rio de Janeiro (cidade e Estado) fez com que declinassem juntos.

Uma das particularidades do Rio de Janeiro frente às demais metrópoles brasileiras é sua histórica crise econômica [...]. Desde os anos 40 a região vem perdendo posição relativa a São Paulo e, posteriormente, a outras regiões, valendo destacar os efeitos negativos da mudança da capital para Brasília em 1960. Como capital, a cidade abrigava um importante setor bancário, a sede de numerosas empresas privadas e estatais e ainda um amplo sistema de transportes. Dois processos caracterizam o quadro de instabilidade da economia fluminense: (i) a perda da capacidade competitiva da indústria, com o *eixo mais moderno deslocando-se para São Paulo e sua região de influência e, mais recentemente, para Belo Horizonte* e (ii) a perda na atratividade para a localização de sedes de empresas, privadas e estatais, principalmente no que diz respeito ao sistema financeiro (sedes de bancos) que se desloca para a cidade de São Paulo” (OM, 2005, p. 2, grifos nossos).

Alfredo Costa (2015, p. 157) assegura que, para evitar ainda mais perdas cariocas, a União manteve várias sedes de grandes empresas estatais, universidades e instituições de pesquisas e outros órgãos no Rio de Janeiro (casos da PETROBRAS e do IBGE), onde tenta alocar empreendimentos de grande porte sob o pretexto de equilibrar a distribuição de recursos no espaço econômico mais desenvolvido, representado por São Paulo, Rio e Belo Horizonte. As últimas décadas impuseram um novo feitiço na organização produtiva empresarial e territorial de base regulatória fordista (HARVEY, 2006), passando a um modelo em rede, no qual a própria atuação dos organismos públicos ficou descentralizada, com presença em diversos pontos do território. Nessa lógica insere-se o Rio de Janeiro em seus novos (e piores) tempos. Segundo o IBGE (2014, p. 12), “o Território Nacional passa a ser visto como um mosaico formado pela justaposição das novas redes empresariais com aquela de organização centrada no Estado, herdada de períodos históricos anteriores, onde a forma centro-periferia permanece com relativa relevância”, deixando territórios conectados diretamente ao mercado global, “[...] enquanto outras [redes] permanecem com uma dinâmica mais baseada na contiguidade”.

Assim, com a recente ampliação da base de transferência dos fluxos sobre os lugares, a dinâmica da gestão territorial passa a ter importância capital, pondo em xeque o desempenho atual das cidades, o que nos remete ao Rio de Janeiro mais uma vez. Destarte,

Levando em conta a crescente importância das ligações interurbanas, consistindo em múltiplas transações entre firmas, com frequente participação das redes eletrônicas e intensificação da circulação de bens, serviços e mão de obra, a centralidade passa a ser definida não apenas da maneira clássica, como acúmulo de funções urbanas (oferta de bens e serviços para a população dispersa no território), mas como a capacidade de cada cidade em desenvolver a infraestrutura técnica e social necessária para as novas redes e em abrigar as funções de alto nível que as utilizam. Essa nova centralidade acaba por aumentar a desigualdade entre as cidades, assim como no interior do tecido urbano (IBGE, 2014, p. 12).

Exatamente **quando o Rio de Janeiro dava seus mais claros sinais de dificuldades econômicas, Belo Horizonte vivia momento oposto**. A modernidade que Belo Horizonte representou para Minas Gerais é símile ao que Brasília significou para todo o Brasil, e tornou-a local de investimentos do governo estadual, principalmente nas primeiras décadas, com a marcante ascensão industrial através do parque industrial de Contagem (PMBH, 2009, p. 6 e 7). O setor minero-metalúrgico foi a estrela produtiva da metade do século XX, alavancando ainda o setor de serviços a ele ligado. Entre os anos 1960 e 90 a dinâmica econômica de BH e sua RM foi grandemente influenciada pela lógica do mercado, mas ainda vinculada aos projetos estatais. De acordo com o OM (2005, p. 1), Belo Horizonte contou, na década de 1960, com apoio governamental nos setores de siderurgia, de transportes e de energia. Alguns casos são exemplares dos investimentos, públicos ou privados, surgidos nas últimas décadas na RMBH, como a Refinaria Gabriel Passos (1967) e a FIAT (1976). Além disso, Minas Gerais – particularmente a RMBH, o Triângulo e o Sul – beneficiou-se do processo de reestruturação produtiva e descentralização econômica das últimas décadas a ponto de, nos anos 90, até ultrapassar o Rio de Janeiro e tornar-se a 2ª maior economia entre os estados (AZZONI, 2002²⁷² apud COSTA, 2015, p. 162).

Ações do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) na década de 1970 proporcionaram a instalação da siderúrgica Mendes Júnior (atual Belgo-Mineira) e da Paraibuna de Metais²⁷³ em Juiz de Fora, indo, então, ao encontro de seu escopo central de desenvolver as cidades de porte médio, de acordo com a Teoria dos Polos de Crescimento.

²⁷² AZZONI, C. R. **Sobre a necessidade da política regional**. Unidade e fragmentação: a questão regional no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.

²⁷³ A Mendes Jr. é fabricante de aços para a construção civil, e a Paraibuna de Metais trabalha com importação e exportação de zinco e seus associados. Está ligada ao grupo paulista Votorantim (MENEZES, 2004, p. 12).

“Neste processo, o **espaço juizforano** passa a compor uma **complementaridade com o setor metalúrgico da região de Belo Horizonte, integrando-se pela primeira vez à economia de Minas Gerais**”, enfatiza Maria Lúcia Menezes (2004, p. 8, grifos nossos). Para a Zona da Mata, o II PND focou na modernização da agropecuária e do sistema viário, além de potencializar a indústria regional, itens que concorreram para o reforço da sua rede urbana e para a implantação da siderurgia em Juiz de Fora.

Cerca de 30 anos depois, tal articulação entre Juiz de Fora e Belo Horizonte pode ser dimensionada através da malha ferroviária que a *MRS Logística* opera em Juiz de Fora: em 2000 transportou pouco mais de 66 milhões de toneladas, das quais 73,2% eram minério de ferro, 6,06% eram produtos siderúrgicos e 5,59% carvão/coque, informa o Centro de Pesquisas Sociais da UFJF (CPS, 2001²⁷⁴ apud ROCHA, 2008, p. 59-60). O eixo rodoviário também foi favorecido entre Belo Horizonte e Juiz de Fora com a inauguração da BR-040, intensificando os contatos entre as duas cidades a contar da década de 1950.

A metade do século XX culminaria por reunir, além da consolidação industrial da RMBH, também e como reflexo disso, um crescimento demográfico de monta, enquanto internamente Belo Horizonte participa de um processo de conurbações com seus municípios vizinhos nos anos 1950.

Por tudo isso, Belo Horizonte é alçada à condição de terceira cidade do país. Juntamente com São Paulo e Rio de Janeiro passa a formar o “triângulo econômico brasileiro”, expressão tantas vezes usada no século XX para designar a região de maior dinamismo do Brasil.

Apesar da gangorra invertida do desenvolvimento para **Belo Horizonte e Rio de Janeiro**, pesa a favor dos cariocas, uma **evidente vantagem sobre os mineiros**, como também uma evidente desvantagem em relação à São Paulo. Segundo o IBGE (2014, p. 92), há uma reiterada dominância da função dirigente de São Paulo no 1º nível hierárquico, seguido por Rio de Janeiro e Brasília, ambos no 2º nível. São Paulo tem atuação dirigente sobre cerca de 1,5 milhão de funcionários externos, enquanto Rio de Janeiro tem 580.019, e Brasília 390.775 funcionários externos. Belo Horizonte está no 3º nível, assim como o conjunto Barueri, Osasco e São Caetano do Sul (localizados no entorno do município núcleo de São Paulo), Porto Alegre, Curitiba e Fortaleza. Quanto à centralidade exercida na gestão do território,

²⁷⁴ Centro de Pesquisas Sociais. **Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2001**. Juiz de Fora: CPS, 2001.

São Paulo (SP) e Brasília (DF) dividem o topo da centralidade das redes de gestão no País, a primeira cidade tendo um forte peso das relações das companhias atuantes no mercado e a segunda abarcando as sedes das instituições públicas. O Rio de Janeiro (RJ) constitui, isoladamente, um segundo nível que combina os dois tipos de rede [...] [que reflete] ainda relevante presença das instituições federais, abrigando um elevado número de funcionários públicos, e de atividades econômicas significativas em termos absolutos, mas em um patamar inferior aos dois centros de topo (IBGE, 2014, p. 103).

Para o Observatório das Metrópoles (2005, p. 3), a densidade econômica do Rio de Janeiro pode ser revelada ainda pelo número de agências bancárias (1.104), pelo volume da movimentação financeira e pelo número de sedes de empresas dentre as 500 maiores do país (60 delas). “Vale destacar a distância do Rio de Janeiro em relação à metrópole de Belo Horizonte (terceiro pólo econômico), quanto à concentração desses serviços: a região mineira abriga 450 agências bancárias e 21 sedes de grandes empresas”. Malgrado o que diferencia essas metrópoles, a própria comparação do Rio de Janeiro empreendida com Belo Horizonte, e não mais com São Paulo, já prenuncia os novos tempos da capital carioca.

Há cerca 45 anos, o IBGE (1972, p. 16-17), ao mostrar dados de Rio e São Paulo, já indicava uma supremacia paulista inconteste e, ao mesmo tempo, evidenciava o rápido declínio carioca nos anos 1960, após perder a condição de capital federal. “Enquanto São Paulo tem um total de relacionamentos²⁷⁵ no Brasil de 9.274, o Rio tem cerca de um terço dos relacionamentos paulistas, (3.157). No próprio tipo de relacionamentos verificam-se diferenças. Cerca de 40% dos relacionamentos do Rio de Janeiro são fluxos agrícolas”. Quando visualizamos algo mais recente, as disparidades continuam: “[...] enquanto o Rio de Janeiro apresenta-se como uma metrópole macrocefálica, São Paulo está estruturada sobre um cinturão de centros regionais que contribui para ampliar os efeitos de sua influência sobre o território nacional” (IPEA, IBGE, UNICAMP, 2001a, p. 370).

Quanto ao seu poder sobre a economia matense, a influência do Rio de Janeiro pode ser relativizada sob a análise da tabela abaixo, que mostra como Juiz de Fora, o núcleo financeiro máximo regional, passou por gradativa mas profunda independência dos capitais para empréstimos oriundos do Rio de Janeiro.

²⁷⁵ Fez parte da metodologia do IBGE (1972, p. 10-12) considerar o total de relacionamentos de cada centro urbano, que se ampliam em termos de identidade e frequência na proporção das distâncias, da divisão de funções e da distribuição de renda. Levou em conta o poder de organização da região funcional urbana através dos fluxos da economia urbana, com levantamento dos locais que promovem a distribuição de pessoas, bens e serviços. Um questionário aplicado em cada localidade brasileira mensurou os relacionamentos.

Tabela 3.6 – Origem do capital de empréstimo para as unidades agroexportadoras de Juiz de Fora (1879-1919).

Década*	Local (%)	Rio de Janeiro (%)	Não Identificado (%)
1870-1879	41,79	46,63	11,57
1880-1889	19,66	75,16	5,16
1890-1899	99,39	0,60	-
1900-1909	77,58	12,03	10,38
1910-1919	88,17	2,06	9,76

Fonte: Pires, 2005, p. 19.

* Mantivemos a década [sic] consoante consta no trabalho citado (em vez de 1871-80; 1881-90; etc.).

Internamente ao **Estado fluminense** existem ainda nuances que depõem contra sua capital em detrimento dos municípios interioranos e da conurbação metropolitana. O município do Rio de Janeiro teve, historicamente, os investimentos que os demais **municípios** do Estado não tiveram. **Ressentidos de infraestrutura**, a migração foi uma alternativa, ideia igualmente válida para a maioria de migrantes nordestinos que aportaram na capital. **O Rio transformou-se em uma espécie de ilha dentro do Estado**, com maiores dotações de qualidade de vida para sua população. A Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) é um exemplo das discrepâncias que ficaram, como apontam os dados do OM – Observatório das Metrôpoles (2005), por meio do Censo 2000:

- as áreas com as maiores proporções de pobres (cerca de 30% da população total) tinham concentração nas periferias mais distantes: Japeri, Seropédica, Belford Roxo e Itaboraí foram designados como “bolsões de pobreza” pelo relatório do OM (2005, p. 12). Perto dessa situação (pouco menos de 30%) estavam os municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu;
- nas favelas, segundo o OM (2005, p. 12) havia elevada proporção de pessoas vivendo com até ½ salário mínimo “per capita”: neste grupo estão Arari (27%), Vigário Geral (29%) e ainda as novas favelas de Bangu (29%). Em geral, as favelas abrigavam, nesta época, entre 16% e 24% de pobres;
- em 2000, mais de 1/3 da população acima de 24 anos das regiões de fronteira da RMRJ era composta por analfabetos funcionais (aqueles com até 3 anos de estudo). Em Tanguá, município emancipado de Itaboraí, a proporção chegava a 43%;
- a questão da moradia reunia um pacote de problemas: falta de abastecimento de água, de esgotamento sanitário e de pavimentação de ruas; ilegalidade de propriedades; insalubridade

dos imóveis. Tudo isso concentrado em áreas operárias das periferias e nas favelas, inclusive na capital;

- a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, do IBGE (2000) apontou a necessidade de racionamento de água em quase todos os municípios da RMRJ em decorrência da falta de reservatórios. Em certos bairros de Belford Roxo e São Gonçalo, a inexistência do abastecimento alcançava até 44% e 35% da população, respectivamente;

- dados de violência, homicídios, por exemplo, também colocavam os municípios da RM em piores condições que o núcleo: a RMRJ não tinha o pior índice entre todas as regiões metropolitanas em 2002, mas está longe da RMBH, comparação feita pelo próprio OM (2005, p. 34).

As **desigualdades socioeconômicas** existem não somente na RMRJ, mas também nas demais RM, incluindo a RMBH. O que as difere, no entanto, é que as disparidades encontradas na **RMRJ são mais aguçadas do que aquelas verificadas na RMBH**. Andrade (s/d, p. 6) sintetiza esse quadro distintivo: “O resultado do conturbado processo de relacionamento entre capital e interior, núcleo e periferia, Rio e Baixada, terá sido, assim, a criação de uma cidade produzida por fatores diáfanos, como a sua capitalidade e centralidade financeira e cultural, e uma periferia extensa e pobre [...]”. Soma-se a todos esses fatores, a separação entre Rio de Janeiro e Guanabara, novamente reunidos pela Lei Federal nº 20, a “Lei da Fusão”, de 1º de julho de 1974. A fusão foi defendida politicamente como um meio de investir os grandes recursos antes exclusivos a uma cidade-estado (Guanabara), com enorme arrecadação, em prol de uma periferia pobre (SANTOS, COSTA, VASCONCELLOS, 2011, p. 399). Como já vimos, o discurso da otimização do desenvolvimento regional não se efetivou e a fase pós-fusão perpetuou as disparidades entre o Rio de Janeiro, capital, e o restante do Estado.

Para o contexto fluminense, o **Rio de Janeiro** (isoladamente ou em conjunto na RM) **alicerçou absurdas concentrações de riquezas** (perto de 50% do PIB estadual provém da capital) e de população (formando macrocefalia nítida com quase $\frac{3}{4}$ da população estadual na RMRJ). Para o IBGE/IPEA/UNICAMP (2002, p. 43), a “[...] economia fluminense historicamente apresentou pouca articulação espacial e débil integração produtiva”, sendo que seu crescimento econômico assentado no setor terciário (devido à condição de capital federal até 1960) “[...] ressentiu-se da histórica separação entre a capital metropolitana e o interior”. As elites estaduais, embebidas na condição carioca de capital brasileira por mais de 200 anos,

“[...] fizeram com que as questões relativas ao crescimento econômico freqüentassem pouco [suas] preocupações”, atendo-se mais com as questões nacionais. Também “[...] não tinham muito com o que se preocupar, pois a condição de capital federal e cidade primaz do Brasil lhe conferia grandes vantagens locacionais” pelo diferencial da infraestrutura instalada e pela qualificação de sua mão de obra.

Enquanto isso, setores agrícolas do interior fluminense patinavam economicamente: no sul e Região Serrana, a substituição dos cafezais pela pecuária extensiva, nos anos 1960, não resultou no dinamismo esperado; no norte do Estado, o setor da produção açucareira enfrentou décadas seguidas de queda de rentabilidade (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 43). Campos, em 1940, tinha mais população que a própria capital, Niterói; e o **Noroeste fluminense**, como até hoje, convivia com duras condições socioeconômicas, representando a **mais carente das regiões** do Estado.

Sob tal cenário, em certos momentos, como no início da década de 1990, o Rio de Janeiro chegou a perder o posto de 2º maior PIB entre os estados brasileiros, quando foi superado por Minas Gerais (9,8% a 9,0% do total em 1994, por exemplo). A forte redução industrial desde 1970 até 1994 foi o que mais pesou contra o Rio de Janeiro (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 42). A indústria extrativa mineral (petróleo e gás natural), no litoral norte, interrompeu a trajetória de queda da participação do Estado no contexto da indústria brasileira, servindo também como meio de competir pela vice-liderança no “ranking” do PIB estadual e até reassumi-la, revertendo décadas de participação declinante no PIB brasileiro, alcançando 11,2% em 2007.

Atualmente, a **economia fluminense** passa por uma **tendência de desconcentração das atividades produtivas** e também do extravasamento da população da capital em direção ao interior, onde a região do **Médio Vale do Paraíba tem se destacado** (siderurgia e automóveis, por exemplo) em companhia do norte petroleiro, reunindo setores que absorvem e ampliam atividades produtivas globalizadas. Diante de tais características, essas regiões tendem a reproduzir as mesmas desigualdades anteriormente protagonizadas pela capital, dadas pela problemática questão distributiva das riquezas produzidas. Brito (2004²⁷⁶ apud SANTOS, COSTA, VASCONCELLOS, 2011, p. 400-402) alerta que a retomada do **crescimento** estadual em fins dos **anos 1990 via petróleo e gás natural, não gerou homogeneidade entre as regiões fluminenses** e elenca razões para explicar este quadro:

²⁷⁶ BRITO, J. **Arranjos produtivos locais**: perfil das concentrações de atividades econômicas do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SEBRAE-RJ, 2004.

elevadas taxas de pobreza e indigência; desigualdades de renda; e o uso inadequado dos *royalties* do petróleo. Ademais, o recuo do preço do petróleo no mercado internacional na atualidade tende a reduzir as demandas imobiliárias e imigrações (SANTOS, COSTA, VASCONCELLOS, 2011, p. 426), além de poder colocar em xeque a conversão de Macaé em protagonista da polarização regional do norte fluminense ao lado de Campos, como citaram IPEA, IBGE, UNICAMP (2001b, p. 76).

Tabela 3.7 – Dimensão das redes de primeiro nível (2008).

Redes de primeiro nível	Dimensão					
	Número de capitais regionais	Número de centros sub-regionais	Número de centros de zona	Número de municípios	População (2007)	Área (km ²)
São Paulo	20	33	124	1028	51.020.582	2.279.108,45
Rio de Janeiro	5	15	25	264	20.750.595	137.811,66
Brasília	4	10	44	298	9.680.621	1.769.733,86
Manaus	1	2	4	72	3.480.028	1.617.427,98
Belém	3	11	10	161	7.686.082	1.389.659,23
Fortaleza	7	21	86	786	20.573.035	792.410,65
Recife	8	18	54	666	18.875.595	306.881,59
Salvador	6	16	41	486	16.335.288	589.229,74
Belo Horizonte	8	15	77	698	16.745.821	483.729,84
Curitiba	9	28	67	666	16.178.968	295.024,25
Porto Alegre	10	24	89	733	15.302.496	349.316,91
Goiânia	2	6	45	363	6.408.542	835.783,14

Fonte: IBGE, 2008, p. 13.

O cenário estadual de recuperação econômica pode até, em linhas gerais, representar um alento para a metrópole carioca que não passa por igual momento. Isso sinaliza para uma desarticulação crescente entre o Rio de Janeiro e sua hinterlândia. O recuo da região sob sua influência em Minas Gerais é descrito há cerca de 60 anos, ganhando novas particularidades desde então. É nesse contexto de mudanças que se enquadra a Zona da Mata e seu núcleo máximo, Juiz de Fora (além do leste de mineiro como um todo).

3.3.2 – A disputa Rio-BH pela Zona da Mata expressa nos estudos sobre Minas Gerais e seu paralelismo no futebol

Os estudos apresentados nesta subseção seguem ordem cronológica. A utilização de tais estudos foi encaminhada a fim de relacionar as mudanças nos territórios polarizados pelas metrópoles em foco com suas trajetórias socioeconômica e político-cultural anteriormente observadas.

Em concomitância com a crise da cafeicultura em Minas, São Paulo ascendia sobre o Rio de Janeiro como maior economia estadual, e a metrópole paulistana superava a metrópole carioca. Tudo isso por volta de 1920. Características demográficas reverberaram o novo perfil socioeconômico nacional, atestando o recuo do contingente populacional mineiro, ultrapassado por São Paulo em 1940. Por seu turno, internamente ao Estado, sobressaía Belo Horizonte (frente a Juiz de Fora) e recebia fluxos contínuos de migrantes e investimentos, o que resultaria em seu relevo no contexto metropolitano (econômico, cultural, social e político) do país. Nascia, então, o “triângulo econômico Rio-São Paulo-BH”, como ficou conhecido o maior polo hegemônico brasileiro.

Tabela 3.8 – Percentuais populacionais de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo sobre o total brasileiro (1890-1940).

Estado	Década			
	1890	1900	1920	1940
Minas Gerais	22,2	20,5	19,2	16,3
Rio de Janeiro	9,8	10	8,9	8,8
São Paulo	9,7	13,1	15	17,4

Fonte: Miranda, 1990, p. 112.

A dinâmica das metrópoles (**Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo**) em luta pelas **suas hinterlândias em Minas Gerais** tem o seguinte desenrolar na segunda metade do século XX;

(i) Década de 1950: em Arruda e Amorim Filho (2002, p. 193) encontramos detalhamentos sobre os centros urbanos mineiros sob a polarização do Rio de Janeiro em 1960: Juiz de Fora e Governador Valadares (Grandes centros regionais), além de Barbacena, Muriaé, Leopoldina, Ubá, São João del Rei, Carangola, Manhuaçu e Manhumirim. Nesta lista, todos os núcleos são

da Mesorregião da Zona da Mata, à exceção de Governador Valadares (Vale do Rio Doce), Barbacena e São João del Rei (Campo das Vertentes). As mesorregiões do Rio Doce e das Vertentes correspondem às fronteiras norte e oeste da Zona da Mata. Ou seja, **ao Rio de Janeiro cabia vasto domínio, abrangendo o leste e o sudeste de Minas Gerais, em áreas bem próximas a Belo Horizonte**, como Barbacena, distante cerca de 180 km, estando, em tese, mais sujeita às influências da capital mineira. A partir dessa mesma ideia, o centro urbano mais distante do Rio de Janeiro, Governador Valadares, é o máximo demonstrativo (dentre os núcleos citados) da força polarizadora que a metrópole exerceu em sua última década como capital federal. Apesar disso, as cidades de **Ponte Nova** (na Zona da Mata) e de **Lavras** (no Campo das Vertentes) já eram classificadas **sob influência de Belo Horizonte**;

(ii) **Década de 1960**: poucos anos depois, Corrêa (1968) já considerava a cidade de Barbacena-MG sob a polarização belo-horizontina, enquanto Leloup (1970) julgou-a ainda como parte da hinterlândia do Rio de Janeiro. Cabe elucidar que o município de Barbacena, embora situado na mesorregião do Campo das Vertentes, faz fronteira com a Zona da Mata (onde influencia alguns municípios) e dista apenas cerca de 100 km de Juiz de Fora, da qual recebe influência. As classificações vindouras, a exemplo de Campos (2016b), tenderam a acompanhar a visão de Corrêa (1968), mas postulações favoráveis ao domínio carioca, como veremos, perduraram.

No campo do futebol, mineiros e cariocas ganharam títulos nacionais na década de 1960 com Cruzeiro (1966), Botafogo (1968) e Fluminense (1970), mas o período foi de hegemonia dos paulistas Santos e Palmeiras, com diversas conquistas. Tal fase foi marcada ainda por uma investida de marketing do Cruzeiro Esporte Clube no interior de Minas Gerais para amealhar novos torcedores, incluindo até a presença de jogadores em eventos e escolas (PEREIRA, 2015). Se a dúvida é se houve resultado, basta mencionar que o Cruzeiro é comumente apontado como o clube de maior torcida no Estado e uma das maiores da Região Sudeste, enquanto consegue aquinhoar reduzido número de fãs nas demais regiões do país (PLURI STOCHOS, 2013; GE, 2015).

Desse modo, **a penetração belo-horizontina em direção ao interior mineiro teve a companhia massiva de Cruzeiro e Atlético**, e, em escala muito menor, do América, fechando o pacote da capital para grande parte de Minas Gerais.

Corrêa (1968, p. 178) ressalta a ainda presente desarticulação da rede urbana mineira, pois Juiz de Fora e Uberlândia não estavam sob influência de Belo Horizonte na década de 60, algo “[...] perfeitamente compreensível, afinal, tais cidades estão mais próximas, respectivamente, ao Rio de Janeiro e a São Paulo”.

Para casos assim, embora a distância seja um velho fator interveniente nas determinações das influências entre cidades, a extensão territorial das atividades econômicas e socioculturais emanadas dos centros é que lhes vão conferir polarização. É exatamente isso o que diferencia os dois casos supramencionados: os estudos que se encaminharam desde os anos 60 são claros em apontar a permanência de São Paulo como tutor do Triângulo Mineiro e de Uberlândia. Apesar da perda relativa de industrialização, a capital dos paulistas não teve seu *status* de principal cidade brasileira e sua capacidade de gestão territorial questionada. Ao Rio de Janeiro coube o inverso e, mesmo mais perto de Juiz de Fora do que São Paulo de Uberlândia, vem tendo sua polarização sobre a Zona da Mata e Juiz de Fora constantemente relativizada em função do crescimento da presença de Belo Horizonte na região.

Arruda e Amorim Filho (2002, p. 193) tecem as seguintes assertivas sobre as polarizações das duas metrópoles em foco neste estudo no decorrer da década de 1960:

- (a) Belo Horizonte: parte significativa de sua polarização se dava através das *cidades relais*, como Montes Claros, Divinópolis, Patos de Minas etc. Nas áreas mais próximas e nas mais distantes e não dotadas de centros intermediários, a influência de BH se exercia diretamente;
- (b) Rio de Janeiro: mesmo difusamente, já havia tido maior influência (área mais extensa) e era menos contestada em Minas Gerais. Contudo, algumas regiões *ainda* eram consideravelmente **polarizadas pelo Rio: grande parte da Zona da Mata**; uma parte das Vertentes e uma parcela do nordeste do Sul de Minas (limítrofe à Mata e às Vertentes); a região a leste e nordeste de Minas (aí incluído o trecho da rodovia Rio-Bahia e sua área de drenagem regional). A influência carioca nessas áreas ocorria principalmente através das seguintes **cidades de ligação: Juiz de Fora** e Governador Valadares (Grandes centros regionais); Barbacena, **Muriaé** e Teófilo Otoni (Centros regionais); São João del Rei, **Ubá**, **Leopoldina**, **Carangola**, **Manhumirim**, **Manhuaçu** e Caratinga (Centros intermediários).

(iii) **Década de 1970:** o IBGE (1972) retrata o número de relacionamentos entre centros urbanos como forma de aferição das áreas de influência. Naquela época, o Rio ainda era mais associado ao caso paulista, suscitando comparações, diferentemente dos dias atuais, em que o

fosso entre essas metrópoles se tornou maior, levando o Rio de Janeiro a ser cada vez mais analisado a partir de Belo Horizonte e Brasília. Essa tendência já se desenhava na pesquisa do IBGE (1972, p. 17).

Tabela 3.9 – Supremacia de São Paulo sobre o Rio de Janeiro (anos 1960).

Metrópole	Área sob domínio (Km²)	População dessa área (milhões)	Crescimento Demográfico (%) 1960-1970
São Paulo	1.340.000	20,0	54,2
Rio de Janeiro	120.000	7,7	29,9

Fonte: IBGE, 1972, p. 17.

A **área polarizada pelo Rio de Janeiro**, além de ser muito menor que a de São Paulo, está **encolhendo progressivamente em Minas Gerais**, “[...] onde o grande desenvolvimento de Belo Horizonte e a nova rede viária²⁷⁷ vem reforçando a metrópole mineira em sua atuação no Estado, em detrimento da influência do Rio de Janeiro” (IBGE, 1972, p. 17). Após mais de 3 décadas, o próprio IBGE (2008, p. 13) revelava que a área polarizada por São Paulo saltava para 2.279.000 km², enquanto a do Rio era quase a mesma, cerca de 138.000 km². O estudo de 1972 refere-se também ao professor Speridião Faissol, que já especulava a respeito da organização da rede urbana brasileira a partir de somente uma metrópole nacional, São Paulo.

Não obstante o **Rio de Janeiro** curvar negativamente na hierarquia nacional urbana, **tal efeito não foi simultâneo no futebol**. Neste setor, ao que tudo indica, não houve perda territorial, mesmo com os títulos mineiros no Brasileirão (1971, Atlético) e na Libertadores (1976, Cruzeiro). Ocorre que os clubes cariocas também emplacaram sucessos nos campeonatos nacionais de 1974 (Vasco)²⁷⁸ e 1980 (Flamengo), ajudando a divulgar um perfil vencedor às equipes, fator relevante na manutenção de torcedores.

Ao final dos anos 1970, exatamente em 1980, o IGA (Instituto de Geociências Aplicadas) realizou um estudo acerca do fluxo de viagens intermunicipais de ônibus como indicador de hierarquias e de polarizações urbanas. Para tanto, considerou **Belo Horizonte** como origem de diversas viagens, quando se ligava a 147 cidades mineiras, e concluiu que

²⁷⁷ A nova rede viária era representada principalmente pelas rodovias radiais que, partindo de Brasília, cruzavam o território mineiro. Dentre estas, a BR-040 (Brasília-Rio de Janeiro) passa pela Zona da Mata, incluindo Juiz de Fora.

²⁷⁸ Título contestado pelo Cruzeiro ao ter gol legal anulado na final. Com a torcida dos atleticanos pelo Vasco, na final de 1980 (entre Flamengo e Atlético) foi a vez de os cruzeirenses torcerem contra o rival local. Nascia assim, uma certa correlação entre vascaínos e atleticanos, e entre flamenguistas e cruzeirenses.

sua **área de influência urbana estava consolidada nas porções central, norte e noroeste do Estado, e em consolidação no leste mineiro**, casos dos vales do Mucuri e do Rio Doce. Cumpre destacar que Teófilo Otoni e Governador Valadares são, respectivamente, os núcleos principais destas últimas regiões, onde estão capitaneando 112 e 39 cidades, respectivamente. Tais dados são importantes para dimensionar o tamanho da aquisição territorial de Belo Horizonte e, logicamente, a incrível subtração carioca (151 cidades).

(iv) Década de 1980: a dinâmica urbana mineira da década de 1980 foi apreendida pelo Centro de Estudos Regionais da Fundação João Pinheiro (FJP) que, em 1988, pesquisou a estrutura espacial do Estado a fim de identificar sua rede urbana (e subsistemas) e hierarquias urbanas, com inspiração na Teoria dos Lugares Centrais. Esse estudo contém uma das primeiras referências ao sinal de encolhimento da região polarizada pelo Rio de Janeiro dentro da Mata, mas que ainda preponderava sobre 82 municípios do subsistema juiz-forano: Além Paraíba (6), Cataguases (7), Juiz de Fora (32), Leopoldina (5), Muriaé (15) e Ubá (17).

A pesquisa da FJP (1988) conclui que **BH continuava ampliando sua área de influência principalmente em detrimento do Rio**, que manteve suas perdas em Minas Gerais e que foram agravadas com o **aumento da autonomia desenvolvida por seus núcleos polarizados mais importantes, como Juiz de Fora (MG)**, Campos e Volta Redonda (RJ), e Vitória (ES).

Belo Horizonte confirmou as tendências apresentadas nas décadas passadas (1960 e 1970):

- consolidou polarização nas regiões central, nordeste e norte de Minas Gerais;
- aumentou influência em direção ao sudeste mineiro, alcançando Barbacena e São João del Rei, antes sob domínio do Rio de Janeiro;
- ampliou suas ligações indiretas, isto é, aquelas intermediadas por centros regionais ou por cidades médias – como Divinópolis, Governador Valadares, Montes Claros, Teófilo Otoni e Barbacena.

São Paulo também consolidou seus espaços polarizados em Minas Gerais e se servia cada vez mais do papel de “relais” desempenhado por centros regionais importantes, como Ribeirão Preto, Uberlândia, São José do Rio Preto etc., e por centros intermediários (Poços de Caldas, Pouso Alegre, Varginha, Itajubá, Passos, Campos do Jordão).

Futebolisticamente, a década de 80 não foi equilibrada entre mineiros e cariocas como as de 60 e 70. Enquanto Cruzeiro e Atlético²⁷⁹ não ganhavam nada em escala nacional, os clubes do Rio de Janeiro arrebanharam 5 campeonatos brasileiros – com Flamengo (3), Vasco (1) e Fluminense (1) – além de 1 Copa do Brasil (Flamengo, 1990). **Nessa fase, o futebol andou na contramão da influência urbana decadente do Rio de Janeiro**, fator certamente interveniente na atual grande permanência de torcedores das agremiações cariocas na Mata.

(v) Década de 1990: o trabalho do IBGE/IPEA/UNICAMP (1999) vai pontuar algumas mudanças já anunciadas anteriormente, mostrando o caráter transitório das influências situadas entre as **metrópoles do Rio e de BH, produzindo superposições territoriais** que foram percebidas no intervalo de algumas décadas e que ainda estão ocorrendo:

- Rio de Janeiro: sua influência atinge a Zona da Mata e corresponde, em linhas gerais, às antigas zonas cafeeiras. Eis algumas das ações de seus núcleos comandados: a aglomeração urbana Barra Mansa/Volta Redonda (RJ) exercendo pequena penetração em Liberdade e Passa Vinte (MG); a Grande Vitória com influência direta na microrregião de Manhauçu, sobretudo nas áreas mais perto da fronteira; e de Colatina-ES em torno da região de Aimorés-MG.

O sistema urbano do Rio de Janeiro foi considerado menos integrado e dinâmico do que o de São Paulo, formando uma rede sob o comando de Juiz de Fora (Centro regional de ordem 6) com integração a uma série de centros sub-regionais distribuídos por um espaço de baixo nível de condição urbana e estagnação econômica.

- Belo Horizonte: apresentava 6 subsistemas vinculados à sua RM e mais 5 centros urbanos de ordem 8 (Divinópolis, Barbacena, Governador Valadares, Montes Claros e Teófilo Otoni). Para este estudo de 1999, Divinópolis e Barbacena tinham caráter transitório com São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. Divinópolis, no centro-oeste de Minas, faz fronteira com a mesorregião do Alto Paranaíba, onde a presença de São Paulo foi crescente também como transbordo a partir do Triângulo Mineiro, região de tradicional influência paulista. Barbacena, mais uma vez – a primeira nos anos 50 – é vista como componente de um pequeno subsistema de nítido perfil transitório. A mesma situação foi descrita para a cidade de Caratinga, no Vale do Rio Doce, ao sul de Governador Valadares (antes de influência carioca) e perto da fronteira norte da Zona da Mata. É perceptível que a **faixa de transição entre as regiões polarizadas por Belo Horizonte e Rio de Janeiro ainda acompanhava o leste e o sudeste mineiro**, o

²⁷⁹ Embora o Atlético tivesse grande time, com atletas servindo à Seleção, como Cerezo, Luizinho e Éder.

que explica a oscilação dos pertencimentos dos núcleos urbanos ora sob o domínio carioca e ora belo-horizontino.

No futebol, a década de 1990 volta a restabelecer o equilíbrio entre mineiros e cariocas perdido nos anos 1980. Pelo lado do Rio de Janeiro pesaram as vitórias do Vasco (1 Brasileirão, 1 Copa do Brasil, 1 Mercosul e 1 Libertadores) e do Botafogo (Campeonato Brasileiro de 1995), enquanto da parte de Minas Gerais, o Cruzeiro viveu grande fase de títulos (3 Copas do Brasil, 2 Supercopas e 1 Libertadores). Estes e outros campeonatos de menor expressão podem ter dado ao Cruzeiro a expressiva penetração de torcedores verificada na Zona da Mata a partir de aferição de curtidas nas páginas oficiais dos clubes, em patamares sempre superiores ao do Atlético, que não obteve resultados semelhantes ao do rival na década de 1990 (GE, 2015).

(vi) Década de 2000: o último e mais recente estudo aqui considerado é o do IBGE (2008), que já descarta a influência carioca nas demais mesorregiões (Oeste e Doce) de Minas Gerais, a não ser a Zona da Mata: “O **Rio de Janeiro**, Metrópole nacional, tem projeção imediata no próprio Estado e no Espírito Santo, em parcela do sul do Estado da Bahia e, na **Zona da Mata** em Minas Gerais, onde tem **influência dividida com Belo Horizonte**” (IBGE, 2008, p. 13, grifos nossos). O compartilhamento com São Paulo também foi levado em conta, ocorrendo no Triângulo e no Sul de Minas, mantendo o mote das pesquisas anteriores. **O diferencial foi afirmar a vinculação de cidades da Zona da Mata à Belo Horizonte**, metrópole antes sempre e só mencionada secundariamente em relação ao Rio (2008, p. 14), ou ainda: “[...] a rede de Juiz de Fora passa a ter sua ligação com o Rio de Janeiro dividida com Belo Horizonte, que assume as redes de Varginha e de Passos, anteriormente subordinadas a São Paulo, e as de São Lourenço e de Caxambu, anteriormente subordinadas ao Rio de Janeiro” (IBGE, 2008, p. 18).

O futebol nos anos 2000 e 2010 continuou a creditar méritos ao futebol belo-horizontino e carioca com títulos expressivos de ambos os lados no Brasileirão (RJ 3 x 2 MG), na Copa do Brasil (RJ 4 x 2 MG) e na Libertadores (RJ 0 x 1 MG). Esse período marcou a redenção do Fluminense e do Atlético, reequilibrando as ações em Minas Gerais com o Cruzeiro. O Botafogo foi o único dos “6 grandes” desses estados a não vencer algum dos torneios exibidos acima.

Tabela 3.10 – Relacionamento empresarial* de Belo Horizonte (2008).

Ordem	Cidade	Intensidades de relacionamento empresarial
1	São Paulo (SP)	2280
2	Rio de Janeiro (RJ)	892
3	Brasília (DF)	481
4	Vitória (ES)	266
5	Curitiba (PR)	173
6	Salvador (BA)	165
7	Ipatinga (MG)	142
8	Porto Alegre (RS)	139
9	<i>Juiz de Fora</i> **	135
10	Uberlândia (MG)	133
11	Campinas (SP)	125
12	Montes Claros (MG)	113
13	Goiânia (GO)	107
14	Divinópolis (MG)	95
15	Recife (PE)	87
16	Governador Valadares (MG)	85
17	Itaúna (MG)	55
18	Fortaleza (CE)	53
19	São José dos Campos (SP)	53
20	Volta Redonda (RJ)	52

Fonte: IBGE, 2008, p. 115.

* A intensidade de relacionamento empresarial é a soma do número de filiais existentes na cidade B de empresas com sede na cidade A com o número de filiais existentes na cidade A de empresas com sede na cidade B.

** Grifo nosso.

Na já mencionada pesquisa sobre as curtidas nas páginas oficiais dos clubes (GE, 2015), o **Fluminense** é costumeiramente a **equipe carioca perseguida mais de perto pelos times de Belo Horizonte na Zona da Mata**, sendo superado em várias cidades, bem como o Botafogo e, em menor grau, o Vasco. **A torcida rubro-negra é a maior “adversária territorial” de Cruzeiro e Atlético na região**, fazendo-se notar ainda a crescente participação de torcedores de clubes paulistanos no conjunto, e com expressividade em dezenas de cidades onde se interpõem entre mineiros e fluminenses. A coexistência de vários territórios das torcidas dos times do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte pode ser vislumbrada por 2 indicadores: as lojas de material esportivo e as torcidas organizadas – TOs.

As TOs instaladas nas cidades da Zona da Mata representam os grandes times de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Um fenômeno mais recente tem sido a criação de TOs em cidades onde seus times têm torcidas minoritárias, como as “fiéis” de Cataguases, Juiz de Fora e Muriaé, além da *Galoucura* de Juiz de Fora. Ao contrário, onde as torcidas são majoritárias, existem TOs mais antigas, casos da *YoungFlu* (de Cataguases) e da *Máfia Azul*

(de Ponte Nova), que atuam em redutos tradicionais. As agremiações locais também contam com suas TOs, sendo, porém, um fenômeno que não ultrapassa a escala local.

Em Juiz de Fora, observamos que as vitrines das lojas de material esportivos expressam as polarizações metropolitanas que incidem na cidade, sobretudo através dos times do Rio e BH. As lojas mostram a tripartite influência do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo (camisa do São Paulo F. C. abaixo na 1ª foto), nesta ordem, coincidindo com o que esta pesquisa revelou. Há lojas específicas para botafoguenses e flamenguistas (como atesta última foto), além de 1 do Tupi.

De acordo com os comerciantes (Informação verbal, 2015), as equipes cariocas representam cerca de 70% do total das vendas, as de Belo Horizonte cerca de 15%, e os 15% restantes são divididos basicamente entre produtos do Tupi e das agremiações de São Paulo. Somente uma loja – *Torcedor Esporte* – forneceu dados numéricos (sobre a venda de camisas): 741 de Cruzeiro e Atlético, e 3.936 dos times do Rio (proporção de 1 para 5,3), em 2015; 865 e 4.044 (1 para 4,7), respectivamente, em 2014. Os títulos das agremiações de Belo Horizonte em 2013 e 2014 respondem pelas vendas mais expressivas em 2014, segundo os comerciantes.

Fotos 3.3 e 3.4 – Influências recentes *versus* Escala local: as torcidas como representação das contendidas polarizadoras entre cidades.

Fontes: Alves, 2015, s/p; Bola na Rede, 2016, s/p.

Fotos 3.5, 3.6, 3.7 e 3.8 – As polarizações metropolitanas sobre Juiz de Fora: expressão via comércio de material esportivo.

Fonte: o autor, 2015.

A polarização urbana cotejada com a predileção clubística indica transformações mesmo no futebol, onde o “torcer geracional” é forte e o fator “vira-casaca” é condenado. Ou seja, o futebol, sem querer sê-lo, tornou-se um espaço de resistência à pós-modernidade e sua marcante pulverização dos pertencimentos fixos. Por outro lado, não é um extemporâneo e, assim, expressa pelo número de torcedores o efeito dos títulos das equipes, a maior ou menor exposição na mídia, os jogos na “porta de casa” (os clubes de Belo Horizonte nunca mandaram jogos em Juiz de Fora, diferentemente dos times do Rio), a atração pelas celebridades, vendagem de camisas e criação de TOs, como expusemos. Apesar da maior resistência às alterações envolvidas no futebol, os **níveis de preferências pelos times de Minas Gerais têm acompanhado Belo Horizonte, ao crescer; mas também têm acompanhado os times do Rio de Janeiro, ao encolher.**

À Zona da Mata é comumente creditado um vínculo maior com o Rio de Janeiro do que com Belo Horizonte. Como foi possível notar a partir das pesquisas aqui utilizadas, muitas vezes há uma indicação generalizada de tal polarização, como em IBGE/IPEA/UNICAMP (1999). Em outros estudos, os detalhes costumam ficar circunscritos a alguns centros urbanos, destacados para avaliar se estão sob domínio de uma ou outra metrópole, como o da FJP (1988), por exemplo.

Quanto ao conteúdo dessas pesquisas, questionamos: se elas foram unânimes, nos últimos anos, em apontar queda da polarização carioca sobre a Zona da Mata, cabe então investigar: como está a situação de Juiz de Fora, sua “capital regional”, ou a dos demais polos microrregionais, Muriaé, Viçosa, Ubá e Cataguases: estes centros ainda são tidos como “cariocas”, mas em qual proporção? Qual o espaço sociocultural e político econômico, via futebol, ocupado por Belo Horizonte nestes territórios? No outro lado estão Manhauçu e Ponte Nova: se já estiveram sob o domínio do Rio de Janeiro, qual é e como está tal presença na atualidade? Os mesmos questionamentos valem para os demais municípios, conformando uma noção de polarização urbana nas microrregiões matenses.

O objetivo desta tese é contribuir com a descoberta de tais respostas. Para a consecução disso, recorre ao futebol como meio de mostrar tendências e **avaliar o alcance das superposições dos territórios carioca e belo-horizontino** e, mesmo não tendo perfil quantitativo, pode sugerir uma **delimitação**, ao menos aproximada, **das regiões de influência** dessas metrópoles no contexto regional da Zona da Mata. Nesse sentido, trabalhamos os dados da pesquisa do número de curtidas nas páginas oficiais dos clubes de futebol (GE, 2015) para a consecução dos mapas a seguir, expressões da **fute-polarização**.

a) Cartografia da Fute-polarização na Zona da Mata

Após o tratamento/adequação das informações da pesquisa do GE (2015) para os propósitos desta pesquisa, apresentamos mapas inéditos que permitem a discussão acerca da polarização urbana sob o viés futebolístico, compondo o que denominamos de “Fute-polarização”. Os dados tiveram que ser convertidos por cidades (Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo), pois são dados pelo Globo Esporte (2015) por times.

Os clubes cariocas – Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense – foram os prediletos em 89 municípios da Zona da Mata, contra 53 municípios que torcem majoritariamente para

as equipes de Belo Horizonte – Cruzeiro e Atlético.

Mapa 3.20 – Zona da Mata: predileção dominante por times do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte (2015).

Fonte: construído a partir de GE (2015).

O mapa anterior é fidedigno ao conhecimento que se tem sobre a **história econômica da Zona da Mata**. O sul matense ficou articulado mais ao Rio de Janeiro do que ao interior mineiro minerador em razão do escoamento do ouro. As picadas abertas no antigo Sertão de Leste deram origem a eixos cada vez mais elaborados, que facilitaram e diminuíram o tempo das viagens, como o Caminho Novo e a estrada União e Indústria. Além destas, as ferrovias também articularam a Mata com o território fluminense, caso das estradas de ferro

Leopoldina e D. Pedro II. Já o norte matense, articulou-se mais ao sistema produtivo minerador, por meio da produção de açúcar e da agropecuária (acentuadas com a gradativa chegada de migrantes das regiões das minas). Contudo, o norte matense ficou menos ocupado em razão da resistência dos índios botocudos. Em toda a Zona da Mata, as missões de conversão religiosa dos índios, os presídios e os postos de cobrança de impostos funcionaram como importantes núcleos que irradiaram a ocupação de seu território e formaram diversas das atuais cidades.

Desse modo, as articulações socioculturais e socioeconômicas das cidades matenses seguiram ao longo dos séculos seus direcionamentos para o Rio de Janeiro (no caso da porção sul da Mata) e para o interior, primeiro Ouro Preto e, depois, Belo Horizonte (no caso das cidades norte-matenses). Os mapas de predileção clubísticas por times cariocas e belo-horizontinos mostram essas históricas vinculações territoriais urbanas. As polarizações daí advindas amparam e são amparadas pelos resultados cartografados por nós.

Aos **clubes do Rio de Janeiro** – Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense – coube a atração de torcedores matenses, dentre os quais foram os **prediletos em 89 municípios de um total de 142, ou 62,68%**. Houve domínio total dos times cariocas nas microrregiões de Muriaé, Cataguases, Ubá e em Juiz de Fora (nesta, exceto em Santa Rita de Ibitipoca), além de prediletos em 2 municípios da MR Viçosa (total de 20 municípios) e de 6 na MR Manhuaçu (com 20 municípios). A rarefação da influência do Rio de Janeiro nestas 2 últimas microrregiões acompanha as tendências estudadas desde os anos 1960, como, por exemplo, pelo IBGE (1972), quando apontou para a passagem de vários municípios do Vale do Rio Doce da polarização carioca para a belo-horizontina. Nossos resultados sugerem, portanto, que esse processo adentrou o norte da Mata Mineira, na zona fronteira com o Vale do Rio Doce. Nesta região, as agremiações futebolísticas prediletas são as de Belo Horizonte, como em Governador Valadares, seu principal núcleo urbano.

Mapa 3.21 – Zona da Mata: variações percentuais de torcedores onde os times do Rio de Janeiro foram os mais queridos (2015).

Fonte: construído a partir de GE (2015).

As preferências pelos times do Rio de Janeiro conformam um **padrão espacial bem delineado em 3 faixas diagonais NE-SW, nas quais os percentuais diminuem da fronteira estadual Minas-Rio para o interior da Zona da Mata**. As cores que utilizamos facilitam esta observação, que ainda mostra e reforça o efeito da proximidade geográfica e a conexão daí advinda entre as cidades.

Mapa 3.22 – Zona da Mata: variações percentuais de torcedores onde os times de Belo Horizonte foram os mais queridos (2015).

Fonte: construído a partir de GE (2015).

As equipes de Belo Horizonte – Cruzeiro e Atlético – são as prediletas dos torcedores de 53 municípios da Zona da Mata, ou seja, em 37,32% de seus 142 municípios. Houve domínio absoluto na MR Ponte Nova e sobre a maioria dos municípios das microrregiões de Viçosa (18 de um total de 20) e de Manhuaçu (14 em 20), além de ter encravado um município na MR Juiz de Fora (Santa Rita de Ibitipoca).

Identicamente ao Rio de Janeiro pelo sul, Belo Horizonte também organiza um padrão espacial com 3 faixas de penetração decrescendo do norte (centro de Minas Gerais e mais perto da capital) rumo ao interior da Zona da Mata.

A polarização expressa nos mapas de predileção por times de futebol na Zona da Mata indica uma gradativa penetração belo-horizontina a partir das mesorregiões próximas onde seu domínio territorial está consolidado, quais sejam: Rio Doce (ao norte), Central (a norte e noroeste) e Vertentes (a oeste e sudoeste). No Campo das Vertentes, ao observarmos 24 de seus municípios servidos pela *TV Globo Juiz de Fora* (que exhibe jogos predominantemente dos times cariocas), encontramos predileção pelas equipes de Belo Horizonte em 20 deles, contra 4 das equipes do Rio de Janeiro. As localidades de maior envergadura hierárquica (AMORIM FILHO, RIGOTTI, CAMPOS, 2007) e populacional (IBGE, 2015) estão neste grupo de torcida mineira: Barbacena (134.924 hab.), São João del Rei (89.378 hab.) e Carandaí (25.044 hab.). A mesorregião das Vertentes era apontada como área de polarização do Rio de Janeiro até meados do século XX, quando foi perdendo espaço para Belo Horizonte (IBGE, 1972).

Tanto para o Rio de Janeiro como para Belo Horizonte nota-se o efeito da proximidade criando uma clivagem NE-SW na Zona da Mata. Destarte, as **sobreposições das regiões de influência tendem a se concentrar ao longo dessa diagonal que cinge a Mata na sua porção mais central**, destacando-se **nas microrregiões de Manhuaçu, Viçosa e Ubá**. É isso o que comunicam os mapas seguintes, através dos municípios nos quais Rio de Janeiro e Belo Horizonte tiveram seus times “derrotados”, caracterizando-se como espelhos dos últimos 2 mapas.

Portanto, a penetração carioca cresce de norte para sul, enquanto a de Belo Horizonte cresce de sul para norte. Ao terem comportamentos invertidos na “**fute-polarização**”, as metrópoles em questão elegeram o **centro matense clivado por um campo de forças com direções opostas**. Destarte, esta região e os municípios imediatamente próximos tornam-se os mais indícios na futura demonstração do que vai desenrolar na disputa entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte pelo domínio da Zona da Mata.

Mapa 3.23 – Zona da Mata: Percentuais de torcedores dos times do Rio de Janeiro nos municípios onde eles ficaram em 2º e 3º lugares na ordem de preferência (2015).

Fonte: construído a partir de GE (2015).

Mapa 3.24 – Zona da Mata: Percentuais de torcedores dos times de Belo Horizonte nos municípios onde eles ficaram em 2º e 3º lugares na ordem de preferência (2015).

Fonte: construído a partir de GE (2015).

No caso da **tripartite polarização sobre a Mata Mineira**, percebe-se destacado **papel** desenvolvido pela **proximidade geográfica**. Em termos de polarização urbana, o efeito da proximidade é, apesar de tradicional, ainda de grande importância, mas não é fator único de explicação. Contudo, esses resultados não podem ser tomados por óbvios ou esperados, pois os municípios sob influência de Belo Horizonte ou do Rio de Janeiro só ficaram efetivamente conhecidos em razão dos mapas que produzimos acerca das localidades em questão. Portanto, conseguimos apontar onde, dentro da Zona da Mata, estão as porções sob mais influência de uma ou outra metrópole, indo ao encontro do consagrado princípio

geográfico da *extensão*, isto é, o fenômeno estudado deve ser delimitado. Tal princípio está ausente nas pesquisas que apenas, generalizadamente, citam uma progressiva penetração de Belo Horizonte na Mata em detrimento do Rio de Janeiro, porém não mais que isso. Como elas se repetem, podem ser restringidas neste exemplo:

A área de influência do Rio de Janeiro é praticamente a mesma desde o apogeu de sua região cafeeira, sem grandes transformações no período recente. Dada essa característica, a tendência dominante é de estabilização e mesmo regressão, em grande parte devido ao dinamismo de Belo Horizonte, que tende a ampliar sua área de atuação sobre a Zona da Mata (IBGE, IPEA, UNICAMP, 2002, p. 112).

Além do fator proximidade, também destacadamente existem outras **noções auxiliares na compreensão do fenômeno espacial da influência urbana**, tais como:

i) as dimensões históricas: articulações desenvolvidas há séculos entre, por exemplo, o sudeste da Mata e o Rio de Janeiro devido ao transporte de ouro e de café; entre a porção norte-noroeste matense com a região central de Minas, com fluxos de provimentos para as regiões mineradoras. As inovações transitaram entre essas regiões muito em função da rede ferroviária instalada na segunda metade do século XIX: estavam abertos os eixos de penetração do que fosse moderno, incluindo o futebol;

ii) as transformações na dinâmica econômica: desde a perda da condição de capital federal, o Rio de Janeiro encolheu sua força como centro gestor, como sede de empresas, como maior núcleo terciário brasileiro etc. Sua recente dependência do setor de petróleo ficou patente em 2015, quando os preços do barril no mercado externo bateram recordes de quedas, afligindo o Estado fluminense, sobretudo com desemprego nas regiões de Campos e de Macaé. Por seu turno, a arrancada econômica paulista (desde os anos 1920) colocou sua capital no âmbito do embate intermetropolitano pela Mata junto com Rio de Janeiro e Belo Horizonte, ainda que sua distância desta mesorregião mineira seja a maior entre as 3 disputantes. Em suma, a distância maior é “vencida” pela potência econômica e cultural de São Paulo (capital).

iii) a dimensão comunicacional-cultural: há décadas as cidades matenses recebem, via TV, noticiários esportivos sobre as equipes de Belo Horizonte (*Os Donos da Bola*, *Globo Esporte* e *Alterosa Esporte*, das redes Bandeirantes, Globo e SBT, respectivamente), transmissões do Campeonato Mineiro (TVs Bandeirantes e Globo²⁸⁰); a TV Globo Juiz de Fora (*TV Integração*) tem uma inserção no Globo Esporte exclusiva para tratar do futebol mineiro e

²⁸⁰ Atualmente, somente a Globo exibe o Campeonato Mineiro de Futebol (1ª divisão profissional).

local/regional (de Belo Horizonte, Juiz de Fora e Tombos²⁸¹), além das demais modalidades esportivas. As agremiações regionais nunca tiveram tanto espaço na TV, fator que pode ser decisivo para maior popularidade (mais para o Tupi²⁸²) e poderio econômico, enquanto as equipes de Belo Horizonte começam a ter números mais significativos de torcedores na Zona da Mata após décadas a fio de espaço televisivo. Regionalmente ou em termos estaduais como um todo, o fato é que há uma possibilidade de as equipes dessas localidades de Minas Gerais atraírem a atenção de mais torcedores a ponto de bloquear ainda mais a decrescente influência do Rio de Janeiro no Estado e na Mata²⁸³.

A intensidade das filiações clubísticas também denota as polarizações de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. Enquanto a capital mineira penetra pelo eixo norte matense, o Rio ainda se garante na porção centro-sul da Zona da Mata. A distribuição territorial das torcidas nos municípios do centro desta mesorregião, afastados das fronteiras externas, compõem uma zona mais nítida de contenda entre as metrópoles, cuja expressão tende a se complexificar e diversificar diante de um novo litigante: São Paulo. As faixas sob domínio belo-horizontino e carioca também apresentam feição tripartite, mas isso, em geral, é mais visível no centro da Mata.

A presença de São Paulo na região é uma evidência da trajetória descendente do Rio de Janeiro, a qual já tratamos neste estudo. As pesquisas mencionadas acerca de polarização urbana citaram-na sobre a Zona da Mata, mas como um duelo entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro. A metrópole paulista foi comumente prescindida e não inserida nesta disputa. Os levantamentos sobre predileção clubística nas cidades matenses, ao contrário, indicaram que São Paulo tem, a exemplo de Belo Horizonte, também ocupado os espaços deixados pelo declínio carioca.

As relações econômicas e socioculturais da Mata com a metrópole paulista passaram a ocorrer com mais ênfase diante do encolhimento carioca nas últimas 5 décadas, aproximadamente. Os dados com os quais referenciamos a decadência do Rio de Janeiro não podem ser replicados em termos futebolísticos, ou dito de outra forma: não existem pesquisas antigas de predileção clubística envolvendo a Mata e seus atuais 142 municípios, o que nos

²⁸¹ Destaca as equipes maiores de Minas (de Belo Horizonte) e as da Zona da Mata que disputam o Campeonato Mineiro, casos do Tupi (de Juiz de Fora) e do Tombense (de Tombos) na primeira divisão, e do Nacional (de Muriaé), no módulo 2, focando ainda o Figueirense (de São João del Rei, no Campo das Vertentes).

²⁸² Historicamente, a torcida tende a comparecer massivamente somente nos bons momentos do Tupi.

²⁸³ O capítulo 4 destaca as questões comunicacionais envolvendo futebol e polarização urbana na Zona da Mata.

impede de recorrermos a uma série histórica para cotejá-la com a conjuntura socioeconômica regional.

Ao esmiuçarmos os dados produzidos sobre preferências clubísticas pelo Globo Esporte (2015), pudemos compreender e mensurar a **crescente influência paulistana na Zona da Mata: seus times de futebol** são representantes daquilo que é difícil de ser consubstanciado ou percebido diuturnamente com outros itens avaliadores de polarização urbana; **insere-se entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte em 75 municípios**²⁸⁴ nos quais atinge o 2º lugar nas predileções dos torcedores, sendo 16 vezes na microrregião de Ponte Nova, 16 na de Viçosa, 11 na de Cataguases e 25 na de Juiz de Fora. Destarte, **a mais pronunciada presença paulistana ocorre nas porções centrais, no leste-sudeste e noroeste da Zona da Mata**. Tais resultados de São Paulo complementam as indicações acadêmicas, por exemplo as do IBGE (1972, 1987, 2008), que anunciam as polarizações urbanas basicamente a partir do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. A penetração paulistana nas antigas regiões de forte influência carioca têm sido, nas porções matenses supramencionadas, até mais efetivas e céleres que a chegada e anunciada penetração belo-horizontina que os pesquisas antes mencionadas fizeram.

Embora São Paulo tenha obtido 75 segundos lugares, são expressivos os casos nos quais os percentuais auferidos mesmo no 3º posto são superiores ou próximos a 20% nas preferências da torcida matense, como em Ervália (20,5), Mercês (19,2), São Geraldo (18,7), Viçosa (18,4), Brás Pires (17,7), São João do Manhuaçu (17,3), além de ultrapassar a casa dos 18% em 10 municípios da MR Manhuaçu, e dos 17% em 6 municípios da MR Ubá.

²⁸⁴ Este escore passaria para 88 municípios tendo em conta os times do Estado de São Paulo. A torcida santista é a que mais contribui para atingir esses novos 13 segundos lugares.

Mapa 3.25 – Municípios da Zona da Mata com times paulistanos em 2º lugar na predileção dos torcedores (2015).

Fonte: construído a partir de GE (2015).

Adiante, o mapa acerca dos percentuais de fãs dos times de São Paulo também endossa a justaposição do embate intermetropolitano pela polarização da Mata Mineira no centro de seu território, principalmente na MR Viçosa. Isso também requer um acompanhamento da polarização paulistana na Zona da Mata, assim como sugerem os casos carioca e belo-horizontino já tratados.

Mapa 3.26 – Percentuais de predileção pelos times paulistanos na Zona da Mata (2015).

Fonte: construído a partir de GE (2015).

Independentemente do posto alcançado, as equipes de São Paulo obtiveram mais de 15% do total das preferências entre os torcedores em 41 municípios, assim distribuídos pelas microrregiões: Manhuaçu (12), Ponte Nova (3), Viçosa (15), Muriaé (1), Ubá (9), Juiz de Fora (1) e Cataguases (0). A aparente incompatibilidade entre os clubes paulistanos terem alcançado 75 vezes o segundo lugar e 40 vezes mais de 15% do total das torcidas explica-se sobretudo pelas microrregiões de Cataguases e de Juiz de Fora, onde São Paulo ocupou o 2º lugar com menos de 15% dos votos em todas as 36 ocasiões em que isso ocorreu, repetindo-se ainda nas microrregiões de Manhuaçu (1), Ponte Nova (14), Viçosa (2), Muriaé (1) e Ubá (2), integralizando 56 casos. Isso evidencia a manutenção de forte dianteira do Rio de Janeiro

(MRs Cataguases e Juiz de Fora) e de Belo Horizonte (MR Ponte Nova), onde seus times triunfaram com folga.

A despeito do efeito da penetração paulistana, as maiores polarizações urbanas sobre a Zona da Mata estão a cargo do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. A região de influência carioca (medida por meio das preferências por times de futebol) é mais forte ao sul da Mata e vai escasseando percentualmente em direção à porção central. Belo Horizonte tem o mesmo escasseamento na porção central matense, mas vai perdendo ímpeto do norte para o sul, ao contrário do Rio de Janeiro. Em relação ao polo regional da Mata Mineira, Maria Lúcia Menezes (2004, p. 21) defende que a polarização de Juiz de Fora está encaminhada para regiões ora sob domínio carioca e ora belo-horizontino, dando-lhe relações de concomitância. Logo, seu perfil de conexão tende a permanecer dual, híbrido, consubstanciando nos seus simbolismos culturais e na sua conformação identitária.

[...] Juiz de Fora assume um espaço de competência para comandar a distribuição e redistribuição de fluxos que atendam ao crescimento de uma urbanização extensiva espalhada por toda a rede urbana hierarquicamente inferior da Zona da Mata e do Vale do Paraíba, estendendo-se em território constituído por vários municípios do estado do Rio de Janeiro. [...].

É provável que muito breve, além do eixo preferencial na BR-040, possa se estabelecer uma complementaridade espacial através do eixo da rodovia que no sentido nordeste em relação a Juiz de Fora e que alcança Ubá, centro microrregional com função industrial e a cidade de Viçosa [...] e, mais adiante Ponte Nova, já bem próximo da região metropolitana do Vale do Aço. [...]

Deste ramal, Juiz de Fora enlaça e conecta para o eixo que enlaça as cidades de Barbacena, São João del Rei e Lavras [...].

Em caráter conclusivo, apresentamos algumas **conjeturas sobre as polarizações metropolitanas na Zona da Mata**:

1) Perante o delineamento territorial informado, há polarizações consolidadas tanto mais ao norte (por Belo Horizonte) e ao Sul (pelo Rio de Janeiro) da Mata Mineira às quais São Paulo vem se juntando, deixando uma faixa diagonal de terras NE-SW como o maior palco das contendidas metropolitanas por mais influência. Assim, a **porção central matense** – expressa nas microrregiões de Viçosa e de Ubá – compõe uma **zona de transição e embates quanto às polarizações**.

2) A MR Manhuaçu apresenta nítida frente dos times mineiros (16 a 4 contra o Rio nos seus 20 municípios), mas prevalecendo com percentuais entre 30 e 50%. Os times cariocas, por sua

vez, tiveram sempre percentuais acima de 50% em suas “vitórias”, apesar de isso ter ocorrido somente em 4 municípios, embora superando os números gerais de Belo Horizonte – cujos clubes tiveram mais de 50% das preferências apenas em Matipó (64,3%) e em Abre Campo (71,9%), mas foram os 2 maiores picos percentuais de predileção clubística. Apesar dessas peculiaridades presentes na **MR Manhuaçu, não a consideramos uma área que tende a grandes contendas entre Rio e Belo Horizonte** e onde não deve haver uma troca de domínio (neste caso, voltando a ser polarizada pelo Rio de Janeiro), pois o início do domínio belo-horizontino foi descrito pelo IBGE (1972, p. 21) e outros estudos como algo ocorrido nos anos 1960 (LELOUP, 1970). Defendemos isso **porque os níveis de torcida apresentados pelos times cariocas fazem parte das “rugosidades futebolísticas”**, mas que não representam um risco à influência de Belo Horizonte nesta microrregião, já existente há décadas.

3) A MR Ponte Nova apresenta a mesma tendência à polarização de Belo Horizonte analisada sobre a MR Manhuaçu, exceto pela metrópole litigante: na 1ª é São Paulo, e na 2ª o Rio de Janeiro. Isso indica que **Belo Horizonte pode ser mais desafiada na MR Ponte Nova por São Paulo** do que na MR Manhuaçu pelo Rio de Janeiro, de acordo com a dinâmica socioeconômica e cultural de seus contendores, posto que ao recuo de uma metrópole sucedeu o avanço da outra.

4) Possibilidade de as **influências serem ativadas pelo “contágio de fronteira/proximidade”**, o qual, no caso da progressiva **polarização de Belo Horizonte** viria principalmente de norte para sul. Vemos a perspectiva de tal “contágio” sob 2 aspectos:

- (i) Internamente à Zona da Mata: tal tendência é despontada nos resultados sobre o sudeste da MR Viçosa, onde Ervália tipifica a “bola da vez” nas disputas metropolitanas (40,7% a 30,7% a favor dos times cariocas sobre os belo-horizontinos). Outros casos são representados pelo norte da MR Muriaé (como em Divino) e pelo noroeste da MR Ubá (Senador Firmino, Divinésia, Dolores do Turvo, Mercês e Rio Pombo);
- (ii) Externamente à Zona da Mata: determinadas localidades matenses têm acessos rodoviários que cortam as mesorregiões do Campo das Vertentes e da Metropolitana de Belo Horizonte para adentrar a Mata. Esses eixos viários funcionam como canais de penetração de influências. As rodovias acessam as seguintes cidades matenses:

- Pela Metropolitana de Belo Horizonte: MG-482, MG-356 e MG-280 penetram na MR Viçosa e acessam várias cidades, como Lamin, Rio Espera, Senhora de Oliveira, Piranga, Porto Firme, Viçosa, Cajuri, Coimbra, Ervália etc.;

- Pelas Vertentes: MG-135 (Bias Fortes), MG-452 (Oliveira Fortes, Aracitaba e Paiva²⁸⁵), BR-040 (Santos Dumont e Ewbank da Câmara), MG-448 (Mercês, Rio Pomba e Silveirânia), MG-132 e MG-280 (Alto Rio Doce, Cipotânea, Dolores do Turvo, Senador Firmino e Brás Pires).

As cidades foram citadas pela ordem na qual são acessadas de fora (da MR Vertentes e da MR Metropolitana) para dentro da Zona da Mata. Comparemos isso com a ordem de predileção percentual por times de Belo Horizonte, que tendem a acompanhar o mesmo eixo de entrada das rodovias:

- BR-040: Santos Dumont (15,4) e Ewbank da Câmara (13,7), na MR Juiz de Fora;
- MG-448: Mercês (24,5), Rio Pomba (21,4) e Silveirânia (13,7), na MR Ubá;
- MG-280: Alto Rio Doce (63,1), Cipotânea (54,5) e Dolores do Turvo (24,7)²⁸⁶, nas MRs Viçosa e Ubá;
- MG-482 e MG-356: Piranga (77,6), Porto Firme (51,7), Viçosa (47,5), Cajuri (41,2) e Ervália (32,7), eixo oeste para leste na MR Viçosa.

Ao todo, são 13 cidades evidenciando que **à medida em que se penetra na Mata Mineira** os perfis dos torcedores são concordantes com uma **diminuição da articulação com os times que representam Belo Horizonte**. Além disso, os percentuais foram mais expressivos ao norte (eixos das MG-482 e MG-356) do que ao sul (BR-040 e MG-448). Nesta última porção matense, as rodovias partem de cidades das Vertentes (como Barbacena) para as da Mata, tendo, assim, uma origem externa numa mesorregião que já esteve dentro da região de influência do Rio de Janeiro até a década de 1960, aproximadamente (LELOUP, 1970; IBGE, 1972). Ao norte, ao contrário, as rodovias chegam à Mata por cidades com influência belo-horizontina já há mais tempo consolidada, caso das MG-482 e MG-356. Portanto, a partir desses 2 casos em questão (sul e norte da Zona da Mata) temos percentuais de torcedores dos times de Belo Horizonte em consonância com a origem dos eixos viários.

²⁸⁵ Oliveira Fortes, Aracitaba e Paiva têm os mesmos resultados sobre predileção clubística, que são representados por uma média microrregional (GE, 2015) e, portanto, não podem exprimir percentuais decrescentes à medida em que se penetra na Mata como demonstramos. Assim, tais casos foram dispensados na apresentação acima.

²⁸⁶ Senador Firmino e Brás Pires também têm, cada, 24,7% de torcedores de Cruzeiro e Atlético. Como os percentuais de torcidas são iguais, apresentamos somente uma cidade a título de exemplificação.

5) Efeito do “**contágio de fronteira/proximidade**” quanto ao Rio de Janeiro: como vimos, a fronteira oeste da Zona da Mata, tende a uma influência vinda do interior de Minas Gerais (Campo das Vertentes e Metropolitana de Belo Horizonte). Contudo, a fronteira leste se dá com o Rio de Janeiro, de onde chegam rodovias que se unem às rodovias e às cidades mineiras²⁸⁷, tais como:

- BR-040: Matias Barbosa e Juiz de Fora, na MR Juiz de Fora;
- MG-126: Mar de Espanha, Senador Cortes, Pequeri, Guarará e Bicas, na MR Juiz de Fora;
- MG-454 e BR-393: Chiador, Além Paraíba, Volta Grande, Estrela Dalva, Pirapetinga e Recreio, na MR Juiz de Fora e na MR Cataguases;
- MG-285: Palma e Laranjal²⁸⁸, na MR de Cataguases;
- MG-III: Tombos, Faria Lemos, Carangola, Caiana e Espera Feliz, na MR de Muriaé;
- BR-116: Além Paraíba, Leopoldina, Laranjal, Muriaé e São João do Manhuaçu, nas MRs de Cataguases, Muriaé e Manhuaçu;
- BR-482: Espera Feliz, Carangola e Fervedouro, na MR de Muriaé.

Aqui, as cidades também foram citadas de fora (Estado do Rio de Janeiro) para dentro da Zona da Mata. Comparativamente aos percentuais de torcedores dos times de Belo Horizonte, temos os seguintes dados:

- BR-040: Matias Barbosa (8,8) e Juiz de Fora (13,4), na MR Juiz de Fora;
- MG-126: Mar de Espanha (9,9), Senador Cortes (10,4), Pequeri (13,7), Guarará (10,4) e Bicas (11,6), na MR Juiz de Fora;
- MG-III: não penetra pela Mata, deixando, assim, as cidades relativamente próximas e paralelas à fronteira fluminense;
- BR-116: Além Paraíba (7,3), Leopoldina (12,0), Muriaé (13,3), Orizânia (16,8) e São João do Manhuaçu (39,1), nas MRs de Cataguases (Além Paraíba e Leopoldina), Muriaé e Manhuaçu, respectivamente;
- BR-482: Espera Feliz (14,8), Carangola (16,0) e Fervedouro (19,0), na MR de Muriaé.

Excetuando algumas “imperfeições” no eixo de Mar de Espanha até Bicas, obtivemos por meio dos demais casos outra farta demonstração de que as rodovias funcionam como eixo de polarizações urbanas, expressas especialmente pelo futebol. **À medida em que a fronteira**

²⁸⁷ As cidades foram elencadas de acordo com o eixo viário do Rio de Janeiro em direção a Minas Gerais.

²⁸⁸ Mesmo caso de média microrregional citada para Oliveira Fortes, Aracitaba e Paiva (GE, 2015). Por isso, esses municípios também não precisaram constar da apresentação acima.

fluminense vai ficando distante, em geral a “fute-polarização” carioca sobre a Zona da Mata diminui.

Da mesma maneira que as ferrovias ajudaram a divulgar as inovações por cerca de 100 anos (1860-1960), as rodovias assumiram esse papel na Mata Mineira em meados do século XX, quando passaram a se multiplicar. Até então, os contatos com o Rio de Janeiro em muito superavam os contatos com Belo Horizonte, e também com o interior da própria Mata e de Minas como um todo. Portanto, **há cerca de 70 anos está sendo delineado um feixe de relações da rede de cidades matense que se liga a uma série de núcleos e não mais àquela via quase direta somente em direção ao Rio de Janeiro.** A BR-116 tipifica bem esse exemplo: ela quebrou a ligação da porção sul com a porção norte da Zona da Mata, o que exerceu papel decisivo na estagnação socioeconômica juiz-forana em torno da década de 1950, exatamente o período observado através da BR-116 e das rodovias em geral. De Além Paraíba (limítrofe ao sul da Mata com o Estado fluminense) até São João do Manhuaçu (perto da divisa norte fluminense) as distâncias com a capital carioca aumentam em demasia, esvanecendo sua influência. Entrementes, o norte fluminense foi transformado em “bolsão de pobreza” ao longo de séculos de concentrada renda e dotações técnicas e infraestruturais principalmente na capital, consoante apontam pesquisas como a do IPEA – a cargo de Santos, Costa e Vasconcellos (2011) – e do OM (2005). Com isso, as cidades do norte fluminense não conseguem cooptar o norte da Mata. Ademais, o norte matense é lindeiro ao sul da Mesorregião do Vale do Rio Doce, com a qual se relaciona nessa faixa territorial. O Vale do Rio Doce, ao se desvencilhar da polarização carioca nos anos 1960 (IBGE, 1972, p. 21-22), abriu caminho para que ficasse voltada para Minas, reforçando os laços culturais entre tais regiões do Estado, dentre os quais os de predileção clubística. A já consolidada influência de Belo Horizonte no Vale do Rio Doce, que dura cerca de 60 anos, possivelmente responde pelas poucas diferenças verificadas com a penetração das rodovias que chegam pelo norte da Mata. Porém, a influência capixaba, por meio de Vitória, ocorre na faixa nordeste da Mata (MR Manhuaçu), mas sem olvidar que Vitória está, por seu turno, na região de hinterlândia do Rio de Janeiro. Este é o motivo de os times cariocas terem ficado 4 vezes entre os prediletos e 15 vezes em 2º lugar nos 20 municípios da MR Manhuaçu, que tiveram Cruzeiro e Atlético como os mais queridos em 16 deles. Tais dados endossam as indicações da superação do Rio por Belo Horizonte quanto à polarização do norte matense que aqui proclamamos, podendo ainda sugerir um “contágio” oriundo da região do Vale do Rio Doce. Endossam ainda o positivo perfil das rugosidades futebolísticas como meio de expressão de polarizações

superadas e que outrora foram hegemônicas, pois ainda marcam o rescaldo da presença carioca que foi outrora predominante.

Como antes exibidos, entre parênteses estão os totais percentuais de predileção (pelos times de Belo Horizonte) e as cidades novamente foram elencadas da fronteira para o interior da Zona da Mata.

- MG-329: Raul Soares (70,9), São Pedro dos Ferros (69,0), Rio Casca (70,3) e Piedade de Ponte Nova (69,0), na MR Ponte Nova;
- MG-III: Simonésia (45,0) e Manhuaçu (40,6); na MR Manhuaçu;
- MG-108: Lajinha (27,8) e Manhumirim (21,8), na MR Manhuaçu.

Esse conjunto das relações estabelecidas entre a penetração das rodovias e a influência sobre o território das torcidas foi “traduzido” cartograficamente. A seguir, apresentamos os mapas que mostram o poder das rodovias como eixos que permitem a busca por bens e serviços, o fluxo de pessoas e capitais, além de toda uma gama de fluxos imateriais e simbólicos, aqui expressos pelo vínculo cultural do clubismo, cujas agremiações estão sediadas nas metrópoles mineira e fluminense.

Mapa 3.27 – Relação entre percentuais de torcidas (BH / Rio)* e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (MG-III, MG-482 e MG-356, MG-448 e MG-126).

Fonte: elaborado a partir de GE (2015) e IGA (2000).

* Os valores que constam no mapa são relativos aos percentuais de torcidas dos times de Belo Horizonte (Cruzeiro e Atlético) e do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), respectivamente.

Mapa 3.28 – Relação entre percentuais de torcidas (BH / Rio)* e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (MG-329, BR-116 e BR-040).

Fonte: elaborado a partir de GE (2015) e IGA (2000).

* Os valores que constam no mapa são relativos aos percentuais de torcidas dos times de Belo Horizonte (Cruzeiro e Atlético) e do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), respectivamente.

Mapa 3.29 – Relação entre percentuais de torcidas (Rio / BH)* e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (MG-108).

Fonte: elaborado a partir de GE (2015) e IGA (2000).

* Os valores que constam no mapa são relativos aos percentuais de torcidas dos times de Belo Horizonte (Cruzeiro e Atlético) e do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), respectivamente.

Mapa 3.30 – Relação entre percentuais de torcidas (BH / Rio)* e as rodovias: as estradas como eixos de fute-polarização (BR-482 e MG-280).

Fonte: elaborado a partir de GE (2015) e IGA (2000).

* Os valores que constam no mapa são relativos aos percentuais de torcidas dos times de Belo Horizonte (Cruzeiro e Atlético) e do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), respectivamente.

6) Com as **relações estabelecidas entre rodovias e polarizações sobre a Mata Mineira** (por meio dos percentuais de torcedores dos times de Rio de Janeiro e Belo Horizonte), bem como com as relações entre distâncias geográficas (dessas 2 metrópoles) e polarizações, defendemos que a **porção central da Zona da Mata está com a maior feição de repartição entre as metrópoles** (São Paulo, inclusive) em virtude de estar exatamente no interior matense, onde as influências metropolitanas chegam de modo mais difuso, estando a porção central, por enquanto, menos propensa a essa ou àquela polarização, **coisa sujeita a mudanças face ao dinamismo socioeconômico e político-cultural que cada metrópole vai conseguir desenvolver futuramente**. Malgrado um período de visível hinterlândia carioca, as

cidades da Mata (sobretudo as da parte sul) têm conseguido diminuir a dependência para com o Rio de Janeiro e, logo, suas condições de cidades *relais*.

Projetamos para a faixa central-diagonal do território da Mata Mineira (antes referida) as futuras modificações quanto aos municípios dominados por Rio de Janeiro ou Belo Horizonte, além da manutenção ou não da presença de São Paulo nos níveis atuais. Outras pesquisas sobre polarização – e com focos ou não no futebol – darão mais corpo para compreendermos a dinâmica urbana matense e os “vaticínios” e tendências que aqui anunciamos.

b) A Fute-polarização na Mata foi influenciada pela presença de imigrantes que torcem pelos times de BH, Rio ou São Paulo?

A polarização de Belo Horizonte na Mata Mineira via territórios das torcidas dos times de futebol mostrou seu crescimento em detrimento do Rio de Janeiro. Tal situação poderia ser resultante de um fluxo migratório interno de outras regiões de Minas para a Zona da Mata, o que explicaria o teor cartografado na fute-polarização. Se isso não for a verdade, expõe que a projeção de Belo Horizonte na região está mesmo em curso e com vigor. Vejamos o que a “variável migração” refuta ou confirma sobre a gangorra da polarização matense.

Tradicionalmente, os fluxos têm grande espaço nos estudos que versam sobre influência urbana e a produção de hinterlândias, porque expressam a busca por uma dada população de bens e serviços, dentre outros fatores. Aqui abordamos uma faceta desses fluxos, a que envolve os migrantes, para nós vistos como potenciais torcedores²⁸⁹ que, por sua vez, indicam um território onde uma massa torcedora se localiza e que está presa a um clube. Esse clube projeta sua cidade.

A decadência cafeeira de meados do século XX foi marcante também no âmbito da demografia matense, com 2 fatores de monta: êxodo rural e emigração da região. Nesta época, as densidades da população rural da Mata retratavam, “[...] de maneira esquemática, a marcha do povoamento e a propagação da vaga cafeeira. Onde o café penetrou há mais tempo, mais rarefeita se tornou, hoje em dia, a população do campo” (VALVERDE, 1958, p. 63). Exceção

²⁸⁹ As pesquisas observadas sobre predileção clubística revelaram altos percentuais de pessoas que torcem por um time de futebol (perto dos 80%), como em Pluri Stochos (2013).

à Ubá, as demais maiores cidades matenses estavam nas áreas de baixas densidades demográficas. Esse aparente paradoxo é explicado pela frágil rede urbana da Mata, da qual poucas cidades sobressaíam e para onde os pobres do campo se dirigiram. Em conjunto, porém, a região ganhou perfil emigrantista dos anos 1940 até por volta dos anos 1980 (ainda que seus polos regionais seguissem com acréscimos populacionais consideráveis), quando o reforço da sua rede urbana (após tantos anos) refletiu na desaceleração do crescimento populacional de Juiz de Fora (2,57% em 1970-80; 2,12% em 1980-91 e 1,86% em 1991-00) e demais núcleos de relevo. Houve ainda marcante migração de retorno²⁹⁰. Este panorama demográfico valeu também para outros 9 polos do interior de Minas Gerais, conforme Umbelino e Sathler (2005, p. 5-7), uma chancela da desconcentração econômica estadual. A Zona da Mata experimental, após muitas décadas, os primeiros saldos migratórios positivos, a mesma situação vivida pelo Estado de Minas Gerais²⁹¹. Eis também o caso de seu núcleo máximo, Juiz de Fora:

Tabela 3.11 – Juiz de Fora e Zona da Mata: Saldo Migratório (1986-1991 e 1995-2000).

Região	1986-1991			1995-2000		
	Imigração	Emigração	Saldo Migratório	Imigração	Emigração	Saldo Migratório
Juiz de Fora	27.008	17.722	+ 9.286	35.185	19.935	+ 15.250
Zona da Mata	68.059	89.375	- 21.316	84.352	77.918	+ 6.434

Fonte: Umbelino; Sathler, 2005, p. 6.; Augusto, 2007, p. 43.

Tabela 3.12 – Juiz de Fora: total e porcentagem de procedência dos imigrantes (1986-1991 e 1995-2000).

Período	MR Juiz de Fora	RMBH	Restante de MG	Outros Estados
1986-1991	4.089 ou 15,1	1.374 ou 5,1	9.632 ou 35,7	11.913 ou 44,1
1995-2000	5.200 ou 14,8	1.615 ou 4,6	12.382 ou 35,2	15.988 ou 45,4

Fonte: Umbelino; Sathler, 2005, p. 8.

Do 1º para o 2º período Juiz de Fora teve maior diversificação acerca da origem dos imigrantes, com aumento da participação de alguns municípios do interior de Minas Gerais e da sua própria microrregião – 4.442 ou 12,6% do total (1995-2000) oriundos de Santos

²⁹⁰ Migrante de retorno é aquele que deixou sua terra natal e a ela voltou no decênio anterior ao censo no qual foi contado (AUGUSTO, 2007, p. 18).

²⁹¹ Minas teve os seguintes saldos migratórios: - 516.838 (1965-70), -237.032 (1975-80), -107.506 (1986-91), -23.899 (1991-96) e, por fim, + 39.124 (1995-2000) (AUGUSTO, 2007, p. 4).

Dumont, Barbacena, Muriaé, Bicas, Cataguases e Leopoldina (dados mesclados)²⁹². Nos 2 períodos em análise, o Estado do Rio de Janeiro representou pouco mais de 25% do total dos “Outros Estados”.

Diante de tais informações, concluímos que a queda da polarização carioca em Juiz de Fora (verificada por meio do seu montante de torcedores) não está respaldada em seu caráter migratório. Todas as localidades de onde partiram a maioria de seus imigrantes têm os times do Rio de Janeiro entre os prediletos, exceto em Barbacena (CAMPOS, 2016b; GE, 2015), o que, todavia, não refuta tal generalização. Logo, o crescimento da influência de Belo Horizonte sobre Juiz de Fora decorre, fundamentalmente, da aproximação socioeconômica e cultural entre tais centros.

Entretanto, quando a escala é o conjunto matense há uma grande correspondência entre os territórios das torcidas e o dos migrantes. Em ambos os casos a Zona da Mata é cortada por uma diagonal que a cinge pela metade, com perfis bem definidos:

- parte sudeste da Mata: fluxo migratório (imigrantes e emigrantes) realizado com o Estado do Rio de Janeiro. Tal porção matense apresenta grande massa torcedora das equipes cariocas, com o 2º lugar dividido entre os times de Belo Horizonte (ao norte) e de São Paulo (ao sul e perto da fronteira Minas-Rio);
- parte noroeste da Mata: fluxo migratório (imigrantes e emigrantes) realizado com o Estado de São Paulo em grande intensidade. Isso repercute na fute-polarização, pois as equipes de São Paulo são as mais queridas nesta porção da Mata após as equipes de Belo Horizonte.

²⁹² Excetuando Barbacena (Campo das Vertentes), as demais cidades fazem parte da mesma mesorregião de Juiz de Fora, a Zona da Mata. Santos Dumont e Bicas estão na microrregião de Juiz de Fora.

Mapa 3.31 – Principal local de destino dos emigrantes (por municípios) – Minas Gerais (1986-1991).

Fonte: FJP, 2003, p. 8.

Mapa 3.32 – Principal local de origem dos imigrantes (por municípios) – Minas Gerais (1986-1991).

Fonte: FJP, 2003, p. 9.

Como é perceptível, a mancha fluminense é maior no 2º mapa, ou seja: há mais pessoas chegando do Rio para Minas do que o contrário. Isso subverteu o padrão migratório das décadas anteriores e funciona como mais uma evidência da perda de influência carioca. Desse modo, no período 1960-70 São Paulo passou a maior destino dos mineiros (47% em 1970), “[...] enquanto que Rio de Janeiro e Paraná receberam menos mineiros, devido ao menor crescimento industrial do Rio de Janeiro e ao esgotamento da fronteira agrícola no Paraná”. As emigrações mineiras caíram bastante (apenas 1,4%) no decênio 1981-91, e São Paulo permaneceu como o maior destino (AUGUSTO, 2007, p. 14 e 17).

Encontramos correspondência entre os territórios de imigrantes e de torcedores também ao nível microrregional. Fluminenses e paulistas fluíram mais para as microrregiões onde, respectivamente, seus times foram mais votados, segundo os dados que trabalhamos a partir da pesquisa do GE (2015). O mapa a seguir registra tal correspondência.

Mapa 3.33 – Relação entre as preferências clubísticas (2015) e as médias de imigração para a Zona da Mata (1986-1991).

Fonte: elaborado a partir de GE (2015) e FJP (2003, p. 9).

Outra possível hipótese sobre o aumento territorial das torcidas “mineiras” na Zona da Mata poderia residir no fato de a região ter passado a contar com mais imigrantes do próprio

Estado de Minas Gerais, oriundos de locais com forte predileção por Atlético e Cruzeiro. Essa ideia também não é verificada, pois de 1986 a 2000 a Mata teve um saldo migratório negativo de 19.635 pessoas, informa Hélder Augusto (2007, p. 134).

A mesma hipótese anterior poderia ser testada, mas no âmbito microrregional (interno à Zona da Mata), ou seja: migrantes oriundos das microrregiões de Ponte Nova, Manhuaçu e Viçosa (onde há predomínio de torcedores dos times de BH) teriam chegado em peso nas demais microrregiões onde os “torcedores cariocas” são maioria – Muriaé, Ubá, Cataguases e Juiz de Fora. Esta é outra possibilidade que não se aplica: tal fluxo não ocorreu. A próxima tabela ajuda a refutá-la.

Tabela 3.13 – Migração intermicrorregional (origem e destino) na Zona da Mata (1986-1991 e 1995-2000).

MR de Origem	Microrregião de Destino (1986-1991 e 1995-2000, respectivamente)						
	Ponte Nova	Manhuaçu	Viçosa	Muriaé	Ubá	Juiz de Fora	Cataguases
Ponte Nova	-	801 e 1.138	949 e 1.428	34 e 134	152 e 320	236 e 563	0 e 51
Manhuaçu	625 e 555	-	73 e 127	1.294 e 1.275	104 e 102	483 e 213	9 e 74
Viçosa	717 e 670	101 e 90	-	121 e 251	945 e 1.536	622 e 741	54 e 24
Muriaé	44 e 46	993 e 1.279	56 e 250	-	405 e 481	1.221 e 1.332	1.022 e 638
Ubá	125 e 36	88 e 27	573 e 475	140 e 293	-	2.638 e 2.685	639 e 513
Juiz de Fora	78 e 167	84 e 178	327 e 454	379 e 366	1751 e 1622	-	533 e 84
Cataguases	78 e 0	28 e 44	56 e 131	222 e 406	482 e 871	1.806 e 2.448	-
Imigrantes (Total)	3.141	4.850	4.898	4.915	8.811	14.988	4.401
Emigrantes (Total)	5.805	4.934	5.873	7.767	8.232	6.822	6.572

Fonte: adaptação de Augusto, 2007, p. 158.

Portanto, a ascensão do número de torcedores dos times belo-horizontinos na Zona da Mata não apresenta correlação com o fluxo migratório, diferentemente das torcidas das agremiações cariocas e paulistas. Ressaltemos, pois, que as tendências demográficas aqui anunciadas permaneceram nos anos 2000 (com poucas alterações), o que mantém o conteúdo desta conclusão.

4. MÍDIA E FUTEBOL: POLARIZANDO TORCEDORES E, LOGO, TERRITÓRIOS E PODER

Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte [...] e experimentavam patriótica emoção. Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão [...]. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador [...] é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio [...] e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação. [...]. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. [...]. Um sujeito puxou-me pelo paletó [...] “o Sr. Está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada”. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmo; e fugi.
(Carlos Drummond de Andrade, 1931).

O presente capítulo destina-se a mostrar **relações entre mídia e futebol** enquanto mecanismo que absorve torcedores, atenção do mercado e condiciona os habitantes de um dado território a fazer escolhas intermediadas pelo filtro impetrado pelos meios de comunicação.

Para a consecução dessa engrenagem de funcionamento, as **transmissões dos jogos de futebol na TV foram comparadas com as pesquisas de aferição das preferências clubísticas**. A partir dessa noção, **analisamos tais pesquisas** como um todo, guardando o foco para as cidades de Minas Gerais. Tabelaamos os dados, os quais serviram de base para a produção de mapas para a Mata Mineira (inéditos) acerca da relação tamanho das torcidas e espaço na TV (Globo). Cotejamos os resultados das pesquisas organizadas sob viés científico com a “pesquisa” do Globo Esporte (GE, 2015)²⁹³ – que se valeu do número de curtidas nas páginas oficiais²⁹⁴ (na internet) dos times de futebol disputantes das séries “A” e “B” do

²⁹³ A rigor, ela não é uma pesquisa, “[...] por mais que os números de todas as pesquisas possam se aproximar de alguns resultados regionais”, mas apenas é um retrato das curtidas em páginas oficiais no Facebook, aparece a advertência no *site* do GE (2015), parceiro da referida “pesquisa”, na qual não houve o emprego de metodologia científica. Porém, é a única aferição que envolveu 5.570 localidades brasileiras. Os institutos de pesquisa, em geral, nunca trabalham com municípios pouco populosos e, quando diversificam as localidades, é porque o fizeram ao longo de muitos anos de trabalho, obstando as comparações dos resultados divulgados. Como o Brasil possui uma infinidade de pequenos municípios, isso gera uma carga de desconfiança sobre tais amostragens. Mesmo municípios de destaque nos cenários regionais/estaduais costumam ser preteridos, casos de Juiz de Fora e Montes Claros, além de todos os polos microrregionais da Zona da Mata (Ponte Nova, Manhuaçu, Viçosa, Ubá, Muriaé e Cataguases).

²⁹⁴ As páginas oficiais dos clubes de futebol no Facebook contam com o selo de autenticidade *Página verificada*, conferida pela própria rede, certificando que uma página é, de fato, administrada pelo seu titular de direito. Com isso, são eliminados eventuais problemas de autoria e falsidade ideológica. Para fazer parte do universo autenticado da rede social, é necessário ter uma concessão definida pelo Facebook (GE, 2015).

Campeonato Brasileiro – para dimensionar o tamanho das torcidas em cada município²⁹⁵ do país. Assim, por abarcar os municípios matenses e ainda apresentar resultados similares aos das pesquisas científicas – que não abordam a Mata –, os dados do GE (2015) foram utilizados como parâmetro para **relacionar o tamanho e a localização das torcidas pelas equipes de Minas e do Rio na região com a projeção da polarização carioca ou belo-horizontina**. Mapas foram elaborados especificamente para este fim, cartografando ineditamente as regiões de influência na Zona da Mata.

A presença da mídia nos territórios foi contemplada consoante seu poder de direcionar os torcedores para clubes específicos, tanto nacional como regionalmente, na Zona da Mata. **Trabalhamos cronologicamente a mídia nacional** e sua determinante força ao transmitir futebol via rádio e televisão, além do espaço conquistado nos jornais e revistas. **Na Mata**, nos preocupamos mais em **indicar as polarizações do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte** do que em construir (só) um histórico da mídia regional. Juiz de Fora teve papel destacado neste quesito por abrigar emissoras de TV e de rádio (pioneira na radiodifusão mineira), além de sede de jornais com circulação regional, constituindo-se no maior polo comunicacional da Zona da Mata. A radiodifusão matense foi pensada como meio alternativo para o torcedor dos clubes mineiros frente ao domínio das equipes do eixo Rio-São Paulo na mídia nacional. Investigamos a programação das emissoras da região que trabalham com esportes (futebol), emanando jogos e informações regionais e/ou do trio Minas-Rio-São Paulo e/ou nacionais (envolvendo o Brasileirão). Assim, **por meio da radiodifusão regional** foi possível **observar a polarização oriunda de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro na Zona da Mata**.

Ademais, as empresas de comunicação não se envolveriam em um setor – o esportivo – de baixa rentabilidade e de pequeno nicho de mercado. De fato, a **indústria do entretenimento** é forte. De acordo com o *Ministério dos Esportes* (BRASIL, 2005, s/p), a indústria esportiva nacional movimentou mais de R\$ 25 bilhões, respondeu por milhares de empregos que sustentavam mais de 300 mil dependentes diretos. Pesquisa da *Câmara de Comércio Americana* (AMCHAM, 2005, s/p), ligada à *Fundação Getúlio Vargas*, mostrou que enquanto o PIB brasileiro cresceu, em média, 2,25% entre 1996 e 2000, o PIB do esporte atingiu 12,34% na mesma época considerada.

A CBF declarou a existência cerca de 800 clubes profissionais federados e mais de 13

²⁹⁵ Os dados dos municípios com menos de 10 mil habitantes são uma média das microrregiões em que eles estão inseridos. Isso se deu em função do uso equivocado por parte dos internautas ao mencionarem o item “cidade atual”, quando surgiram distritos e regiões. Para buscar exatidão dos dados, um algoritmo foi desenvolvido e atrelado às microrregiões. Encontramos isso na Zona da Mata, mas também dados individualizados desses municípios menores.

mil times amadores. Estimou um total de 30 milhões de praticantes do futebol no Brasil, com 11 mil jogadores trabalhadores e mais 2 mil que atuam no exterior. Afirmou existirem mais de 300 estádios no país que, em conjunto, têm capacidade para mais de 5 milhões de espectadores (FARIA, 2007, p. 19). Costa (2005²⁹⁶ apud FARIA, 2007, p. 19) sustenta que a indústria do futebol faturou, até 2005, US\$ 250 bilhões/ano em todo o mundo e US\$ 3,2 bilhões no Brasil/ano. Notemos ainda que isso ocorre também em outros países, não estando o Brasil ilhado em tal contexto. Na Espanha, por exemplo, Goig (2006, p. 38) mostrou que o futebol respondeu por 1,7% do PIB e por 2,5% do PIB dos serviços em 2003.

Apresentamos essa faceta quantitativa dos **esportes** e do **futebol** com o propósito de dimensionar o tamanho do nosso objeto de pesquisa e a sua **importância para o contexto da indústria midiática**. Vejamos agora seu poder ante aos clubes e aos territórios.

²⁹⁶ COSTA, L. P. **Atlas do esporte no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

4.1 – NEXOS ENTRE MÍDIA E VINCULAÇÕES CLUBÍSTICAS E TERRITORIAIS

A sociedade contemporânea vive, inegavelmente, em um espaço reticular, cujos nós das intrincadas redes formadas recaem em muitas das cidades globais. O aparato midiático (assentado nas emissoras de rádio e de TV, nos jornais e revistas, na internet etc.) está sediado principalmente nessas cidades globais, localizadas nas regiões de maior dinamismo econômico. As relações socioespaciais intermediadas pelas comunicações e pelos transportes ganharam em rapidez e ubiquidade (HARVEY, 2006). Nesse sentido, ressalta Castells que uma economia em que ocorre a acumulação de capital avança em todo o mundo, e existe no Ocidente, no mínimo, desde o século XVI. Não obstante, “[...] uma economia global é algo diferente: é uma economia com capacidade de funcionar como uma unidade de tempo real, em escala planetária” (CASTELLS, 1999, p. 111). Para tal sociedade fluir, Castells (1999) cita várias invenções tecnológicas ao longo da obra, como a dos satélites (anos 1950) e dos microprocessadores (anos 1970). Santos e Silveira (2002, p. 71) lembram ainda do papel desempenhado pelas redes tradicionais, como a elétrica, responsáveis pela interligação dos sistemas isolados. Para dimensionar esse apoio, os autores apontam que, no Brasil, 85% das hidrelétricas foram construídas nos últimos 30 anos, isto é, nas décadas de 70 a 90 (considerando a data de produção do livro). Outras bases técnicas também foram importantes:

À substituição parcialmente realizada da tecnologia eletromecânica pela tecnologia eletrônica analógica, bases materiais da telefonia internacional nos anos 80, acrescenta-se agora a tecnologia digital, vinculada à telefonia fixa e digital. [...]

A incorporação das fibras ópticas aos sistemas técnicos nacionais, a partir dos projetos de interligação do planeta, ampliou a participação do Brasil na globalização das telecomunicações, [o que não] teria sido possível sem avanços paralelos da informatização do território. [...] Tais condições iriam convocar os capitais nacionais para a produção de minicomputadores e microcomputadores [...], ao tempo em que as transnacionais comandavam a produção de grandes computadores orientados para as empresas estatais, os grandes bancos e as firmas poderosas em processo de modernização. Foram esses grandes computadores as bases materiais de implantação, no Brasil, das redes de reservas das companhias aéreas, da informatização dos processos bancários e da vinculação entre agências e, em decorrência, da creditização do território, da automação dos processos industriais, do progresso das telecomunicações (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 79-82)

Portanto, **a organização espacial das redes** (circulação, energia e telecomunicações) constitui um importante **indicador dos efeitos modernizadores sobre o território**.

Assim constituída, a sociedade contemporânea permitiu não só a fluidez dos capitais, mas de tudo o que, em última análise, pode ser **convertido em capital**. É exatamente isso o que ocorreu com os **eventos esportivos**, principalmente as Olimpíadas e as Copas do Mundo (em escala mundial), bem como com os campeonatos nacionais e supranacionais de futebol, para seus países e regiões/estados ou qualquer espaço ainda mais reduzido. Nessa lógica, “[...] a economia é informacional, e não apenas baseada na informação, pois os atributos culturais e institucionais de todo o sistema social devem ser incluídos na implementação e difusão do novo paradigma tecnológico” (CASTELLS, 1999, p. 110). As Copas do Mundo “[...] representam oportunidades para as fabricantes de TV venderem novos aparelhos. Também é a hora certa para emissoras apresentarem novas tecnologias de transmissão, que chegarão nos próximos anos aos consumidores” (G1, 2014a, s/p), anuncia uma reportagem sobre a tecnologia nos mundiais de futebol. Observemos, no quadro seguinte, a evolução técnica envolvendo as transmissões televisivas das Copas e seu potencial mercantil. Reflitamos ainda à luz de Guy Debord (1997, p. 20-21, grifo do autor):

[...] parece que uma segunda natureza domina, com leis fatais, o meio em que vivemos. Mas o espetáculo não é o produto necessário do desenvolvimento técnico, visto como desenvolvimento *natural*. Ao contrário, a sociedade do espetáculo é a forma que escolhe seu próprio conteúdo técnico. Se o espetáculo [...] dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade”.

Como já demonstrado anteriormente, o futebol foi caindo no gosto popular e, conseqüentemente, no gosto do empresariado das telecomunicações. “Aos poucos, os donos das redes de televisão perceberam que o futebol poderia gerar bons resultados financeiros, com a veiculação de propagandas comerciais durante as transmissões, a exemplo do que já era feito no rádio” (SAVENHAGO, 2011, p. 22). A **base urbana e popularizada do futebol** já tinha ocorrido, sobretudo, na Europa e na América Latina durante as primeiras décadas do século XX. Os países integrantes da 1ª Copa do Mundo (Uruguai, 1930) endossam essa territorialização do futebol para além da Grã-Bretanha: todos os representantes eram dos continentes americano e europeu.

Quadro 4.1 – Tecnologias empregadas nas transmissões das Copas do Mundo de Futebol (1954-2014).

Sede/Ano	Característica tecnológica
Suíça, 1954	Primeira transmissão ao vivo de uma partida de Copa para a TV, (abertura, Iugoslávia x França). Somente 8 países europeus receberam o sinal de TV (França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, Dinamarca e Suíça) e apenas quem tinha televisor pôde assistir. Para os outros países do mundo, o material chegava via aérea e terrestre e só ia ao ar quando desse, demorando até um mês para ser exibido.
Chile, 1962	A cobertura ainda era restrita, mas o tempo de espera para ver os jogos diminuiu. O 1º jogo do Brasil foi contra o México, em 30 de maio, mas seria visto até 2 dias depois. Ele foi gravado e levado de Viña Del Mar, de carro, para Santiago, a 120 km, e daí, de avião, para São Paulo, a mais de 2,5 mil km.
México, 1970	Início das transmissões ao vivo e a cores. Testes desta nova transmissão foram feitos no Brasil. Porém, como a maioria dos televisores era em preto e branco, a patrocinadora de material esportivo criou uma bola que pudesse ser mais visível na TV. Assim surgiu a bola com gomos pretos e brancos. Apenas 4 câmeras transmitiam cada jogo.
Alemanha, 1974	As transmissões ao vivo e a cores ficaram mais populares, incluindo o caso do Brasil. Passaram a ser usadas 5 câmeras para as transmissões.
México, 1986	11 câmeras transmitiam os jogos. Início do uso do “tira-teima”: <i>software</i> que paralisa a imagem de uma jogada para esclarecer os lances mais polêmicos.
Itália, 1990	18 câmeras transmitiam os jogos.
EUA, 1994	Câmeras mais potentes capturavam o rosto dos atletas. Início do recurso da câmera lenta, retirando o problema das repetições (vídeo tapes).
Japão/Coreia do Sul, 2002	Início das transmissões em alta definição (HD, em inglês): 8 câmeras instaladas no estádio da final, no Japão, enviavam as imagens por meio de fibra ótica para uma estação e passavam por 3 satélites antes de chegar ao Brasil.
Alemanha, 2006	Primeiras transmissões em Full HD.
África do Sul, 2010	32 câmeras usadas para captar as imagens dos jogos. Testes de transmissão em 3D.
Brasil, 2014	Primeiras transmissões em 4K, com 4 vezes mais definição do que em Full HD. Uso de 34 câmeras para cada transmissão.

Fonte: elaborado pelo autor a partir de G1 (2014a, 2014b).

A apreensão do futebol como espetáculo viria algumas décadas depois, na segunda parte do século XX, cuja expansão capitalista sobre espaços já consolidados e com reordenamento sobre territórios e grupos sociais ficou patente. Além disso, reterritorializa-se em escala mundial ao se expandir na Oceania, Ásia, África e América Anglo-Saxônica. O **futebol** é transformado em mais um **veículo de mercantilização da cultura e do entretenimento**. Nessa linha, Milton Santos se posicionou através do artigo *Território e*

dinheiro:

Nossa era se caracteriza sobretudo por essas ditaduras: a ditadura da informação e a ditadura do dinheiro, e a ditadura do dinheiro não seria possível sem a ditadura da informação. Curiosamente, este formidável sistema ideológico acaba por ter um papel na produção da materialidade e na conformação da existência das pessoas.

A ideologia, como nunca aconteceu, passa a mostrar-se como aquela metafísica suscetível de aparecer como uma empiria. Há 25 anos atrás, empolgava-nos a assimilação da diferença entre o veraz e o não verdadeiro, entre a aparência e a existência, entre o ideológico e o real. Hoje a ideologia se tornou realidade, o que complica nossa tarefa de análise, porque se impõe à produção da história concreta dos homens a partir de um discurso único perfeitamente elaborado, e que se torna acreditável a partir do bombardeio das mídias (SANTOS, 2002a, p. 13).

A etapa global conheceria ainda a formação de grandes grupos de comunicação em todo o mundo sob fusões e trustes. Duarte (2008, p. 98) mostra esta tendência: houve um “[...] reforço na ‘estadunização’ da cultura de massas em todo o planeta [...]: em 1991, 30% da transmissão televisiva na Europa eram de produtos estadunidenses; na Alemanha o índice chegava a 67%”, enquanto cerca de 90% de toda a produção europeia nunca deixou seus países de origem. Quanto ao futebol, esporte que não é, nem de longe, o mais popular nos Estados Unidos, acabou gerando, devido a isso, uma dominação mais plural. Contudo, como esporte mais popular do mundo, o futebol é um grande alvo da atual mídia internacional.

Com a consubstanciação da **indústria cultural planetária**, dois **aspectos ideológicos** que a envolvem ganharam relevo:

1º) Aspectos objetivos, que se constituem nos expedientes empregados pelos agentes da indústria cultural para a realização dos seus propósitos, que são também econômicos, mas principalmente ideológicos. Dentre as diversas estratégias utilizadas, destaca-se, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p. 102), a *manipulação retroativa*, que consiste num mecanismo segundo o qual os consumidores se convencem de que estão escolhendo o que verdadeiramente desejam, quando, na verdade, recebem o que “pensam” que querem de acordo com resultados de opinião previamente realizados, a partir dos quais são detectadas tendências psicossociais latentes que norteiam a elaboração da oferta de mercadorias culturais de uma temporada.

Nesse sentido, André Masini (2003²⁹⁷ apud GUERRA 2012, p. 56), escritor paranaense, assim contou como foi arrebatado aos 7 anos de idade pelo rádio e pelo maniqueísmo que ronda a escolha afetivo-clubística, quando foi levado pelo pai para ver um jogo entre Palmeiras e Corinthians:

A emoção que vinha do rádio era indescritível. Não que eu entendesse algo do que estivesse sendo narrado ou do que de fato acontecia no jogo. [...] mas a voz do narrador exprimia uma intensidade tão dramática... uma importância tão grandiosa... que parecia uma batalha épica e sobrenatural entre o bem (Corinthians) e o mal [...].

As decisões das TVs detentoras dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, por exemplo, expressam a manipulação retroativa. Há uma carga de jogos transmitidos das equipes cariocas e paulistas (desde o período da radiodifusão e, agora, mais ainda na era da TV) para todo o país, mesmo que isso não seja o desejo de todos em certos estados. Tal imposição ajudou no surgimento de grandes torcidas dos clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por exemplo. O ex-jogador Edilson (Informação verbal, 2015) analisou esse contexto à luz do impacto nos atletas:

Acho que a maioria dos jogadores brasileiros gostaria de jogar em times que nem o Flamengo, que é um time que tem uma torcida muito grande, de massa, e que tem uma visibilidade grande. Todo jogo do Flamengo é transmitido, passa na TV, tem uma repercussão grande, e o jogador quando está bem no Flamengo abre várias portas para ele. Então, geralmente, tem muitos jogadores que escolhem o time sim, por causa da torcida, por causa da popularidade [...].

O time mais popular, que tem mais torcida, geralmente tem mais mídia né? Então a imprensa consome mais esses times... esses times grandes, que nem Flamengo, Cruzeiro, Palmeiras, São Paulo. [...] infelizmente é assim, quem tem mais mídia aparece mais, mas isso não deixa de tirar o valor dos que não têm tanta popularidade assim.

Apesar da força midiática representada pelo eixo Rio-São Paulo, todos os 5 ex-jogadores que entrevistamos – Amaral, Biro-Biro, Éder, Edilson e Vítor (Informação pessoal, 2015) – disseram que seriam convocados para a Seleção Brasileira atuando nos grandes times mineiros, Atlético e Cruzeiro, como de fato ocorreu para Éder e Edilson, respectivamente para as copas de 1982 e 2002.

No mesmo caminho das maiores agremiações nacionais, os grandes clubes europeus têm aumentando seus torcedores no Brasil inteiro e alhures. Adorno e Horkheimer (1985, p. 134) assim afirmam acerca de tal temática:

²⁹⁷ MASINI, A. “A gramática e o futebol”. **O Paraná**, 22 out. 2003. Disponível em: www.casadacultura.org/andre_masini/artigos/2003_10/gramatica_e_o_futebol.html. Acesso em: 24 mar. 2005.

A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime de monopólio, mais todo-poderosa ela se torna. [...]. Os custos de publicidade, que acabam por retornar aos bolsos das corporações, poupam de eliminar pela concorrência os intrusos indesejáveis. [...] O abandono de uma prática publicitária corrente por uma firma particular significa uma perda de prestígio.

Em razão de tais imposições e manipulações é que os **times que mais atendem a esse apelo das transmissões da TV** foram denominados nesta tese de **clubes midiáticos**. Estratagemas assim põem em xeque a questão das identificações locais, do contato com as comunidades imediatas. Não por acaso, os “times locais” e aqueles de influência meramente regional tendem ao abandono, comportamento verificado principalmente entre jovens torcedores²⁹⁸. E isso poderia ser ainda pior. Só não o é porque os núcleos de *marketing* dos clubes optam – deliberadamente ou não – por ações que atingem os fãs de alta identificação com o time, mesmo tendo a oportunidade de “conversão” daqueles fãs de baixa identificação com o clube ou outros, e até sem identificação, o que potencializaria o comparecimento aos estádios, alerta Giacomini (2011, p. 298-299). Mais do que a bilheteria citada pelo autor, hoje os clubes têm seus maiores lucros com a venda de atletas e direitos de transmissões dos jogos. Ou seja, a obtenção dos fãs de baixa identificação/simpatizantes movimentaria ainda mais as receitas das agremiações, tornando-as ainda mais midiáticas e poderosas.

2º) Aspectos subjetivos, divididos em *Aspectos subjetivos agressivos* e *Aspectos subjetivos defensivos*. Estes últimos estão relacionados com o espaço perdido pela religião e ocupado pela indústria cultural na formação de um cimento social, de modo que as pessoas se valham, intuitivamente, como meio de socialização, de conversas sobre novelas, jogos esportivos (sobretudo de futebol), filmes, *reality shows*, sempre como um meio eficiente de quebrar o silêncio diante de uma situação ou encontro social. Assim, o *Aspecto subjetivo defensivo* constitui um meio de sobrevivência na selva das relações sociais do capitalismo tardio globalizado e, exatamente por seu caráter de “legítima defesa”, se, por um lado, não estimula, por outro, não chega a excluir a esperança na possibilidade de superação da alienação que a indústria cultural semeia como método de controle social. Logo, a indústria cultural até poderia se juntar aos demais fatores responsáveis pela inclusão das identificações fixas.

²⁹⁸ Confirmações dos *Aspectos objetivos* são demonstradas no decorrer do capítulo.

Já os *Aspectos subjetivos agressivos*, representam uma introjeção tão completa do ponto de vista do dominador no psiquismo de certas pessoas comuns, que elas se entregam totalmente aos ditames da indústria cultural, e desenvolvem também traços sadomasoquistas. Esse tipo de pessoa é a presa perfeita do sistema da cultura de massas, sendo tão identificada com ele que se torna irada quando alguém ousa uma crítica contundente a tal tipo de sistema, apresentando grande potencial de adesão a projetos políticos autoritários (DUARTE, 2008, p. 102-104). Por essa perspectiva é possível compreender a carga de violência que envolve as torcidas organizadas dos grandes clubes.

Outras observações instigantes sobre a denominada “indústria cultural” são observáveis em Franco (2008, p. 113), para o qual a “[...] televisão aparece [...] como uma espécie de progresso técnico no interior da própria indústria cultural, capaz inclusive de permitir a produção deliberada de uma imagem do mundo, destinada a ser tomada como se fosse o mundo mesmo”. Em decorrência, a televisão se reveste de caráter político ao se conectar com a lógica social da dominação. Adorno (apud FRANCO, 2008, p.113)²⁹⁹ coaduna com essa visão, pois, para ele, a TV se insere no universo da diversão e, nessa medida, parece se oferecer ao espectador com a promessa de que irá arrancá-lo do sofrimento imposto diariamente pelas penosas exigências do processo de trabalho, apresentando, assim, “[...] uma oferta ilusória, além de reforçar a tendência antiintelectualista da sociedade, de fato ludibria as expectativas de quem possa buscar a diversão”, completa Franco (2008, p. 113).

Nas últimas décadas, a TV mundial tem se valido da interatividade de forma cada vez mais intensa, devido às possibilidades tecnológicas criadas. No caso do futebol, à medida que essa relação público-TV se fortalecer, inclusive determinando novos consumos, irá fortalecer os clubes mais midiáticos. De acordo com Franco (2008, p.114), Walter Benjamim afirma que o traço mais marcante da cultura no século XX (o século das massas) era a “[...] proximidade entre a obra e o público, fato que a revestiria de original valor de uso”, enquanto Adorno, ao contrário, procurou mostrar como a reprodução da música só aparentemente democratizava o acesso a ela.

Nesse contexto de contato-estranhamento é que se encaixa a questão do **torcer em escalas territoriais cada vez maiores e mais distantes**: o contato local (ou identificação local) tende a se alocar nos clubes mais poderosos, de países e cidades distantes. Os ídolos são

²⁹⁹ ADORNO, T. “Prólogo à televisão”. In: **Intervenciones**: nuevo modelo de crítica. Caracas: Monte Ávila, 1969.

estrangeiros ou nacionais, não importando sua origem. Debord (1997, p. 25, grifo do autor) ressalta o papel imperioso da mídia na produção de espetáculos e na valorização das celebridades: “O espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem”. O que importa é a exposição midiática: quando um atleta de repercussão internacional tem o passe comprado, seu novo clube já fez, há tempos, a contabilidade da venda de camisas, dos novos valores negociados com patrocinadores e com emissoras de TV, dentre outras possibilidades de ganhos no mundo do capital (CAMPOS, 2016a, p. 21). O problema desse afastamento/desencaixe³⁰⁰ do lugar, é que a cidadania e a questão das solidariedades podem ser alteradas. Santos e Silveira (2002, p. 306-307) assim professam sobre tal ideia:

[a solidariedade] resulta de uma interdependência entre ações e atores que emana da sua existência no lugar. Na realidade, ela é fruto do próprio dinamismo de atividades cuja definição se deve ao próprio lugar enquanto território usado. É em função dessa solidariedade orgânica que as situações conhecem uma evolução locais relativamente autônomas e apontando para um destino comum.

Usando ainda os termos explicitados por Santos e Silveira (2002), o **risco é de se cambiar cidadania por consumo**, ao se **preferir as horizontalidades em função das verticalidades**. Esse mesmo traço comum da contemporaneidade traz consigo ainda a questão de uma **vida voltada para fora**, não oferecendo certezas acerca do desenvolvimento local e do bem-estar da população. Converter isso para uma lógica do mercado sobre os territórios recai nas formulações de Milton Santos a respeito da *circulação desnecessária*, após partir da noção marxista de *produção desnecessária*. O atual modelo econômico gera uma possibilidade de “[...] ampliação da produção desnecessária e da circulação e do intercâmbio desnecessários, mas também [uma] ampliação e [o] aprofundamento de uma divisão do trabalho desnecessária”. Desse modo, o que resulta de fato, na prática, “[...] é a vitória de uma lógica econômica a despeito das distorções de ordem social que possa acarretar” (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 298).

Existem, claro, outros fatores que não a mídia que levam aos nexos com os clubes grandes em detrimento dos pequenos e locais. É o caso da qualidade dos atletas, mas isso, em última instância, reconduz a análise para o campo das determinações econômicas. O fator qualitativo foi marcante sobre 2 de nossos entrevistados (Informação pessoal, 2015): influenciou a adesão de Marcel Brum ao Cruzeiro, e de Tatiana Baldi aos jogos televisionados

³⁰⁰ *Desencaixe* é um termo que, na concepção de Giddens (2002, p. 221), expressa o deslocamento das relações sociais dos contextos locais e sua recombinação através de distâncias indeterminadas do espaço/tempo.

de equipes da Europa.

A história é essa: meu pai me levou para eu ver o jogo Cruzeiro e Nacional [de Muriaé]. Eu devia ter uns 7 anos de idade... Na época, o Nelinho jogava no Cruzeiro. Ele fez um gol e eu fiquei muito encantado com o time.

Virei cruzeirense apesar de morar em cidades que têm time, igual em Muriaé que tem o Nacional, e Juiz de Fora com o Tupi. Mas não são times que me influenciaram a não torcer pelo Cruzeiro (BRUM, 2015).

[...] torço para o Botafogo e tenho simpatia pelo Cruzeiro. Não há uma razão específica, talvez por influência de um irmão. E gosto demais dos times europeus por apresentarem um futebol mais bonito, mais técnico. Quanto ao Tupi, “torço” [sinal de aspas com as mãos] sem empolgação, talvez por ser da cidade e a única opção (BALDI, 2015).

É importante esclarecer que nesta tese não se advoga em nome da xenofobia, mas apenas do não esquecimento dos espaços locais e de um cidadão consciencioso. É importante que a escala local não provoque estranhamento aos seus próprios moradores. Nesse caso, cabe a questão: pode o futebol também criar uma forma de “não-lugar” ou de “não-cidadão”? Uma possível resposta exige um outro estudo e, por ora, o objetivo é conhecer melhor as influências da mídia sobre o universo do torcedor.

4.2 – BREVE HISTÓRIA DA MÍDIA ESPORTIVA NO BRASIL

A cobertura específica de eventos esportivos teve início quando os grandes jornais passaram a ter páginas especializadas sobre esportes no início do século XX. Já no **final do século XIX**, os **jornais** apresentavam os **primórdios da cobertura dos esportes**, estes misturados aos outros noticiários, como na *Gazeta de Notícias*. Nos **anos 1930**, começam as **transmissões esportivas via Rádio** e também a veiculação de **jornais exclusivamente esportivos**. Em 1950 é criada a 1ª emissora de televisão brasileira e já na década seguinte os **jogos de futebol são transmitidos ao vivo**. As transmissões de jogos gravados (inclusive trechos de jogos, nos cinemas, antes dos filmes, no *Canal 100* ³⁰¹) e ao vivo (como a Copa do Mundo de 1970 e os campeonatos nacionais) passam a **multiplicar o número de espectadores** do futebol na **década de 1970**. Nessa mesma época e contexto surgem **jornais na TV especializados em esportes**, com espaço destacado para o futebol. Essas características estão brevemente focadas a seguir.

Os **jornais impressos sobre esportes surgiram no início do século XX**, como o *Rio Sportivo*, o *Jornal dos Sports* (1931)³⁰², a *Gazeta Esportiva* (1947) etc., além das páginas especializadas dos jornais de assuntos variados, como o **Jornal do Brasil**, **pioneiro** no setor quando passou a dedicar uma **página inteira ao esporte, em 1912**. Segundo Melo (1999, p. 102), tal seção teria iniciado em 9 de abril de 1891, ano da fundação do Jornal do Brasil: “[...] começou bastante tímida, com espaço bem reduzido e não publicada diariamente”. O título da seção era escrito em inglês, *Sport*. Existiam várias sub-seções, como: “Rowing” (remo), “Foot-ball”, “Natação”, “Cyclismo”, “Boxing”, “Athletismo”, “Patinção”, “Lawn Tennis”, “Tiro”, “Luta”, “Aviação”. Chama atenção a mistura de títulos nas línguas portuguesa e

³⁰¹ O *Canal 100* foi um cinejornal brasileiro que existiu de 1959 a 1985, criado por Carlos Niemayer. Formou importante acervo cinematográfico dos acontecimentos jornalísticos da época (cerca de 70 mil minutos de imagens), mas foi no futebol que o *Canal 100* se tornou famoso. Como dizia Nelson Rodrigues, “Foi a equipe do Canal 100 que inventou uma nova distância entre o torcedor e o craque, entre o torcedor e o jogo, grandes mitos do nosso futebol, em dimensão miguelangesca, em plena cólera do gol. Suas coxas plásticas, elásticas enchendo a tela. Tudo o que o futebol brasileiro possa ter de lírico, dramático, patético, delirante...” Apesar de todo o sucesso, os tempos mudaram e, em 1985, o ministério da Cultura do Governo Figueiredo, apoiado pelos lobistas do cinema americano, inviabilizou a produção, proibindo a propaganda comercial em cine-jornal. Era o fim do futebol do *Canal 100* e de um estilo brasileiro de fazer cinema (CANAL 100, s/d, s/p).

³⁰² O *Jornal dos Sports* foi um diário de notícias carioca, fundado pelo jornalista Argemiro Bulcão em 13 de março de 1931. Sua última edição circulou em 10 de abril de 2010. Teve como um de seus proprietários o jornalista Mário Filho que, nas suas páginas, escreveu uma série de crônicas defendendo a construção do estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950. Como homenagem, o estádio recebeu o seu nome.

inglesa, demonstrando a influência estrangeira então predominante. A veiculação de cada subseção dependia da existência de notícias sobre elas, mas a única que era publicada diariamente era “*Foot-ball*”. A página era publicada repleta de reportagens com cobertura de eventos esportivos e ilustrada com fotografias, principalmente dos eventos e de personalidades importantes dos clubes. Inicialmente, as notícias envolviam as corridas de cavalo do Jockey Club. Não obstante, a utilização de uma página inteira para o assunto foi reflexo da popularização dos esportes no país (PUC-RJ, s/d, p. 43) e, em especial, do futebol.

Antes da “era do futebol” os jornais já abordavam o esporte no final do século XIX, geralmente de forma difusa em suas páginas, como em a *Gazeta de Notícias* e em *O Paiz*. Diferentemente, o *Jornal do Brasil* dedicou seção específica para as notícias esportivas desde sua fundação, em 9 de abril de 1891.

Foto 4.1 – Primeira página inteira dedicada aos esportes – Jornal do Brasil (1912).

Fonte: PUC-RJ, s/d, p. 44.

Alguns jornais misturavam humor e artes (teatro, literatura etc.) com esporte, mas tendo este último como conteúdo central, caso de *O Binóculo: folha literária, sportiva e theatral* (1894) e de *A Arena: jornal sportivo, literário, humorístico e noticioso* (1897). “Em outro tipo de publicação, o esporte era o conteúdo exclusivo, sendo a grande maioria dedicada

ao turfe (como 'O Turf', de 1889). Mas também existiam as dedicadas a outros esportes (como 'O Remo', de 1900; e 'O Cyclismo', de 1900)", ensina Melo (1999, p. 105).

A **veiculação dos esportes nas rádios brasileiras ocorreu nos anos 1930**. O rádio esportivo tornou-se um fenômeno de comunicação de massa. A 1ª informação sobre uma disputa esportiva emitida foi a leitura dos resultados dos jogos mais importantes através de um telegrama que fora enviado para a emissora radiofônica. Em 1931 houve a 1ª transmissão de uma partida completa, disputada entre as seleções de São Paulo e Paraná, narrada por Nicolau Tuma (ORTRIWANO, 2000, s/p). Durante as primeiras transmissões houve acontecimentos interessantes: antigamente não havia numeração nas camisas dos jogadores e os locutores precisavam identificá-los. "Era necessário gravar as características de cada atleta, alto, baixo, moreno, preto e assim por diante. Concluo que, a partir desta situação deva-se ter criado os apelidos tão usuais aos jogadores brasileiros de futebol" (CAMARGO, 2005, p. 1).

Nessa fase inicial dos anos 1930, Mendes (1988, p. 45³⁰³ apud PUC-RJ, s/d) destaca uma **relação muito estreita entre o esporte-futebol e a mídia radiofônica**, que caracterizava a importância deste gênero: "[...] a 10 de junho de 1933, a pouco meses depois da profissionalização do futebol, a *Rádio Record* criou um serviço esportivo completo, dando aos domingos, durante as competições de futebol, o resultado de todos os jogos que se realizaram em todos os campos de São Paulo e Rio de Janeiro"³⁰⁴. Outras emissoras paulistanas passaram a se dedicar ao futebol, como *Cosmos* e *Cruzeiro do Sul*. Podemos entender que o futebol brasileiro e o rádio passavam por fases semelhantes, pois ambos tentavam ser profissionais e deixarem o elitismo de lado, massificando-se. Essa mesma situação vivida pelo rádio e sua junção com o futebol marcou, e marca ainda, o casamento de interesses entre o esporte e os meios de comunicação de massa (CAMARGO, 2005, p. 4). Tal casamento é, certamente, mais antigo do que se pode crer e vem desde o final do século XIX, consoante Melo (1999, p. 106-107), ao analisar o caso da cidade do Rio de Janeiro: "a ênfase nas polêmicas e nos escândalos nem sempre agradavam aos clubes. Estes, entretanto, sabiam que necessitavam do apoio da imprensa para o alcance de seus objetivos, já que através dela é que grande parte do público comparecia" aos eventos esportivos. Nessa fase, existiam manifestações esportivas bastante organizadas e desenvolvidas, caso do turfe e das regatas³⁰⁵,

³⁰³ MENDES, Edith Gabus. **Otávio Gabus Mendes**. Do rádio à televisão. São Paulo: Lua Nova, 1988

³⁰⁴ Seu comandante, Paulo Machado de Carvalho, esclareceu que os resultados dos jogos eram passados via telefone (de manivela). Os gols que iam surgindo eram escritos num papel que chegava até o locutor, como: "acabou-se de marcar um gol no Parque Antártica" (SAVENHAGO, 2011, p. 24).

³⁰⁵ Por isso o termo "regatas" está presente nos nomes completos de clubes do Rio de Janeiro, como Botafogo, Vasco e Flamengo.

esportes que começavam a despontar, a exemplo do ciclismo e da natação. O futebol ainda era um grande desconhecido, mas não menos daquilo que realmente poderia ser chamado de *sport*: touradas, bilhar, banhos de mar, briga de galo, jogo do bicho, boliche, corridas de pombo-correio, entre outras, eram práticas encontráveis na seção de notícias esportivas. “No fundo, frequentemente era o caráter de espetáculo da prática que acabava por determinar o que era, ou não esporte” (MELO, 1999, p. 106).

Nos anos 1940, a *Rádio Pan-americana* inaugura a transmissão de eventos internacionais com os Jogos Olímpicos de Londres (1948) por meio de boletins diários que nenhum outro veículo conseguia oferecer (FARIA, 1994). Contudo, os anos 1960 marcam o declínio da rádio Pan-americana **em função do aparecimento da televisão**. Este fato ocorreu também com todas as **emissoras de rádio** que **ficaram em segundo plano**, pois as cotas de publicidade e dos patrocinadores, além das audiências, foram direcionadas para o novo veículo que estava crescendo.

Um recente estudo acerca da mídia no país mostrou que **o rádio ainda é um importante veículo de comunicação**: 80,3% dos entrevistados declararam ouvir rádio e 60,9% ouvem de 1 a 4 horas diariamente. Porém, a televisão é o canal de comunicação mais utilizado pela população brasileira (96,6%). Os **canais do sistema de televisão aberta são os mais assistidos** (83,5%) (BRASIL, 2010, p. 18 e 23). Esse universo de adeptos do rádio como meio de comunicação demonstrou preferência pela programação musical (68,9%). “O noticiário foi citado por 19,2% dos ouvintes de rádio como a programação preferida, seguido do futebol, com 5,4%. Conseqüentemente se verificou o predomínio de rádios FM (programação predominantemente musical) sobre rádios AM (programação predominantemente jornalística)” (BRASIL, 2010, p. 24). **O futebol é a terceira programação mais audível nas emissoras de rádio.**

Tabela 4.1 – Hábitos de ouvir rádio (por idade), Brasil (2010).

Costuma ouvir rádio	Classes de idade (%)				Total
	16 a 24	25 a 39	40 a 49	50 ou mais	
FM	82,3	76,6	71,3	60,8	73,5
AM	20,4	27,1	34,7	44,1	30,7
Na internet	19	9,5	5	2,9	9,6
No celular	33,7	18,8	8,6	4,6	17,6
Tamanhos amostrais por grupo	3.075	4.081	2.034	2.810	12.000

Fonte: Brasil, 2010, p. 26.

No contexto internacional, as **primeiras transmissões esportivas televisivas** aconteceram na década de 1930. Tais acontecimentos foram marcados pela simultaneidade. Os EUA cobriram uma partida de beisebol em 1935. A Alemanha transmitiu os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. A *BBC* veiculou a 1ª jornada de Wimbledon, para o público britânico, em 1937. A França apresentou a 1ª transmissão na íntegra em 1948, da Copa de Futebol. A Itália entra em cena em 1954, quando transmite uma partida de futebol de sua seleção valendo a classificação para o Mundial da Suíça. Em setembro de 1950, o telejornalismo esportivo brasileiro inicia sua jornada, com a 1ª reportagem filmada especialmente para a televisão: o clássico entre São Paulo e Portuguesa (CAMARGO, 2005, p. 8). No mesmo ano houve a **1ª transmissão de uma partida de futebol no Brasil**, Tupi e Bangu, realizada em Juiz de Fora (LINS, BRANDÃO, 2012, p. 149).

Em setembro de 1950 surge a 1ª emissora televisiva do Brasil, a *TV Tupi*. Na década de 1960, outras emissoras foram fundadas, como a *TV Record*, que exibia os jogos do Campeonato Paulista. Por incrível que pareça para os padrões atuais, clubes e emissoras de televisão entraram em conflito nos anos 60. Clubes e dirigentes de futebol proibiram a transmissão ao vivo das partidas do Campeonato Paulista, alegando queda na arrecadação financeira. Feliciano (1995³⁰⁶ apud PUC-RJ, s/d, p. 48) explicitou este fato: as transmissões esportivas da *TV Record* tinham, nas tardes de domingo, grande audiência, e tal situação estava criando problemas financeiros aos clubes. Os torcedores não estavam mais frequentando os campos de futebol para assistirem às partidas. Encerrada as transmissões esportivas via televisão, a emissora teria que solucionar o problema encontrando um programa capaz de preencher esta audiência (que era muito alta) até então ocupada pelo esporte. Então, utilizaram a figura de um rapaz para comandar um programa para jovens: era Roberto Carlos, falando, cantando e trazendo cantores convidados. Esta tentativa foi cercada de muito sucesso e a *Jovem Guarda* (nome do programa comandado por Roberto Carlos) foi um novo movimento cultural e musical que envolveu os jovens brasileiros da década de 1960, a partir daquela proibição dos dirigentes esportivos sobre as transmissões dos jogos de futebol.

Nesse período (dos anos 1960 até hoje), autores como Rial (2003, p. 63) realçam que a transmissão televisa abordou novas imagens, complexificando os recursos filmicos. Assim, “[...] a câmera aproximou-se cada vez mais do campo, ao mesmo tempo que, liberando-se do campo de jogo, passou a filmar também os torcedores, [...] os jogadores reservas, e isso cada

³⁰⁶ FELICIANO, Fátima Aparecida. “Jovem Guarda: 30 anos do primeiro fenômeno pop musical de massa no Brasil, música e TV”. *Revista de Comunicação e Sociedade da UMEP*, ano XII, n. 24, dez. 1995.

vez com mais detalhes”. Essa primazia dos planos de detalhe trouxe uma acentuação da carga emocional: “[...] poderíamos inferir que a narrativa dos anos 60 pensava o jogo enquanto que a atual o sente – e a emoção transmitida pelo tom vibrante dos narradores seria então um modo de compensar a distância fria da imagem” (RIAL, 2003, p. 63). A útil **junção imagem-emoção** é, inequivocamente, um fator a mais na **apreensão de novos torcedores**.

Após a consolidação dos telejornais como tipo de programa padrão do jornalismo televisivo na década de 1960, surgiram programas jornalísticos com formatos diferenciados, como o *Abertura* (Tupi, 1971) e o *Fantástico* (Globo, 1973). Essa foi a porta de entrada para o surgimento de **programas esportivos na televisão**, tendo como precursor o *Canal 100* (1959), a 1ª tentativa bem-sucedida de trazer o esporte para uma linguagem audiovisual. O surgimento do *Esporte Espetacular* (Globo, 1973) cristalizou o novo formato, modificando as perspectivas do jornalismo televisivo. Segundo Fernanda Silva (2005, p. 1), “[...] com uma abordagem mais leve e informal, o telejornalismo esportivo foi configurando características próprias que o diferenciam de outros programas temáticos (programas jornalísticos que têm enfoque em apenas um tema, como economia, política, agricultura, música)”.

Neste estudo, consideramos que a mídia tem papel interveniente nas predileções clubísticas dos brasileiros. Assim, aceitamos a chamada **teoria da persuasão**, segundo a qual quanto mais expostos ao conteúdo midiático, mais as pessoas irão se interessar por ele.

Sidney da Silva (2011, p. 72 e 73) assim transpôs a dita teoria para o bojo futebolístico: quanto mais **se bombardeia o indivíduo com notícias sobre certos times**, mais ele assimilaria e **criaria interesse por eles**, mesmo que de forma inconsciente. É claro que o receptor dos jogos de futebol – o torcedor – pode blindar essa influência da mídia que, por sua vez, ampara-se na prerrogativa do “dá-se ao público o que ele quer” (ouvir, ler e ver), **tentando naturalizar aquilo que é de teor cultural e revestido de poder**. Em contraste, quando a oposição do receptor ao que a mídia emite é fraca e ele só é capaz de passivamente acompanhar o que lhe é ofertado, diz-se de um **receptor manipulado** a exemplo de uma agulha que penetra sua pele, caracterizando a denominada **teoria da agulha hipodérmica**, também conhecida como **teoria das bolas mágicas**. Entre um e outro modelo de entendimento das mídias, a elas ou aos seus receptores costumam ser imputados poderes – de influenciar muito ou pouco, de resistir muito ou pouco. Nem sempre a investidura do “4º poder” se concretiza diante de **apegos/apelos localistas e regionalistas territoriais** ou diante do **torcer geracional** tão comum entre os adeptos do futebol, além das características culturais e simbólicas existentes em relação aos 2 casos, territórios e indivíduos.

Em nossos **levantamentos acerca das transmissões dos jogos do Brasileirão (2014 e 2015)**, pela *TV Globo* (2014; 2015), encontramos **distorções** nesse **discurso dos meios de comunicação do “dar ao público o que ele quer”**. Belo Horizonte, por exemplo, recebeu a exibição de 38 partidas em 2014, de 76 clubes, sendo 19 de times de São Paulo e 19 do Rio (50% dos jogos) e 15 dos clubes da cidade (19,74%). Dessas 15 aparições de Cruzeiro e Atlético, 9 foram diante de times paulistas (4) e cariocas (5). Ao público de BH não coube o que ele quis. E pior: em 2015 os jogos das agremiações paulistas para a capital mineira foram ainda mais frequentes, perfazendo 32,43% do total (ou 24 partidas), enquanto os dos cariocas caíram para 13 (17,57%). Embora as partidas de Atlético e Cruzeiro tenham ido a 20 (27,03% do total), metade desses jogos se deu contra equipes de São Paulo (7) e do Rio de Janeiro (3).

A **persuasão do torcedor mineiro tem surtido certo efeito**, pois o *CP2 Pesquisas* (2012) registrou crescimento da torcida pelos times de São Paulo na RMBH. Isso é válido também na Zona da Mata, onde eles já figuram em 2º lugar – atrás dos times de Minas ou do Rio – em 88 de seus 142 municípios (em 74 contando só os clubes paulistanos), de acordo com nossos levantamentos (GE, 2015). Nas regiões capitaneadas por Belo Horizonte e por Juiz de Fora têm ocorrido a proliferação de torcidas organizadas (TOs) dos times paulistas e cariocas (marcadamente de Corinthians e Flamengo, respectivamente). Na Zona da Mata verificamos a presença de uma ou outra TO (ou ambas até) em Juiz de Fora, Leopoldina, Ponte Nova, Muriaé e Cataguases, dentre outras cidades. Somente em Juiz de Fora há TOs, por exemplo, do Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco, Corinthians, Palmeiras e São Paulo. A presença de Belo Horizonte, via futebol, também tem se consolidado em Juiz de Fora, onde há duas TOs do Atlético – *Galoucura JF* e *Sempre Galo* e, até os anos 1990, houve uma escolinha parceira do Cruzeiro. O Rio de Janeiro é representado em Juiz de Fora por uma escola de futebol do Botafogo e outra do Vasco, enquanto a do Flamengo não funciona mais. O Cruzeiro tem marcado presença em localidades matenses com suas parcerias com **escolas de futebol**, como em Lima Duarte (MEC, 2015)³⁰⁷, Santos Dumont³⁰⁸ e Manhuaçu. Esta última tem núcleos em Sacramento, São Pedro do Avai, Vilanova, Simonésia, Santana do Manhuaçu e Mutum, reunindo até municípios de fora da Zona da Mata. As rugosidades futebolísticas cariocas também são perceptíveis: ainda em Manhuaçu (em Coqueiro),

³⁰⁷ O Cruzeiro possui parceria com o Minas Esporte Clube (MEC), cuja escolinha está ativa desde 1995. Os alunos/atletas têm de 5 a 16 anos (MEC, 2015).

³⁰⁸ Funciona em parceria com o Vila Nova Atlético Clube, que cede seu campo para treinamentos e jogos amistosos. Teve início no campo do Mineiro F. C., veterano clube local. Agregava 5 categorias e alcançou 93 jogadores em 2003. A escolinha busca parcerias para ajudar menores carentes. O Cruzeiro oferece cursos de especialização e preparação física para os instrutores na Toca da Raposa, seu Centro de Treinamentos (CT).

levantamos que também já existiu uma escolinha parceira do Flamengo. O fechamento dessas escolas parceiras liga-se, em geral, aos preços que elas são obrigadas a pagar ao clube que, assim, mostra-se mais interessado em obter receita do que em formar algum atleta³⁰⁹.

Porém, nos locais onde cada agremiação tem TOs ou tem/teve escolinhas anotamos uma considerável massa torcedora, conforme os dados do Globo Esporte (GE, 2015), indicando que a **proximidade com os torcedores pode driblar uma inserção menor na mídia**, caso do Cruzeiro frente ao Flamengo, por exemplo. O time de BH obteve 3º, 4º e 5º lugares nas preferências clubísticas em Santos Dumont, Juiz de Fora e Lima Duarte, respectivamente (GE, 2015). Lembramos que a constante **presença dos times cariocas em partidas amistosas nas cidades da Zona da Mata até os anos 1970**, principalmente, certamente cumpriu essa mesma proximidade atualmente exercida pelas escolas de futebol. São os casos de Cataguases, Juiz de Fora, Manhumirim e Santos Dumont, dentre outras cidades. Parte desses jogos servia às inaugurações ou melhorias de estádios (iluminação e mais assentos) e datas festivas etc. Atletas já mundialmente consagrados compareciam a tais jogos, algo quase impossível/impensável nos dias de hoje. Afinal, como desconsiderar o efeito da presença de célebres jogadores em cidades interioranas há 50 anos ou até mais? Desse jeito, aos grandes clubes coube amearhar fãs na região, sobretudo os grandes times cariocas.

De acordo com a pesquisa de Gaspar Giacomini (2011, p. 303), os clubes profissionais deveriam priorizar a “experiência do estádio” para fãs pouco identificados, sobretudo nas partidas das quais saem vitoriosos: “[...] deveriam fazer esse 'investimento' com a eventual renúncia de resultados de curto prazo em prol do aumento dos resultados futuros por meio de uma base maior de fãs com alta identificação”. O muriaeense Marcel, nosso entrevistado, tornou-se cruzeirense exatamente com essa prerrogativa anterior, em jogo entre Nacional (de Muriaé) e Cruzeiro nos anos 1970. O motivo de tal recomendação vem do poder midiático de ser um grande articulador espacial, assim como analisou Giddens (2002, p. 82-83):

A mídia oferece acesso a ambientes com os quais o indivíduo pode nunca vir a entrar em contato; mas ao mesmo tempo algumas barreiras entre ambientes que eram antes separados são superadas. [...] a mídia, especialmente a eletrônica, altera a 'geografia situacional' da vida social [...]. Como resultado, a ligação tradicional entre 'ambiente físico' e 'situação social' foi solapada; situações sociais que vêm pela mídia constroem novas semelhanças – e diferenças – entre formas pré-constituídas da experiência social.

³⁰⁹ Por possíveis perdas (trabalhistas, econômicas etc.) dos depoentes neste particular, não apresentamos os nomes das pessoas entrevistadas (informações verbais) que aludiram ao assunto.

Portanto, as sobreposições territoriais das polarizações das metrópoles em questão – Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo – estão presentes simultaneamente no espaço matense, influenciando-o.

4.2.1 – A mídia e o futebol de Juiz de Fora e da Zona da Mata: aproximações com Rio de Janeiro e Belo Horizonte

a) Os jornais

A mídia matense tem suas **origens ligadas aos jornais produzidos** em diversas cidades da região, a contar do **último quartel do século XIX**, casos de Além Paraíba, com *O Porto Novo* (AHMG, s/d)³¹⁰, e de Juiz de Fora, com *O Constituinte* (1870) e *O Imparcial* (1870) (REZENDE, 2013, p. 30). Nessa época, a precariedade dos serviços de comunicação e de transportes fez dos telégrafos, mensageiros/viajantes, migrantes, ferrovias, serviços de telefonia e rodovias grandes agentes distribuidores de informações junto com os jornais. Por todos eles passavam as novidades, os estrangeirismos (sobremaneira francesismos) e demais símbolos e bens da modernidade então em curso. Em termos regionais, Juiz de Fora contou com equipamentos e serviços precocemente, tornando-a elemento-chave no pioneirismo de tais agentes na Zona da Mata. No quesito “novidade”, outros núcleos também se destacaram, casos de Leopoldina e Cataguases. Uma malha ferroviária muito próxima da atual já existia na década de 1920. As inovações se espalhavam pela região e o futebol ia junto.

Nesse contexto, aos poucos as práticas esportivas foram sendo divulgadas nas escolas e também para a sociedade em geral, e noticiadas nos jornais. As ferrovias eram as principais artérias da modernidade matense e formaram com os jornais os grandes elos de difusão do futebol. Assim, levantamos a existência de periódicos em algumas cidades da Mata. Alguns desses municípios ainda eram distritos quando fundaram seus primeiros jornais, a exemplo de Recreio.

³¹⁰ Informação disponível a partir da pesquisa empreendida por Lucimary Sangalli Vargas (s/d).

Foto 4.2 – Importância da ferrovia no cotidiano de Muriaé (1920), nota jornalística.

Fonte: *O Operario*, 15 fev. 1920, p. 2.

Quadro 4.2 – Exemplos de jornais surgidos na Zona da Mata ainda no século XIX³¹¹.

Cidades	Jornais Criados
Além Paraíba	<i>O Porto Novo</i>
Carangola	<i>A Nova Phase</i> (1899)
Cataguases	<i>Folha de Minas</i> (1884), <i>José Bonifácio</i> (1886), <i>O Cataguazense</i> (1887), <i>O Povo</i> (1888), <i>O Popular</i> (1890), <i>Echo de Cataguazes</i> (1895), <i>Gazeta de Cataguazes</i> (1897)
Guarará	<i>O Guarara</i> (15 mai. 1892)
Juiz de Fora	<i>O Pharol</i> (1870) ³¹² , <i>Diário da Manhã</i> (1 mar. 1891), <i>Minas Livre</i> (1891), <i>Lar Cathólico</i> (1891), <i>Jornal do Commercio</i> (1897), <i>Folha Nova</i> (1898), <i>O Pobre</i> (1899),
Leopoldina	<i>O Leopoldinense</i> (1 jan. 1879), <i>Gazeta de Leopoldina</i> (1895), <i>A Voz de Thebas</i> (1895), <i>O Mediador</i> (1896)
Manhuaçu	<i>O Manhuassu</i> (1897)
Mar de Espanha	<i>O Mar de Hespanha</i> (1898)
Palma	<i>Correio de Palma</i> (1893) e <i>A Cidade de Palma</i> (1897)
Patrocínio do Muriaé	<i>O Patrocínio</i> (21 set. 1893), <i>Reclame</i> e <i>O Condor</i>
Ponte Nova	<i>A Mocidade</i> (1891) e <i>O Serro Azul</i> (1897)
Recreio	<i>O Recreio</i> (8 jan. 1889)
Rio Pomba	<i>Fanal</i> (1895), <i>Imparcial</i> (1896), <i>Correio do Pomba</i> (1897) e <i>A Ordem</i> (1898)
Santos Dumont	<i>O Palmyrense</i> (1897)
São João Nepomuceno	<i>O Municipio</i> (1895)
Ubá	<i>A Matta</i> (1895) e <i>Gazeta de Ubá</i> (1895)
Viçosa	<i>A Cidade de Viçosa</i> (1897)

Fontes: APM (s/d); arquivos municipais (s/d); Musse (2008); Esteves (1915); próprios jornais supracitados³¹³.

³¹¹ As datas entre parênteses mostram a edição mais antiga encontrada em nossa pesquisa. As datas integralmente mostradas referem-se às edições de número 1.

³¹² Originalmente criado em Paraíba do Sul-RJ, em 1867.

³¹³ Descobrimos a existência de jornais em certas cidades a partir das notas sobre outros jornais (criação e felicitações de 1 ano, 5 anos etc. de fundação), como *O Recreio*: seu lançamento foi noticiado pela *Gazeta de Leopoldina* (8 jan. 1899, p. 1), quando Recreio ainda era distrito de Leopoldina.

Quanto ao específico caso de Juiz de Fora, Esteves (1915) afirma que mais de 100 publicações (jornais, revistas e almanaques) surgiram entre 1870 (ano do 1º jornal, *O Constituinte*) e 1900, fechando o século XIX.

A necessidade de escoamento da produção, geralmente a de café, interceptou diferentes pontos ferroviários na Zona da Mata. Sabendo do destino final (até o porto do Rio de Janeiro) e com base nos **anúncios praticados nos periódicos locais acerca da capital federal**, era **notória a influência carioca na região**. Notícias, narrativas, relações comerciais etc., envolvendo Mata e Rio (cidade e Estado) eram comuns.

Foto 4.3 – Jornal de Muriaé contesta publicação sobre a cidade em revista carioca (1920).

Fonte: *O Operario*, 11 jul. 1920, p. 2

Ao mesmo tempo, a **crescente articulação dentro do sistema de cidades da Mata e também com Belo Horizonte ficava cada vez mais evidenciado**.

Foto 4.4 – Exemplo de articulação entre Zona da Mata (via Muriaé) e Belo Horizonte.

Fonte: *O Operario*, 30 mai. 1920, p. 1.

Em que pese a conexão das cidades da região com Rio de Janeiro e Belo Horizonte, o

futebol teve desenvolvimento próprio nas cidades da Zona da Mata. Outrossim, a influência da imprensa carioca foi replicada nos jornais da Mata: em Muriaé, a “inauguração” do Paulistano F.C. ganhou total destaque em 1920, apenas 8 anos após o *Jornal do Brasil* pioneiramente dedicar página inteira aos esportes.

Foto 4.5 – Página inteira dedicada à inauguração do Paulistano F. C., de Muriaé (1920)³¹⁴

Fonte: *O Operário*, 27 jun. 1920, p. 4.

A dedicação de página inteira ao clube e seu jogo disputado revelam também a popularidade já desfrutada pelo futebol na sociedade – muriaeense, neste caso. Por isso, a **fundação dos novos clubes e as partidas e torneios realizados tinham cobertura na imprensa.** Detectamos um total de 13 agremiações fundadas em Juiz de Fora até a década de 1920, enquanto Santos Dumont teve 4 – *Football Club União Palmyrense* (1909), *Clube Desportivo Palmyrense* (anos 20), *Mineiro Futebol Clube* (24 mai. 1925) e *Clube Social Olímpico Ferroviário*³¹⁵ (19 jul. 1925).

³¹⁴ Trata-se da inauguração oficial do novo estádio, pois o clube já estava em atividade, conforme indica nota “Paulistano futebol club” [sic] de *O Operário*, 20 jun. 1920, p. 3, informando dois *matches* no Campo da Barra contra equipe de Porciúncula-RJ, o Alliança. A notícia de página inteira reportou-se justamente ao confronto entre Paulistano e Alliança. Porém, a fundação do Paulistano F.C. é creditada a junho de 1920, conforme apuramos em outras fontes, pois não existe página oficial do clube na internet.

³¹⁵ Segundo Halber Pedrosa (s/d, p. 33), Brasil F.C., Central do Brasil Clube, Unitivo F.C. e Sete de Setembro F.C. foram os antigos nomes do Clube Social Olímpico Ferroviário.

Diversas cidades da Zona da Mata fundaram clubes, alguns dos quais já passaram ou estão próximos dos 100 anos de idade, tais como *Tupinambás F.C.* (1911, Juiz de Fora), *E.C. Ribeiro Junqueira* (1911, Leopoldina), *Tupi F.C.* (1912, Juiz de Fora), *XV de Novembro F.C.* (1914, Rio Novo) *Tombense F.C.* (1914, Tombos), *América A.C.* (1916, Rio Pomba), *Sport Club* (1916, Juiz de Fora), *Flamengo F. C.* e *Operário F.C.* (1917, Cataguases), *Mangueira F.C.* (1918, São João Nepomuceno), *E.C. Duarte de Abreu* (1920, Simão Pereira), *Chacarense F.C.* (1921, Chácara), *Mineiro F.C.* (1925, Santos Dumont), *Minas F.C.* (1926, Goianá), *S.C. Aymorés* (1926, Ubá) e *Nacional A.C.* (1927, Muriaé). Tal situação perdurou nas décadas posteriores e o futebol tornou-se ubíquo na região, praticado nos interstícios urbanos e já por diferentes grupos sociais – estudantes, operários, mulheres, brancos e/ou negros, comerciantes etc. A própria manchete abaixo demonstra a popularidade do futebol nessa época – inclusive com o termo já aportuguesado – e ainda seu papel como lazer em sociedades em que prevaleciam precárias condições de vida e grandes discrepâncias econômicas. Por isso, é apresentado junto às opções culturais, como cinema e teatro.

Fotos 4.6 e 4.7 – Criação de clube de futebol em Muriaé e futebol como meio de lazer (1920).

Fonte: *O Operário*, 18 abr. 1920, p. 3.

Fonte: *O Operário*, 25 jul. 1920, p. 2.

Em *O 'silêncio das Gerais': o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros*, Jairo Mendes (2010, p. 3 e 4) apresenta a seguinte sequência de criação de jornais nas províncias do Brasil³¹⁶: 1ª) Rio de Janeiro (10 set. 1808), com a *Gazeta do Rio de Janeiro*; 2ª) Bahia (14 mai. 1811); 3ª) Pernambuco (21 mar. 1821); 4ª) Maranhão (10 out. 1821); 5ª) Pará (março de 1822); 6ª) Minas Gerais (13 out. 1823), com o *Compilador Mineiro*, em Ouro Preto. A imprensa brasileira teve que contar com a permissão portuguesa e a chegada da Corte

³¹⁶ Os jornais surgiram no Brasil tardiamente até em relação a outras colônias, como as espanholas. Eles surgiram em 1722 (no México), em 1729 (na Guatemala) e em 1743 (no Peru), por exemplo.

em 1808 para se desenvolver. A exploração do ouro alavancou os impressos em Minas Gerais, dominados por Ouro Preto (1823-85), Juiz de Fora (1885-1927) e Belo Horizonte (após 1927).

Até o início do século XX, o futebol era noticiado superficialmente. Os jornais estavam imbuídos mais em apresentar a sociedade presente aos jogos do que estes em si mesmos.

As **novidades** chegavam como parte do que as **ferrovias transportavam** e do que os **jornais divulgavam** e, em menor proporção, com as **rodovias** e com as **primeiras emissoras de rádio**. Estas – rodovias e rádios – se multiplicariam em torno dos anos 1940 e a popularidade radiofônica se valeu consideravelmente da penetração da música e do futebol no Brasil. A Zona da Mata seguiu a receita nacional. As rádios iam surgindo nas cidades matenses, a exemplo de Ubá (rádios *Ubaense* e *Educadora*), Muriaé (*Rádio Muriaé*), São João Nepomuceno (rádios *Tiradentes* e *Difusora*), Manhumirim (*Rádio Sociedade*), Santos Dumont (*Rádio Cultura*) e Viçosa (*Rádio Montanhosa*). Por isso, diversos clubes foram criados nessa época em que crescia a divulgação do futebol.

A coexistência dos transportes e das comunicações ganhava notoriedade, bem como sua assimilação. Em Muriaé, a criação do jornal *A Notícia* – ligado ao grupo GM/Chevrolet na cidade – tipifica bem a conexidade deste poderoso binômio. Outro caso vem de uma referência de 1941 ao poder transformador advindo com a implantação da BR-116 (Rio-Bahia) ao cruzar Muriaé: a BR-116 em Muriaé “exigiu” pavimentação no seu acesso pela bairro da Barra e o calçamento de ruas preocupou a localidade. É o que noticiou a *Gazeta de Muriaé* (19 jan. 1941, p. 1).

Foto 4.8 – Edição número 1 de *A Notícia*: junção automóveis-rodovias-jornais na modernidade matense.

Fonte: *A Notícia*, nov. 1930, p. 1.

O atual maior jornal da Mata surgiria em 1981, em Juiz de Fora, a *Tribuna de Minas*.

Desde o início teve editoria de esportes. Passou de uma postura de pouca abordagem dos times de Belo Horizonte a um espaço já maior na década de 1990, perspectiva levada a cabo pela presença do Tupi na disputa do Campeonato Mineiro. Com isso, o esporte local também recebeu mais espaço no jornal, aponta seu editor de esportes Wendel Guiducci (GUIDUCCI, 2015, Informação verbal).

Outro jornal de Juiz de Fora, o *Diário Regional*, edita esportes desde seu 1º número em 12 jul. 1994. O futebol local/regional foi contemplado na coluna *Show de Bola* do jornalista Ricardo Wagner, afirma Giovane Rezende (2013, p. 33).

Os dois últimos jornais criados mostram como Juiz de Fora cresceu em autonomia quanto ao futebol e à influência do Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que viu Belo Horizonte passar a exercer uma polarização cada vez mais presente.

b) A radiodifusão

A radiodifusão brasileira surgiu no Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923, com a *Rádio Sociedade* (PRA-A). Ainda nos anos 20 surgiram emissoras no Rio (*Rádio Clube do Brasil*), Recife (*Rádio Clube de Pernambuco*) e São Paulo (*Rádio Cruzeiro do Sul*), por exemplo (CREPALDI, 2009, p. 53-54). Em Minas Gerais, as primeiras emissoras datam de 1926 (1 jan., *Rádio Sociedade*³¹⁷, PRA-J, Juiz de Fora³¹⁸) e 1927 (fev., *Rádio Mineira*³¹⁹, Belo Horizonte). Segundo Lins e Brandão (2012, p. 74), o prefixo identificava a rádio, mostrando que Juiz de Fora contou com a 10ª do país (daí “J”). Sem dúvida foi um marco a mais que **inscreveu a Zona da Mata, por meio de Juiz de Fora, no caminho da modernidade**. Um grande símbolo que também apontava para a dificuldade de Belo Horizonte se impor no cenário estadual, estando ela própria à mercê do Rio de Janeiro (e não só Juiz de Fora como sugerem vários estudos³²⁰), consoante excerto do jornal *Minas Gerais* (26 fev. 1926, p. 8)

³¹⁷ As primeiras rádios eram mantidas por seus sócios, o que explica as denominações “clube” e “sociedade” que lhes eram atribuídas.

³¹⁸ A 1ª rádio juiz-forana e mineira foi instalada na casa de seu fundador, José Cardoso Sobrinho, que morava à rua Tiradentes, região central da cidade.

³¹⁹ Encontramos divergência entre dados de Lins e Brandão (2012, p. 74) e os de Nair Prata (2010, p. 130). Os primeiros autores afirmam que a 2ª rádio de Minas seria a Sociedade, quando salientam disputa entre Juiz e BH pelo pioneirismo na radiodifusão mineira. Optamos pelos dados de Prata, por se tratar de informação específica sobre BH. Conforme Moura (2010, p. 13), a Rádio Mineira chegou a pertencer ao Cruzeiro, que a vendeu ao ex-deputado Sérgio Naya por US\$300 mil, com os quais adquiriu o jogador Toninho Cerezo.

³²⁰ As identificações de Juiz de Fora com o Rio foram tomadas de forma pejorativa em BH e no Estado como um todo, como na expressão “carioca do brejo”. Contudo, verificamos que BH foi influenciada pelo Rio assim como Juiz de Fora, e esta cidade apresenta identificações também com Minas, coisa não relatada pelos estudos que consultamos. Ver capítulo 5.

exposto por Nair Prata (2010, p. 130):

Estação de rádio local irradiará hoje, às 19 horas e meia, o seguinte programa: Atos do Governo do Estado, notícias diversas de Minas, de outros estados e da Capital da República; bolsa do café, do açúcar, do algodão e informações cambiais fornecidas pela Junta Corretora do Rio de Janeiro.

Além do mais, dentre as 4 pessoas que ajudaram a fundar a 1ª rádio de Belo Horizonte, uma era carioca: trata-se de Henrique Silva, chefe do Serviço Radiotelegráfico do Rio de Janeiro (MOURA, 2010, p. 11). Repetiu-se no rádio belo-horizontino o que houve no futebol: a presença precursora carioca.

Assim como na industrialização cada vez mais abrangente, as **rádios** também **tentaram ser cada vez mais populares**, provocando recuo na programação mais erudita e aumento da **inserção de música e futebol**. Sob tal proposta, as emissoras adquiriram aparelhos mais potentes, capazes de cobrir todo o Brasil e até o exterior, como a *Farroupilha* (RS), a *Tupi* (SP) e a *Nacional* (RJ). A ampliação do mercado de consumo (urbano) nesse período criou condições para a padronização dos gostos e valores, incluindo as filiações clubísticas, mas somente nas localidades com oferta de energia elétrica, condição para o funcionamento dos aparelhos receptores à época.

A influência surgida a partir daí produz seus efeitos até hoje: estados como Santa Catarina e Paraná apresentam torcidas fatiadas entre os clubes locais/do próprio Estado e os gaúchos, paulistas e cariocas. Para o caso catarinense, Flores (2013, p. 8) adverte que essa torcida pelos “[...] times de outros estados como Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro pode ser explicada, em grande parte, pela colonização e pelas migrações no Estado. Outro fator de influência é a evolução das telecomunicações e das transmissões esportivas por rádios cariocas e gaúchas”. No Paraná, Sidney da Silva (2011) encontrou aspectos similares.

Consideremos ainda o fato de a radiodifusão ter se apoiado na observação de um real poder de penetração e influência sobre a população já criado pelos impressos. Estes evoluíram com dificuldade: preços elevados, grandes extensões territoriais para cobrir e maioria de analfabetos no país. As rádios também tiveram seus percalços, com aparelhos³²¹ caros e minoria de cidades com oferta de eletricidade.

A contar da **década de 1930, houve ampliação das transmissões de futebol** e também os jornais divulgavam mais os esportes como um todo. Nos dois casos, atraía o torcedor que não podia ir aos estádios por razões financeiras. A exibição da Copa de 1938

³²¹ Com seu barateamento ao longo dos anos, Minas Gerais chegou a 2009 com um montante de 4.299.766 aparelhos de rádio, de acordo com o sítio eletrônico www.donosdamidia.com.br/estudo/MG, citado por Nair Prata (2010, p. 130).

redimensionou a popularidade das rádios, da Seleção e seus jogadores e a do próprio futebol. Os jornais publicavam edições extraordinárias sobre a participação do Brasil, tendo incrível aceitação dos leitores. **Ao rádio se somou o cinema**, onde dias depois os jogos podiam ser vistos pelos brasileiros. Néstor G. Canclini (1999, p. 163) postula assim sobre as articulações entre rádio e cinema:

O rádio e o cinema contribuíram na primeira metade deste século [o XX] com a organização dos relatos da identidade e do sentido de cidadania nas sociedades nacionais. Agregaram às epopéias dos heróis e dos grandes acontecimentos coletivos, a crônica das peripécias cotidianas: os hábitos e os gestos comuns, os modos de falar e se vestir que diferenciavam uns povos dos outros.

Fotos 4.9 e 4.10– Torcedores brasileiros durante a Copa de 1938.

Fonte: Museu do Futebol, 2015.

Como forma de dimensionar essa articulação cinema-futebol na Mata Mineira, na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (1959) – nos 4 volumes sobre Minas Gerais (24 a 27) – levantamos a presença de cinemas (às vezes mais de 1) em diversas cidades matenses³²²: Juiz de Fora (17 cinemas); Carangola e Santos Dumont (3 cinemas); Eugenópolis, Leopoldina, Manhumirim, Muriaé e Ponte Nova (2 cinemas); Ervália, São João Nepomuceno, Ubá, Visconde do Rio Branco (1 cinema). Assim, divulgações não só do selecionado nacional como dos times cariocas (via *Canal 100*) puderam ser espectadas na Zona da Mata, aumentando sua articulação identitária com o Brasil (ideia de nação) e com o Rio de Janeiro.

Em 1958, 20 anos depois da Copa de 38 ser transmitida ao vivo pelo rádio, Minas Gerais teve a *Rádio Itatiaia* transmitindo o Campeonato Sul-Americano de Futebol direto do campo do River Plate, na Argentina, na 1ª exibição internacional de um emissora mineira,

³²² Houve casos em que os dados sobre cinemas não apareceram, como em Abre Campo, Além Paraíba, Barra Longa, Cataguases, Manhuaçu, Piranga e Viçosa. Isso impediu uma conclusão se as cidades não tinham cinemas ou se eles apenas não foram mencionados.

aponta Maria Cláudia Santos (2010, p. 119). Quase nessa mesma época, o Rio de Janeiro dispunha de 13 radioemissoras (1956), enquanto Belo Horizonte possuía 7 (1955) (IBGE, 1960, p. 124; IBGE, 1959, p. 179), diferença que ajudou a amparar a supremacia carioca na Zona da Mata. Até 1952, quando surge a *Radio Itatiaia*, existiam somente 2 radioemissoras em Belo Horizonte, *Guarani* e *Inconfidência* (ambas de 1936), afirma Sant'anna (2007, p. 10). Ou seja: a capital mineira estava mesmo muito aquém do aparelhamento midiático carioca (e mais ombreada com as cidades do interior mineiro), fator que fez do Rio de Janeiro um arrebanhador de torcidas em Minas com eficiência assaz superior a de Belo Horizonte.

Os **obstáculos** representados pela escassez dos serviços de telefonia, de energia elétrica e de articulação rodoferroviária **fizeram as rádios do interior do país**, como as da Zona da Mata, a **transmitir partidas de futebol que envolviam disputas e campeonatos regionais**. Além disso, nem toda emissora se ocupava dos esportes, inclusive as de alcance nacional. Consoante os levantamentos do IBGE (1959), observamos diversas cidades matenses com menos de 10 aparelhos telefônicos³²³ e automóveis (como Abre Campo e Eugenópolis), denunciando as enormes dificuldades comunicacionais a pouco mais de 50 anos atrás e, ao mesmo tempo, dimensionando o valor da radiodifusão nessa época como vínculo com as demais localidades. Tal importância ganha ainda mais intensidade diante da enorme massa iletrada nos municípios da Mata Mineira no fim dos anos 1940 (com dados do Censo 1950) (IBGE, 1959), como nos exemplos que tomamos:

- analfabetismo menor que 50%: Cataguases (42,66), São João Nepomuceno (49,32) e Santos Dumont (49,41);
- entre 50% e 60%: Ponte Nova (51,16), Além Paraíba (51,31), Ubá (53,65), Muriaé (54,75), Viçosa (56,54), Visconde do Rio Branco (57,21), Manhuaçu (58,72) e Manhumirim (59,81);
- analfabetismo superior a 60%: Carangola (60,95), Piranga (61,81), Barra Longa (64,3), Eugenópolis (69,84) e Ervália (73,84).

Consideremos também que os percentuais de analfabetos eram, comumente, ainda maiores nas zonas rurais (quase sempre acima dos 60%), mas menores nas zonas urbanas (em geral na faixa dos 30-40%), dando grande efeito sociabilizador ao rádio, que libertou os analfabetos do antigo monopólio informacional concentrado pelos impressos. Destarte, os locais detentores de radioemissoras – caso das metrópoles – tenderam a uma projeção sobre aqueles que não as possuíam.

³²³ Eugenópolis, por exemplo, contava com apenas 1 telefone (IBGE, 1959, p. 118).

Assim, para Aguiar (2007³²⁴ apud CREPALDI, 2009, p. 80 e 88), a *Rádio Mayrink Veiga* era considerada a grande rádio do futebol nos anos 30 e 40: transmitia a partir do Maracanã e ainda informava sobre os jogos que simultaneamente ocorriam nos estádios menores. A *Rádio Record* (SP) já usava o sistema de transmissão em rede desde 1933, unindo-se a estações do interior e atingindo grande audiência. Nesse período, a *Rádio Nacional* priorizava programas musicais (*Um milhão de melodias*, 6 jan. 1943) e as radionovelas (metade da grade em 1950), embora contasse com os esportes na programação (*No mundo da bola*, dominical com Antônio Cordeiro).

A pesquisa de Crepaldi (2009, p. 81-82) relata que até 1940, a *Rádio Nacional* disputava a audiência com outras rádios, já que a liderança estava com a *Mayrink Veiga* desde 1934. Com a anexação da Nacional pelo Governo Federal (de Vargas), os investimentos crescem e a audiência também. O futebol contou com mais espaço na mesma época em que o alcance da *Nacional* era praticamente o Brasil todo, isto é, no final dos anos 1940 e início dos 50. O 1º jogo de futebol transmitido ao vivo para as regiões Norte e Nordeste ocorreu em 13 de setembro de 1931, segundo Soares (2006, p. 21³²⁵ apud CREPALDI, 2009, p. 53).

A **interferência da Rádio Nacional nas escolhas clubísticas** brasileiras é bastante conhecida e apontada por autores diversos, como Maria Fernanda Pereira (2012, p. 15):

A Rádio Nacional transmitia jogos do campeonato carioca de futebol para quase todo o Brasil, o que fez com que principalmente nas regiões Norte e Nordeste a população criasse laços sociais e imaginativos com os times do Rio de Janeiro ao invés dos times locais. Até mesmo em Juiz de Fora e no restante da Zona da Mata Mineira este fenômeno pode ser detectado, acrescentando-se também a variável da proximidade local. De acordo com Aguiar (2007, p. 129)³²⁶ nos anos dourados, as ondas da Nacional fizeram a integração cultural e política do Brasil, como a emissora era carioca, em matéria de futebol, ensinou ao brasileiro a torcer pelos clubes do Rio de Janeiro. Este fenômeno ainda é alimentado pela Rede Globo, por uma questão de audiência e custos de transmissão.

Diante desse panorama, pergunta-se: o que fez São Paulo se desvencilhar desse domínio carioca e criar uma torcida local? Renato Ortiz (1988, p. 54) responde que “[...] a radiodifusão brasileira não adquire a forma de rede, o que favorece o desenvolvimento da radiofonia local” e que **a Rádio Nacional praticamente não era ouvida em São Paulo**, onde as rádios *Record* e *Difusora* operavam em frequências que bloqueavam a penetração da *Nacional*.

³²⁴ AGUIAR, Ronaldo Conde de. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

³²⁵ SOARES, Bento. **Vendo o jogo pelo rádio**. João Pessoa: Idéia, 2006.

³²⁶ AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2007.

Enquanto isso, em Juiz de Fora, a antiga *Rádio Sociedade* troca de dono(s) em 1929 e 1946, até que em 1948 passa para o grupo de Assis Chateaubriand, quando melhorou seus equipamentos. Sob a direção de Pedro Oliveira – que vivera no Rio de Janeiro – a rádio levou até Dalva de Oliveira para se apresentar na renovada PRB-3 (a *Super B3*). A **polarização cultural carioca** tinha mesmo força nacionalmente, como expressa a presença da grande estrela do rádio do Rio de Janeiro em Juiz de Fora. Outra forma de exprimir essa articulação Juiz de Fora-Rio veio com a *Rádio Sociedade*, que foi a 1ª de Minas Gerais a transmitir um jogo de futebol, em 1944, obviamente contemplado agremiações de tais cidades: Sport 2 x 7 Vasco da Gama (REZENDE, 2013, p. 31)³²⁷.

Fotos 4.11 e 4.12 – Juiz de Fora: 1ª transmissão de um jogo de futebol profissional (Campo do Sport, 1944, com “Bié”³²⁸ e Oscar Silva) e 1ª transmissão na várzea.

Fonte: Pedrosa, 2008, p. 247 e 248.

Em fevereiro de 1949, a *Rádio Industrial* entra no ar em Juiz de Fora, quando cobriu todos os jogos do Campeonato Sul-Americano de Seleções a partir dos estádios de São Januário-RJ e do Pacaembu-SP. Seu diretor, Alceu Nunes da Fonseca, era natural de Maricá-RJ e já tinha fundado e dirigido outras rádios, como a *Ubaense*, a *Barbacena*, a *Araraquara* e a *Fluminense* (de Barra Mansa) (LINS, BRANDÃO, 2012, p. 77-81).

Apesar dessa nítida **influência do Rio de Janeiro nas rádios de Juiz de Fora** em meados do século XX, Lins e Brandão (2012, p. 88) deixam escapar um pouco de mineiridade

³²⁷ Transmitiram a partida o locutor Gabriel Gonçalves da Silva (o Bié), o comentarista Oscar Silva e o técnico Jardelino de Souza (REZENDE, 2013, p. 31).

³²⁸ Junto com sua equipe, Bié (Gabriel Gonçalves da Silva) foi o 1º também a colocar no ar uma transmissão que falava simultaneamente de 4 cidades (e seus respectivos jogos): Mário Bouchardet x Tupinambás (em Visconde do Rio Branco); Ideal x Sport (em Recreio); Nacional x Tupi (em Muriaé); e Industrial Mineira x Borboleta (em Juiz de Fora).

em seu discurso sobre o juiz-forano ser o “carioca do brejo”, quando afirmam: “A programação esportiva tinha nos times cariocas e mineiros suas principais coberturas”. Entretanto, segundo os pesquisadores José Eduardo Brum e Christina Musse (2009, p. 7), **não havia estação de rádio de Belo Horizonte que pegava em Juiz de Fora**. Assim, o modelo adotado pelas rádios locais foi o da *Nacional-RJ*, como fizeram a *Industrial* e a *Difusora*. Geraldo Medeiros (Informação verbal, 2015), de 95 anos, morador de Matias Barbosa, relata que apenas ouvia jogos dos times do Rio de Janeiro, confirmando a dificuldade do nexo com Belo Horizonte. Como parte desse processo, Geraldo passou a torcer pelo Botafogo.

Mais casos de adesão clubística via mídia vêm de Tiradentes. Localizada no Campo das Vertentes, essa mesorregião foi considerada pelo IBGE (1972), nos anos 1960, como passada do domínio do Rio de Janeiro para o de Belo Horizonte. A cidade de Tiradentes acompanhou tal roteiro. Seu desenrolar pode ser observado nos depoimentos futebolísticos dos seus moradores colhidos por Fernando Lacerda (2014, s/p).

No 1º caso, assim Lacerda começa a narrar a situação de João Rosa da Silva Filho, 54 anos: “Ter dois times em Tiradentes não é tão raro assim”. Dono de um bar há 30 anos, no qual se reúnem os atleticanos, João Rosa diz que foi “[...] influenciado pelo pai e pelas transmissões da Rádio Globo do Rio para se tornar Fluminense”. Ele próprio virou atleticano e o seu bar um reduto da torcida: “Cruzeirense quase não vem aqui”, completou.

Já no 2º caso, Lacerda (2014, s/p) conta que Paulo Roberto Nazaré, 66 anos, vascaíno, “[...] também foi influenciado pelas transmissões radiofônicas e pelo tio [...], que morava no fundo do campo do Vasco, no Rio”. Ele não conseguiu transformar seu filho, Paulo Fernando, 34 anos, em vascaíno. Por causa da mãe, Paulinho – como é conhecido na cidade – é flamenguista. “Pai e filho atestam o crescimento das torcidas dos clubes belo-horizontinos. E viram isso acontecer na própria família [...]”, com o sobrinho Lucas, que “[...] já vê que o Cruzeiro está melhor e torce por ele” (LACERDA, 2014, s/p), endossando não só a influência da radiofonia, mas também o sucesso do clube na obtenção de novos aficionados (tema da próxima subseção, o item 4.3).

Nessa **fase (meados do XX) de grande influência do Rio de Janeiro sobre a Zona da Mata** (bem como em todo o leste mineiro), houve a **criação de sucessivas rádios nas cidades da região**. Inventariamos a situação na década de 1950 (IBGE, 1959) por ser imediatamente anterior ao Rio de Janeiro deixar de ser capital federal e também de ser tão influente quanto foi na 1ª parte do século XX. Entre 1955 e 1959 existiam radioemissoras nas seguintes cidades da Mata Mineira, dentre outras:

–1 rádio: Carangola, Cataguases, Além Paraíba, Leopoldina, Manhuaçu, Muriaé, Ponte Nova, Santos Dumont, São João Nepomuceno, Viçosa, Visconde do Rio Branco;

–2 rádios: Ubá;

–3 rádios: Juiz de Fora.

Na pesquisa *O futebol mineiro no rádio*, Cleverson Sant'anna (2007, p. 10) observou que a década de 1940 foi de profusão das emissoras de rádio no interior de Minas Gerais. Entretanto, o efeito quantitativo não leva direto ao efeito da grande projeção territorial e da especificidade das transmissões esportivas, caso da *Rádio Montanhesa* (Viçosa): de início (de 1949 a meados dos anos 50), teve alcance limitadíssimo (pegava apenas no Centro da cidade) e passou das transmissões ocasionais de futebol para transmissões rotineiras apenas na década de 1970 (SANT'ANNA, 2007, p. 13-14). Outro caso vem da *Rádio Manhumirim* que, da sua fundação (1957) até 1961, funcionou praticamente como serviço de alto-falante, afirmam Nogueira, Cardoso e Soares (2009, p. 2).

A década de 1960 não trouxe grandes transformações para a radiodifusão mineira e matense, conforme depreendemos de pesquisa da UFV (1971, p. 99-101): em 1966, a rede de radioemissoras em Minas Gerais era insuficiente e mal distribuída. Dos seus 722 municípios (à época), apenas 71 tinham estações (ou 9,8%), sendo 16 na Mata (mesma quantidade que apuramos nos anos 50). As demais regiões estavam assim aparelhadas: o Sul tinha 25, Metalúrgica 16, Triângulo 15, Vertentes 7, Alto Paranaíba 6, Doce 5, Alto São Francisco 3, Mucuri e Montes Claros 1 cada. Ainda não havia rádios no Alto Médio São Francisco, Itacambi, Paracatu e no médio e alto Jequitinhonha. Em geral, as emissoras eram pouco potentes. Desse modo, pode-se inferir o espaço aberto para as polarizações externas em Minas Gerais via radiodifusão.

Nesse sentido, a evolução da polarização em Viçosa exercida por Rio de Janeiro e Belo Horizonte está expressa na dubiedade do futebol viçosense com relação ao futebol dos grandes centros (ora pende para um e ora para outro). Foi o que observamos através da *Rádio Montanhesa*, na qual a disputa Rio-BH é perceptível em 3 momentos:

Quadro 4.3 – Relações entre radiodifusão e influência das cidades por meio do futebol: caso da Rádio Montanhesa de Viçosa.

Situação observada e depoente	Depoimentos
<ul style="list-style-type: none"> - Futebol e influência do Rio de Janeiro em Viçosa. - Depoimento de Luiz Cláudio Costa (ex-radialista dos anos 70 e 80, e então reitor da UFV). 	<p>“Fizemos a primeira transmissão esportiva fora de Viçosa, no Maracanã, no Rio de Janeiro [...]. Entrevistamos os melhores jogadores, como Zico, Reinaldo [...]. Naquela época, fazer uma transmissão esportiva do Maracanã para Viçosa era uma coisa inédita [...]”.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Futebol e a presença de Belo Horizonte em Viçosa. - Depoimento de José Gouveia da Silva (ex-funcionário e então diretor da Editora da UFV). 	<p>“Desde 1949, a Rádio Montanhesa faz parte do cotidiano dos viçosenses. Desde os serviços de utilidade pública até os programas de entretenimento [...]. [...] a transmissão direta dos jogos dos times mineiros nas mais diversas competições do país. Tudo é veiculado na Montanhesa com entusiasmo e muita competência”.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Futebol e o risco da supressão do localismo. - Depoimento de Maria Moraes Pompermayer (comerciante e ouvinte da Rádio Montanhesa). 	<p>“A gente descobre que nessa cidade tem coisas que você não imaginava. Por exemplo, que aqui tem campeonatos organizados de futebol, e muitos times estruturados. Eles competem, se reúnem, e trocam idéias. Eu acho isso muito importante”. Essa constatação da viçosense Maria Pompermayer encontra guarida naquilo que Canclini (1999, p. 175) assinalou acerca das comunicações, pois “[...] ao assistirmos à televisão e ao nos informarmos eletronicamente, ao usarmos sistemas de comunicação em muitas práticas cotidianas, as identidades baseadas em tradições locais são reformuladas sob critérios de <i>engenharia cultural</i>”. Assim, o próximo (futebol local) nos parece estranho e o futebol-espetáculo nos soa familiar.</p>

Fonte: Fraga, 2010, p. 88, 90 e 91.

Do levantamento que empreendemos acerca de 16 radioemissoras em apenas 13 das principais cidades matenses nos anos 1950 (IBGE, 1959) para o levantamento feito em 2016, obtivemos resultado semelhante: 21 rádios AM, mas para toda a mesorregião (142 municípios) concentradas em 14 cidades. Investigamos as rádios AM em vez das FM pois as primeiras transmitem e noticiam futebol amplamente, enquanto as FM têm ínfima participação no segmento esportivo³²⁹. Além disso, não havia FM nos anos 50³³⁰, o que

³²⁹ Caso, por exemplo, da *Rádio CBN FM* em Belo Horizonte (COSTA, 2010, p. 24).

³³⁰ A 1ª FM mineira surgiu em 1970, em Belo Horizonte, a *Rádio Del Rey* (PRATA, 2010, p. 130).

também compromete a comparação com a atualidade.

As últimas décadas foram marcadas pela administração de certas radioemissoras AM (bem como as FM) por entidades religiosas, como em Manhuaçu, cita o radialista Klairton Souza (2016, Informação verbal). Com isso, a programação esportiva foi sendo restringida (*Rádio Manhuaçu*)³³¹ ou mesmo extinta (*Rádio Manchester*, de Juiz de Fora). Outra interferência atual na programação das rádios e na polarização urbana ocorre pela operação em rede da rádio local com uma rádio matriz (a “cabeça de rede”) localizada, em geral, numa metrópole. Isso tende a privilegiar o futebol de origem da metrópole que é sede da cabeça de rede, ao passo que o futebol regional fica/pode ficar com pequeno/menos espaço na programação.

Assim, do total de 21 radioemissoras obtivemos informações sobre 17 delas por meio de entrevistas com radialistas e editores (geral e de esportes) e/ou acompanhando os dados de esportes via internet (casos de Carangola e Raul Soares). As 4 exceções foram as rádios *Manchester* (sem programação esportiva); *Manhumirim* e *Cultura* (homônimas de Além Paraíba e de Visconde do Rio Branco): a 1ª pela verve religiosa e as últimas por não atenderem aos nossos contatos.

Quadro 4.4 – Radiodifusão na Zona da Mata: distribuição geográfica, programação esportiva e expressão de polarização urbana.

Cidade, Emissora e Fundação
1. Santos Dumont, <i>Rádio Cultura</i> – 1948
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
A emissora não possui, na atualidade, programação sobre esportes, cujo noticiário está inserido no <i>Jornal da Cultura</i> , comandado por Sérgio Rodrigues. Porém, o futebol local/regional tem divulgação da rodada e dos resultados da Copa Cultura (no calendário local desde 1988). Recentemente, a <i>Rádio Cultura</i> estabeleceu parceria com a <i>Rede Gerais de Rádio</i> , quando passou a transmitir os jogos das equipes de BH, nos finais de semana, principalmente aos domingos (Maria das Graças, Informação verbal, 2016). Exatamente como em Carangola, as equipes cariocas são as preferidas em Santos Dumont (59,3%) em detrimento das belo-horizontinas (15,4%), e com resultados parecidos nas cidades circundantes à rádio, exceto em Barbacena (cerca de 50 km ao norte), onde a torcida é “mineira” (55,2% contra 26,7% dos “cariocas”) (GE, 2015). Portanto, compõem-se em mais um caso em que a radiofonia desafia a influência carioca já estabelecida. ➤ Polarização Urbana: pequeno reforço da autonomia local/regional via futebol (forte no passado); predomínio de BH (antes dividia a polarização com o Rio de Janeiro e até perdia).

Continua.

³³¹ A emissora é gerida pela Fundação Expansão Cultural, tendo entre seus dirigentes o padre Júlio Pessoa.

Cidade, Emissora e Fundação
2. Raul Soares, <i>Rádio Gerais</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>A emissora tem sede em Contagem-BH, a cabeça de rede para suas afiliadas, casos de Raul Soares e Carangola. O veio futebolístico da emissora é forte: possui 2 programas semanais que totalizam 2h 55min./dia, <i>Faixa Esportiva</i> (20-22 h) e <i>Balanço Esportivo</i> (18-18h 55min.) e transmissões ao vivo nos finais de semana que envolvem as equipes da RMBH – América, Atlético, Cruzeiro e Villa Nova –, que agrupam cerca de 71% da preferência dos torcedores de Raul Soares (GE, 2015), com seu entorno seguindo tal tendência. Segundo o jornalista e apresentador Mário Savaget (2016, Informação verbal), tanto os times amadores quanto os profissionais têm espaço nos programas semanais, o que também abre caminho para a divulgação esportiva de cada uma das cidades em rede com a emissora.</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: pequeno reforço da autonomia local/regional; predomínio de BH.</p>

Cidade, Emissora e Fundação
3 e 4. Juiz de Fora, <i>Rádio CBN</i> e <i>Rádio Globo</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>As emissoras foram reunidas por terem características gerais comuns: pertencem ao mesmo grupo empresarial e utilizam uma cabeça de rede para dirigir as afiliadas. Tal aspecto tem grande repercussão no âmbito do futebol, como citou o jornalista Ricardo Wagner (Informação verbal, 2016): a filial juiz-forana da <i>Globo</i> dispunha de 2 opções para se articular em rede, Rio ou São Paulo. A histórica vinculação clubística dos torcedores locais com os times cariocas conduziu à escolha do Rio. A despeito da prioridade para os clubes cariocas (inclusive transmissões de jogos), o futebol local/regional tem espaço (menor) na programação, voltada para o futebol amador e profissional (Tupi e Tupinambás), sob coordenação do próprio Wagner no <i>Globo Esportivo 1ª ed. Local</i> (17h30min. às 18h). Há programação esportiva diária na emissora. Segundo Aquino e Oliveira (2014, p. 9), a antiga <i>Rádio Juiz de Fora</i> (fundada em 1995) e que passou a ser a <i>Globo</i> em 2002 (1ª afiliada da <i>Rádio Globo Brasil</i>), já transmitia jogos do Campeonato Carioca e do Tupi, indo até os estádios, enquanto suas concorrentes à época – <i>Solar</i>, <i>Capital</i> e <i>Manchester</i> – usavam o sistema <i>off-tube</i>. Assim, a presença do Rio de Janeiro na emissora já era patente.</p> <p>A <i>Rádio CBN</i> mostra situação similar, mas incluiu Brasília e BH como opções para situar a matriz (cabeça da rede), apesar de ser a mesma da <i>Rádio Globo</i>, o Rio. Dando pistas dos vínculos juiz-foranos, Paulo César Magella, Editor-Geral, afirmou que “por identificação cultural, nosso link é com a CBN do Rio de Janeiro” (Informação pessoal, 2016). A emissora disponibiliza a seguinte programação esportiva: inserção de 5 min. (às 7h20min.) dentro da rede, mas com programação local. Dois programas semanais de 30 min. cada, <i>Giro da Bola</i> (11h30min. às 12h) e <i>Super Bate Bola</i> (início às 16h), completam o noticiário esportivo, centrado nos times locais. Há transmissões dos jogos do Tupi (Série B do Brasileiro) e do Tupinambás (Módulo II do Mineiro), relatou Magella (Informação pessoal, 2016)³³².</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: reforço da autonomia local/regional; predomínio do Rio.</p>

Continuação.

³³² MAGELLA, Paulo César. Mensagem recebida por helcio.campos@ifsudestemg.edu.br em 23 ago. 2016.

Cidade, Emissora e Fundação
5. Leopoldina, <i>Rádio Jornal</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>A emissora encontra-se, atualmente, sem programação esportiva específica. Notícias do futebol são distribuídas entre os times da cidade, da região e do Brasil, destacando-se as agremiações do Rio de Janeiro. Contudo, a rádio realiza transmissões do futebol local/regional, como aquelas nas quais estão envolvidas relevantes equipes, como o Ribeiro Junqueira, revelou o radialista Jairo Fernandes (2016, Informação verbal). A <i>Rádio Jornal</i> atinge cerca de 40 municípios circunvizinhos.</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio do Rio de Janeiro.</p>

Cidade, Emissora e Fundação
6. Pirapetinga, <i>Rádio Pirapetinga</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>A radioemissora tem perfil semelhante ao da Rádio Cataguases, polo da microrregião onde Pirapetinga se insere. Desse modo, a programação esportiva também é voltada para os times do Rio de Janeiro. Segundo o jornalista e apresentador Silva Filho (Informação verbal, 2016), do <i>Toque de Primeira</i> (semanal com 45 min. de duração), há foco no futebol local e regional. O Pirapetinga é o único clube federado da cidade que, todavia, tem várias equipes amadoras. Todas essas agremiações locais disputam torneios das ligas de Além Paraíba e Cataguases, já que a cidade não tem mais este tipo de gestão esportiva. Porém, há o estádio municipal (para cerca de 3 mil pessoas) que é compartilhado pelos times locais. A <i>Rádio Pirapetinga</i> não realiza transmissões de jogos de futebol.</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio do Rio de Janeiro.</p>

Cidade, Emissora e Fundação
7. São João Nepomuceno, <i>Rádio Difusora</i> - 1953
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>Há forte veio esportivo regional na <i>Difusora</i> por meio do programa semanal <i>Bola no Ar</i> (17 às 18 h). Existe noticiário sobre o futebol nacional, com ênfase para os times do Rio de Janeiro – os preferidos na cidade (69,8%) – e, secundariamente para os times de Belo Horizonte (11,5%) e de São Paulo (11,1%). O futebol regional (profissional e amador) domina a programação com resultados dos jogos, notícias das equipes e locais dos jogos, além de transmissões diretas dos estádios locais e também das cidades vizinhas nos finais de semana. Segundo o apresentador e narrador Fernando de Lélis (Informação verbal, 2016), cerca de 2/3 da programação transitam na escala regional.</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio do Rio de Janeiro.</p>

Continuação.

Cidade, Emissora e Fundação
8. Muriaé, <i>Rádio Atividade</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>Por meio do programa <i>Atividade Esporte</i> (diário, das 17 às 18 h, capitaneado por Zacarias e Luiz Martins), o futebol profissional tem espaço equilibrado entre as equipes de fora e da cidade (Nacional, incluindo as divisões de base). A região tem destaque através do futebol amador, até porque a liga local organiza campeonatos. A emissora possui ainda a <i>TV Atividade</i> na qual o noticiário esportivo profissional é dado e debatido.</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: reforço da autonomia local/regional; equilíbrio entre Rio e BH.</p>

Cidade, Emissora e Fundação
9. Muriaé, <i>Rádio Muriaé</i> – 1943
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>Cobre cerca de 90 municípios em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo (potencial estimado para 1 milhão de habitantes). Apesar da proximidade geográfica e da polarização do Rio, não prioriza o futebol carioca, mas sim o Nacional (NAC), a única equipe profissional da cidade. Também dá cobertura ao futebol amador local/regional e transmite seus torneios (como em 31 jul. 2016, São Cristóvão, de Muriaé x AMA, de Miradouro, final do regional). Quanto ao profissional, destaca as equipes de Rio e BH, motivo pelo qual tem parcerias com as rádios <i>Tupi</i> e <i>Itatiaia</i>, respectivamente, para transmissões de jogos envolvendo times de tais cidades. Há uma dubiedade na fute-polarização em Muriaé: devido ao NAC ter disputado a 1ª divisão do Campeonato Mineiro entre os anos 1970 e 80, a <i>Rádio Muriaé</i> enveredou-se pelo futebol mineiro desde então. Por outro lado, as atuais transmissões de Cruzeiro e Atlético ocorrem apenas quando não coincidem com jogos do Nacional e dos grandes clubes cariocas (ACÉLIO, 2016, Informação pessoal)³³³. Os programas que abordam futebol são <i>Esporte Total</i>, <i>Jornada Esportiva</i> e <i>Papo de Bola</i>, com presença diária na emissora.</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: reforço da autonomia local/regional; predomínio do Rio sobre BH.</p>

Cidade, Emissora e Fundação
10. Ubá, <i>Rádio Ubaense</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>As notícias de esportes e futebol são dadas durante o programa <i>Show de Bola</i> (seg.-sáb., das 11 às 12 h). Nele, tanto o futebol amador (local/regional) quanto o profissional (todas as séries do Campeonato Brasileiro) são abordados, sendo que neste último não há uma prioridade preestabelecida, embora as equipes do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo sejam as mais comentadas na programação (Carlos Silva, Informação verbal, 2016), as quais são as prediletas (nesta ordem) na região coberta pela radioemissora (GE, 2015).</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: reforço da autonomia local/regional; equilíbrio entre Rio, BH e São Paulo.</p>

Continuação.

³³³ ACÉLIO, João. Mensagem recebida por helcio.campos@ifsudestemg.edu.br em 2 ago. 2016.

Cidade, Emissora e Fundação
11. Ubá, <i>Rádio Educadora</i> – 1954
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
Os esportes estão contemplados na rádio em questão através dos programas <i>Toque de Bola</i> e <i>Mundo Esportivo</i> , nos quais o futebol local/regional e o futebol profissional são evidenciados, com ênfase para os campeonatos regionais e nacionais em andamento. Júlio César (Radialista e Presidente da LAU, Informação verbal, 2016) afirma que a emissora faz transmissões de jogos de futebol com autonomia – não está em rede – e também frisando os mesmos times já noticiados semanalmente: jogos regionais e que envolvam equipes do Rio e de Belo Horizonte, com prioridade para as cariocas. Os áudio-jornais têm duração de 55 min. ➤ <u>Polarização Urbana</u> : reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio do Rio.

Cidade, Emissora e Fundação
12. Manhuaçu, <i>Rádio Manhuaçu</i> – 1950
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
A rádio tem tradição na área esportiva (desde 1976). O programa semanal (com cerca de 30 min.) divide-se em 3 blocos: 1 internacional, 1 nacional e 1 local/regional. As equipes de Belo Horizonte são destacadas quanto ao futebol nacional. Em âmbito local/regional há transmissões (aos domingos, geralmente a partir do Estádio JK), dos jogos dos regionais do Café – seu maior campeonato, com participantes de cidades vizinhas – e disputas de campeonatos de base (mineiro, Copa BH de Futebol Jr.). A programação esportiva, todavia, já teve mais espaço na emissora e vem sendo parcialmente cortada em função das estratégias de seus dirigentes católicos (Klairton de Souza, 2016, Informação verbal). A rádio cobre o entorno de Manhuaçu, além das partes mais próximas do Vale do Rio Doce e do Espírito Santo, sendo vetor de polarização extrínseco ao território mineiro (há cerca de 20 anos tem potente transmissor de 20 mil w). ➤ <u>Polarização Urbana</u> : reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio de Belo Horizonte.

Cidade, Emissora e Fundação
13. Ponte Nova, <i>Rádio Montanhese</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
De acordo com Marcos Dias, Editor-chefe de Esportes (Informação verbal, 2016), 90% do programa <i>Montanhese Esportes</i> são dedicados aos esportes amadores locais e regionais. Seguindo essa linha escalar, a emissora passou a transmitir os jogos do Ponte Nova em 2015 (pela Segunda Divisão do Campeonato Mineiro), havendo méritos para a rádio, pois a equipe manda os jogos na cidade vizinha de Rio Doce (distante cerca de 25 km). O futebol profissional nacional é noticiado durante programação que tem um bloco sobre esportes (<i>Manhã Regional</i> , das 7 às 10 h), com predomínio para o futebol de Minas Gerais. ➤ <u>Polarização Urbana</u> : reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio de BH.

Continuação.

Cidade, Emissora e Fundação
14. Ponte Nova, <i>Rádio Ponte Nova</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
Pela manhã, durante programa sertanejo (de escala local e regional), entra o segmento esportivo, com foco no futebol de várzea. A rádio não transmite as partidas do Ponte Nova pela “Segundona”, mas o noticiário é dado (às segundas, quartas e sextas), inclusive entrevistas com jogadores. As transmissões do futebol profissional são feitas em cadeia com a <i>Rádio Itatiaia</i> nos finais de semana, ou seja, as equipes de Belo Horizonte são amplamente divulgadas em Ponte Nova e região (Danilo, radialista, Informação verbal, 2016). ➤ <u>Polarização Urbana</u> : reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio de BH.

Cidade, Emissora e Fundação
15. Carangola, <i>Rádio Gerais</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
Situação idêntica àquela verificada pela outra filial, a de Raul Soares, com espaço semanal para o futebol (amador e profissional) e outros esportes. Contudo, a situação das transmissões de jogos das equipes da RMBH não é a mesma em relação ao perfil das torcidas: Raul Soares prefere Cruzeiro e Atlético aos times cariocas (70,9% a 9,5%), e Carangola o contrário (16,0% a 66,6%), aponta o GE (2015). O atenuante dessa incongruência está no fato de a minoria de Carangola, os torcedores “mineiros” (16%) serem mais numerosos que a minoria de torcedores “cariocas” de Raul Soares (9,5%). Com isso, há que se acompanhar o efeito da radiofonia sobre Carangola, imbuída de poder ajudar a diminuir a histórica articulação da cidade com o Rio de Janeiro. ➤ <u>Polarização Urbana</u> : pequeno reforço da autonomia local/regional; predomínio de BH (quanto à rádio) mesmo em face do predomínio clubístico (histórico) do Rio.

Cidade, Emissora e Fundação
16. Cataguases, <i>Rádio Cataguases</i>
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
A rádio conta com apenas um programa esportivo, semanal e com 1 hora de duração. Nele, conforme seu apresentador, Baiano (Informação verbal, 2016), o futebol é noticiado em suas diversas escalas (local até internacional) e clubes, com grande ênfase para os grandes times cariocas. Cruzeiro e Atlético têm pouco espaço na grade. No âmbito local, Cataguases, Flamengo e Operário são os times principais, mas com restrita divulgação no programa, apesar de existir a Liga de Futebol local e da participação desses clubes em torneios locais e regionais ³³⁴ . Não há transmissões de quaisquer jogos pela rádio. ➤ <u>Polarização Urbana</u> : pífio reforço da autonomia urbana local/regional; predomínio do Rio.

Continuação.

³³⁴ Há um dissenso entre o presidente da Liga e o apresentador em questão, que, assim, restringe os assuntos que envolvem o futebol e a Liga locais. O radialista assegura aumentar o foco no futebol local e regional após a mudança na gestão do futebol cataguasense (BAIANO, Informação verbal, 2016). Não apuramos a natureza da dissensão, mas o fato é que o público perde em informação e as agremiações em divulgação.

Cidade, Emissora e Fundação
17. Viçosa, <i>Rádio Montanhosa</i> – 1949
Programação Esportiva e Polarização Urbana nela evidenciada
<p>Cobre 18 municípios, extrapolando sua microrregião e atingindo cerca de 500 mil habitantes. Está quase ausente das transmissões do futebol amador local/regional e também do profissional em razão de dificuldades técnicas (impostas pela empresa de telefonia) que articulam (via cabos) estádios e rádio. Desde os anos 1990 entra em rede com a <i>Rádio Itatiaia</i>, o que imputa à sua região de cobertura uma destacada influência belo-horizontina no âmbito futebolístico. Na década de 1970 aportou no futebol regional e nos principais estádios de Belo Horizonte, Rio e São Paulo, quando possuía transmissões futebolísticas próprias. Antes da parceria com a <i>Itatiaia</i> ainda usou o sistema <i>off tube</i>³³⁵ para transmitir jogos de times profissionais (Wagner Alexandre, Radialista, Informação verbal, 2016).</p> <p>➤ <u>Polarização Urbana</u>: pequeno reforço da autonomia local/regional via futebol (forte no passado); predomínio de BH (antes dividia a polarização com o Rio e até perdia).</p>

Conclusão.

Fonte: Radioemissoras (*sites* e respectivas equipes de esportes e de chefias); Sant'anna (2007, p. 14); Nogueira, Cardoso, Soares (2009); Aquino, Oliveira (2014).

A **trajetória das rádios matenses** iria, gradativamente, **incorporar os times mineiros**. Conforme a região de influência, isso ocorreu com até décadas de diferença. A Zona da Mata norte-noroeste o fez mais cedo, ao passo que as porções sul-sudeste, de maior presença do Rio de Janeiro, este movimento ainda está em curso. É o caso de Juiz de Fora, incluindo a fase da “chegada” da TV nos anos 1960 e o espaço concedido aos clubes de Minas na grade de programação.

c) A televisão

Desde o **fim da década de 1950, Juiz de Fora e região contavam com sinais de 3 emissoras cariocas**, *TV Tupi*, *TV Rio* (Globo) e, depois, a *TV Continental*. De 1959 a 1965 Juiz de Fora contou com sua precursora geradora local, a *TV Mariano Procópio*³³⁶, afiliada à *TV Tupi* do Rio de Janeiro, que fez de Juiz de Fora a 1ª cidade do interior da América Latina a ser geradora de canal de televisão (COUTINHO, FERNANDES, 2007, p. 2).

³³⁵ Transmissão na qual a equipe da rádio não vai ao estádio onde o jogo está sendo realizado. O jogo qual é narrado a partir de uma televisão que exibe ao vivo a partida. Em certos casos, o repórter “de campo” faz entrevistas com jogadores usando o áudio via TV (SANT'ANNA, 2007, p. 19).

³³⁶ Procópio tem seu nome ligado à história do povoamento de um dos 3 núcleos iniciais de Juiz de Fora (nome do atual bairro homônimo) onde ele residiu e recebeu até D. Pedro II, seu amigo, do qual obteve concessões para a construção de estradas. Assis Chateaubriand nutria admiração por Mariano Procópio, daí o nome da emissora. Foi uma “[...] deferência especial à memória do grande brasileiro [...] construtor da primeira rodovia do Brasil” (ESTADO DE MINAS, 12 abr. 1960, p. 2 apud LINS, BRANDÃO, 2012, p. 167).

Em 29 de julho de 1964, após concessão do governo João Goulart, entra em operação a *TV Industrial*³³⁷. Segundo a pesquisa de Coutinho e Fernandes (2007, p. 4), o novo canal não era afiliado a nenhuma rede e dispunha de 80% de programação local (maioria de programas de auditório). Em 1979, a *TV Industrial* foi encampada pela *TV Globo Juiz de Fora*, presente na cidade desde 1980.

Como se nota, entre **1964 e 1965 Juiz de Fora chegou a ter 2 emissoras geradoras locais**, pondo-se à frente ou com TV quase que em concomitância com grandes centros nacionais, além de ter emissora própria desde 1959. É o que se depreende das concessões feitas às Associadas, de Chateaubriand – Porto Alegre (1959); Salvador, Curitiba, Brasília, São Paulo e Recife (1960); Vitória, Belém, Fortaleza, Florianópolis, Campo Grande e Aracaju (1961); Belo Horizonte (1962); Uberlândia (1964); Campina Grande (1966) – e das emissoras criadas até 1955, as primeiras do país (SIMÕES; COSTA; KEHL, 1986, p. 32³³⁸ apud LINS, BRANDÃO, 2012, p. 113), como *Tupi* (Rio de Janeiro, 1950), *Paulista* (São Paulo, 1952), *Record* (São Paulo, 1953), *Rio* (Rio de Janeiro, 1955) e *Itacolomi* (Belo Horizonte, 1955) (LINS; BRANDÃO, 2012, p. 172).

Antes das entradas das TVs locais em operação, em setembro de 1948, Juiz de Fora já havia cruzado o caminho do pioneirismo na TV, quando

[...] o técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire colocou em serviço os equipamentos por ele montados para a 1ª transmissão pública televisiva da América Latina. A demonstração se deu com equipamentos instalados em 2 pontos do centro da cidade, onde convidados assistiram a cenas captadas no Parque Halfeld³³⁹ (GUEDES, 2007, p. 8).

Em 1950, nas comemorações do centenário de fundação do município de **Juiz de Fora**, outro episódio de **pioneirismo na TV** e novamente tendo Olavo Bastos Freire ao centro: a **primeira transmissão de um jogo de futebol no Brasil**.

[...] televisionou do campo do Tupi F. C., no bairro de Santa Terezinha, no dia 21 de maio deste ano, o jogo com o Bangu A. C., do Rio de Janeiro. Fazia parte da delegação o cronista esportivo de “A Noite” e da Rádio Nacional – Sr. Antônio Cordeiro que, depois do jogo, transmitiu seu resultado por telefone – Tupi 3 a 2, e a notícia de que o mesmo fora televisionado. Nessa noite, o “Repórter Esso” noticiou que em Juiz de Fora fora televisionado, pela primeira vez no Brasil, um jogo de futebol

³³⁷ Apesar de começar a funcionar em plena Ditadura Militar, a emissora manteve o Zé Marmitta – operário, homem comum – como seu símbolo. A TV buscava identificação com a cidade de Juiz de Fora, de tradição industrial.

³³⁸ SIMÕES, Inimá; COSTA, Alcir H. da; KEHL, Maria Rita. **Um país no ar**: história da TV brasileira em três canais. São Paulo: Brasiliense, 1986.

³³⁹ O feito de Olavo Bastos Freire foi eternizado com as imagens da *Carriço Films*.

(STEHLING, 1961, p. 2³⁴⁰ apud LINS, BRANDÃO, 2012, p. 149).

Acreditamos que o jogo antes mencionado tenha contribuído para incutir um novo capítulo de um capital simbólico do Rio de Janeiro em Juiz de Fora e região, aprofundando-o no imaginário dos habitantes da Mata, ainda que o episódio tenha envolvido o Bangu (e não uma equipe carioca mais popular), embora tenha revelado Zizinho³⁴¹.

Coube à *TV Industrial*, diferentemente das emissoras cariocas, focar nos assuntos locais e regionais. “Entretanto, fazia o caminho inverso para indiferenciar-se das concorrentes no que tange à *transmissão de jogos dos clubes cariocas – os preferidos na cidade* – e as programas especiais ancorados por estrelas do rádio e da televisão do Rio, com a participação de artistas de projeção nacional”, sentencia Frederico Guedes (2007, p. 8, grifos nossos).

Além da TV, Juiz de Fora contou com a crônica cinematográfica de seu cotidiano realizada por mais de 20 anos pela *Cia. Cinematográfica Carriço Films*. Segundo a professora Christina Musse (2009, p. 1), foram produzidos cerca de 400 cinejornais³⁴².

A despeito da não perenidade tanto da *TV Industrial* como da *Carriço Films*, importa que foram iniciativas que refletiram a aura de pioneirismo e o imaginário moderno de meados do século XX. **A TV Industrial ampliou o contato cultural de Juiz de Fora com o Rio de Janeiro e, logo, reforçou a polarização carioca regionalmente** (na Zona da Mata), pois atingia as cidades próximas a Juiz de Fora, tanto em Minas (como Barbacena, Leopoldina, São João Nepomuceno e Rio Novo) quanto no Rio de Janeiro (Duque de Caxias e Queimados, por exemplo)³⁴³. Eis algumas das articulações com o Rio promovidas pela TV Industrial:

i) Utilizou parcialmente a programação das TVs cariocas que retransmitiam para Juiz de Fora;
 ii) Celebrou convênio com a *TV Globo* e passou a gerar programas de auditório em Juiz de Fora vindos do Rio de Janeiro. “Grandes nomes da MPB passaram por aqui. O Martinho da Vila sempre vinha a Juiz de Fora, e grandes nomes do teatro também vinham aqui nesses programas. E isso dava subsídio a nós de Juiz de Fora para fazermos nossos programas” (LUZ, 2008³⁴⁴ apud MUSSE, 2009, p. 6);

³⁴⁰ STEHLING, José Luiz. “Primeira demonstração pública de TV na América do Sul”. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, p. 2, 4 nov. 1961. Os 11 anos que separam o fato da notícia decorre da não cobertura da mídia local ao jogo de 1950.

³⁴¹ Zizinho foi considerado mestre até mesmo por Pelé.

³⁴² O acervo da *Carriço Films* foi doado à Prefeitura de Juiz de Fora, dos quais 236 recuperados pela Cinemateca de São Paulo e o restante perdido por falta de conservação (MUSSE, 2009, p. 1).

³⁴³ A Federação Fluminense de Futebol tentava proibir as exhibições dos jogos pela *TV Industrial*, alegando prejuízo com diminuição de público nos estádios. Não obteve êxito, pois a Industrial era apoiada pelo Gal. Bandeira (de Juiz de Fora) e por políticos influentes, como José Bonifácio Andrada (de Barbacena).

³⁴⁴ LUZ, Natálio. **Natálio Luz**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistadora: Nina Scafutto Scotton. Juiz de Fora, 2008. 1 fita cassete (60 min.).

iii) Recebeu prêmio da administração do Estado do Rio de Janeiro, em 1974, por ter sido a **emissora mais presente nos jogos (174 vezes) do Maracanã**. “E como o *juizforano sempre foi mais torcedor do Botafogo ou Flamengo do que do Atlético ou Cruzeiro*, a emissora se esmerava na transmissão dos campeonatos e torneios cariocas”, relata Luz (2008 apud MUSSE, 2009, p. 6, grifos nossos);

iv) Os filmes do telejornalismo iam para o Rio de Janeiro e voltavam depois de 3 ou 4 dias, no mínimo;

v) Programa *Contraponto* (aos sábados e domingos), acerca do “universo feminino”, era capitaneado por Marilda Ladeira e toda a sua equipe vinha do Rio de Janeiro. Possuía grande audiência, afirma Ladeira (2008³⁴⁵ apud MUSSE, 2009, p. 11);

vi) **Realização de programas esportivos, cujo eixo temático era o futebol do Rio de Janeiro**, como o *Resenha Esportiva* e, principalmente, com o *Camisa 10*, o de maior audiência da TV Industrial. Tinha formato de mesa-redonda, na qual cada time grande do Rio – Botafogo, Vasco, Fluminense e Flamengo – possuía 1 representante na bancada para discutir o jogo que acabara de ser transmitido via TVE. Juiz de Fora e Brasília eram as únicas cidades que recebiam tais jogos (BRUM, MUSSE, 2009, p. 5 e 6).

De acordo com José Eduardo Brum e Christina Musse (2009, p. 7-9, grifos nossos), “[...] dois motivos explicam a **razão do gosto juizforano pelo futebol fluminense e o repúdio por times mineiros**”:

1ª) a proximidade geográfica entre Juiz de Fora e o Rio de Janeiro. “A distância que as separa é de aproximadamente 184 km, enquanto o espaço percorrido para que se vá de Juiz de Fora a Belo Horizonte gira em torno de 244 km” (2009, p. 7). Os pesquisadores supracitados argumentam que “[...] quando a capital [...] era Ouro Preto [...] a distância era maior e *impossibilitava qualquer influência mineira em Juiz de Fora*³⁴⁶. Isso a aproximou mais ao estado vizinho do Rio de Janeiro, principalmente através da região serrana de Petrópolis” (2009, p. 7, grifos nossos);

2ª) influência da *Rádio Nacional*, “[...] responsável pela propagação dos times cariocas não só em Minas Gerais, mas em todo o país” (2009, p. 7). Para José Eduardo Araújo³⁴⁷ (2009 apud BRUM, MUSSE, 2009, p. 7), radialista de Juiz de Fora:

Nas regiões Norte e Nordeste, da Bahia até Amazonas, a programação de 1

³⁴⁵ LADEIRA, Marilda. **Marilda Ladeira**: depoimento [5 nov. 2008]. Entrevistadora: C. F. Musse. Juiz de Fora, 2008. 2 fitas mini-DVD (120 min.).

³⁴⁶ Essa recorrente ideia de total desarticulação de Juiz de Fora com Minas Gerais é por nós refutada no capítulo 5, utilizando também dados apoiados no futebol.

³⁴⁷ ARAÚJO, J. C. **José Carlos Araújo**: depoimento [2009]. Entrevistadores: os autores. Juiz de Fora, 2009.

dia, era retransmitida para essas localidades no dia seguinte. Não é à-toa que muitos times do Nordeste têm as cores e as camisas iguais às dos times cariocas, vide o Vitória da Bahia que é igual à camisa do Flamengo [...], além de haver vários Fluminenses de tal cidade³⁴⁸.

Além desses fatores, há de se considerar ainda a influência da Rodovia BR-3, a União e Indústria. Mesmo quando Belo Horizonte passou a ser capital, não havia estrada asfaltada que a ligasse a Juiz de Fora, que se manteve mais próxima ao Rio pela BR-3. Tal influência foi ampliada no governo Vargas: em 1939, ao construir a BR-116, a Rio-Bahia, puxou a rodovia por Três Rios-RJ e Além Paraíba-MG, conectando-a ao Estado de Minas Gerais.

Além da falta de rodovia até Juiz de Fora, Belo Horizonte também não tinha rádio e TV que chegassem até a cidade. Com isso, a **mídia local/regional era toda voltada para o Rio de Janeiro, bem como o torcer geracional pelos times cariocas.** “É possível acreditar que o *Camisa 10* conseguiu alimentar ainda mais esse fervor por Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, ampliando o grande número de seguidores que existe hoje na cidade e o abismo que separa esses mesmos torcedores do futebol de Minas Gerais”, argumentam Brum e Musse (2009, p. 7). O *Camisa 10* saiu do ar em 1979, prenunciando que se o programa de maior audiência acabava, a TV Industrial não estava bem financeiramente. No mesmo ano a TV foi vendida à Globo.

Contudo, do mesmo modo que social, histórica e culturalmente foi construída a filiação dos juizforanos aos times cariocas, esses mesmos fatores são cambiantes ao longo do tempo, algo ignorado nas menções de Brum e Musse (2009). Por isso, à medida em que o Rio foi perdendo seu posto de cidade principal do país, sobretudo **após a década de 1960** (época do *Camisa 10*), a **mídia de Belo Horizonte passou a ter uma representatividade em Juiz de Fora e na Zona da Mata**, algo que não possuía exatamente até os anos 1960. De lá para cá até aumentou sua penetração no ramo esportivo matense, com programação futebolística diária em 3 canais de TV aberta – *Globo*, *SBT* e *Band*.

Desse modo, a gangorra da polarização entre Rio e Belo Horizonte na Mata e em Juiz de Fora apenas iniciava seus desdobramentos com a lenta, mas contínua exposição do futebol mineiro na região, funcionando para obstar pela primeira vez o domínio absoluto do futebol carioca através da mídia juiz-forana. Nesse embate entre dominados e dominantes,

O crescimento das grandes redes de televisão ocasionou a diminuição da exibição de programas locais, transformando as cidades do Rio de Janeiro e

³⁴⁸ Casos do Fluminense de Feira de Santana-BA, além de Botafogo-PB e América-RN. No último capítulo, relacionamos nomes ligados ao futebol que denotam pertencimento/vinculações à Zona da Mata, à Belo Horizonte ou ao Rio de Janeiro.

São Paulo nas grandes detentoras do capital simbólico nacional. Ao mesmo tempo a precursora Tupi, cujos programas das diversas emissoras possuíam um forte caráter regional, começa a desaparecer, *restando pouco para que as identidades regionais pudessem se manifestar e coexistir com as identidades nacionais*, elaboradas a partir dos grandes centros (LINS, BRANDÃO, 2012, p. 105, grifos nossos).

A **TV surge em Minas por Belo Horizonte**, a *TV Itacolomi*. Era parte do grupo Diários Associados (de Assis Chateaubriand), líder através dos jornais *Estado de Minas*, *Diário da Tarde* e das rádios *Guarani* e *Mineira*. A *Itacolomi* foi inaugurada no dia 8 de novembro de 1955, aproveitando-se aquilo que sabiam os profissionais da *TV Tupi* de São Paulo e do Rio de Janeiro (LINS, BRANDÃO, 2012, p. 118), mostrando a centralidade dessas cidades para o país e para Minas Gerais, inclusive pelo envio do elenco de artistas.

Nos anos 1960 surge a *TV Belo Horizonte*, afiliada à *TV Rio*, reproduzindo a programação do Rio de Janeiro, a qual tem seu canal comprado pela *TV Globo* em 1968. Segundo Carlos Fabiano Braga (2009³⁴⁹ apud LINS, BRANDÃO, 2012, p. 127), “[...] os modismos, como Leila Diniz, começaram a invadir Belo Horizonte, como se a Savassi fosse Ipanema”. As **modernidades cariocas eram conhecidas em BH via TV Itacolomi. E também sua polarização urbana.**

Em 1965, com a chegada do “videotape”, a programação produzida no Rio de Janeiro e em São Paulo podia ser facilmente exibida em outras praças. O espaço destinado ao regionalismo encolhe, sendo uma marca da *TV Globo* em Minas.

A **TV Itacolomi teve grande papel na divulgação do futebol e dos times mineiros**, com muito sucesso na transmissão de jogos para diversas cidades do interior, principalmente aos domingos. Contudo, “os juiz-foranos não prestigiaram o sinal da Itacolomi, como fizeram com a Tupi carioca. Esta e aquela passam a dividir a preferência dos telespectadores com a TV Juiz de Fora, retransmissora do sinal da TV Rio, e com a TV Industrial – que chega em 1964 [...]” (LINS, BRANDÃO, 2012, p. 127).

Nessa relação de aproximação/estranhamento com Belo Horizonte, Juiz de Fora contou com a associação da local *TV Mariano Procópio* com a *TV Itacolomi* (Belo Horizonte) e com a *TV Tupi* (Rio de Janeiro). Em certos momentos, Juiz de Fora tinha *links* para outros estados do Sudeste, quando a televisão ainda era muito restrita em Minas: 6 emissoras em 1966 (4 na capital, 1 em Uberlândia e 1 em Juiz de Fora), segundo a UFV (1971, p. 101). Com isso, uma nova forma de polarização na Zona da Mata – por meio da TV – solidificava:

³⁴⁹ BRAGA, Carlos Fabiano. **Carlos Fabiano Braga**: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins. Belo Horizonte, 2009. 3 fitas míni-DV (60 min.).

“[...] são inúmeros os municípios capazes de captar sinais diretamente do Rio de Janeiro ou Belo Horizonte” (UFV, 1971, p. 102).

Após as perdas televisivas locais com as TVs *Mariano Procópio* (anos 1960) e *Industrial* (1979), Juiz de Fora voltaria a ter geradoras com a *Globo* (1980, ao encampar a TV Industrial) e com a *TV Tiradentes* (fev. 1990, retransmissora da TV Manchete). Enquanto a Globo reduziu a programação local a apenas 10 min./dia (telejornalismo), a Tiradentes investiu em programação local, inclusive esportes: Nelson Jr. ancorava o *Tiradentes Esportes*, com duração de 15 min./dia. Divergências internas interromperam os programas locais (REZENDE, 2013, p. 33). A *TV Tiradentes* passou à *TV Record* e desde 1999 é a *TV Alterosa*, pertencente à TV Alterosa de Belo Horizonte, afiliada do *SBT* (COUTINHO, FERNANDES, 2007, p. 10).

Desde os anos 2000, a *TV Alterosa* emite desde Belo Horizonte para a Zona da Mata (e todo o Estado) o semanal *Alterosa Esportes*, sempre em torno do meio-dia. Trata-se de uma bancada com 1 representante para cada time da capital (América, Atlético e Cruzeiro), no mesmo formato outrora consagrado pela *TV Industrial* de Juiz de Fora. Contudo, as notícias envolvem também as equipes do interior que disputam os campeonatos Mineiro (privilegiando a 1ª divisão) e Brasileiro. Desse modo, a Zona da Mata é contemplada através do Tupi (de Juiz de Fora) e do Tombense (de Tombos). A descontração é a marca do programa, que é comandado por Leopoldo Siqueira, jornalista que atuou em Juiz de Fora nos anos 1980, fato que também ajuda na penetração local da atração da emissora.

A *TV Alterosa* de Belo Horizonte passou a operar em Minas Gerais em 13 de março de 1962, e sua filial de Juiz de Fora em 7 de março de 2000, cobrindo 133 cidades da Mata e do Campo das Vertentes, ou seja, sobre regiões que envolvem o embate polarizador Rio-BH³⁵⁰. As Vertentes são consideradas convertidas ao domínio belo-horizontino desde a década de 1960 (IBGE, 1972) e este processo está em trânsito na Zona da Mata (IBGE, 1987; IBGE, 2000, IBGE, 2008).

Essa **dupla presença de Rio e Belo Horizonte na região tem suas manifestações na grade esportiva** da *TV Alterosa* Juiz de Fora que, a partir de 2014, exhibe o *Arena Alterosa* (toda segunda e quinta às 11h), trazendo o futebol nacional com foco em Minas e no Rio de Janeiro, destacando as equipes da região. Dados da própria emissora – com base no IBOPE³⁵¹ – indicam aceitação crescente do programa, cujos índices de audiência passaram de 7 para 9

³⁵⁰ Dados obtidos por meio de nossa pesquisa junto à TV Alterosa de Juiz de Fora, 2015.

³⁵¹ Aferições em 2014 (24 a 30 de abril) e em 2015 (16 a 22 de junho), segundo a TV Alterosa de Juiz de Fora, 2015.

pontos entre 2014 e 2015. A articulação aos esportes/futebol local e regional contribuem para que a Mata e Juiz de Fora ganhem autonomia em relação à influência externa, de Belo Horizonte e, principalmente, do Rio de Janeiro. Destarte, é um fator a mais desmantelando a polarização carioca na região.

Com a matriz em Belo Horizonte, a **TV Alterosa** exhibe ainda 1 programa aos sábados (*Bola na Área*) e outro semanal à noite (*Alterosa no Ataque*) centralizados na temática do futebol mineiro, mas destacando amplamente as agremiações da capital. Portanto, a emissora **funciona como um mecanismo de reforço da presença (futebolística) belo-horizontina na Zona da Mata** e nas Vertentes, influenciando nas filiações clubísticas pelos times da capital que foram se desenvolvendo na região ao longo do tempo. Ademais, a TV Alterosa-Juiz de Fora promove campeonatos amadores – caso da *Copa Alterosa de Futebol Regional* – que funcionam como uma afirmação a mais da autonomia matense.

Outra emissora que **há décadas cumpre o mesmo papel é a TV Bandeirantes, só que para todo o Estado**, inclusive quando transmitia o Campeonato Mineiro nos anos 1980, que depois ficou à cargo da *TV Globo*³⁵². A *Band Minas* também produz um programa esportivo semanal que exhibe em escala estadual. Ele já mudou de nome (agora é *Donos da Bola*), comentaristas e apresentadores³⁵³, mas sempre com o formato de debate, por onde passaram nomes diversos do futebol mineiro, entre jornalistas esportivos e ex-atletas (como Dario e Kafunga) (MAIA, 2011, s/p.). O semanal vai ao ar no começo da tarde.

A terceira emissora com vertente futebolística na região é a *TV Globo* que, desde a década de 1990 é a detentora dos direitos de transmissão dos campeonatos estaduais de futebol e do Campeonato Brasileiro. Há cerca de 40 anos exhibe para Minas Gerais o *Globo Esporte* (GE) a partir da *Globo Minas* (de Belo Horizonte), sua afiliada mais antiga no Estado³⁵⁴. Assim, até 2013 a emissora teve uma política de transmissão peculiar para a Zona da Mata e o Campo das Vertentes: essas regiões recebiam o noticiário semanal de Belo Horizonte (destacando Cruzeiro e Atlético) e recebiam ora uma partida do Campeonato Mineiro e ora uma do Campeonato Carioca, pendendo bem mais para este último. Antes ainda, havia exibição somente do Campeonato Carioca.

A matriz carioca resolveu esta “dupla jurisdição” na Mata e Vertentes: os campeonatos estaduais passaram a ser uma política da empresa, conforme nos esclareceu Alexandre Soares

³⁵² Em 2016, a *Band* exibia os campeonatos de futebol de 4 estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Goiás.

³⁵³ Seu antecessor mais conhecido foi o *Minas Esporte*, que encerrou sua jornada em 2011, após 31 anos de atividade ininterrupta (MAIA, 2011, s/p).

³⁵⁴ O *Globo Esporte* passou a ser exibido no dia 14 de agosto de 1978 (SANTOS, 2013, p. 133) e a *Globo Minas* passou a operar em 1968. Nos seus primeiros anos, a programação era transmitida a partir do Rio de Janeiro.

(Informação pessoal, 2014)³⁵⁵, diretor de programação da *TV Integração* – Uberlândia, Araxá e Juiz de Fora. Desse modo, tais regiões receberiam apenas o Campeonato Mineiro. Os aficionados pelos times do Rio de Janeiro deveriam esperar os certames nacionais (Copa do Brasil e Brasileirão) para vê-los em ação, perdurando assim até hoje. “Durante o campeonato estadual, não temos escolha. Como temos a orientação da TV Globo de valorizar o regionalismo, não faz sentido exhibir em Minas outro campeonato que não seja o mineiro”, explicou-nos Soares (Informação pessoal, 2014). Em escala nacional, entretanto, há um grande mercado para o qual o Campeonato Carioca foi mantido, destacadamente nos estados do Norte e Nordeste, onde a matriz global enxerga que há torneios menos atraentes para público, emissora e patrocinadores³⁵⁶.

A **TV Globo de Juiz de Fora** passou a ter uma inserção no Globo Esporte (GE) em janeiro de 2014, ficando responsável pelo 1º bloco do programa, voltado exclusivamente para o **noticiário esportivo regional e de Belo Horizonte (sobretudo com Cruzeiro e Atlético)**³⁵⁷, com foco no futebol. Segundo o âncora do programa, Inácio Novaes (Informação pessoal, 2015)³⁵⁸, a aceitação popular é muito boa – afirma com base na audiência e nas manifestações dos populares – como na pequena cidade de Tombos, ao norte da Mata, de onde o Tombense F. C., via GE, virou “porta-voz” ou maior “garoto propaganda”. Novaes (2015) observa que nunca os times da região obtiveram uma exposição midiática tão larga quanto a partir do novo GE. Somado isso à exposição de todos os demais canais locais, inclusive a *TVE* (que aborda o futebol dentro do seu telejornal), o apresentador global tem nítida razão.

Como defendemos neste estudo, o **sucesso do clube de futebol é (re)produzido em termos mercadológicos e de atração de torcedores**. Na escala regional, o Tupi de Juiz de Fora é a agremiação mais envolta nessas situações, embora o Tombense também tenha se valorizado com o acesso à Série C em 2015, após vencer a Série D em 2014³⁵⁹. Duas situações embasam esta nossa posição acerca do Tupi:

i) No dia do decisivo jogo que valia o acesso à Série B do Campeonato Brasileiro, uma

³⁵⁵ SOARES, Alexandre. Mensagem recebida por helcio.campos@ifsudestemg.edu.br em 9 mar. 2014.

³⁵⁶ Cf. capítulo 5.

³⁵⁷ NOVAES, Inácio. Mensagem recebida por helciocampos@ig.com.br em 1 dez. 2015. Novaes (2015) indica que a audiência foi passada à equipe do (GE) local, mas sem dados numéricos, e apenas indicavam que o programa mantinha a “[...] boa audiência herdada do MGTV” – o telejornal regional da TV Globo de Juiz de Fora. O América F. C. dispunha de pouquíssima exposição no GE local. Ao ascender à série A do Brasileirão, passou a ter mais espaço, embora muito inferior ao de Cruzeiro e Atlético.

³⁵⁸ NOVAES, Inácio. Mensagens recebidas por helciocampos@ig.com.br em 3 e 6 dez. 2015.

³⁵⁹ A vitória ocorreu sobre o Brasil de Pelotas-RS. A equipe gaúcha também ascendeu ao Brasileirão da Série C.

multidão de torcedores do Tupi se reuniu para assistir a esta partida na Praça Antônio Carlos, centenário reduto do futebol de Juiz de Fora. Trata-se de algo inusitado, pois são raríssimas as manifestações pró-Tupi na cidade. Grande parte dos jogos do Tupi na Série B (jogando em casa) teve público inferior a 1 mil espectadores;

ii) Houve uma nítida valorização da “marca Tupi” às vésperas de conseguir o acesso à Série B, conforme os dados do *GI-Zona da Mata* (2015): a loja oficial (à época recém-inaugurada e que fica na Sede do Tupi, Centro de Juiz de Fora) ampliou suas vendas; o comércio de camisas oficiais passou de 8 para 50 camisas vendidas/dia, obrigando a fábrica fornecedora (também local) a ampliar seu tempo de funcionamento; foram comercializadas 20 mil unidades de cerveja com a insígnia do clube por um supermercado de Juiz de Fora (média de 5 mil a mais que a cerveja comum).

Os efeitos dessa fase no Tupi puderam ser exibidos no Bairro de Santa Terezinha, seu histórico reduto, onde o clube tem seu estádio (1932) e, logo, presença há quase 90 anos.

Fotos 4.13 e 4.14 – Relação entre sucesso do time (Tupi) e exposição popular e mercadológica (em Juiz de Fora).

Fonte: o autor, 2015 e 2016.

Nesse contexto de exposição midiática, Inácio Novaes (Informação pessoal, 2015)³⁶⁰ argumenta que

[...] com o GE falando diariamente do Tupi, o time terá uma exposição muito maior que antes, talvez a maior da história em se tratando de televisão. Agora, se isso influenciará em novos torcedores, vai depender muito do desempenho do time em campo também, que vive um bom momento com a classificação para a Série B.

³⁶⁰ NOVAES, Inácio. Mensagem recebida por helciocampos@ig.com.br em 3 dez. 2015.

Como nós defendemos ao longo deste estudo, Novaes (2015) também observa que o sucesso de um time nos torneios oficiais é um fator importante na consecução de torcedores.

De volta à questão da **polarização urbana sobre Juiz de Fora e a Zona da Mata** exercida por Rio de Janeiro e por Belo Horizonte, nossa análise não prescinde da gestão do território também no quesito futebol. *Gestão do território* pode ser assim compreendida:

A gestão do território constitui o conjunto de práticas visando, no plano imediato, à criação e ao controle de uma dada organização espacial, isto é, as formas espaciais, suas funções e sua distribuição no espaço. Visa também ao controle dos processos que afetam a organização espacial, entre eles a concentração e a dispersão das atividades no espaço. Em última instância a gestão do território, uma faceta da gestão econômica, política e social, constitui um poderoso meio através do qual se viabiliza a reprodução da sociedade como um todo.

Como fato social a gestão do território é caracterizada por uma historicidade definida a cada momento por agentes e práticas distintas. [...]

O centro de gestão do território, por outro lado, é aquela cidade onde se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nelas sediadas (CORRÊA, 1995, p. 83).

Isso significa que por mais que historicamente haja uma maior vinculação com os cariocas, **os clubes da região estão envolvidos com as disputas estaduais**. A sede da Federação Mineira de Futebol (FMF) fica em Belo Horizonte: é o nó da gestão da rede do futebol de Minas Gerais, articuladora das agremiações espalhadas pelo Estado, espraiando sua ação. Juiz de Fora e a Mata estão neste raio de ação.

Essa **vinculação ao centro gestor do futebol mineiro – Belo Horizonte** –, indubitavelmente, contribuiu para que o **noticiário local** tivesse que **considerar as informações provenientes dos adversários dos times da região de todo o Estado de Minas Gerais**, incluindo os da capital, valendo também para os que estão na 2ª divisão do Campeonato Mineiro, como o Nacional (de Muriaé) e o Figueirense (de São João del Rei). Esse relato vale para todas as mídias. As rádios transmitem os jogos das equipes de suas respectivas cidades ou mesmo da região. Os jornais, portais da internet, TVs e rádios da região transmitem jogos e divulgam matérias e os resultados que envolvem, obviamente, os times da região. Isso provoca, automaticamente, uma **exposição midiática dos times de Belo Horizonte – os principais do Estado – na Zona da Mata**.

A longa história de participação do Tupi no Campeonato Mineiro é que conduziu a Editoria de Esportes da *Tribuna de Minas* (TM) – o principal jornal de Juiz de Fora e da Zona

da Mata – a ceder mais espaço em suas páginas aos clubes de Belo Horizonte, adversários do Tupi no certame em questão. Além do Tupi, Juiz de Fora tem times disputando campeonatos de vôlei e de handebol. Segundo Wendel Guiducci (Informação verbal, 2015³⁶¹), editor de esportes da TM, tudo isso contribuiu para que se abrisse o noticiário em prol de Cruzeiro e Atlético no jornal, por volta de 2005. Hoje, essas equipes dividem com os 4 grandes do Rio as páginas de esportes da *Tribuna de Minas*³⁶². O foco do jornal, entretanto, recai no Tupi e no esporte local. A influência do Rio de Janeiro via desportos persiste na cidade, diante de casos de participação de equipes e atletas de Juiz de Fora em seus campeonatos e até fazendo a final de 2016 da Liga Fluminense de Futebol Americano (LIFFA), protagonizada entre JF Mamutes e JF Red Fox.

Ademais, toda a **mídia matense cobre ainda os campeonatos locais, intermunicipais** etc. de futebol amador. Em certos casos, os próprios veículos de comunicação são também os promotores de eventos esportivos/futebolísticos³⁶³. Tais **torneios servem para que as cidades da Mata tenham mais autonomia em relação aos demais centros urbanos**, interferindo nas projeções metropolitanas na região. Mesmo que minimamente, isso representa um modo a mais de desarticulação do Rio de Janeiro e demais metrópoles na Zona da Mata.

³⁶¹ Informação cedida via telefone em novembro de 2015.

³⁶² Outra questão que contribuiu com a cessão de mais espaço para os times de Belo Horizonte na Tribuna de Minas (TM) veio de uma pesquisa de opinião promovida pelo jornal, possivelmente, em 2002, informou Guiducci (2015). Nela, as predileções por Atlético e Cruzeiro já apareceram, a exemplo da pesquisa do Globo Esporte (2015). Não obtivemos acesso a este trabalho publicado no jornal Tribuna de Minas.

³⁶³ Protagonizado, por exemplo, pelas TVs locais, *Alterosa e Integração*, congregando desportistas de cidades da Zona da Mata, representando também a polarização regional de Juiz de Fora por intermédio dos esportes.

4.3 – O “TIME-MERCADORIA”: RELAÇÃO ENTRE SUCESSO DO TIME, EXPOSIÇÃO NA MÍDIA E VOLUME DE TORCEDORES NOS TERRITÓRIOS

Defendemos a existência de uma **relação entre a mídia e o tamanho das torcidas dos clubes de futebol**. Como já vimos, a TV Globo paga cotas aos times para exibir seus jogos no “Brasileirão” segundo o número de fãs de cada agremiação. Mostramos ainda que as rádios tiveram papel como polo atraente de torcedores para as equipes do Rio de Janeiro, sobretudo. Ultimamente, temos acompanhado o crescimento de torcidas organizadas do Corinthians em cidades matenses, como nossa pesquisa aponta.

Por outro lado, há clubes que não têm sucesso futebolístico há décadas e ainda assim mantêm seus adeptos e fieis torcedores. O Corinthians passou por longo jejum de títulos dos anos 50 aos 70, quebrado em 1977. Todavia, em face da mercadorização do futebol a partir da década de 1980, acreditamos que haveria um encolhimento da torcida corinthiana se a mesma situação de falta de títulos fosse mais recente. Para Elio Carraveta e Rafael Kasper (2012), a despeito da popularização do futebol e de sua transformação em bem econômico, ele preserva um caráter performativo oriundo de suas origens, e tal conexão explica porque os torcedores continuam ligados a seus clubes mesmo quando não têm vencido os campeonatos.

Pensar o futebol mais como *performance*, e menos como resultado, pode nos prevenir, também de render ao esporte não apenas o *status* de meio, mas de reduzi-lo à mera *função social*, tal como ele frequentemente aparece em interpretações sociológicas e antropológicas. [...] seja como for, na visão performativa, o futebol é valorizado por seu conteúdo intrínseco, e não pelos eventuais arquétipos sociais nos quais ele possa ser inscrito. A utilidade do futebol, nessa leitura, importa menos que o valor e a beleza do futebol enquanto futebol (CARRAVETA, KASPER, 2012, p. 216-217, grifos dos autores).

Reconhecemos que o aspecto performativo é existente e perceptível, indo ao encontro também das seleções e das que até perderam mundiais, mas que arrebanharam admiradores, como Hungria (1954), Holanda (1974) e Brasil (1982). Quanto aos clubes (mormente os pequenos), defendemos que as identificações locais e regionais, assentadas em solidariedades comunitárias e nas relações de imediatez – nos termos de Lefebvre (2001) – são mais proeminentes para que expliquemos a manutenção de torcedores do que o “performativismo”. Por isso, fechamos este estudo (capítulo 5) traçando elementos que conectam aficionados e

idades, mantendo nossa concepção ideológica.

Gaspar Giacomini (2011, p. 286-289) indicou em sua pesquisa e citando outras (FISCHER e WAKEFIELD, 1998³⁶⁴; FUNK e JAMES, 2001³⁶⁵) que há mesmo uma relação entre o desempenho das equipes nos campeonatos e a obtenção de torcedores. Fischer e Wakefield (1998) concluíram que o desempenho insatisfatório do time poderia levar a uma diminuição da identificação do fã com o clube. Giacomini (2011, p. 289) atesta que esta percepção do desempenho só afeta o comportamento esportivo dos fãs de baixa identificação com o time, diferentemente daqueles mais identificados que, segundo Funk e James (2001), não mudam devido ao avançado estágio de conexão psicológica com o clube.

A relação entre o sucesso do time e o volume de torcedores pode ser analisada a partir do futebol em Minas Gerais por meio das conquistas dos campeonatos mineiros por América, Atlético e Cruzeiro. No passado, o título de campeão estadual tinha uma importância distinta da atual, quando seu prestígio recuou em função da promoção de competições nacionais e internacionais. Até perto dos anos 1940, o maior clássico era protagonizado por americanos e atleticanos, os maiores vencedores dos títulos estaduais nesse período. O América chegou a ser decacampeão mineiro (de 1916 a 1925)! A pesquisa a seguir, sobre predileção clubística em Belo Horizonte (1931), era destituída de metodologia científica de amostragem estatística, porque os votos foram coletados em uma urna localizada em frente à sede do jornal *Estado de Minas*. Contudo, ela tem o mérito de indicar as tendências que se anunciavam nesse período e que seriam confirmadas no futuro, como a bipolaridade entre Atlético e Cruzeiro.

Tabela 4.2 – Predileção clubística em Belo Horizonte (1931).

Clube	Votos
Atlético Mineiro	321
Cruzeiro	312
América	94
Villa Nova	25
Fluminense	16
Calafate	12
Sete de Setembro	5
Guarany	4

Fonte: Estado de Minas, 26 de março de 1931.

Além disso, a divulgação do futebol praticado fora de Minas Gerais ainda era restrita,

³⁶⁴ FISCHER, R. J.; WAKEFIELD, K. "Factors leading to group identification: a field study of winners and losers". *Psychology Marketing*, vol. 15, jan. 1998, p. 23-40.

³⁶⁵ FUNK, D. C.; JAMES, J. "Psychological Continuum Model: a conceptual framework for understanding an individual's psychological connection to sport". *Sport Management Review*, n. 4, 2001, p. 119-150.

pois as transmissões radiofônicas estavam no início. É relevante frisar que tais rádios transmitiam em ondas (de frequências) curtas, forma que apresenta longo alcance territorial. Como eram quase que invariavelmente cariocas, tais rádios ajudaram a amear torcedores para os clubes da então capital federal não só em Minas Gerais, mas em todo o Brasil, e confirmando a polarização do Rio de Janeiro sobre os mineiros, como afirmou o IBGE (1972, p. 20). A mesma situação ocorreria com relação à São Paulo, cujos clubes ampliavam suas torcidas. Pesquisas realizadas em décadas subsequentes confirmaram a influência futebolística externa à Minas Gerais em crescimento e, ao mesmo tempo, ainda o domínio da dupla Cruzeiro e Atlético sob a era da mídia (com rádio e TV).

Tabela 4.3 – Predileção clubística em Belo Horizonte (1971).

Time	Porcentagem
Atlético Mineiro	43
Cruzeiro	42
América	5
Outros	1
Nenhum	9

Fonte: Instituto Gallup/Revista Placar, n. 94, 31 dez. 1971.

Tabela 4.4 – Predileção clubística entre homens na RM Belo Horizonte (1993).

Time	Porcentagem
Atlético Mineiro	38,5
Cruzeiro	37,9
Flamengo	5,1
Vasco	1,8
São Paulo	1,2
América	0,9
Botafogo, Corinthians, Grêmio, Internacional e Santos	0,3
Nenhum	9,3

Fonte: Revista Placar, 1993.

Os resultados anteriores indicam uma redução do número de torcedores maior de Atlético e América (de 1971 para 1993), e menor do Cruzeiro. Exatamente em 1971, ambos foram campeões: o América venceu o estadual e o Galo conquistou o “Brasileirão”. Daí em diante passariam por um jejum de títulos. Por coincidência, o estadual de 1993 também foi vencido pelo América, fato repetido em 2001 e 2016. Contudo, isso não tiraria o encolhimento de sua torcida. Aceitando-se o resultado da pesquisa de 1931, o América teve impressionante redução de torcida: pouco mais de 10 vezes – de 10,8% para 0,9% em 1993. O Atlético teve

encolhimento de torcida que margeou os 5%.

A **entrada de times de fora de Minas Gerais foi gradual**, partindo de níveis ínfimos (até 1971) para um percentual perto de 9% em 1993. A década de 1980 é tida como o divisor de águas para o atual futebol-espetáculo, midiaticizado. Os jogos cobertos pela TV passam a ganhar mais espaços e, logo, mais torcedores, impactando o número de aficionados pelas agremiações de maior prestígio e retorno econômico para as diversas mídias que exibem futebol no Brasil. As pesquisas de opinião na RMBH, como de Pluri Stochos (2013), confirmaram esta chancela do final do século XX.

E o Cruzeiro? Até 1950, o Cruzeiro era somente a terceira força do futebol mineiro, tendo vencido apenas 7 campeonatos estaduais. Porém, daí em diante isso começaria a mudar e se intensificaria nos anos 1960 e 70, quando surgiram títulos seguidos em Minas Gerais, uma Taça Brasil (com direito a goleada sobre o mítico time do Santos) e a Libertadores de 1976, a 1ª de um clube brasileiro após o bicampeonato do Santos nos “anos Pelé”.

Na direção oposta ficaram o Atlético (nesse período com glórias apenas estaduais, fato quebrado com a conquista do Campeonato Brasileiro de 1971) e, sobretudo, o América, que venceu somente 3 campeonatos mineiros entre 1950 e 2000. E se não bastasse tudo isso, o América chegou a cair para a segunda divisão do Campeonato Mineiro (2007) e o Atlético para a Série B no Brasileiro (2005). Em se tratando da Série B, o América vem seguidamente disputando campeonatos nessa divisão, já que não tem se mantido por muito tempo na Série A. Resultado: o Cruzeiro possui a maior torcida entre os times de Minas Gerais, a 4ª maior dentro da Região Sudeste, segundo Pluri Stochos (2013)³⁶⁶. Sua sequência de títulos na década de 1990 e início de 2000 (4 Copas do Brasil, 1 Brasileiro, 1 Libertadores, 2 Supercopas, 2 Sul-Minas etc.) provavelmente asseguraram e porventura aumentaram a torcida cruzeirense, como pode ocorrer com a torcida atleticana após os recentes títulos da Copa do Brasil e da Libertadores nos anos 2010. A cidade de Tiradentes ilustra esta tendência, pois “[...] finalmente se rendeu à rivalidade Atlético e Cruzeiro, deixando em segundo plano os clubes cariocas, que tradicionalmente disputavam a preferência dos tiradentinos”. Para o comerciante e cruzeirense Márcio Vieira, 51 anos, os mais jovens estão influenciados especialmente pelos títulos das equipes de Belo Horizonte (LACERDA, 2014, s/p). A reportagem em questão, de Fernando Lacerda, foi desenvolvida à época da decisão da Copa do Brasil 2014 entre Atlético

³⁶⁶ A pesquisa apresentada para endossar os dados foi realizada entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013, conduzida em 146 municípios, em todos os 26 Estados e mais o Distrito Federal. A amostra da pesquisa compreendeu 21.049 entrevistados acima de 16 anos e identifica a preferência do torcedor brasileiro pelos clubes. A margem de erro para o universo pesquisado é de 0,68% (PLURI STOCHOS, 2013, p. 2).

e Cruzeiro.

Tabela 4.5 – Tamanho das torcidas no Brasil, segundo Pluri Stochos (2013).

Classe	Clube	Resultado
	Não torcem para qualquer clube	20,80%
1	Flamengo	16,80%
2	Corinthians	14,60%
3	São Paulo	8,10%
4	Vasco	5,00%
5	Palmeiras	4,90%
6	Cruzeiro	3,80%
7	Santos	3,40%
8	Grêmio	3,00%
9	Atlético Mineiro	2,60%
10	Internacional	2,50%
11	Fluminense	1,80%
12	Botafogo	1,60%
13	Sport	1,40%
14	Bahia	1,20%
15	Vitória	0,80%
16	Santa Cruz	0,70%
17	Atlético Paranaense	0,70%
18	Náutico	0,60%
19	Paysandu	0,60%
20	Ceará	0,50%
21	Fortaleza	0,40%
22	Remo	0,40%
23	Coritiba	0,40%
24	Goiás	0,40%
25	Avaí	0,30%
26	Figueirense	0,30%
	Outros clubes	2,30%

Fonte: Pluri Stochos (Região Nordeste), 2013, p. 11.

A exemplificação oriunda das tabelas é bastante “didática” e deixa à vista que o orgulho com o desempenho do clube é capaz de arrebanhar milhares de torcedores. A contrapartida desta asserção, portanto, é correta, e como demonstração utilizamos o caso dos Américas, o do Rio e o de Belo Horizonte, que foram perdendo torcida a partir dos anos 1950, quando houve um sério período de escassez de títulos. Tanto assim que ambos não estão elencados nas pesquisas de abrangência regional (Sudeste) e nacional. O América-RJ venceu o estadual pela última vez em 1960!

Tabela 4.6 – Tamanho das torcidas no Brasil – Região Sudeste (2013).

Classe	Clube	Resultado
Não torcem para qualquer clube		16,00%
1	Corinthians	20,30%
2	Flamengo	15,60%
3	São Paulo	11,10%
4	Cruzeiro	8,50%
5	Palmeiras	6,20%
6	Atlético Mineiro	5,60%
7	Santos	5,30%
8	Vasco	4,50%
9	Fluminense	2,40%
10	Botafogo	2,20%
	Outros Clubes	2,30%

Fonte: Pluri Stochos (Região Sudeste), 2013, p. 3.

É nítido que o efeito do acréscimo e do decréscimo de torcedores funciona como uma lógica de mercado. O clube torna-se uma marca, “confiável ou não”, que poderá ter torcedores na proporcionalidade de seu sucesso, criando acordos com patrocinadores e recebendo cotas pelas transmissões da TV. Com tal pragmatismo, o mercado do futebol fica com a seguinte feição mercadológica: fatiado entre os grandes clubes (como um cartel); administrado conjuntamente por clubes, empresas financiadoras e entidades do futebol – marcadamente a CBF (como *holding*); numa fusão de interesses pelo controle do ramo de atuação (como um *truste*). Nesse sentido, utiliza-se nesta tese a ideia de *clube midiático*, que é aquele capaz de corroborar com as expectativas do mercado, ao angariar grandes investimentos por parte dos patrocinadores – comumente transnacionais e grandes grupos nacionais – e grande atenção dos torcedores, alcançado altos níveis de audiência e de valores astronômicos para a comercialização de propagandas para as emissoras de TV. Enfim, o futebol também foi globalizado e tanto quanto mais influente for o papel da equipe e do mercado representado por seu país na economia-mundo, tanto mais midiático tende a ser o clube. Nesse sentido, Barcelona, Real Madrid, Manchester United etc. estão para a divisão do trabalho em escala planetária, assim como os grandes clubes brasileiros estão para a divisão territorial do trabalho brasileira.

O efeito espacializante de tanto poder dos grandes clubes não pode ser descartado, pois isso conduz as ações das transmissões da TV: há uma relação entre as praças que receberão os jogos de futebol e a distribuição territorial das torcidas. Para a consecução dessa engrenagem, veremos como ela funciona por meio das pesquisas sobre predileção clubística.

4.4 – AS PESQUISAS SOBRE PREDILEÇÃO CLUBÍSTICA E AS DIVISÕES/APREENSÕES TERRITORIAIS POR ELAS INDICADAS

As pesquisas sobre as preferências por times de futebol já existem há muito tempo (como pudemos conferir na subseção anterior), mas o que há de novo é que elas passaram a valer muito dinheiro nas últimas décadas. Com a sistematização das **transmissões esportivas dos últimos 50-60 anos, ter mais torcedores medidos por alguma pesquisa de opinião reflete em garantia de espaço midiático** reservado ao clube sob tal situação, além de trazer a reboque outras benesses mercadológicas, como maiores cotas pagas pelas emissoras de TV e vendas de seus produtos licenciados, bem como patrocínios mais “generosos”, por exemplo.

Ocorre que as **bases territoriais para os jogos serem transmitidos** – as praças de destino – são **consideradas a partir das aferições acerca das preferências clubísticas** realizadas pelas instituições privadas de pesquisas. Assim, um canal de TV opta por exibir essa ou aquela partida quando conhece a distribuição das torcidas num determinado território. Esses “territórios da TV” passaram por uma análise e compõem o próximo item do atual capítulo. Mas as pesquisas também têm o seu perfil. Estão envoltas em particularidades, metodologias, virtudes e limitações. Analisemos.

a) Pesquisas que aferem preferências por times de futebol são confiáveis? E mais: podem ser utilizadas em um estudo científico? O perfil das pesquisas.

Nunca houve uma pesquisa nacional voltada para futebol que fosse capitaneada por algum órgão governamental/oficial ou instituição de pesquisa/universidades etc. Enfim, as aferições privadas, empreendidas por institutos de pesquisas, são aquelas com as quais contamos. Nada de IBGE ou ministérios dos Esportes ou do Turismo, apesar da força econômica e cultural envolvida no futebol, como demonstrou Sérgio Paz (2009). Este autor, levantou uma série de articulações entre o futebol brasileiro e diversos aspectos da cultura nacional (como teatro, música, circo, telenovelas e literatura) que o credenciam a destacado papel de patrimônio e de lazer, uma entidade caracterizadora do país aqui e no exterior (PAZ, 2009). Teses assim desconstroem a frivolidade com que o futebol é encarado alhures.

Contudo, um **censo esportivo nunca foi levado a cabo**.

Apesar da associação coloquialmente feita entre Brasil e futebol, as pesquisas de opinião no setor também desconstróem mitos: o “não torcem F.C.” é o maior time do país, congregando milhões de pessoas que não são partidárias de um ou outro time. Diversas pesquisas têm indicado isso, como a da consultoria Pluri Stochos (2013) há pouco exibida, que apontou 20,8%. Do outro lado, porém, encontramos quase 80% de interessados no futebol e fãs de alguma agremiação futebolística.

Aí está um ponto falho nas pesquisas. Elas desconsideram a existência de milhões de torcedores, ou simpatizantes, que são **aficionados por mais de um time**, mas este torcedor/simpatizante específico não é levado em conta nas metodologias das pesquisas de opinião, as quais até costumam apresentar detalhamentos sobre o perfil do fã de futebol, como sexo, faixas etárias e de renda.

Em uma pesquisa realizada em 2012 com discentes do Instituto Federal de Educação (IF de Barbacena), consideramos (CAMPOS, 2016b) também os torcedores de mais de um clube (o que correspondeu a 14,5% do total). Entrevistamos, via questionários, 511 alunos ou, aproximadamente, 25% da comunidade discente, algo excepcional em termos estatísticos, segundo Witte e Witte (2005). Os 511 respondentes do questionário eram originários de 54 setores do município, incluindo até três distritos (Faria Lemos, Torres de São Sebastião e Ventania), além de dezenas de bairros, com perfis socioeconômicos variados. Isso consubstanciou representatividade ao questionário numa cidade de cerca de 135 mil habitantes (IBGE, 2015).

Ademais, essa pesquisa – através de seu questionário – permitiu e incluiu a ideia da transitoriedade das identidades atuais ao questionar se o entrevistado considerava-se *torcedor* (situação de caráter duradouro, como no período em que as identidades ligavam-se “a entidades fixas”, como a religião, e que pareciam não mudar nunca até meados do século XX) ou se o entrevistado considerava-se *simpatizante* de um clube de futebol (de caráter transitório, como “exigem” os atuais padrões de vinculação identitária do período pós-moderno, analisados por Bauman (2005) e Hall (2011), entre outros estudiosos da temática da identificação).

Quanto à pesquisa, a fluidez das identificações atuais também ficou manifesta nas superpostas preferências pluriclubísticas (2 a 4 times), enquanto 45 pessoas (9% do total) mostraram que o futebol não é uma unanimidade: elas não torcem e sequer simpatizam por

algum time. Por outro lado, 91% (465 alunos) têm interesse por futebol, dos quais 53,03% (197 discentes) torcem para apenas 1 time; 12,13% (62 pessoas) torcem para 2 clubes; 1,56% (8) para 3 times; e 0,78% (4) para 4 times. Portanto, esta identificação com os clubes denota fidelidade: a maioria é monoclubística e torce (271 alunos) em vez de simpatizar (195 alunos). As agremiações mais citadas estão no gráfico seguinte.

Gráfico 4.1 – Número de torcedores e simpatizantes dos clubes mais citados por alunos do Instituto Federal de Barbacena (2012).

Fonte: Campos, 2016b.

Os resultados atestaram que Barbacena pode ser considerada uma “cidade mineira”, pois os clubes do Estado são os prediletos entre os discentes do IF, confirmando a maior influência de Belo Horizonte através das suas agremiações principais, Cruzeiro e Atlético. Isso corrobora com os estudos do IBGE (1972, 1987, 2000 e 2007) sobre a rede urbana brasileira, ao colocar Barbacena na área de influência da capital mineira, mas bem perto da fronteira de influência do Rio de Janeiro. Tal quase intersecção foi apontada neste estudo: a torcida por times cariocas (Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo) e paulistas (Corinthians, São Paulo, Santos e Palmeiras) foi notável (com 145 e 85 adeptos, respectivamente), evidenciando a força das metrópoles principais.

Todavia, as pesquisas costumeiramente preterem as cidades menores em favor das maiores, do mesmo modo como se faz a medição das audiências dos canais de comunicação. E cidades pequenas é um item que não falta ao Estado de Minas Gerais, com seu plantel de mais de 850 municípios. Desse modo, teríamos ainda que contar com uma profusão de

pesquisas sobre predileção clubística apenas em Minas, onde não há, portanto, um perfil dos torcedores efetivamente sondado. As demais unidades federativas estão sob a mesma situação.

Vejamos, então, os casos em que os institutos de pesquisas se ocuparam da mensuração de torcidas em cidades mineiras. As perguntas do título sob a letra “a” serão paulatinamente respondidas como epílogo conclusivo desta subseção do Capítulo 4.

b) Pesquisas sobre predileção clubística em Minas Gerais: apontamentos para polarizações urbanas e identificações territoriais

Encontramos pesquisas referentes a 15 cidades mineiras realizadas por diferentes fontes de investigação (ÁPICE PESQUISAS, 2013; CP2 PESQUISAS, 2013; INSTITUTO VERITÁ, 2008; TABULARE CONSULTORIA, 2008). Essa variedade de instituições provocou certa oscilação dos dados, caso das idades e faixas salariais. Porém, como as informações se repetem para a maioria das cidades, as considerações são pertinentes a um conjunto uniforme de dados, não sendo necessário ater aos detalhes ausentes.

Juiz de Fora e Montes Claros não foram incluídas nesse grupo de 15 cidades, apesar da importância regional que têm para o contexto sociocultural e econômico mineiro, ao passo que Uberlândia, Uberaba, Governador Valadares, Ipatinga e 6 municípios da RMBH receberam pesquisas, endossando a concentração das investigações nos mais populosos núcleos urbanos. Portanto, as 15 cidades onde já existem pesquisas de opinião sobre preferência clubística estão mal distribuídas por Minas Gerais. Observemos tal distribuição, considerando os seguintes eixos de localização:

- centro: Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Contagem, Divinópolis, Nova Lima, Sete Lagoas e Vespasiano. Total de 8 (oito).
- norte: Capelinha. Total de 1 (um).
- sul: Campestre. Total de 1 (um).
- leste: Governador Valadares e Ipatinga. Total de 2 (dois).
- oeste: Araguari, Uberaba, Uberlândia. Total de 3 (três).

Mapa 4.1 – As 15 cidades mineiras onde houve pesquisas sobre predileção clubística (2008-2013).

Fonte: organizado pelo autor.

Dentre os **resultados apresentados**, alguns são especialmente **importantes para a indicação da polarização interna e externa ao Estado de Minas Gerais** (com destacado papel exercido por Belo Horizonte) e de uma possível identificação territorial local/regional. Assim, as informações abaixo levam em conta apenas as equipes citadas, enquanto as menos citadas, agrupadas sob a designação de “Outros clubes” (ou algo que o valha), e aqueles que não torcem, foram desconsiderados. As cidades nas quais prevalecem os torcedores dos clubes de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro são as seguintes:

- 1) torcedores de times de Minas Gerais: Ipatinga (87,5%), Sete Lagoas (71,1%), Vespasiano (69,8), Contagem (69,4%), Belo Horizonte (69,2%), Brumadinho (69,1%), Nova Lima (64%), Betim (63,8), Divinópolis (60,1%), Capelinha (52,7%), Governador Valadares (52%).
- 2) torcedores de times de São Paulo: Uberlândia (39,2%), Uberaba (37,8%), Campestre (31,2%).
- 3) torcedores de times do Rio de Janeiro: Araguari (26,4%).

Tabela 4.7 – Cidades de Minas Gerais com pesquisas sobre predileção clubística e seus torcedores segundo os estados de origem dos times de futebol (2008 e 2013).

Cidade pesquisada	Predileção declarada dos torcedores segundo os estados de origem dos clubes de futebol (em %)						
	MG	SP	RJ	RS	PR	BA	PE
Ipatinga	87,5	4,8	6,1				
Sete Lagoas	71,1	1,8	0,4				
Vespasiano	69,8	2,0	0,4				
Contagem	69,4	1,5	1,3				
Belo Horizonte	69,2	1,0	1,3			0,1	
Brumadinho	69,1	2,0	0,6				
Nova Lima	64,0	2,0	1,4				
Betim	63,8	2,3	1,3		0,1		
Divinópolis	60,1	1,6	1,2				
Capelinha	52,7	5,9	2,0				
Governador Valadares	52,0	5,2	5,4	0,2			0,2
Uberlândia	10,2	39,2	39,1				
Uberaba	16,5	36,5	22,8				
Campestre	7,3	31,2	6,6				
Araguari	5,4	20,8	26,4				

Fonte: org. pelo autor a partir de Ápice Pesquisas, 2013; CP2 Pesquisas, 2013; Instituto Veritá, 2008; Tabulare Consultoria, 2008.

As únicas cidades onde houve manifestação de torcida por clubes de outros estados, exclusive os de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, foram Governador Valadares (0,4%), Belo Horizonte (0,1%) e Betim (0,1%), sempre com 1 torcedor por clube. Em Governador Valadares citaram Grêmio (RS) e Náutico (PE); em Belo Horizonte, o Vitória-BA foi declarado; e em Betim, o Coritiba (PR).

Somente em Betim apareceram torcedores (dois) de equipes do exterior, sendo 1 do Real Madrid e 1 do Barcelona, ambos da Espanha.

Os resultados envolvendo os demais estados e o exterior eram esperados, devido ao poder econômico e futebolístico reverberado por suas equipes, representantes da força da economia regional brasileira (especialmente a do Sul) e da economia mundial (especialmente a da Europa). De toda forma, isso não apaga as manifestações do torcer verificadas pelas ruas de algumas dessas (e de outras cidades), nas quais as pessoas portam camisas e objetos dos mais expressivos clubes de futebol. Essa distorção entre empirismo e as pesquisas de opinião sobre futebol – que envolvem diferentes institutos – abre um campo de investigação futura

nessas mesmas localidades, ao mesmo tempo em que reforçam um anseio coletivo por dados censitários.

Devido aos diversos “processos fundadores” que vinculam as diferentes **regiões de Minas Gerais** aos estados vizinhos de São Paulo e do Rio de Janeiro, além da própria vinculação intra-estadual, as **áreas de influência urbana detectadas por meio das predileções por times de futebol** foram seccionadas conforme os eixos norte, sul, leste, oeste e centro de localização no território mineiro – já apresentados em anteriormente.

1) A Região Central de Minas Gerais

Esta é a parte do território mineiro marcada pela presença de Belo Horizonte e sua Região Metropolitana (RMBH), além de cidades que estão diretamente vinculadas ao efeito polarizador exercido pela capital, como Divinópolis, no Centro-Oeste de Minas Gerais, onde a forte preferência pelos times mineiros frente aos paulistas (60,1% a 1,6%) marca a presença de Belo Horizonte em antigo território cuja polarização já foi compartilhada com São Paulo.

Belo Horizonte e sua Região Metropolitana, em conjunto, funcionam como o núcleo de maior envergadura política e socioeconômica do Estado, apresentando conexões dentro e fora de Minas Gerais, conforme atestam os dados do IBGE (1972, 1987, 2000, 2008).

No primeiro estudo (IBGE, 1972), Belo Horizonte foi classificada como uma *metrópole regional*. A difícil tarefa de manter e ampliar sua área de influência em decorrência da proximidade com São Paulo e Rio já estava delineada há décadas e isso ainda se mantém.

Três etapas levaram à classificação dos níveis hierárquicos dos centros urbanos e à delimitação de suas áreas de influência. Na primeira, somou-se o número de pontos obtidos por cada centro em cada um dos setores (fluxos agrícolas, distribuição de bens e serviços à economia e à população) e o total geral. Na segunda, estabeleceu-se uma hierarquia em função dos totais em cada matriz. Finalmente, na terceira etapa, a hierarquia e a subordinação dos centros foram definidas pelo agrupamento das matrizes segundo a dominância de relações com cidades metropolitanas – as nove Regiões Metropolitanas previamente definidas – e mais a cidade de Goiânia, devido à sua extensa área de atuação e a seu forte relacionamento com São Paulo e Rio de Janeiro (IBGE, 2008, p. 129).

Espremida entre as metrópoles nacionais, a capital mineira ainda veicula uma forte hinterlândia ao seu redor, ao passo que, radialmente, sua polarização decresce à medida em que as distâncias aumentam. Desde o primeiro estudo do IBGE (1972), a área de influência belo-horizontina vem sendo ampliada, embora permanecendo um misto de polarizações, em conjunto com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, sobretudo nas regiões fronteiriças

com tais estados homônimos, como o Triângulo, o Sul de Minas e a Zona da Mata. Essa mesma situação pode ser assim enunciada, consoante Milton Santos:

Belo Horizonte, criada no fim do século XIX, teve de lutar com os centros tradicionais, até que ajudada pela presença do governo do Estado, pela organização dos transportes, pela função político-administrativa e pela recente implantação das indústrias, ela pôde se impor como a metrópole do Estado de Minas Gerais e de uma parte dos Estados de Goiás e Espírito Santo (SANTOS, 1967, p. 89).

Por essa razão, os **maiores percentuais de torcedores cujas predileções recaem sobre os times de Minas Gerais são aqueles da Região Central**, incluindo Divinópolis e Sete Lagoas, os únicos que não são componentes da RMBH, de acordo com o Observatório das Metrópoles (2004, p. 4-5). Além disso e como endosso, Cruzeiro e Atlético são clubes sediados em Belo Horizonte. Nesse mesmo sentido, **é a região mineira que mais blindou a influência de São Paulo e do Rio de Janeiro**, expressas nos baixos índices de preferência por clubes desses estados, cujos extremos – maiores e menores adesões – foram 2,3% (em Betim) e 1,5% (em Contagem) para o caso paulista, e 1,4% (Nova Lima) e 0,4% (Vespasiano) para o caso carioca, respectivamente.

Entretanto, a força econômica paulistana (1ª) e carioca (2ª) é patente nos relacionamentos empresariais com Belo Horizonte. Outras importantes relações são também reveladas com cidades externas e internas ao Estado de Minas Gerais, como Ipatinga (7ª), Juiz de Fora (9ª) e Uberlândia (10ª) (IBGE, 2008, p. 115).

Apontando no mesmo sentido da RMBH, Sete Lagoas demonstrou a maior vinculação de torcedores com o futebol mineiro na porção central de Minas Gerais. Tomando as pesquisas de opinião como referência, as maiores integrações com Belo Horizonte foram dadas por: a) Sete Lagoas (71,1%); b) Vespasiano (69,8%); c) Contagem (69,4%); d) Brumadinho (69,1%); e) Nova Lima (64%) e f) Betim (63,8%).

Segundo o IBGE (2008, p. 11), apesar de Belo Horizonte não ser uma metrópole ombreada com São Paulo e Rio de Janeiro, apresentou força polarizadora – e futebol – suficientes para exercer hierarquia urbana sobre a Região Central de Minas Gerais.

2) Leste de Minas

No elenco das 15 cidades pesquisadas, a região do Leste de Minas é representada apenas por Governador Valadares e Ipatinga, sendo esta última localizada no centro-leste mineiro, enquanto Governador Valadares é, realmente, um núcleo na porção oriental mineira.

Tal diferenciação, em princípio sutil, revela momentos distintos das cidades quanto ao efeito polarizador das metrópoles: Ipatinga esteve ligada ao domínio belo-horizontino seguidamente, enquanto Governador Valadares saiu da influência do Rio de Janeiro para a de Belo Horizonte por volta dos anos 1960 (IBGE, 1972, p. 21). Porém, Ipatinga e Governador Valadares foram as cidades com os maiores percentuais de preferência por times do Rio (6,1% e 5,4%, respectivamente), dentre as aqui analisadas, excetuando as do Triângulo Mineiro e Campestre.

Também nesses casos específicos o **futebol mostrou-se eficiente para demonstrar as diferentes vinculações urbanas**: Governador Valadares é, dentre as 11 cidades que manifestaram predileção pelos times mineiros, a de menor relação, com 52% de preferência. Ipatinga está em lugar diametralmente oposto, pois é a cidade de maior expressão desta vinculação com o futebol estadual, com 87,5% de preferência. É importante ainda lembrar que **Ipatinga possui grande ligação socioeconômica com a capital**, através da junção dos ramos da mineração e de seu beneficiamento minero-siderúrgico, constituindo setor de grande monta estadual.

Outra situação que se relaciona com a grande torcida por times mineiros em Ipatinga, pode ser manifesta na maior discrepância entre os percentuais de torcedores dos rivais Cruzeiro (50,9%) e Atlético (24,2%), revelada pela *Tabulare Consultoria*, em sua pesquisa de janeiro de 2008. Tal fato prende-se, possivelmente, a um acordo feito entre o time local, o Ipatinga, e o Cruzeiro: a equipe da capital repassava jogadores ao Ipatinga, culminando com seu inédito título de campeão mineiro em 2006, e justamente em cima do Cruzeiro. Há 41 anos um time do interior não era campeão! Além disso, o Ipatinga ainda realizou boa campanha na Copa do Brasil – eliminando equipes tradicionais – e no Mineiro de 2007, quando foi vice-campeão, em nova final contra o Cruzeiro. Assim, a pesquisa de opinião, de janeiro de 2008, possivelmente carrega tais fatos dos campeonatos para a preferência pelo Cruzeiro, incrivelmente lembrado não como rival, mas como o clube que projetou o futebol ipatinguense e a própria cidade e, independentemente disso, lembrado mesmo pelos torcedores que já possuía.

Contudo, quando o assunto é a influência de São Paulo e do Rio de Janeiro, as duas cidades convergem e apresentam números semelhantes: predileção em torno de 5% pelos times de futebol desses estados. Embora este percentual pareça tímido, serve para mostrar um recuo da influência de Belo Horizonte em comparação com a média de 1% para a RMBH, resultado 5 vezes menor.

3) Sul de Minas

O Sul de Minas contou com apenas uma cidade com pesquisa sobre a aferição das preferências clubísticas. Tal cidade é Campestre, cujos resultados apontam para uma **polarização regional fortemente concentrada nas mãos de São Paulo (31,2%)**, como tradicionalmente vem ocorrendo, já que o Sul mineiro é uma região de polarização paulista há décadas (IBGE, 1972, p. 21). Tal situação ainda perdura: “O Estado de Minas Gerais corresponde à área de influência desse centro [Belo Horizonte], exceto pela área no sul do estado, ligada a São Paulo” (IBGE, 2008, p.14). Minas Gerais aparece em 2º lugar (7,3%) e o Rio de Janeiro (6,6%) em 3º, ocupando fatias semelhantes da predileção dos torcedores.

A **ligeira vantagem de Minas Gerais sobre o Rio de Janeiro** vem sendo delineada ao longo do tempo, conforme corroboram os dados do IBGE (1972, p. 21-22), apontando a passagem de cidades da influência carioca para a de Belo Horizonte (Caxambu e São Lourenço) e mesmo da influência paulistana para a belo-horizontina (caso de Varginha).

4) Norte de Minas Gerais

O Norte de Minas Gerais, assim como o Sul, teve apenas uma cidade (Capelinha) dentre aquelas com mensuração de preferências por times de futebol. Contudo, em oposição ao Sul, mostrou grande **filiação ao efeito polarizador de Belo Horizonte**, com 52,7% das escolhas, contra 5,9% de São Paulo e apenas 2% do Rio de Janeiro.

Enquanto no Sul de Minas a tarefa de Belo Horizonte é travar uma dura batalha pela influência regional com São Paulo – a “grande metrópole nacional” (IBGE, 2008, p. 129) –, no Norte, a polarização flui com menos obstáculos, em virtude da grande distância dessa região com as demais metrópoles, incluindo Salvador, na fronteira norte. A relação do Norte de Minas com a Bahia já é alvo de observação há décadas entre os geógrafos, como aponta Milton Santos³⁶⁷ (1958 apud CORRÊA, 1967, p. 98): por conta da evolução dos meios de transportes, muitas cidades colocaram-se em melhor posição face aos centros dinâmicos do território, como Montes Claros e Anápolis, “cidades que situadas fora do território baiano, exercem, contudo, uma atuação comercial na Bahia”.

O principal núcleo urbano do norte mineiro, **Montes Claros, apresenta nítidos relacionamentos econômicos com a capital do Estado** (IBGE, 2008, p. 14, 65, 94 e 116). Mesmo sem estar incluída entre as 15 cidades pesquisadas, Montes Claros possivelmente

³⁶⁷ SANTOS, M. “Zonas de influência comercial no Estado da Bahia”. In: **Estudos de Geografia da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

apresentaria resultados de predileção clubística que iriam confirmar sua vinculação com Belo Horizonte. Dessa forma, a seleção do futebol como meio de averiguação de influências urbanas mostra-se valiosa em mais uma demonstração.

5) Oeste de Minas/Triângulo Mineiro

O Oeste de Minas, também conhecido como Triângulo Mineiro, teve 3 cidades como alvo das instituições de pesquisa: Araguari, Uberaba e Uberlândia. Essa região apresenta-se dividida pela **influência paulista (maior em Uberaba e Uberlândia) e carioca, que foi superior em Araguari**. Tais dados sobre o futebol corroboram a polarização paulista sobre o Oeste de Minas aferida pelo IBGE (2008, p. 14), mas, por outro lado, se opõem ao que o IBGE afirma: segundo este órgão, apenas a Zona da Mata tem uma influência compartilhada – entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro –, enquanto ao Triângulo é atribuída uma polarização marcadamente paulista (IBGE, 2008, p. 14). Essa diferença entre os dados oficiais e os dados oriundos das predileções clubísticas pode ser assim descortinada: as vinculações econômicas das cidades do Triângulo Mineiro dão uma dimensão das múltiplas influências futebolísticas apuradas pelas pesquisas, mostrando uma convergência entre as questões socioeconômicas e o futebol, como seu reflexo e manifestação cultural.

As predileções declaradas pelas equipes de futebol de Minas Gerais mostraram que a sua capital está num patamar bem inferior de influência no Triângulo em comparação com São Paulo e com o Rio de Janeiro. Essas predileções por times de BH foram: 5,4% em Araguari, 10,2% em Uberlândia e 16,5% em Uberaba, cujos resultados são cerca de 5, 4 e 3 vezes inferiores aos dos percentuais dos times dos estados mais citados, respectivamente. Em Uberaba, a “cidade mais mineira” do Triângulo, dentre as três pesquisadas, houve a maior preferência por times locais (caso do Nacional) entre as 15 cidades aqui selecionadas, contribuindo por pender menos para as influências externas ao Estado de Minas Gerais.

Enfim, as questões envolvendo as polarizações urbanas e as identidades regionais/territoriais puderam ser articuladas com o futebol para as regiões mineiras contempladas por pesquisas acerca de preferência clubística. Entretanto, nossa região-alvo, a Mata, não constou de nenhuma aferição em seus 142 municípios, nem mesmo em Juiz de Fora, a 2ª cidade mais populosa do interior do Estado (desconsiderando a RMBH), atrás somente de Uberlândia. Uma análise sobre a Zona da Mata, nos mesmos moldes das realizadas para as demais regiões de Minas, somente encontra guarida na mensuração oriunda

do número de curtidas verificadas nas páginas oficiais dos clubes brasileiros, cujos dados foram divididos por municípios e publicados pelo Globo Esporte (2015).

c) Aferições de preferências clubísticas por meio do total de curtidas nas páginas oficiais dos clubes de futebol (GE, 2015)

A quase inexistência de pesquisas acerca da predileção clubística nos municípios da Zona da Mata e em Juiz de Fora³⁶⁸ retira a opção pelo acompanhamento das séries históricas, o que daria maior sentido à evolução da penetração da metrópole expressa no tamanho da torcida pelo clube que nela tem origem, um meio de reverberar sua influência. As oscilações das polarizações metropolitanas seriam mais sensivelmente observáveis com mais pesquisas sobre predileção clubísticas desenvolvidas, mas isso não ocorre.

Dessa forma, a “pesquisa” via páginas oficiais dos times de futebol (GE, 2015) é, **na prática, o único caminho a ser trilhado**, mas que, a rigor, não pode ser considerada científica. Isso porque nela não constam as metodologias de amostragem impetradas pelos institutos de pesquisa, bem como faz o IBGE com as estimativas (safras agrícolas, contagem da população etc.) intercensitárias. Contudo, a equipe do Globo Esporte (GE, 2015) responsável pela pesquisa foi **assessorada por estatísticos**³⁶⁹ de renomadas universidades, como Antonio Carlos Pedroso de Lima e Lucia Pereira Barroso (USP), e Laércio Vendite (UNICAMP).

Por outro lado, as curtidas ascenderam a números elevados³⁷⁰, conferindo grande espectro de amostragem, algo que as pesquisas científicas nunca alcançaram. A pesquisa do GE (2015) também **permitiu que os internautas curtissem a página de mais de um clube**, algo que foi pouco praticado³⁷¹. Esse é outro aspecto real desprezado nas aferições científicas. Porém, há torcedores e simpatizantes “mistos” ou “pluriclubísticos”, os quais representaram quase 15% em Barbacena, como demonstrou o estudo de Campos (2016b).

A outra grande vantagem da pesquisa do GE (2015) é que ela **teve abrangência nacional** (mesmo), ao contemplar cada um dos municípios brasileiros. Esta sua qualidade é a

³⁶⁸ Tomamos conhecimento de pesquisa desenvolvida pelo jornal *Tribuna de Minas*, mas que não está disponível nem mesmo em seu sítio eletrônico. Tentamos acessá-la por meio de contato com seu editor de esportes, Wendel Guiducci, mas sem lograr êxito. Assim, foi impossível apresentar os resultados da referida pesquisa.

³⁶⁹ Durante a apuração dos resultados, o estatístico Paulo Roberto Guimarães também foi consultado.

³⁷⁰ Somente Corinthians e Flamengo tiveram cerca de 20.500.000, com mais de 10 milhões de curtidas para cada time, de acordo com o GE (2015). Entretanto, dados dos demais clubes não estão disponibilizados.

³⁷¹ Não houve a liberação de dados exatos sobre este aspecto pelo Globo Esporte (2015).

enorme lacuna das pesquisas científicas, que se limitam a poucas localidades, de praxe as maiores. No entanto, o acesso à internet no Brasil³⁷² (cerca de 60%) ainda não é generalizado, fator que também impõe limitações ao desempenho da pesquisa das curtidas, mas ainda assim muito mais democrática do que as convencionais das instituições de pesquisa.

Apesar dessas ponderações, as comparações entre as pesquisas científicas e a do GE (2015) acabam por indicar a esta última credibilidade, amparada no grande universo dos internautas que acessaram as páginas de seus clubes prediletos e, sobretudo, pelas similitudes dos resultados.

Como endosso a essa ideia, começamos pela surpreendente semelhança entre o mapa das regiões de influência das cidades e o das torcidas em Minas Gerais. Observemos que até certos delineamentos das fronteiras entre regiões de torcidas e regiões de polarização urbana são praticamente idênticos. A exceção fica por conta de Brasília-Goiânia, cujo desempenho e influência no futebol não se comparam ao seu raio de influência urbana tão claramente manifesto no noroeste mineiro. Vitória apresenta a mesma característica, só que para o leste de Minas. Ou seja, seria mesmo impossível que suas hinterlândias tivessem cartografia presente via GE (2015), não caracterizando falha da pesquisa em razão da pequena projeção do futebol de tais cidades.

Os mapas a seguir mostram que as regiões cruzeirense e belo-horizontina são muito semelhantes, mas a da torcida azul é ainda mais realista, pois ela avança sobre as franjas territoriais internas na Zona da Mata e no Sul de Minas e isso é o retrato do campo de forças estabelecido entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro (na Mata), e entre Belo Horizonte e São Paulo (no Sul), embora as 3 metrópoles tenham interseções tanto no futebol quanto na polarização dessas mesorregiões, mas isso não é perceptível no “mapa acadêmico”. É o mapa do GE (2015) que explica por meio da presença de torcedores flamenguistas no leste de Minas, que a região já foi hinterlândia carioca por várias décadas (LELOUP, 1970³⁷³ apud ARRUDA; AMORIM FILHO, 2012, p.192-193) e, a contar dos anos 1960, passou (gradualmente) ao domínio belo-horizontino (IBGE, 1972, p. 21). Assim, quando o mapa das curtidas indica áreas com predomínio de torcedores “mineiros” ou “cariocas” nas adjacências das fronteiras com Bahia e Espírito Santo, produz um retrato mais fidedigno da realidade dos sistemas urbanos metropolitanos que atuam em Minas Gerais do que o outro mapa, chancelado pela ciência, mas de resultado estático no que tange às superposições dos

³⁷² De acordo com a estimativa do IBOPE-Nielsen (julho de 2014), no Brasil 120,3 milhões de pessoas têm acesso à internet, cita o Globo Esporte (2015), o que chegaria perto de 60% da população.

³⁷³ LELOUP, Y. *Les villes du Minas Gerais*. Paris: IHEAL, 1970.

territórios sob domínio de Belo Horizonte ou do Rio, por exemplo.

Mapas 4.2 e 4.3 – Regiões de influência por predomínio de torcida e por metrópoles em Minas Gerais, respectivamente.

Fonte: Globo Esporte (GE), 2015.

Fonte: FJP, 2002³⁷⁴ apud Arruda, Amorim, 2012, p. 218

Portanto, os mapas “trocam de lugar”: aquele que parecia ser o mais duvidoso tem resultados mais expressivos do que o mapa que, a princípio, sugeria uma fortaleza com base nos preceitos científicos e que gera o mapa como síntese de suas observações. Essa certeza se esvai com o cotejamento analítico entre o que as pesquisas anunciam e seu produto cartográfico, pois o segundo mapa não perpassa a polarização difusa do leste mineiro entre Belo Horizonte e Rio, apesar de representar (somente) o domínio da capital mineira.

Outro modo de evocar uma ideia de “acertos” para a Pesquisa das Curtidas (GE, 2015) é comparar os seus resultados com pesquisas que têm cientificidade, como as das 15 cidades mineiras anteriormente analisadas (ÁPICE PESQUISAS, 2013; CP2 PESQUISAS, 2013; INSTITUTO VERITÁ, 2008; TABULARE CONSULTORIA, 2008) mais a de Campos (2016b) sobre Barbacena, totalizando 16 pesquisas.

³⁷⁴ FJP. **Metropolização de centros médios**: propostas de processos de gestão a partir do caso particular do Vale do Aço, em Minas Gerais. Belo Horizonte: FJP, 2002.

Tabela 4.8 – Comparação entre a “Pesquisa das Curtidas” (GE, 2015) e 16 pesquisas com perfil científico*.

Cidade	Institutos de Pesquisa			Globo Esporte		
	Colocação	Time	%	Colocação	Time	%
Governador Valadares	1	Cruzeiro	33,1	1	Cruzeiro	45,9
	2	Atlético-MG	18,3	2	Atlético-MG	24,8
	3	Flamengo	3,8	3	Flamengo	7,8
	4	Corinthians	2,0	4	Corinthians	5,6
	5	Palmeiras	1,6	5	São Paulo	3,7
	6	Vasco	1,4	6	Santos	2,4
	7	São Paulo	1,2	7	Palmeiras	2,2
	8	América-MG	0,4	8	Vasco	1,6
Araguari	1	Flamengo	18,4	1	Flamengo	29,3
	2	Corinthians	9,0	2	Corinthians	20,5
	3	Vasco	6,2	3	São Paulo	12,2
	4	São Paulo	5,2	4	Cruzeiro	9,1
	5	Palmeiras	5,2	5	Palmeiras	6,6
	6	Cruzeiro	4,2	6	Vasco	5,7
	7	Santos	1,4	7	Atlético-MG	4,5
	8	Fluminense	1,2	8	Santos	3,2
Uberaba (Ápice)	1	Corinthians	18,5	1	Corinthians	26,6
	2	Flamengo	14,5	2	Flamengo	21,5
	3	São Paulo	8,5	3	São Paulo	13,2
	4	Palmeiras	6,5	4	Cruzeiro	11,2
Uberaba (PHD)	1	Corinthians	20,1	Idem		
	2	Flamengo	15,6			
	3	Palmeiras	7,3			
	4	Cruzeiro	6,2			
Nova Lima	1	Cruzeiro	31,0	1	Cruzeiro	51,7
	2	Atlético-MG	24,8	2	Atlético-MG	29,7
	3	Vila Nova	8,0	3	Corinthians	3,7
	4	Flamengo	1,0	4	Flamengo	2,9
Divinópolis	1	Cruzeiro	41,5	1	Cruzeiro	44,4
	2	Atlético-MG	17,6	2	Atlético-MG	28,8
	3	Flamengo	1,0	3	Corinthians	4,2
	4	América-MG	0,8	4	Flamengo	3,8
	5	São Paulo	0,8	5	São Paulo	2,6
	6	Corinthians	0,4	6	Santos	2,0
	7	Botafogo	0,2	7	Palmeiras	1,4
	8	Santos	0,2	8	Vasco	1,0

Continua.

Cidade	Institutos de Pesquisa			Globo Esporte		
	Colocação	Time	%	Colocação	Time	%
Campestre	1	Corinthians	13,3	1	Corinthians	31,4
	2	São Paulo	6,6	2	São Paulo	19,7
	3	Santos	6,3	3	Flamengo	13,3
	4	Cruzeiro	5,3	4	Cruzeiro	8,7
	5	Flamengo	5,3	5	Santos	7,5
	6	Palmeiras	5,0	6	Palmeiras	6,8
	7	Atlético-MG	2,0	7	Atlético-MG	3,9
	8	Botafogo	1,0	8	Vasco	2,2
Capelinha	1	Cruzeiro	34,3	1	Cruzeiro	48,6
	2	Atlético-MG	17,7	2	Atlético-MG	27,9
	3	Corinthians	2,3	3	Corinthians	6,8
	4	Santos	1,3	4	Flamengo	3,5
	5	São Paulo	1,3	5	São Paulo	3,1
	6	Flamengo	1,0	6	Palmeiras	2,2
	7	América-MG	0,7	7	Santos	2,1
	8	Vasco	0,7	8	Vasco	0,7
Contagem	1	Cruzeiro	38,2	1	Cruzeiro	47,7
	2	Atlético-MG	30,5	2	Atlético-MG	35
	3	Flamengo	1,0	3	Corinthians	3,0
	4	América-MG	0,8	4	Flamengo	2,8
	5	Corinthians	0,7	5	Santos	1,9
	6	Palmeiras	0,3	6	São Paulo	1,8
	7	São Paulo	0,3	7	Palmeiras	1,3
	8	Vasco	0,3	8	Vasco	0,9
Vespasiano	1	Cruzeiro	38,2	1	Cruzeiro	43,2
	2	Atlético-MG	30,8	2	Atlético-MG	37,7
	3	Corinthians	1,0	3	Flamengo	2,8
	4	São Paulo	0,5	4	Corinthians	2,8
	5	América-MG	0,5	5	Santos	2,3
	6	Palmeiras	0,3	6	São Paulo	2,0
	7	Vila Nova	0,3	7	Palmeiras	1,3
	8	Flamengo	0,2	8	Grêmio	1,0
Brumadinho	1	Cruzeiro	38,0	1	Cruzeiro	46,2
	2	Atlético-MG	30,5	2	Atlético-MG	36,6
	3	São Paulo	1,0	3	Corinthians	3,0
	4	Corinthians	0,6	4	Flamengo	2,8
	5	América-MG	0,4	5	São Paulo	2,0
	6	Palmeiras	0,4	6	Santos	2,0
	7	Flamengo	0,4	7	Palmeiras	1,3
	8	Vila Nova	0,2	8	Vasco	1,0

Continuação.

Cidade	Institutos de Pesquisa			Globo Esporte		
	Colocação	Time	%	Colocação	Time	%
Betim	1	Cruzeiro	39,9	1	Cruzeiro	48,3
	2	Atlético-MG	23,2	2	Atlético-MG	33,1
	3	Corinthians	1,4	3	Corinthians	3,4
	4	Flamengo	1,2	4	Flamengo	3,0
	5	América-MG	0,7	5	São Paulo	2,1
	6	Palmeiras	0,4	6	Santos	2,0
	7	São Paulo	0,4	7	Palmeiras	1,4
	8	Vasco	0,1	8	Vasco	0,9
Belo Horizonte	1	Atlético-MG	35,2	1	Cruzeiro	43,4
	2	Cruzeiro	32,7	2	Atlético-MG	37,1
	3	América-MG	1	3	Flamengo	3,7
	4	Flamengo	0,8	4	Corinthians	3,4
	5	Corinthians	0,4	5	São Paulo	2,1
	6	São Paulo	0,4	6	Santos	1,8
	7	Vasco	0,3	7	Palmeiras	1,4
	8	Fluminense	0,2	8	Vasco	1,1
Sete Lagoas	1	Cruzeiro	45,9	1	Cruzeiro	51,7
	2	Atlético-MG	25	2	Atlético-MG	29,7
	3	Corinthians	1,4	3	Corinthians	3,7
	4	Vasco	0,4	4	Flamengo	2,9
	5	São Paulo	0,4	5	São Paulo	2,2
	6	América-MG	0,2	6	Santos	2,2
	7			7	Palmeiras	1,2
	8			8	Botafogo	0,8
Uberlândia	1	Flamengo	28,5	1	Flamengo	27,4
	2	Corinthians	15,5	2	Corinthians	20,4
	3	São Paulo	14,5	3	Cruzeiro	13,5
	4	Vasco	10,6	4	São Paulo	11,6
	5	Palmeiras	9,2	5	Palmeiras	6,2
	6	Cruzeiro	6,3	6	Atlético-MG	5,9
	7	Atlético-MG	3,9	7	Vasco	4,7
	8			8	Santos	3,4
Ipatinga	1	Cruzeiro	50,9	1	Cruzeiro	49,3
	2	Atlético-MG	24,2	2	Atlético-MG	25,8
	3	Ipatinga	12,4	3	Flamengo	5,7
	4	Flamengo	6,1	4	Corinthians	5,0
	5	São Paulo	1,8	5	São Paulo	3,0
	6	Palmeiras	1,8	6	Santos	2,3
	7	Corinthians	1,2	7	Palmeiras	1,9
	8			8	Vasco	1,2

Continuação.

Cidade	Institutos de Pesquisa			Globo Esporte		
	Colocação	Time	%	Colocação	Time	%
Barbacena	1	Cruzeiro	40.6	1	Cruzeiro	35.7
	2	Atlético-MG	21.82	2	Atlético-MG	19.5
	3	Flamengo	12.69	3	Flamengo	17.4
	4	Corinthians	10.65	4	Corinthians	7.5
	5	Vasco	5.58	5	São Paulo	4.2
	6	São Paulo	3.55	6	Vasco	3.8
	7	Palmeiras	1.52	7	Botafogo	3.0
	8	Fluminense	1,52	8	Palmeiras	2,4

Conclusão.

Fontes: GE (2015); Ápice (2013); Campos (2016b); CP2 (2013); Veritá (2008); Tabulare (2008).

* O América-MG não estava disponível para votação na pesquisa do GE.

Os resultados ofertados pelas pesquisas científicas e pela pesquisa do GE (2015) **apresentam enormes convergências**. Em geral, as agremiações são praticamente coincidentes na ordem de preferência, apresentando grandes aproximações também quanto ao percentual de torcedores. Existem, é claro, distorções em ambos os quesitos – *ranking* e percentual de torcida –, mas sem invalidar a similaridade entre as pesquisas científicas e a de curtidas. Salientamos que até entre os próprios institutos de pesquisas ocorrem variações, como no caso dos trabalhos desenvolvidos em Uberaba pelo Instituto PHD (2012) e pela Ápice Pesquisas (2013), cujas poucas diferenças de resultados são “agravadas” porque estão separadas por cerca de apenas 1 ano das datas de publicação.

Voltemos às indagações postuladas no início dessa exposição acerca das pesquisas sobre predileção clubística: “Pesquisas que aferem preferências por times de futebol são confiáveis? E mais: podem ser utilizadas em um estudo científico?” Ponderamos que “sim” para a dupla interrogativa. Quanto à 1ª pergunta, as diferenças encontradas foram pequenas, o que já responde também ao 2º questionamento. Portanto, estamos nos utilizando das pesquisas científicas e da “pesquisa das curtidas” nas páginas oficiais dos clubes de futebol (GE, 2015) sob a mirada de suas **similitudes de resultados, além de se transformarem em fontes primárias de informações, as quais puderam ser convertidas em mapas e em análises sobre polarizações urbanas** e muitas outras apreensões reveladoras das articulações dos sistemas urbanos em questão e, em especial, da rede de cidades da Zona da Mata.

4.5 – A LÓGICA DAS TRANSMISSÕES DO “BRASILEIRÃO” DE FUTEBOL PELA TV GLOBO E A REGIONALIZAÇÃO POR ELA CRIADA SOBRE O TERRITÓRIO MINEIRO E DA ZONA DA MATA

A escolha da TV aberta – representada pela *TV Globo* – recai na seguinte realidade nacional: a TV aberta é o maior veículo midiático da sociedade brasileira. “Os canais do sistema de televisão aberta são os mais assistidos (83,5%). Outros 10,4% assistem também canais de TV por assinatura. No total, os canais de TV aberta são assistidos por 93,9% dos entrevistados. Apenas 2,7% afirmaram que assistem apenas a canais de TV por assinatura” (BRASIL, 2010, p. 18). Embora os adeptos da TV por assinatura tenham crescido nos últimos anos, ainda assim, e pelo restrito poder aquisitivo dos brasileiros, a TV aberta permanece como maior meio de comunicação em uso na atualidade.

A próxima tabela demonstra altos percentuais no uso de antenas parabólicas no Brasil. Em termos de projeção urbana das metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo, isso representa bastante penetração, uma vez que as transmissões efetuadas para as residências com parabólica saem diretamente das sedes nacionais das emissoras de TV. No caso do futebol, significa, então, projetar as equipes cariocas e paulistanas, como decorrência das respectivas exibições da Globo e da Band, posto que equipes dessas cidades são costumeiramente escaladas para os “jogos da rede” (aqueles nacionalmente televisionados ou que atingem vasta porção territorial brasileira), procedimento que atinge os campeonatos estaduais e não só os nacionais. Conforme a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – PNAD (2013), Minas Gerais contava com 48% de domicílios utilizando sinal de televisão por antena parabólica e, em 2010, 8,8% tinham TV por assinatura, índices destoantes de São Paulo (40,2%) e Rio de Janeiro (15,1%), diz a Fundação João Pinheiro (FJP, 2011, p. 34). Esses dados reforçam a presença das 2 principais metrópoles brasileiras em Minas enquanto produtoras de influência urbana amparadas pelo futebol.

Tabela 4.9 – Principais meios de captação de sinal de TV residencial, Grandes Regiões do IBGE e Brasil (2010).

Em sua casa, qual é o principal meio de captação do sinal de TV?	Região Geográfica (%)					Brasil
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
Antena convencional	63,7	51,8	59,4	50,8	58,7	56,3
Antena parabólica	30,0	41,5	24,0	30,1	28,3	30,3
TV a cabo	2,5	4,4	13,3	14,2	7,6	10,0
TV via satélite	3,1	1,9	2,5	4,4	5,2	2,8
Outra	0,5	0,2	0,6	0,3	0,1	0,4
Não sabe	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Tamanhos amostrais por grupo	2.006	2.165	2.610	2.559	2.170	11.592

Fonte: Brasil, 2010, p. 22.

O pouco uso de emissoras “fechadas” de TV revela ainda a sociedade classista brasileira e como os mais pobres são as principais vítimas da TV aberta e de seus jogos de futebol.

Gráfico 4.2 – Meio de comunicação mais confiável de acordo com o público, Brasil (2010).

Fonte: Brasil, 2010, p. 57.

Gráfico 4.3 – Meio de comunicação mais importante para se buscar informações, Brasil (2010).

Fonte: Brasil, 2010, p. 58.

Além de monitorar os jogos transmitidos pela TV aberta para o território mineiro, analisamos particularmente a *TV Globo*. Tal escolha está fundamentada na predileção constatada por essa emissora, de acordo com o próximo gráfico. Curiosamente e a despeito dos dados que estamos apresentando, é comum nas pesquisas sobre consumo de eventos esportivos a utilização do *attendance* – comparecimento ao estádio – como meio de indicar este consumo pelo número de jogos assistidos. Contudo, afirma Giacomini (2011, p. 78) que a maioria das pessoas acompanha os jogos pela mídia – rádio, TV e internet – e isso também caracteriza consumir um evento esportivo.

Gráfico 4.4 – Canal de televisão preferido, Brasil (2010).

Fonte: Brasil, 2010, p. 20.

Aos dois fatores anteriores que sustentam nossas análises – a TV aberta e, em especial, a *TV Globo* – pode ser acrescido o fato de os **programas esportivos serem escolhidos pelos telespectadores como o 3º tipo mais relevante da TV aberta**, atrás somente dos telejornais e das novelas. É fato também que a temática esportiva é, amiúde, presente nos telejornais, considerados como os programas mais importantes da TV aberta (BRASIL, 2010, p. 19).

4.5.1 – Os territórios futebolísticos: projetando a polarização urbana via Brasileirão e TV Globo

Dentro da fase da *aceleração contemporânea* não se pode ignorar a simultaneidade das relações que um local estabelece, criando vínculos com múltiplos espaços, provocando, como dissera Harvey (2006, p. 240), um “[...] efeito avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais”, sujeitando as pessoas aos impactos de eventos situados a longas distâncias. Assim, a influência midiática é um fator real a se considerar nas escolhas clubísticas, na produção de ícones no futebol etc., obedecendo à lógica da *circulação* e da *produção alienígenas*, nos termos abordados por Milton Santos e Silveira (2002) a partir do referencial marxista.

O **futebol**, visto como uma mercadoria a mais dentro do sistema capitalista, também vai funcionar como um **modelo de produção e de circulação que não está vinculado diretamente ao local**, existindo sem a total compreensão de seus significados empresariais e mercadológicos por parte de muitos torcedores, que o veem somente pela ótica do entretenimento. Esse tipo de visão (limitada) das coisas esbarra principalmente em questões sociais, como a educação.

Como confirmação do período global, a força das corporações não podia ficar de fora. Assim, as **estratégias inseridas pelas transmissões da TV Globo** foram observadas por ser a maior detentora dos direitos de vários campeonatos no Brasil há décadas (Copa do Mundo, Mundial de Clubes, Libertadores, “Brasileirão”, Copa do Brasil, estaduais etc.). Dentre esses campeonatos, optamos por **monitorar os jogos do Campeonatos Brasileiro em suas edições de 2014 e 2015**. Os locais/prças de transmissões das partidas foram pulsados no sítio eletrônico do Globo Esporte. Por se tratar de fonte interna ao Grupo Globo deu confiabilidade à investigação científica.

Apesar do foco na Mata Mineira, adotar o campeonato estadual como alvo dos

monitoramentos não daria a ideia da superposição das influências do Rio e de São Paulo em Minas Gerais, disputando com Belo Horizonte. Isso se dá em face de um contexto regional mineiro que é considerado pela *Globo*. Sua filial de Juiz de Fora – a *TV Integração* – assim ajustou sua programação para o Globo Esporte: o 1º bloco é destinado ao noticiário local e de Minas Gerais, ao passo que o restante do programa fica responsável por uma visão nacional dos esportes. A atual estratégia da emissora é o de assegurar o vínculo regional com a transmissão dos campeonatos estaduais. Antes disso, a região de cobertura da *Globo Juiz de Fora* exibia o Globo Esporte originário de Belo Horizonte e exibia os jogos do Campeonato Carioca! A programação regional da *TV Globo* na Mata e Campo das Vertentes refletiu a difusa presença de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro no sudeste mineiro, como as pesquisas informam há décadas (IBGE, 1972, 1987, 2000 e 2008).

A limitação para essa estratégia de monitoramento dos jogos é a escassez de trabalhos anteriores análogos, impedindo comparações entre séries históricas, além da falta de dados sobre o número e a distribuição espacial das torcidas dos clubes brasileiros de futebol ou de quaisquer modalidades esportivas, que poderiam compor um “Censo dos Esportes”.

Não obstante, a mídia foi avaliada com base nas transmissões dos jogos da *TV Globo* destinadas às cidades-objeto deste estudo, situadas na Zona da Mata. **As demais mesorregiões de Minas Gerais aqui citadas/mapeados tiveram o papel de cotejamento com os dados de transmissão destinados para a Mata.** O principal objetivo pretendido com a monitoração dos jogos transmitidos pela *TV Globo* foi mostrar como o **futebol** é tomado como um produto e, assim, **funciona como meio de divulgação e sobreposição socioeconômica e cultural**, numa verdadeira divisão territorial do trabalho, apontando também duas situações: 1) como os clubes mais midiáticos penetram pelos territórios mineiro e brasileiro via TV; 2) como a *TV Globo* “regionaliza” estes territórios.

Da mesma forma, indicamos a ligação histórica já construída entre os múltiplos espaços que se relacionam dentro e fora do território mineiro, a fim de evitar o superdimensionamento de um possível papel indutor somente da mídia. Com isso, voltamos a nos referenciar em estudos que trataram das polarizações em Minas Gerais e, particularmente, na Zona da Mata e em Juiz de Fora.

A título de exemplificação, apresentamos os jogos das 16 h do Campeonato Brasileiro-2013 no dia 01/09, um domingo, que possuía as seguintes opções disponíveis para as transmissões: Botafogo x São Paulo, Corinthians x Flamengo, Coritiba x Internacional e Vitória x Criciúma.

Quadro 4.5 – Transmissões da TV Globo: jogos do Campeonato Brasileiro em 01/09/2013.

Cidade-sede da subsidiária da TV Globo	Jogo transmitido
São Paulo	Botafogo x São Paulo
Campinas, Sorocaba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Recife, Salvador e Fortaleza	Corinthians x Flamengo
Porto Alegre	Coritiba x Internacional

Fonte: TV Globo, 2013.

Em 1º lugar, é importante explicar que, habitualmente, não se transmitem os jogos para as próprias “praças” onde eles estão acontecendo, ou seja, a *Globo Bahia* não exibiu para Salvador o jogo entre Vitória e Criciúma. Observando o quadro anterior, é possível verificar que havia várias cidades “neutras” (que não estavam mandando jogos), e que para a maioria das quais o jogo transmitido foi entre Corinthians e Flamengo, justamente os clubes com as maiores torcidas do Brasil. Isso torna o exemplo escolhido da tabela ainda mais representativo e mais indicativo dos interesses econômicos presentes no futebol, já que jogavam outros dois clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, Botafogo e São Paulo. Os jogos considerados de “cadeia nacional” para transmissões da *TV Globo* são sempre aqueles envolvendo clubes paulistas e cariocas. As equipes de Minas Gerais (Cruzeiro e Atlético) e do Rio Grande do Sul (Grêmio e Internacional) representam um “plano B”, com transmissões somente regionalizadas, a não ser quando enfrentam a trupe do “plano A” global. Times dos demais estados raramente têm jogos de abrangência nacional, ou seja, é o “plano C”. Essa “obrigatoriedade” de visibilidade dos clubes mais midiáticos do Brasil pode assim comunicar-se com Adorno e Horkheimer (1985, p. 118-119, grifos nossos):

A afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. *Divertir-se significa estar de acordo*. [...]. Divertir significa sempre: não ter que pensar mais nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última idéia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. [...] *O logro, pois, não está em que a indústria cultural proponha diversões, mas no fato de que ela estraga o prazer com o envolvimento de seu tino comercial*.

Revestida de tamanho poder, a mídia vem, desde a era do rádio, atrofiando a espontaneidade e a imaginação. Os adeptos do futebol torcem entremeados pelos filtros que as emissoras de rádio e de TV impuseram e impõem décadas a fio. Porém, a **rebeldia contra as armadilhas da indústria cultural** também tem existência confirmada e, em certos, casos, até

exaltada. Foi assim que se manifestou a torcida pernambucana de Santa Cruz, Náutico e Sport por ocasião de um jogo entre Botafogo e Fluminense, válido pelo “Brasileirão” de 2013 (DANTAS, 2013, p. 13 e 14). A mensagem compartilhada avisava: “temos nossos próprios times”, e como resultado, a Arena Pernambuco recebeu um pequeno público. A rechaça aos clubes cariocas teve ampla repercussão nas redes sociais, anunciou o Yahoo/Esporte Interativo (2013), nas quais os torcedores do Sport expuseram a situação: afirmaram que a escolha da cidade para sediar o confronto entre os cariocas foi uma péssima ideia, destacando-se dois pontos, a paixão pelo clube (no caso o Sport, mas o posicionamento é válido também para Santa Cruz e Náutico) e a situação oposta, questionando como seriam recebidos os times pernambucanos no Sul do país.

Fotos 4.15, 4.16 e 4.17 – Reação de torcedores pernambucanos, paraibanos e potiguares contra seus conterrâneos que torcem para times de outros estados.

Fonte: Dantas, 2013, p. 10 e 14.

A tática da transferência do jogo – que também teve espaço nas transmissões da TV – apresenta similaridade com aquilo que Bauman (2005, p. 37) chama de *comunidades guarda-roupa*: aquelas que são invocadas a existirem enquanto dura o espetáculo (neste caso, há dois espetáculos: o jogo em si e a união das torcidas de 3 times rivais em Recife). Depois, são prontamente desfeitas: denotam a precariedade dos laços reais (com uma “empolgante partida de futebol”, exemplo dado pelo próprio Bauman) e uma distância de uma sonhada comunidade solidária.

Essa **tentativa midiática e econômica de buscar naturalizar uma identificação externa a certo território** pode servir como uma forma de reação igualmente tornada natural. “Para os mais pobres é a debilidade das expectativas [...] e a insegurança de toda ordem que pode levá-los a recorrer à sobrevalorização de um recurso simbólico-identitário, como a

língua, a religião” (HAESBAERT, 2007a, p. 52), mas surgiu por meio do futebol como expressão de resistência.

O resultado de tal “esquecimento” dessa periferia brasileira do futebol ficou atrelado à racionalidade econômica desenvolvida no país, e o **futebol acompanhou o desempenho socioeconômico das regiões dentro da divisão territorial do trabalho** (DTT) inscrita: ao declínio econômico nordestino e nortista do início do século XX seguiu-se um futebol dominado pelos centros hegemônicos. O Centro-Oeste demorou a se desconfigurar como “região-arquipélago” e também “teve que importar” suas predileções por times de futebol. Enquanto isso, o Sul reforçou seu papel agropecuário na DTT e ainda cresceu sua participação industrial, assim como Minas Gerais. Em conjunto, sulistas – gaúchos, marcadamente – e mineiros representam os maiores polos de resistência ao domínio carioca e paulista, assim como as capitais nordestinas, sobremaneira Recife e Salvador. Vendo isso sob outro aspecto, tal entrincheiramento representa também uma espécie de subimperialismo nos e para os campos midiático, cultural, político e socioeconômico.

Qualquer clube que faça uma final de campeonato de nível nacional ou internacional, geralmente alcança transmissão para todo o Brasil. Porém, em 2009, o jogo final da Taça Libertadores, envolvendo o Cruzeiro, não foi transmitido para São Paulo, onde se optou por um jogo do Corinthians, que não disputava nenhum jogo decisivo. Em dezembro de 2013 foi a vez de a Ponte Preta, de Campinas, ser preterida: seu jogo da final da Copa Sul-Americana, contra o Lanús, não foi transmitido em rede nacional pela *TV Globo*, cuja escolha se deu pelo filme “Encontro explosivo” (dia 04/12/2013). “Na quarta-feira, dia 4, a Globo exhibe Ponte Preta x Lanús para os telespectadores de São Paulo. Os dois times disputam a taça da Copa Sul-Americana no primeiro jogo da final, que será transmitido ao vivo a partir das 21h50, diretamente do estádio do Pacaembu” (GLOBO, 2013). As finais das Libertadores de 2012 e 2013 foram transmitidas nacionalmente e envolveram Corinthians e Atlético-MG. A imprensa realçou a audiência promovida pelo Galo, ombreada com a que proporcionou o Corinthians. Isso deixa em contradição o argumento do “tamanho da torcida”, sempre replicado nas escolhas da própria *TV Globo*.

Ao monitorar e mapear as regionalizações oriundas das transmissões televisivas do Campeonato Brasileiro, obtivemos pistas sobre o papel e a influência da mídia na contínua construção e desconstrução das identificações em Minas Gerais, sobremaneira na Zona da Mata, o objeto desta tese. No dia 04/09/2013, os clubes mineiros, Cruzeiro e Atlético, enfrentaram, respectivamente Bahia e Fluminense. Diante dessa informação, o jogo

envolvendo a equipe carioca foi escolhido para o Triângulo, a Zona da Mata (com influências do Rio de Janeiro) e o Sul de Minas, justamente as regiões com menor número de atleticanos, as “regiões-fronteira” do território mineiro, sob influência externa, ou seja, onde há mais torcedores de times externos, neste caso, do Fluminense. O restante do território de Minas Gerais – mais “endógeno” – ficou com o jogo entre Cruzeiro e Bahia, sobretudo quando pensamos na fronteira norte Minas-Bahia, sendo este último, um Estado mais fraco socioeconomicamente do que os vizinhos do sul, São Paulo e Rio de Janeiro, e, portanto, com menor capacidade de polarização urbana sobre Minas Gerais. Em síntese, o jogo do Atlético servido em território mineiro não foi pensado para a equipe do próprio Estado.

Considerados os fatores analisados até aqui, agrupamos condições mais favoráveis para a observação dos dados e mapas das transmissões da *TV Globo*. Primeiramente, iremos nos ater aos dados mais gerais, nacionais. Posteriormente, entraremos com o caso da Zona da Mata e as regionalizações sofridas por Minas Gerais.

Monitoramos e analisamos os jogos transmitidos pela TV Globo (2014 e 2015) nas edições de 2014 e 2015 do Campeonato Brasileiro da Série A. Como meio de homogeneizar o trato com os dados acerca do número de jogos, estes foram transformados de um número absoluto (76 partidas nas duas edições) para um dado percentual, permitindo uma comparabilidade mais fluente. Em termos gerais, houve uma nítida demarcação de **estratégias da TV Globo sobre os jogos transmitidos**, traduzida nas seguintes observações:

1ª) não houve uma semana sequer sem jogos envolvendo equipes paulistas e cariocas, os clubes mais midiáticos para a estratégia comercial da emissora, representando as maiores e mais eficazes opções de escala do número de telespectadores e retorno econômico para investidores e patrocinadores, dentre os quais Flamengo e Corinthians tiveram ainda mais espaço na grade de programação que os demais clubes desse grupo seletivo que é o mais interessante aos olhos da *TV Globo*;

2ª) as equipes dos demais estados só tiveram jogos “passados” em escala nacional quando enfrentaram os clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro, seguindo as mesmas estratégias citadas na observação anterior;

3ª) as equipes dos demais estados – que não cariocas e paulistas – têm penetração regional nas transmissões, geralmente circunscrita aos estados dos times que se enfrentam. Contudo, é possível perceber um perfil prioritário dispensado para os clubes gaúchos e mineiros neste patamar secundário estabelecido pela *TV Globo*, embora não tenha sido observado um único caso de transmissão de jogo para todo o Brasil entre equipes de tais estados. Por outro lado,

outras pesquisas não olvidaram do lado tendencioso (a favor das equipes mais midiáticas) durante as transmissões televisivas, como Damo (1999) e Galarreta e Lisboa Filho (2012)³⁷⁵.

4ª) as agremiações mais preteridas na grade dos jogos, como a Chapecoense, por exemplo, só figuram ao lado dos clubes mais midiáticos (Flamengo e Corinthians) ou numa escala de transmissão regional para o Sul, ao enfrentar Grêmio e Internacional, que são times com presença expressiva de torcedores em Santa Catarina (PLURI STOCHOS, 2013), Estado de origem da Chapecoense.

Essas constatações iniciais podem ser conferidas e balizadas pelo trecho³⁷⁶ da grade de programação da *TV Globo* para o Brasileirão 2014. Dados monitorados por Anderson Santos (2013, p. 236) sobre o certame de 2012 também informam resultados discrepantes entre as equipes disputantes. Usando outra fonte, conseguimos ainda confirmar os nossos dados coletados.

Quadro 4.6 – Jogos sob transmissão da TV Globo nas quatro primeiras rodadas do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2014.

Rodada e Data	Jogo das 16 h de domingo	Local de transmissão
1 20 abr.	São Paulo x Botafogo	RJ, ES, BA, SE, AL, PE (Caruaru), PB, RN, PI, MA, PA, AM, RO, AC, RR, AP e DF
	Atlético-MG x Corinthians	MG (menos Belo Horizonte, Varginha, Coronel Fabriciano e Montes Claros), SP, RS, SC, PR, GO, TO, MS, MT, PE (menos Caruaru) e CE
	Bahia x Cruzeiro	Belo Horizonte, Varginha, Coronel Fabriciano, Montes Claros - MG
2 27 abr.	Botafogo x Internacional	RS
	Corinthians x Flamengo	MG (Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberlândia e Ituiutaba), RJ, ES, SC, PR, GO, MS, MT, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI, MA, PA, TO, AM, RO, AC, RR, AP e DF
	Cruzeiro x São Paulo	MG (Varginha, Araxá, Coronel Fabriciano e Montes Claros) e SP

Continua.

³⁷⁵ Ambos os trabalhos analisam casos de depreciação para com o Grêmio-RS, sendo no 2º texto perante o Flamengo.

³⁷⁶ A apresentação integral da programação dos jogos é dispensável, já que o trecho exposto é suficiente para indicar as observações gerais supracitadas, que seriam exaustivamente replicadas.

Rodada e Data	Jogo das 16 h de domingo	Local de transmissão
3 4 mai.	Flamengo x Palmeiras	MG, SP, ES, Resende-RJ, Porto Alegre-RS, SC, PR, GO, TO, MS, MT, Salvador-BA, RN, CE, MA, PA (menos Santarém) e DF
	Bahia x Botafogo	RJ (menos Resende), BA (menos Salvador), SE, AL, PB, PI, Santarém-PA, AM, RO, AC, RR e AP
	Internacional x Sport	PE e RS (menos Porto Alegre)
4 11 mai.	Fluminense x Flamengo	MG (menos Uberlândia e Ituiutaba), RJ, ES, MS (Corumbá), SC, BA, SE, AL, PB, RN, CE, PI, MA, PA, AM, RO, AC, RR, AP e DF
	São Paulo x Corinthians	MG (Uberlândia e Ituiutaba), SP, PR, TO, GO, MS (menos Corumbá), MT e PE
	Chapecoense x Grêmio	RS

Conclusão.

Fonte: TV Globo, 2014.

A tabela a seguir destrona parte do discurso midiático que diz ofertar ao público aquilo que ele quer. No caso do clubismo e de seus aficionados significa expor na programação os times com mais fãs em determinados estados e regiões do país, consoante com o que afirmam as pesquisas que aferem o tamanho das torcidas. Daí para a prática, o discurso se transfigura. A seletividade passa a ser a marca das transmissões televisivas:

- i) a coerência com o discurso serve para determinadas equipes, a exemplo daquelas com as 3 maiores torcidas, Flamengo, Corinthians e São Paulo. Houve relativo equilíbrio entre tamanho da torcida e frequência na grade de jogos como para Vasco, Cruzeiro, Santos e Atlético-MG (superexposto em 2015);
- ii) percebe-se forte dissensão discurso-prática quando a *Globo* deixa o Palmeiras em 12º (2014) e 14º (2015) lugares nos *rankings* dos times com mais jogos exibidos, mesmo tendo a 5ª maior torcida. Contraditoriamente, o Fluminense foi o 4º e 5º mais exposto (nos mesmos anos) e só com a 11ª maior torcida do país (PLURI STOCHOS, 2013);
- iii) Há clubes que aparentemente, assim como o Fluminense, são beneficiados na relação dimensão da torcida-frequência de jogos exibidos. São os casos de Atlético-PR, Coritiba, Goiás, Avaí e Figueirense, dentre outros. Contudo, esse privilégio dispensado pela TV Globo se dá porque vários clubes com mais torcedores que esses estiveram fora das edições de 2014 e 2015 da Série A em algum momento, como Vasco, Botafogo, Bahia e Vitória.

Tabela 4.10 – Número de vezes na grade de exibição dos jogos, Brasileirão 2014 e 2015 (TV Globo) x Tamanho das torcidas dos clubes de futebol (Pluri Stochos).

Posição no Ranking das torcidas	% do total	Nº de vezes e posição na Grade de Programação do Brasileirão				Cotas da TV (R\$) e Ranking - 2016	
Clube	2013	2014	Posição	2015	Posição	Cota	Posição
Flamengo	16,8	25	1	22	2	170	1
Corinthians	14,6	22	2	25	1	170	1
São Paulo	8,1	19	3	22	2	110	3
Vasco	5	NP*	-	15	5	100	4
Palmeiras	4,9	8	12	6	14	100	4
Cruzeiro	3,8	17	5	14	7	60	7
Santos	3,4	8	12	10	9	80	6
Grêmio	3	10	7	12	8	60	7
Atlético-MG	2,6	9	9	16	4	60	7
Internacional	2,5	10	7	9	10	60	7
Fluminense	1,8	18	4	15	5	60	7
Botafogo	1,6	11	6	NP	-	60	7
Sport	1,4	9	9	8	11	35	13
Bahia	1,2	8	12	NP	-	35	13
Vitória	0,8	5	17	NP	-	35	13
Atlético-PR	0,7	9	9	7	13	35	13
Coritiba	0,4	7	15	6	14	35	13
Goiás	0,4	3	20	8	11	35	13
Avaí	0,3	NP	-	4	17	35	13
Figueirense	0,3	6	16	4	17	35	13
Criciúma	DI	5	17	3	19	35	13
Chapecoense	DI	5	17	3	19	35	13
Ponte Preta	DI	NP	-	2	20	35	13
Joinville	DI	NP	-	5	16	35	13

Fonte: Pluri Stochos, 2013; Zirpoli, 2013; TV Globo, 2014 e 2015.

* Não Participou.

As estratégias territoriais de transmissão dos jogos podem ser confrontadas com os mapas que versam sobre as áreas de polarização urbana realizados pelo IBGE nos estudos já mencionados. Com a elaboração de mapas com a temática das transmissões, concluímos que as **disparidades** não se restringem apenas ao **aparecimento dos clubes na programação**, mas também são **replicadas territorialmente**.

Mapa 4.4 – Áreas de Influência Urbanas das Metrôpoles Brasileiras.

Fonte: Lemos, Diniz, Guerra, 1999, s/p.

Pouco mais da metade dos jogos do Brasileirão de 2014 foi emanada a partir de São Paulo e do Rio de Janeiro para o restante do país, cujas unidades da federação tiveram jogos majoritariamente de equipes de um ou outro Estado: São Paulo se projetou sobre 10 estados, enquanto o Rio sobre 14 e mais o Distrito Federal. É o que justifica as amplas coberturas de São Paulo e do Rio de Janeiro sobre o espaço nacional evidenciadas no mapa. Evidentemente, os seus times foram habitualmente escalados para as transmissões caseiras, para dentro de seus próprios estados (CAMPOS, 2016a, p. 41).

A confrontação dos territórios polarizados pelas principais metrópoles brasileiras com os mapas sobre as transmissões dos jogos pela *TV Globo* revelam uma **influência ainda mais forte e desequilibrada no futebol do que aquela verificada no mapa de influência urbana**, o qual contém diversos fatores analisados em conjunto pelo IBGE (2008) para constatar e conferir centralidade a núcleos urbanos (como serviços aéreos, educacionais e de saúde, além das próprias redes de televisão dispostas espacialmente).

Mapa 4.5 – Polarizações Urbanas de São Paulo e do Rio de Janeiro de acordo com as transmissões do Campeonato Brasileiro de Futebol (2014) pela TV Globo.

Fonte: elaborado a partir de TV Globo, 2014.

Goiânia, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre são exemplos de metrópoles que **têm sua manifestação territorial restringida quando o assunto é o televisionamento do Campeonato Brasileiro pela Globo**. As agremiações oriundas desses estados comumente não recebem espaço nem na escala estadual quando existem jogos simultâneos do Flamengo, do São Paulo, do Corinthians etc. Isso se dá ainda que sob níveis de excelência dentro do torneio: ao Cruzeiro não coube mais espaço na programação mesmo em virtude de seu desempenho de campeão em 2013 e 2014³⁷⁷. A mesma ideia é passada para os valores das cotas, pois o Vasco receberá mais para jogar a Série B-2016 (R\$ 100 milhões) do que Atlético e Cruzeiro (R\$ 60 milhões cada) que estão na Série A (XAVIER, 2015, p. 7).

³⁷⁷ O Cruzeiro foi o 5º time mais presente na grade de programação dos jogos do Brasileirão 2014, atrás de Flamengo, Corinthians, São Paulo e Fluminense.

E assim será para todo o grupo de times preteridos pela TV, independentemente dos resultados dentro de campo, ou seja, até o melhor futebol é trocado pela maior torcida.

Mapa 4.6 – Porcentagem de transmissões de jogos do Campeonato Brasileiro (2014) em relação ao Estado de origem dos clubes participantes.

Fonte: TV Globo, 2014.

As transmissões da *TV Globo* tornam as relações entre metrópoles uma via de mão única, soprando sempre do eixo hegemônico para os demais, algo inexistente se comparado a qualquer outra atividade que exprime complementaridades e articulações, como fluxos de passageiros e de cargas (em todos os modais de transporte e a partir de todos os setores produtivos), ainda que de modo desequilibrado. Não há “nada” tão injusta e fracamente cambiante nas relações intermetropolitanas quanto o futebol. Daí ser uma atividade política a escolha dos times na programação esportiva da TV, mas que também é representativa da cultural nacional e de força socioeconômica, envolvendo cadeias produtivas e de empregos, dentre tantas especificidades perpassadas. Ou seja: uma partida de futebol não é finalizada em

si mesma. Contém uma variedade de pessoas e de setores sociais imbricados no seu acontecer.

As relações entre os times e os territórios que estes representam, a presença na grade de programação da *TV Globo* e as cotas de participação foram abordadas por Octavio Florisbal, ex-diretor geral da emissora, em entrevista concedida a Mauricio Stycer, para o UOL Esporte, em 10 de maio de 2011:

Reclamam que a gente não passa determinado jogo. Mas a gente só tem direito a três jogos. Um a gente faz para São Paulo, outro para o Rio e o terceiro a gente faz rodízio – uma semana para Porto Alegre, uma semana para Belo Horizonte, outra semana para Curitiba... A TV paga, o SporTV, faz dois jogos, em outros dias. E pay-per-view faz os dez jogos. [...].
Nós, TV Globo, gostaríamos de passar seis jogos por rodada: um jogo para São Paulo, um pro Rio, um pra Minas, um pro Rio Grande do Sul, um pro Paraná, um para o Nordeste. Por quê? Porque ia atrair muito mais audiência. O camarada em Salvador, se o time dele não está jogando, ele precisa gostar muito de futebol para ver um jogo que não é do time dele. Para nós seria muito mais interessante, mas tem um problema econômico. Iria prejudicar o pay-per-view. O dinheiro que a TV aberta teria que pagar seria um absurdo (SANTOS, 2013, p. 228)

O mesmo dinheiro que faltaria ao *SporTV* é o que já falta ao torcedor: daí a maioria contar com a TV aberta (e parabólicas) e, por conseguinte, tende a ver o que a *Globo* mandar para sua cidade, em virtude do baixo custo. É isso que o “camarada de Salvador” e de outras localidades acaba fazendo e sem ver o seu time. Em síntese, o cliente (nem) sempre tem razão!

Portanto, a **relação do torcedor com seu local de vivência** (seu time, sua cidade e até sua região) **é mediada por terceiros** (TV, outros clubes), confluindo também para um *terceiro espaço*: a **sobreposição territorial externamente construída sobre o lugar, ou um “não-lugar clubístico/futebolístico”**. Tudo isso vem com um preço: o risco de se perder uma expressão de identidade localizada, criando um novo ser híbrido, expoente até daquilo que não vivencia cotidianamente por se tratar de uma expressão cultural extrínseca ao lugar (CAMPOS, 2016a, p. 46). Ademais, o futebol brasileiro, como um todo, tende a fragilizar-se com as fortes discrepâncias que estão sendo alimentadas no e pelo mercado.

Mediado pelo capital, o Campeonato Brasileiro tende a apresentar-se previsível e enfadonho com a futura bipolarização dos capitais oriundos das cotas da televisão em benefício maior de Flamengo e Corinthians, fato que retiraria seu diferencial em relação aos campeonatos nacionais de outros países: a diversidade dos candidatos ao título, embora já esteja em vigor uma discrepância nos orçamentos clubísticos e na exposição dos times na TV aberta em favor das equipes de São Paulo e do Rio de Janeiro e, assim por diante, de acordo

com os interesses comerciais e midiáticos.

Estudos como o de Giacomini (2011) apontam para uma relação direta entre o fã de futebol, seu interesse pela modalidade esportiva, pelo time e pelos jogadores célebres, os quais, como é conhecido por todos, só os grandes orçamentos tornam possíveis que permaneçam nos clubes. Orçamentos que são, em grande medida, sustentados pelas cotas da TV. Além disso, a presença dos melhores futebolistas tende a alterar o desempenho do time nos campeonatos, o que, por seu turno, influencia o consumo esportivo (GIACOMINI, 2011, p. 288), gerando novas e crescentes receitas, alimentando essa imensa inércia de capitais.

A escolha do torcedor (de cidades, regiões e estados por todo o Brasil) de vincular-se a uma agremiação sediada longinquamente – em São Paulo ou no Rio de Janeiro, na *core* área brasileira –, (pode) significa(r) deixar de ser invisível – com o time local/regional – para filiar-se clubisticamente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Essas últimas assertivas podem ser reconhecidas nos mapas anteriormente veiculados, pois permitem verificar que a assimetria dos territórios polarizados pelas metrópoles é inequívoca quando os critérios são oriundos do IBGE e da *TV Globo*. **O sufocamento das vinculações dos torcedores com suas respectivas cidades e unidades da federação proporcionam uma “naturalização” da própria área a ser coberta por esse ou aquele jogo nas transmissões da TV aberta**, além das cotas diferenciadas a favor dos clubes mais midiáticos. Ao aspecto simbólico soma-se também a mesma intenção manifesta de naturalizar uma polarização externa, representada por São Paulo e Rio de Janeiro, os espaços luminosos do futebol, da cultura, da mídia, da economia, enfim, de quase tudo que possa expressar hegemonia. O risco é que também expresse a hegemonia de outros “futebóis” em decorrência do enfraquecimento do nosso que anda tão concentrado.

4.5.2 – Os territórios futebolísticos da TV Globo: projeção das polarizações do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte na Zona da Mata

Consoante com o que já afirmamos, a atual aceleração contemporânea deixa o espaço geográfico com inúmeras conexões, interligando os espaços. A Zona da Mata, com seus 142 municípios, não tem força hegemônica dentre os territórios que criam um novo espaço reticular. Ou seja, **a Mata é um espaço obediente às prerrogativas produtivas oriundas das principais metrópoles brasileiras detentoras das transmissões dos jogos do**

Campeonato Brasileiro de Futebol. A *TV Globo*, emissora carioca, e a *TV Bandeirantes*, de São Paulo, respondem por esse processo em escala nacional.³⁷⁸

O território de Minas Gerais é tomado pelas investidas das TVs em suas estratégias de transmissões e isso, enquanto **demonstração de influência urbana, também impõe a Belo Horizonte um domínio oriundo das metrópoles globais brasileiras**, São Paulo e Rio de Janeiro. Aliás, os territórios polarizados pelas metrópoles e pelos times de futebol se fundem nas escolhas dos territórios de Minas Gerais que receberão este ou aquele jogo. As regiões do centro, leste e norte do Estado têm maioria de torcedores de Cruzeiro e Atlético, enquanto o oeste e o sul são divididos por equipes paulistas e cariocas. A Zona da Mata, a sudeste de Minas, tem predomínio de torcedores de times de Belo Horizonte (nas suas porções norte e noroeste) e do Rio de Janeiro (nas partes sul e sudeste).

Tais dados servem às transmissões da *TV Bandeirantes*. A emissora não exibe o Campeonato Mineiro e, destarte, envia para a Zona da Mata os jogos do Campeonato Carioca. Antes de fazer isso, a *TV Bandeirantes* passava o Campeonato Paulista. Portanto, a Mata convive o ano inteiro com articulações futebolísticas com o Rio de Janeiro: nos primeiros meses com a transmissão do Carioca (pela *Bandeirantes*) e no restante do ano com o Brasileirão (pela *Globo* e também pela *Bandeirantes*, esta até 2015).

a) Áreas de cobertura das afiliadas da TV Globo em Minas Gerais

Até o início de 2016, a rede mineira da *TV Globo* era formada por 8 emissoras³⁷⁹, sediadas em Coronel Fabriciano/Ipatinga, Governador Valadares, Araxá, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberlândia, Varginha e Montes Claros.

³⁷⁸ Mas a partir de 2016 só a *Globo*, pois a *Band* não exibiu o Brasileirão neste ano.

³⁷⁹ No 1º semestre de 2016 entrou em operação a *TV Integração de Uberaba*. Nossos levantamentos são anteriores à sua fundação e, assim, esta afiliada não consta dos dados apresentados, mas sua região de cobertura foi representada pela *Globo Uberlândia*.

Mapa 4.7 – Área de cobertura das afiliadas da TV Globo em Minas Gerais (2015).

Fonte: elaborado a partir das afiliadas da TV Globo em Minas Gerais, 2015.

b) Regionalizações dos territórios mineiro e matense por meio das transmissões dos jogos do Campeonato Brasileiro (2014 e 2015) pela TV Globo

O discurso da *Globo* quanto aos jogos que ordena transmitir em suas subsidiárias é o de que “atende ao mercado” (leia-se torcidas), o mesmo utilizado para com os valores pagos aos clubes pelas cotas do direito de transmissão, beneficiando as equipes de maior torcida. No decorrer desta sub-seção veremos certas **incongruências entre os times prediletos em dadas regiões de Minas e os times mais exibidos nas transmissões da TV Globo**, o que subverte seu discurso. Para chegar a tal afirmação, monitoramos as partidas do Campeonato Brasileiro de 2014 e 2015 exibidas nas afiliadas globais em Minas Gerais.

Tabela 4.11 – Campeonato Brasileiro de Futebol (2014 e 2015) transmitido pelas afiliadas da TV Globo em Minas Gerais: distribuição (total e percentual) segundo os estados³⁸⁰ de origem dos clubes.

Sede	Estado de origem do clube transmitido	Número de jogos exibidos		% em relação ao total de transmissões	
		2014	2015	2014	2015
Belo Horizonte	MG	15	20	19,74	27,03
	RJ*	19	13	25,00	17,57
	SP**	19	24	25,00	32,43
	RS	5	5	6,58	6,76
	PR	5	6	6,58	8,11
	SC	8	5	10,53	6,76
	GO	2	1	2,63	1,35
	BA	2	-	2,63	-
	PE	1	-	1,32	-
Juiz de Fora	MG	13	12	17,11	16,22
	RJ	35	35	46,05	47,30
	SP	14	16	18,42	21,62
	RS	2	2	2,63	2,70
	PR	3	5	3,95	6,76
	SC	5	3	6,58	4,05
	GO	2	1	2,63	1,35
	BA	1	-	1,32	-
	PE	1	-	1,32	-
Uberlândia	MG	13	17	17,11	22,97
	RJ	18	22	23,68	29,93
	SP	34	26	44,74	35,14
	RS	3	3	3,95	4,05
	PR	1	4	1,32	5,41
	SC	3	2	3,95	2,70
	GO	2	-	2,63	-
	BA	2	-	2,63	-
	PE	-	-	-	-
Varginha	MG	21	21	27,63	28,38
	RJ	21	17	27,63	22,97
	SP	16	22	21,05	29,73
	RS	4	3	5,26	4,05
	PR	5	6	6,58	6,76
	SC	5	4	6,58	5,41
	GO	2	1	2,63	1,35
	BA	1	-	1,32	-
	PE	1	-	1,32	-

Continua.

³⁸⁰ Excetuando São Paulo (com o Santos) e Santa Catarina (Criciúma e Chapecoense), os demais estados têm times de suas capitais como participantes no Brasileirão. Assim, Atlético e Cruzeiro representaram Minas Gerais; o Sport representou Pernambuco; etc.

Sede	Estado de origem do clube transmitido	Número de jogos exibidos		% em relação ao total de transmissões	
		2014	2015	2014	2015
Montes Claros	MG	21	22	27,63	29,73
	RJ	18	16	23,68	21,62
	SP	19	23	25,00	31,08
	RS	4	4	5,26	5,41
	PR	5	6	6,58	8,11
	SC	5	3	6,58	4,05
	GO	2	-	2,63	-
	BA	2	-	2,63	-
	PE	-	-	-	-
Coronel Fabriciano	MG	21	22	27,63	29,73
	RJ	18	17	23,68	22,97
	SP	19	22	25,00	29,73
	RS	4	4	5,26	5,41
	PR	5	6	6,58	8,11
	SC	5	3	6,58	4,05
	GO	2	-	2,63	-
	BA	2	-	2,63	-
	PE	-	-	-	-
Governador Valadares	MG	21	20	27,63	27,03
	RJ	19	17	25,00	22,97
	SP	19	25	25,00	33,78
	RS	4	3	5,26	4,05
	PR	5	6	6,58	8,11
	SC	5	3	6,58	4,05
	GO	2	-	2,63	-
	BA	1	-	1,32	-
	PE	-	-	-	-

Continuação.

Sede	Estado de origem do clube transmitido	Número de jogos exibidos		% em relação ao total de transmissões	
		2014	2015	2014	2015
Araxá	MG	21	19	27.63	25.68
	RJ	16	19	21.05	25.68
	SP	16	25	21.05	33.78
	RS	1	2	1.32	2.70
	PR	4	6	5.26	8.11
	SC	5	2	6.58	2.70
	GO	2	-	2.63	-
	BA	2	-	2.63	-
	PE	-	-	-	-

Fonte: elaborada a partir de TV Globo, 2014 e 2015.

Conclusão.

* Em 2014, o RJ foi representado por Botafogo, Flamengo e Fluminense (o Vasco disputou a Série B), e, em 2015, por Flamengo, Fluminense e Vasco (quando o Botafogo disputou a Série B).

** Em 2014, incluía os jogos do Santos: 2 (BH), 5 (JF), 5 (Uberlândia), 3 (Varginha), 3 (Montes Claros), 3 (Cel. Fabriciano), 3 (Gov. Valadares) e 5 (Araxá). Assim ficou a exibição de jogos que envolvem somente as equipes paulistas: 17 (BH), 9 (JF), 29 (Uberlândia), 13 (Varginha), 16 (Montes Claros), 16 (Cel. Fabriciano), 16 (Gov. Valadares) e 11 (Araxá).

Em 2015, incluiu os jogos do Santos e da Ponte Preta exibidos com a seguinte frequência, respectivamente: 4 e 1 (BH), 3 e 1 (JF), 3 e 1 (Uberlândia), 3 e 1 (Varginha), 4 e 1 (M. Claros), 4 e 1 (Cel. Fabriciano), 5 e 1 (Gov. Valadares), 4 e 1 (Araxá). Eliminando as partidas dessas equipes, assim fica a exibição os jogos que envolvem somente equipes paulistas: 19 (BH), 12 (JF), 22 (Uberlândia), 18 (Varginha), 18 (M. Claros), 17 (Cel. Fabriciano), 19 (Gov. Valadares) e 20 (Araxá).

Tabela 4.12 – As 15 equipes de futebol mais frequentes nas transmissões de jogos do Campeonato Brasileiro (2014) exibidos pelas afiliadas da TV Globo em Minas Gerais.

Equipe	Belo Horiz.	Juiz de Fora	Uberl.	Varg.	Mont Claros	Coronel Fabric.	Gov. Valad.	Araxá	Total
Cruzeiro	12	9	10	16	15	15	16	16	109
Flamengo	11	21	12	11	9	9	10	15	98
Fluminense	7	12	5	8	7	7	7	8	61
São Paulo	8	2	7	7	9	9	8	5	55
Corinthians	5	5	16	44	5	5	6	3	49
Atlético-MG	3	4	3	5	5	5	5	5	35
Santos	2	5	5	3	3	3	3	5	29
Palmeiras	4	2	6	2	2	2	2	3	23
Atlético-PR	3	3	1	3	3	3	3	3	22
Grêmio	4	1	2	3	3	3	3	2	21
Chapecoense	3	1	2	3	3	3	3	2	20
Goiás	2	2	2	2	2	2	2	2	16
Botafogo	1	2	1	2	2	2	2	2	14
Coritiba	3	-	-	2	2	2	2	1	12
Figueirense	2	2	1	1	1	1	1	1	10

Fonte: elaborada a partir de TV Globo, 2014.

Quadro 4.7 – *Ranking* dos times com mais jogos exibidos nas afiliadas globais em Minas Gerais, Campeonato Brasileiro (2014).

Posição	Belo Horiz.	Juiz de Fora	Uberl.	Varg.	Montes Claros	Coronel Fabric.	Gov. Valad.	Araxá
1º	Cruzeiro	Flamengo	Corint.	Cruzeiro	Cruzeiro	Cruzeiro	Cruzeiro	Cruzeiro
2º	Flamengo	Fluminen.	Flamengo	Flamengo	Flamengo São Paulo	Flamengo São Paulo	Flamengo	Flamengo
3º	São Paulo	Cruzeiro	Cruzeiro	Fluminen.	Fluminen.	Fluminen.	São Paulo	Fluminen.
4º	Fluminense	Corint. Santos	São Paulo	São Paulo	Atlético Corinth.	Atlético Corint.	Fluminen.	Atlético Santos

Fonte: elaborada a partir de TV Globo, 2014.

Tabela 4.13 – Número de jogos exibidos no Campeonato Brasileiro (2015) segundo as 15 equipes de futebol mais frequentes nas afiliadas da TV Globo em Minas Gerais.

Equipe	Belo Horiz.	Juiz de Fora	Uberl.	Varg.	Mont. Claros	Cel. Fabric.	Gov. Valad.	Araxá	Total
Corinthians	12	6	14	12	11	11	13	13	92
Atlético-MG	12	8	8	13	12	12	10	8	83
Cruzeiro	8	5	9	8	10	10	10	11	71
Flamengo	6	13	8	7	8	8	7	8	65
Fluminense	5	11	7	5	6	6	5	5	50
São Paulo	8	5	6	5	6	6	5	5	46
Vasco	2	11	7	4	3	3	5	7	42
Santos	4	3	3	5	4	4	5	5	33
Coritiba	3	4	3	3	3	3	3	3	25
Atlético-PR	3	2	2	3	3	3	3	3	22
Internacional	3	2	2	2	2	2	2	2	17
Avaí	3	1	2	2	2	2	2	2	15
Joinville	2	2	1	2	2	2	2	1	14
Grêmio	2	-	1	1	2	2	1	1	10
Ponte Preta	1	1	1	1	1	1	1	1	8

Fonte: elaborada a partir de TV Globo, 2015.

Quadro 4.8 – *Ranking* dos times com mais jogos exibidos nas afiliadas globais em Minas Gerais, Campeonato Brasileiro (2015).

Posição	Belo Horizonte	Juiz de Fora	Uberlând.	Varginha	Montes Claros	Coronel Fabric.	Gov. Valadares	Araxá
1º	Atlético Corint.	Flamengo	Corint.	Atlético	Atlético	Atlético	Corint.	Corint.
2º	Cruzeiro Flamengo	Flumin. Vasco	Cruzeiro	Corint.	Corint.	Corint.	Atlético Cruzeiro	Cruzeiro
3º	Flamengo	Atlético	Atlético Flamengo	Cruzeiro	Cruzeiro	Cruzeiro	Flamengo	Atlético Flamengo
4º	Flumin.	Corint.	Flumin. Vasco	Flamengo	Flamengo	Flamengo	São Paulo Santos Flumin. Vasco	Vasco

Fonte: elaborada a partir de TV Globo, 2015.

Mapa 4.8 – Área de cobertura da TV Integração/Globo Juiz de Fora.

Fonte: elaborado a partir de TV Integração, 2015.

Entre as duas emissoras nacionais transmissoras de futebol (*Globo* e *Band*), somente a *TV Globo* tem filial na Zona da Mata: trata-se da *TV Integração*, sediada em Juiz de Fora. A divisão macrorregional matense não é coincidente com a região de cobertura desta emissora.

A *TV Integração* – que televisa mais os times do Rio de Janeiro – chega até 5 microrregiões matenses (Viçosa, Ubá, Muriaé, Cataguases e Juiz de Fora), além de cerca de 20 municípios da mesorregião do Campo das Vertentes (onde se destacam São João del Rei, Andrelândia e Barbacena) e diminuto trecho do Sul de Minas. A MR Viçosa é a única das 5 supracitadas com predomínio de torcida pelos times de Belo Horizonte, além de ser coberta pela *TV Globo JF* (ao sul) e pela *TV Globo BH* (ao norte). Nas outras 4 MRs cobertas pela emissora juiz-forana prevalecem os aficionados pelos clubes do Rio de Janeiro.

Portanto, os torcedores cruzeirenses e atleticanos que moram nessas 5 microrregiões veem mais jogos das agremiações cariocas. Nesse quesito, a MR Viçosa é a mais afetada pela incongruência entre a polarização futebolística belo-horizontina e a polarização futebolística carioca da *TV Globo*: a região de influência urbana de Belo Horizonte observada em Viçosa e adjacências ainda não foi estendida aos estratagemas e aos territórios de transmissões do Campeonato Brasileiro. De seus 20 municípios componentes, 13 são cobertos majoritariamente por jogos das equipes do Rio (via *TV Integração JF*) e 7 (Piranga, Amparo da Serra, Pedra do Anta, Teixeiras, Porto Firme, Canaã e Lamim) recebem a programação da *Globo Minas* (Belo Horizonte), fatiada com jogos dos clubes de São Paulo, Minas e Rio, nesta ordem. Desse modo, devido aos jogos do Brasileirão 2014 e 2015, a MR Viçosa tende a ter sua porção norte sob maior influência de Belo Horizonte e de São Paulo, enquanto a parte sul fica mais polarizada por Rio de Janeiro e São Paulo.

Mapa 4.9 – Cobertura da Zona da Mata pelas afiliadas da TV Globo.

Fonte: elaborado a partir das filiais da TV Globo de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Governador Valadares, 2015.

A *TV Integração* não cobre o trecho norte matense, capitaneado por Manhuaçu³⁸¹ e Ponte Nova, cujas microrregiões são “mineiras”, ou seja, com grande torcida de Cruzeiro e Atlético. Isso é mais um fator a obstar a polarização do Rio de Janeiro nesta parte da Mata coberta pela *Globo Minas* (de BH), pois são os jogos dos times cariocas os mais televisionados pela *Globo Juiz de Fora*, embora a filial global belo-horizontina também tenha mostrado em 2014 menos jogos de equipes mineiras (15, dos quais 12 do Cruzeiro e 3 do Atlético) do que das cariocas (19, sendo 11 só do Flamengo, 7 do Fluminense e apenas 1 do Botafogo). Já em 2015, houve uma inversão neste escore: 13 jogos das agremiações do Rio de Janeiro (6 do Flamengo, 5 do Fluminense e 2 do Vasco) e 20 das belo-horizontinas (12 do Atlético e 8 do Cruzeiro).

Os dados anteriores mostram que a anunciada estratégia global de coincidir jogos com

³⁸¹ A MR Manhuaçu é coberta pelas afiliadas de Governador Valadares e de Belo Horizonte. Os detalhes estão expostos adiante, quando esta microrregião é analisada.

as regiões de torcidas dos times disputantes não se confirma, pois:

- i) para Minas, o critério se baseou no desempenho dos times: o Cruzeiro foi mais exibido em 2014, quando foi campeão; e o mesmo valeu para o Atlético em 2015, em função de seu 2º lugar;
- ii) para o Rio de Janeiro, a emissora só foi fiel ao seu ditame de “dar o que o mercado quer” no caso do Flamengo, o clube carioca de maior torcida na região coberta pela *Globo BH*. O Fluminense (em geral o 4º de maior torcida dentre os cariocas) parece ter a simpatia da emissora, pois é o 2º mais exibido, e muito à frente de Vasco e Botafogo (que quase sempre ocupam a 2ª e a 3ª colocações entre os mais queridos times do Rio na região). Aliás, esse panorama pró-Fluminense acompanhou o que ocorreu em escala nacional;
- iii) logo, a grade de exibições de jogos do Campeonato Brasileiro não atendeu a contento a maioria da torcida (de cruzeirenses e atleticanos) das microrregiões de Ponte Nova, Viçosa e Manhuaçu que dependem do sinal da *Globo BH*.

c) Relação entre transmissão dos jogos pela TV Globo e predileção clubística nas microrregiões da Zona da Mata

Essa relação foi monitorada. Seu resultado foi reunido no mapa a seguir, através do qual é possível concluir que o critério tamanho da torcida (usado para a escolha dos jogos exibidos pela TV Globo e para as cotas pagas aos clubes) não correspondeu, por completo, aos locais para onde o Brasileirão foi transmitido.

O mapa seguinte evidencia que os quesitos globais de atender ao público majoritário possuem enormes lacunas quanto à Zona da Mata. A *Globo Juiz de Fora* abrange uma região com misturas de preferências clubísticas, embora as equipes cariocas tenham notório predomínio. A *Globo Rio de Janeiro* (matriz) fez com que, em linhas gerais, a região ficasse com divisões bem marcadas:

- times com “pouca” torcida e muito expostos: casos de Corinthians, Atlético e, principalmente, do Fluminense. Esses foram os clubes beneficiados;
- times com muita torcida e pouca exposição: Cruzeiro e Botafogo compõem esse grupo dos prejudicados;
- times com equilíbrio entre tamanho de suas torcidas e aparições na grade do Brasileirão 2015: Flamengo e Vasco foram os “justificados”.

Mapa 4.10 – Zona da Mata: relação entre transmissão do Brasileirão (2015) pela TV Integração/Globo Juiz de Fora e os territórios predominantes de torcidas.

Fonte: elaborado a partir de GE (2015) e TV Globo (2015).

O perfil torcidas-transmissões mostra uma TV Globo pouco eficiente: acerta apenas para 2 dentre os 7 clubes mais influentes na Zona da Mata (cerca de 30%). Para piorar esse desempenho, os dados de tamanho e de localização das torcidas que utilizamos são oriundos da própria emissora, por meio do Globo Esporte (GE, 2015). Tais resultados deixam enormes dúvidas quanto ao tratamento dispensado aos contendores do Brasileirão: o Fluminense é superexposto também em escala nacional, ao passo que a Botafogo e Cruzeiro se juntaria o Palmeiras. A intencionalidade demonstrada pela matriz carioca da *TV Globo* tem poder interveniente sobre jovens torcedores (em relevo, as crianças) e torcedores com baixa identificação com este ou aquele clube. De fato, a devoção da emissora ao total de torcedores parece mais uma mensagem discursiva. Os dados reais quando vistos e cotejados com essa narrativa global assumem uma contra-argumentação factível, imbuída de uma verdade que não pode ser acompanhada pelo torcedor (telespectador).

Um curioso caso ocorrido em Tiradentes, nas Vertentes, reúne polarização urbana e

futebol (a “Fute-polarização”) mediados pela TV aberta (Globo). O caso ainda pode ser o prenúncio de um porvir identitário na Mata Mineira. De acordo com o comerciante Márcio Vieira, entrevistado por Fernando Lacerda (2014, s/p), “a influência do futebol carioca aqui continua mais entre os antigos, as novas gerações se dividem entre Atlético e Cruzeiro, movidos especialmente pelas recentes conquistas de títulos [...]” - Libertadores e Campeonato Brasileiro, respectivamente.

Nem sempre foi assim. Em meados da década de 80, a cidade histórica só sintonizava a Globo de Juiz de Fora, na Zona da Mata, que transmitia jogos dos cariocas. Para conseguir ver partidas do Cruzeiro, Márcio e alguns amigos abusavam da criatividade. Eles convenciam Eros Conceição, já falecido, a ir até a torre onde fica a antena de TV e “virava a chave” para captar o sinal da Globo Minas. “O pessoal daqui ficava doido, tirava a novela do ar, o jogo dos cariocas. Depois do fim da partida, voltava para a situação normal”, contou Márcio.

Junto com a queda de polarização do Rio de Janeiro nas Vertentes (e em Tiradentes) foi a *Globo Juiz de Fora*: a cidade de Tiradentes, hoje, recebe a *Globo Minas*, como já “previa” Márcio e seus amigos.

A mesma reportagem supracitada traz ainda outro episódio que reúne futebol, mídia e polarização urbana. Esta última, avaliada até mesmo por um tiradentino que não é geógrafo.

Advogado e comerciante, Luiz José da Fonseca Neto, 34 anos, é botafoguense por causa da influência do avô [...], mas revela que é um exemplo pronto e acabado dos novos tempos futebolísticos em Tiradentes. “A perda da influência do Rio explica o meu caso, estou superando a paixão pelo Botafogo para gostar mais do Atlético. Há um *crescimento natural dos moradores daqui para os times de Minas* [...]. Hoje sou mais atleticano do que botafoguense”, acrescentou (LACERDA, 2014, s/p, grifos nossos).

O norte da Zona da Mata é servido por duas filiais da Globo – de Governador Valadares e de Belo Horizonte. Ao contrário do sul (de maioria de torcida “carioca”), o norte tem mais torcedores “mineiros”, isto é, cruzeirenses e atleticanos. Ao Flamengo no sul matense corresponde o Cruzeiro no norte, mas que foi só o 3º time mais transmitido. Portanto, o Cruzeiro é o “bicampeão do desprestígio” (no sul e no norte da Zona da Mata). Atlético e Corinthians foram as equipes mais exibidas. Embora disputassem o título do certame de 2015, pode-se outorgar ao Corinthians o posto de grande beneficiado, perpassando enorme chancela mercadológica na perspectiva do “Fla-Cor” (Flamengo-Corinthians) nacional.

A despeito desse desequilíbrio e como alento, há uma relação mais equânime no norte da Zona da Mata do que no Sul quanto ao faceamento entre torcidas e partidas transmitidas.

Mapa 4.11 – Zona da Mata: relação entre transmissão do Brasileirão (2015) pelas TVs Globo Minas (Belo Horizonte) e InterTV dos Vales (Governador Valadares) e os territórios predominantes de torcidas.

Fonte: elaborado a partir de GE (2015) e TV Globo (2015).

A seguir veremos, em minúcias, a relação entre as transmissões do Brasileirão de 2015 pela TV Globo e os territórios predominantes de torcidas em cada uma das 7 microrregiões matenses diante de suas peculiaridades.

1) Microrregião de Manhuaçu

Tabela 4.14 – Perfil das torcidas nos 20 Municípios da MR Manhuaçu segundo a origem dos times de predileção (2015).

Origem do Time	Ordem de Predileção			Variação % de predileção (Mín.-Máx.)	Média % da Microrregião
	1º	2º	3º		
Belo Horizonte	16	4	-	27,8 a 71,9	37,81
Rio de Janeiro	4	14	2	9,3 a 64,1	35,53
São Paulo	-	2	18	11,3 a 18,2	15,23

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

As equipes do Rio de Janeiro tiveram a maior torcida em Lajinha (52%), Manhumirim (60,4%), Pedra Bonita (64,1%) e Caparaó (64,1%). Nas 3 últimas localidades Flamengo e Vasco foram os times preferidos (1º e 2º lugares), enquanto em Lajinha, São João do Manhuaçu e Manhuaçu, o Flamengo manteve o 1º lugar entre os times, mas com o Cruzeiro em 2º. Mesmo com o placar das predileções BH 16 x 4 Rio, a presença da torcida dos times cariocas na MR Manhuaçu é grande, com os menores índices em Abre Campo (9,3%), Matipó (15,1%) e Santa Margarida (29,6%), mas alcançando a faixa dos 30% nos demais 13 municípios.

Os percentuais de torcedores “cariocas” na MR Manhuaçu indicam uma “rugosidade futebolística” presente nesta porção da Zona da Mata, onde a polarização predominante do Rio de Janeiro era patente até a década de 1960. Contudo, o Rio transitou da dinâmica para a perda de influência econômica, cultural e política nos últimos 50 anos, abrindo espaço para o crescimento de Belo Horizonte e de São Paulo. Esta situação é verificada também no futebol, com as equipes paulistanas obtendo torcida entre 11,3% e 13,8% em 7 municípios da MR Manhuaçu. Nos outros 13, os valores oscilaram de 15,7% a 18,2%, destacando-se o Corinthians (17 vezes em 4º lugar) – que superou a torcida atleticana em Caparaó – e o São Paulo (4 vezes com a 5ª maior torcida).

Há um grupo de equipes cariocas (Botafogo e Fluminense) e paulistas (Palmeiras e Santos) que ocuparam uma parcela pequena do total das torcidas, mas que, em conjunto, são representativas da influência externa ao Estado mineiro na MR Manhuaçu, que foi ainda a única da Zona da Mata a registrar 1 equipe que não fosse de Minas, do Rio ou de São Paulo, o Grêmio (7º lugar em Santa Margarida).

A ascensão de Belo Horizonte sobre as antigas áreas polarizadas pelo Rio de Janeiro está referenciada nos indicadores das curtidas das torcidas na MR Manhuaçu. As equipes belo-horizontinas projetaram esse domínio em 16 de seus 20 municípios (ou 80%): obtiveram os menores valores em Pedra Bonita (16,8%), Manhumirim (21,8%) e Lajinha (27,8%); atingiram a faixa dos 30% dos torcedores em 11 municípios, e dos 40% em 3 (Manhuaçu, Simonésia e Santa Margarida). As localidades “mais mineiras” foram Matipó (64,3%) e Abre Campo (71,9%).

Quanto à área de cobertura da *TV Globo*, a MR Manhuaçu tem a presença de duas emissoras: a *InterTV dos Vales*, sediada em Governador Valadares, e a *Globo Minas*, da capital. A primeira emissora abarca apenas 3 municípios (Lajinha, Chalé e Simonésia), correspondendo a 45.320 habitantes, ou a 15,55% da população microrregional. A *Globo*

Minas é responsável pelas transmissões para os demais 17 municípios da MR Manhuaçu. As duas emissoras atuam em área cuja torcida pende para os times de Belo Horizonte e, secundariamente, para os times do Rio de Janeiro.

Tabela 4.15 – Torcidas nos 20 Municípios da MR Manhuaçu: frequência dos times entre os 7³⁸² mais curtidos (2015).

Time	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º
Cruzeiro	14	3	3				
Flamengo	6	12	2				
Vasco		3	1	1	11	2	1
Atlético		2	14	2	2		
Corinthians				17	3		
São Paulo					4	14	
Botafogo						2	1
Palmeiras						1	13
Santos						1	1
Fluminense							3
Grêmio							1

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

2) Microrregião de Ponte Nova

Tabela 4.16 – Perfil das torcidas nos 18 Municípios da MR Ponte Nova segundo a origem dos times de predileção (2015).

Origem do Time	Ordem de Predileção			Variação % de predileção (Mín.-Máx.)	Média % da Microrregião
	1º	2º	3º		
Belo Horizonte	18	-	-	55,5 a 80,4	68,09
Rio de Janeiro	-	2	16	5,6 a 23,3	10,72
São Paulo	-	16	2	7,6 a 19,5	14,88

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

³⁸² Selecionamos até o 7º colocado em razão de haver 4 grandes clubes no Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense) e 3 na cidade de São Paulo (Corinthians, São Paulo e Palmeiras), que têm expressiva torcida. Com isso, foi verificado se os 2 times de Belo Horizonte (Cruzeiro e Atlético) tiveram espaço entre os 7 mais curtidos nos municípios da Zona da Mata, caso que não ocorreu, por exemplo, em Santa Rita de Jacutinga, na MR Juiz de Fora.

Tabela 4.17 – Torcidas nos 18 Municípios da MR Ponte Nova: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).

Time	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°
Cruzeiro	18						
Atlético		18					
Corinthians			14	4			
Flamengo			4	14			
São Paulo					18		
Palmeiras						16	1
Santos						1	16
Vasco						1	
Fluminense							1

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

Essas informações sobre a MR Ponte Nova revelam-na articulada com a polarização de BH, que é endógena, no centro do Estado. Essa MR está avizinhada com “localidades do minério”, como Mariana e Ouro Preto. O período da mineração no passado e da sua industrialização no século XX conectaram essa região à dinâmica da economia mineira. Esse perfil também foi consolidado no futebol: a MR Ponte Nova é a única com integral preferência pelas agremiações de BH, ocupando 1° e 2° lugares em todos os municípios. Os percentuais auferidos por Cruzeiro e Atlético foram elevados. Somente em Urucânia (55,5%) foram menores que 60%. Em 14 municípios ficaram entre 61,9% e 69%, com picos registrados em Rio Casca (70,3%), Raul Soares (70,9%) e em Barra Longa (80,4%).

Essa relação mais endógena da MR Ponte Nova com a economia mineira provavelmente responde pela menor participação das equipes do Rio de Janeiro dentre as 7 microrregiões da Zona da Mata, chegando ao 2° lugar na preferência dos torcedores apenas em Urucânia e Ponte Nova, onde os flamenguistas têm a 3ª maior torcida, embora isso tenha ocorrido também em Vermelho Novo e Rio Casca. Porém, tal situação não se converteu em predomínio do Rio de Janeiro porque as demais equipes cariocas tiveram desempenhos pífios: o Vasco obteve um único 6° lugar e o Fluminense um 7°, ao passo que o Botafogo não figurou na lista dos clubes mais votados em nenhum dos 18 municípios.

A força da maior e mais global metrópole brasileira – São Paulo – apareceu na MR Ponte Nova: arrebatou 16 vezes o 2° lugar, embora com percentuais médios semelhantes (cerca de 15%) aos registrados na MR Manhuaçu. Os times paulistanos tiveram torcida oscilando entre 7,6% (Barra Longa) e 24,5% (Guaraciaba). Nos outros 16 municípios

alcançaram de 12,1% (Rio Casca) a 19,5% (Jequeri), com 14,5% em Ponte Nova, o polo microrregional.

Acerca da relação torcidas-transmissões da TV, há um certo equilíbrio, pois as 4 equipes prediletas foram as 4 mais exibidas. A assertiva, porém, não vale para o Cruzeiro: 1º lugar entre as torcidas nos 18 municípios, e só o 3º lugar na grade da TV Globo.

3) Microrregião de Viçosa

Tabela 4.18 – Perfil das torcidas nos 20 Municípios da MR Viçosa segundo a origem dos times de predileção (2015).

Origem do Time	Ordem de Predileção			Variação % de predileção (Mín.-Máx.)	Média % da Microrregião
	1º	2º*	3º		
Belo Horizonte	18	2	-	32,7 a 78,5	51,48
Rio de Janeiro	2	3	15	6,6 a 50,1	23,24
São Paulo	-	16	4	9,5 a 26,5	20,46

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

* São Paulo e Rio empatam em 2º lugar em Teixeira.

Tabela 4.19 – Torcidas nos 20 Municípios da MR Viçosa: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).

Time	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º
Cruzeiro	18	2					
Flamengo	2	10	1	7			
Atlético-MG		7	3	10			
Corinthians		1	16	3			
São Paulo					19		1
Vasco					1	5	7
Palmeiras						11	7
Santos						3	4
Botafogo						1	1

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

A MR Viçosa também tem os jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol exibidos via *TV Globo Juiz de Fora/TV Integração* (ao sul), mas também pela *TV Globo Minas*, de Belo Horizonte (ao norte). A forte predileção demonstrada nesta microrregião pelas agremiações belo-horizontinas manifestadas em 18 de seus 20 municípios, põe em xeque a estratégia global de televisionar a maioria dos jogos dos times do Rio de Janeiro (pela *Globo JF*) e dos times paulistas (pela *Globo BH*). Em 2014 esta maioria seria carioca ao se excluir os jogos do

Santos e, em 2015, seria das equipes mineiras da capital. De toda forma, os torcedores de Cruzeiro e Atlético viram mais jogos dos concorrentes dos outros 2 estados em questão.

Dos 13 municípios da MR de Viçosa que recebem o sinal da *TV Integração* (perfazendo 173.750 hab. ou 75,20% da população microrregional), 5 têm prevalência de torcida por Cruzeiro e Atlético, quais sejam: Viçosa, Cipotânea, Alto Rio Doce, Rio Espera e Senhora de Oliveira, correspondendo a 107.854 mil habitantes (IBGE, 2015) ou a consideráveis 46,68% da população microrregional. Em 2014, a *Globo* televisionou para esta microrregião 13 jogos (17,11%) envolvendo as equipes de Belo Horizonte, e 12 jogos (16,22%) em 2015, números inferiores aos dos clubes do Rio de Janeiro (35 jogos em cada ano) e do Estado São Paulo (14 e 16, respectivamente). A falta de lógica mercadológica torna-se ainda mais grave em virtude de os demais 8 municípios terem as equipes mineiras em 2º lugar na sua predileção futebolística.

Os 7 municípios restantes – Piranga, Amparo da Serra, Pedra do Anta, Teixeiras, Porto Firme, Canaã e Lamin – recebem a programação da *Globo Minas* (Belo Horizonte), todos com predileção pelas equipes de Belo Horizonte e pelos times paulistanos em 2º lugar (sendo que em Teixeiras, houve um empate com os times cariocas em 24,9% das curtidas). Esses 7 municípios têm 57.298 habitantes ou 24,80% da população microrregional. Numa mirada rápida poderíamos supor que tais localidades estariam mais bem servidas quanto à relação entre os jogos televisionados pela *Globo* e as preferências clubísticas. Entretanto, Cruzeiro e Atlético tiveram, juntos, 15 jogos exibidos em 2014, e 20 jogos em 2015 via *TV Globo Minas* (BH); já os times cariocas tiveram 19 e 13, e os paulistanos 17 e 21, sempre respectivamente.

Portanto, seja por meio da afiliada de Juiz de Fora ou pela de Belo Horizonte, a matriz global não verte para os torcedores de Cruzeiro e Atlético da MR Viçosa o número de partidas que lhes seria “justo”. Realçamos essa afirmativa em virtude de o tamanho da torcida ser usado como mecanismo de distribuição das cotas pagas aos clubes como direito comercial na transmissão do Campeonato Brasileiro. Destarte, esse discurso da *TV Globo* não encontra igual aferição quanto ao pragmatismo na MR Viçosa, onde as pendências contra os times e aficionados “mineiros” são as mesmas das referidas cotações.

4) Microrregião de Juiz de Fora

Os times mineiros ficaram em 3º lugar na exibição de jogos do Brasileirão para a *Globo Juiz de Fora*, atrás dos times cariocas e paulistas em 2014 e 2015. Isso antagoniza com

os seguintes torcedores da MR de Juiz de Fora:

- de Santa Rita de Ibitipoca, onde Cruzeiro e Atlético têm as predileções (54,5%), seguidos pelos clubes do Rio (24%) e de São Paulo (18,2%);
- de outros 7 municípios onde Cruzeiro e Atlético reúnem mais torcida do que os times paulistanos (Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Portuguesa). São eles: São João Nepomuceno, Santos Dumont, Maripá de Minas, Senador Cortes, Juiz de Fora, Bicas e Guarará. Essas cidades somam 652.552 habitantes (IBGE, 2015) ou cerca de 25% dos quase 2,7 milhões servidos pela *TV Integração* de Juiz de Fora, para onde a matriz carioca manda exibir jogos que não estão adequados para o perfil de tais torcedores. Pesam nesse contingente as participações de Juiz de Fora, Santos Dumont e São João Nepomuceno, os 3 municípios mais populosos da MR – 555 mil, 47 mil e 26 mil moradores, respectivamente (IBGE, 2015). O Corinthians, time paulistano mais votado na MR, obteve o 5º lugar em São João Nepomuceno e Santos Dumont, o 6º lugar em Juiz de Fora e o 7º nos 4 municípios restantes.

A MR Juiz de Fora apresentou, por meio de Santa Rita de Jacutinga (5.065 hab.), o único caso dentre os 142 municípios da Zona da Mata no qual Cruzeiro e Atlético não figuraram no rol dos 7 clubes mais votados. Chiador (2.807 hab.) não teve o Atlético de 1º a 7º (este último posto ficou com o Cruzeiro). As duas localidades em destaque ficam na fronteira sul matense com o Estado do Rio de Janeiro, região com o pior desempenho dos times de Belo Horizonte.

Há uma presença marcante de Corinthians (em todos os 33 municípios) e São Paulo (em 24 municípios) dentre os mais curtidos na MR Juiz de Fora, justificando a transmissão de seus jogos. A inconsistência nas transmissões da *TV Globo* reside nos jogos exibidos do Santos (5 em 2014, e 3 em 2015) frente suas únicas presenças como 6º preferido em Chiador (2.807 hab.) e 7º em Santa Rita de Jacutinga (5.065 hab.). Ademais, ao excluir Santos e Ponte Preta (esta última só na edição de 2015) da grade de transmissão, os jogos dos times de Belo Horizonte superam os dos times paulistanos em 2014 (13 a 9) e em 2015 (20 a 19)³⁸³.

Portanto, para o amplo cenário da MR Juiz de Fora, há uma relação equilibrada entre as preferências clubísticas e os jogos exibidos pela *TV Globo*, apesar das “inadequações” que expusemos.

³⁸³ Ao contar Santos e Ponte Preta os escores são favoráveis aos clubes de São Paulo sobre os de Minas Gerais nas duas edições em tela: 2014 (14 a 13) e 2015 (24 a 20).

Tabela 4.20 – Perfil das torcidas nos 33 Municípios da MR Juiz de Fora segundo a origem dos times de predileção (2015).

Origem do Time	Ordem de Predileção			Variação % de predileção (Mín.-Máx.)	Média % da Microrregião
	1º	2º	3º		
Belo Horizonte	1	7	25	3,8 a 54,5	13,62
Rio de Janeiro	32	1	-	24,0 a 80,4	65,82
São Paulo	-	25	8	7,5 a 16,1	12,79

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

Tabela 4.21 – Torcidas nos 33 Municípios da MR Juiz de Fora: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).

Time	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º
Flamengo	32		1				
Cruzeiro	1		1	24	5		1
Vasco		26	5	1		1	
Botafogo		6	25	1			
Atlético-MG		1				27	3
Fluminense			1	1	5	2	1
Corinthians				6	22	1	4
São Paulo					1	1	22
Santos						1	1
Palmeiras							1

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

5) Microrregião de Ubá

A MR Ubá teve a mesma transmissão de jogos que a MR Juiz de Fora, ou seja, as equipes cariocas predominaram na grade, seguidas pela equilibrada divisão entre Minas e São Paulo, cuja pendência varia para São Paulo se contabilizadas as participações de Santos (2014 e 2015) e Ponte Preta (2015). Porém, para o caso da MR Ubá a inconveniência das transmissões dos jogos santistas é ainda maior do que na MR Juiz de Fora, pois a equipe do interior paulista não constou entre as prediletas em nenhum dos 17 municípios desta porção matense. Esse fato pesa mais contra o Cruzeiro, detentor de 10 segundos lugares e de 7 quartos lugares, posto também ocupado pelo Atlético em 6 localidades.

Tabela 4.22 – Perfil das torcidas nos 17 Municípios da MR Ubá segundo a origem dos times de predileção (2015).

Origem do Time	Ordem de Predileção			Variação % de predileção (Mín.-Máx.)	Média % da Microrregião
	1º	2º	3º		
Belo Horizonte	-	13	4	13,7 a 24,7	19,56
Rio de Janeiro	17	-	-	47,7 a 66,8	57,24
São Paulo	-	4	13	10,4 a 19,2	15,58

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

Tabela 4.23 – Torcidas nos 17 Municípios da MR Ubá: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).

Time	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º
Flamengo	17						
Cruzeiro		10		7			
Vasco		4	5	2	6		
Botafogo		3	4	1	1	6	2
Corinthians			8	1	6	2	
Atlético-MG				6	4	6	
São Paulo						2	14
Fluminense						1	1

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

Dentre os 5 municípios mais populosos da MR Ubá (Ubá, Visconde do Rio Branco, Rio Pomba, Tocantins e Astolfo Dutra, conjunto de 200.707 habitantes ou 69,48% da população microrregional), coube ao Cruzeiro o 2º lugar em Ubá (111.012) e Visconde do Rio Branco (41.182) que totalizam 52,69% da população MR Ubá. A equipe estrelada obteve o 4º lugar nas outras 3 localidades em questão. O Atlético auferiu o 6º lugar em Ubá, Visconde do Rio Branco e Tocantins (16.637 hab.) e um 5º lugar em Rio Pomba (17.939 hab.), mas ficou ausente dos 7 clubes mais curtidos em Astolfo Dutra (13.937 hab.) (IBGE, 2015). Todo esse panorama traduz a problemática dos torcedores de Cruzeiro e Atlético que dependem da TV aberta (*Globo JF*), pois contaram com 9 e 4 jogos (2014), e 5 e 8 jogos (2015), respectivamente. O Corinthians foi exibido 5 vezes em 2014 e 6 em 2015, o que pode ser tomado como superexposição diante de sua predileção na MR Ubá com 8 vezes em 3º lugar, mas somente 1 vez entre os 5 municípios mais populosos – em Visconde do Rio Branco. No polo microrregional, Ubá, o Corinthians é o 5º colocado, assim como em Tocantins e Astolfo

Dutra, e 6º em Rio Pomba. Portanto, conforma mais um caso de incongruência entre tamanho da torcida e exposição na mídia regional via emissora-mãe.

6) Microrregião de Muriaé

Tabela 4.24 – Perfil das torcidas nos 20 Municípios da MR Muriaé segundo a origem dos times de predileção (2015).

Origem do Time	Ordem de Predileção			Variação % de predileção (Mín.-Máx.)	Média % da Microrregião
	1º	2º	3º		
Belo Horizonte	-	19	1	9,7 a 26,5	16,45
Rio de Janeiro	20	-	-	55,2 a 71,5	64,77
São Paulo	-	1	19	9,7 a 16,1	11,68

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

Tabela 4.25 – Torcidas nos 20 Municípios da MR Muriaé: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).

Time	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º
Flamengo	20						
Vasco		18	2				
Cruzeiro		2	18				
Corinthians				14	4	2	
Atlético-MG				3	14	2	1
Botafogo				3	1	16	
Fluminense					1		15
São Paulo							4

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

A MR Muriaé também é servida pela *TV Globo Juiz de Fora*. As observações anteriores para as microrregiões de Ubá e de Juiz de Fora lhe são oportunas, como a disputa Minas-São Paulo pelo 2º lugar nas transmissões e as participações de Santos e Ponte Preta. Todavia, há certos agravantes quanto à grade de jogos exibidos e aos times de Belo Horizonte: – na MR Muriaé, Cruzeiro e Atlético estiveram 19 vezes em 2º lugar, perdendo a posição para São Paulo apenas em Eugenópolis (11.169 hab.). Isso representa uma presença belo-horizontina ainda mais efetiva do que na MR Ubá (2º lugar em 13 dos 17 municípios) e do que na MR Juiz de Fora (a despeito de um 1º lugar e 7 segundos lugares em 33 municipalidades). Assim, a prevalência de partidas das agremiações do Rio de Janeiro pode

até ser reiterada e justa quanto à relação jogos-torcidas, mas sem sua contrapartida, ou seja, não houve acréscimo de jogos televisionados dos times belo-horizontinos;

– nos 5 municípios mais populosos desta MR ocorreu considerável dianteira de preferência pelos times belo-horizontinos frente aos paulistanos, isto é, em Mirai, Muriaé, Espera Feliz, Carangola e Divino, com sensíveis diferenças de 0,7%, 2,4%, 4,8%, 6,3% e 14,9%, respectivamente. Em conjunto, tais municípios têm 199.960 habitantes ou expressivos 68,89% da população microrregional, dimensionando o abandono da “torcida mineira”.

Na MR Muriaé encontramos 2 faixas de domínio das predileções: a 1ª dividida pelos 3 primeiros colocados (Flamengo, Vasco e Cruzeiro), e a 2ª faixa dividida entre os times de 4º a 6º lugares (Corinthians, Atlético e Botafogo). O 2º posto é disputado por Vasco (18 vezes em 2º lugar) e Cruzeiro (2 vezes), invertendo a frequência no 3º lugar (18 a 2 para o Cruzeiro). O 5º lugar tem Atlético e Botafogo como contendores (ambos chegaram 3 vezes na 4ª posição), mas com vantagem do time mineiro quanto ao 5º lugar (14 a 1). As posições mais “seguras” são de Flamengo (1º lugar nos 20 municípios da microrregião), Corinthians (14 vezes em 4º lugar) e Fluminense (15 vezes em 7º).

7) Microrregião de Cataguases

Tabela 4.26 – Perfil das torcidas nos 14 Municípios da MR Cataguases segundo a origem dos times de predileção (2015).

Origem do Time	Ordem de Predileção			Variação % de predileção (Mín.-Máx.)	Média % da Microrregião
	1º	2º	3º		
Belo Horizonte	-	3	11	6,9 a 12,1	9,99
Rio de Janeiro	14	-	-	68,8 a 76,3	71,22
São Paulo	-	11	3	8,1 a 11,8	10,37

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

Os piores resultados para os times de Belo Horizonte ocorreram na MR Cataguases, cuja inclinação carioca no futebol repetiu a performance das microrregiões de Ubá e Muriaé, isto é, seus times são os prediletos em todos os municípios. Houve um surpreendente domínio das equipes paulistanas quanto ao 2º lugar (11 a 3 sobre as equipes belo-horizontinas), assim como na MR Juiz de Fora (25 a 7), atingindo pouco mais de 78% e 75% de domínio desta posição, respectivamente. Contudo, as diferenças percentuais dos clubes paulistanos para os

belo-horizontinos foram pequenas: 0,2% em 6 municípios (total de 31.024 hab.); 1% em Além Paraíba (3º mais populoso da MR, com 35.720 hab.); 1,2% em Pirapetinga (10.818 hab.); e 1,3% em Santo Antônio do Aventureiro, Volta Grande e Estrela Dalva (11.418 hab. nos três juntos).

Tabela 4.27 – Torcidas nos 14 Municípios da MR Cataguases: frequência dos times entre os 7 mais curtidos (2015).

Time	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º
Flamengo	14						
Vasco		13	1				
Botafogo		1	11	2			
Cruzeiro			1	8		5	
Fluminense			1	4	2	7	1
Corinthians					12	1	
Atlético-MG						1	13

Fonte: elaborada a partir de GE (2015).

O alento para Belo Horizonte vem do fato de a melhor colocação atingida na MR Cataguases (um 3º lugar com o Cruzeiro) ter se dado no núcleo-polo, o mais populoso (74.171 habitantes). Esta equipe ainda se postou 8 vezes em 4º lugar (o dobro do Fluminense), incluindo Leopoldina (53.145 hab.) e Recreio (10.667 hab.), o 2º e 5º mais populosos da microrregião. Por tal razão, as equipes belo-horizontinas chegaram ao 2º lugar dentre as prediletas nestas 3 localidades, que perfazem 60,92% da população microrregional. As “vitórias” belo-horizontinas sobre São Paulo (assim como as paulistanas) foram apertadas: 0,3% em Cataguases; 0,7% em Leopoldina; e 1% em Recreio.

Portanto, a contenda representada pelos clubes de São Paulo e de Belo Horizonte se dá sobre todas as localidades da MR Cataguases, mostrando que o terreno perdido pelo efeito polarizador do Rio de Janeiro se materializa por meio do futebol. A distribuição dos clubes e cidades no *ranking* na MR Cataguases indica a disputa das 3 metrópoles em tela, com posições bem claras e não ameaçadas:

- 1º) Rio de Janeiro: Flamengo (1º), Vasco (2º), Botafogo (3º) e Fluminense (5º);
- 2º) Belo Horizonte: Cruzeiro (4º) e Atlético (6º);
- 3º) São Paulo: Corinthians (5º).

Concluindo

A derrocada econômica, cultural e simbólica carioca é expressa com uma de suas poucas representatividades ainda sustentadas no atual cenário regional, ou seja, com os aficionados pelos seus clubes. As rugosidades futebolísticas dão o mote da presença do Rio de Janeiro cada vez menos partícipe e influente.

As microrregiões de Ubá, Cataguases e Muriaé são as que mostraram as mais profundas influências do Rio de Janeiro, com 100% de seus municípios (isto é, 51) preferindo os times desse Estado e sempre com o Flamengo no 1º lugar entre todos os clubes. Em termos de times de futebol, Ubá tem a MR “menos carioca” dentre as 3 supramencionadas: lá o Cruzeiro está em 2º lugar nas predileções em 10 municípios (de um total de 17), contra 2 na MR Muriaé e 1 na MR Cataguases. Quando o assunto passa para o percentual de torcedores de Cruzeiro e Atlético, a ordem anterior muda entre Muriaé e Ubá, permanecendo Cataguases como a “menos mineira” das microrregiões da Zona da Mata, cuja maior inclinação para Minas Gerais está na cidade-polo, onde o Cruzeiro é o 3º mais querido. As predileções pelo Atlético também mantiveram esta ordem, ficando 6 vezes em 4º lugar na MR Ubá e 3 na MR Muriaé. Na MR Cataguases, o Galo obteve por somente uma vez o 6º lugar.

5. IDENTIDADES E TERRITORIALIDADES: TORCEDORES, CIDADES E CLUBES DE FUTEBOL

*Os heróis na minha blusa não são os que você usa
E eu não te entendo bem...
Quantos uniformes ainda vou usar?
E quantas frases feitas vão me explicar?
Será que um dia a gente vai se encontrar? [...].
(Leoni e Léo Jaime - “Uniformes”)*

De início, a proposta temática deste capítulo requer uma aproximação com o conceito de *identidade* – ou *identificação*, como melhor cabe no gosto de alguns autores. Tal apresentação teórico-conceitual torna-se imperativa em virtude das vinculações com ciências afins à Geografia. Dessa conceituação passamos para a noção de *identidade territorial*, já com proveito de ideias próprias à Geografia.

Partimos da concepção de que a **identidade territorial se apresenta e é gerada por meio das manifestações socioculturais**, saltando-nos o caso do futebol. Ao fazer referência a uma ou outra cidade – como Rio de Janeiro e Belo Horizonte –, o **futebol reporta-nos às vinculações interurbanas**, ou seja, consubstancia-se a própria polarização urbana expressa através das cores do time de futebol, do nome, do escudo etc.

De fato, conforme apuramos em sítios eletrônicos dos clubes matenses, em publicações impressas e *on line*, fotos de livros e jornais, dentre outras fontes pesquisadas, **agremiações futebolísticas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte inspiraram denominações, cores e insígnias de muitos clubes matenses**, delineando uma dupla polarização ainda sob contenda na região.

5.1 – A NOÇÃO DE IDENTIDADE

A primeira identificação foi a da aspereza do tema, pois, ainda que o conceitual geográfico absorva a temática das identificações em certas correntes ideológicas, como na Geografia Cultural e na Geografia da Percepção e do Comportamento, ela tem suas origens e mais foco em outras ciências, como a Sociologia, a Filosofia e a Antropologia. Malgrado tais diferenças, o referencial teórico produzido por nós, geógrafos, será contemplado, mas, primeiramente, vamos para as áreas afins.

A **compreensão da identidade foi direcionada para estudos eminentes** e específicos produzidos, além de temas correlatos e pilares: Bauman (2005), Giddens (2002), Hall (2011), Silva (2011), Simmel (2006) e Woodward (2011). Tais autores apresentam muitos pontos convergentes, mas também contribuições específicas. Além disso, assim reunidos em suas generalidades e particularidades, corporificaram e ofereceram um sentido a este estudo.

Muitos estudiosos, incluindo os supracitados, argumentam que a **identidade é também composta por sua oposição** (uma ou mais diferenças), isto é, quando um indivíduo se proclama brasileiro, amante de MPB e dos livros de Dostoiévski, automaticamente está anunciando também que não é, por exemplo, jamaicano, fã de *ska* e dos livros de autoajuda. Embora possamos, como brasileiros, apresentar pontos convergentes com outras culturas e lugares do mundo – como gostar do dramaturgo russo –, o fato é que, para afirmarmos nossa identidade, precisamos nos apoiar naquilo que nos distingue de outras nacionalidades. Nesse sentido é que as chamadas “oposições binárias” são aclamadas em nome da diferenciação: “sou brasileiro porque não sou uruguaio ou português”, e assim ocorre, sucessivamente, com as demais nacionalidades. Portanto, costuma ser a diferença que nos dá o lugar onde nos situamos nas mil e uma possibilidades da identificação.

Para o caso de Minas Gerais e do futebol, abordados neste estudo, poderíamos encontrar os seguintes argumentos contrários e favoráveis ao “jogo da mineiridade”: o morador de Uberlândia observa o grande número de torcedores que os clubes do Rio de Janeiro têm em Juiz de Fora e arremata: “são uns *mineirocas*, esses aí da Zona da Mata”. Um morador de Juiz de Fora pode retrucar a provocação e dizer que não é “paulista” como o uberlandense, torcedor de um time de São Paulo. Ao ouvir tudo isso, um torcedor do Cruzeiro ou do Atlético, por exemplo, pode se autointitular como o “verdadeiro mineiro”,

independentemente da cidade onde resida, pois está “do lado dos times de Minas”. Nessa leitura dos regionalismos, Haesbaert (2002, p. 149) diz: “imaginem quantos estereótipos estas identidades regionais não difundem e quantos deles não se encontram em nossas cabeças, ainda que não tenhamos plena consciência disso”.

A situação anterior, hipoteticamente construída e considerada sobre Minas Gerais, mostra que a **identidade é relacional**. “A identidade [...] depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade, de uma identidade que ela não é”, que difere da identidade paulista ou fluminense, “[...] mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista” (WOODWARD, 2011, p. 9). Por outro lado, tal marcação da diferença também apresenta seus problemas, pois a asserção da diferença entre juiz-foranos e uberlandenses, ou entre mineiros e paulistas, “[...] envolve a negação de que não existem quaisquer similaridades entre os dois grupos” (WOODWARD, 2011, p. 9), o que, certamente, não ocorreria. Considerando isso, é possível afirmar que, para o primeiro caso citado sobre identidade, um brasileiro pode gostar de *ska*, assim como um jamaicano admirar música brasileira, e assim por diante. Contudo, é mais difícil imaginar leitores de Dostoiévski e de livros de autoajuda com muitos pontos de convergência, bem como entre fãs de *heavy metal* e os de axé e de pagode, por exemplo.

Stuart Hall (2011, p. 25) indica que há um marco divisor advindo da concepção de *individualismo* a partir da era moderna, fazendo surgir “[...] uma nova concepção do sujeito individual e de sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto ‘vívda’ quanto ‘conceptualizada’ de forma diferente”. A grande diferença é que o **indivíduo moderno passou a ter cada vez menos referências nas tradições** e nas estruturas que lhe davam apoio como ser, sobretudo a religião, confluindo para a formação de um novo indivíduo. Esse aspecto impregna também as identidades futebolísticas, as quais passam por uma fluidez em face de influências nascidas na própria modernidade, como a da mídia. Por outro lado, na atualidade o clubismo é um (raro) refúgio para aqueles que, como no passado, assumem identificações perenes.

É possível indicar, apoiado em Hall (2011), alguns movimentos, pensadores e ideologias que contribuíram para a emergência dessa concepção de homem moderno menos referenciado nas tradições:

- **A Reforma e o Protestantismo**: libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja, confrontando-a diretamente com Deus.

Essa ideologia foi repressora para com os esportes. De acordo com Huizinga (1996), as preocupações com a erudição e a moral respondem por tal situação.

- **O Humanismo Renascentista**: mudou o homem ao colocá-lo como o centro do universo. Por esse motivo, Boaventura Santos (2001, p. 136) crê que o Humanismo Renascentista é a primeira afloração paradigmática da individualidade como subjetividade e que o primeiro nome moderno da identidade é subjetividade.

Dentro do contexto do desenvolvimento dos esportes, a valorização do intelectualismo (anteriormente citada) permaneceu nesse período.

- **As Revoluções científicas**, que conferiram ao homem a faculdade e a capacidade para inquirir, investigar e decifrar a Natureza.

- **O Iluminismo**: centrado na ideia do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, que poderia se valer de toda a história da humanidade que se apresentava diante dele para dominá-la e compreendê-la.

“Somente no último quartel do século XVIII, já no contexto do *Iluminismo*, que efetivamente se expandem as idéias de resgate e revalorização dos exercícios físicos, tendo em vista agora o pleno desenvolvimento individual”, esclarece Mascarenhas (2001, p. 20). A aceitação da prática esportiva, ao ganhar as escolas, vai espalhá-la, levando consigo o futebol. Com isso, locais como as praias, por exemplo, foram valorizados por se configurarem como de excelência para praticar exercícios.

- **O “sujeito cartesiano”**: o filósofo francês René Descartes (1596-1650) postulou a existência de duas substâncias distintas – a substância espacial (a matéria) e a substância pensante (a mente). Para ele, as coisas devem ser explicadas por uma redução aos seus elementos essenciais à quantidade e, em última análise, aos seus elementos irreduzíveis. Assim, Descartes colocou o sujeito individual no centro da matéria pensante, a mente, e constituído de sua capacidade para raciocinar, que pode ser apresentado através da máxima *Cogito, ergo sum – Penso, logo, existo*. Desde então, essa concepção de sujeito pensante, consciente e racional, protagonista do conhecimento, tem sido conhecida como o “sujeito cartesiano”.

- **O “sujeito social”**: com o advento do capitalismo, o indivíduo se tornou, então, a entidade maior entre os séculos XVII e XVIII e as outras categorias, especialmente as categorias coletivas, derivavam dele (o indivíduo). Assim, na economia clássica, por exemplo, o comércio era descrito por meio de um modelo que supunha indivíduos (de posses, é claro) separados que, em algum momento, decidiam entrar em relações econômicas ou comerciais (WILLIAMS, 1976³⁸⁴, p. 135-136 apud HALL, 2011, p. 25). No entanto, as teorias clássicas

³⁸⁴ WILLIAMS, R. **Keywords**: a vocabulary of Culture and Society. Londres: Fontana, 1976, 286 p.

liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimentos individuais, tiveram que passar a conviver com as estruturas do Estado-Nação e com as grandes massas populares. É desse modo que se dá a passagem do empreendedor individual de *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, para os conglomerados empresariais da economia moderna. Nessa nova fase, “o cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno. Emergiu, então, uma concepção mais social do sujeito”, que passou a ser visto como “[...] mais localizado e definido em processos de grupo e em normas coletivas, dentro dessas grandes estruturas sustentadoras da sociedade moderna” (HALL, 2011, p. 30).

- **O sujeito moderno** teria ainda outros 2 eventos fundantes de sua conceptualização: a biologia darwiniana e o surgimento das novas ciências sociais. A teoria de Darwin deixou o sujeito *biologizado*, isto é, “a razão tinha uma base na natureza e a mente um ‘fundamento’ no desenvolvimento físico do cérebro humano” (HALL, 2011, p. 30). Quanto às novas ciências sociais, elas forneceram uma crítica do sujeito cartesiano, logo, do individualismo racional, ao localizar o indivíduo em processos de grupo e nas normas coletivas. Com isso possibilitou uma explicação alternativa do modo como as pessoas são formadas subjetivamente por meio de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentadas pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. “Essa ‘internalização’ do exterior no sujeito, e essa ‘externalização’ do interior, através da ação no mundo social [...] constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno” (HALL, 2011, p. 31) vigente na 1ª metade do século XX. No mesmo período, um quadro mais perturbador das identidades começaria a se formar junto com o Modernismo emergente.

- **O “sujeito isolado/alienado”**: surge com os movimentos estéticos e intelectuais do início do Modernismo. Esse indivíduo isolado, exilado ou alienado é colocado como pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal no início do século XX. Dentre os autores que decantam tal situação, encontram-se Simmel – abordado adiante –, Charles Baudelaire e Walter Benjamin, ou ainda Franz Kafka, com “K”, seu personagem vítima da burocracia em *O Processo*.

- **O “sujeito descentrado/fragmentado/deslocado”** da segunda metade do século XX: período em que houve o descentramento do sujeito cartesiano a partir de 5 concepções oriundas das ciências humanas:

1ª) O Marxismo. Embora os trabalhos de Marx pertençam ao século XIX, foi nos anos 1960 que ganhou notoriedade a interpretação dada ao marxismo por Louis Althusser (1918-1989), especialmente ao seguinte enunciado: os “homens fazem a história, mas apenas

sob as condições que lhe são dadas”. Ele e outros intérpretes compreenderam isso no sentido de que os indivíduos não poderiam de forma alguma ser os protagonistas da história e que Marx, ao colocar as relações sociais (modos de produção, exploração da força de trabalho etc.) e não uma noção abstrata de homem no centro de seu sistema teórico, indicou que há uma essência universal de homem, e que tal essência é o atributo de “cada indivíduo singular”, o qual é o sujeito real. Malgrado o determinismo de Althusser, seus estudos foram impactantes na modernidade tardia. A respeito do transcurso do capitalismo, Boaventura de Sousa Santos (2001, p. 142) imputou-lhe a seguinte responsabilidade: “concluo [...] que sob a égide do capitalismo, a modernidade deixou que as múltiplas identidades e os respectivos contextos intersubjectivos que a habitavam fossem reduzidos à lealdade terminal ao Estado, uma lealdade omnívora das possíveis lealdades alternativas”.

2ª) A descoberta do inconsciente por Freud. A teoria freudiana de que nossas identidades e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, difere da Razão do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa anunciado por Descartes. Outrossim, intérpretes da obra de Freud, como Jacques Lacan, afirmam que a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança *aprende* apenas gradualmente, parcialmente e com dificuldade. Em outros termos: ela não “nasce pronta”, mas é formada na relação com os outros. Portanto, a identidade é realmente formada ao longo do tempo e não é algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Assim, “em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento”. Em consequência, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*” (HALL, 2011, p. 39). Trata-se, desse modo, de um golpe nas noções anteriores de composição fixa da identidade do indivíduo.

3ª) Os significados da linguagem. De acordo com Stuart Hall (2011, p. 40-41), além de Derrida, outros modernos filósofos da linguagem também mostram o descentramento do sujeito, como Ferdinand de Saussure. Este último afirma que não somos os reais autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua, pois a língua é um sistema social e não um sistema individual. Os significados surgiriam nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras. “Nós sabemos o que é a ‘noite’ porque ela não é o ‘dia’. Observe a analogia que existe aqui entre língua e identidade. Eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’ [...] que eu não posso ser” (HALL, 2011, p.

41). Ambos – Derrida e Saussure – defendem que por mais esforços que o falante individual promova, ele não poderá fixar o significado de uma forma final e fixa, incluindo o significado de sua própria identidade.

4ª) O poder disciplinador de Foucault. O filósofo francês Michel Foucault destacou um novo tipo de poder que teve origem no século XIX, mas com apogeu no século XX: o “poder disciplinar”. Este consiste na regulação e a vigilância é o governo da humanidade. Consiste ainda em controlar e disciplinar o trabalho, os prazeres do indivíduo, sua saúde física e mental, suas práticas sexuais e sua vida familiar etc., enfim, seu objetivo precípua é produzir um ser humano que possa ser tratado como um “corpo dócil”. Para a consecução de tal ideia, o poder disciplinar lança mão das instituições criadas no século XIX e que policiam os indivíduos modernos, como os quartéis, as oficinas, as escolas, os hospitais, os presídios etc. Foucault mostra, portanto, que, quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito.

5ª) Os movimentos sociais de 1968 e o feminismo. Tais movimentos criaram um campo fértil para o aparecimento e a aceitação de “novas identidades”, pois cada um deles apelava para a identidade social de seus sustentadores: a política sexual aos gays e lésbicas; as lutas raciais aos negros; o movimento antibelicista aos pacifistas; e assim por diante. O feminismo abriu espaço para a contestação da família, da sexualidade, do trabalho doméstico, da divisão doméstica do trabalho e do cuidado com os filhos etc. O feminismo pôs em xeque a concepção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, substituindo a noção de “Humanidade” pela “questão da diferença sexual”. Segundo Hall (2011, p. 46), “aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da *posição* social das mulheres expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero”. Em suma, os movimentos de maio de 1968 aumentaram a fluidez das identificações modernas e somaram mais um golpe na fixidez das antigas concepções de identidade do indivíduo, até porque partimos de uma categoria geral para várias categorias de indivíduos. Foram multiplicadas as diferenças e a confluência humana minada e em franca obsolescência.

Diante desse quadro-resumo acerca dos movimentos, pensadores e ideologias que contribuíram para a emergência da concepção de homem moderno, é perceptível que a identificação que nós, sujeitos, realizamos, advém de nossas posturas sociais, culturais etc. Inseridas em um contexto ideológico e econômico, as identidades são compostas também dessas exterioridades.

O que foi exposto até aqui, verte para dois caminhos:

1º) a identidade, ao ser referenciada pela alteridade, nos conduz ao início desta discussão, pois ela se expressa a partir das diferenças que encontramos em relação a outras pessoas, outros grupos etc., mas que não são, necessariamente, nossos contrários e antípodas;

2º) as identidades pareciam mais seguras e duradouras até o advento da modernidade, quando as noções de duração e de pertencimento vão sendo pulverizadas em nome de uma realocização imediata e de curta duração, e quando as certezas de épocas anteriores são transformadas em um conjunto quase infundável de filiações a grupos que parecem transmitir uma identidade ao indivíduo. **No futebol**, entretantes, **há uma dupla existência de filiações fixas aos clubes** – pelos torcedores – **e de filiações cambiáveis**, situadas entre os ditos simpatizantes. Funcionando quase como um antagonista das fluidas identificações da modernidade, o futebol, ao contrário, é assentado sobre a fidelidade dos aficionados: “Hei de torcer até morrer! Porque a torcida americana é toda assim, a começar por mim”. Lamartine Babo sabia muito bem disso³⁸⁵ (GIGLIOTTI, GARCIA, 1993, p. 20.).

A segunda metade do século XX, por alguns denominada de **modernidade tardia**, trouxe, na visão de autores como Hall (2011), Woodward (2011), Silva (2011) e Giddens (2002), uma **intensificação desse “desenraizamento” ou “desencaixe”**. Esses dois caminhos passam a ser mais bem focalizados a seguir.

A forma como nos localizamos no conjunto das possibilidades de identificação, isto é, mesclando identidade e diferença, remeteu-nos aos trabalhos de Georg Simmel (2006; obra original de 1917) e de Jacques Derrida (1981³⁸⁶ apud HALL, 2011). O primeiro defende que “a semelhança com os outros não tem menos importância que a diferença com relação aos demais; semelhança e diferença são [...] os grandes princípios de todo desenvolvimento externo e interno”. Mais que isso, Simmel (2006, p. 45-46) afirmou que, indubitavelmente, na escala das relações individuais, “a diferença perante outros indivíduos é muito mais importante que a semelhança entre eles”, indicando que as **individualidades surgem em oposição ao grupo e às massas**. Alguns trechos são marcantes e só perceptíveis em plenitude com as palavras do autor:

O interesse pela diferenciação chega a ser grande o suficiente para produzi-la na prática, mesmo onde não haja nenhum motivo objetivo para isso. Percebe-se, assim, que associações [...] com pontos de vista e objetivos unificados, após algum tempo, se desmembram em facções que se

³⁸⁵ Trecho do hino do América F. C. composto por Lamartine Babo, no qual coloca-se como torcedor que era do clube carioca.

³⁸⁶ DERRIDA, J. **Writing and Difference**. Londres: Routledge, 1981.

relacionam entre si da mesma maneira que, quando unidos, se mobilizariam contra um grupo de tendência radicalmente diferente. É como se cada individualidade sentisse seu significado tão somente em contraposição com os outros, a ponto de essa contraposição ser criada artificialmente onde antes não existia (SIMMEL, 2006, p. 46-47).

Simmel (2006) também advoga que o indivíduo, quanto mais portador de qualidades, mais diferente das massas será, além de mostrar tais qualidades em profusão menor em nível coletivo e maior em nível individual. Desse modo, é inverossímil (sem trocadilhos!) que tenhamos tantas convergências entre nós e a massa. Além do quê, tal convergência é compreendida como um “[...] fenômeno que surge não da individualidade plena de cada um de seus participantes, mas daqueles fragmentos de cada um que coincidem com os dos demais. Esses fragmentos, contudo, não passam dos mais primitivos, aqueles que ocupam o lugar mais baixo no desenvolvimento” (SIMMEL, 2006, p. 50).

O trabalho de Jacques Derrida (1981 apud Hall 2011, p. 41) recai sobre a análise da **constituição das identidades a partir dos dualismos**, das diferenças, como corpo e mente; natureza e cultura; pessoas locais e forasteiros etc. Ele defende que a relação entre os dois termos dessas oposições binárias apresenta um desequilíbrio e que nessa dicotomia os significados vão sendo fixados, constituindo o que o autor chama de *différance*. Portanto, mais que definições das identidades, encontramos contingências e elas se dão marcadamente pela fluidez.

Malgrado a identidade fixa e até a relação comunitária, próxima e conhecida pelo indivíduo até o advento do mundo urbano e industrial, os novos rumos da identificação na *modernidade tardia* ganharam relações, tempos e espaços simultâneos inéditos na história da humanidade. Woodward (2011, p. 31) advoga que **diferentes contextos sociais nos envolvem em diferentes significados sociais**, como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um *jogo de futebol* (exemplo da autora), quando não somos a mesma pessoa em cada local como pressupomos. “Parece difícil separar algumas dessas identidades e estabelecer fronteiras entre elas” e, como indivíduos, “podemos passar por experiências de fragmentação nas nossas relações pessoais e no nosso trabalho” (WOODWARD, 2011, p. 31), sendo que tais experiências são mediadas no contexto de mudanças sociais, históricas, ideológicas etc. Destarte, guardadas as diferenças de envergadura, vivemos como os migrantes pelo mundo, pois não perdemos todas as raízes e também não fomos totalmente incorporados por novas identificações.

O contexto pós-moderno é marcado pela ruptura com o passado, pela descontinuidade

e fragmentação pela qual o indivíduo vem sofrendo, assinalaram Giddens (2002) e Harvey (2006, p. 256), sendo que o último aponta para um processo sem fim de novas rupturas, obrigando todos a aprenderem a lidar com um sentimento de compressão de nossos mundos espaciais e temporais, dadas as interdependências econômicas, sociais, ecológicas etc. criadas nas últimas décadas. Giddens (2002, p. 9) endossa o que foi exposto até aqui, ao afirmar que as “[...] instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global”. A seguir, conclui que a modernidade “[...] altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência”.

A despeito desses movimentos de **fixação e de fluidez das identidades ao longo da história**, o futebol insere-se com grande complexidade nessa temática, pois apresenta uma coexistência dessas duas formas de se autoidentificar. Quando um torcedor “vira a casaca”, como se diz no “futebolês”, isto é, quando passa a torcer para outro clube, é tido como traidor pelos outros, que também disparam: “um *verdadeiro* torcedor não muda de time”. Foi o que ocorreu com Chico Anísio, quando trocou o América-RJ – há décadas sem títulos – pelo Vasco da Gama, exemplo que não foi seguido por outros ilustres torcedores do modesto clube carioca, como Tim Maia (GIGLIOTTI e GARCIA, 1993, p. 19). Assim, **o futebol pode confirmar que passamos pela fluidez das identificações e por uma substituição de valores tradicionais sob a influência de valores globais e econômicos**. Nesse sentido e como testemunho de tais “novos tempos”, o torcedor do América-MG, Marco Antônio, afirmou que “a maior dificuldade [para aumentar a torcida americana entre os mais jovens] é lutar contra a influência negativa da mídia que privilegia os clubes de grandes torcidas”.

Há autores, como Carvalho (2012, p. 15-39), que buscam uma vinculação entre a forma de jogar futebol e o modo de viver de certos povos: *Você joga como você é*, dá nome a uma das seções de seu livro. Eis alguns exemplos analisados:

a) Noruega: também é um “país do futebol”, sobretudo do futebol feminino, com cerca de 11% da população compostos por jogadores de futebol. Isso é um autêntico fenômeno se comparado a Brasil (quase 7%) e Itália (quase 8%). País várias vezes líder do *ranking* mundial da qualidade de vida, a Noruega tem uma sociedade obcecada por organização. O norueguês é, “por natureza”, metódico e grande parte da população está filiada a inúmeras associações e entidades representativas, incluindo o futebol: as ligas são hermeticamente montadas em divisões regionais; há calendários exemplares cumpridos à risca; os clubes têm cronogramas para tudo – para treinar, jogar, viajar e para fechar as portas na hibernação. “Os

noruegueses jogam como vivem. Dentro de campo são de um estoicismo tático irritante. Não arredam pé de seu sistema de jogo seja qual for o resultado” (CARVALHO, 2012, p. 16-17).

É essa configuração/personalidade futebolística que ficou conhecida como *estilo nacional*, afinal as raízes permanecem, a despeito da globalização mundial e de influências externas, “[...] porque é impossível desvincular o futebol de cada sociedade constituída” (CARVALHO, 2012, p. 17).

b) Itália: Carvalho (2012, p. 21-25) analisa o povo italiano sob o viés da voluntariedade nas relações emocionais, tendendo até ao exagero em certos casos. Assim, nada é simples e corriqueiro. Isso vale para política, relações pessoais, religião e, claro, também para o futebol. Guardados os possíveis exageros também do autor, o italiano leva para o terreno do *calcio* (futebol) os seus dramas, ali purgando diferenças políticas e regionais historicamente estabelecidas.

O futebol italiano retrata, com rigor, tanto as rivalidades locais, os dérbis, como a distância entre norte e sul. Essa complexidade social pode ser ilustrada com a seguinte passagem: a torcida do Napoli, clube do sul da Itália, na semifinal da Copa de 1998, torceu pela Argentina contra a própria *squadra azzurra*. O motivo? Na Argentina jogava Maradona, jogador do Napoli, o maior responsável por mostrar à Itália que “nós existimos”, afirmavam os torcedores. Foi a vingança dos *terroni* (termo depreciativo pelo qual os sulistas são chamados). Portanto, a existência e a afirmação da identidade expressam-se pela diferença mais uma vez, como debatido nesta tese.

Com tais nuances dramáticas, o futebol italiano adotou a paixão pelo incerto e pelo suspense, representado pela máxima: “É preciso defender bem, o resto veremos depois. O acaso sempre pode resolver”. A despeito das críticas e do baixíssimo índice de gols por partida no campeonato nacional, é assim que jogam os italianos e as grandes conquistas de seu selecionado têm origem neste estilo dramático de jogo à imagem de sua sociedade.

c) Brasil: para Carvalho (2012, p. 33-39), o estilo brasileiro de jogar opôs, por muitos anos, os defensores do “futebol arte” e os defensores do “futebol força”. Permeado pela individualidade, pelo improviso, pela junção cultural com a música, a dança e pela miscigenação entre negros e brancos, o futebol brasileiro ficou romanticamente relacionado com o futebol arte, sobretudo até os anos 1980. Daí em diante, a ideia de treinar pouco e vencer pelo talento foi substituída pela apreensão tática, mas sem limitar o espaço das individualidades, não suprimindo, assim, o papel dos craques. Quando ocorreu a adoção de modelos táticos ortodoxos – total ou parcialmente, como nas seleções de 1990 (sob o

comando de Lazaroni) e de 1994 (com Parreira) – não foi bem aceito pelos torcedores, ainda que o Brasil tenha sido o campeão da Copa de 1994. Ao contrário, a Seleção de 1982 é sempre reverenciada pelo belo modo de atuar, apesar do 5º lugar obtido.

O escrete nacional é, desse modo, uma espécie de síntese da sociedade brasileira, marcada pela pluralidade cultural e todos os desafios que isso imputa, desde o fracasso de 1950, colocado sobre os ombros dos defensores negros ao final da Copa do Mundo, até o “reinado” do também negro, mas majestoso, Pelé³⁸⁷. Da mesma forma, desde os padrões de “malandragem” até os atuais padrões profissionais internacionais produziram o estilo nacional de jogo mais vitorioso das Copas do Mundo.

Tais episódios possibilitam tratar do tema das identidades, afinal o **futebol** pode **confirmar que vivemos uma fase de rápidas transformações** – como apontaram Giddens (2002) e Harvey (2006) – na qual passamos pela fluidez das identificações e observamos que os valores tradicionais são substituídos e influenciados pelos valores econômicos e globais. O capitalismo, como ideologia, prega que tenhamos competição e que vençamos: as mesmas ideias podem ser apreendidas no esporte. Nesse contexto de afirmação é que se pode compreender porque um **torcedor abandona o clube modesto da cidade e que se renda ao clube nacional**, vencedor de muitos campeonatos e constantemente exposto na mídia. Por outro lado, o torcedor de um clube de expressão pode compartilhar os valores associados a um grande clube – insígnia, títulos, a camisa, hino etc. – com milhões de outros torcedores que “são como ele”, algo impensável para os torcedores dos clubes modestos, conhecidos e valorizados (quase) somente em sua própria cidade e região.

Por essa razão, basta observarmos que as maiores torcidas brasileiras são dos estados de São Paulo e do Rio (com Corinthians e Flamengo, respectivamente), e que os clubes estrangeiros com mais torcedores no Brasil são todos europeus, dos grandes centros econômicos e hegemônicos mundiais, como Barcelona e Real Madrid (da Espanha); Juventus, Internazionale e Milan (da Itália); Manchester United e Liverpool (da Inglaterra); dentre outros. Como tudo isso pode acontecer? É certo que a ideia de que “só desejamos aquilo que conhecemos” mostra descobertas a partir de uma análise da influência externa, da mídia, sobre as preferências por times de futebol que, logo, alteram as relações que os lugares estabelecem entre si. Entrementes, nem todos são enredados por tal processo como mostram as filiações clubísticas que exaltam os localismos e os regionalismos, influenciando nas identificações de base geográfica.

³⁸⁷ A construção do mito do herói negro no futebol brasileiro tem referência central em Mário Filho (1964).

5.2 – PENSANDO A IDENTIDADE TERRITORIAL VIA PREDILEÇÃO CLUBÍSTICA

Esta seção **relaciona as preferências clubísticas com as cidades produtoras e receptoras de influência urbana**, objetivando delimitar as chamadas “identidades territoriais” em Minas Gerais e especialmente na Zona da Mata, considerando também as polarizações externas ao Estado, sobretudo as com origem em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Às *identidades territoriais* direcionamos uma parte de suas conceituações e teóricos, mas sem pretender uma revisão de sua noção, posto que estamos utilizando-as em cotejamento com a ideia de que o futebol é uma via de (des)vinculação com a cidade, com o local. Isso opera em uníssono com a contemporaneidade e com o conceito de identidade por contemplar filiações fixas e fugazes: assim, há tanto o torcedor filiado ao clube local, como há o torcedor filiado até a clubes internacionais, além daqueles que só simpatizam e os que trocam de clube. **Nessa relação com o espaço, demarcamos nosso território de pertencimento, seus usos e simbolismos em significado único.**

Ao pensarmos o **futebol como um componente marcante da cultura** (popular) brasileira, verificamos que a exemplo do conceito de identidade, adotado neste estudo, a noção de cultura também não pode ser encarada como essencialista, ou seja, **a cultura não existe por si mesma**. Portanto, o fato de torcer para este ou aquele clube, de uma ou outra cidade, torna esta escolha imbuída de significados também culturais. Isso se deve ao caráter dialético da cultura e que é manifesto em relações que se interpenetram dentro e fora da própria ideia que a cultura encerra como oposição à natureza, significando, portanto, que a cultura – e aí carregando uma de suas manifestações, o futebol – apresenta-se com contínuas reidentificações e ressignificações. Logo, as identificações de base territorial também são cambiáveis, a despeito da “força do lugar”. Haesbaert (2002, p. 120-121) dá o mote dessa noção, quando assevera que “[...] associar o controle físico ou a dominação 'objetiva' do espaço a uma apropriação simbólica, mais subjetiva, implica em discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre o qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social”. Destarte, **torcer não é algo natural**: sou mineiro/goiano/acreano/potiguar e torço para um time também

mineiro/goiano/acreano/potiguar, e assim sucessivamente. Ao contrário, **torcer envolve disputas por poder, capital e territórios que, em conjunto, conformam demarcações simbólicas**. Envolto em tudo isso encontra-se o torcedor.

Neste estudo, as filiações entre torcedores e clubes, e entre torcedores e territórios foram pensadas levando-se em conta a influência midiática e a influência dos vínculos sociohistóricos. Com isso, aceita-se o fato de que as **identificações criadas são, inequivocamente, resultantes de relações de poder. O território é disputado**. O território esportivo e futebolístico – mineiro e matense especificamente – também o é. Por essa razão, o futebol não é um jogo ou mero entretenimento, mas um campo de forças de poder, no qual cada clube tem pretensões de expansão. Expandir-se, em sentido comercial mesmo, é um meio de sobrevivência e de arrecadação de cotas de transmissão dos jogos da TV, generosos contratos de publicidade e, se possível, possibilidade de contratação de jogadores e chances reais do alcance da conquista de títulos. Tudo isso realimenta o grande círculo mercantil que gira em torno do futebol, o que significa amealhar novos adeptos.

Assim como os territórios, os **torcedores também são disputados**, carreando as mesmas prerrogativas de poder – econômico, simbólico etc. Aos clubes, aliado de seus projetos de expansão, cabe o uso da mídia (e o inverso é verídico) na mesma direção dominadora (CAMPOS, 2016a, p. 20). Por isso as **vinculações dos aficionados pelos clubes tendem a ser multifacetadas entre times locais e externos**, havendo os fãs mono e os pluriclubísticos, que ensejam a discussão sobre os pertencimentos e, logo, sobre as territorialidades sob a força da identificação. Então, é comum que os **torcedores se liguem a um ou outro clube e a tudo o que ele representa: cidade, sentimento, história, conquistas, ideologias, decepções e ídolos**. É isso o que significa cada escolha de torcer. Embora Tomaz Tadeu da Silva (2011, p. 82) não tenha se dirigido ao futebol, não há como não vislumbrar a validade de suas palavras para associações fã-time-cidade-identidade:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder.

Desse modo, os clubes com expressivos montantes de torcedores em Minas Gerais, independentemente de sua origem estadual, disputam este e outros territórios. Ainda que a

escala deste embate seja mudada para outro estado ou região, muitos dos contendores se repetirão, sobretudo os chamados “grandes clubes”. Não por acaso, os maiores times do exterior são vistos no Brasil pela TV e por meio das camisas em torcedores (jovens, principalmente), além das insígnias em objetos cotidianos. Da mesma forma funciona para o território brasileiro e os grandes clubes nacionais. Contudo, aquelas que são as agremiações mais midiáticas e, por conseguinte, as mais comerciais, atendem aos variados grupos de poder reunidos em torno do futebol enquanto negócio, tornando assimétricas as escolhas clubísticas em quaisquer territórios.

A noção de território evoca, amiúde, a ideia de “território pátrio” ou “território nacional”. Tal concepção está muito difundida nos estudos que relacionam o selecionado brasileiro de futebol com uma identificação nacional. Procuramos fugir a esse tradicionalismo que torna o ambiente de pesquisa bem mais tranquilo do que fazer investidas como a desta tese, na qual o **espaço considerado** não é o nacional, mas sim o **local e o regional, a Mata, onde não se pode ater apenas à concepção acabada de uma única identificação** (como a nacional, verificada na maioria dos estudos sobre futebol). Essa dificuldade de se avaliar vinculações identitárias e jogos de poder nas escalas local e regional é repassada para o campo metodológico, pois as “variáveis” em jogo passam a se multiplicar.

Tal modo de pesquisar confere flexibilização ao **território**, que não fica mais circunscrito ao seu caráter econômico ou político ou cultural, mas passa a ser visto de modo complexo, com **características entrecruzantes**. Souza (2007, p. 86, grifos do autor) contribui assim com essa visão:

Aqui, o território será um *campo de forças*, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um *limite*, uma *alteridade*: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os *outsiders*).

Torna-se perceptível que o território é formado no jogo de seus elementos materiais (objetos fixos e infraestruturais etc.) e imateriais (como torcer e deixar de torcer), dentro das pretensões de análise deste trabalho. “Não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes”, não podendo, dessa maneira, “[...] fugir à regra e se vê cada vez mais mergulhado nas tramas de um 'poder simbólico' que tudo arrebatava” (HAESBAERT, 2007a, p. 39).

O território é tomado ao longo do tempo e na maioria das reflexões teóricas principalmente devido ao seu **caráter político** e às **relações de poder suscitadas**. Em razão

de tão grande e simultânea amplitude temporal e ideológica, pensar acerca do território reúne gerais, como Carl von Clausewitz, e acadêmicos, como Raffestin. Destarte, o território é provedor e contém em si essa grande dimensão política, o que constitui uma das características principais do espaço geográfico.

Convertendo essa prerrogativa política central dos territórios para esta tese, cabe questionar: quem domina e influencia o território mineiro/matense, e como faz isso? Quais são as manifestações desse domínio? Como isso influencia ainda nas ligações afetivas e de identidade entre um grupo aí presente? Marcelo Lopes de Souza (2007, p. 78), ao avaliar a dimensão política dos territórios e questões do tipo acima apresentadas, afirmou que “[...] estes aspectos podem ser de crucial importância para a compreensão da gênese de um território ou do interesse por tomá-lo ou mantê-lo”. Conceber o território como entidade política, torna-o diferente e, ao mesmo tempo o aproxima dos demais conceitos fundamentais do pensamento geográfico, como região, paisagem e lugar. Enquanto a região tem lugar de destaque na Economia Regional e na Geografia Econômica, paisagem e lugar têm cadeira cativeira nas abordagens da Geografia Cultural. A totalidade das relações – econômicas, culturais etc. – do lugar com espaços externos criam as perspectivas de interação e mudança ao longo do tempo que forjarão a própria região e sua autoimagem, além das identificações de seus indivíduos.

O **perfil essencialista** – que dá suposta autenticidade de um povo sobre um território – foi **profusamente utilizado para se entender a identidade**, incluindo a Geografia, como menciona Le Bossé (2004) ao cunhar a noção de *psicologia dos povos*: faziam-se generalizações que conduziam a estereótipos: franceses são pedantes, britânicos são fleumáticos e brasileiros são festeiros. Em Minas Gerais encontramos o mesmo: o sertanejo/norte-mineiro é “baiano”; o matense é “carioca”. Outros rótulos simplistas existem para as regiões fronteiriças mineiras com outros estados, restando o interior central mineiro, a Minas do ouro, como “a” (suposta) legítima guardiã da identidade mineira.

A **distinção de um povo e sua região foi ricamente usada na história para se afirmar/legitimar domínio**. Como no caso das nações, recorre-se também a um passado glorioso, vencedor e, lógico, unificador. A Geografia Regional foi muito útil nesta estratégia: metodologicamente descritiva, incumbia-se de relacionar os habitantes de uma região como únicos, dotados de natureza e caráter próprios sobre uma base territorial. O discurso da legitimidade garante autenticidade e diferença perante outros povos; garante autonomia e governos. Não declaramos que as individualidades não existam, mas que estão sob o jogo das

determinações dos grupos sociais, em geral dos mais ricos. O território e a identidade regional são embebidos em poder. Compreender e distinguir culturas em determinado território serviram para validar o discurso dos poderosos, do Estado e dos governos estaduais.

A observância das diferenças, das culturas regionais, encontra guarida na perspectiva da modernidade tardia que, como já vimos, sobrevalorizou a existência do indivíduo (não mais centrado em uma única identidade) e também das pluralidades. Logo, formam-se relações e no jogo das relações formam-se as identidades dos agrupamentos e indivíduos.

Nessa mesma época e com a recente dissolução da hegemonia do marxismo como ideologia predominante nas ciências humanas – inclusive na Geografia – abriu-se caminho para aflorar concepções acerca dos territórios que valorizam as **dimensões culturais e simbólicas**, e não tão centradas na economia como se afigurava até então. Seguiu-se a uma ampliação do debate acerca das identidades territoriais entre os geógrafos de diferenciadas vertentes – Humanista, Marxista e Cultural, sobremaneira. De acordo com Cláudio Ferraz (2007, p. 39), nos anos 1990 “[...] a Geografia mergulha nas análises das experiências individuais ou de agrupamentos humanos, tomando o vivido e suas representações como marcos de identificação geográfica dos lugares”.

Para Raffestin (1993, p. 150), cada território tem sua própria dinâmica, desenvolvida por meio dos sistemas próprios de controle e integração/coesão constituídos por sistemas de malhas, nós e redes, que permitem circulação e comunicação, que são vitais para a dinâmica territorial. Essa singularidade se aplica aos lugares, os quais articulam identidades.

O lugar é a categoria do espaço geográfico onde a realidade acontece. Ao passo que o mundo nos é estranho, o lugar nos é próximo [...], onde as noções e as realidades de espaço e tempo se fundem.

[...] como os lugares e o mundo formam uma totalidade dinâmica, as identidades dos lugares são produzidas constantemente, não são cristalizações do passado, heranças do vivido, mas representações do mundo no lugar e do lugar no mundo. Assim podemos pensar em um espaço social híbrido, onde novos e velhos usos do território coexistem como um motor de dinâmica do lugar (LUCHIARI, ISOLDI, 2007, p. 166).

Também articulando identidade e lugar, mas ainda a herança cultural que há nos lugares, Mathias Le Bossé (2004, p. 162) aponta que o passado forma parte dos sentimentos de identidade e toma um caráter de territorialidade simbólica. Não obstante, o território se nutre também das práticas sociais ativas e atuais, por meio das quais se afirmam, modificam e vivem as identidades.

O debate acerca do espaço vivido ganhou campo na Geografia e feito à luz dos

clássicos conceitos de território, lugar, paisagem e espaço (SOUZA, PEDON, 2007, p. 127). O território, enquanto local de vivência/experiência do indivíduo com seu entorno e com os demais lugares e indivíduos, cria condições de a identidade territorial se apresentar como fator de aglutinação e mobilização. Portanto, o território expressa/resulta do imaginário e/ou da identidade sociocultural, além das relações de poder já consagradas no saber geográfico. Conforme Souza e Pedon (2007, p.127-128), a relação identidade-território cria pertencimento ao longo do tempo, um espaço de vivência, e esse enraizamento uma complexa trama de sociabilidade, dando a esse espaço o caráter de território.

Considerando o sentido simbólico dos territórios como acima anunciado, Castro (1997, p. 156) advoga que

O desejo de compreender o mundo em que se colocam os geógrafos requer também considerar a força dos símbolos, das imagens e do imaginário [...] o domínio do simbólico possui um inegável valor explicativo. [...] Apesar da racionalidade moderna ter conquistado os espaços objetivos das relações sociais, as representações permanecem nos dispositivos simbólicos, nas práticas codificadas e ritualizadas, no imaginário e em suas projeções.

Entendemos que **sobre o território se desenham múltiplas atividades** – econômicas, simbólicas, sociais, políticas e culturais – e que estas têm marcante interseção. Isso confere, então, um **caráter multidimensional** ao território, que é **tensionado nas relações do local, da região com outros territórios, complexificando também as delimitações identitárias** (CAMPOS, 2016a, p. 19). Destarte, se vivemos num espaço próximo, mediador do cotidiano, é nele que tendemos a nos identificarmos socialmente. Esse sentido se aproxima da noção de região apresentada por Souza e Pedon (2007, p.131) como “espaço de identidade ideológico-cultural, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos, de classes que nele reconhece sua base territorial de reprodução”. Tal concepção de região é notadamente permeada pela ideia de pertencimento, mediada, portanto, por uma identidade específica que surge regionalmente pelos habitantes que se apropriam socioculturalmente de um determinado território. Apesar da representatividade espontânea e autêntica surgida nas regiões, o fato é que muito do discurso impetrado sobre os territórios – incluindo o brasileiro – foi acriticamente celebrado. Regionalismos e nacionalismos se valeram de tal prática, como em Minas, por meio da narrativa da mineiridade vinda da Região Central. No Brasil, o eixo Rio-São Paulo criou o envolvimento em torno do selecionado nacional, dominado política e futebolisticamente por eles, além de poderem reverberar na mídia seus escopos, como no fatiamento do território mineiro – e brasileiro – dos jogos enviados para televisionamento.

Coadunamos e concluímos este trecho da discussão com Marcelino Silva (2004, p. 28):

[...] a comunidade nacional é atravessada por antagonismos, ressentimentos e feridas [...]. Se de um lado as instituições, personagens e acontecimentos esportivos têm o caráter de representação dos laços que unem a nação, de outro os bairrismos, clubismos e rivalidades se encarregam de demarcar as fronteiras internas que a dividem. Por isso, a auto-imagem coletiva que surge [...] tem seus contornos simbólicos sempre provisórios, em permanente reelaboração.

As conceituações anteriores têm articulação com as 3 noções acerca dos territórios elaboradas por Haesbaert (1997, p. 39-40), que são: 1) *jurídico-política*, o território é visto por meio do controle de poder, especialmente o de caráter estatal; 2) *cultural(ista)*, o território é destacado pela apropriação resultante do imaginário e/ou “identidade social sobre o espaço”; 3) *econômica*, quando o território é marcado pela desterritorialização resultante do confronto entre classes sociais. Para Haesbaert, o mais comum é haver uma interface dessas 3 vertentes.

Fizemos esse **preâmbulo conceitual acerca das noções de território** tendo em mente que há uma relação de **interdependência que liga as categorias conceituais de “território” e “identidade”**. E isso não se revela pelo simples contar da adjetivação presente na expressão “identidade *territorial*”, mas sim porque “[...] a identidade territorial gera e orienta os processos de territorialização, por outro lado estão as mesmas ações de territorialização a reforçar o processo de identificação entre a comunidade e o seu espaço vivido” (POLLICE, 2010, p. 9). Depreende-se que nesta conceituação, o espaço vivido não é o simples cenário da ação humana, do acúmulo de “acontecimentos”. Ele assume em si os valores da cultura que ali se produz e, logo, é a “representação” da ação humana. Assim, ao referenciar-se na ação humana e no uso social do espaço vivido, estamos, na verdade, evocando uma acepção geográfica desse espaço que se transforma em território. Chamamos à baila novamente o pesquisador italiano Fábio Pollice (2010, p. 9) à guisa de conclusão: considerando-a nesses moldes, “a identidade pode ser [...] tanto uma consequência dos processos de territorialização quanto uma causa dos mesmos”, sendo que tais processos tendem a acrescer certas especificidades ao lugar.

O debate contemporâneo sobre as identidades tem sido construído consideravelmente sobre uma dimensão espacial. Destacam-se migrantes, por exemplo, como “pessoas-síntese” da desterritorialização e de um faceamento com novas culturas, atitudes etc. Com isso, a perspectiva territorial ganha multiplicidades, hibridismos e essencialismos³⁸⁸. No futebol, as vinculações dos aficionados por clubes de diferentes países, estados, regiões do mesmo país

³⁸⁸ Essa perspectiva tem sido sistematicamente estudada, por exemplo, por Haesbaert (1997; 2007b).

ou do mesmo estado, tendem a múltiplas articulações. Às vezes, convivem pacificamente no gosto do torcedor, times representantes de espaços comandantes e obedientes; ou o torcer por América-MG e Botafogo ao mesmo tempo; pelo Cruzeiro e morando Cataguases, reduto de torcidas “cariocas” e de polarização do Rio de Janeiro. Em Tiradentes, na mesorregião das Vertentes (vizinha à Zona da Mata), a matéria de Lacerda (2014, s/p) mostrou que a bifiliação clubística é até comum na cidade, onde a torcida dos times de Belo Horizonte está em ascensão. O Campo das Vertentes foi visto como região de transição do domínio carioca para o belo-horizontino nas décadas de 1950 a 70, processo que se repete nas últimas décadas na Mata. No dizer de Gatens e Lloyd³⁸⁹ (apud HAESBAERT, 2007a, p. 35), “[...] de um lado há a liberdade crítica para questionar e desafiar na prática nossas formas culturais herdadas; de outro, a aspiração por pertencer a uma cultura e a um lugar e, assim, sentir-se em casa neste mundo”. Pensamos tudo isso sem perder de vista a cidade como recorte e como objeto de desencaixes com suas próprias instituições – como as agremiações de futebol – e referências. A fugacidade das relações urbanas é, todavia, desafiada pelas identificações fixas ainda presentes nas escolhas clubísticas.

Portanto, o **estudo das predileções por times de futebol** internos e externos à Minas Gerais **configura a territorialidade das torcidas, das transmissões da TV, dos clubes, das filiações identitárias, das racionalidades econômicas**, dentre tantas variáveis incluídas e passíveis de análise. Esse intenso relacionamento reticular entre espaços (mesmo os mais distantes), mudando as filiações clubísticas em vastos territórios pela influência da TV, ganha similitudes com os seguintes enunciados de Henry Lefebvre (2001, p. 46):

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes [...]. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. [...] A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediate, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações, etc.); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações.

As filiações clubísticas desenvolvidas a partir dessas *relações de imediate* tendem a mudar, pois, verdadeiramente e reconhecidamente, a sociedade tem sido influenciada pelo poder midiático. Malgrado o poder penetrante da família, dos amigos etc. nas escolhas pelos times de futebol, a partir do poder do rádio (na 1ª metade do século XX) e da TV (após a 2ª

³⁸⁹ GATENS, J. L.; LLOYD, G. **Collective Imaginings: Spinoza, past and present**. London/New York: Routledge, 1999.

metade do século XX), tais escolhas deixaram de ter respaldo unicamente nas *relações de imediatice*. Isso foi percebido no estudo do *The Social Issues Research Centre - SIRC* (2008, p. 34, tradução nossa), ligado à Universidade de Oxford, que assim abordou o tema:

Na Inglaterra, por exemplo, três motivos destacam-se como a razão pela qual a maioria dos torcedores se tornou defensores de uma determinada equipe: os membros mais velhos da sua família apoiarem o mesmo clube; se eles vêm da mesma cidade ou localidade representada por seu clube; ou se eles seguem um grande clube para o qual foram atraídos pelas memórias de infância de assistir a um jogo televisionado (muitas vezes com um dos pais). O processo iniciado pela família segue geralmente um determinado padrão. Os fãs são levados para um jogo da equipe local em tenra idade [...] e na maioria das vezes pelo pai. O indivíduo viria a amar a atmosfera do jogo – em parte por causa das associações de formação da futebol com a própria família – e torna-se um fã imediatamente.

A força do contato manifesto por ir ao estádio foi arrebatadora para Marcel Brum e Tatiana Baldi (Informação pessoal, 2015), dois de nossos entrevistados que passaram a torcer movidos por tal experiência, assim relatada por Baldi (2015):

Encantei-me com o tamanho do estádio, a quantidade de pessoas e toda a "energia" envolvida. As vibrações a cada gol me surpreendiam e eu pulava junto com todos simplesmente por estar completamente envolvida nas cenas! Até hoje essa emoção me acompanha todas as vezes que vou a estádios ou até mesmo a ginásios.

Já para João Alberto (Informação pessoal, 2015), as relações cotidianas com o Tupi de Juiz de Fora foram determinantes. Para ele e sua família, a vida nas proximidades do estádio (no bairro de Santa Terezinha), ir aos jogos e treinos etc. fez a diferença: “o pessoal lá de casa até tem [outro time], mas eu não. Fiquei envolvido com as coisas daqui”, disse o torcedor de 70 anos. Com tal idade, João Alberto pôde conviver com a fase áurea de exaltação do futebol local, algo que os mais jovens não vivenciam e, assim, tendem a um torcer externo à cidade.

Outro excerto da obra de Lefebvre (2001, p. 46, grifos do autor) converge e contribui para as análises aqui propostas, quando ele observa a cidade como mediação.

Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de *ordem próxima* (relações de indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a *ordem distante*, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições [...], por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes. [...]. Ela se impõe. Abstrata, formal, supra-sensível e transcendente na aparência, não é concebida fora das ideologias [...]. Esta ordem distante se projeta na realidade prático-sensível. Torna-se visível ao se inscrever nela. Na ordem próxima, e através dessa ordem, ela persuade, o que completa seu poder coator. Ela se torna evidente através e na imediatez. A cidade é uma *mediação* entre as mediações. Contendo a ordem próxima, ela a mantém; sustenta relações de produção e

de propriedade; é o local de sua reprodução. Contida na ordem distante, ela se sustenta; encarna-a; projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata.

Os **mecanismos de identificação**, portanto, fundem escalas: do local ao nacional etc., numa profusão de possibilidades. Pesquisadores cubanos visualizaram essas relações entre estar identificado e a diversidade escalar. Um mesmo território de referência ou o trânsito de escalas (ou níveis territoriais) não cria necessariamente uma coincidência entre território e identidade. “Portanto, pode-se possuir uma forte identidade com o país ainda que residindo fora dele” e “[...] existe uma relação natural entre identidade, cultura e ideologia” (IÑIGUEZ et al, 2014, p. 31, tradução nossa).

As atuais múltiplas influências manifestadas sobre a vida dos indivíduos e das cidades podem ser exemplificadas através da mídia (por meio da transmissão dos jogos de futebol) e da sobreposição das vinculações clubísticas dos espaços luminosos sobre os espaços opacos, fatores que permitem rever as identidades territoriais até então estabelecidas antes das eras do rádio e da TV, assim como antes da transformação dos esportes em uma racionalidade a mais no universo do capital. Novos significados culturais são dados ao futebol como locomotiva da brasilidade moderna, cuja expressão torna-se reticular entre os territórios e passível de menor espontaneidade (para os torcedores) e de maior especulação mercadológica (para as empresas, como as de comunicação).

Sob tal concepção, o território fica dividido em muitas escalas de poder (e micropoder), com múltiplas faces em escalas diversas, quando abrange novos agentes e racionalidades no campo econômico, novos interesses políticos, um contingente populacional cada vez maior, além de territórios que delineiam mais relações. Tudo isso em uma dinâmica indutiva e dedutiva simultaneamente, indo e voltando em fluxo contínuo: as relações políticas, econômicas e culturais sobre os territórios, desde os locais até os nacionais, interligam e ressignificam esses mesmos territórios. Em decorrência, “[...] todas essas re-significações ou, no nosso caso, re-identificações, estão mergulhadas em relações de poder e, deste modo, sujeitas aos mais diversos jogos, ora mais impositivos, ora mais abertos” (HAESBAERT, 2007a, p. 37).

Reiteramos que, no âmbito do futebol, a relação do torcedor com seu local de vivência pode ser mediada por terceiros, criando uma sobreposição territorial externamente construída ou um *não-lugar clubístico/futebolístico*. Quando, portanto, o torcedor opta por um clube, opta ainda por uma cidade (a “sua” ou outra), um mercado que beneficiará, uma circulação

que incentivará etc.

Essas assertivas sobre o que envolve o torcer em toda a sua complexidade, vão ao encontro da concepção de identidade territorial defendida por Valter Cruz (2007, p. 104-105), com a qual, portanto, comungamos. A **construção de uma identidade territorial** pressupõe dois elementos fundamentais:

i) espaço de referência identitária³⁹⁰: refere-se ao espaço no sentido concreto e simbólico (onde se ancora a construção de uma dada identidade social e cultural), e refere-se também ao recorte espaço-temporal (os meios e os ritmos) no qual se realiza a experiência social e cultural. É nele que são forjadas as práticas materiais (formas, uso, produção e organização do espaço) e as representações espaciais (formas de significação, simbolização, imaginação e conceituação do espaço) que constroem o sentimento e o significado de pertencimento dos grupos ou indivíduos em relação a um território.

ii) a consciência socioespacial de pertencimento: sentido de pertença, laços de solidariedade e de unidade constituem nossos sentimentos de pertencimento e de reconhecimento como indivíduos ou grupo em relação a uma comunidade, a um lugar, a um território. Não é algo natural ou essencial, é uma construção histórica a partir das práticas e das representações espaciais que envolvem os domínios estratégico-funcional e simbólico-expressivo. Este primeiro domínio é ligado ao funcionamento do espaço pelo poder econômico e político, construindo as identidades territoriais com base num espaço concebido. Já o domínio simbólico-expressivo tem como referencial a subjetividade e a experiência do espaço vivido.

Na prática, há um indissociável acontecer desses dois domínios, numa relação dialeticamente instalada. Decorre daí o fato de observarmos que os torcedores, em suas vinculações clubísticas, ora pendem para o domínio estratégico-funcional e ora para o simbólico-expressivo. Desse modo é que podemos compreender que um mesmo objeto-paisagem – como o estádio do time local – é um legítimo representante da raiz de um fã de futebol com a cidade, enquanto para um outro é o Morumbi ou o Mineirão que lhe proporciona conexão. De igual efeito, ir ao jogo no estádio pode ser a fagulha do nascer de um pertencimento clubístico, mesmo que o time visto seja modesto, sem títulos, do bairro. Opostamente, um grande efeito estratégico-funcional advém da contínua exposição das equipes mais midiáticas do Brasil na TV, capaz de carrear novos fãs.

Reconhecendo o poder irradiador exercido pelas metrópoles sobre a rede de cidades, Haesbaert (2002, p. 93-94) assevera que

³⁹⁰ Expressão que Cruz tomou emprestada de Poche (1983).

[...] o progressivo crescimento diferenciado da malha urbana é acompanhado por um movimento concomitante de surgimento de novos segmentos sociais, gerados pelo processo político, econômico e cultural no interior das metrópoles. Deste modo, o famoso mito do anonimato das cidades é colocado em questão. Somos estranhos uns aos outros, mas buscamos constantemente resguardar um espaço dentro da urbe onde sejamos comuns e conhecidos, onde nossos signos encontrem reciprocidade.

Ao se apresentarem aí (nas metrópoles) ou nas demais cidades, cada grupo (de torcedores) faz os seus signos de referência no espaço urbano, criando signos de identificação e atribuindo valor aos já existentes (estádios, emblemas e cores do clube). Evidentemente que tais processos identitários são oriundos de diversas fontes, como no caso das áreas de origem dos migrantes em Havana (tema da pesquisa sobre a capital cubana), além de outros fatores, como período de ocupação e permanência dos naturais e dos migrantes nos bairros da cidade, conferindo-lhes particularidades (IÑIGUEZ et al, 2014, p. 45-48). Desse modo, a partir das metrópoles e das redes urbanas que elas comandam podemos discutir as perspectivas que aliam o particular (as diferenças) e o geral (a unidade). Daí nossa atenção para a articulação matense com suas respectivas metrópoles dominantes.

Esse contraponto, quanto aos torcedores, entre um “nós” (a torcida ou “nação”) em oposição a um “eles” (as demais torcidas) configura um jogo cognitivo que compõe as noções de *identidade* e *diferença* acerca dos aficionados de cidades e estados distintos. Dessa maneira, estabelecem-se oposições binárias “[...] a partir de limites para 'nós', como uma espécie de campo identitário, dentro dos quais se congregam práticas e se aglomeram estilos e atitudes; o que está além dessas fronteiras é a alteridade, artificialmente estabelecida e naturalizada no discurso” (MARTINO, 2010, p. 116). Contudo, na questão da identidade regional futebolística as oposições binárias tendem a uma homogeneização: aqui, o “nós” e o “eles” podem ser um grupo identitário só (uma torcida) – constituído por torcedores de dois estados diferentes – cujo time possui sede em um terceiro estado.

Destarte, o caráter competitivo do espaço econômico apresenta-se, incrivelmente, mais democrático e com mais múltiplas influências concomitantemente do que as transmissões de futebol da TV Globo, nas quais a supremacia do eixo Rio-São Paulo é veemente. “Na cobertura da mídia, a oposição nós/eles é fortalecida por um sentimento de inversão, no futebol, dos valores correntes do mundo capitalista: as fronteiras dos territórios de identidade não são abolidas, mas são revertidas” (MARTINO, 2010, p. 120). Por isso, uma seleção ou clube de um país pobre pode subverter a ordem e vencer os adversários mais poderosos:

afinal, no futebol e em outros esportes, torcemos para o triunfo “improvável”, criamos um “complexo de Davi”. Por outro lado, os torcedores que se apegam aos clubes de grandes centros capitalistas nacionais ou internacionais não se sentem com apegos menos ou mais “neocoloniais”, mesmo quando entendem a natureza do vínculo que estabelecem, ou seja, uma expressão da força do capital sobre cada torcedor.

Qualquer maneira de expressão das identificações do torcedor com um determinado território passa por um processo, uma construção temporal, pois a identidade tem a ver com aquilo que se é, mas também com aquilo que nos tornaremos, um vir a ser sob múltiplos fatores intervenientes. Assim, Valter Cruz (2007, p. 97) defende que os processos de identificação e os “[...] vínculos de pertencimento se constituem tanto pelas tradições ('raízes', heranças, passado, memórias etc.) como pelas traduções (estratégias para o futuro, 'rotas', 'rumos', projetos etc.). As identidades nunca são, portanto, completamente determinadas, unificadas, fixadas [...]”.

Tanto por intermédio das noções sobre identidade territorial como dos casos específicos do universo futebolístico até aqui tratados, em amplidão é reconhecível o sentido relacional que as identidades territoriais carregam em virtude dos vínculos dos indivíduos com seus territórios, cuja decorrência é a percepção de que tal território é único, acolhedor, e onde se pode afetivamente depositar pertencimento.

Nesse sentido, a partir das identidades territoriais escolhem-se “[...] espaços e tempos, geografias e histórias para moldar uma identidade, de modo que os habitantes de um determinado território se reconhecem, de alguma forma, como participantes de um espaço e de uma sociedade comuns”, adverte Haesbaert (2007a, p. 44), que também fornece outra importante contribuição para compreendermos a noção de identidade territorial:

[...] como toda relação social, toda identidade cultural é “espacial”, na medida em que se realiza no/através do espaço, mas nem toda identidade é “territorial”, no sentido da centralidade adquirida pelo referente espacial em estratégias de apropriação, culturais e políticas, dos grupos sociais [...]. A identidade territorial só se efetiva quando um referente espacial se torna elemento central para a identificação e ação política do grupo, um espaço em que a apropriação é vista em primeiro lugar a partir da filiação territorial, e onde tal filiação inclui o potencial de ser ativada [...] como instrumento de reivindicação política. Os casos mais conhecidos e “tradicionais” são os das identidades de bairro [...], de municípios, regiões e Estados-nações (HAESBAERT, 2007a, p. 44-45).

No caso do futebol, as identidades territoriais são hibridizadas e nem sempre estão relacionadas estritamente aos aspectos ou reivindicações políticas, como apontou Haesbaert

(2007a; 2007b). Muitos autores pensam os hibridismos culturais por meio dos migrantes, como Mitchell (2000)³⁹¹ e o próprio Haesbaert (2007b). No entanto, as **possibilidades de circulação de imagens (dos jogos na TV), de ideias, de simbolismos etc., prescindem do contato físico** para prover articulações entre pessoas e espaços, ou entre torcedores e clubes para o caso que estamos considerando. Nesses termos, **há, portanto, uma multiterritorialidade futebolística em regiões como a Zona da Mata**, formada, em sua maioria, por torcedores de equipes do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

Tais cidades são os principais nós da rede urbana brasileira, o que nos põe diante da ideia de Stuart Hall (2011) quanto à existência atual de 3 manifestações identitárias:

- as *identidades “globais”* ou a diluição das identidades pela globalização;
- as *identidades de resistência*, que retomam ou reforçam antigas memórias coletivas;
- as *novas identidades pluriculturais*, fruto do crescente diálogo entre o global e o local.

As metrópoles globais – Rio e São Paulo – inserem-se entre os torcedores matenses e no restante do Brasil. Embora isso não seja algo realmente global, contudo representa a mesma forma de homogeneizar gostos, costumes etc. citada por Hall (2011), e que se concretiza na região, por exemplo, pela formação de torcidas organizadas nas suas cidades ou através do porte de objetos com o distintivo dos times de futebol nos carros e camisas etc. Por outro lado, as identidades de resistência podem cair facilmente na ideologia da pureza da representatividade e da essência legítima (ou na sua autenticidade), servindo a um modelo excludente ou xenófobo/repulsivo quando o assunto é, nesse contexto, filiar-se ao clube de futebol que não é local ou regional.

Ainda dentro do debate acerca da noção das identidades territoriais, Haesbaert (2007a, p. 35) contempla esse jogo de escalas – local/nacional/global – quanto ao aspecto das vinculações e homogeneizações (potencialmente) criadas, declarando:

A grande questão é como cada grupo social resolve essa tensão, ora apelando para o pólo da liberdade e da autonomia, através de identidades múltiplas, híbridas, sempre abertas e negociáveis, ora privilegiando o pólo da estabilidade, da fixação e do fechamento em identidades unas, “naturais” e essencializadas. Nosso espaço-tempo se move hoje claramente num ir-e-vir entre esses dois pólos.

As **discussões sobre as vinculações futebolísticas externas à cidade/região** são travadas entre os torcedores (de Muriaé, no exemplo a seguir), dando-nos a dimensão prática e não só idealizada/conceitualizada das identidades territorializadas, pois “[...] o território

³⁹¹ MITCHELL, D. *Cultural Geography*. Oxford/Malden: Blackwell, 2000.

identitário não é apenas ritual e simbólico; é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades” (LE BOSSÉ, 2004, p. 169).

Em Muriaé, a criação de uma torcida organizada do Corinthians, em fevereiro de 2015 (ALVES, 2015, s/p, grifos nossos), mobilizou posicionamentos identitários com base na relação time-cidade. Vejamos um trecho do debate:

- Torcedor “A”³⁹²: “Deus, ninguém merece isso em Muriaé! Bando de torcedores *modinha*! O time dos muriaeenses *tem que ser* o Nacional e *ponto final*”.
- Torcedor “B”: “Pode ficar tranquilo, *mano*, que é só cada um ficar no seu espaço que para torcer pelo Corinthians *não precisa estar em São Paulo*. Acho que você deveria respeitar assim como nós respeitamos vocês”.
- Torcedor “C”: “Concordo com você [Torcedor “A”], já *não falta mais nada pra acontecer* em Muriaé. Até *falando gíria de paulista* os caras já estão falando! Será que vão quebrar tudo quando o timão [sic] perder, igual lá em Sampa?”.

O primeiro torcedor cobra uma relação dos corinthianos de Muriaé com a cidade, declarando-os volúveis, ou “torcedor *modinha*”. A identificação com o clube local é colocada como uma obrigação, pois o time do muriaeense “tem que ser” o Nacional. O envolvimento palpável, factível, de um indivíduo tende a ser mesmo no seu local de vivência, no seu lugar. O problema se dá quando isso é visto de modo essencialista, reducionista, inviabilizando posturas em contrário e “ponto final”. O torcedor “C” observa até a interação de supostos “falsos corinthianos” (pois são de Muriaé e não de São Paulo) com uma cultura externa pelo uso de uma gíria paulistana. O membro da TO corinthiana se justifica com ênfase numa desterritorialização sem, contudo, perceber que é um indivíduo que vive uma multiterritorialidade, porque mesmo que ele não precise de fato estar em São Paulo para ser corinthiano, ao menos no futebol esse torcedor prescinde do que a sua cidade lhe oferece como opção clubística. Esse debate se insere no rol das noções acerca das identidades, como em Luchiari e Isoldi (2007, p. 167): “A identidade territorial está diretamente ligada aos significados do território na construção do imaginário social. A noção de pertencimento ao lugar é construída a partir da vivência e das práticas sociais, e passa a ser constituinte da própria noção de ser”. Em se tratando especialmente de futebol, o SIRC (2008, p. 40, tradução nossa) mostra a efetividade das já citadas relações de ordem espacial, identitárias e clubísticas:

Ser um fã de futebol está intimamente ligado à idéias de história e tradição,

³⁹² O nome e os apelidos com os quais os torcedores se identificaram na internet foram omitidos.

bem como noções de identidade nacional e regional. Para muitas pessoas, tornar-se torcedor de uma equipe significa tornar-se imerso na história e tradições do clube e seus jogadores [...] aprender a sua história é uma parte importante da identidade [...]. Isso pode ser fortemente amarrado a um sentido de identidade política, regional ou étnica, e de como a equipe de futebol local e seus fãs podem se tornar representantes das maiores questões políticas e culturais.

Os torcedores do Nacional de Muriaé e que questionam as filiações clubísticas externas à cidade nos remetem ao mapeamento das identidades proposto por Castells (1999, p. 24), traduzido por um dos 3 tipos de identidade, a *identidade de resistência*. Esta é criada por atores sociais que se encontram em posições e condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a tais princípios. Por isso mesmo, torcedores de clubes locais sofrem com deboches acerca da qualidade do time, do campeonato que (não) disputa, dentre outras situações cotidianas. Respondem, como vimos, com base na desarticulação dos torcedores externos, na suposta ilegitimidade desse torcer forasteiro. Portanto, podemos passar do território ao essencialismo em instantes quando a noção de identidades territoriais é submetida ao teor futebolístico.

Uma análise de Haesbaert (2002, p. 155) surge valiosa para pensarmos acerca do debate em questão:

Quando estas identidades são elaboradas ou se reforçam através de um território, ou seja, de um espaço “sob controle”, delimitado e dominado (além de simbolicamente apropriado), surgem fronteiras que, na defesa de uma alteridade negada ou quase inteiramente cooptada pelo capitalismo e a modernização tecnológica da sociedade de consumo, impedem qualquer diálogo e, às vezes, até mesmo o contato com o outro.

A dissensão entre os torcedores nos remete também a uma reflexão emprestada de Pollice (2010, p. 18), tendo em conta que se a identidade muda no tempo, seus símbolos também podem ser mudados, pois “[...] a identidade [territorial] se funda sobre o compartilhamento destes valores que são sentidos pela comunidade local como expressão tangível da própria especificidade cultural”. Assim,

a comunidade local pode ser progressivamente induzida a adequar a percepção de si e da própria especificidade cultural, mudando a própria iconografia. Isto acontece, sobretudo, quando os *outsiders* são portadores de uma cultura dominante e os processos de desenvolvimento em escala local apresentam uma matriz fortemente exógena (POLLICE, 2010, p. 14).

Esse **desencaixe time-cidade** pode oferecer análises que se articulam com o diálogo dos internautas de Muriaé. Um caso a ser considerado nessa direção vem de uma agremiação da Alemanha, o *Saint Pauli*, que empenha as bandeiras contra o racismo, a super-exploração do futebol(ista), além de defender causas humanitárias, ambientais e políticas. Algumas das ações do clube, de seus jogadores e torcida foram narradas por Nino Paim (2010, p. 40-45):

- os atletas comemoram as vitórias junto com os torcedores, com os quais cantam com megafones, prestigiam shows musicais e festas promovidos pelos fãs;
- o Saint Pauli se tornou um ícone da esquerda quando, nos anos 1980, foi o 1º clube de futebol do mundo a colocar cláusulas contra o racismo, a homofobia, o machismo e demais discriminações em seu estatuto. Em 2010, o presidente do time era Corny Littman, diretor de teatro, ativista social, homossexual assumido e intensamente participante da vida cultural do bairro de Saint Pauli (na zona portuária) e da cidade (Hamburgo);
- o ex-jogador, Benjamim Adrion, criou um projeto (ao qual o clube aderiu) chamado *Viva com Água*: ele conta com voluntários que promovem shows, festas e jogos de futebol para arrecadar fundos visando a promoção do acesso à água potável. Cidades de 7 países tinham sido beneficiadas, sendo 3 deles na África, além de Cuba, Camboja, Tadjiquistão e Nicarágua;
- a volta à 1ª divisão foi celebrada com um festival de artes e música cuja renda foi revertida para os sem-teto da região;
- a torcida rejeitou a colocação de um placar eletrônico no estádio da agremiação, um dos últimos da Europa nesses moldes, a fim de conservar o emprego do funcionário responsável pela troca dos números.

Os clubes de futebol no Brasil não têm tamanho ativismo como o Saint Pauli. Apesar disso, existem ações sociais promovidas pelos times daqui e por suas torcidas organizadas. O caso de um torcedor do Corinthians viver em uma cidade matense – Muriaé, como vimos – não o impede de exercer cidadania em escala local, pois a *Fiel Muriaé* pode criar oportunidades para tal. Foi o que encontramos em Ponte Nova por parte de 3 torcidas (de Atlético, Cruzeiro e Flamengo)³⁹³, voltadas para ações sociais. Ainda assim, imaginar um indivíduo cercado por filiações longínquas leva-nos a vaticinar que ele daria menos de si em

³⁹³ Integrantes da *Máfia Azul* (Cruzeiro) e *Galoucura* (Atlético) enviaram donativos para a população de Bento Rodrigues em 6 nov. 2015, um dia após este distrito de Mariana ser coberto por lama da mineradora Samarco (FOLHA DE PONTE NOVA, 2015, p. 3). A *Máfia Azul* ainda arrecadou cerca de 10 mil reais em solidariedade à menina Manu, de Ponte Nova, em abri de 2015 (CLIQUE UNIVERSITÁRIO, s/d). Já a *FlaPonte*, com a participação de torcedores de outras agremiações (são-paulinos, atleticanos, botafoguenses, cruzeirenses e corinthianos), recolheu agasalhos e cobertores para entidades assistencialistas de Ponte Nova (PONTENET, s/d).

prol do futebol de seu bairro ou cidade. No caso real de Muriaé – nosso exemplo, ou outra cidade qualquer – e naquilo que tange o envolvimento com o desenvolvimento do desporto local, é provável que os torcedores de clubes de fora não prestigiem o Nacional e compareçam ao estádio, mas movimentarão a economia paulista (devido ao Corinthians, por exemplo) e carioca (sede do *SporTV*) ao comprarem pacotes para acompanharem os jogos. Observemos o texto disponível no blog da *Fiel Juiz de Fora* (s/d, s/p, grifos nossos), que congrega noções de polarização urbana, ação da TV aberta, solidariedade entre torcedores e circulação de riquezas:

Ser corinthiano em uma *área de influência do Rio de Janeiro* não é nada fácil. Poucos conhecidos torcedores do mesmo time e *dificuldade em encontrar locais para assistir aos jogos* – que a TV aberta raramente exibia [...]. Motivados por uma reportagem de jornal (que focou o amor de torcedores de clubes fora de Minas Gerais e Rio de Janeiro em Juiz de Fora), alguns corinthianos se reuniram. [...] [Isso] foi o embrião da Torcida Organizada Fiel de Juiz de Fora.

O excerto anterior revela ainda as nuances práticas de o indivíduo fazer parte de uma minoria numa cidade onde faltarão, por decerto, os locais que simbolizam esse torcer: os bares como locais de acolhida (reunião) e o pertencimento como fator de junção dos torcedores. Esta caracterização serve ainda ao sentido prático e difícil de ser atleticano, são-paulino, cruzeirense etc. e se sentir identificado em Juiz de Fora e arrabaldes, mas também nas demais cidades matenses dominadas pelas torcidas de times cariocas, sobretudo nas microrregiões de Muriaé, Ubá e Cataguases.

A postagem inspiradora citada revela a polarização das metrópoles pela via do futebol, foco central deste estudo: em Juiz de Fora, o Corinthians é o 6º clube predileto, atrás dos 4 grandes cariocas e do Cruzeiro (4º lugar), mas superando o Atlético (em 7º), segundo o GE (2015). Quanto à TV aberta (*Globo Juiz de Fora*), não há endosso na reclamação da TO: em nossos levantamentos, o Corinthians foi o 4º time com jogos mais exibidos em 2014 e em 2015. Ou seja, recebeu privilégios até, já que esteve mais na grade da emissora (5 vezes em 2014 e 6 em 2015) do que clubes com mais torcida na região, como Botafogo (somente 2 vezes em 2014!) e Cruzeiro (5 em 2015).

O texto da *Fiel Juiz de Fora* (s/d, s/p, grifos nossos) possui outro trecho interessante:

O vínculo se estreitou e a parceria é grande principalmente com as torcidas Fiel Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Viçosa e Cataguases [...] que comparece às partidas. A Fiel Juiz de Fora aperfeiçoou sua gestão [...] e conta atualmente com o cadastramento de sócios, que contribuem mensalmente com um valor que viabiliza parte dos projetos. Em contrapartida, ganham

descontos na aquisição de produtos, eventos e viagens. É mais uma prova de que a torcida é uma das mais organizadas em prol do Corinthians no interior do país. E de que *fidelidade não tem mesmo distância*.

É prova ainda de que a economia alienígena funciona e atua também no universo do futebol – por meios da “aquisição de objetos” licenciados – e de que o dinheiro, como a fidelidade, não tem mesmo fronteiras e distâncias intransponíveis.

Então, torcer para times de outras cidades e estados representa uma dose de produção e circulação desnecessárias? Se não, como conceber a ideia de espaço vivido/experenciado? Yi-Fu Tuan (1982, p. 149) atua no entendimento desta fenda perto/longe da relação identitária:

Os lugares humanos variam grandemente em tamanho. [...]. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta [...]. Uma grande região, tal como a do estado-nação [sic], está além da experiência direta da maioria das pessoas, mas pode ser transformada em lugar – uma localização de lealdade apaixonada – através do meio simbólico da arte, da educação e da política.

Bryan Roberts (1981³⁹⁴ apud CASTRO, 1986, p. 38) aponta outra senda importante na observação dos posicionamentos vistos na articulação identidade-cidade ou time-cidade.

Uma região e sua identidade são forjadas através das imposições de uma classe dominante local, na procura de expandir sua própria base material [...] e no uso do controle sobre a administração local para alcançar seus fins, (portanto), as classes dominantes desenvolvem formas de controle político apropriado a seus interesses econômicos (e de poder), tanto que uma região toma um aspecto político peculiar quando comparada com outras.

Contudo, aos enunciados de Roberts (1981) devemos acrescentar que a dinâmica econômica, política e cultural contemporânea impõe racionalidades que ultrapassam limites geográficos, prescindem das distâncias. É exatamente isso o que ocorre com os torcedores de Muriaé: o Nacional é, pela via do futebol, uma expressão da sociedade local, desde sua fundação até o novo estádio, construído com recursos próprios e que mexe com o imaginário muriaeense. Por seu turno, o mesmo produz e representa o Corinthians, mas expressando uma base territorial material de envergadura exponencialmente maior, porém não menos elitista e dominadora do que uma classe dominante local. As emissoras de TV que divulgam o Corinthians estão incluídas nos quesitos dominação e base territorial. O futebol,

³⁹⁴ ROBERTS, B. “State and region in Latin America: the view from below”. In: BANEK, G. A.; BUVE, R.; VROONHOVEN, L. van (Ed.). **State and region in Latin America: a workshop**. Amsterdam: CEDLA; Incidentele Publicaties, n. 17, 1981.

especificamente, é resultante de uma racionalidade externa cujo domínio é, literalmente resultante de um “controle remoto”, ao menos em parte.

As elites locais e as elites nacionais – mesmo no caso do futebol – são representações de períodos em que a sociedade era mais territorializada/enraizada e, depois, reticulada/organizada em rede. Não por acaso, o Nacional de Muriaé tem a sua torcida que convive localmente com um dos nós da “rede de corinthians” espalhados pelo país.

Recorrendo a certas contribuições que circundam a Geografia Cultural, pode-se afirmar que torcedores de times não locais tendem a ter uma relação menos impactante com símbolos futebolísticos da paisagem urbana onde vivem, tal como o estádio do clube. Para Haesbaert (2002, p. 149), diversos “[...] espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há 'espaços' [...] de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material”. Cosgrove (1998, p. 98) sustenta que a paisagem não é só formada por objetos tangíveis, é uma maneira de ver o mundo, enquanto Gilmar Mascarenhas (2005, p. 62) admite ser o estádio de futebol a principal forma/paisagem da cidade moderna que, dotada de poderosa semiótica, compõe um conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o ressignificam. Os estádios, como anunciamos há pouco, também são um meio de concretização e projeção das elites – inicialmente locais e que, depois, fazem a transposição sucessiva de fronteiras para abarcar territórios cada vez mais abrangentes, o que levou a uma remodelação dos domínios territoriais e simbólicos dos clubes e dos estádios brasileiros das grandes cidades sobre o vasto espaço nacional.

Desse modo, para Martino (2010, p. 103, grifos do autor) transitam, além dos povos, representações e significados “[...]em escala global, disseminando ideias, valores e práticas globais que serão apreendidos e articulados localmente. Não importa, e aí está um paradoxo, que esse *local* exista como uma comunidade fora de seu *local*”. Nesse mesmo sentido, Castells (1999, p. 80) indica que “[...] na luta contra a exploração econômica, a dominação cultural e a repressão política, não restou outra alternativa ao povo senão render-se ou reagir com base na fonte mais imediata de auto-reconhecimento e organização autônoma: seu próprio território”.

Contudo, tais demarcações territorialistas não são tão evidentes no futebol quanto no caso dos movimentos sociais, que foram o alvo dos estudos de Castells (1999). O futebol não opõe, na maioria dos casos, à dupla afeição pelo time local e pelo time de torcida nacional. O “time nacional” pode estar sediado até na região que mais imprime disparidades regionais ao

território onde reside o torcedor, como entre o Sudeste e o Nordeste, onde, nesta última, são numerosos os aficionados pelos times daquela região. Há uma complexidade no futebol que sugere não haver lógica globalizante neste esporte, enquanto as vinculações identitárias duradouras recuam no mundo (BAUMAN, 2005), elas permanecem no futebol; mas quando grupos sociais operam uma identidade defensiva quanto aos avanços hegemônicos (CASTELLS, 1999), o futebol empresta harmonia entre ser torcedor de agremiações locais (pequenas) e nacionais (grandes equipes). Incontinenti, o torcedor faz do futebol o elo entre territórios e modelos socioeconômicos e culturais tão díspares sem, contudo, retirar suas assimetrias. No âmbito de tais relações Martino (2010, p. 29-30) sustenta que

a ideia principal é a de que a identidade de alguém, de um grupo ou mesmo de um povo passam por relações de comunicação estabelecidas interna e externamente, a partir das quais são criados e disseminados as narrativas e os discursos que permitem às pessoas se reconhecerem como parte de alguma coisa, como “iguais” a determinado grupo e “diferente” de outros.

Nesse contexto, a seguir verificaremos como o futebol e seus territórios serviram de/como expressão para os matenses e como tais manifestações lhes conferem uma identidade própria no conjunto de Minas Gerais, a despeito das standardizações criadas. Analisaremos também as vinculações clubísticas que evocam um dado território.

5.3 – OS TERRITÓRIOS DO FUTEBOL ENQUANTO EXPRESSÃO DE IDENTIDADE LOCAL/REGIONAL

As manifestações identitárias por meio do futebol não são uma exclusividade brasileira, mineira ou matense. Ao contrário, elas estão presentes em vários locais do globo, abarcando povos e culturas, agremiações futebolísticas e cidades, numa profusão de diversidades e de motivos geradores capazes de reunir o futebol a uma base territorial. Em geral, esta base é o bairro, a cidade e/ou a região, congregados por um sentimento de pertença no qual o clube de futebol é um meio de engajamentos políticos, de enfrentamento dos mais pobres diante dos mais ricos, de um dérbi entre “davis e golias”, dentre outros afloramentos que conectam os torcedores à sua base territorial.

5.3.1 – A força da origem do clube: a base territorial local/regional

As relações time-cidade-grupo ou classe social são encontradas em vários territórios. Demonstramo-as quanto à Zona da Mata por meio dos casos de Ponte Nova e Guarará, nos quais houve uma associação de grupos (imigrantes x aristocratas) e de classes sociais (ricos x pobres), respectivamente, na formação e nos jogos dos clubes de futebol (*Primeiro de Maio x Pontenovense*; e *Guarará x Cruzeiro*). É certo que as **identificações de ordem territorial são marcadas por influências sociais, de classes, culturais etc.** Segundo o SIRC (2008, p. 40), o dérbi local é emocionalmente carregado e significa não só uma concorrência entre os dois rivais locais, mas também um confronto de histórias, tradição, estilo de jogo, classes e política.

Contudo, esse tipo de associação não é uma prerrogativa exclusiva da Mata Mineira. Através de outros **exemplos** e espaços, podemos **compreender melhor a base territorial local e regional dos times e o sentido da filiação de seus torcedores.**

Um desses casos em que encontramos ligação torcedor-região se dá com os **fãs do Santos Laguna, do México**. “O indivíduo transpõe sua identidade de *lagunero* à identidade como santista, fundindo os valores da região que têm sido característicos historicamente [...]”, construídos e também “[...] apropriados publicitariamente pelos governos municipais e estaduais”, enfatizam Chong, Gavaldón e Aguilar (2009, p. 7, tradução nossa). Alguns dos

aficionados, entrevistados pelos autores, citaram o Santos como um meio de os *laguneros* se sentirem representados diante dos mexicanos de outros estados, tal como expressou Omar, contador, 68 anos: “[...] representa um símbolo da cidade de Torreón e da Comarca de Laguna [...] que tem levado o nome da cidade e da comarca não só a todo o país, como já a níveis internacionais”. Além disso, José Roberto, 20 anos, membro de uma TO, argumentou que o Santos Laguna representa menos uma rivalidade com os times do Monterrey ou Tigres, e muito mais um embate frente às cidades de Torreón e Monterrey: “não é de futebol ou das equipes”, afirmou o torcedor (CHONG; GAVALDÓN; AGUILAR, 2009, p. 6 e 10, tradução nossa).

Assim como no México, as disparidades arquitetadas nos territórios são transpostas para o futebol e também se expressam no Brasil, onde torcemos pelos times pequenos, do interior ou mais pobres diante dos times grandes, ricos e apadrinhados pelos meios de comunicação. Além disso, tomar partido pelo time do bairro ou da cidade – amador ou profissional – requer envolvimento com o local. É isso que motiva a torcida, envolta ainda em laços de amizade, de família e nos rituais e cânticos relacionados ao time, transformados em sentimento de pertencimento. Tais percepções não são exclusivamente brasileiras. Foram também detectadas entre 18 países europeus por meio do estudo intitulado *Football Passions* do *The Social Issues Research Centre - SIRC* (2008, p. 4 e 5).

O mesmo estudo (SIRC, 2008, p. 41 e 42, tradução nossa) fornece diversos exemplos de **filiações clubísticas europeias cujo componente territorial** – local (bairro e cidade) e regional – **é imperativo**. Vejamos alguns casos significativos:

- i) na Bélgica, onde o futebol é tanto um meio de reconhecimento das diferentes identidades regionais e das tradições, como é uma “área comum”, onde pessoas de diferentes quadrantes políticos, linguísticos e regionais podem se reunir, sejam *flems* ou valões;
- ii) em Bergen, na Noruega, que após perder a condição de capital nacional, parece ter transposto para o futebol o orgulho patriótico e local, na visão de Frode Grytten, poeta e comentarista de futebol. Viria daí a reconhecida forte manifestação dos torcedores da cidade;
- iii) para os fãs de Sogndal, um distrito norueguês com apenas 7.000 habitantes, honrados com o fato de o time local competir na liga nacional.

No **Ecuador**, as **disputas regionais** entre províncias ricas e seus respectivos clubes, produziu uma **sensação de torcer pela seleção nacional ainda estranha** entre os equatorianos. A tentativa de mudar esse panorama veio somente nos anos 1990: “[...] podemos nos unir; podemos lograr coisas impossíveis se nos integramos; [...] fazer esporte é fazer a

pátria”, exaltava o *El Comercio* (12 jun. 1993 apud GALLEGOS, 2003, p. 113, tradução nossa). Os conflitos regionais no Equador ocorrem entre Quito e Guayaquil, os seus principais núcleos urbanos, que expressam diferenças sociais e disputas por afirmações (socioeconômicas e futebolísticas). Assim, os pobres são representados por Barcelona (Guayaquil) e Aucas (Quito); os ricos pelo Emelec (Guayaquil); e as classes médias brancas pela LDU (Quito). “Se retrocedermos até os anos 1950 e 60, quando surge o futebol profissional, este era um campo mais de confrontação regional costa-serra através dos campeonatos nacionais. Localmente, era a expressão de identidades em conflito”, extravasadas também por meio de cânticos ofensivos entre quiteños e guayaquileños, ressalta o antropólogo equatoriano Jacques Gallegos (2003, p. 113 e 115, tradução nossa).

Jorge Trujillo (1983, p. 53, tradução nossa) destaca que no imaginário equatoriano existem 3 regiões naturais (costa, serra e oriente) que levam a processos de separação sociocultural e a determinismos geográficos: “Uma aparente – ou talvez real – concepção ingênua do relevo ou da ecologia que funda identidades, lealdades e, em última instância, desigualdades, todas invocadas a constituírem-se em elementos-chave da nacionalidade equatoriana”. Em Minas Gerais, situação semelhante ocorre: o grande norte é o sertão; o centro, a região do ouro, da fundação de Minas e da mineiridade; o oeste é plano, de economia primária, assim como o Sul, ambos com influências paulistas; o leste e a Zona da Mata são as antigas áreas inóspitas e ligadas ao café, ambas sob a polarização carioca, da qual o leste se desvencilhou, mas não a Mata. Muitos arquétipos de Minas Gerais estão próximos a esse que citamos. Diferenças à parte, as rotulações para o caso mineiro, como no Equador, suscitam desigualdades, omissões de verdades e até preconceitos, tudo isso cunhado pelo “discurso da mineiridade”, que trataremos adiante.

De acordo com a pesquisa de Fábregas Puig (2006, p. 9, tradução nossa) em/sobre **Chiapas**, o **futebol** oferece as condições para **congregar a população e oferecer-lhe um símbolo tangível/palpável de si mesma**. “O time de futebol pode gerar um símbolo de integração que atravessa as desigualdades sociais e as diferenciações culturais”. Com isso, a identidade regional é construída a partir da imagem distintiva que os atores das sociedades locais de uma dada região fazem de si mesmos ao se relacionarem com outras regiões e coletividades. Tais relações, contudo, são mediadas por recursos materiais e simbólicos que retroalimentam as mesmas desequilibradas articulações entre nós das redes urbanas tão díspares quanto uma cidade pequena e uma metrópole, ou entre o clube de futebol pequeno e o grande, um com seu “alçapão” e o outro com sua nova arena esportiva.

Na **Argentina**, Garriga Zucal (2007, p. 4) demonstrou a relação dos **fãs do Huracán** com o próprio clube e com a **seleção nacional**: existem **duplas identificações, mas não sem conflito**. Houve uma tensão entre uma identidade mais local e imediata, e a outra mais distante que, contudo, se interpõem, se articulam e se atritam. Como no Brasil, o futebol argentino também serviu à construção das narrativas nacionais. Segundo Pablo Alabarces (2005³⁹⁵ apud ZUCAL, 2007, p. 2), desde os anos 1990 tem ocorrido uma troca de pertencimentos, vertida para os pequenos grupos, para um bairro ou determinado clube. Afirmar ainda que o futebol vem tendo papel central ligado às *identidades tribais*³⁹⁶. Assim, o *Club Atlético Huracán* e o bairro *Parque de los Patricios* funcionam no imaginário dos torcedores como pares indissociáveis. Numerosas são as formas de demonstrar tal pertencimento: canções, bandeiras e grafites que vinculam bairro e agremiação, pesquisou Zucal (2007, p. 6).

O localismo do futebol na Argentina – especialmente em Buenos Aires – é tão grandemente influenciado pela presença de grupos sociais que se fizeram constar por meio dos clubes que fundaram, que levaram à criação de 79 estádios na capital federal, a qual foi chamada por Gaffney (2008³⁹⁷ apud CRUZ, 2010, p. 193) de “estadiolândia”. No Brasil, como na Argentina e em outros países, clubes que perderam seus estádios em razão da especulação imobiliária, os realocaram nas periferias, longe de suas bases comunitárias tradicionais e/ou originais.

Essas mudanças estavam de acordo com novas concepções urbanísticas, que não viam com bons olhos equipamentos como estádios de futebol em áreas centrais, dedicadas agora a atender a novos conceitos de desenvolvimento urbano de mãos dadas com o retorno de uma natureza domesticada ao tecido urbano no sentido de neutralizar o impacto neste espaço (CRUZ, 2010, p. 77).

No imbricado jogo de poder futebolístico e econômico, o torcedor é conduzido a filiar-se a esta ou aquela agremiação, mas não sem antes ser uma das arestas envolvidas nas relações interregionais. Assim, pode torcer pelo clube local ou pelos clubes mais midiáticos do país (ou até para ambos). No **Chile**, por exemplo, **norte e sul rivalizam**. O norte foi incorporado tardiamente ao país, após a Guerra do Pacífico. “O Estado chileno através de escolas e de outros instrumentos (como serviço militar obrigatório) desenvolveu um processo

³⁹⁵ ALABARCES, Pablo et al. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

³⁹⁶ Alabarces (2005) denominou de *tribalização* ao processo de localismos no futebol da Argentina.

³⁹⁷ GAFFNEY, C. **Temples of the Earthbound Gods**. Stadiums in cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin: University of Texas Press, 2008.

de chilenização destinado a coincidir as novas fronteiras geográficas com as fronteiras culturais, definidas desde Santiago” (JIMÉNEZ, 2013, p. 2, tradução nossa). Chilenizar significa elaborar um discurso antiperuano e antiboliviano. No futebol, representou a adoção de nomes nacionalistas (*Bandeirita Chilena*, José Miguel Carrera) e a extinção de nomes peruanos (*Unión Tacna*), como continuidade do “processo civilizatório”. A região de Iquique, abandonada pelo governo central após a queda da produção de salitre, usa os jogos do time local homônimo contra o Colo-Colo (de Santiago) como a única instância para expressar descontentamento: segundo Jiménez (2013, p. 8), a partida simboliza a rivalidade nacionalismo/centralismo x regionalismo/identidade regional.

O envolvimento do torcedor com a história construída em sua cidade, região e país influenciam seu modo de torcer, a partir de seu posicionamento social e de seus familiares, do choque de interesses formados ao longo do tempo e das rivalidades grupais e até nacionais. A pesquisa do SIRC (2008, p. 5, tradução nossa), empreendida pela inglesa Universidade de Oxford, assim se reportou acerca desse tema:

Torcedores em países com identidades locais e regionais fortes têm uma relação um pouco diferente com o esporte do que os fãs em países onde o regionalismo é de menor importância. Em alguns países, como a Noruega e a Suécia, a fidelidade à equipe local é muito mais forte do que aquele associado com o lado nacional. Em contrapartida, França, Polônia e Portugal têm alianças mais fortes com a sua face nacional.

A ligação do torcedor com seu clube faz com que os espaços e os símbolos relacionados a ele tenham grande carga de afetividade: a sede, o estádio, a sala de troféus, o uniforme, a bandeira etc. A torcida vascaína protagonizou um desses casos ao arrecadar fundos para construir (em 10 meses!) o Estádio de São Januário em 1927, quando também precisou suportar um período no qual “[...] se queria esquecer de nossa filiação com Portugal, porque dali herdamos o 'atraso', o mau gosto...” (SILVA, 2005, p. 33 e 38). Pesquisas (SIRC, 2008; GIACOMINI, 2011) têm revelado que a 1ª experiência de comparecimento de infantes aos estádios, em geral levados pelos pais (homens), cria uma filiação clubística que tende a uma longa duração. Aí se originam as preocupações e filiações que conectam o torcedor ao clube e à cidade. Na visão de Fabio Pollice (2010, p. 20), a identidade territorial tem importância nos processos de desenvolvimento de uma localidade, já que “os sentimentos identitários determinam em nível local um apego afetivo aos valores paisagísticos [como o estádio do clube da cidade] e culturais do território [o torcer localmente] que tende, por sua vez, a traduzir-se na adoção de comportamentos individuais e coletivos voltados à tutela e à

valorização daqueles valores”. Isso também levaria a um cuidar não só das qualidades tangíveis, mas também daquelas intangíveis.

Nessa avaliação dos valores internos e externos podemos assistir a um fundir ou aproximar de **posições essencialistas** com aquelas que **vislumbram a uma valorização do local**. No terreno futebolístico há uma discussão que abrange tais valores e posições sobretudo criadas entre **torcedores nordestinos**, cuja manifestação é representada por um vídeo difundido na internet que teve uma parte de seu conteúdo e texto mencionados por Vasconcelos e Abreu (2015, p. 18-19, grifos dos autores):

Música de fundo: *The Saints are Coming*. [Imagem de flamenguistas assistindo a jogos pela TV. Frases começam a aparecer na tela:] Quantas vezes você foi ao estádio? Quantas vezes viu seu time de perto? Alguma vez você se sentiu parte da Torcida de verdade? *Infelizmente você está sendo manipulado* [Imagens do logotipo da Rede Globo mesclado com os escudos do Flamengo e, em seguida, do Corinthians]. Por décadas, a TV é sua única companheira de jogo. *A antena parabólica te alienou*. Você não sente a real emoção do futebol. Sem você, o futebol do Nordeste se fragilizará ainda mais. *É exatamente isso que a CBF, Globo e Clube dos 13 querem!* Por quanto tempo você continuará nessa situação? Até quando aceitará essa imposição? Dê um basta a essa alienação. Não deixe que a Globo escolha o seu time. *Torça por Clubes de sua Região*. E sinta a real Emoção do Futebol [Imagem de torcidas de times nordestinos e de faixas e camisa antimistos].

Os *mistos* são aqueles torcedores bifiliados ao mesmo tempo a um time nordestino e a um time de fora, geralmente do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Essa denominação foi criada por uma parcela de fãs contrários a tal modo de filiação clubística, formada pelos *antimistos*. Este grupo tem desferido críticas aos *mistos*, tidos como “misturados”, “impuros” e “vergonha do Nordeste”. A insatisfação é revelada em faixas nos estádios, nas camisas e nos grupos na internet. O vídeo *Mistos, a vergonha do Nordeste* já teve mais de 100 mil visualizações, cuja homônima comunidade do extinto *Orkut* reunia quase 6 mil pessoas e assim proclamava: “Esta comunidade foi feita para combater o câncer do Futebol Nordestino, os mistos! Criem vergonha na cara e *torçam para um time do seu Estado, da sua cidade, afinal, nós somos daqui. É aqui que moramos*. Lá fora ninguém torce para os nossos clubes [...]” (SILVA, 2011, p. 66, grifos nossos).

“Os anti-bifiliação elaboram um discurso no qual analisam a distribuição de poder entre os times do futebol brasileiro, apontam prejuízos materiais e simbólicos que os mistos trariam aos times de sua própria região e teorizam sobre as razões de se existir esse perfil de torcedor” (VASCONCELOS; ABREU, 2015, p. 16-17). Numa dessas investidas, avaliam que a mídia tem destacado papel na composição das torcidas, que é sintetizada em frases

estampadas nas camisas: “Eu escolhi o meu time, a mídia escolheu o seu”. Apelos financeiros e identitários também são usados nas críticas:

Para os anti-bifiliação, o fato de nordestinos torcerem por clubes “de fora” traz grandes prejuízos ao futebol da região, fortalecendo o cenário de desigualdade. O “misto” deixaria de oferecer apoio financeiro e simbólico aos times da sua região – os que realmente pertenceriam a ele – para valorizar clubes de outras partes do país – que pertencem aos outros, não a ele.

Por sua vez, o capital midiático leva os jogos e o dia-a-dia desses times a cidades distantes da sua sede. Em muitos casos, a presença de times “de fora” na mídia de alguns estados do NE é maior do que a dos próprios clubes locais. Isso faz com que os times de RJ e SP, embora distantes geograficamente, se tornem simbolicamente muito próximos da realidade desses torcedores [...] (VASCONCELOS, ABREU, 2015, p. 17 e 18).

A mídia também entra na polarização “espaços dominantes x espaços dominados” presente nessa dissensão entre torcedores. De maneira claríssima e sem o medo de tendenciar, o *Esporte Interativo* (EI) – TV dedicada ao esporte que criou um canal exclusivo para o Nordeste – coloca-se como “libertador” do torcedor nordestino frente aos ditames midiáticos vindos do Sudeste e seus canais de televisão.

Foto 5.1 – Anúncio exaltando programação livre dos grandes times do Sudeste e voltada para o Nordeste.

Fonte: Vasconcelos, Abreu, 2015, p. 19.

Os fãs “localistas” também revelaram seus posicionamentos quando rechaçaram publicamente a partida marcada para Recife (na Arena Pernambuco) entre Botafogo e Fluminense, válida pelo Brasileirão 2013. O fato foi assim mostrado pelo próprio Esporte Interativo (YAHOO/EI, 2013): “Polêmica foi criada por conta de possível influência dos times

do Rio de Janeiro na Região Nordeste”. A chamada da matéria nos reconduz ao dilema mistos x anti-mistos. As 3 maiores torcidas de Recife têm cerca de 60% da preferência local, atesta a *Pluri Consultoria* (2013), e estão envolvidas em rixas com equipes cariocas:

- i) fãs de Náutico e Santa Cruz fizeram campanha nas redes sociais para levar mais público aos jogos do que os cariocas;
- ii) a antiga disputa travada ante a CBF por Sport e Flamengo pelo título do Campeonato Brasileiro de 1987 ainda tem seus desmembramentos na atualidade: a TO *FlaRecife* teve de mudar de endereço e ir para uma área militar da cidade;
- iii) *Movimento Popular Coral* foi o nome da campanha dos tricolores apoiada até pelos torcedores de Náutico e Sport, cujo líder, Leonardo Mendes, declarou: “Os pernambucanos sempre foram resistentes a times de outros estados e agora a revolta foi grande e rápida”. Com isso, “a própria administração da Arena ficou surpresa pela reação. Conseguiram provocar uma rejeição das 3 torcidas. Vamos pôr mais público no Arruda [Estádio do Santa Cruz] para desmoralizar esse clássico carioca”.

Ao final da trama, não foi preciso abrir o anel superior da Arena Pernambuco em razão do público aquém do esperado que foi ver Botafogo e Fluminense, além de não ter havido mais partidas marcadas entre times “externos” em Recife. Brasília, Cuiabá e Manaus vieram em substituição de tudo, da cidade e dos protestos, como requer o futebol como negócio. Apesar de um tom mais radical dos pernambucanos do aquele verificado entre os torcedores do Nacional de Muriaé, a questão dos pertencimentos envolve um exercício de poder territorial e simbólico no futebol e em diversas áreas, como música, política, universidades etc. O “bairrismo” – para o bem e para o mal – é o nome popular (não por acaso) que define esse sentimento. Podemos resumir o teor dessa discussão com o mesmo *slogan* utilizado por torcedores de vários clubes nordestinos há alguns anos: *Nordestino de coração, torce pelo time da sua região*.

São as **relações de vizinhança com os clubes** – pequenos ou grandes; amadores ou profissionais – que incutem afetividade, comprometimento com as “coisas” do clube e, claro, a vinculação clubística. Nesse sentido, Silvio Silva (2005, p. 36) relata-nos o caso do torcedor Geraldo, que desenvolveu apreço clubístico graças ao convívio social: “Eu nasci numa favela chamada Barreira do Vasco e como eu tinha problemas respiratórios, meu pai, que é São Cristóvão doente, me colocou no Vasco da Gama para eu fazer natação”. Ademais, aquilo que uma dada agremiação evoca e representa estimula ou rechaça torcedores, mesmo os que não podem ter relações de proximidade: a origem do time – suburbano, entre operários,

imigrantes, abastados, etc. – ou uma postura política, por exemplo. Assim, há quem não se simpatize com equipes já utilizadas por ditadores – como o Real Madrid – ou que manipularam resultados – caso do Juventus da Itália. Por seu turno, imigrantes portugueses e italianos puderam torcer para os “times da colônia” em Belo Horizonte, onde

A associação das equipes com uma localidade da cidade fortalecia os laços de pertencimento. Embora a *imprensa não oferecesse muita voz aos clubes da periferia*, destacando particularmente os grandes Athletico e America, foi possível identificar *uma série de equipes estabelecidas a partir de vários bairros* de Belo Horizonte.

A identidade espacial não era única, no entanto. O surgimento de clubes com vínculos diversos também passou a ser algo relativamente comum. Para além das equipes oriundas de imigrantes e descendentes, como Palestra Itália, o Lusitano e o Sírio Horizontino, *alguns clubes representativos de setores da sociedade ganhavam vida, ainda que com menor importância* [...] (SOUZA NETO, 2010, p. 72 e 73, grifos nossos).

Situação semelhante é verificada na **Zona da Mata**, conforme mostramos com a chegada e a consolidação do futebol nesta região. Também aí diversos clubes foram fundados sob variadas vinculações sociais e espaciais. Os nomes das equipes eram quase que integralmente referenciados a partir das cidades, bairros, santos etc. até os anos 1970, para assumir, em parte, nomes replicados das grandes equipes brasileiras e europeias. Isso sugere uma influência midiática, algo que interfere no futebol há muitas décadas, conforme destacamos no excerto anterior, oriunda de pesquisa focada entre 1904 e 1930 sobre o futebol em Belo Horizonte. Somente em Juiz de Fora encontramos 303 times disputantes dos torneios da liga local de futebol entre 1918 e 2008, além de 99 equipes ligadas aos locais de trabalho e às associações de classe. Num relatório da década de 1970 sobre Juiz de Fora e com fins de planejamento, a FJP (1974, p. 30) inventariou 31 clubes esportivos na cidade.

Os campeonatos amadores (existentes praticamente em ubiquidade na Mata Mineira) repetem essas caracterizações descritas acerca de Juiz de Fora, sendo abundantes em contar com agremiações que representam vários segmentos da sociedade de suas cidades, além dos vários bairros.

Em Minas Gerais, as **disputas entre Juiz de Fora e Belo Horizonte** para sediar a capital e dominar a economia estadual foram transpostas também para o futebol, que cresceu sob tal contexto. Torcedores dos times de Juiz de Fora tradicionalmente entoam “roceiro, roceiro...” diante das equipes belo-horizontinas, numa referência ao antigo nome *Curral Del Rei* que já designou o local de instalação da capital, além de mostrar seu provincianismo frente a Juiz de Fora, a principal cidade do Estado nas primeiras décadas do século XX. Esta

modernidade juiz-forana, calcada no Rio de Janeiro como modelo, acabou por direcionar a rivalidade de Belo Horizonte também para os cariocas. Possivelmente daí derivam as maiores filiações aos clubes paulistas do que aos cariocas verificados na RMBH, segundo Pluri Stochos (2013). Os referidos cânticos futebolísticos são, como se vê, literalmente históricos e ainda demarcadores de uma base territorial.

Esta base territorial às vezes era montada sobre uma base de rivalidade, capaz até de superar os efeitos da proximidade e da afetividade que já mencionamos. Em Belo Horizonte temos tal tipificação da torcida, revelada na pesquisa de Georgino Neto (2010, p. 18, 69 e 87-88), segundo a qual entre 1916 e 1925 se deu a construção da identidade dos clubes da cidade com os seus habitantes. Nesse sentido,

[...] o processo de identificação ocorreu, dentre outros fatores, pelo aumento sistemático dos *matches* intermunicipais e interestaduais, em partidas que os clubes da capital enfrentavam as equipes de *outras cidades mineiras* ou [...] de outros Estados [ou] [...] selecionados representativos de cada Estado da Federação. Assim, os jogos entre o selecionado mineiro e o carioca despertavam a atenção da população e permitiram a sedimentação de um *sentimento rival no sentido unilateral de Minas Gerais para o Rio de Janeiro*. [Grifos nossos].

Minha cidade, meu estado, meu país. Certamente, a lógica da posse e do pertencimento contida no futebol se resumia a uma expressão: *meu time*. Ter um clube [...] ou uma seleção que representasse um espaço habitado por valores e princípios particulares a um agrupamento social era também dar vazão a sentimentos internos [...]. [Grifos do autor].

O Palestra foi inventado em Belo Horizonte para vencer sempre o Athletico. E o Athletico foi fundado para vencer cariocas e paulistas [...] ³⁹⁸.

No entanto, se as filiações clubísticas podem transpor fronteiras e distâncias, elas não eliminaram as relações de solidariedade promovidas em escala local. Isso vale para o futebol profissional e amador. **As relações de bairro e de classe são de central importância para o surgimento e a manutenção dos clubes amadores e dos profissionais pequenos.**

Quanto ao nosso estudo de caso, um belo **exemplo matense** nesse sentido vem do **Futebol Clube do Paraíso (FCP), de Viçosa**. Paraíso é o nome de uma comunidade rural do município, cujo time e seus jogos dão coesão identitária e sociabilidade aos atletas e moradores. A origem da comunidade vem da descentralização de uma única propriedade, que foi fortalecendo os gregários e credenciando a comunidade “Paraíso”. O time local (Futebol Clube do Paraíso) surgiu por volta de 1965 e filiou-se à Liga Esportiva de Viçosa em 1971, quando seu campo ficou pronto. Os jogos atuais que a equipe disputa (amistosos dominicais)

³⁹⁸ Trecho original do jornal *Minas Gerais* (2-3 jun. 1930, p. 11) compilado pelo autor.

funcionam como lazer comunitário: as famílias costumam acompanhar os jogadores e sempre há uma confraternização entre todos – futebolistas e familiares – após os jogos (CARDOSO, KOWALSKI, ANDAKI, 2009, p. 3, 11 e 12). Por essa importância social, o **Futebol Clube do Paraíso também expressa o vínculo identitário desta comunidade com o local:**

A relação com a equipe é bem variada, para se fazer parte da mesma é necessário que se tenha algum vínculo com o bairro, ou seja, tem que ser morador do bairro, ter familiares no mesmo ou colegas que já atuam na equipe que possam indicá-los, sendo que qualquer pessoa que queira fazer parte da equipe tem que ser aprovada pela maioria dos membros, porque eles privilegiam moradores da comunidade ou pessoas que tenham algum vínculo com a comunidade, como por exemplo, familiares e amigos que residem no bairro (CARDOSO, KOWALSKI, ANDAKI, 2009, p.13).

Essa mesma significação de proximidade outrora também já envolveu a história dos atuais grandes clubes, cujo crescimento esborou seu perfil intimista e alterou características presentes nos primeiros anos: time da elite, de operários, de imigrantes, de estudantes etc. Popularização e impessoalidade passaram progressivamente a configurar o futebol-espetáculo e seus times.

Dentro da formação contemporânea capitalista, “a estrutura futebolística brasileira se manteve basicamente local até a década de 1970-80, com a predominância de campeonatos estaduais”, quando as pequenas agremiações ainda mantiveram-se em condições de competição com os grandes clubes de seus estados, “o que lhes possibilitou o sucesso, senão esportivo [...], pelo menos financeiro e social”, gerando receitas e “o reforço da importância do clube e seu equipamento social para a comunidade local [...]” (CRUZ, 2010, p. 109).

As histórias dos **times de futebol nasceram como uma tentativa de diferentes facções da sociedade darem voz a seus partícipes**. Destarte, sociedades marcadamente classistas e excludentes, como a brasileira (e a latino-americana, como um todo), promoveram uma profusão de lançamentos de clubes. Justamente por isso, muitos deles sucumbiram às dificuldades financeiras, expressando a própria posição social de seus membros e fundadores. Os times sobreviventes, ao representarem suas associações e comunidades, suscitaram a expressão de rivalidades socioculturais transpostas para os estádios. Em diversas cidades brasileiras – e também nas matenses – existem 2 ou mais clubes cujas origens remontam a grupos sociais também diversos. Consoante Frydenberg (1999), para os jovens ligados ao futebol, esses laços identitários associados à localidade em que viviam se expressavam na fundação de seus clubes de futebol e na participação em torneios que faceavam grupos com experiências históricas e relações comunitárias diferenciadas, constituindo o que ele chamou

de *vivência das relações solidárias e horizontais*, similarmente ao que Lefebvre (2001) anunciou como *ordem próxima* e como *imediatice*s urbanas, conforme já apresentamos.

Há uma questão ainda com muito campo para investigação: diante de uma forte ligação clubística (de perfil local/regional, identitário-territorialista ou não), como o futebol expressaria, hoje, a nacionalidade? Ou em outros termos, o torcedor prefere seu time ao selecionado nacional? Já está bastante difundido na literatura sobre o futebol que as frágeis noções iniciais dos sentimentos de pertencimento às nações foram alimentadas através do futebol, cuja espetacularização criou uma dissensão entre torcedores dos clubes e das seleções nacionais (FAVERO, 2009, p. 107). Malgrado este percurso, o SIRC (2008, p. 43 e 44) mostrou que **na Europa os fãs pendem mais para seus times do que para as seleções de seus países**, atingindo quase 80% dos entrevistados dos 18 países estudados. Os aficionados mais “nacionalistas” são os poloneses, portugueses e franceses, ao contrário de ingleses, espanhóis, suecos, italianos, húngaros etc. É possível que o Brasil exiba resultado semelhante ao europeu, principalmente se levarmos em conta a menor vinculação dos jogadores com seus clubes formadores. Quando chegam a servir à seleção, muitos de tais jogadores já estão atuando no exterior, esvaziando a ponte que uniria clube e seleção e, logo, torcedor e seleção.

A questão do **nome da agremiação vincular-se a um determinado espaço** (Botafogo *do Rio*, América *Mineiro*, Juventus *da Mooca* etc.) não é tão simples como pode parecer. Até uma maior ou menor aceitação do clube estão envolvidas em tal evocação territorial, como no caso do Estado do Paraná, onde o Coritiba sofreu maior rejeição do que o Atlético Paranaense. A evocação da capital no nome do Coritiba foi citada por torcedores como motivo de repulsa, enquanto o Atlético é mais aceito por referir-se a todo o Estado – Clube Atlético *Paranaense* (SILVA, 2011). As rivalidades internas regionais moderam a penetração de ambos pelo interior do Estado: têm menos torcida do que os times locais de Maringá, Londrina e Paranaguá, por exemplo (PARANÁ PESQUISAS, 2008³⁹⁹ apud SILVA, 2011, p. 50, 51 e 54). Em Maringá não obtiveram nem 1% das preferências (o Coritiba - o mais bem colocado - ficou em 8º lugar, com 0,85%) e em Paranaguá a situação é menos caótica, apesar da proximidade com a capital (cerca de 100 km): 6º lugar para o Atlético (4,33%), em 8º o Coritiba (2,88%) e em 12º ficou o Paraná (0,96%). É o que nos mostra a pesquisa de Sidney da Silva (2011), que relacionou jornalismo esportivo com formação de uma identidade futebolística regional.

O Paraná, como Minas Gerais, é tomado por profundas diferenças regionais e pior, por

³⁹⁹ Publicação no jornal *Gazeta do Povo* (edição de 20 dez. 2008).

um distanciamento entre capital e arredores e o interior. A não aceitação dos times da capital no interior está relacionada com a velha divisão social e cultural norte-sul. A população do *Paraná tradicional* (leste, sul, região de Curitiba) considerava os migrantes nortistas (mineiros e, depois, paulistas⁴⁰⁰) como usurpadores/apropriadores das riquezas do Estado, ao passo que os nortistas viam as pessoas do “Sul” como de pouca iniciativa: nascia aí o conflito *Tradicionais do Sul x Pés vermelhos do Norte* (SILVA, 2011, p. 41 e 61).

De acordo com Dias (2011⁴⁰¹ apud SILVA, 2011, p. 35) há um debate acadêmico relacionando a colonização do norte e oeste com as identidades regionais e esportivas paranaenses. “A manutenção de culturas e tradições gera uma dificuldade em se estabelecer uma identidade única do paranaense, e isso é retransmitido por meio do futebol no comportamento dos torcedores, que acabam optando por times de outros Estados”. A essa tentativa de articular identidade-torcida-regiões do Paraná acrescentamos o fato de o futebol nesse Estado também ter possuído caráter ilhado. A unificação dos campeonatos regionais no Campeonato Paranaense veio somente em 1966.

Assim como os aficionados *mistos* nordestinos, os fãs de clubes não paranaenses têm sido questionados no Paraná. “Os adeptos dos times locais acreditam que há uma falta de *regionalismo* por parte destes torcedores”, criando “[...] um significativo preconceito na sociedade no que tange ao âmbito esportivo” (SILVA, 2011, p. 64). Jornalistas entrevistados⁴⁰² por Sidney da Silva (2011) assim analisaram esse e outros aspectos que envolvem o futebol paranaense, apontando seus aspectos definidores:

- i) questão econômica: a falta de identidade com times do interior e da capital enfraquece o futebol estadual em termos de arrecadação, arregimentação de sócios etc., nas opiniões de Mauro C. Pereira e Antônio Carlos C. Neto (2011);
- ii) colonização: sua diferenciação conjugada com a influência da mídia explicaria a identidade futebolística com times paulistas (norte) e cariocas (litoral/faixa leste, onde as ondas das rádios chegavam com maior desenvoltura, caso da Nacional), argumenta Lessa (2011);
- iii) títulos: para Capraro (2011) e Ribeiro (2011), esta seria a melhor forma de fortalecer os times locais pela atração que causariam nos torcedores/simpatizantes. Como estes são volúveis, seriam necessários títulos seguidos para que se consolidasse a nova torcida de um

⁴⁰⁰ O Paraná ficou mais ligado à São Paulo após a construção da Ferrovia São Paulo-Rio Grande. A E.F. Sorocabana escoava a produção econômica do norte paranaense para o mercado paulista e para o porto de Santos. Por isso, tal região passou à esfera de influência paulistana, motivando os sulistas a afirmarem que São Paulo era a capital dos nortistas do Paraná (SILVA, 2011, p. 39 e 40).

⁴⁰¹ Informação pessoal dada ao autor em questão.

⁴⁰² Todos entrevistados em 2011.

clube.

Como é notável, certos dilemas paranaenses são igualmente vistos em Minas Gerais, apesar de Cruzeiro e Atlético terem mais títulos que Coritiba e Atlético, mas os regionalismos e a falta de vinculação com os clubes são realidades enfrentadas pelos mineiros nas áreas fronteiriças com Rio de Janeiro e São Paulo. Por isso o torcer na Zona da Mata é tão complexo enquanto teor identitário.

Finalizamos esta subseção asseverando que **é a comunidade envolvida que explica a base de torcedores ser local**. Ou ainda: a comunidade envolvida é não desterritorializada no enredamento global contemporâneo. Afinal, é no bairro, na cidade ou na comunidade de origem que o clube tem sua torcida, sendo grande ou pequena, aficionada pelo time amador ou profissional. Em Ponte Nova, Cataguases, Lima Duarte, Rio Pomba, Juiz de Fora, Viçosa e Manhuaçu estão, respectivamente, os torcedores do Primeiro de Maio, Operário, Minas, Tupinambás, Paraíso e Ipiranga, por exemplo. Isso se repete em outras cidades do Brasil, mesmo nas maiores, quando a escala pode ser só o bairro, que é onde se concentram os torcedores de times como Olaria, Bangu, Madureira, São Cristóvão e Juventus. Como mais um endosso dessas relações de proximidade/imediaticidade, é comum o nome dos times e dos bairros se fundirem. O Juventus não empresta seu nome ao bairro, mas isso não é problema quando o inverso é igualmente verdadeiro, a ponto de o Juventus se transformar no “Juventus da Móoca”. O Paraíso de Viçosa é um só: time e comunidade. Esse “aconchego territorial” é algo que os grandes times não mais transmitem e, no máximo, são referenciados pelas suas cidades-base: Cruzeiro de Belo Horizonte, Botafogo do Rio etc.

A despeito de tais nuances e “desvios” dos localismos, o fato é que o clube tem o poder de evocar um território, de projetar uma cidade ou região, carreando aspectos culturais de seu povo. É o que defendemos neste estudo sob a mirada da influência urbana. O nexos que creditamos ao binômio futebol(torcidas)-polarização urbana é pouco avaliado no Brasil, mas vem da Espanha nosso endosso: uma pesquisa da *Liga de Fútbol Profesional* (LFP, 2005⁴⁰³ apud GOIG, 2006, p. 53), ao perguntar aos torcedores se estavam ou não de acordo com a ideia de que os clubes representam a cidade, 73% responderam afirmativamente, frente aos 22% que se mostraram em desacordo. O clube de futebol projeta sua cidade, que projeta uma influência sobre uma hinterlândia e, nesse bojo, estão e se manifestam identificações de base territorial.

⁴⁰³ Dados sobre a temporada 2004-2005, disponíveis no site www.lfp.es.

5.4 – “MINEIROCA” E/OU “CARIOCA DO BREJO”: VERDADES, EXAGEROS E OMISSÕES QUANTO À IDENTIDADE MATENSE E JUIZ-FORANA

As expressões que constam neste título – *mineiridade* e *carioca do brejo* – requerem um preâmbulo elucidativo.

A “**mineiridade**” é uma construção discursiva originada da aristocracia e da política de Minas Gerais. É comumente dada como sinônimo da *identidade mineira*. Sua manifestação seria amparada por atitudes (consenso, desconfiança, sovinice, modo de falar etc.) que delineariam uma *mineirice*. Às identidades regionais internas do Estado são atribuídos os *mineirismos*. Contudo, a **unicidade identitária** – a mineiridade – é **conturbada em Minas** e, especialmente, na Zona da Mata e tanto mais em Juiz de Fora, pois o discurso da mineiridade foi forjado principalmente na região das minas do ouro, na região central do Estado. No entender de Maria do Nascimento Arruda (1999, p. 198), em *Mitologia da mineiridade*, a realidade social de Minas Gerais no decorrer do século XIX encaminhou-se para certa autonomia, criando sub-culturas regionais que reuniram passado e presente, compondo os *mineirismos*, cuja manifestação cotidiana são práticas inerentes aos mineiros, distinguindo-os dos demais tipos regionais. “A *mineiridade* exprime, em contrapartida, uma visão que se construiu a partir da realidade de Minas e das práticas sociais. Por fundar a figura abstrata dos mineiros, a mineiridade tem as características do mito [...]”⁴⁰⁴.

Na região central seria instalada a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Ser a capital foi um posto almejado por Juiz de Fora, assim como por Barbacena, Diamantina e São João del Rei. Essas cidades-candidatas tinham à época – fins do século XIX – uma marcante polarização urbana do Rio de Janeiro (menor em Diamantina), mas a escolha de Belo Horizonte foi mais sentida em Juiz de Fora, que era mais importante que a própria capital até os anos 30, aproximadamente. Elas disputaram a dianteira, quem dava as cartas em Minas Gerais. Nessa luta e na transição de protagonismo de Juiz de Fora para Belo Horizonte, nasce uma rivalidade. A centralização político-administrativa pesa contra Juiz de Fora, que é

⁴⁰⁴ Há noções diferentes destas na literatura sobre Minas. Para Afonso Arinos, o mineirismo é a dimensão cultural e a mineirice é a política. A junção das duas comporia a síntese da mineiridade. Já Alceu Amoroso Lima, afirma que a mineirice define-se na seriedade, recolhimento e honestidade típicos dos mineiros. Cf. ARINOS, Afonso. **Discurso de recepção a Tancredo Neves na Academia Mineira de Letras**. Belo Horizonte, 1983, p. 42. Cf. LIMA, Alceu A **Voz de Minas**. Ensaio de Sociologia Regional. São Paulo: Abril, 1984, p. 86-87.

preterida nos programas de industrialização por Contagem, na RMBH, e enseja uma descaracterização da Zona da Mata e de Juiz de Fora como áreas que não coincidiam com a mineiridade, conforme ditavam os políticos ideólogos da narrativa da mineiridade, em muito assentada no barroco e na Inconfidência Mineira. A experiência matense com tais episódios é pequena.

Como já sabemos, Juiz de Fora e a Mata Mineira passaram por um processo de vinculação histórica com o Rio de Janeiro por meio de intensas relações econômicas, sociais, culturais, políticas e, claro, simbólicas. Isso fez ressaltar uma referência identitária produzida pelo Rio, a ponto de chacotas “resumirem” tal referência a termos como *mineiroca* e *carioca do brejo*.

De um lado, Minas Gerais; e do outro, o Rio de Janeiro. No meio, a Zona da Mata. Para piorar, em termos de sua identificação, pesquisadores de Juiz de Fora tendem a sobrevalorizar as vinculações da cidade e da região com o Rio de Janeiro. Eles se esforçam em prol disso, assim como em negar, omitir ou subvalorizar qualquer aproximação com Belo Horizonte e com Minas como um todo. Afinal, não só de revanchismos Mata e Centro, ou Juiz de Fora e Belo Horizonte viveram. Por isso, vamos **esclarecer verdades, exageros e omissões quanto às identidades matense e juiz-forana**. Esse é nosso caminho: desmitificar tais conceptualizações/caracterizações tantas vezes repetidas.

Com a finalidade de compreender a noção de *mineiridade*, debruçamo-nos sobre as produções que tratavam diretamente sobre o tema. Dentre elas, destacamos as pesquisas de Manuel Diégues Jr. (1960), Sylvio de Vasconcellos (1981), Maria do Nascimento Arruda (1999), Ricardo Luiz de Souza (2013) e Simone Maria Rocha (2003), sendo que as 3 últimas têm bastante convergência analítica. Da obra de Christina Ferraz Musse (2008), acerca de Juiz de Fora, utilizamos as articulações entre identidades, a mineiridade e a *juizforaneidade*, a fim de mostrar o hibridismo na zona de fronteira. Caracterizações dos matenses frente aos mineiros foram observadas a partir da tese de Luiz Fernando Saraiva (2008), que reconheceu as regiões de Minas Gerais pela adesão política e econômica de cada uma delas e de suas elites, tendo focado na Zona da Mata. Textos de pesquisadores juiz-foranos nos guiaram para mostrar certa *anti-mineiridade* em seus conteúdos.

Outras nuances identitárias das áreas em questão – Zona da Mata, Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro – despontaram em: ALMG (s/d), FJP (1974), Maraliz Christo (1994), Roberto Monte-Mór (1997), Figueiredo e Diniz (2000), Otávio Dulci (2000), Anderson Pires (2005), Elisabete de Andrade (2006), PMBH (2009), Georgino Neto (2010),

Mata e Coutinho (2011), Anderson Mororó (2012), Lins e Brandão (2012), Queiroz e Braga (2013) e Alfredo Costa (2015).

Enfim, junto com esse plantel perseguimos nosso escopo de trazer à baila caracterizações e/ou caricaturas das identidades matense e juiz-forana (no contexto mineiro) reveladas em algumas das obras citadas, além de outras mencionadas adiante. Salientamos que, menos por vontade e mais pela falta de verbete adequado, utilizamos o termo *mineiridade* para expressar características encontradas em Juiz de Fora e na Mata que revelam articulações com Minas Gerais. Ademais, reconhecemos que a mineiridade foi tratada ao longo do tempo como uma narrativa que passou por manipulações dos seus ideólogos, mas não coadunamos com a tentativa de se afirmar somente aproximações identitárias de juiz-foranos e matenses com os cariocas.

5.4.1 – A narrativa da Mineiridade: formação, noção e corolários

O vocábulo *mineiridade* já é tradicional, conhecido de público e acadêmicos, e vem atravessando décadas. Lido e ouvido em obras e conferências no Brasil, constando em Gilberto Freire (1964⁴⁰⁵) e Antônio Cândido de Mello e Souza (1986)⁴⁰⁶, por exemplo. Assim, algumas visões sobre Minas na composição da nacionalidade/identidade brasileira (ou *brasilidade*) evocaram a conciliação, como fez Freire (1964). De acordo com Arruda (1999, p. 14), “nessas ocasiões surge muitas vezes o reconhecimento de que a subcultura de Minas, freqüentemente denominada *mineiridade*, conteria os princípios do 'entendimento nacional'”. Já Souza (1986) referiu-se às dissensões internas ao Estado, tão representadas nos movimentos separatistas desferidos ao longo de todo o século XIX, sobretudo a partir do Sul de Minas. Destacou suas origens entre os *mineiros da periferia* como oposição aos mineiros da Região Central (o núcleo minerador) e inicialmente colonizada ainda no século XVIII. Os *mineiros da periferia* não são ainda hoje reconhecidos como “puramente” ou “essencialmente” mineiros, possuindo uma identidade híbrida ou fronteiriça, na qual os elementos da *mineirice* cotidiana estariam só parcialmente presentes. Desse modo, Souza (1986) observou que Minas Gerais existe senão na diversidade, ruindo o mito conciliador que se nutre sobre o Estado, como fizera Freire (1964).

⁴⁰⁵ FREYRE, G. “Ordem, Liberdade, Mineiridade”. In: **Seis Conferências em Busca de um Leitor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

⁴⁰⁶ Fala proferida em debate a cargo do CEDEPLAR (Centro de Desenvolvimento e Planejamento da UFMG) em 1986, reproduzida durante o XIII Seminário de Economia Mineira (2008).

O **essencialismo verificado a partir da Região Central mineira**, como núcleo inicial e auto-intitulado formador de Minas Gerais e que, por isso, a tornaria a legítima divulgadora da *mineirice* é mais uma fábula dentre as noções que norteiam a *mineiridade*. “Haveria um mineiro mais mineiro do que os outros?”, caberia indagar como fez Antônio Cândido. Pesquisadores do norte mineiro, contestaram essa autenticidade do Centro de Minas, como João Batista Costa e Simone Lessa (2007, p. 24), relacionando os primórdios da existência de Minas Gerais à criação da sua primeira cidade, ou seja, Matias Cardoso, no norte de Minas e não no centro. Porém, o controle e a repetição das informações no Centro de Minas respondem por afirmações como essa de Sylvio de Vasconcellos (1981, p. 9, grifos nossos), ao apresentar sua obra:

Pretende o presente ensaio despertar atenção para a possível especificidade de uma região brasileira, contida nos preciosos limites da ocupação humana condicionada pelo ouro [...]. Isto porque, *ao que parece, as Minas diversificam-se das Gerais, que se deitaram posteriormente*, pelos Vales do Doce, do São Francisco e do Paranaíba-Rio Grande.

Embora ponha em dúvida (“ao que parece”) a origem mineira, o autor permanece com a região mineradora como a matriz do Estado, situação desmentida por pesquisadores norte-mineiros como vimos. Nesse mesmo sentido repetidor de ideias, o dia 16 de julho foi instituído como o “Dia de Minas” pelo governador Francelino Pereira (Lei 7561/1979), por ter sido quando foi descoberto ouro de aluvião às margens do Ribeirão do Carmo, em Mariana, no ano de 1696. Esse mesmo dia foi alçado à condição de data cívica magna pela Constituição do Estado de Minas Gerais (artigo 256/1989), quando a capital é transferida simbolicamente para Mariana (COSTA, LESSA, 2007, p. 25).

Isso demonstra que embora a origem mineira não esteja na Região Central, é nela que se concentram os ditames políticos e institucionais estaduais. E os valores atribuídos à *mineiridade* em muito estão atrelados aos aspectos e aos próprios políticos mineiros. Assim, “devolvemos” a mineiridade ao controle da Região Central mineradora que, no afã de se afirmar/representar, empregou ainda mais diferenciações quando pretendeu a unidade a um Estado já envolto em diversidades: as Minas e os (campos/sertões) Gerais nem sempre estiveram juntos.

Minas Gerais é mais complexa do que uma bipolaridade de *mineiros do centro* e *mineiros da periferia*. Eis alguns casos de expressão dessa **complexidade identitária**:

i) em Guimarães Rosa (1985, p. 270, 271 e 272⁴⁰⁷ apud ARRUDA, 1999, p. 116-117)

⁴⁰⁷ ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

enxergamos a pluralidade nas regiões do Estado. “Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas”. Contudo, Rosa aceita a ideia da origem estadual na sua região mineradora, no Centro: “Essa [...] a Minas geratriz, a do ouro, que invoca e informa, e que lhe tinge o nome [...]”. Daí para a periferia, o escritor observa as disparidades:

É a *Mata*, cismontana, molhada ainda de marinhos ventos, **agrícola** [Grifo nosso] ou madeireira, espessamente fértil. É o *Sul*, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que européias se arrumam, quem sabe uma das mais tranquilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o *Triângulo*, saliente, avançado, forte, político, abastado de habilidades. É o *Norte*, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. É o *Centro* corográfico, do vale do rio das Velhas, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o *Noroeste*, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com Goiás e da Bahia esquerda, e vão até o Piauí e ao Maranhão ondeantes (ROSA, 1985, p. 271-272, grifos do autor).

O mesmo tom acolhedor, miscigenado e formador dado ao Centro, por Guimarães Rosa, é assumido tanto para Minas inteira quanto para o país. E isso está presente em nosso imaginário nacional. As mesmas variações paisagísticas, culturais e socioeconômicas presentes no excerto citado ajudaram a compor a noção de Minas como síntese de si e do Brasil até.

As Minas se fazem o encontro da civilização pátria, antes dependente do tangenciamento atlântico. Nelas se dão as mãos o norte e o sul, o leste e o oeste. “Estabelecendo uma relação direta entre o norte e o sul do país, que até então não se comunicavam senão por intermédio da Metrópole, cimentalhe a unidade”⁴⁰⁸. [...] As Minas não só relacionam como promovem a somatória das características nacionais [...] Cria, assim, a autenticidade brasileira (VASCONCELLOS, 1981, p.58).

Mais uma vez presenciemos a exclusão do Norte de Minas: afinal, se houve a unidade declara no excerto, como ligar o norte ao sul sem a região do Vale do São Francisco? Daí sua alcunha de “rio da integração nacional”, mas que não foi também direcionada para os assentamentos humanos aí ocorridos, o que renderia a originalidade a quem a fez de fato, não se discutindo aqui a capacidade “civilizatória”, posto que a mineração proporcionou a maior formação e consolidação de núcleos urbanos até então presentes no Brasil, superando o norte-mineiro.

A diversidade mineira ficou chancelada em diferentes composições de regionalizações: ora reunida com um grupo de estados ora com outro e até mesmo solitariamente (como no mapa de zonas agrícolas de André Rebouças, 1889, quando Minas era a *Zona Auro-Ferrífera*). As concepções regionais do Brasil conferiram diversas inserções

⁴⁰⁸ Citação a BAZIN, G. *Aleijadinho*. Paris, 1963, p. 65.

a Minas Gerais, independentemente do critério adotado para a regionalização – região natural, região humana/geográfica etc. –, conforme observamos a partir da obra de Bezzi (2004), *Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas*.

Em outro caso, mas mantendo o endosso da pluralidade mineira, Manuel Diégues Júnior (1960, p. 1 e 2) apresenta o Brasil dividido em 10 regiões culturais com ênfase na organização econômica dos territórios. Dessas regiões, o atual território político-administrativo oficial de Minas Gerais agrupa 4 delas – *Mineração, Mediterrâneo Pastoril, Centro-Oeste e Café* – e ainda é fronteiro de mais duas – *Amazônia e Cacau*. Portanto, configura-se um desvencilhamento das regiões culturais internas de Minas Gerais em relação às divisões e fronteiras geopolíticas arbitrariamente funcionais.

Durante o **século XIX, Minas Gerais** passava por um **processo de configuração de suas fronteiras, bem como de formação política, econômica e cultural**. Por isso mesmo o Estado se afigurou diversificado e fragmentado, levando a uma série de movimentos que retratam a trajetória política mineira no período considerado: *autonomismo, separatismo e mudancionismo*, nos termos e noções empregados por Saraiva (2008, p. 23-47) em sua tese. A “solução” desses movimentos seria a busca de uma unidade mineira, transformada em *mito da mineiridade*. Por *autonomismo*, Saraiva (2008, p. 24) considerou “[...] as várias discussões e decisões sobre os limites entre distritos, freguesias, municípios e comarcas” que implicaram “na redefinição do território mineiro”. Uma série de desmembramentos e novas vilas e municípios surgiram por interesse das populações locais e dos políticos de suas regiões, sobretudo entre 1830 e 1900. Os *separatismos* envolveram diferentes regiões do Estado, como o Triângulo e o Norte, mas nada tão extremado quanto o Sul de Minas (insistentemente separatista) de um lado, e o Centro e a Zona da Mata, de outro (com poucas tendências separatistas). Nesta última, seus políticos

[...] freqüentemente aludiam à possibilidade de secessão, pela *união à Província do Rio* [...]. Mas a *ameaça secessionista que nunca era séria*, constitui um modo de obter apoio para projetos legislativos patrocinados pela Mata. As referências a essas alternativas invariavelmente eram concluídas com a declaração de que a lealdade do povo da Mata aos interesses da região era ultrapassada pela sua *lealdade à Pátria mineira* (BLASENHEIM, 1982⁴⁰⁹ apud SARAIVA, 2008, p. 42, grifos nossos).

Destacamos no texto os detalhes que dão sentido à nossa tese de que as **manifestações da Mata quanto ao pertencimento à Minas são existentes**, e não tão raras ou até inexistentes como faz crer especialmente parte da historiografia juiz-forana. A única vez em

⁴⁰⁹ BLASENHEIM, Peter L. “Uma história regional: a Zona da Mata Mineira – 1870/1906”. V **Seminário de Estudos Mineiros**. Belo Horizonte: UFMG/PROEP, 1982.

que o Centro se quedou pelo separatismo também seria para unir-se ao Rio de Janeiro (SARAIVA, 2008, p. 47), em nada diferente da Zona da Mata, a não ser pela fama de ter mais identidade com Minas Gerais.

Já o *mudancionismo*, diz respeito a uma série de projetos para mudar a capital, propostos por políticos de diferentes regiões sob um contexto de alvorecer da modernidade no Brasil e em Minas, “espírito” que a nova capital deveria expressar em detrimento da “decadente” Ouro Preto. Por isso, as 5 cidades candidatas ao novo posto eram todas ligadas a um eixo norte-sul de desenvolvimento da Província no século XVIII e, sobretudo, no XIX (SARAIVA, 2008, p. 46).

A escolha de Belo Horizonte – inaugurada em 1897 – seria fruto não só do urbanismo científico, mas também de um projeto de união do Estado gestado por seus aristocratas e políticos, que ainda domesticou e diminuiu as pulsões separatistas no século XX. A ideia era retirar as regiões mineiras da situação de “ilhadas” no território estadual (por meio da unidade criada via nova capital), além de gravitarem em torno de economias de outros estados e dos portos de Vitória, Santos e Rio de Janeiro. Assim, Belo Horizonte, “cidade adiantada, mas sertaneja, longe do mar e das suas influências [leia-se Rio de Janeiro], [...] realiza constantemente uma considerável imigração interna, de gente rude do campo”, cumprindo seu papel civilizatório para os mineiros oriundos do interior (ARRUDA, 1999, p. 237). Nas palavras de Roberto Monte-Mór (1997, p. 470 e 472) o desfecho da estratégia em análise:

Belo Horizonte certamente tem sido a capital regional das Minas e dos Sertões, a metrópole de comando que faltava ao espaço central mineiro desde a decadência de Ouro Preto em fins do século XVIII. [...] Cumpre-lhe, por destino imposto, (re)organizar o espaço mineiro a partir de uma centralidade interna, resgatando e redefinindo a força polarizadora que a economia mineira colonial representava.
[As regiões de Minas] estarão melhor integradas a partir de um espaço metropolitano que articule e sintetize estado, nação e mundo. Apenas a partir da (re)consolidação da centralidade longamente buscada nas Minas as periferias poderão se expandir nas suas especificidades, (re)forçando e (re)definindo a integração.

A ideia de promover a união das regiões mineiras através da nova capital esbarrou no próprio cenário de competição entre as 5 candidatas para tal, que sobretudo envolveu Juiz de Fora, a principal cidade mineira à época. Antes disso, segundo Barreto (1995, p. 333), as cidades que sequer foram cotadas pelo Congresso estadual (1891) para estudos com fins de sediar a nova capital vociferavam contra tal decisão. Os jornais serviam aos debates. As rivalidades eram, portanto, muito maiores do que somente entre as 5 cidades candidatas.

Os choques e interesses regionalistas afluíam as diferenças internas mineiras. Após os embates entre “mudancistas” (aspiração antiga no Sul e na Mata) e “anti-mudancistas” (Ouro Preto, sobretudo), o governo estadual decidiu em julho de 1891 – em conjunto com a promulgação da Constituição Mineira – pela indicação de 5 cidades com o dever de permitir a existência de uma grande cidade e de oferecer boas condições higiênicas para tal (BARBOSA, 1968⁴¹⁰, p. 67 apud BARRETO, 1995, p. 334). A comissão para a escolha da nova capital, composta por médicos e engenheiros, foi formada no Rio de Janeiro. Entre suas tarefas constavam observações meteorológicas, análise das águas e microorganismos, condições higiênicas e dos edifícios.

O Dr. Aarão Reis, responsável pelo relatório final, declarou-se a favor da Várzea do Marçal (hoje São João del Rei) por reunir melhores condições econômicas, deixando Belo Horizonte em 2º lugar. Em relação às cidades mais ligadas à Mata Mineira, pesaram em contrário (BARRETO, 1995, p. 360-365 e 378-396):

- Barbacena: oferta insuficiente de água, calculada para até 288 mil pessoas (e com dispêndio alto de dinheiro). Foi considerada a cidade que demandaria maiores custos em obras para a instalação da capital.
- Juiz de Fora: condições sanitárias e proliferação de epidemias (potencializadas pelos brejos/pântanos, águas subterrâneas e pelo rio Paraibuna) foram consideradas negativamente. Em termos de iluminação pública, transporte ferroviário e “recursos de vida” Juiz de Fora foi a mais bem qualificada das cidades. Na conclusão final, Aarão Reis avalia duas situações negativas acerca de Juiz de Fora: estar longe do centro geodésico do Estado; e sua “inconveniente proximidade da Capital Federal [...], suas tendências já acentuadamente comerciais e industriais, [e] o próprio rápido desenvolvimento que lhe assegura sua posição”. Como consolo, Juiz de Fora foi transformada em sede aduaneira de Minas Gerais em 1893 (REIS, 1893⁴¹¹ apud BARRETO, 1995, p. 396). Contudo, no início dos anos 1930 isso também lhe foi arrancado – a exemplo da Academia Mineira de Letras – como efeito do processo de centralização em Belo Horizonte das atividades produtivas estaduais.

Argumentações e critérios sobre gastos excessivos soavam contraditórios na Zona da Mata, a principal região econômica mineira e, logo, a de maior recolhimento de impostos. Dito de outra forma, **a Mata poderia bancar a nova capital, mas ela mesma não poderia**

⁴¹⁰ BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Promoção da Família, 1968.

⁴¹¹ REIS, Aarão. **Comissão de estudo das localidades indicadas para a nova capital**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1893.

sedia-la, pois não apresentou a cidade mais barata para os cofres públicos, os quais, segundo Giroletti (1988, p. 126 e 127) ainda assim ficaram comprometidos, inclusive por empréstimos internacionais. Escassearam os investimentos nas regiões do Estado. Portanto, ficaria mais difícil a tarefa da nova capital de reunir e aplacar as diferenças regionais estaduais, especialmente no caso da Mata.

Sob novo governo (de Afonso Pena) e contrariando a indicação de Aarão Reis, o Congresso Mineiro, reunido em Barbacena, em dezembro de 1893, escolhe **Belo Horizonte como nova capital**. A influência do Rio de Janeiro no processo era notória: tanto a comissão de estudos como a de construção esteve a cargo quase que integralmente dos profissionais que, como Aarão Reis, formaram-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, um reduto positivista à época. Mesmo Juiz de Fora esteve relacionada aos serviços instalados em Belo Horizonte, como no caso da iluminação pública por meio da Cia. Mineira de Eletricidade (BARRETO, 1995, p. 23, 121 e 571).

A despeito do seu malogro para ser a nova capital e dos discursos e chacotas internas à Minas que criam um imaginário de anti-mineiridades sobre Juiz de Fora, a cidade manteve sua relação com o Estado, como vimos nos diversos nomes de times de futebol. Também nas fábricas e outros ramos encontramos tais referenciamentos: Fábrica de Banha *Mineira*, Lythographia e Estamparia *Mineira*, *Mechanica Mineira*, Associação Typographica *Mineira*, Cia. Fiação e Tecelagem Industrial *Mineira*, Empresa de Laticínios União Pastoril *Mineira*, Revista Medica de *Minas*, Gymnasio de *Minas* e Collegio *Mineiro* [sic] (ESTEVES, 1915).

Todos os exemplos margeiam o ano de 1900, ou seja, próximos do derrotado projeto juiz-forano de ser a capital estadual, vencido por Belo Horizonte (1897): Juiz de Fora não se voltou contra Minas Gerais, não deixa dúvida essa profusão de referenciamentos. Estes seguiram com o tempo, como o Diário de *Minas*, o Correio de *Minas* e, mais recentemente, com uma rede de supermercados que tem como *slogan* “Orgulho de ser *mineiro*, uai!” (utilizado há décadas), dentre outros exemplos cabíveis.

Fotos 5.2, 5.3, 5.4 e 5.5 – Referenciamentos à Minas Gerais a partir de Juiz de Fora: uma tônica e não uma exceção.

Diário de *Minas* (edição de 15 jul. 1888).

Collegio *Mineiro* (fundado em 1890).

Fonte: *Diario de Minas*, 15 jul. 1888, s/p.; Esteves, 1915, p. 265.

Lythographia e Estamparia *Mineira* (fund. 1912).

Fonte: Esteves, 1915, p. 286 e 310.

Belo Horizonte começava a **constituir-se como polo estadual e fornecer alguma união à dispersão regional mineira** já em suas primeiras décadas. As novas ideias e os novos intelectuais também passavam a circular pela cidade, como Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, Afonso Arinos de Melo Franco e Pedro Nava⁴¹², dentre outros. Drummond falou sobre aqueles dias dos anos 1920: “Os debates versavam sobre literatura, arte, ciência, desportos, regimes políticos e alimentares [...]. Fazia-se

⁴¹² Intelectuais, escritores (Drummond, Arinos, Nava) e políticos mineiros (Capanema e Campos).

livremente a crítica de homens e costumes. Nenhum valor era aceito por simples tradição ou presunção: tinha de ser analisado miúda e implacavelmente [...]” (ARRUDA, 1999, p. 237 e 238).

Mas a “solução” para as diversidades mineiras não se resumiram a uma nova capital. A ela juntaram-se destacadamente políticos e escritores na montagem e divulgação do discurso da unidade mineira, consolidando a *narrativa da mineiridade* ou o *mito da mineiridade*. Dentre eles, citamos Alceu Amoroso Lima, João Pinheiro e Milton Campos, por exemplo.

Na política, o período da República Velha foi marcado pela transição para a modernidade e para a conciliação interna encaminhadas pelo PRM – Partido Republicano Mineiro. A “[...] conciliação pressupõe a homogeneidade e, a partir de seu predomínio, vozes e interesses discordantes passam a ser vistos com suspeição” (SOUZA, 2013, p. 98), transformando os discordantes em “outros” e, logo, em “não mineiros”. A conciliação é o caminho para a obtenção da unidade mineira: “Tudo nas Minas é antinômico, antagônico, contraditório, binário. Tudo, porém, conflui para sínteses perfeitas”, exalta Vasconcellos (1981, p. 58). Conforme Ricardo Souza (2013, p. 99), até as tensões sociais são esvaziadas pelo ideal da conciliação, criando um cenário idílico, mas não neutro neste discurso. “Por trás da conciliação alardeada pelas elites mineiras, esconde-se uma vontade de esconder as dissonâncias, uma preocupação histórica de reprimi-las e um interesse sempre expresso de manipulá-las”.

O PRM mineiro adaptou-se aos novos tempos do fim do século XIX e início do XX. A mudança política nacional não foi seguida em Minas: o mecanismo político-partidário exigido pela República recebeu os mesmos políticos da elite estadual que, a despeito de suas hostilidades regionais, reuniram-se em Belo Horizonte para renovar a política oligárquica, mas sem ameaçar os interesses econômicos. O PRM era o partido único do poder estadual, durando até 1930. Muito dessa unidade política Viscardi (2001, p. 79⁴¹³ apud SOUZA, 2013, p. 105) atribui à derrota nacional dos políticos florianistas mineiros ante a eleição de Campos Sales. “Dois anos após a posse do novo presidente, concretizou-se a tão sonhada união da bancada mineira. A partir de 1900, toda ela votava em bloco”.

O *discurso da mineiridade* elege a unidade como valor, ao mesmo tempo em que pretende blindar as disparidades regionais e sociais. Para a consecução dessa unidade usa de um passado histórico glorioso e tido como de todo o Estado, assentado na colonização

⁴¹³ VISCARDI, C.M.R. “Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República”. **Estudos Históricos**, n. 15, 1995.

(evidentemente do período aurífero e de sua passagem à agropecuária) e nos ideais libertários da Inconfidência Mineira. Com esse modelo de exaltação do passado comum e glorioso, os ideólogos da identidade mineira – a *mineiridade* – cumprem o mesmo roteiro tantas vezes usado para conformar sentimentos nacionais, como observou Hall (2011). Quem também considerou tais questões foi Benedict Anderson (2008, p. 226-255), particularmente no capítulo *Censo, mapa, museu* (de sua clássica obra *Comunidades Imaginadas*), no qual essas 3 instituições são vistas como meio para moldar a imaginação dos povos, pois, juntas, dimensionam quem e o quê o Estado domina; até onde vão seus domínios; além de poder alardear como singular uma história de conquistas que unifica os indivíduos a esse mesmo território demarcado, cartografado. “A idéia fictícia do censo é que todos estão presentes nele, e que todos ocupam um – e apenas um – lugar extremamente claro”, ressalta Anderson (2008, p. 230). Apoiado na indústria da impressão, o mapa, por sua identificação imediata e por ser visível por toda parte, “[...] penetrou fundo na imaginação popular, formando um emblema para os nacionalismos” (ANDERSON, 2008, p. 242). Aos museus coube retirar das histórias dos povos os episódios de disputa para contar só os que empenhavam glórias, união e, logo, legitimidade.

As 3 instituições de Benedict Anderson (2008, p. 226-255) estão reunidas em Minas Gerais, Estado que se projetou largamente sobre os pressupostos da criação de imagens em relação à história e ao poder. Nesse sentido, à medida em que novas minas eram descobertas correspondeu a um apressar na produção cartográfica oficial, seja de Portugal ou de Minas (MORAES, 2006). “Sobretudo a partir de meados do século XVIII, se intensifica a produção [...] desses trabalhos – instruções, memórias, relatórios, diagnósticos, geografias históricas – muitas vezes acrescidos de sugestões destinadas a subsidiar decisões políticas e administrativas”. Alguns dos mapas produzidos eram verdadeiros inventários de Minas Gerais, como o de José Joaquim da Rocha em fins do século XVIII, antecipando em cerca de 100 anos o primeiro censo (1872), afirma a professora Fernanda Moraes (2006, p. 179 e 180). Isso não deixa dúvidas da conexão que tais informações têm com as ideias de Anderson (2008) aqui consideradas. Outra conexão diz respeito à formação territorial mineira, que teve vários episódios de resolução de fronteiras no século XIX com seus atuais estados limítrofes. Casos que envolvem povos que não tinham desenvolvido um vínculo com Minas Gerais. Ao fazer parte do Estado, ainda buscaram o caminho da separação principalmente no final do século XIX (e bem menos no XX). A criação de um passado sem rugas e de união (projetado pela política) foi forjada: nessa época, durante a organização do Arquivo Público Mineiro,

Luiz Fernando Saraiva (2008, p. 57) registra que as questões do separatismo de diversas regiões do Estado simplesmente “desapareceram” das *Efemérides Mineiras*, apesar de serem abundantes. Portanto, coube às elites estaduais contar a “história oficial”. Nesta última, coube ainda usar a Inconfidência Mineira como meio de proporcionar unidade frente ao “inimigo comum” e, como sabemos, de sentimentos comuns podem nascer identificações coletivas (leia-se, para o caso em tela, nascer a *mineiridade*).

Assim, na constituição das caracterizações do mineiro – as *mineirices* – optou-se pelo tipo libertário (como os inconfidentes) e não pelo rebelde. Logo, não haveria contradição entre ser libertário e ao mesmo tempo consensual/moderador/conciliador, como habitualmente o (político) mineiro é descrito.

O uso do passado, na verdade, servia ao futuro: a política mineira vislumbrava seu projeto modernizador nas primeiras décadas do século XX, assim permitindo a ação política de nomes como João Pinheiro, Juscelino Kubitschek e Milton Campos. Essa união entre passado e futuro esteve também presente na cultura. Nos anos 1920, quando intelectuais e artistas modernistas – como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Tarsila do Amaral – visitaram Minas Gerais, apropriaram-se das caracterizações particulares do barroco mineiro para fundamentar uma brasilidade que eles mesmos procuravam representar. Essa ligação dos modernistas com a cultura mineira ensejou uma discussão interna no Brasil a respeito da necessidade de preservação da memória e do patrimônio, e ainda de um sentido autêntico de cultura do país diverso da cultura portuguesa (CAMPOS, 2006, p. 39). Tais preocupações acabariam por relacionar a noção de cultura brasileira à Minas Gerais, alavancando a presença da *mineiridade* no imaginário nacional.

A contar daí, as *mineirices* passaram a frequentar a produção literária de memorialistas, escritores mineiros e até de não mineiros. Um dos nomes recorrentemente lembrados – como por Arruda (1999) e Souza (2013) – é o de Pedro Nava. Contraditoriamente, Nava é natural de Juiz de Fora, local também recorrentemente lembrado, mas como exemplo de anti-mineiridade ou de pouca identificação com Minas. Além de Nava, encontramos referências às “coisas e tipos mineiros” em Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e no pernambucano Manuel Bandeira⁴¹⁴.

O “tipo mineiro” foi evocado de uma anterior junção entre passado e futuro em Minas

⁴¹⁴ Manifestados em diversas crônicas e poesias sobre Belo Horizonte, Itabira e outras cidades mineiras. “Enquanto os mineiros jogavam” [futebol] (ANDRADE, 2002, p. 23-24), “Lanterna Mágica” e o conjunto de poemas intitulado “Selo de Minas” são amostras importantes na obra de Drummond (ANDRADE, 2014, p. 15-19). “O Grande Mentecapto” de Fernando Sabino (SABINO, F. **O Grande Mentecapto**. Rio de Janeiro: Record, 1984) e o poema de Bandeira dedicado a Juiz de Fora representam outros exemplos de destaque.

Gerais. O passado era representado pela região urbana das minas e sua precoce civilização em terras brasileiras. O futuro, marcado pela migração cidade-campo (após a decadência da mineração) fez surgir o mineiro matuto, do campo, ruralizado. “O peculiar provém da junção do passado urbano e cultivado nos segmentos sociais superiores com o universo rural e um tanto rústico da fazenda. Dessa ligação particular brotam as condições para a tessitura do mito da mineiridade” (ARRUDA, 1999, p. 136). Das dificuldades para sobreviver no campo nasceria uma das rotulações acerca da mineirice, a sovinice.

Essa dada forma de conceber a *mineiridade* novamente produziu seus frutos sobre a cultura. A rotulação do mineiro como roceiro foi estudada por Rocha (2003). A pesquisadora relacionou tipos mineiros – Nerso da Capitinga e Filó – encarnados por humoristas com uma suposta veracidade de que estariam transpondo para a TV características reais da mineirice. Buscou a opinião dos telespectadores de certas regiões de Minas Gerais – Norte/Jequitinhonha e Triângulo/Alto Paranaíba – por meio de entrevistas, verificando que as estandardizações criadas foram criticamente absorvidas mais entre pessoas das cidades e do Triângulo, o que alinhou sua observação aos ideólogos da Escola de Frankfurt.

Verificamos um outro caso de contradição/questionamento nesse exemplo. Em primeiro lugar, porque aparentemente demais regiões de Minas estiveram ausentes, sugerindo uma não conexidade com o tema da mineiridade. Dentre tais regiões, a Mata, de onde, curiosamente, vem Pedro Bismark, criador do Nerso da Capitinga. O personagem foi inspirado a partir da vivência do humorista em Muriaé – Capitinga é um distrito local – e sua popularização se deu a partir da residência em Juiz de Fora ao longo dos anos. Em segundo lugar, cabe questionar: se a Zona da Mata é tão pouco mineira e se tão “carioca” é, como inspirar um tipo afeito às mineirices, ainda que de forma caricata? Jogando ainda mais névoa a esta percepção, a descrição da Mata feita por Guimarães Rosa (1985, p. 271, grifo nosso) diz ser ela “[...] molhada ainda de marinhos ventos, *agrícola* ou *madeireira* [...]”. E Rosa admitiu as rotulações regionais, como já vimos. Como ser “agrícola” e concomitantemente “carioca” (onde a modernidade urbana eliminou o espaço rural?). Portanto, parece estranho a Mata espelhar a urbe (só urbe e nada de campo) carioca. Soa estranho ainda ser “agrícola” e não ter confluência com Minas, cujo tipo foi rotulado como “roceiro”. Seja como for, presta-se como meio de evidenciarmos uma dúvida a mais nessa repetida rotina de atribuir ao matense – neste caso representado por Muriaé e Juiz de Fora – poucas articulações com Minas Gerais.

Com a passagem do foco central da economia da mineração para a agricultura, a Zona

da Mata ganhou força econômica em razão da forte cafeicultura que desenvolveu, proporcionando a ascensão de Juiz de Fora como principal núcleo urbano, financeiro e industrial de Minas Gerais. Saraiva (2008, p. 109 e 244) esclarece que, contudo, politicamente a Mata Mineira não se sobressaiu em relação às regiões Central, Sul e Norte. Vários cafeicultores matenses se ressentiam de formação bacharelesca e ainda de pertencimento à associações culturais, condições que compunham um diferencial na trajetória política imperial, pois era condição essencial para o exercício de poder. Isso certamente contribuiu para que fosse tomada como mais próxima do Rio de Janeiro do que de Belo Horizonte, afetando ainda a percepção coletiva de sua inserção na mineiridade. Em consonância com tal ideia, Dulci (2000, p. 641) constata que a diversidade regional mineira “não é, nunca foi e aparentemente nunca será uma unidade definida em termos econômicos ou culturais. Seu grande laço de união é político e administrativo”.

Dentro desse raciocínio da imperiosa questão político-administrativa de Minas Gerais ocorre o projeto governamental de entrada na modernidade com ênfase na industrialização. Segundo Soares Dulci (2000, p. 642), sob a liderança de João Pinheiro, durante o “Congresso de Classe Produtoras”, em 1903, o governo lança sua 1ª estratégia, a de fomentar a diversificação produtiva com o propósito de diminuir a dependência exportadora e tributária do café. Essa estratégia permanece até meados do século. Após a II Guerra Mundial viria a 2ª estratégia, mais claramente dirigista e voltada para a industrialização de bens intermediários, incluindo-se na então economia nacional, significando apresentar vantagens comparativas e compor o novo sistema de divisão territorial do trabalho capitaneado por São Paulo. Enquanto o 1º modelo é mais integrador para as regiões de Minas, o 2º é centralizador, o que refletiu em enorme concentração de investimentos na RMBH e no Vale do Aço.

Depreende-se daí que a Zona da Mata foi preterida nas ações do governo mineiro, bem como outras regiões. Essa assertiva ganha ainda mais expressão ao ampliarmos nossa base de exemplificação. Se o Governo de Minas associou às melhorias e investimentos a um pretenso maior orgulho com o Estado como potencializador da *mineiridade* – como tudo sugere –, suas ações operaram em contraditório quando “se esqueceram” de tantas regiões (periféricas) mineiras.

Quadro 5.1 – Ações do Governo de Minas Gerais (1920 a 1960): novos empreendimentos⁴¹⁵

Período	Ação/Empreendimento
Anos 1920	Criação de pequenas siderúrgicas; Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira (João Monlevade, 1921).
1930-38	Construção de 2.923 km de rodovias.
1931	Criação da Rede Mineira de Viação (para escoar produção).
1940	Ligação Uberaba-Belo Horizonte; hidrelétricas Pai Joaquim e Santa Maria (abastecimento de Uberaba e Montes Claros, respectivamente).
Anos 1940	Distrito Industrial de Contagem com hidrelétrica de Gafanhoto; acordos com EUA e Inglaterra para exportação de ferro; criação da ACESITA (Itabira, 1944) e do DER (Departamento de Estradas de Rodagem, 1946).
Anos 1940 e 1950	Plano de Eletrificação para MG: criação de 4 cias. regionais coordenadas pela CEMIG (1952); BR-135 (JF-BH) encampada pelo trajeto da BR-040 (Brasília-Rio); instalação de empresas de capital estrangeiro na RMBH (RCA-Victor e Siderúrgica Mannesmann, 1954).
Anos 1960	USIMINAS (1962, com participação de capitais e tecnologia japoneses); obras de Furnas e Três Marias; criação do BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1963); frigoríficos Mucuri e Norte de Minas (1963).

Fontes: Araújo, Souza (2014, p. 85-87); Tonucci Filho, Magalhães, Oliveira (2015, p. 55); FACEMG (1982, p. 13 e 38).

Nesse mesmo sentido de observar favorecidos e esquecidos, a tese de Elisabete Andrade (2006) acerca das políticas públicas (estaduais e federais) destinadas a 5 cidades-polo mineiras (dentre as quais Juiz de Fora)⁴¹⁶ mostrou que os planos voltados para o setor viário (anos 1970) criaram reforço da rede urbana, devido à “necessária” integração física do país por meio da articulação linear de pontos de importância central nos sistemas urbanos (ANDRADE, 2006, p. 86).

Destarte, a consolidação da modernidade mineira encontra Belo Horizonte no seu início (em 1897, ano de fundação) e na sua atualidade (em razão da concentração político-econômica nela gestada), a despeito das descentralizações vistas nas últimas décadas (sobretudo para o Sul e Triângulo/Alto Paranaíba), mas que mantiveram a RMBH como destino maior dos investimentos em Minas Gerais. Outrossim, mesmo diante desse quadro, Belo Horizonte assume a seguinte característica polarizadora perante a rede urbana mineira e, logo, das regiões preteridas nos planos de governo:

Belo Horizonte ainda não é de fato a “capital das Gerais”, está polarizada por São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e cidades do interior de estados limítrofes. Entretanto, como uma das maiores e mais dinâmicas metrópoles

⁴¹⁵ Muitas dessas ações têm origem no livro de Diniz. Cf. DINIZ, Clélio C. **Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira**. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1981.

⁴¹⁶ As demais cidades pesquisadas foram Governador Valadares, Montes Claros, Poços de Caldas e Uberlândia.

regionais do país, vem se impondo como centro de serviços e suas periferias cada vez mais se constituem em alternativas de localização industrial no espaço econômico nacional, assim ampliando sua complexidade e força polarizadora no contexto do estado e da macro-região (MONTE-MÓR, 1997, p. 471).

A despeito da ampliação de sua área de influência, não percamos de vista que o projeto da unidade mineira ao qual Belo Horizonte foi destinada não vingou completamente, o que também responde pela manutenção dos traços culturais de outras metrópoles e regiões em Minas, sobremaneira perante os “mineiros da periferia”. Portanto, assim estamos de volta ao começo. O Estado mineiro perseguiu a unidade e, para consegui-la, produziu um planejamento que engendrou ainda mais disparidades.

Apesar disso, a influência de Belo Horizonte sobre o interior de Minas Gerais aumentou. Ocorre que isso é menos fruto do planejamento estadual e mais vinculado ao declínio da metrópole carioca nos últimos 50 anos, quando ficou visivelmente ressentida da condição de capital federal e das benesses que isso proporcionava em sua economia. Durante esse mesmo período, por seu turno, Belo Horizonte e seu entorno eram reiteradamente reforçados economicamente. Malgrado tanto atropelo, o fato é que tudo isso promoveu uma articulação de Belo Horizonte com as “periferias mineiras”, dentre elas com a Mata Mineira – de históricas relações e polarizações com o/do Rio de Janeiro – e com o Vale do Rio Doce, mesorregião que deixou de ser classificada como de influência carioca, passando para a belo-horizontina na década de 1960 (IBGE, 1972).

Fotos 5.6, 5.7 e 5.8 – Referenciamentos à Minas Gerais a partir da Zona da Mata: do cotidiano do setor terciário (de Viçosa e de Juiz de Fora) ao futebol amador (Minas F. C., de Goianá).

Fonte: o autor, 2015.

Juiz de Fora, por ter relações econômicas destacadas com o Rio de Janeiro, também sofreu com o declínio carioca, além de ter sofrido ainda com planos estaduais e federais que a deixaram secundariamente ou nada contemplada. De acordo com o relatório da FAU-USP (1984⁴¹⁷ apud ANDRADE, 2006, p. 130), Juiz de Fora participou de um único convênio (n. 32/78) com *recursos da União* (Cr\$10 milhões e nada do governo estadual) via FNTU (Fundo de Desenvolvimento de Transportes Urbanos) destinados a 2 projetos: duplicação da Ponte Pedro Marques e elaboração do plano de programação visual.

O PROECI – Programa Estadual de Centros Intermediários – fez parte de uma proposta complementar do II PND – Programa Nacional de Desenvolvimento (1975-79) – que preconizava o fortalecimento de Belo Horizonte no triângulo com Rio e São Paulo, e também da rede urbano-industrial sob influência direta dessas 3 metrópoles. Daí surgiram as verbas que chegaram à Juiz de Fora pelo FNTU, situação que deixou a cidade de fora das ações do PROECI (ANDRADE, 2006, p. 88, 89 e 131). Ao analisar as condições de qualidade do ambiente urbano juiz-forano (em 21 itens), Elisabete de Andrade (2006, p. 138 e 191) conclui:

Ressalta-se ainda que o PROECI não atuou no município, o que pode ser considerado também como um fator relevante para que os dados intermediários não tenham sido tão ampliados em relação aos iniciais, como se deu em Governador Valadares.

Considerando que o diferencial na qualidade do ambiente no município de Juiz de Fora [...] está em período anterior e posterior às políticas públicas aqui analisadas, pode-se referenciar que elas foram pouco motivadoras da qualidade do ambiente.

Enquanto isso ocorria com Juiz de Fora, a FACEMG (1982, p. 16) – Federação das Associações Comerciais do Estado de Minas Gerais – afirma que a Zona Metalúrgica (onde está Belo Horizonte) recebeu 80,9% dos investimentos realizados em Minas Gerais de 1970 a 77. Em seu estudo sobre as principais reivindicações das regiões do Estado, a FACEMG (1982, p. 56-60) registrou uma maioria no setor primário, além de pedidos de pavimentação de rodovias.

O abandono governamental para com Juiz de Fora foi informado pela FJP (1974, p. 9 e 24) em relatório sobre a cidade:

- i) apenas 45% da população dispunham de esgoto sanitário residencial;
- ii) possuía 90% de suas ruas sem pavimentação, incluindo algumas do Centro;
- iii) obteve tardia conexão à rede de telefonia: “Em setembro próximo será inaugurado o

⁴¹⁷ FAU-USP. **Avaliação do Programa Nacional de Capitais e Cidades de Porte Médio e revisão dos critérios de seleção das referidas cidades**. São Paulo: FAU-USP/Minter-CNDU, 1984.

sistema DDD (discagem direta à distância) que ligará Juiz de Fora à rede nacional de DDD [...]” (FJP, 1974, p. 17);

iv) uma análise geral admitia que “por volta dos anos 40 o processo de estagnação econômica começa a tomar corpo [em função da criação do Distrito Industrial de Contagem na RMBH] e de certa forma, a cidade atinge mesmo um retrocesso econômico cujos reflexos ainda se notam no período atual” (FJP, 1974, p. 4).

Mesmo diante de todo esse cenário, Belo Horizonte e Juiz de Fora/Zona da Mata expandem suas interconexões, como afirmam Queiroz e Braga (2013, p. 7): apesar das perdas no ritmo de crescimento de suas cidades vizinhas, Juiz de Fora se mantém como importante centralidade populacional e produtiva, com menor dependência do Rio de Janeiro e articulações significativas com Belo Horizonte e São Paulo resultantes de fortes investimentos no setor industrial e da modernização do setor de serviços.

Desse modo, reafirmamos que as questões das disparidades regionais de Minas Gerais estão vivas, mesmo que as novas aproximações entre capital e interior estejam em alta, o que, por seu turno, pode desencadear velhas aspirações de uma unidade estadual sob a batuta de uma perseguida *mineiridade* ainda por se solidificar. Por tudo isso identificamos não só as diferenças, mas também as interseções envolvendo Juiz de Fora e a Mata com Minas, o que nos aproxima da postura – realista – de Mercadante (1973, p. 129), quando abre o capítulo *O mineiro da Mata*: “Salientam os autores as diferenças entre o litoral e o interior das Minas urbanas. Paisagens sociais próprias, isto é, tipicidade em razão de maior ou menor força de traços genéricos comuns”.

Trilhando esse caminho das incertezas também esteve o poeta Affonso Romano de Sant'Anna (1997, p. 58⁴¹⁸ apud MUSSE, 2008, p. 36) ao falar de Juiz de Fora, onde viveu dos 3 aos 20 anos: “E a gente achava Minas distante. Juiz de Fora só virou Minas depois que JK abriu a estrada nova para Belo Horizonte”. A seguir, Musse (2008, p. 36) completa:

Juiz de Fora não se identifica com o perfil da “mineiridade”, por razões de ordem cronológica, já que é cidade criada em meados do século XIX, após o esgotamento do ciclo do ouro, como também políticas, por ter sido colocada à margem das decisões de criação de uma nova capital: Belo Horizonte. O sentimento da “mineiridade”, por sua vez, também deve ser analisado dentro de uma perspectiva discursiva, já que não é algo natural ou que tenha a ver com uma essência.

⁴¹⁸ SANT'ANNA, Affonso Romano de. “Um centro sofisticado”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1997. Encarte especial Juiz de Fora, ano 1, p. 58.

Usemos esse fragmento de texto para nossas ponderações. Como disse Christina Musse, a *mineiridade* é mesmo uma construção discursiva, mas que não significa um sinônimo de (não) se envolver e se identificar com as “coisas” de Minas. Isto é: qualquer cidade da Mata Mineira, se incluída ou não na ideologia da *mineiridade*, pode ser mineira, ainda que híbrida. A origem discursiva da *mineiridade* não retira as caracterizações de pessoas e cidades, até porque o “mito da mineiridade” também é uma construção histórica. E nesse particular, a autora, associa e restringe a criação da *mineiridade* com/ao período do ouro. No entanto, fala da escolha de Belo Horizonte para ser a capital. Período do ouro e fundação de Belo Horizonte estão em séculos distintos até! Ou seja, há uma incongruência cronológica. Ademais, nesse modo de raciocinar de Musse, cabe questionar: Diamantina também foi preterida ao disputar sediar a nova capital mineira em fins do século XIX, mas estava em plena atividade mineradora no “ciclo” do ouro; então, seria esta cidade somente “metade” mineira”? Ou seja, Diamantina cumpre o requisito cronológico, mas não o político consoante os critérios de mineiridade com os quais Musse (des)classificou Juiz de Fora.

Outrossim, como já anunciado antes, a construção da *mineiridade* se deu, sim, com base no passado da mineração, mas foi gestado ideologicamente sobretudo na transição do século XIX para o XX, quando Juiz de Fora e Diamantina (dentre outras cidades) perdem a disputa da condição de capital para Belo Horizonte. Isto é: Juiz de Fora já existia, óbvio, e, assim, não pode ser desvinculada da mitologia da mineiridade em função de sua origem como cidade.

Há outra prisão cronológica em Musse (2008) e que se transforma em prisão argumentativa. Em seu livro *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*⁴¹⁹, a delimitação cronológica – anos 60 e 70 – coincide exatamente com outro caso de troca de capital, mas, desta vez, é a do Rio de Janeiro por Brasília. Nessa fase, o peso do Rio de Janeiro sobre todas as esferas – cultura, economia, simbologia no imaginário nacional etc. – era em muito superior ao peso que hoje exerce. Com isso, verificamos certa “adequação forçada” acerca do perfil identitário juiz-forano (que é tema do livro): primeiro, por remeter Juiz de Fora a um ou outro período histórico – mineração e escolha da capital mineira, separadas por cerca de 1 século – de acordo com sua intenção de mostrar dada “anti-mineiridade” da cidade, o que, reflete no recorte temporal do livro – até os anos 70 –, já que daí em diante, o lento, mas contínuo afastamento carioca na

⁴¹⁹ O livro é uma versão/edição de sua homônima tese de doutoramento em Comunicação defendida na UFRJ, 2006.

conformação identitária de Juiz de Fora não combinam com as pretensões da pesquisa de Musse. Como reforço de nosso argumento e ao mesmo tempo como antítese do que quis avaliar Musse, Juiz de Fora foi se tornando mais próxima de Minas Gerais, por meio do mesmo gancho que a levou para perto do Rio de Janeiro, a economia. Isso qualifica ainda outra observação: a construção identitária dos locais é algo dinâmico, fruto de seu tempo e contextos, não se limitando a dada época. Desse modo, é justo pensar como Juiz de Fora era ligada ao Rio de Janeiro nos anos 60 e 70, mas é justo também dizer que a cidade é mais independente hoje, embora permaneça influenciada, tripartida entre Rio, Belo Horizonte e, um tanto mais distante, São Paulo. Nem a influência urbana é extemporânea.

Lembramos ainda que o “mito da mineiridade” está também apoiado em rotulações e caracterizações, dentre as quais se destaca a do matuto, daí vindo o modo de falar, a sovinice e outras mineirices. Se à Mata coube ainda mais desempenhar a função de produtora agrícola após a queda da produção de ouro, como houvera, hoje, de produzir “um tipo carioca”? Todavia, é o que afirmam populares e até impressos, a exemplo da *Revista do Legislativo*, da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG, s/d, p. 22): os matenses têm “um jeito carioca de ser”. Porém, essa realidade discursiva difere drasticamente da realidade percebida nas ruas das cidades matenses, não precisando recorrer aos moradores do campo para tal averiguação. Enfim, discursar após sair do “gabinete” traria resultados melhores.

Fotos 5.9 e 5.10 – Pessoas da Zona da Mata (Cipotânea, 2016) *versus* o imaginário de que elas têm o “jeito carioca de ser”.

Fonte: o autor, jan. 2016.

Se a Zona da Mata seguiu uma economia primária ao longo de séculos, isso a torna menos propensa a um tipo urbano (como se supõe) que copia do Rio de Janeiro. A relação da Mata com o campo pode ser atestada por:

- a) pesquisa específica para a Zona da Mata, na qual o IPEA et al (1973, p. 113), apoiado por dados da UFV (Universidade Federal de Viçosa), mostrou que agropecuária contribuía com cerca de 45% da renda total e 80% das ofertas de emprego na região;
- b) dados do Censo Demográfico (1970): em 1950, a população rural era predominante em todas as 7 microrregiões (até na de Juiz de Fora), situação repetida em 1960 e 1970 (exceto nas MRs Juiz de Fora e Cataguases). A maior população rural sobre a urbana na Mata atingiu diferenças de 513 mil pessoas em 1950, 353 mil em 1960, e 11 mil em 1970. A queda brusca deveu-se ao rápido processo migratório para Juiz de Fora, cuja população cresceu 43% do Censo de 1960 para o de 1970 (IPEA et al, 1973, p. 113 e 114).

E se o assunto é o modo de viver, registremos que comumente ao Rio de Janeiro é endereçada a ideia de modernidade urbana no Brasil, algo que reverberou em seus moradores, como no caso das práticas corporais e esportivas, como já vimos. Logo, para reproduzir em plenitude a “receita carioca”, os matenses deveriam usufruir de contexto similar. Contudo, cerca de 100 anos após o referido contexto, a realidade da Zona da Mata ainda não é a de inserção plena neste mundo urbano e de suas (pós)modernidades. Ressalvamos: i) que a aceitação dos preceitos, bens e serviços de um modo de viver urbano são menos incorporados em pequenas cidades do que nas maiores; ii) que os dados do total de população por município mostrados a seguir são atuais (de 2015), e não dos anos 1960⁴²⁰, quando é observado recuo da polarização do Rio de Janeiro na Zona da Mata (IBGE, 1972). Há quase 60 anos, as inserções e identificações da população matense num/com um perfil urbano-moderno eram potencialmente inferiores ao que se tem hoje, pois:

- de seus 142 municípios, apenas 18 contavam com mais de 20 mil habitantes, e 50 deles ainda tinham menos de 5 mil habitantes em 2015 (IBGE, 2015).
- segundo o Censo de 1960 (IBGE, 1960), tínhamos os seguintes dados sobre o percentual de:
 - a) alfabetizados: Minas Gerais (50,37), Zona da Mata (54,78) e Juiz de Fora (71,60);
 - b) domicílios com luz elétrica em regiões mineiras (escolhidas): Minas Gerais (31,82), Zona da Mata (36,30), Rio Doce (16,16), Metalúrgica (63,68), Campos da Mantiqueira (36,11) e

⁴²⁰ Essa decisão ocorreu porque muitos desmembramentos aconteceram em Minas na segunda metade do século XX. Assim, municípios dos anos 60 originaram outros atuais, fazendo com que suas populações nos anos 60 sejam próximas dos níveis de 2015, como, respectivamente, Leopoldina (45.180 e 53.145) e Ponte Nova (65.428 e 60.005) (IBGE, 1960; IBGE, 2015).

Mucuri (6,94).

Os dados percentuais sobre domicílios com luz elétrica em cidades escolhidas de regiões mineiras eram os seguintes no Censo de 1960 (IBGE, 1960):

- Mata: Juiz de Fora (81,63), Ponte Nova (41,54), Muriaé (45,06) e Matias Barbosa (60,61);
- Rio Doce: Governador Valadares (24,41), Coronel Fabriciano (56,45), Caratinga (25,36) e Aimorés (36,15);
- Metalúrgica: Belo Horizonte (85,24), Contagem (33,93), Ouro Preto (55,12) e Conselheiro Lafaiete (54,46);
- Campos da Mantiqueira (hoje Vertentes): Barbacena (53,53) e São João del Rei (53,77);
- Mucuri: Teófilo Otoni (16,81) e Itambacuri (3,62).

Defende-se, aqui, que a decantada influência carioca sobre a Zona da Mata e sobre Juiz de Fora em virtude de seu “efeito espelho” (que, ao nosso ver, é relativa) foi menos acentuada. Os dados anteriormente revelados mostram isso. O mesmo vale para as demais regiões citadas, já que todas elas já fizeram parte da região de influência do Rio de Janeiro, sendo que a Zona Metalúrgica (onde fica BH) foi a que se “libertou” mais cedo, depois vindo o leste mineiro – Mucuri, Mantiqueira e Doce – já nos anos 1960 (IBGE, 1972). Ademais, a incorporação aos ditames da modernidade e da atual modernidade tardia requer também integração aos avanços de tecnologia, representados por bens e serviços adquiridos. Antes (e ainda hoje), havia dificuldades para a compra dos aparelhos de rádio e TV, para comprar e ler jornais (quase indissociáveis), nos moldes que, atualmente, há para se ter computadores, internet e viajar de avião.

Depreende-se dos dados anteriores – alfabetizados e domicílios com luz elétrica – que a Mata Mineira tinha as melhores condições entre as regiões mineiras “periféricas”, o que certamente influenciou nas predileções clubísticas desenvolvidas na região (e, em especial, em Juiz de Fora, com boa dotação urbana nos quesitos em tela), porque interferem na absorção dos meios de comunicação entre populares, caso dos jornais, rádios – aparelhos mais antigos só funcionavam à eletricidade – e televisões. O pioneirismo do Rio de Janeiro no setor comunicacional atrelado à proximidade com a Zona da Mata fez com que os contingentes de torcedores aí aficionados pelos times cariocas não tivesse paralelo em Minas. Com o recuo da influência do Rio de Janeiro em todas as regiões mineiras citadas antes, onde a filiação clubística torna-se uma das poucas manifestações tangíveis/concretas/perceptíveis da presença carioca, compondo o que denominamos neste estudo de *rugosidade futebolística*.

Tais aspectos estão, decisivamente, relacionados aos perfis socioeconômico e sociocultural das populações dos municípios da Mata Mineira e que registram a posição do conjunto regional no contexto mineiro.

Entre um passado de distâncias e um presente de aproximações com Belo Horizonte, a antiga Zona Mineradora, a Zona da Mata e Juiz de Fora oscilam entre identificações que pendem para suas influências – ora para Minas ora para o Rio – como se pode imaginar para esses “mineiros da fronteira” e perceptível mesmo empiricamente.

Fotos 5.11, 5.12, 5.13 e 5.14 – Visualização da bipolarização carioca e belo-horizontina na Zona da Mata via futebol: exemplos a partir de Goianá, Rio Novo e Juiz de Fora (2015 e 2016)⁴²¹.

Casa de vascaínos em Goianá.

Bar de flamenguistas em Rio Novo.

Quadra/Campo em Juiz de Fora.

Bar de atleticanos em Juiz de Fora.

Fonte: o autor, 2015 e 2016.

⁴²¹ Bandeira do Vasco (casa no Centro de Goianá); Flabar (rua Artur Bernardes, Rio Novo); entrada de quadra/campo de futebol para locação (av. Rio Branco, Juiz de Fora. Local já teve convênio com o Cruzeiro nos anos 1990); bar onde há reunião de torcedores atleticanos (Bairro Borboleta, Juiz de Fora).

Apesar dessas evidências, observamos uma parcialidade nas análises dos pesquisadores da região (principalmente para o caso de Juiz de Fora): há uma tendência para omitir/subvalorizar relações Mata-Minas em detrimento das relações com o Rio de Janeiro. Um certo “imaginário carioquizado” tenta, simplificadamente, ser um filtro para entender a identidade matense. Vejamos esta (míope) trama.

5.4.2 – Noções e narrativas sobre a identidade da Zona da Mata e de Juiz de Fora por meio do futebol e outras expressões: rebatendo a tradição da (Anti)Mineiridade

Pretende-se com o quadro a seguir uma exposição de ideias acerca da identidade matense e juiz-forana trabalhadas por pesquisadores dessas áreas. A partir dessa exposição iremos demonstrar como certas caracterizações e conceptualizações apresentam tendências que: i) confirmam e/ou superestimam a histórica vinculação regional com o Rio de Janeiro; ii) outras que omitem e/ou subvalorizam uma relação com Minas Gerais em função da primeira tendência.

Além disso, mostraremos uma “íconografia do futebol”, tendo em vista que a identidade territorial matense se manifesta por essa via sociocultural. Os ícones/símbolos referentes a cada clube são demonstrações de vínculo com Rio de Janeiro e Minas Gerais, incluindo suas capitais, pois o futebol é capaz de evocar e de se reportar a uma dada vinculação entre cidades a partir daquilo que as agremiações conceberam ao longo de sua história (cores, insígnias etc.), história que não escapou do contexto das polarizações urbanas vigentes.

Ao expor ideias sobre a identidade regional e sobre sua “fute-iconografia”, pretendemos que, em conjunto, isso permita-nos encontrar verdades, exageros e omissões acerca das identidades matense e juiz-forana a ponto de equacionarmos: mineiros ou cariocas do brejo, ou nenhuma dessas?

a) (Des)Articulações de Juiz de Fora e Zona da Mata com Minas Gerais em textos acadêmicos

A análise da questão da (real) identidade regional foi organizada no quadro a seguir.

Quadro 5.2 – Contestando a “anti-mineiridade” de matenses e juiz-foranos.

Anti-mineiridade matense/juiz-forana: a (falta de/pouca) religiosidade
<p>1. A religiosidade é tida como marca da mineiridade por se relacionar ao barroco, comum na região mineradora. Para a historiadora Maraliz Christo (1994, p. 12), Juiz de Fora se inscreve como antítese disso por ser a cidade das fábricas e não das igrejas, trocando, então, os sinos pelos apitos: “Próxima ao anti-clericalismo, Juiz de Fora ainda no final do século XIX é alvo de constante preocupação eclesiástica”, e indica que as festas barrocas foram esquecidas na cidade devido a sua afinidade com o Rio de Janeiro. Em outra passagem, a autora reafirma hábitos da vida moderna que envolviam os juiz-foranos, tendo o Rio de Janeiro como inspiração: “Enquanto os trabalhadores iam aos circos de cavalinhos, cervejarias e piqueniques do 1º de maio, a elite se divertia nos teatros e saraus, [...] atirando aos pratos, aos pombos ou em viagens freqüentes aos Rio de Janeiro – onde muito se podia” (CHRISTO, 1994, p. 14).</p>
Relativizando essa noção dominante
<p>1. Ao destacar os jornais existentes em Juiz de Fora, encontramos o <i>Lar Cathólico</i> (1891), que ainda existia nos anos 1960 segundo o levantamento de Lins e Brandão (2012, p. 141), no qual também consta <i>O Lampadário</i> e <i>Família Cristã</i>. Christina Musse (2008, p. 104, 98 e 68) afirma que o semanal <i>Lar Cathólico</i> chegou a ser o jornal de maior circulação de Minas Gerais em 1966. Outros periódicos francamente religiosos foram <i>O Metodista Católico</i> (1886) e <i>A Cruz</i> (1895). Cita ainda, a partir de Oliveira (1987, p. 47)⁴²², o boletim católico <i>Contato</i>, publicado pelo Movimento Familiar Cristão a contar de 2000. Almir de Oliveira (1987) mostrou que vários jornais religiosos surgiram em Juiz de Fora após 1900, incluindo os que não eram católicos, como o <i>Jornal Espírita</i> (1904), o 1º periódico espírita juiz-forano. Para uma cidade classificada como “pagã”, cujas festas preocupavam os dirigentes católicos, conforme Maraliz Christo (1994), é contraditório que as publicações religiosas tenham sobrevivido e até aumentado. Pensamos que Christo (1994) exacerbou a influência carioca (e de seu “modelo pagão”) em Juiz de Fora, o que não corresponde exatamente ao desenrolar dos fatos. A autora buscou uma relação entre uma suposta pouca religiosidade em Juiz de Fora com os ares de modernidade, cujo modelo era o Rio.</p>

Continua.

⁴²² OLIVEIRA, Almir de. “O advento da energia elétrica em Juiz de Fora”. In: BASTOS, Wilson de Lima et al. **História econômica de Juiz de Fora (subsídios)**. Juiz de Fora: Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, 1987. p. 82-92.

Relativizando essa noção dominante

Se a relação entre modernidade e novas ideias fosse mesmo assim tão intensa na cidade, o industrial Bernardo Mascarenhas – responsável pela 1ª hidrelétrica do país – não teria sofrido tanto com os céticos da eletricidade (que ele queria produzir para uso público urbano): “[...] foram inúmeras as dificuldades enfrentadas por Bernardo Mascarenhas, que teve que ir à imprensa para defender o seu projeto, acusado de pôr em risco a vida dos cidadãos. [...] Juiz de Fora tem a primeira experiência com iluminação pública, no dia 22 de agosto de 1889, às 21 horas”⁴²³ (MUSSE, 2008, p. 85).

Ainda no setor jornalístico, observamos que, contraditoriamente às manifestações católicas, jornais ligados ao movimento operário de Juiz de Fora são referenciados dentro do perfil urbano-industrial da cidade ou dentro de sua modernidade, como em Musse (2008, p. 107-108).

Algumas das preocupações que Juiz de Fora causou aos católicos mais conservadores e aos dirigentes da Igreja refletem o contexto de época, não correspondendo, em absoluto, a “problemas” de real intensidade. Vejamos 2 episódios. O 1º corresponde a uma reprimenda do bispo de Mariana (Dom Viçoso) quanto à maneira que o padre Tiago Mendes Ribeiro teria sido recepcionado quando enviado para Juiz de Fora em 1857: “não foi recebido solenemente pela população local tal como estava acostumado na Região das Minas”. Em resposta ao bispo, ponderou o padre que “[...] uma população de lavoura cafeeira, e dedicada ao trabalho fabril, não tinha o mesmo tempo disponível para aclamar o pastor diocesano, como faziam os mineiros” (MUSSE, 2008, p. 89). O 2º episódio também envolve Dom Viçoso, para quem a modernização de Juiz de Fora – como através da iluminação pública – era vista como ameaça à fé. Foram diversas as investidas para que houvesse mais padres e ordens religiosas na cidade (MUSSE, 2008, p. 89).

Continuação.

⁴²³ Bernardo Mascarenhas instalou a 1ª hidrelétrica da América do Sul em Juiz de Fora em função de sua homônima fábrica. O excedente de energia foi utilizado para a iluminação pública elétrica.

Relativizando essa noção dominante

A despeito das dúvidas da religiosidade entre os moradores, registra-se que em 1860 já havia uma escola – *Roussin* - em Juiz de Fora, cujo nome era o mesmo do padre que a dirigia, Silva *Roussin*. Albino Esteves mostra que antes de 1816 existiu uma igreja “do outro lado” das margens do Rio Paraibuna (o lado oposto ao do Morro da Boiada⁴²⁴), mais precisamente na encosta do morro que seria conhecido depois como Morro do Imperador: “O Paraibuna corre perto do caminho. Sobre um regato que ali desemboca, depois de haver atravessado a estrada, foi construída uma ponte de madeira [...]. Perto está uma cruz e mais ao longe veem-se uma capela abandonada e as ruínas de um engenho de açúcar” (ESTEVES, 1915, p. 62)⁴²⁵. Outra demonstração de força da Igreja Católica na cidade ocorreu na década de 1950, quando, a pedido do bispo, o então prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa, decreta a troca de nomes de vários bairros, passando-os a nomes ligados ao catolicismo, como Santa Luzia, São Benedito, Santo Antônio, Dom Bosco, São Bernardo e São Pedro.

Do mesmo modo, Paulo Mercadante (1973, p. 12, grifos nossos) narra a religiosidade na Mata Mineira, uma das regiões de *Os Sertões do Leste*, título do seu livro: “Maio dir-se-ia mês de deslumbramento. As festas religiosas ganhavam um esplendor à altura das tradições. [...] O séquito caminhava em direção à igreja com luzes multicores. O altar armava-se num dos nichos, e após a reza, o cântico. [...] *Um pouco de barroco das Congonhas, renascido com graça nos Sertões do Leste*”.

Continuação.

⁴²⁴ É recorrente a ideia de que a região do sopé do Morro do Imperador, no atual Centro de Juiz de Fora, tenha sua ocupação pensada a partir de Henrique Guilherme Fernando Halfeld, engenheiro e militar. No entanto, este alemão, construtor da Estrada do Paraibuna, chegaria a Minas somente em 1836. Ao fazê-la, Halfeld desviou a rota original do Caminho Novo da margem esquerda para a margem direita do Paraibuna, dirigindo o traçado da Estrada do Paraibuna para Graminha e Alto dos Passos (nos termos dos bairros atuais). Enfim, ele desloca o núcleo povoador de um lado para outro do rio que corta Juiz de Fora. Segundo Musse (2008, p. 72), Halfeld recebeu oficialmente o título de fundador da cidade no governo Itamar Franco, em 1973, posição defendida por estudiosos mais antigos – como Paulino de Oliveira e Wilson de Lima Bastos – e que vem sendo questionada mais recentemente por diversos pesquisadores. Na realidade, Halfeld é o promotor de atividades de urbanização no núcleo inicial de Juiz de Fora, ordenando seu espaço.

⁴²⁵ Esteves narra esse fato a partir do relato de viagem de Saint-Hilaire em sua passagem pela cidade. SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem pela província do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

Relativizando essa noção dominante

O estudo acerca do papel da Igreja Católica na construção do discurso e da imagem de uma Juiz de Fora civilizada – discurso muito presente entre o final do século XIX e a 1ª metade do século XX – é o tema do texto de Filipe Campos (2011). Na visão do autor, apesar da aparente junção contraditória entre as noções de religião e modernidade, “[...] são estes dois conceitos que vão pairar longamente sob a identidade de Juiz de Fora no XIX e principalmente na primeira metade do século XX” (CAMPOS, 2011, p. 2). Adiante, tal visão ganha mais clareza. O excerto abaixo mostra como a influência do catolicismo, negada ou muito diminuída nos trabalhos que citamos anteriormente é questionável em larga medida.

[...] queremos dizer que a sociedade juizforana primitiva, ainda profundamente arraigada no catolicismo português medieval, ainda vivendo o padroado régio e uma vida social, elevava a importância da religião como uma solução para explicações fenomenológicas, e os mais variados eventos da vida. Não era de fato uma sociedade secularizada, mas erigida sob o signo de um povo evoluído, não por “ser moderno”, mas estar em contato intenso com o verdadeiro Deus e a “verdadeira religião”, civilizados por serem católicos. Devemos lembrar que o conceito de ser “civilizado” sempre esteve no alto dos discursos oitocentistas. Ser racional, cortês, ojerizar os bárbaros e os violentos, estar imbuído de religião, principalmente católica, ou ainda, ser urbano e dispor da tecnologia e evolução. A identidade que Juiz de Fora vinha buscando e engendrando era exatamente esta. No antigo brasão da cidade, lia-se *Pátria e Civitas*. Defendia-se a identidade de uma cidade evoluída instruída e organizada. Normalmente se associa à “Manchester Mineira” a figura sempre relacionada à urbanização e industrialização, mas não era apenas o signo da indústria que podemos notar como busca dos primórdios da cidade. Na verdade, a figura da religião tradicional e devocional também se destacava como identidade de Juiz de Fora. Estamos falando de uma identidade estampada claramente em seu brasão reformado pelo decreto de número 136 em 26 de Julho de 1934. Podemos assim, notar que a identidade religiosa era de fato bastante importante para Juiz de Fora do início do século XX. Pelo brasão, a “cidade” se declarava católica (CAMPOS, 2011, p. 4 e 5).

Não só o que o catolicismo representava nas cidades, mas até o perfil individual das personagens sofre distorções. O padre Tiago Mendes Ribeiro, “mulato e de vida celibatária duvidosa” (MUSSE, 2008, p. 89), é visto como provedor de suporte às festividades devocionais, como as populares celebrações à São Pedro ou mesmo às primeiras festas à São Roque, segundo Castro (2003⁴²⁶ apud CAMPOS, 2011, p. 7).

Continuação.

⁴²⁶ CASTRO, Giane de Souza. **A Cruz e o Compasso**: O conflito entre Igreja católica e Maçonaria no contexto da reforma católica Ultramontana em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2008.

Relativizando essa noção dominante

Em outra análise, a historiografia local também relativiza a declarada tênue articulação Juiz de Fora-catolicismo, que é diminuída por autores que se dedicaram a afirmar certa anti-mineiridade juiz-forana pelo seu “paganismo”. Para contradizê-los, Mabel Salgado Pereira (PEREIRA, SILVA, SANTIAGO, 2006⁴²⁷ apud CAMPOS, 2011, p. 9) afirma que a ereção de cruzeiros em Juiz de Fora é herança da cultura portuguesa e significa ao mesmo tempo um marco de conquista e uma indicação de local de culto. Assim, a cruz representaria o símbolo daquela civilização e uma demarcação de território. A religião, para os portugueses, era vista junto com a ideia de civilidade. Existem vários registros de ereção de cruzeiros em vias de acesso (como o que havia na rodovia União e Indústria), em áreas urbanas (a exemplo do cruzeiro do bairro Granbery), em ambientes domésticos ou então nos monumentos, caso do Cristo Redentor, símbolo destacado na paisagem urbana de Juiz de Fora (erguido antes do Cristo do Rio de Janeiro), presente no Brasão de Armas da cidade.

Além disso, a presença da Igreja Católica na Zona da Mata é praticamente ubíqua, tendo correspondido a uma grande organizadora dos espaços intra-urbanos (já que era detentora de terras), mantendo sua “missão civilizadora” como idealizavam os portugueses e há pouco indicado. A partir dos arredores das igrejas – edificações urbanas sempre antigas, senão pioneiras – houve a criação das condições para o reconhecimento do *status* urbano dos núcleos (como em “freguesia”, por exemplo) e para a prática do futebol (nos largos/prças costumeiramente instalados defronte das igrejas). Portanto, Juiz de Fora e a Mata podem ter experiências exíguas quanto ao barroco mineiro, mas não em relação à religiosidade; pode ser menos fervorosa na fé católica, mas não a negou.

As disparidades entre os dados censitários sobre religiões dos juiz-foranos e as assertivas de Christo (1994) e Musse (2008) são retumbantes. Pergunta-se: como o apego ao catolicismo perdurou por tanto tempo para uma cidade “pagã” e “digna” das preocupações da Igreja Católica? Quase 160 anos após as queixas de Dom Viçoso, não deveríamos contar e supor menos adeptos desta religião? Acreditamos que a relação entre modernidade e desapego religioso feita por Christo e Musse foi conduzida por certo exagero.

Continuação.

⁴²⁷ PEREIRA, Mabel Salgado (Dir.); SILVA, Raquel Barroso; SANTIAGO, Wessila Luzia. **100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil**: tradição e reinvenção católica. Juiz de Fora: Editar, 2006.

Relativizando essa noção dominante

Religiões declaradas pelos juiz-foranos segundo o Censo 2010

Fonte: IBGE Cidades, 2015.

Os percentuais do gráfico exibido reafirmam isso. A escritora juiz-forana Rachel Jardim (2003⁴²⁸ apud SANTOS, D. 2012, p. 6) dá pistas desse desencontro entre fé e mundo urbano: a mineiridade juiz-forana era vista “da porta para dentro”, e Juiz de Fora era uma cidade dual nas primeiras décadas do século XX, onde a casa era o lugar de “ser” conservador e a rua era o lugar de “ser ou parecer” moderno. Filipe Campos (2011), mesmo não citando ou pensando no que disse Rachel Jardim, parece ter sido chamado à tarefa de respondê-la. A vida e a obra de Rachel Jardim estavam envoltas em memórias de Minas (por ser de Juiz de Fora), mesmo após ter ido residir no Rio de Janeiro. A escritora não apartava Juiz de Fora das “mineirices”, ainda que isso seja menos reconhecível aí do que nas cidades da “Minas geratriz”.

Como Jardim conheceria e daria falta de algo que não vivenciasse na cidade? É o que se depreende da pesquisa de Doris Santos (2004), sugestivamente subintitulada. *As cidades de Juiz de Fora e do Rio de Janeiro preservadas por Rachel Jardim*, na qual há uma série de referências às identificações da escritora, como nos “requintes mineiros” culinários. Foi tratada como “autêntica mineira de Juiz de Fora” (SANTOS, 2004, p. 65-67): “Na composição do perfil da mineiridade, vários fatores parecem contribuir, do fatalismo à influência da família, ou mesmo de outros conterrâneos. Talvez possamos dizer que todas essas influências são válidas para marcar o ser mineiro”. Santos (2004, p. 67) conclui na sequência: “Nota-se através dessa característica, a preservação de valores eternos na obra de Rachel Jardim”.

Continuação.

⁴²⁸ JARDIM, R. *Os anos 40*. A ficção e o real de uma época. Juiz de Fora: FUNALFA, 2003.

Relativizando essa noção dominante

Em conjunto, nossas notas de análises e contra-argumentações não pretendem afirmar se houve ou não mineiridade em Juiz de Fora através da religião católica. Nosso estudo incube-se de mostrar que as relações de Juiz de Fora e da Mata com Minas Gerais foram mais intensas do que comumente são narradas por estudiosos locais.

Anti-mineiridade matense/juiz-forana: proximidade com o Rio e distanciamento de BH

2. Lins e Brandão (2012) lançaram livro – *Cariocas do brejo entrando no ar* – que exaltou a influência do Rio de Janeiro sobre a construção da identidade de Juiz de Fora, particularmente a partir da produção do rádio e da TV, no qual a proximidade geográfica e os sistemas de transportes (há muito existentes e que interligaram as cidades) serviram de apoio ao vínculo formado, fortalecendo-o. Opostamente, observaram 2 casos de perda da importância socioeconômica local: em relação a Belo Horizonte e ao Rio de Janeiro. O 1º se deu em virtude da política industrial dos anos 1930 que, em Minas, deslocaria o centro dinâmico da Zona da Mata e de Juiz de Fora para Belo Horizonte e região próxima. Quanto ao Rio (o 2º), as novas áreas agrícolas e a ampliação e modernização do parque industrial nacional retira de Juiz de Fora a preferência nas relações com os cariocas. Apesar disso, os autores sustentam que no imaginário nada mudou em relação ao Rio de Janeiro (LINS, BRANDÃO, 2012, p. 45, 47 e 53).

Relativizando essa noção dominante

2. Do mesmo modo que é real o que tais autores explicitaram para o período em que estudaram Juiz de Fora (de 1940 a 1960), ou seja, houve motivos para uma proximidade com o Rio e um distanciamento com BH, podemos usar do mesmo critério – as frequentes relações entre núcleos urbanos – para afirmar que se ao Rio de Janeiro é creditada uma derrocada nas últimas 5 décadas (SANTOS, COSTA, VASCONCELLOS, 2011) e a Belo Horizonte uma ascensão em igual período, logo, não se sustenta o argumento de que as identificações da Zona da Mata e de Juiz de Fora com os cariocas não tenham se abalado. Lins e Brandão (2012, p. 64), no encerramento das discussões sobre *mineiridade* tratam-na no presente e reconhecem que o juiz-forano construiu uma identidade híbrida, difícil de ser definida e cujo desvendamento passaria pela tradução dos hábitos e tradições que se desenvolveram na cidade. Contudo, não citam que esses novos tempos passam por um esvaziamento da influência carioca, ainda que tenham citado alguns geógrafos ao longo das

Continuação.

Relativizando essa noção dominante

argumentações do capítulo, mas não o fecham à luz do que o futuro mudaria após os anos 1960: depois de mais de 50 anos de decadência, será que no imaginário atual nada mudou diante da situação carioca? Sugerindo uma resposta, duas das obras recentes que têm foco na identidade juiz-forana – Musse (2008) e Lins e Brandão (2012) – tratam-na no âmbito dos anos 1960 e 70, e entre 1940 e 60. O que sugerem? Ambas vão até uma fase em que a derrocada do Rio de Janeiro não tinha se manifestado de maneira clara em Juiz de Fora, posto que seu presente não é o mesmo da antiga ligação com o Rio.

Obras atuais – como este estudo – requerem uma visão histórica que não pare nas décadas de 60 ou 70, bem como uma adaptação aos novos rumos que a polarização sobre a cidade ganhou, ou seja, um misto de influências partindo do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Por isso mesmo, a jornalista Christina Musse (2008, p. 130-131), ao comentar os sonhos de seus colegas de profissão, diz que todos almejavam trabalhar no *Jornal do Brasil*, mas “[...] antes de chegar ao Rio, muitos bateram ponto em BH”.

Anti-mineiridade matense/juiz-forana: seu “único” modelo de civilização era o Rio de Janeiro

3. Tido como arauto da missão civilizatória nacional, o Rio de Janeiro serviu de modelo em vários setores, como cultura, entretenimentos (futebol), tecnologias etc. Para Maraliz Christo (1994, p. 12), “civilizar-se [para o juiz-forano] significava estar próximo à vida mundana do Rio de Janeiro, quem não podia ir ao Rio assistia aos espetáculos das companhias de teatro do Rio que chegavam à cidade”. Nessa época do início do século XX, o Rio de Janeiro executava grandes obras no Centro (saneamento, instalação de bondes, iluminação pública etc.). As epidemias eram constantes na capital federal.

Relativizando essa noção dominante

3. Que o Rio de Janeiro foi o maior e mais importante centro urbano brasileiro no limiar do século XX (quando as modernidades eram postas em uso nas cidades) já faz parte de um saber clássico, consagrado. Contudo, isso não fez o Rio de Janeiro ser a única referência, como sugere o excerto anterior, em óbvio detrimento de Belo Horizonte e outras cidades de Minas Gerais. As informações de Christo ficam duvidosas quando cotejadas com as notícias veiculadas pelo jornal *O Pharol* (15 e 16 jul. 1910, p. 1 apud MUSSE, 2008, p. 93), o principal jornal de Juiz de Fora no século XIX e início do XX: diante das parcas

Relativizando essa noção dominante

apresentações de teatro amador que aconteceram entre 1857 e 1859, a busca pela arte levava os juiz-foranos até São João del Rei e Barbacena, ou algumas outras “velhíssimas povoações mineiras”, além da “Côrte”. Portanto, à medida que vasculhamos e conseguimos detalhar as ditas “verdades” sobre Juiz de Fora e Rio de Janeiro, encontramos que o Rio não foi mesmo o único referencial cultural para a cidade.

Quanto às intervenções urbanas, Juiz de Fora e diversas cidades matenses também passavam por obras de saneamento e enfrentavam sucessivas epidemias. É o que nos atesta a dissertação de Leonardo Batista (2012), na qual verificou que o ideal norteador republicano do governo de Minas era o de afastar a insalubridade por meio de obras públicas. No entanto, neste contexto de transição do século XIX para o XX o que se via era uma diversificação de doenças e de cidades atingidas, mas com foco na Zona da Mata e nas Vertentes, conforme se nota na fala do Barão de Camargos, último interventor nomeado pelo imperador para a Província de Minas Gerais, em 1889:

“Em [...] S. João d'El-Rey, Bom Sucesso, Ayuruoca, S. Paulo do Muriahé, Varginha, Juiz de Fora e nesta capital [Ouro Preto], manifestou-se a varíola [...]. [...] nas cidades de Cataguazes e Leopoldios, appareceu o Sarampo, affectando os immigrants ali recentemente chegados. Tem grassado na capital o beri-beri [...]” (BATISTA, 2012, p. 105-106). Os discursos dos governadores mencionavam epidemias em Leopoldina, Cataguases e Rio Branco (na fala de Bias Fortes, 1897), além de Juiz de Fora (na fala de Silviano Brandão, 1899) (BATISTA, 2012, p. 127 e 128).

Outro estudo mostra que “Encontra-se em andamento o calçamento da rua Direita [atual Avenida Rio Branco, a principal da cidade]. O material é Mac-adam a quartzo, *utilizado também em Belo Horizonte*. [...] Várias ruas da região [central] também estão sendo urbanizadas, com alargamentos e calçamentos” (JORNAL DO COMMERCIO, 5 abr. 1906, p. 1 apud MORORÓ, 2012, p. 65, grifos nossos).

A influência de Belo Horizonte foi reconhecida por Mororó (2012, p. 66-67, grifos nossos) ao pesquisar o futebol em Juiz de Fora sob a perspectiva da imprensa. Observando ambos os lados, afirmou: “Juiz de Fora buscava, no contexto cultural, ser uma *cidade híbrida*. Esta situação se deve a *divisão do seu padrão identitário* [...] entre os valores oriundos tanto do Rio de Janeiro quanto de Belo Horizonte”. E conclui: “Ao mesmo tempo em que procurava se aproximar da modernização e civilização carioca, a cidade procurava também resguardar

Continuação.

Relativizando essa noção dominante

alguns valores inerentes da *mineiridade* da capital mineira e do interior do Estado”.

Frisamos que a capacidade polarizadora do Rio de Janeiro era maior e preexistente a de Belo Horizonte, reconhecível no texto do *Jornal do Commercio* (19 ago. 1897, p. 2 apud MORORÓ, 2012, p. 74) que informava da chegada de material importado do Rio para a construção do Velódromo Mineiro em Juiz de Fora (1897).

Lembremos ainda que Belo Horizonte foi inaugurada exatamente em 1897, ou seja, não reunia condição mínima de duelar com o Rio de Janeiro pela polarização urbana sobre Juiz de Fora, que também lhe era hierarquicamente superior à época. Logo, restou à capital mineira servir de modelo de cidade moderna, cumprindo a função prevista no plano de sua criação.

Anti-mineiridade matense/juiz-forana: influência do Rio, logo, identidade igual a dos cariocas

4. Vimos que o Rio de Janeiro exerceu mesmo maior influência sobre Juiz de Fora e a Mata Mineira. Tal situação é evidenciada nos estudos já citados, aos quais acrescentamos outros sob nossa análise.

Relativizando essa noção dominante

4. Tal situação não significa, porém, que Juiz de Fora não tenha formulado seu padrão identitário próprio, mas, claro, mesclado aos cariocas e demais grupos intervenientes. Frederico Guedes (2007, p. 8, grifos nossos) deu-nos pista nesse sentido quando entabulou tais influências e identificações à luz da TV na cidade. “O principal esforço para marcar sua diferença [da TV Industrial, 1964] em relação às emissoras cariocas era colocar [...] uma *programação de caráter mais regional e local* [...]. Entretanto, fazia o caminho inverso [...] no que tange à transmissão de jogos dos clubes cariocas – os preferidos na cidade [...]”. Segundo Musse (2009, p. 6), a mesma TV Industrial chegou a receber em 1974 um prêmio especial do governo do Rio de Janeiro por ter sido a emissora mais presente no Maracanã: “E como o juiz-forano sempre foi muito mais torcedor do Botafogo ou Flamengo do que do Atlético ou Cruzeiro, a emissora se esmerava na transmissão dos campeonatos e torneios cariocas”.

Continuação.

Relativizando essa noção dominante

No trabalho do arquiteto Luiz Alberto do Prado Passaglia (1981, p. 21, grifos nossos), a já referida influência carioca é reiterada, mas não sem dispensar os exageros, aqui travestidos de extrema generalização, a qual marca inteiramente a frase selecionada: “Juiz de Fora e a região da mata mineira [sic] ficaram *à margem* do caminho [velho] e de *todo o processo cultural e econômico* marcado pelo ciclo da mineração”. É verdade que houve uma tentativa de a Coroa Portuguesa evitar os extravios de ouro, mas houve ainda tempo para que a região e Juiz de Fora ficassem na rota do Caminho Novo do ouro e, desse modo, passaram a integrar o circuito minerador, ainda que erigindo menor ligação com a região central mineira. A ocupação territorial matense foi concomitante ao período aurífero, tanto que recebeu os migrantes de sua fase final e decadente (CHRISTO, 1994, p. 10), no século XVIII, quando, já estava iniciada a obra do Caminho Novo por Garcia Rodrigues Paes, concluída em 1704. Esta nova rota era mais curta e por ela podia-se chegar diretamente ao Rio de Janeiro sem a necessidade de viagem marítima desde Parati (onde se iniciava o Caminho Velho). Assim, a viagem passou a se dar por terra. Seu trajeto criou e/ou consolidou vários núcleos urbanos atuais, como Juiz de Fora, Barbacena, Antônio Carlos, Santos Dumont, Matias Barbosa (MG), Três Rios, Barra do Piraí, Petrópolis e Rio de Janeiro (RJ) (ESTEVEZ, 1915, p. 16; OLIVEIRA, 2009, p. 62). Isso ocorreu através da doação de terras ao longo do Caminho Novo, desde seus construtores, Garcia Rodrigues Paes e seu cunhado e sucessor, Domingos Rodrigues da Fonseca, até os “desclassificados do ouro”, segundo Maraliz Christo (1994, p. 10), para quem a Zona da Mata herdou o pior das Minas do ouro, os tangidos pela necessidade imperiosa de trabalho na lavoura (cafeeira).

Com o que vimos até aqui, parece difícil assumir categoricamente que Juiz de Fora e a Mata ficaram marginais a “[...] *todo o processo cultural e econômico* marcado pelo ciclo da mineração”, como dissera Passaglia (1981, p. 21). Afinal, o Caminho Novo que aproximou Juiz de Fora e Mata do Rio de Janeiro não é o mesmo que trouxe os migrantes das minas para tais localidades? Para endossar tal ideia, lembremos que, ao final, o Caminho Novo tinha como pontos extremos Vila Rica e Rio de Janeiro, os mesmos da Estrada do Paraíba. Ou seja, com a Mata ao meio desses extremos, povoada por ex-moradores da Minas do ouro e a ela conectada num tempo de fixidez territorial e identitária local, como haveria Juiz de Fora e a Zona da Mata passarem imunes por tudo isso?

Continuação.

Anti-mineiridade matense/juiz-forana: distanciamento identitário com Minas Gerais

5. Reafirmamos que houve uma disputa pela centralidade urbana mineira entre Juiz de Fora e Belo Horizonte, assim como a colocação periférica da Zona da Mata nos planejamentos e nas estratégias de desenvolvimento de diversos governos mineiros (OM, 2004, p. 1; PIRES, 2005, p. 30-32). Diversos autores reforçam a existência dessas contendidas e ainda as associam com a aproximação da Mata Mineira com o Rio de Janeiro em detrimento do próprio Estado de Minas Gerais. Tentativas de incutir uma presença absoluta carioca não faltam. Ao longo do tempo, esses exageros produziram uma ideia preconcebida em Minas de que a “Mata e Juiz de Fora são cariocas”, passando certa “anti-mineiridade” ao imaginário coletivo.

A falta de comunicação entre as diversas regiões mineiras é tal que autoriza comparar o Estado a um conjunto de ilhas isoladas entre si, nas quais *o sentimento de mineiridade vai sendo paulatinamente sobrepujado pela maior identificação com estados limítrofes*, efetivamente mais presentes na vida cultural e econômica de muitos municípios de Minas. Hoje, grande parte do Sul do Estado e do Triângulo tem São Paulo como paradigma econômico e cultural; o Noroeste está sob a influência do Distrito Federal e de Goiás; *a Zona da Mata vem adotando o jeito carioca de ser*; o Vale do Mucuri recebe influência cultural da Bahia; as regiões próximas de Carlos Chagas e de Nanuque vêm sendo influenciadas pelo Espírito Santo. Tudo isso, é claro, provoca o *enfraquecimento político de Minas, atrasando o desenvolvimento de sua economia e, ainda, propiciando um ambiente adequado para a germinação de movimentos separatistas* (ALMG, s/d, p. 22, grifos nossos).

O texto da Assembleia Legislativa – acerca das comunicações em Minas Gerais – sugere também que os recursos para o setor sejam maiores e concentrados em Belo Horizonte, onde o jornal *Minas Gerais* exerceria função similar a de uma agência de notícias para os jornais do interior (ALMG, s/d, p. 25).

Relativizando essa noção dominante

5. Destacamos no texto a postura eufemista quanto à influência de outros estados em Minas se compararmos com o tratamento dispensado à Mata, com seu “jeito carioca de ser”. Nenhuma frase de teor semelhante retratou as demais regiões. Além disso, a parte final do excerto é totalmente mergulhada na ideologia da mineiridade. Como parte dela, evoca o papel da capital (como a 100 anos atrás) para polarizar o interior mineiro, “unindo-o”, nesse caso, sob o viés de uma divisão do trabalho a cargo de Belo Horizonte e, claro, dos maiores grupos de comunicação do Estado com domínio das redes deste setor.

Continuação.

Relativizando essa noção dominante

Diferentemente das ideias anteriores (sobre o distanciamento Mata-Minas), observamos referências à Minas Gerais emanadas da Mata e de Juiz de Fora, e que são omitidas – talvez até despropositadamente – de tão repetida a ideia de que tais áreas e Minas quase não se articulam. Não negamos a influência carioca, mas a vemos com lacunas em determinadas narrativas e análises. Como contraponto, apresentamos marcas mineiras presentes na região:

- em denominações de instituições de tipos diferentes: *Manufatora-Mineira* (fábrica e time de futebol, Cataguases); *Minas* (times de futebol, Goianá e Lima Duarte); *Descoberto Minas Clube* (time de futebol, Descoberto); *Sport Club Mineiro* e *Mineiro F. C.* (times de futebol, Juiz de Fora); *Tribuna de Minas*, *Correio de Minas*, *Diario de Minas* e *Folha Mineira* (jornais, Juiz de Fora); *Banco de Crédito Real de Minas Gerais*, *Banco Territorial e Mercantil de Minas*, *Banco de Crédito Popular de Minas* e *Escritório Comercial Crédito Mineiro* (setor financeiro, Juiz de Fora); *Cia. Chimico Industrial Mineira*, *Cia. Mechanica Mineira* e *Cia. Constructora Mineira* (fábricas, Juiz de Fora); *Cia. Pastoril Mineira* *Cia.* e *Organização Agrícola Mineira* (empresas agrícolas, Juiz de Fora); *Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres* (órgão de regulação do futebol mineiro, Juiz de Fora). Entre 1953 e 1954 existiu em Juiz de Fora a revista *Objetiva* - “uma revista de Minas para o Brasil”. Seu *slogan* é mais uma mostra que a suposta anti-mineiridade oriunda de Juiz de Fora deve ser relativizada.

Em conjunto, apresentamos mais de 20 casos que trazem à tona a questão se há mesmo a adoção de um “jeito carioca de ser” na Zona da Mata, perpassados nas denominações de instituições matenses. A maior parte dos exemplos vem justamente de Juiz de Fora que, apesar das evocações a Minas, tem seus habitantes popularmente conhecidos como “cariocas do brejo”. Ademais, algumas dessas instituições foram pioneiras em Minas Gerais – como o *Banco Territorial e Mercantil de Minas* (1887) e a *Companhia Mineira de Eletricidade* (1888) – e se intitularam com nomes que espontaneamente se referiram ao Estado.

A institucionalização do futebol mineiro ocorreu a partir da cooperação entre Belo Horizonte e Juiz de Fora, quando suas seleções se enfrentaram em Juiz de Fora (5 mar. 1915) a fim de organizar o futebol estadual (PEDROSA, 2008, p. 22). Ficou acordado que a *Sub-Liga Mineira* teria sede em Juiz de Fora enquanto a *Liga Mineira* em Belo Horizonte. Esse foi o embrião da atual FMF (Federação Mineira de Futebol), instalada na capital, e também da criação do Campeonato Mineiro de Futebol em moldes profissionais em 1933.

Continuação.

Relativizando essa noção dominante

Outra parceria com Belo Horizonte veio com os jogos intermunicipais, o que, segundo Georgino Neto (2010, p. 18 e 69), funcionou para alavancar o sentimento de pertencimento clubístico na capital. Ao enfrentar as equipes do interior, a torcida dos clubes belo-horizontinos experienciaram uma relação de posse: “*meu time, minha cidade e meu Estado*”. Juiz de Fora e demais cidades passaram pelo mesmo processo. As identificações com os territórios tiveram seus desdobramentos também por intermédio do futebol.

Houve, ainda, a inauguração da iluminação do estádio do Atlético em 1930, cujo time convidado para a primeira partida noturna foi de Juiz de Fora, o Sport (SOUZA NETO, 2010, p. 107).

Existem ainda mais demonstrações de relações matenses com Minas. Numa delas, o *Banco de Crédito Real de Minas Gerais* abriu uma agência em Ouro Preto, em 1892 (então capital mineira) e em 1894 firmou acordo com governo, tornando-se administrador dos fundos do Tesouro do Estado na agência de Ouro Preto. Já o *Escritório Comercial Crédito Mineiro*, de maioria de acionistas juiz-foranos (12 entre 14 agentes financeiros), tinha sede no Rio de Janeiro, o maior centro financeiro do país à época – fins do século XIX (CROCE, 2008, p. 37 e 90). Desse modo, estaria livre de uma suposta necessidade de referenciar-se em denominação mineira. Contudo, não foi isso que aconteceu: os “cariocas do brejo” de Juiz de Fora sustentaram um nome que carregava Minas em pleno Rio de Janeiro.

Anti-mineiridade matense/juiz-forana: origem dos habitantes no Rio de Janeiro

6. Nota-se uma tendência ao pejorativo nas afirmações sobre a população matense (e mais para juiz-foranos), o que pode ser aludido pelas expressões *cariocas do brejo* e *mineirocas*, além de construções como a do texto da ALMG (s/d, p. 22), anteriormente apresentado.

Relativizando essa noção dominante

6. Em nossa tarefa de relativizar ou mesmo de destronar esse tipo de ideologia da anti-mineiridade para a Zona da Mata, iremos nos valer do trabalho de Josarlete Soares (2009, p. 60) acerca das origens da rede urbana matense, representado pelo seguinte excerto: “Com a queda dos rendimentos da mineração ao longo do século XVIII, se somariam a esses lavradores [da Mata] os migrantes da região central de Minas, trazendo os capitais da atividade mineradora decadente. E ambos se beneficiaram com a proximidade do mercado consumidor carioca”, gerando, inclusive, reforço da concentração fundiária.

Continuação.

Relativizando essa noção dominante

O povoamento da Mata Mineira se deu primordialmente em função da penetração dos vales dos rios Doce, Pomba, Paraíba do Sul e Paraíba, os quais englobam, hoje, dezenas de cidades da região, dentre elas, Juiz de Fora, para a qual Menezes (2004, p. 3) revelou: “Do encontro dos que vieram subindo a serra da Mantiqueira acompanhando a frente de expansão do café com aqueles que vinham das áreas mineradoras estagnadas, rapidamente, em menos de meio século, surge a aglomeração urbana de Juiz de Fora”. Desse modo, podemos inferir que o mineiro da Região Central/Mineradora é, em certa medida, o ancestral do “carioca do brejo”. Contraditoriamente, parte dos “mineirocas” atuais são, na verdade, oriundos do centro de Minas, de onde partem/partiram os maiores deboches da relação Mata-Rio de Janeiro. Portanto, os que se julgam mineiros “legítimos”, em essência, são os produtores originais dos povos aos quais designam como se fossem “sub-mineiros”, “parcialmente mineiros” ou algo congênere.

Conclusão.

Fonte: elaborado pelo autor, 2016.

Por todos os exemplos e contra-argumentos que apresentamos é que afirmamos haver um discurso de afastamento entre Juiz de Fora e Minas, Mata e Minas. O suposto desencaixe identitário é marcado por exageros e omissões por parte dos pesquisadores, como na tese de Daniel Roberto dos Reis Silva (2012). Como numa ideia pronta, replicada várias vezes entre estudiosos de/sobre Juiz de Fora, o autor professa: “Juiz de Fora é a antítese do estereótipo da mineiridade”, pois procurou se alinhar ao que havia de mais atual, incorporando a influência do Rio de Janeiro e da Europa (SILVA, 2012, p. 6-7). Como vimos, grande parte da população não reunia condições socioculturais e socioeconômicas para conhecer e fazer parte das inovações materiais e simbólicas trazidas com a modernidade. Os efeitos dessa (suposta) modernidade são, na prática, coisas que os estudiosos repetiram e defendem mais no plano do imaginário do que referendados em dados – como os que exibimos – para anunciar que uma dada coletividade tenha, toda ela, abraçado a moderna vida urbana e uma tal “carioquização”. Nossos dados e assertivas dizem que não. Precisamos rever tais argumentações: o afastamento Juiz de Fora-Minas; e a anti-mineiridade matense como o “absoluto” mergulho na modernidade veiculada “só” pelo Rio de Janeiro são relativas. Exageros e omissões são os termos que resumem as rotulações incrustadas nos textos com os quais nos deparamos.

b) Articulações de Juiz de Fora e da Zona da Mata com Minas Gerais por meio de uma iconografia do futebol: a “fute-iconografia”

Em seção anterior desta pesquisa já enumeramos casos em que nomes de times matenses (“fute-nomenclatura”) se referenciavam em seus homônimos famosos, geralmente do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de São Paulo, nesta ordem de frequência. Destarte, aceitamos que as polarizações urbanas dessas metrópoles ocorrem também de forma imaterial, pelo clubismo e a afeição que ele transportou para os matenses. Isso, contudo, também sofre materializações por meio dos escudos dos clubes, cores dos uniformes, mascotes e hinos criados. Concordamos com a análise de Viviane Amorim (2010, p. 72), sugestivamente encaixada com nossos escopos, embora ela não tenha escrito para o futebol (mas parece). Afirma que a iconografia fornece símbolos e mitos unificadores que funcionam como fator de resistência à mudança ou de base para a permanência, razão pela qual hinos, bandeiras e uniformes difundem a mensagem identitária.

Consoante salientou Arlei Damo (2006, p. 80), os termos e símbolos que definem as coletividades não são escolhidos ao acaso. Para ele, há homologias reais e imaginárias entre o Clube-Nação e o Estado-Nação.

Quadro 5.3 – Nexos entre Nacionalismo e Clubismo.

Estado-Nação	Clube-Torcida
Território geográfico bem demarcado.	Território imaginado – os torcedores do Internacional/RS, por exemplo, concentram-se no Rio Grande do Sul e nos demais estados onde há imigrantes sul-rio-grandenses, como no oeste catarinense e paranaense e nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.
Capital, centro administrativo, local onde se concentra imaginariamente o poder.	Estádio Beira-Rio – a “casa do Inter”, território de domínio colorado, onde a torcida exige que o time se imponha, vença, faça-se respeitar etc.
Monopólio do uso legítimo da violência.	Isto é, como se sabe, um privilégio que o Estado só delega em circunstâncias especiais. Embora os clubes contratem seguranças para proteger seus atletas e seu patrimônio, as forças repressivas do Estado são constantemente demandadas.
Chefe de Estado.	Presidente do clube.
Parlamento e partidos políticos.	Conselho deliberativo e facções internas – InterAção, Inter 2000, Inter Grande, entre outros.
Movimentos sociais.	Torcidas organizadas.

Continua.

Estado-Nação	Clube-Torcida
Cidadãos (indivíduos de direito).	Torcedores, sócios.
Nacionalismo (brasilidade, italianidade...); mitos e ritos.	Clubismo – coloradismo, seus ritos e mitos.
Língua oficial como código de comunicação.	Cores (código visual), cânticos e xingamentos (códigos acústicos)
Poder judiciário.	Justiça esportiva, nesse caso em escala regional, nacional e supranacional, conforme as agências gestoras das competições.
Entidades supranacionais – ONU, OTAN, G8...	Associações de clubes e federações – FIFA, CONMEBOL, Clube dos Treze...

Conclusão.

Fonte: Damo, 2006, p. 80.

Além das características citadas por Damo, incluiríamos o passado glorioso, geralmente assentado em enfrentamentos dos quais o clube e a nação triunfaram com seus “guerreiros” em campo, no *front*. Não por acaso, denominações de origem bélica surgem para expressar o futebol, como *artilheiro*, por exemplo. Em termos identitários, como já vimos em Hall (2011), as pessoas se ligam a um passado que insufla egos e transforma uma população em gentílicos nacionais ou, para o nosso caso, uma população em torcedores.

Diversas torcidas se intitulam como “nação”. O conjunto de torcedores de um dado clube também é chamado de “nação”. Impossível não articular tais ideias com as de Damo (2006) e de Anderson (2008). As convergências se traduzem em símbolos, tão cheios de significados e eficiência para a lógica de uma comunidade. Esse simbolismo clubístico é referendado nas categorias *censo*, *mapa* e *museu* que Anderson (2008, p. 226-255) elencou como capazes de conformar a imaginação dos povos, além de conhecer quem são e onde estão tais pessoas que se unem em torno de uma história, de uma entidade. Por isso os museus dos clubes e suas salas de troféus adquirem grande significação para os fãs. Assim, as agremiações de futebol podem cartografar o desejo e a localização de cada nação de seus torcedores – são-paulinos, botafoguenses, palmeirenses, cruzeirenses etc.

Nesse sentido ideológico, Arlei Damo (2006, p. 78) afirma que “o clube é uma entidade sagrada: por representar a coletividade; por ser o elo temporal entre passado, presente e futuro; por espelhar-se nos pertencimentos e, sobretudo, por ser uma projeção, no indivíduo, dos afetos familiares”. Contudo, a formação dessa nação torcedora por meio de uma

comunidade de sentimento imaginada é mais condizente com a atualidade do que a noção de família, muito usada nos primórdios dos clubes e quando eram frequentados por limitado número de sócios, mas que revelavam os grupos formadores das agremiações, como imigrantes, comerciantes e pessoas ricas da cidade.

Os laços de solidariedade horizontais estavam mais evidenciados nessa época de criação das agremiações futebolísticas, razão pela qual seus escudos, nomes, cores e outras significações intrínsecas refletem as escolhas dos grupos fundadores e do contexto que vivenciaram, comumente entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Nesse período, a admissibilidade das influências midiáticas pode ser relativizada, dada a ausência da televisão e a presença inicial – quando havia – da radiodifusão. Presença sólida mesmo somente com os impressos, mas cujo poder de penetração ficou restringido em face da enorme massa de iletrados no país e também na Zona da Mata. Afirmamos isso tendo no horizonte a ideia de que, desse modo, toda a iconografia e a denominação dos clubes de futebol (então nascentes) têm muito mais a marca dos localismos e regionalismos, diferentemente da fase de domínio comunicacional vinda com os anos 40, aproximadamente, que alargou as escalas territoriais, as referências das comunidades e, logo, passando a interferir nas simbologias adotadas pelos grupos fundadores de agremiações de futebol. Por outro lado, isso tem a importância de revelar os novos tempos, contextos e influências que incidem sobre pessoas e lugares, apontando tendências, dentre as quais as de polarização urbana reverberadas nesse universo iconográfico do futebol. Portanto, a Zona da Mata e Juiz de Fora vão se inserir nesse panorama de simbolismos e de polarizações, as quais observamos como um meio de demonstração de suas identificações e articulações territoriais com Minas Gerais (especialmente com Belo Horizonte) e com o Rio de Janeiro.

Vários autores reforçam essa ligação clube-cidade-região que alardeamos. Claro que futebol e cidade se serviram um do outro em sua construção na modernidade. Os clubes de futebol se tornaram elementos importantes da construção de uma identidade compartilhada para diversas cidades. Tal processo não é exclusivo da Mata Mineira, mas sim de alcance nacional. Para Raphael Ribeiro (2012, p. 1 e 2), “durante o século XX, muitas foram as localidades que tiveram em seus clubes de futebol um símbolo de identidade daquele lugar”. Além disso, a maioria desses clubes, no Brasil e no mundo, “[...] tem suas tradições arraigadas à relação com uma cidade em especial [e em] [...] algumas ocasiões esse recorte se reduz ainda mais, vinculando-se a um bairro”.

Odette Seabra (2000, p. 14) mostra que o futebol incutiu uma nova vida aos bairros e

não apenas dele se nutriu de torcedores. “Desde os primeiros anos deste século, uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios, e o que mais houvesse. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo [...]. A sociabilidade do bairro foi enormemente enriquecida com o futebol”.

Essa relação mais imediata entre instituições esportivas e a formação identitária também nos reporta aos primórdios do futebol, quando os moradores do bairro e da cidade passaram a frequentar cada vez mais os jogos, e campeonatos passaram a ser criados. Os grupos fundadores dos times e seus torcedores passam a produzir territorialidades e a outorgar e a se apropriarem de elementos simbólicos, dentre os quais estádios e sedes sociais, por requererem esforços coletivos.

Os primeiros campeonatos são fundamentais para a criação dos clubismos, pois a noção de identidade pressupõe tanto a inclusão (torcer para um clube) como a exclusão (se opor, ser diferente de um grupo antagônico). É esse mote que perpassa, por exemplo, toda a pesquisa de Georgino Neto (2010), *A invenção do torcer em Bello Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. No entanto, o autor priorizou a análise de jornais e não a temática da identidade em si, como conceito, mas revelou-nos que os campeonatos em escala estadual também contribuíram para os posicionamentos identitários “mais amplos”, além da cidade e do bairro. “Tida como a principal praça esportiva do país, o Rio de Janeiro se apresentava como o mais importante 'rival' dos mineiros, e gestava um sentimento que extrapolava os limites anteriormente construídos nos embates esportivos da Capital”, atesta Georgino Neto (2010, p. 42).

Dentro dessa perspectiva do pertencimento, os simbolismos que envolvem o torcer ganham importância, algo que Fernando Gallego Campos (2006) assim define a partir da noção de *espaço de representação*:

- *práticas sociais*: quaisquer relações sociais produzidas pelo futebol (ir ao estádio, torcer, jogar, comentar as partidas), produto e produtor das representações sociais⁴²⁹;
- *fato futebolístico*: é o ritual, o espetáculo em si e os eventos que circundam a partida;
- *poder*: permeia todas as relações e integram atores sociais diversos que produzem representações sociais que influenciam na maneira de se torcer, jogar, entender e de se relacionar com o futebol.

Segundo Fernando Campos (2006), essas são categorias centrais, às quais somam-se

⁴²⁹ Representações sociais são formas de conhecimento produzidas no cotidiano, as quais são modificadas e morrem. São as formas como as pessoas compreendem a realidade, tornando familiar algo não familiar (CAMPOS, 2006, p. 6).

outros 2 conjuntos de categorias. Aí interessa-nos as noções de *símbolos* e *mitos*. Os *símbolos* estão presentes nos comportamentos, sentimentos, desejos e atos dos diferentes atores sociais, através dos quais é possível descobrir aspectos íntimos que motivam as diversas relações. São os artefatos ligados ao futebol: cores dos clubes, suas camisas, mascotes etc. Os *mitos* fazem parte do pensamento simbólico e têm a função de dar sentido à “realidade”. São as referências do passado: história do clube, ex-jogadores etc. Afloram diante de conquistas e dificuldades (CAMPOS, 2006, p. 6-10). Concebemos os estádios⁴³⁰ como exemplos de ícones primordiais, imbuídos de significados simbólicos e míticos, além de coadunarmos com a noção da monumentalidade que expressam nas paisagens urbanas, como afirma Mascarenhas (2005, p. 62), compondo a principal forma/paisagem do futebol moderno, além de ser um grandioso equipamento dotado de poderosa semiótica, compreendendo um conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o ressignificam.

Essas últimas noções fazem parte daquilo que vemos como manifestações de uma “fute-iconografia”. Ademais, ainda conseguem mostrar, objetivamente, articulações entre cidades, espaços que se ligam sob o jugo da centralidade urbana. É o que se pretende expor com o quadro seguinte acerca da iconografia produzida pelo futebol, não só com itens materiais (como cores e insígnias adotadas), mas também com símbolos imateriais capazes de referenciar um clube, sua cidade de origem, sua história e cores escolhidas.

Quadro 5.4 – “Fute-Iconografia” do futebol matense: identificações territoriais e indicações de influências urbanas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte.

Ícone/Símbolo e Origem	Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas
<p>1. Mascote do Tombense</p> <p>Fonte: TFC</p>	<p>Minas Gerais. Mascote do Tombense (TFC, s/d) de Tombos, na MR Muriaé (onde seus 20 municípios têm torcida majoritariamente pelos times cariocas). Apesar disso, a equipe local faz referência ao Estado de Minas Gerais por meio de sua bandeira empenhada pela mascote (gavião) do clube local. O Tombense é uma agremiação centenária, mas a mascote é recente, assim como a mineirização regional via futebol.</p>

Continua.

⁴³⁰ Cf. Estádios foram tratados no capítulo 2.

Ícone/Símbolo e Origem	Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas
<p>2. <i>Tabuleirense e Operário, de Tabuleiro.</i></p> <p>O Tabuleirense, criado em 1928, usa camisa listrada em vermelho e branco, em homenagem ao América-RJ, que era uma grande equipe na década de 1920. Em 1931, alguns ex-atletas do Tabuleirense, não satisfeitos com a diretoria da época, fundaram o Operário. Sua camisa azul com detalhes brancos foi inspirada no uniforme do Cruzeiro, então com apenas 10 anos de existência. Começava assim uma grande rivalidade entre as equipes. (LÉLIS, 2011, s/p.)</p>	<p>Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Tabuleiro fica na MR Ubá, porção matense onde os embates metropolitanos (incluindo São Paulo) estão mais acirrados segundo os perfis de torcedores e os mapas que daí geramos. A cidade torce preferencialmente por Flamengo, Vasco e Botafogo. O Cruzeiro é o 4º colocado (GE, 2015) e o América-RJ, o outro clube homenageado, perdeu força com a falta de títulos e, assim, não está entre os mais queridos em Tabuleiro como possivelmente era nos anos 20.</p>

Ícone/Símbolo e Origem	Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas
<p>3. <i>Partida amistosa entre a Seleção da Liga de Leopoldina (SLL) e o Clube Atlético Mineiro (CAM), 1978.</i></p> <p>Seleção da LEL 0 x 8 Clube Atlético Mineiro</p> <p>Fonte: Leopoldinense, s/d, s/p.</p>	<p>Minas Gerais e Belo Horizonte. O amistoso entre a SLL e o CAM ocorreu como festa de inauguração das reformas no estádio local, o que requer um convidado de prestígio, algo creditado ao Atlético, time de BH. Isso mostra que o futebol estadual e da capital são também uma referência em Leopoldina, embora a cidade cultue os times cariocas do Flamengo, Vasco e Botafogo, enquanto Cruzeiro e Atlético ocupam 4º e 7º lugares (GE, 2015), respectivamente. Em 1978 o Galo era o então vice-campeão brasileiro (1977), tendo feito melhor campanha até que o campeão (São Paulo). Se fosse hoje? Os clubes estão voltados, na atualidade, para mercados mais amplos e rentáveis. Os amistosos no interior quase acabaram a partir dos anos 70. A nacionalização/internacionalização do futebol retirou de regiões como a Mata a proximidade com os grandes clubes de quaisquer estados.</p>

Continuação.

Ícone/Símbolo e Origem
4. <i>Reduto Azul, Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte</i> . Evento produzido pelo Cruzeiro que reúne seus torcedores geralmente nas localidades onde a equipe vai atuar. Troféus são levados – como o do tetracampeonato brasileiro em 2014 – e conta com a presença do Raposão, mascote do clube. A equipe do programa “Sócio do Futebol” aproveita para conseguir novos participantes, aos quais os cartões de sócios são conferidos no ato da adesão, ali mesmo no evento.
Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas
<p>Belo Horizonte e Minas Gerais. <i>Reduto Azul</i> é o nome da estratégia do Cruzeiro para fugir ao distanciamento que o mercado impetrou na relação das instituições esportivas com o interior, asseveramos no item anterior. De acordo com fontes do Cruzeiro (2016), o evento é realizado desde o início de 2014 e já passou por várias cidades de Minas Gerais e do Brasil. Em 2015, foram 16 ações executadas, sendo uma em Brasília-DF e outras 15 em cidades mineiras: Governador Valadares, Nova Serrana, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Sete Lagoas, Patos de Minas, Piumhi, Betim, Pedro Leopoldo, Montes Claros, Bom Despacho, Araxá, Itaúna e Arcos. Como nos informou Rita de Cássia Pereira (2015), relações-públicas do Cruzeiro Esporte Clube (CEC), até os anos 1960 os jogadores cumpriam esse papel de criar proximidade com o público, e que depois ficou a cargo do time máster (extinto). Assim, esse vazio foi preenchido pelo Raposão e pelo <i>Reduto Azul</i>. “O Raposão faz o papel que os jogadores faziam nos anos 60, mas antes o calendário não era tão apertado quanto o de hoje. Agora não dá mais para fazer isso.” Assim, “[...] Quando o Cruzeiro joga em outras cidades... no interior, fazemos o <i>Reduto do Sócio</i> e o Raposão vai também. Ele vai até creches, hospitais, escolas... e faz essa aproximação com o torcedor e também um lado social do Cruzeiro”, explica Pereira (2015).</p> <p>Quando se fala de futebol, as afetividades são sempre lembradas, circunstanciadas no torcer, vestir as cores do clube etc. Todavia, a contemporaneidade inaugurou a era da impessoalidade e do distanciamento clube-torcedor e jogador-torcedor. Até “marqueteiros” reconhecem isso, como o fez João Henrique Areias (2000, p. 109-110): “E o que a gente vê no Brasil é que o dirigente de futebol não dá a menor importância ao que o torcedor pensa”, além de não estar a par de quantos torcem, afirma J. Hawilla (2000, p. 103), outro profissional do setor. E somos convictos de que estão ainda menos a par de onde está a torcida. As relações de imediatez – consoante Lefebvre (2001, p. 46) – são aquelas que</p>

Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas

provocam sociabilidade e horizontalidade. O anonimato (do torcedor) é trocado pela referência, e esta cambia para a identificação. O aspecto simbólico da presença do clube junto ao seu público (sua “nação”) tenderá ao sentido do pertencimento, confirmado pelas pesquisas: o Cruzeiro é o time preferido na maioria das 16 cidades onde realizou sua ação de *marketing* (GE, 2015). O clube – neste caso de Belo Horizonte – tenderá a projetar a imagem desta cidade que representa, exemplar e divulgador que é de uma das manifestações de centralidade da capital mineira.

Contudo, os clubes de futebol não têm uma efetiva programação e estratégias para exercerem uma presença territorial expansiva, conforme observamos a partir das informações de Rita Pereira (2015) em nome do CEC. O programa de sócio-torcedores do Clube Atlético Mineiro (CAM) também segue o mesmo caminho, do qual recebemos um dado que endossa nossa exposição: “Nada voltado especialmente para a região de Juiz de Fora” (MAURILIO; CAM, 2015, Informação pessoal)⁴³¹. Em similitude com as ações do Estado, assim como a não ou pouca presença dos aparelhamentos de governo abre caminho para a constituição de extraterritorialidades e, uma vez ausentes, os clubes mineiros verão seus rivais ampliar o número de fãs dentro do próprio Estado.

Ícone/Símbolo e Origem

5. Escudos do Ribeiro Junqueira, Leopoldina.

Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas

Rio de Janeiro. O escudo de um clube é sua própria representação. Na esteira do pensamento de Damo (2006, p. 80), o escudo está para o clube como a bandeira para seu Estado. Portanto, ele é um “símbolo pátrio”. Evoca uma história, jogadores e títulos memoráveis, uma “nação” de torcedores. Mas o que evoca (ou deixa de evocar) um escudo que é uma cópia do escudo de outra agremiação?

Continuação.

⁴³¹ MAURILIO, Emmerson; CLUBE ATLÉTICO MINEIRO (CAM) – Assessoria de Imprensa. Mensagem recebida por hecio.campos@ifsudestemg.edu.br em 16 jul. 2015.

Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas

Não há como não ver o Flamengo representado nas insígnias mais antigas do Ribeiro Junqueira. Para nossa perspectiva, tais escudos evocam uma penetração pretérita que o Rio de Janeiro possuía na Zona da Mata sem concorrentes ombreados, quando foi divulgado por jornais, revistas e rádios, influenciando na ideia que construímos sobre um determinado espaço geográfico, neste caso, o Rio de Janeiro. Suas equipes de futebol eram as equipes de narradores como o ubaense Ary Barroso (AHU, s/d) e de brasileiros “comuns”.

Nos sentidos empregados por Perry Anderson (1986)⁴³², a modernidade lhes trouxe a experiência individual de viver num mundo de constantes inovações, como a do futebol, dos impressos e da radiodifusão. Expressaram tal vivência – um modernismo na visão de Anderson – através da filiação clubística, denotando certa universalidade de certos valores vindos dos centros mais “progressistas e civilizados”. Porém, as densidades técnicas desta modernidade carioca se espalharam e criaram condições para a formação de outras *zonas luminosas*, além de consolidar processos modernizantes no interior do país, mesmo que aquém das metrópoles, que, por tal equipação, passaram a se digladiar pelo domínio de hinterlândias. Por seu turno, cidades *relais*, como Leopoldina (cidade-sede do Ribeiro Junqueira) puderam, com o tempo, construir certa autonomia frente aos seus centros dominadores, como o Rio de Janeiro. Um novo escudo, autêntico, fora dos padrões flamenguistas, é só um dos significados desta autonomia, que mostra também uma relação interurbana Rio-Leopoldina que se esvanece (ainda que miudamente via novo escudo, mas seu acúmulo vem com o tempo...). A pulverização de sentidos (e de emblema de time de futebol) que é creditada ao período da pós-modernidade parece compor as últimas décadas leopoldinenses, conformando sua *aceleração contemporânea*: há mesmo uma fluidez do território balizada hoje por um processo de aceleração que redefine a escala local, e o que valeu para uma geração pode sumir para outra. Por isso há uma necessidade premente de a Geografia se ocupar do cotidiano dos lugares em face de uma rápida mudança de “tudo”: das pessoas, das técnicas, dos simbolismos etc., num movimento contínuo da sociedade que caracteriza a chamada *aceleração contemporânea*, expressão trabalhada por Milton Santos (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 21 e 77). Assim enredado, ninguém é extemporâneo. E na Mata Mineira também não.

Continuação.

⁴³² Anderson (1986) articula 3 ideias: *modernização, modernidade e modernismo*. A primeira diz respeito ao processo econômico e ao uso da técnica na produção. Defende que a maior preocupação atual não é a de ampliar fronteiras espaciais, mas ampliar a fronteira das inovações. Cf. Capítulo 2.

Ícone/Símbolo e Origem	
6. <i>Hinos</i> ⁴³³ do Atlético, Flamengo e América (CORNELSEN, 2012, p. 63, grifos do autor):	
- <u>Versos do hino do Flamengo</u>	- <u>Versos do hino do Atlético Mineiro (1969)</u>
Compositor: Lamartine Babo	Compositor: Vicente Motta
Vencer, vencer, vencer	Vencer, vencer, vencer...
Uma vez Flamengo,	Este é o nosso ideal.
Flamengo <i>até morrer</i>	<i>Lutar, lutar, lutar...</i>
	Pelos gramados do mundo para vencer.
- <u>Versos do hino do América do Rio</u>	Clube Atlético Mineiro,
Compositor: Lamartine Babo	Uma vez <i>até morrer</i> .
Hei de <i>torcer, torcer, torcer</i>	<i>Lutar, lutar, lutar...</i>
<i>Hei de torcer até morrer, morrer, morrer</i>	Com toda a nossa raça pra vencer.
	[estribilho/Refrão]
	Clube Atlético Mineiro,
	<i>Uma vez até morrer.</i>
Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas	
<p>Rio de Janeiro. Em <i>Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares</i>, Elcio Cornelsen (2012) advoga que hinos de clubes mineiros tiveram grande influência de hinos cariocas, pois seus compositores se espelharam em Lamartine Babo – que produziu hinos para 11 times do Rio de Janeiro, dentre eles dos 4 grandes mais o do “seu” América⁴³⁴ -, “produzindo até mesmo uma relação de intertextualidade entre eles. Um dos exemplos mais evidentes é, aliás⁴³⁵, o hino do Atlético Mineiro [...]”, se compararmos versos de seu hino com versos dos hinos de Flamengo e América, afirma Cornelsen (2012, p. 63). A maior parte dos hinos dos clubes de futebol do Brasil foi composta entre os anos 1940 e 70.</p>	

Continuação.

⁴³³ Cf. Paz (2009) sobre música e futebol, especialmente o capítulo 4.

⁴³⁴ Babo ainda compôs hinos para Bangu, Madureira, Olaria, São Cristóvão, Bonsucesso e Canto do Rio (este último clube é de Niterói).

⁴³⁵ A chamada de atenção do autor (“aliás”) para a relação do hino do Atlético justamente com o hino do Flamengo foi possivelmente impelida pela rivalidade que surgiu entre as duas agremiações em 1980 e 81, em razão da final do Brasileirão e, sobretudo, por uma das arbitragens de maior polêmica da história do futebol brasileiro, o caso Wright-Serra Dourada, na qual os principais jogadores atleticanos foram sumariamente expulsos. Assim, o Flamengo seguiu na Taça Libertadores, vencendo-a e, depois, também o Mundial Interclubes, seus maiores feitos até hoje. O juiz José Roberto Wright virou comentarista de arbitragem da TV Globo após se aposentar, cargo que já não ocupa mais.

Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas

Alguns times que já contavam com hinos criados entre os anos 10 e 30 tiveram até um 2º hino composto⁴³⁶ (CORNELSEN, 2012, p. 60 e 62). Essa revelação mostra que a centralidade urbana belo-horizontina ainda não era consolidada, ao contrário do caso carioca, projetando-se sobre Minas Gerais por meio do futebol, especificamente pelos hinos. Em suma, com sua música e seus clubes de futebol culturalmente o Rio de Janeiro chegava até os mineiros. O exemplo dado por Cornelsen de que o hino atleticano é inspirado em hinos de agremiações do Rio de Janeiro agrega mais um componente relativizador no seguinte discurso da segregação: os *mineirocas* da Zona da Mata estão sempre voltados para um “jeito carioca de ser”, embora Cornelsen (2012, p. 68) cite que Tupi (de Juiz de Fora), Democrata (de Governador Valadares) e Guarani (de Divinópolis) também tenham hinos em que se nota um diálogo com os hinos de Lamartine Babo. Contudo, os “mineiros legítimos” (de BH) também se influenciaram pelo Rio de Janeiro, e não só os “periféricos” de Juiz de Fora e Governador Valadares, os maiores núcleos urbanos de suas respectivas regiões, a Mata e o Vale do Rio Doce.

Hinos de futebol têm importantes convergências com as noções de identidade (territorial). Apresentamos tais convergências em parceria com análises de Cornelsen (2012, p. 60 e 61):

- i) A *narrativa* mostra um “eu” ou “nós”, indicação de pertencimento de cada torcedor ou do conjunto deles, formando uma “nação”.
- ii) Ocorre notória *espacialização* nos hinos, referenciados nos locais de origem da agremiação, mormente a cidade, dimensionando e territorializando o caráter identitário do clube e de seus fãs. Certos hinos extrapolam a ordem espacial até a escala estadual e nacional, mas raramente referem-se à escala internacional, sustenta Cornelsen (2012). Essa padronização está afeiçoada ao contexto de produção da maioria dos hinos entre os anos 40 e 70, portanto, anterior à consolidação do futebol globalizado, espetaculizado.
- iii) *Exaltação* dos feitos do clube. Tal como um Estado-Nação, as glórias do passado e de seus heróis contribuem para a atração de sentimentos comuns, como observaram estudiosos já mencionados – por exemplo Hall (2011). Os superlativos – “o maior”, “o mais”, “o melhor” – dão a tônica de épicos triunfos.

Continuação.

⁴³⁶ Cornelsen (2012, p. 62) cita os casos dos maiores times do Rio, além de Villa Nova-MG, Atlético-MG, Paysandu e Corinthians, dentre outros.

Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas

iv) A *identidade simbólico-iconográfica* é manifesta nas cores, distintivos, bandeira, mascote etc. que, junto com o próprio hino, formam o conjunto principal dos símbolos de um clube de futebol. Estes são extremamente eficientes no interior de uma comunidade a ser unida por laços de afetividade.

Segundo Cornelsen (2012, p. 61), componentes dramáticos dos hinos visam à mobilização do torcedor, os quais divide em 4: *afetividade* (marcado em termos como “coração”, “querido”, “amado”); *apelo à fidelidade* (remete à ligação incontestada entre torcedor e clube: “sempre”, “até morrer”); *emoção* (evidenciam textualmente o seu caráter: “emoções”, “prazer”, “vibrar”, “feliz”); e *louvor* (conferem devoção: “salve”, “glória”). Como já analisamos, as identidades fixas são valorizadas no futebol, exatamente calcadas no pertencimento afetivo. É esse perfil de fixidez que autoriza faceamentos com aspectos religiosos nos hinos (daí o “louvor” que cita Cornelsen), pois às religiões é creditado outro refúgio – como o futebol – na contemporaneidade das identificações fluidas, efêmeras, como tanto frisou Balman (2005). Como grande parte dos hinos data dos anos 1940 aos 70 e, logo, antes da internacionalização e mercadorização do futebol, eles possuíam a necessidade de se postar o clube frente ao “outro”, como requer todo processo de construção identitária, um outro que é vizinho, da mesma cidade, ou do mesmo Estado. Assim, as escalas local e estadual se sobrepujaram às nacional e internacional nas letras dos hinos. Minas Gerais é um termômetro disso: o Villa Nova (de Nova Lima) tem em seu hino: “Em Minas quem poderá afirmar que vencerá o Villa Nova?”. O Cruzeiro aponta tanto Belo Horizonte como o Estado: “Existe um grande clube na cidade” (é até o 1º verso) e “Nos gramados de Minas Gerais temos páginas heróicas imortais”. O ufanismo coube ao Atlético – “Pelos gramados do mundo para vencer” –, embora as maiores glórias internacionais sejam cruzeirenses. Portanto, ainda que os tempos sejam outros, os hinos de futebol continuam mantendo tradições e uma delas é a raiz territorial da origem como meio de identidade.

Continuação.

Ícone/Símbolo e Origem
7. Criação das mascotes dos times de Belo Horizonte.
Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas
<p>Rio de Janeiro. A invenção das mascotes das equipes da RMBH seguiu o caminho já percorrido no Rio de Janeiro, onde o <i>Jornal dos Sports</i> publicou as mascotes criadas. Marcelino Rodrigues da Silva (2015, s/p), no artigo intitulado <i>A cidade dividida nas charges de Mangabeira</i>, mostra que o “surgimento dos mascotes [sic] foi motivado pelo desejo de Álvares da Silva, secretário da <i>Folha de Minas</i>, de lançar charges parecidas com as que, na mesma época, o <i>Jornal dos Sports</i> publicava no Rio de Janeiro (o Flamengo era o Popeye, o Fluminense o Pó-de-arroz, o Vasco o Almirante, o Botafogo o Pato Donald e o América o Diabo)”. Mangabeira era a alcunha do desenhista e chargista Fernando Pierucetti, criador das mascotes dos 3 maiores times da capital e também do Villa Nova na década de 1940 (SILVA, 2015, s/p). As análises contidas no item iconográfico-simbólico anterior são as mesmas: o Rio de Janeiro exerceu influência sobre Belo Horizonte, que ainda estava se consolidando na liderança sociocultural e econômica mineira (ultrapassando Juiz de Fora) nos anos 40 e o Rio era a maior referência brasileira e muito à frente de Belo Horizonte. A atual crescente centralidade belo-horizontina tende a revogar a antiga polarização carioca nos lugares onde a capital mineira vem espraiando sua influência, como a Zona da Mata e Juiz de Fora. Destarte, os simbolismos identitários da iconografia do futebol tendem a se mesclar nesta região, exatamente como observamos empírica e academicamente.</p>

Ícone/Símbolo e Origem
8. Escudos e uniformes copiados de clubes do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte.
Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas
<p>Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Mesmo enfrentando a aceleração contemporânea como tudo mais a enfrenta, o futebol é uma das poucas atividades em que as velhas tradições e pertencimentos tendem à fixidez. A modernidade tardia envolveu nossas identificações rígidas, localizadas na família e na religião, por exemplo, como afirmam seus estudiosos, Giddens (2002), Bauman (2005), Hall (2011), Silva (2011) e Woodward (2011). Contudo, vários símbolos futebolísticos escolhidos há cerca de 100 anos ainda são mantidos pelas instituições esportivas que as elegeram, até mesmo quando são réplicas de clubes das grandes metrópoles.</p>

Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas

Além das instituições, os torcedores também são exemplos de resistência das identidades que não são fluidas. As cidades matenses que materializaram tais símbolos replicados têm os times do Rio de Janeiro como prediletos, mas a dinâmica do sistema urbano é sentida com as agremiações belo-horizontinas e paulistanas também presentes no rol das preferidas (GE, 2015), endossando estudos sobre a rede urbana brasileira que afirmam haver uma disputa metropolitana pela polarização da Zona da Mata há décadas (IBGE, 1987, 2000 e 2008), mas sobretudo entre Rio e Belo Horizonte. A criação de equipes locais inspiradas nas de expressão estadual e nacional se articulam com a distinção feita por Henry Lefebvre (2001) entre *cidade* e *urbano*. Para ele, a *cidade* constituiria o que chamou de “ordem próxima”, na qual é possível pensar em escala local, revelando o que é vivido. Portanto, assemelha-se à noção geográfica de *lugar*. Já o *urbano* indicaria a “ordem distante”, através da qual depreende-se os processos generalizados que estão relacionados com o processo de urbanização.

Desse modo, podemos considerar que as cidades da Mata Mineira são “duais”, pois seus torcedores se colocam entre os localismos/regionalismos e os nacionalismos e estrangeirismos até, confluindo para as noções de Lefebvre. Há os fãs que não se rendem às novidades vindas dos grandes centros e até o apelo midiático-econômico não os seduziu. Por isso, é comum que no interior – e não só na Zona da Mata – os fãs se dividam entre as equipes locais e as de algum destacado centro, inevitavelmente projetando vinculações e identificações geográficas. Essa é a *fala* da cidade, seus *significantes*, para permanecer nos termos de Lefebvre (2001, p. 64).

Continuação.

Ícone/Símbolo e Origem

1) Time do Cruzeiro F. C., do Bairro São Benedito, Juiz de Fora. Criado em 29 mar. 1967.

2) Cruzeiro Olariense, de Olaria

3) Time do E. C. Cruzeiroinho, do Bairro Santa Cruz, Juiz de Fora.

4) Cruzeiro E.C., do Bairro Córrego do Ouro, Santos Dumont. Fundado em 2 jul. 1967.

5) Cruzeiro F. C., da comunidade do Patrimônio da Serra, Santos Dumont. Atualmente sem atividade, o time defendia as cores azul e branco. Em Santos Dumont há ainda outro Cruzeiro F. C., mas do Centro. Foi fundado na década de 1960 por Eimar Vilella⁴³⁷, grande nome do futebol local.

6) Escudo do Cruzeiro (Atlético Clube), do Bairro São Francisco, Muriaé. Fundado em 1953. Apesar de optar por escudo diferente do famoso clube homônimo, utiliza uniformes em azul e branco.

Continuação.

⁴³⁷ Cf. PEDROSA, Halber A. (s/d).

Ícone/Símbolo e Origem

7) Flamenguinho F. C., do Bairro São Benedito, Juiz de Fora. Utiliza toda iconografia igual ao Flamengo-RJ, bem como os 3 próximos casos apresentados (de Bonfim, Cataguases e Manhumirim).

8) Escudo do Flamengo F. C., do Bairro Bonfim, Juiz de Fora. Fundado em 9 jul. 1939.

9) Escudo do Flamengo F. C., de Cataguases. Fundado em 21 jan. 1917.

10) Escudo do Grêmio Manhumiriense de Desportos (ex-Associação Sportiva Athletico), de Manhumirim. Criado em 1932, seu atual nome vem desde 1950.

11) Escudo do Leopoldina Atlético Clube (ex-Leopoldina Raiwail), de Bicas. Criado em 12 nov. 1925. O “Galo” de Bicas usa uniforme preto e branco com listras verticais. Portanto, tem mascote e vestimenta iguais aos do Galo de Belo Horizonte.

Continuação.

Ícone/Símbolo e Origem
12) Escudo do São Cristóvão F. C., do Bairro Vitorino Braga, Juiz de Fora. Fundado em 15 abr. 1925. Uniforme preto e branco.
13) Guratinguetá, do Bairro Linhares, Juiz de Fora, e Botafoguinho, de Santos Dumont, são representados pela estrela solitária. A equipe sandumonense surgiu em 1988 e adota o preto e branco nos uniformes, como faz o Botafogo carioca.
14) Escudo da Associação Atlética Vasco da Gama (ex-Vasco da Gama F. C.), do Bairro Fábrica, Juiz de Fora. Fundado em 15 ago. 1929.
15) América F. C., de Manhuaçu, e América A. C., de Rio Pomba, fundado em 1916. Ambos têm as cores vermelho e branco, as mesmas do América F. C., de Santos Dumont, que começou suas atividades em 23 mar. 1943. Assim como o América do Rio, possui o diabo como mascote ⁴³⁸ .

Continuação.

⁴³⁸ O América de Santos Dumont, time amador, protagonizou um dos raros casos de já ter tido uma direção feminina (válido também para o futebol profissional). Isso se deu nos anos 2000, com Iolanda Maria da Silva (PEDROSA, s/d, p. 48).

Referência: RJ ou MG (RJ ou BH) e Notas

Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em geral, os clubes do Rio de Janeiro tiveram seus congêneres imagéticos e nominativos na Mata Mineira durante a 1ª metade do século XX, enquanto Belo Horizonte serviu mais como referência após 1950 (exceção para Botafoguinho e LAC):

- Rio de Janeiro: “Américas” (são de 1916 e 1943); “Botafoguinho” (1988); “Flamengos” (1917 e 1939, além do Grêmio Manhumiriense, 1932); “São Cristóvão” (1925); “Vasco” (1929).

- Belo Horizonte: “Cruzeiros” (um deles é de 1953 e três são dos anos 60); “Galo” de Bicas (1925).

Tivemos 13 exemplos e 2 exceções para as duas cidades. A maior referência a uma ou outra metrópole põe em tela seus contextos político-culturais, econômicos e simbólicos: ao declínio carioca correspondeu uma ascensão belo-horizontina na 2ª metade do século XX. A única evocação ao futebol de Belo Horizonte antes de 1950 ocorreu por meio do Leopoldina de Bicas, cidade que teve seus contatos intermunicipais amplamente alargados com a E.F. Leopoldina, daí o nome da instituição esportiva. A ligação rodoviária de Belo Horizonte com Juiz de Fora (de onde Bicas dista menos de 100 km) veio somente nos anos 1950, enquanto com o Rio de Janeiro veio nos anos 60, mas do século XIX. Dessa forma é que reconhecemos a enorme discrepância entre as denominações e as insígnias de equipes cariocas presentes nos times matenses em detrimento das equipes da capital mineira. À medida em que o Rio de Janeiro vem deixando de ser “o” ícone e modelo de civilização, modernidade ou qualquer outra fascinação social, a iconografia que o poderia representar e sustentar seu *status* de antiga cidade primaz no sistema urbano que encampou a Mata Mineira está se esgarçando. O futebol diz isso. Estudos de rede urbana também. Esta tese reúne ambos.

Conclusão.

Fonte: organizado pelo autor.

Concluimos esta seção em uníssono com Cláudio Ferraz (2007, p. 32): “[...] a lógica das identidades culturais não fica tão somente circunscrita aos parâmetros territoriais fixos, delimitados por fronteiras rígidas. O espaço em que se expressava determinada unidade cultural não é mais um palco com sua paisagem secularmente consolidada”. Foi preciso uma combinação de fatores e contextos para que símbolos e identificações mudassem na esfera local (assim como a vida nas cidades e os veículos de comunicação) para incutir novos

hábitos e vinculações. Isso carrou o torcer pelo time da cidade (do interior) para o torcer nacional ou estrangeirado. Contudo, as identidades fixas ainda são muito marcantes no futebol (em dissonância com a modernidade tardia), enraizando os pertencimentos. É isso que explica a permanência da influência carioca sobre a Mata a partir do futebol, coisa não encontrada nos mesmos moldes em outras categorias.

Para os matenses, “mineiros da fronteira”, as superposições identitárias e de polarizações urbanas são circunstanciadas no cotidiano de incontáveis emblemas de diversos clubes. A identidade matense está em curso, como qualquer outra, mas é complexificada. Observamos que os matenses não são os “cariocas” que a verve popular proclama, bem como trechos de pesquisas sobre Juiz de Fora alimentam suas hipérboles: não há “nada” de Minas e há “tudo” do Rio de Janeiro na cidade, nos seus naturais. Essencialismos, naturalizações identitárias e simplificações são prescindíveis. Está acontecendo uma ressignificação da relação que o matense estabelece com a sua região. O futebol, imbuído de sua capacidade mútua de revelar passado e presente por meio do perfil da torcida, consegue revelar muito desse hibridismo da Zona da Mata, e também dessa identidade territorial em curso. A compreensão da identidade matense não é fácil de ser captada, a exemplo de tudo o que está movimento.

CONCLUSÃO: OS TERRITÓRIOS URBANO, FUTEBOLÍSTICO E IDENTITÁRIO NA ZONA DA MATA E EM JUIZ DE FORA

Essa pesquisa partiu do princípio de que as manifestações cotidianas que vimos dos torcedores nas ruas de Juiz de Fora eram um componente de investigação. Soma-se a isso o fato de que estudos de vários períodos e origens terem apenas citado – sem esmiuçar – que a influência do Rio de Janeiro na Zona da Mata está em declínio, ao contrário da crescente presença de Belo Horizonte na região. As camisas de times de futebol confirmavam isso às claras entre transeuntes, enquanto os (tele)jornais passavam a noticiar as equipes de futebol belo-horizontinas. Isso nos saltava aos olhos, mas carecia de uma decodificação. E ela veio em forma de pesquisa.

Assim, de uma base empírica como ponto de partida idealizamos nossa tese de pesquisas: explicar a gangorra da polarização urbana na Mata entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte por meio do futebol e das preferências clubísticas, aprofundando aquilo que pesquisas anteriores só citaram. Partimos para desnudar questões: onde BH crescia na Mata e onde o Rio se mantinha ainda sólido/pouco ameaçado? Quais tendências se anunciam? Por tal motivo, esta tese foi centrada nos seguintes aspectos: i) mostrar que o futebol é um valioso meio de se estudar centralidades e polarizações urbanas; ii) suprir as lacunas de pesquisas anteriores; iii) apresentar as identificações territoriais a partir do futebol, em função da destacada origem local de clubes e torcidas, e discuti-las quanto ao caso da Mata Mineira e de Juiz de Fora por serem tomadas com viés “carioca” ou com “anti-mineiridade” – popularmente e em certas produções acadêmicas.

Passemos ao elenco dos principais resultados e observações de pesquisa alcançados. Quanto ao capítulo 2, temos:

- apesar de ser acanhadamente explorado pela Geografia, o futebol é uma rica fonte para os estudos geográficos, tendo grande viés territorial em diversas de suas atividades;
- o futebol matense foi inscrito socioculturalmente como uma modernidade entre o fim do século XIX e as décadas iniciais do século XX;

- a 1ª partida de futebol foi realizada em 1893, nas dependências do colégio Granbery, em Juiz de Fora;
- as escolas da Zona da Mata foram divulgadoras do futebol, incluindo-o como conteúdo escolar imerso na ideologia do higienismo;
- das escolas, o futebol chegou para o restante da sociedade com rapidez. Contribuíram para isso as pessoas que o conheceram na Europa, como estudantes (de retorno da Inglaterra e, internamente, de volta do Rio de Janeiro, destacadamente) e imigrantes (italianos foram um grupo de relevo na Mata, o que abre uma possibilidade para explicitar a marcante presença de cruzeirenses na região);
- os clubes fundados nas cidades da Zona da Mata representaram uma afirmação social de seus diversos agrupamentos (operários, comerciante, estudantes, imigrantes etc.) e ainda uma demarcação territorial-identitária – muitos nomes e símbolos dos clubes evocavam as próprias cidades e bairros; outras cidades (sobretudo Rio de Janeiro e Belo Horizonte); os locais de trabalho (como as fábricas); o Estado de Minas Gerais; dentre outras manifestações;
- praças, vazios urbanos e espaços públicos (sobretudo ao redor de igrejas) foram os locais primevos para os futebolistas matenses. Aos poucos, o futebol foi marcando a geografia intra-urbana com sedes de clubes e estádios. Os pequenos estádios são uma marca nas cidades da Mata Mineira;
- as linhas férreas instaladas para escoar café para o Rio de Janeiro funcionaram também como eixos divulgadores do futebol, bem como viajantes e os impressos. Assim, as cidades que 1º receberam as ferrovias conheceram antes o futebol e, em geral, fundaram os clubes que hoje são os mais antigos da região, casos de Cataguases, Guarará, Juiz de Fora, Leopoldina, Ponte Nova, Rio Novo, Rio Pomba, Santos Dumont e Tombos;
- os primeiros jogos amistosos e torneios intermunicipais tenderam a acompanhar os ramais ferroviários: times das cidades ligadas pelas linhas férreas tenderam a se enfrentar. Daí vem uma 1ª grande associação do futebol matense com o Rio de Janeiro e em menor grau com BH;
- outra forte associação da Zona da Mata com o futebol carioca veio com os jornais, divulgadores dos clubes da então capital do Brasil;
- portanto, os pertencimentos clubísticos dos matenses foram um reflexo desses direcionamentos que a região tinha para o Rio de Janeiro: nascia uma “torcida carioca” na Zona da Mata.

O capítulo 3, voltado para a temática urbana (redes e polarizações), reúne os seguintes resultados e observações:

- as pesquisas sobre a rede urbana nacional indicam a bipolarização matense por Rio de Janeiro e Belo Horizonte, mas sem detalhar as porções e cidades submetidas a uma ou outra metrópole, e sem apontar as tendências urbanas criadas desde décadas anteriores;
- para cobrir essa lacuna anterior, produzimos 4 mapas com a evolução da polarização urbana carioca em Minas Gerais (1901-2016). Na Mata, a MR de Ponte Nova tem claro domínio de BH. As demais MRs têm compartilhamento (Rio-BH);
- a 2ª metade do século XX foi marcada pelos efeitos da criação de várias rodovias na Zona da Mata, que potencializaram a articulação interna, com outras MRs e com Belo Horizonte. Seus efeitos foram sentidos mais para o fim do XX e em consórcio com a decadência carioca após perder a condição de capital federal. Resultado: uma gangorra da polarização urbana sobre a Mata entre Rio (decrecente) e BH (ascendente);
- ao defendermos os territórios das torcidas como uma projeção urbana (futebol é uma atividade socioeconômica e cultural), trabalhamos os dados de predileção clubística em todos os 142 municípios da Mata. Com eles criamos 7 mapas (inéditos) acerca das “fute-polarizações”;
- as “fute-polarizações” trouxeram que a Zona da Mata não é polarizada apenas por Rio e BH, mas também por São Paulo, ainda que esteja aquém daquelas. Essa revelação – a presença paulistana – não é (sequer) citada nos estudos sobre a rede urbana da Mata;
- as “fute-polarizações” esclareceram que a Zona da Mata possui 3 porções definidas de influência urbana:

1ª) norte-noroeste: as MRs de Ponte Nova, de Manhuaçu e o norte da MR de Viçosa são dominadas por Belo Horizonte e com tendência de São Paulo sobre o Rio de Janeiro (quanto ao 2º lugar);

2ª) sul-sudeste: as MRs de Muriaé, Cataguases, Ubá e o sul da MR de Viçosa são dominadas pelo Rio de Janeiro, com considerável força de São Paulo nas MRs de Cataguases e Juiz de Fora, e de BH nas MRs de Viçosa, Ubá e Muriaé;

3ª) faixa diagonal NE-SW: região de clivagem, de choque entre as forças polarizadoras de Belo Horizonte (pelo norte) e do Rio de Janeiro (pelo sul). As MRs de Viçosa e de Ubá são as que mais expressam esta transição/contenda.

- cotejando rodovias e torcidas, verificamos que as estradas têm grande peso na influência urbana: os times do Rio de Janeiro tiveram diminuição de torcedores à medida em que as

rodovias saem do Estado do Rio de Janeiro e entram na Zona da Mata. O mesmo ocorreu com os times de Belo Horizonte a partir das rodovias oriundas do interior de Minas Gerais. Geramos 4 mapas (inéditos) que capturaram essa dinâmica relação;

- comprovamos que as tendências de polarização urbana crescentes de BH na Mata não são oriundas de migrantes/torcedores de regiões de torcida mineira, ou seja, a presença de BH nas cidades matenses resulta de uma recente maior aproximação sociocultural e econômica com a região.

Ao pesquisarmos a “fute-polarização” sob o viés midiático (capítulo 4), encontramos e/ou produzimos as informações a seguir:

- a criação (e o “aperfeiçoamento”) das mídias divulgou ainda mais o futebol e atraiu os torcedores para esse esporte (noticiando os campeonatos com escalas territoriais cada vez maiores) e para os vínculos clubísticos;
- as informações futebolísticas caminharam, gradativamente, do local para o nacional e até o global. Isso reflete nos pertencimentos clubísticos: em geral, os torcedores mais velhos guardam mais vínculos com os times locais, ao passo que os mais novos se rendem aos times mais vencedores ou divulgados na mídia;
- foi possível generalizar que os impressos (jornais) estiveram mais ligados ao local, as rádios com o regional-nacional e as televisões com o nacional-global;
- cerca de 40 atuais cidades da Mata já tinham jornais no século XIX, possibilitando conhecer o futebol local e de outras cidades, o que confluiu para o Rio de Janeiro devido ao traçado da rede ferroviária (usada para o trânsito de bens, caso dos jornais também);
- a radiodifusão brasileira se popularizou usando o futebol para tal. De início, com pequena abrangência territorial, as rádios foram citadinas e regionais. Nos anos 1940 passaram a um alcance nacional. Essa mudança fez o clubismo nacional se sobrepor ao local, esvaziando os antigos dérbis municipais em prol de um poder dos clubes de outros estados. O clubismo nacional foi projetado de acordo com a sede das emissoras de radiofonia, ou seja, Rio de Janeiro e São Paulo tiveram projeção;
- Belo Horizonte, à época muito aquém dos cariocas na radiodifusão, teve décadas de atraso até projetar programação esportiva na Mata, resultando em baixa identificação dos matenses com seus clubes de futebol;
- a pequena e retardatária incursão na radiofonia ocorreu também na Zona da Mata (a despeito do pioneirismo em Minas ser de Juiz de Fora): isso deixou o caminho aberto para as notícias

externas – do Rio de Janeiro – terem grande espaço. Ou seja, a polarização urbana e futebolística (com os jogos transmitidos) via rádios foi determinante na apreensão dos torcedores matenses;

- a TV repetiu o caso da radiodifusão: 1º transmissões somente a partir do Rio de Janeiro. As emissões de BH chegariam depois, endossando o perfil do clubismo iniciado com as rádios;
- atualmente, a radiodifusão matense divulga tanto o futebol carioca como o belo-horizontino, conforme 18 emissoras AM pesquisadas. As 3 faixas de fute-polarização podem ser observadas neste levantamento;
- tendência de Cruzeiro e Atlético permanecerem “reféns” da TV Globo, pois não apresentam estratégia territorial para a consecução de torcidas nas regiões “híbridas” de Minas, como a Mata.
- cruzando os dados dos territórios das torcidas na Mata com os jogos do Brasileirão exibidos pelas 3 afiliadas da TV Globo na região, vimos que a emissora carioca tende ao reforço da presença das equipes de Rio e São Paulo em detrimento das de BH, representando um nicho de proteção ao Rio de Janeiro e sua decadência polarizadora na Zona da Mata.

Por fim, nosso foco sobre como o futebol representa uma projeção de cidades, territórios e identificações (capítulo 5) passou pelos seguintes resultados:

- as identidades/identificações de base territorial têm forte veio no futebol: os times remontam a grupos, bairros, cidades, jogos e tantas outras referências. Mesmo os atuais grandes clubes tiveram um apoio em um grupo (estudantes, operários etc.), um bairro ou cidade. Mostramos ainda que os nexos entre torcedores e territórios existem em cenários sociais e futebolísticos variados;
- levantamentos nossos acerca da “fute-iconografia” matense revelou que seus clubes têm nomes, insígnias, cores e mascotes que reverberam os nexos polarizadores na região: são muitas as referências ao Rio de Janeiro e Belo Horizonte, bem como ao Estado de Minas Gerais. Os dados alcançaram dezenas de exemplos (times) e cidades da Zona da Mata;
- a relação Mata-Minas por meio do futebol (e demais áreas de pesquisa) põe em xeque as habituais formulações (populares e até acadêmicas) do matense e do juiz-forano como “anti-mineiros”, “mineirocas” ou “cariocas do brejo”.

O futuro da pesquisa é monitorar a evolução da localização das faixas de torcidas na Zona da Mata, a fim de apontar se esta região seguirá o caminho das Vertentes e do Vale do

Rio Doce (ou seja, se será dominada por Belo Horizonte) ou se apresentará resultados particulares, incluindo as diversidades internas (norte-sul), se serão mantidas ou alteradas, bem como as posições de Rio e São Paulo na região.

Por fim, entendemos que qualquer localidade é, simultaneamente, um território urbano, futebolístico e identitário, e ainda sob um viés das territorialidades midiáticas. Contudo, sob uma mirada pragmática reconhecemos que tudo ocorre a um só tempo em nossas cidades. Para apreender tais territórios podemos voltar a observar as ruas com seus torcedores... De volta ao começo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A NOTÍCIA. Edição n. 1, nov. 1930. **A Notícia**, Muriaé, nov. 1930.

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1-4, p. 21-122, 1994.

ADÃO, Kleber do S.; LIMA, Alex W. Projeto Nas Vertentes do Futebol: resgatando a memória do esporte em São João Del-Rei e região. In: CUNHA JR., Carlos Fernando F. da. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1 ed. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011. p. 79-96.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 334 p.

AGÊNCIA MINAS. **Governo de Minas Gerais cria projeto inédito de integração aérea**. 19 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/governo-de-minas-gerais-cria-projeto-inedito-de-integracao-aerea>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2002. 272 p.

ALMEIDA, Marco A; GUTIERREZ, Gustavo L.; FERREIRA, Ricardo P. Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 249-258, abr./jun. 2010.

ALVES, Silvan. **Criada a Fiel Muriaé, a torcida do Corinthians**. 2015. Disponível em: <www.silvanalves.com.br/site/02/2015/>. Acesso em: 13 jun. 2015.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2 ed. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002. 203 p.

ALVIM, Ana Márcia Moreira. **Análise da rede urbana de Minas Gerais a partir dos fluxos migratórios nos períodos 1986-1991 e 1995-2000**. 2009. 187 f. Tese (Doutorado em

Geografia), PUC-MG, Belo Horizonte, 2009.

AMARAL, Aelson Faria. **Juiz de Fora: ontem e hoje**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2006. 60 p.

AMORIM, Viviane Menezes. **Identidades territoriais no ambiente escolar**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2010.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A evolução do pensamento geográfico e suas consequências sobre o ensino de Geografia. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, ano I, n. 1, p. 5-18, 1982.

_____; BUENO, Maria T., ABREU, João F. Cidades de porte médio e programa de ações sócio-educativas culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro: AGETEO, v. 12, n. 23/24, p. 33-46, 1982.

_____; RIGOTTI, José Irineu Rangel; CAMPOS, Jarvis. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Revista Raega**, Curitiba, n. 13, p. 7-18, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 330 p.

ANDERSON, Perry. Modernidade e Revolução. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 14, p. 2-15, fev. 1986.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 271 p.

_____. **Nova reunião: 23 livros de poesia – vol. 3**. 6 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014. 571 p.

ANDRADE, Carlos Fernando de Souza Leão. **Evolução urbana da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. 7 p. Disponível em: <www.cultura.rj.gov.br/uploads/files/evolucaourbana.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

ANDRADE, Elisabete de. **A sustentabilidade apoiada pelas políticas urbanas federais e estaduais: o caso de Governador Valadares, Juiz de Fora, Montes Claros, Poços de Caldas e Uberlândia – MG**. 2006. 222 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), USP, São Paulo, 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, Região e Desenvolvimento**: introdução ao estudo do “Aménagement du Territoire”. 3 ed. Recife: UFPE/Imprensa Universitária, 1977. 85 p.

_____. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ática, 1988. 70 p.

ANTUNES, Fátima Martim Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun./jul./ago. 1994. Dossiê Futebol.

AQUINO, Wildemar Teodoro de; OLIVEIRA, Vagner Luiz Tolendato. Rádio em rede: ganhos e perdas, um estudo de caso da Rádio Globo Juiz de Fora. **Estação Científica**, Juiz de Fora, n. 11, p. 1-12, jan.-jun. 2014.

ARAÚJO, Kárita de F.; SOUZA, Rita de Cássia M. de. Políticas territoriais e grandes empreendimentos em Minas Gerais. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 52, p. 81-90, dez. 2014.

AREIAS, João Henrique. O Futebol e o *Marketing* Esportivo. In: ALMEIDA, Candido J. M. de; SOUSA, Madalena M. de; LEITÃO, Sérgio Sá (Org.) **Marketing esportivo ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 109-115.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JUIZ DE FORA – AHJF. **Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, s/d.

ARQUIVO HISTÓRICO DE MINAS GERAIS – AHMG. Arquivo Histórico de Além Paraíba/Centro de Estudos e Pesquisas Sertões de Leste. **Além Paraíba**. Além Paraíba⁴³⁹, s/d.

ARQUIVO HISTÓRICO DE UBÁ – AHU. **S. C. Aymorés; Ary Barroso**. Ubá: Prefeitura Municipal de Ubá, s/d.

ARQUIVO MUNICIPAL DE MURIAÉ – AMM. **História de Muriaé; Fotos antigas de Muriaé**. Muriaé: Fundarte, s/d.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO – APM. **Jornais de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, s/d.

ARRUDA, Maria do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999. 380 p.

⁴³⁹ Acervo disponível a partir da pesquisa empreendida por Lucimary Sangalli Vargas.

ARRUDA, Maria A.; AMORIM FILHO, Oswaldo B. Os sistemas urbanos. In: BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS – BDMG. **Minas Gerais do século XXI** (Vol. 2 – Reinterpretando o espaço mineiro). Belo Horizonte: Rona, 2002. p. 185-246.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS – ALMG. Minas quer se comunicar. **Revista do Legislativo**, Belo Horizonte, p. 21-26, s/d.

ASSIS, Astrogildo. Futebol em São João del-Rei. **Revista do IHG**, São João Del Rei, v. 3, p. 65-75, 1985.

AUGUSTO, Hélder dos Anjos. **Migração recente nas mesorregiões de Minas Gerais segundo os Censos Demográficos de 1991 e 2000**. 2007. 214 f. Tese (Doutorado em Demografia), UFMG, Belo Horizonte, 2007.

BALBIM, Renato; CONTEL, Fábio. Região e Regionalização: subsídios teóricos para o ordenamento territorial e o desenvolvimento brasileiro. In: IPEA; BOUERI; Rogério; COSTA, Marco Aurélio. **Brasil em desenvolvimento 2013**. Estado, Planejamento e Políticas Públicas (vol. 1). Brasília: IPEA, 2013. p. 25-74.

BALE, John. **Sport, space and the city**. New York, Routledge, 1993. 211 p.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem e Estrela da manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 112 p.

BAPTISTA, Pedro Emilio; PORTO, Eline T. Rozante; SPOLIDORI, Washington L. A evolução das Copas do Mundo de futebol. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, año 10, n. 87, 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd171/a-evolucao-das-copas-do-mundo-de-futebol.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

BARBOSA, Danielle. **Entenda a popularização do futebol nos Estados Unidos**. Disponível em: <<http://torcedores.com/noticias/34563-entenda-popularizacao-futebol-nos-estados-unidos>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

BARBOSA, Luciano Senna Peres. **“Viva o povo de Juiz de Fora!”: eleições e estratégias discursivas na República brasileira**. Juiz de Fora: UFJF/FUNALFA, 2013. 312 p.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte**: Memória histórica e descritiva. 2v. (História Antiga e História Média). Belo Horizonte: FJP/Prefeitura de Belo Horizonte, 1995. 542 p.

BARRETO, Túlio Velho. Apresentação. In: GASPAR, Lúcia e BARBOSA, Virgínia. **O futebol brasileiro, 1894 a 2013**: uma bibliografia. Recife: Ministério da Educação/Fundação Joaquim Nabuco, 2013. p. 1-14.

BASTOS, Wilson de Lima. **Caminho Novo**: a espinha dorsal de Minas. Juiz de Fora: FUNALFA, 2004. 188 p.

BATISTA, Leonardo Latini. **A (re)organização do Estado de Minas Gerais**: republicanismo, municipalismo e obras públicas na passagem do século XIX para o XX. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em História Social), UFU, Uberlândia, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110 p.

BELEI, Renata Aparecida et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 30, p. 187-199, jan.-jun. 2008.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcante. Função defensiva do Rio de Janeiro e seu sítio original. In: _____; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro**: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990a. p. 15-20.

_____. Considerações sobre a região do Rio de Janeiro. In: _____; SOARES, Maria Therezinha de S. **Rio de Janeiro**: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990b. p. 71-80.

BEZZI, Meri Loudes. **Região**: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas. 1 ed. Santa Maria: UFSM, 2004. 291 p.

BLASENHEIM, Peter Louis. A Zona da Mata em Minas Gerais. 1888-1904: as dimensões políticas. **Locus**, Juiz de Fora, v. 36, n. 1, p. 121-161, 2013.

BOLA NA REDE. **Faça parte da TUN**. A melhor organizada do NAC. 25 jan. 2016. Disponível em: <www.bolanaredemuriae.com.br/faca-parte-da-tun-a-melhor-torcida-organizada-do-nac/>. Acesso em: 15 fev. 2016.

BRAGA, Arides. **Futebol, futebolistas e etc**. Juiz de Fora: sem editora, 1977. 116 p.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **O Estádio de Pacaembú e a cultura cívica da mocidade**. [sic]. 1940. Disponível em: <www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-

[vargas/discursos/1940/13.pdf](#)>. Acesso em: 25 mai. 2013.

BRASIL – Ministério da Indústria e Comércio. **A economia da Zona da Mata de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MIC, 1974. 50 p.

BRASIL – Ministério dos Esportes. 2005. Disponível em: <www.esporte.gov.br>. Acesso em: 21 jan. 2013.

BRASIL. Ministério dos Transportes/Agência Nacional de Transportes Terrestres. **Anuário Estatístico 2008**. Rio de Janeiro: ANTT, 2008. 237 p.

BRASIL. Ministério dos Transportes/Departamento Nacional de Estradas de Rodagens. **Anuário Estatístico 1974**. Rio de Janeiro: DNER, 1975. 80 p.

BRASIL. **Hábitos de informação e formação de opinião da população brasileira**. Relatório consolidado. Brasília: Governo Federal/Meta Pesquisas de Opinião, 2010. 62 p.

BRASIL – Casa Civil. **Lei nº 12.395**: de 16 de março de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/L12395.htm#art2>. Acesso em: 22 jan. 2014.

BRUM, José Eduardo da Costa Pereira; MUSSE, Christina Ferraz. O resgate de um grande sucesso: o pioneirismo do *Camisa 10*. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**. Fortaleza, 19-21 ago. 2009. p. 1-14.

BRUNI, José Carlos. Apresentação. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, p. 6-9, jun./jul./ago. 1994. Dossiê Futebol.

BUENO, Alexei. Nota editorial. In: ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999. p. 5-7.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 40-49, jun./jul./ago. 1994. Dossiê Futebol.

CALEIRO, Regina C. Lima; SILVA, Luciano P. da; SOUZA NETO, Georgino J. de. Diversão, religião e política: práticas e significados dos primórdios do futebol no norte de Minas Gerais. In: CUNHA JR., Carlos Fernando F. da. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1 ed. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 51-77.

CAMAGNI, Roberto; SALONE, Carlo. Network urban structures in Northern Italy: elements for a theoretical framework. **Urban Studies**, v. 30, n. 6, p. 1053-1064, June 1993.

CÂMARA DE COMÉRCIO AMERICANA – AMCHAM (2005) – **Câmara de Comércio Americana**. Disponível em: <www.amcham.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CAMARGO, Vera R. Toledo. A **trajetória da mensagem esportiva**: dos sons à imagem paulistana. 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4bda965829a410175c1ec3cb770190a0.PDF>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

CAMPOS, Fernando R. Gallego. Futebol e Geografia: possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação. In: **I NEER** (Núcleo de Estudos em Espaço e Representação). Curitiba, nov. 2006. p. 1-14.

CAMPOS, Filipe Queiroz de. Entre a cruz e a engrenagem: o papel da Igreja Católica no processo de construção de uma cidade civilizada. In: **Anais da ABHR**. Juiz de Fora, v. 12, jun. 2011. p. 1-14.

CAMPOS, Helcio Ribeiro. **Transformações urbanas recentes em Tiradentes-MG**: anos 80 e 90 do século XX. 2006. 183 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), USP, São Paulo, 2006.

_____. Considerações sobre ideologias presentes na Geografia Crítica. **CSOnline**, v. 1, p. 165-174, 2012.

_____. A resolução de fronteiras Minas Gerais-Espírito Santo na Zona do Contestado. **Geonorte**, Manaus, v. 7, n. 1, p. 1010-1030, 2013. Edição Especial 3.

_____. A geração de hinterlândias e identidades no Brasil sob as transmissões do Brasileirão de Futebol pela TV Globo: o efeito da 'Fute-Polarização'. In: _____; COSTA, Mara Lúcia Rodrigues. **Identidade**: reconhecendo alguns significados e territórios. Juiz de Fora: Editar, 2016a. p. 9-56.

_____. Geografia e Futebol na identificação de polarizações urbanas: um estudo a partir de Barbacena-MG e das predileções clubísticas. In: SAVENHAGO, Igor J. Siquieri (Org.). **Onze**: Futebol e Ciências Humanas. Jundiaí: Paco, 2016b. No prelo.

CAMPOS, Priscila A. F.; SILVA, Sílvia R. O futebol como instrumento para as transformações urbanas em Belo Horizonte/MG. In: **XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro, 2013. s/p.

CANAL 100. **História**. Disponível em: <<http://www.canal100.com.br/home/historia>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 292 p.

CAPEL, Horácio. De las funciones urbanas a las dimensiones básicas de los sistemas urbanos. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 6, n.2, p. 218-248, 1972.

_____. **Estudios sobre el sistema urbano**. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 1983. 201 p.

_____. Una mirada histórica sobre los estudios de redes de ciudades y sistemas urbanos. **GeoTrópico**, Bogotá, vol. 1, n. 1, p. 30-65, jun. 2003.

CARDOSO, Luiz Flávio E.; KOWALSKI, Marizabel; ANDAKI, Alynne. Futebol no Paraíso: esporte-confraternização na comunidade viçosense. **Efdeportes**, Buenos Aires, ano 14, n. 132, p. 1-18, mayo 2009.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. **Conquista e povoamento de uma fronteira: a formação regional da Zona da Mata no leste da Capitania de Minas Gerais (1694-1835)**. 2008. 278 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFMG, Belo Horizonte, 2008.

CARRARA, Angelo Alves. **Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e transformação do trabalho na Zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)**. Mariana: UFOP, 1999. 78 p.

_____. **Minas e currais**. Produção rural e mercado interno em Minas Gerais (1674-1807). Juiz de Fora: UFJF, 2007. 361 p.

CARRAVETA, Elio; KASPER, Rafael Lember. Dois conceitos de futebol. In: RHODEN, Luiz; AZEVEDO, Marco Antonio; AZAMBUJA, Celso Cândido de. **Filosofia e Futebol: troca de passes**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 203-217.

CARVALHO, José Eduardo de. **Geopolítica**: 150 anos de futebol. São Paulo: SESI, 2012. 88 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 1, 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 575 p.

CASTRO, Celso Falabella de Figueiredo. **Os Sertões de Leste**. Achegas para a História da Zona da Mata. 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2001. 199 p.

CASTRO, Iná Elias de. Estado e Região: considerações sobre o regionalismo. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 27-47, 1986.

_____. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: _____; GOMES, Paulo C. da; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155-196.

_____. Problemas e alternativas metodológicas para a região e para o lugar. In: SOUZA, Maria A. de et al (Org.). **O novo mapa do mundo**. Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica. 4 ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002. p. 56-63.

_____. *Seca versus seca*. Novos interesses, novos territórios, novos discursos no Nordeste. In: _____; GOMES, Paulo C. da; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Questões atuais da reorganização do território**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 283-323.
CATAGUAZES. Edições de 1910 e 1911. **Cataguazes**, Cataguases, 1910 e 1911.

CHONG, Blanca; GAVALDÓN, Eiko; AGUILAR, Gabriela. Identidad regional y Fútbol. **Revista Razón y Palabra**. Monterrey (México), n. 69, p. 1-11, 2009. Especial Deporte, Cultura y Comunicación.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **Europa dos pobres**: a belle-époque mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. 160 p.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: _____(Org.). **Perspectivas da Geografia**. 1 ed. São Paulo: Difel, 1982. p. 11-36.

CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 286 p.

CLIQUE UNIVERSITÁRIO. **Máfia Azul Ponte Nova fez a sua parte ajudando a nossa querida** **Manu.** Disponível em: www.cliqueuniversitario.com.br/noticia/1649/Mafia+Azul+PonteNova+-+fez-a-sua-parte,-ajudando-a-nossa-querida-manu>. Acesso em: 12 jan. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL – CBF. **Cadastro Nacional de Estádios de Futebol – CNEF.** 2013. Disponível em: <http://imagens.cbf.com.br/201308/618519779.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

_____. **Campeonato Brasileiro de Futebol.** 2015. Disponível em: www.cbf.com.br/cbf>. Acesso em: 19 dez. 2015.

CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL – CONMEBOL. 2015. **Copa Libertadores.** Disponível em: <http://www.conmebol.com/pt-br/copa-libertadores>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares. **Aletria.** Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 59-71, mai.-ago. 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Os estudos de redes urbanas no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia,** Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 93-116, 1967. Caderno especial.

_____. Centralidade. In: IBGE. **Subsídios à regionalização.** Rio de Janeiro: IBGE, 1968. p. 177-208.

_____. **Região e organização espacial.** 2 ed., São Paulo: Ática, 1987. 93 p.

_____. **A rede urbana.** São Paulo: Ática, 1989. 96 p.

_____. Identificação dos centros de gestão do território no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia,** Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 1, p. 83-102, jan./mar. 1995.

_____. **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 304 p.

_____. Metrôpoles, corporações e espaço: uma introdução ao caso brasileiro. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; _____ (Org.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território.** 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.67-114.

_____. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 336 p.

_____. Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente. **Cidades**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 199-218, 2011.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

COSTA, Alfredo. Estruturas territoriais dinâmicas e mudanças modernizadoras ao longo de 70 anos em Minas Gerais (1940-2010). **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 11, n. 15, p. 151-183, jan.-jun. 2015.

COSTA, Eduardo. A Itatiaia e seus ouvintes: interação à mineira. In: PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira**. Belo Horizonte: FUNDAC, 2010. p. 21-39.

COSTA, João Batista de Almeida; LESSA, Simone Narciso. Lugares de memória em Minas Gerais: patrimonialização cultural e as bases da desigualdade no desenvolvimento regional. In: **VII Reunião de Antropologia do Mercosul**. Porto Alegre, 2007. p. 1-29.

COUTINHO, Iluska; FERNANDES, Livia. Telejornalismo local e Identidade: o *Jornal da Alterosa* e a construção de um lugar de referência. **XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**. Juiz de Fora, 16-18 mai. 2007. p. 1-12.

CREPALDI, Daniel Damasceno. **A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40**. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UNB, Brasília, 2009.

CROCE, Marcus Antônio. **O encilhamento e a economia de Juiz de Fora: o balanço de uma conjuntura (1888-1898)**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2008. 192 p.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo**. 2010. 228 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

CRUZ, Carlos Henrique. São João do Manhuaçu comemora sucesso do Campeonato de Futebol. **Portal Caparaó**, 10 jul. 2015. Disponível em: <www.portalcaparao.com.br/noticia/1776>. Acesso em: 20 dez. 2015.

CRUZ, Valter do Carmo. Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAUJO, Frederico G. Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Org.). **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 93-122.

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE – CEC. **Programa Sócio-Torcedor**. 2015. Disponível em: <www.cruzeiro.com.br/index.php?section=conteudo&id=7959>. Acesso em: 21 dez. 2016.

CUNHA JR., Carlos Fernando F. da. Esporte, cidade e modernidade: Juiz de Fora. In: MELO, Victor A. de. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 131-145.

CUNHA JR., Carlos Fernando F. da et al. Esporte e práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). In: _____. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1 ed. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 11-29.

DAMATTA, Roberto et al. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. 123 p.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu sou gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 87-117, 1999.

_____. A magia da Seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 1, p. 73-90, set. 2006.

DANTAS, José Guibson. Ah! É Pernambuco! O futebol como espaço de autoafirmação da pernambucanidade entre os torcedores recifenses. **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus, 4 a 7 set. 2013. p. 1-17.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.

DERRUAU, Max. **Geografia Humana**. (Vol. 2). 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1973. 317 p.

DG⁴⁴⁰. O futebol na história de Muriaé. **Revista de Historiografia Muriaeense**, Muriaé, ano II, n. 2, p. 125-128, mai. 1979.

⁴⁴⁰ O autor não explicitou seu nome. O artigo teve perfil memorialista.

DG. O futebol na história de Muriaé. **Revista de Historiografia Muriaeense**, Muriaé, ano III, n. 3, p. 101-106, fev. 1980.

DIARIO DE MINAS. Edição de 15 jul. 1888. **Diario de Minas**, Juiz de Fora, jul. 1888.

_____. Campeonato de 1919. Edição de 20 jun. 1919. **Diario de Minas**, Juiz de Fora, jun. 1919.

DIÁRIO REGIONAL. Tupynambás confirma presença no Mineiro da Segunda Divisão. **Diário Regional**, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <www.diarioregionaljf.com.br/esportes/3152-tupynambas-confirma-presenca-no-mineiro-da-segunda-divisao>. Acesso em: 15 mai. 2016.

DIAS, Leila C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. da; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 141-162.

DIÉGUES JR., Manuel. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: INEP, 1960. 536 p.

DJAVAN. **Djavan ao vivo**. Rio de Janeiro: Sony, 1999. CD 2 (58' 30". Faixa 4, 5' 40").

DOMÈNECH, Rafael Boix. **Redes de ciudades y externalidades**. 2003. 365 f. Tese (Doutorado em Economia), Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2003.

DOMENICI, Marcos. **Criação da Sociedade Esportiva Primeiro de Maio**. Disponível em: <www.famigliadomenici.blogspot.com.br>. Acesso em: 16 nov. 2015.

DUARTE, Rodrigo. Indústria cultural hoje. In: DURÃO, Fabio A.; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre F. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 97-110.

DULCI, Octavio Soares. Política e economia em Minas Gerais: um balanço dos anos 90. In: **IX Seminário sobre a Economia Mineira**. Diamantina, 29 ago.-1 set. 2000. p. 639-650.

DUNCAN, James; LEY, David. Structural Marxism and Human Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 72, n. 1, p. 30-58, 1982.

DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 11-40, 2003.

DUPUY, Gabriel. **Systèmes, réseaux et territoires: principes de réseautique territoriale**. Paris: Presses de l'École Nationale des Ponts et Chaussées, 1985. 168 p.

ELIOMAR FILHO, José. Geopolítica do G-14: disputas pelo mercado asiático de futebol. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 3, n. 20, p. 17-23, jul.-dez. 2007.

ESPORTE INTERATIVO/YAHOO. Clássico carioca na Arena Pernambuco incomoda torcedores de Recife. **Esporte Interativo/Yahoo**. 7 jul. 2013. Disponível em: <<http://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/soccercl%C3%A1ssico-carioca-na-arena-pernambuco-incomoda-torcedores-do-estado-022355378.html>>. Acesso em: 1 out. 2013.

ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915. 536 p.

FARIA, Álvaro Alves de. **Jovem Pan, 50 anos**. São Paulo: Maltese, 1994. 322 p.

FARIA, Patrícia do Couto Nascimento. **Marketing Futebol Clube: um estudo de múltiplos casos sobre associação de imagem a envolvimento e à identidade em clubes de futebol**. 2007. 228 f. Dissertação (Mestrado em Economia), UFMG, Belo Horizonte, 2007.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), USP, São Paulo, 2007.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS DO ESTADO DE MINAS GERAIS – FACEMG. **As macro-regiões sócio-econômicas do Estado de Minas Gerais e suas principais reivindicações**. Belo Horizonte: FACEMG, 1982. 271 p.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS – FIEMG. **Perspectivas de Desenvolvimento para a Zona da Mata Mineira**. Belo Horizonte: FIEMG, 2015. 81 p.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL – FMF. **Antigos campeonatos**. 2014. Disponível em: <www.fmfnet.com.br/novoportal/arquivo-antigo-de-campeonatos.html>. Acesso em: 13 nov. 2014.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION – FIFA. **Quase metade do planeta sintonizado em casa na África do Sul 2010**. 2010. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/southafrica2010/organisation/media/newsid=1473439/>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

_____. **Copa do Mundo da FIFA**. 2013. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/worldcup/>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

_____. **Todos os números da Copa do Mundo da FIFA**. 2014a. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/news/y=2014/m=9/news=todos-os-numeros-da-copa-do-mundo-da-fifa-2443114.html>>. Acesso em: 01 out. 2014.

_____. **A FIFA**. 2014b. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/index.html>>. Acesso em: 01 out. 2014.

FERRAZ, Cláudio B. Oliveira. O estudo geográfico dos elementos culturais: considerações para além da Geografia Cultural. **Terra Livre**, ano 23, v. 2, n. 29, p. 29-50, ago-dez 2007.

FIEL JUIZ DE FORA. Disponível em: <www.fieljuizdeforamg.blogspot.com.br/p/torcidas.html>. Acesso em: 16 nov. 2015.

FIGUEIREDO, Ana Tereza Lanna; DINIZ, Clélio Campolina. Distribuição regional da indústria mineira. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 10, n.2, p. 39-69, dez. 2000.

FLORES, Alessandra Lopes. **Torcidas de futebol em Santa Catarina**: influências externas e crescimento local. 2013. 104 f. Monografia (Bacharelado em Geografia), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FOLHA DE PONTE NOVA. Tragédia em Mariana, solidariedade em PN. **Folha de Ponte Nova**, Ponte Nova, 6 nov. 2015, p. 3.

FORBES, Dean K. **Uma crítica da Geografia do Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 344 p.

FRAGA, Kátia. Rádio amiga da cidade: seis décadas de namoro com Viçosa. In: PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: FUNDAC, 2010. p. 79-100.

FRANCO, Renato. A televisão segundo Adorno: o planejamento industrial do *espírito objetivo*. In: DURÃO, Fábio A.; ZUIN, Antônio Álvaro S.; VAZ, Alexandre F. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 111-122.

FRYDENBERG, Julio David. Espacio urbano y practica del fútbol: Buenos Aires, 1900-1915. **Lecturas**, Buenos Aires, año III, n. 13, marzo 1999.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO – FJP. **Juiz de Fora-MG**: Programa de Aplicações em Desenvolvimento Urbano – Relatório. Belo Horizonte: FJP/Centro de Desenvolvimento Urbano, 1974. 51 p.

_____. **Estrutura espacial do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: FJP, 1988. 165 p.

_____. **Anuário Estatístico de Minas Gerais 2000-2001**. Belo Horizonte: FJP, 2002. 111 p.

_____. **Perfil demográfico do Estado de Minas Gerais, 2002**. Belo Horizonte: FJP, 2003. 111 p.

_____. **Perfil de Minas Gerais – 2011**. 14 ed. Belo Horizonte: FJP, 2011. 276 p.

FUTEBOL CLUBE BARCELONA – FCB. **Museu do Barcelona**. Camp Nou experience. Barcelona, 2014.

G1. **Transmissão da Copa evolui e FIFA espera 3,2 bilhões de espectadores**. 2014a, abr. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/04/transmissao-da-copa-evolui-e-fifa-espera-32-bilhoes-de-espectadores.html>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

G1. **Tecnologia de transmissão de TV evolui junto com as copas**. 2014b, jun. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/tecnologia-de-transmissao-de-tv-evolui-junto-com-copas-veja-video.html>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

G1 – Zona da Mata. **Boa fase do time do Tupi impulsiona economia de Juiz de Fora**. Out. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/10/boa-fase-do-tupi-mg-impulsiona-economia-em-juiz-de-fora.html>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

GALARRETA, Jorge F. P. A.; LISBOA FILHO, Flavi F. O esvaziamento de identidade do Grêmio na transmissão televisiva entre Grêmio e Flamengo. In: **XIII Congresso de Ciência da Comunicação da Região Sul**. Chapecó, mai.-jun. 2012. p. 1-15.

GALEANO, Eduardo. Depois do Mundial futebol em pedacinhos. In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Futebol: paixão e política**. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 111-124.

GALLEGOS, Jacques Paul Ramírez. Fútbol y identidad regional en el Ecuador. In: ALABARCES, Pablo (Ed.). **Futbologias: futebol, identidade y violencia em America Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003. 101-121.

GAZETA. Edições de 1941 e 1945. **Gazeta**, Muriaé, 1941 e 1945.

GAZETA DE LEOPOLDINA. Edição de 8 jan. 1899. **Gazeta de Leopoldina**, Leopoldina, jan. 1899.

GEORGE, Pierre (Org.). **Dictionnaire de la Géographie**. 1ª ed. Paris: PUF, 1970. 448 p.

_____. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983. 236 p.

GERHEIM, Geraldo. **Retrospectiva do futebol em Juiz de Fora (1918-1978)**. Juiz de Fora: Prefeitura de Juiz de Fora, 1978. 66 p.

GIACOMINI, Gaspar. **A influência da identificação do fã de futebol com a modalidade esportiva, com o time esportivo e com as celebridades do esporte no consumo de eventos esportivos**. 2011. 376 f. Dissertação (Mestrado em Administração), UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 233 p.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GIGLIOTTI, Marcelo; GARCIA, Sérgio. Esta torcida é toda assim. **Domingo** (Jornal do Brasil), Rio de Janeiro, ano 17, n. 879, p.16-23, 7 mar. 1993.

GIROLETTI, Domingos. **Industrialização em Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Juiz de Fora: UFJF, 1988. 140 p.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. 248 p.

GLOBO ESPORTE – GE. **Entenda como eram a Taça Brasil e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa**. 2010. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/12/entenda-como-eram-taca-brasil-e-o-torneio-roberto-gomes-pedrosa.html>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

_____. **Mapa revela times mais curtidos em cada uma das 5.570 cidades do Brasil**. 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2015/09/mapa-revela-times-mais-curtidos-do-brasil.html>>. Acesso em: 01 out. 2015.

GOIG, Ramón Llopis. Clubes y selecciones nacionales de fútbol: la dimensión etnoterritorial del fútbol español. **Revista Internacional de Sociología**. Córdoba (Espanha), v. LXIV, n. 45, p. 37-66, sept.-dic. 2006.

GOMES, Maria de Fátima A. B. O padrão espacial do setor produtivo. In: BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS – BDMG. **Minas Gerais do século XXI** (Vol. 2 – Reinterpretando o espaço mineiro). Belo Horizonte: Rona, 2002. p. 125-184.

GOMES, Paulo César da Costa. O futebol e sua dimensão estética: entre a geopolítica da bola e a geopolítica dos torcedores. In: _____. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 231-251.

_____. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; _____. CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 49-76.

GRÊMIO MANHUMIRIENSE DE DESPORTOS – GMD. **História**. Disponível em: www.gremiomanhumiriense.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GUEDES, Frederico Belcavello. Identidades e representações na TV local: o caso *TV Visão*. **XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**. Juiz de Fora, 16-18 mai. 2007. p. 1-15.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo ‘suspense’ e história. **Aquinate**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 163-172, 2006.

GUERRA, Márcio. **Rádio x TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 1 ed. Juiz de Fora: Juizforana, 2012. 200 p.

GUIA MURIAÉ. **Estádio Soares de Azevedo, em Muriaé, é destaque a nível nacional**. 1 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.guiamuriae.com.br/noticias/esportes/estadio-soares-de-azevedo-em-muriae-e-destaque-a-nivel-nacional/>>. Acesso em: 19 set. 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002. 186 p.

_____. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial. In: ARAUJO, Frederico G. Bandeira de; _____. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007a. p. 33-56.

_____. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. da; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b. p. 165-205.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 102 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006. 349 p.

HAWILLA, J. O futebol e o *marketing* esportivo. In: ALMEIDA, Candido J. M. de; SOUSA, Madalena M. de; LEITÃO, Sérgio Sá (Org.) **Marketing esportivo ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 109-115.

HELAL, Ronaldo George. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 81 p.

HOJE EM DIA. Saudades do glorioso Metalusina, o Tucano de Barão de Cocais. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 18 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/esportes/saudades-do-glorioso-metalusina-o-tucano-de-bar-o-de-cocais-1.11854>>. Acesso em 25 nov. 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 242 p., 1996. Coleção Estudos.

IÑIGUEZ, Luisa et al. Identidades territoriales em La Habana: contextos actuales de su construcción. In: _____(Coord.). **Las tantas Habanas**: estrategias para comprender sus dinámicas sociales. La Habana: Editorial UH, 2014. p. 27-154.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Minas Gerais – v. XXIV-XXVII. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. 1979 p.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Distrito Federal – v. XXIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. 168 p.

_____. **Cadastro Industrial de Minas Gerais - 1965**. Rio de Janeiro: IBGE, 1968 (2 vol.).

_____. **Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1972, 112 p.

_____. **Região de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987, 210 p.

_____. **Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990, 137 p.

_____. **Regiões de influência das cidades 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, 230 p.

_____. **Região de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, 176 p.

_____. **Atlas nacional do Brasil Milton Santos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010, 307 p.

_____. **Perfil dos municípios brasileiros**. 2011. Disponível em: <www.ibge.gov.br/munic2011>. Acesso em: 21 jan. 2013.

_____. **Redes e fluxos do território**. Gestão do Território, 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2014, 116 p.

_____. **Cidades. Cidades**. 2015. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 07 mar. 2015.

_____. **Evolução da divisão territorial do Brasil, 1872-2010.** Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_evolucao.shtm>. Acesso em: 22 jan. 2013.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS – IGA. **A hierarquia urbana de Minas Gerais analisada através da circulação de ônibus intermunicipais.** Belo Horizonte: IGA, 1980. 60 p.

_____. **Mapas de Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, 2000.** Belo Horizonte: IGA, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS – IPEA; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil.** Brasília: IPEA; IBGE; UNICAMP, 1999.

_____. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil.** Estudos básicos para caracterização da rede urbana. v. 2. Brasília: IPEA; IBGE; UNICAMP, 2001a. 390 p.

_____. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil.** Redes urbanas regionais: Sudeste. v. 5. Brasília: IPEA; IBGE; UNICAMP, 2001b. 168 p.

_____. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil.** v. 3. Brasília: IPEA; IBGE; UNICAMP, 2002. 127 p.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS – IPEA; INSTITUTO DE PESQUISAS – INPES; PANIAGO, Euter; RIBON, Miguel; SILVA, Sebastião M. F. da; TEIXEIRA FILHO, Antônio R. **Estudos sobre uma região agrícola:** Zona da Mata de Minas Gerais (II). Rio de Janeiro: IPEA, 1973. 172 p.

INSTITUTO FUTURA. **Futebol capixaba.** 21 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.futuranet.ws/futebol-capixaba/>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Comentários sobre os resultados do REGIC 2007.** Curitiba: IPARDES, 2009. 34 p.

JIMÉNEZ, Bernardo Guerrero. Fútbol em el Norte Grande de Chile: identidad nacional e identidad regional. **Revista Ciencias Sociales**, (Universidad Arturo Prat), Iquique (Chile), n.

16, artigo 1, p. 1-11, 2013.

JORNAL CONSCIÊNCIA DA MATA. Praça 28 de Setembro/Parque Peixoto Filho. **Jornal Consciência da Mata**, Visconde do Rio Branco, nov. 2012. Disponível em: <http://www.novojournalconscienciadamata.blogspot.com.br/2012/11/visconde-do-rio-branco-minas-gerais_26.html>. Acesso em: 17 set. 2015.

JORNAL DO COMMERCIO. Foot-Ball. **Jornal do Commercio**, Juiz de Fora, 18 set. 1904.

JUIZ DE FORA. Edição de 30 jul. 1893. **Juiz de Fora**, Juiz de Fora, jul. 1893.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 1 ed. São Paulo: Difel, 1982. p. 37-47.

LACERDA, Fernando. Tiradentes se rende à rivalidade mineira e 'abala' preferência por cariocas. **Uol**, 11 nov. 2014. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/11/11/tiradentes-se-rende-a-rivalidade-mineira-e-abala-preferencia-por-cariocas.htm>>. Acesso em: 7 mar. 2015.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **A transformação do trabalho**: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870-1920. Campinas: UNICAMP; Brasília: CNPq, 1988. 116 p.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidades em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 157-179.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 145 p.

LEMOES, Mauro Borges; DINIZ, Clélio Campolina; GUERRA, Leonardo Pontes. **Pólos econômicos do Nordeste e suas áreas de influência**: uma aplicação do modelo gravitacional utilizando Sistema de Informações Geográficas (SIG). 1999. Disponível em: <<http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca?b=ad&id=575654&biblioteca=vazio&busca=autoria:%22DINIZ,%20C.%20C.22&qFacets=autoria:%22DINIZ,%20C.%20C.%22&sort=&paginacao=t&paginaAtual=1>>. Acesso em: 15 nov. 2014

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia: a noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 187-204.

_____. **Região e Geografia**. 1 ed. São Paulo: EDUSP, 2014. 215 p.

LÉLIS, Fernando de. **A história do futebol de Tabuleiro-MG**. 2011. Disponível em: <<http://blogdofernandodelelis.blogspot.com.br/2011/03/historia-do-futebol-de-tabuleiro-mg.html>> Acesso em 17 set. 2015.

LEOPOLDINENSE. No clássico local, Ribeiro Junqueira vence o Leopoldina F. C.. **Leopoldinense**, Leopoldina, 29 mar. 2015. Disponível em: <www.leopoldinense.com.br/noticia/3982/no-classico-local-ribeiro-junqueira-vence-o-leopoldina-futebol-club>. Acesso em: 15 mai. 2016.

_____. Esporte Clube Ribeiro Junqueira. **Leopoldinense**, Leopoldina, 29 mar. 2015. Disponível em: <www.jornalleopoldinense.com.br/ver-noticia/176/e-c-ribeiro-junqueira>. Acesso em: 15 mai. 2016.

_____. Jogo da Seleção da LEL x Clube Atlético Mineiro. **Leopoldinense**, Leopoldina, s/d. Disponível em: <www.leopoldinense.com.br/noticia/1278/jodo-da-selecao-lel-x-clube-atletico-mineiro>. Acesso em: 15 jun. 2016.

LIGA ATLÉTICA UBAENSE – LAU. **Ubá**. Ubá, s/d.

LIGA DE DESPORTOS DE ALÉM PARAÍBA – LDAP. **Além Paraíba**. Além Paraíba, s/d.

LIGA DE FUTEBOL DE JUIZ DE FORA – LFJF. **Juiz de Fora**. Juiz de Fora, s/d.

LIGA ESPORTIVA DE CATAGUASES – LEC. **Cataguases**. Cataguases, s/d.

LIGA ESPORTIVA DE MURIAÉ – LEM. **Muriaé**. Muriaé, s/d.

LINS, Flávio; BRANDÃO, Cristina. **Cariocas do brejo entrando no ar: o rádio e a televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960)**. Juiz de Fora: FUNALFA/UFJF, 2012. 260 p.

LOBO, Felipe. **Barça e Real faturam muito mais da TV do que rivais, mas modelo começa a ser revisto**. Disponível em: <<http://m.trivela.uol.com.br/barca-e-real-faturam-muito-mais-da-tv-que-rivais-mas-modelo-comeca-ser-revisto/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

LOPES, Marcelo. **Operário F.C. Representa Cataguases na II Copa dos Campeões**. 23 mar. 2014. Disponível em: <www.marcelolopes.jor.br/noticia/detalhe/15226/operario-futebol-clube-representa-cataguases-na-ii-copa-dos-campeoes>. Acesso em: 10 out. 2014.

LUCHIARI, Maria T. D. P.; ISOLDI, Isabel Araújo. Identidade territorial quilombola – uma abordagem geográfica a partir da Comunidade Caçandoca (Ubatuba/SP). **Terra Livre**, São Paulo, ano 23, v. 2, n. 29, p. 163-180, ago.-dez. 2007.

MAIA, Chico. **O fim do Minas Esporte e a despedida da Dimara Oliveira**. 2011. Disponível em: <www.blog.chicomaia.com.br/2011/10/10/o-fim-do-minas-esporte-a-despedida-da-dimara-oliveira-com-texto-de-estreia-em-blog/>. Acesso em: 13 jun. 2014.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010. 220 p.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil**: terra de quem? São Paulo: EDUSP/Nobel, 1991. 145 p.

MASCARENHAS, Gilmar. À Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova**, Barcelona, n. 35, p. 1-14, março 1999a.

_____. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.13, n.23, p.17-39, 1999b.

_____. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana), USP, São Paulo, 2001.

_____. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **Geographia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

_____. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan./dez. 2005.

MATA, Jhonatan Alves Pereira; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. Mídia, identidade e território: as cidades projetadas pelos formatos noticiosos do telejornalismo local. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 355-372, jul.-dez. 2011.

MATOS, Marcelo da Cunha. **O contexto da produção de um objeto geográfico na cidade do Rio de Janeiro e sua centralidade**: o Estádio de São Januário. 2004. 75 f. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em Geografia), UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

MELLO, Fernando Antonio Oliveira. **Cataguases e suas Modernidades**. 2014. 354 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), UNB, Brasília, 2014.

MELO, Victor Andrade de. O esporte na imprensa e a publicidade esportiva no Rio de Janeiro do século XIX. In: _____. **História da Educação Física e do esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999. p. 98-107.

_____. Futebol: que história é essa?!. In: CARRANO, Paulo Cesar R. (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. p.12-28.

_____. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 19-48.

MENDES, Jairo Faria. **O “silêncio das Gerais”**: o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros. 2010. p. 1-12. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Jairo_Mendes.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2013.

MENEZES, Maria Lúcia Pires. Aeroporto regional e *business park*: logística e negócios na geografia urbano-regional de Juiz de Fora, Brasil. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 8, n. 170 (23), p. 1-22, 2004.

MERCADANTE, Paulo. **Os Sertões do Leste**. Estudo de uma Região: a Mata Mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 135 p.

MINAS ARENA. **Mineirão**: História. Disponível em: <<http://www.minasarena.com.br/mineirao/historia/>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

MINAS ESPORTE CLUBE – MEC. **Minas Esporte Clube**. 2015. Disponível em: <www.limaduarte.com.br/mec/>. Acesso em: 5 jan. 2016.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão – SEPLAG (Coord.). **Cenários exploratórios de Minas Gerais 2007-2023**. Belo Horizonte: SEPLAG, 2007. 146 p.

MIRANDA, Sonia Regina. **Cidade, capital e poder**: Políticas públicas e questão urbana na velha Manchester Mineira. 1990. 296 f. Dissertação (Mestrado em História Social), UFF, Rio de Janeiro, 1990.

MONBEIG, Pierre. Uma viagem de São Paulo a Goiânia – Estudo sôbre as zonas de influência paulista. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, n. 79, p. 737-739, 1949.

_____. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984. 392 p.

_____. O estudo geográfico das cidades. **Cidades**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 277-314, 2004.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. Belo Horizonte, Capital de Minas, século XXI. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 18, p. 467-486, set. 1997.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 156 p.

_____. **Geografia**: pequena história crítica. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 138 p.

MORAES, Fernanda Borges de. Essas miniaturas do mundo: a cartografia histórica e o processo de ocupação do território na América portuguesa. **Vivência**, Natal, n. 29, p. 163-187, 2006.

MOREIRA, Sonia V.; DEOLINDO, Jacqueline da S. Mídia, cidade e 'interior'. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, ano 11, v. 1, n. 21, p. 19-30, 2013.

MORORÓ, Anderson de Carvalho. **O futebol em Juiz de Fora**: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914). 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), UFJF, Juiz de Fora, 2012.

MOURA, Ângela de. A pioneira se despede: os últimos passos da Rádio Mineira. In: PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: FUNDAC, 2010. p. 11-20.

MUSEU DO FUTEBOL – São Paulo. **Mostra Itinerante, Piracicaba**. Piracicaba-SP, set. 2015.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: FUNALFA, 2008. 344 p.

_____. *A hora é notícia*: reflexões sobre o telejornalismo mineiro na década de 60. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**. Fortaleza, 19-21 ago. 2009. p. 1-15.

NACIONAL ATLÉTICO CLUBE – NAC. **História do Nacional de Muriaé**. Disponível em <www.nacionaldemuriae.com.br>. Acesso em: 25 nov. 2014.

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca houve um homem como Heleno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 327 p.

NOGUEIRA, Flavinéria de O.; CARDOSO, Geraldo J. B; SOARES, Fabrício E. Presença histórica da rádio no Município de Manhumirim-MG. **XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**. São José dos Campos, Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, 2009. p. 1-5.

O GRANBERIENSE. Ano 76, n. 1, abr. 2007. **O Granberriense**, Juiz de Fora, abr. 2007.

O GUARARÁ. Edições entre 1893 e 1922. **O Guarará**, Guarará, 1893-1922.

O LAMPADÁRIO. Edição de 7 fev. 1965. **O Lampadário**, Juiz de Fora, fev. 1965.

O MALHO. Edição de 27 abr. 1939. **O Malho**, Rio de Janeiro, abr. 1939.

O OPERÁRIO. Edições de 1918 a 1920. **O Operário**, Muriaé, 1918-1920.

O PHAROL. Edição de 01 ago. 1905. **O Pharol**, Juiz de Fora, ago. 1905.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES – OM. **Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2004, 68 p. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como_andaRM_belo Horizonte.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2014.

_____. **Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. [Como andam as metrópoles – Relatório final]. Rio de Janeiro: OM, 2005. 83 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. 2014. **Os países-membros da ONU**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/paises-membros/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988. 222 p.

ORTRIWANO, Gisela S. França. **França 1938, III Copa do Mundo**: o rádio estava lá. 2000. Disponível em: <www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/2307.pdf.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2013.

PAIM, Nino. Futebol e política: rebeldes com causa. **Futlance!**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 40-45, jul. 2010.

PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. **A preservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora**: medidas iniciais. Juiz de Fora: Instituto de Pesquisa e Planejamento da Prefeitura de Juiz de Fora (IPPLAN), 1981. 193 p.

PAZ, Sérgio Miranda. **O futebol como patrimônio cultural do Brasil**: estudo exploratório sobre possibilidades de incentivo ao turismo e ao lazer. 2009. 157 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), USP, São Paulo, 2009.

PEDROSA, Halber Alvim. **A epopéia dos vencedores**. A saga do futebol em Juiz de Fora. 1 ed. Juiz de Fora: sem editora, 2008. 272 p.

_____. **De Palmyra a Santos Dumont**: memórias do futebol na terra do pai da aviação. Santos Dumont: sem editora, s/d. 156 p.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em História Social), UNICAMP, Campinas, 1998.

PEREIRA, Maria Fernanda de França. Comunidade imaginada sonora: a Rádio Nacional e o engendramento da identidade brasileira no Estado Novo. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto, 28-30 jun. 2012. p. 1-15.

PEREIRA; Claudinei da S.; HESPANHOL, Antonio N. Região e regionalização no Estado de Minas Gerais e suas vinculações com as políticas públicas. **Formação**, Presidente Prudente, v. 1, n. 22, p. 42-70, 2015.

PESQUISAS DE PREDILEÇÃO CLUBÍSTICA – **Belo Horizonte** (1931, 1971, 1993). Disponível em: <<http://www.rsssfbrazil.com/miscellaneous/torcidasmg.htm>>. Acesso em: 10 out. 2013.

PESQUISAS DE PREDILEÇÃO CLUBÍSTICA – **Cidades de Minas Gerais**. Disponível em: <<http://www.blogteoriadosjogos.com/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAS DE DOMICÍLIOS – PNAD, 2013. **Dados de comunicação**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

PIMENTA, Ângela de Fátima Faria. Liga Operária Cataguasense: uma associação de operários no interior da Zona da Mata Mineira (1900-1922). **XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio – Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 19-23 jul. 2010. p. 1-10.

PINTO, Jefferson de Almeida. **Controle social e pobreza**: Juiz de Fora, 1876-1922. Juiz de Fora: Editar, 2008. 132 p.

PINTO, Luiz Aguiar Costa. Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **Estudos Sociológicos**, Rio de Janeiro, Departamento de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro, n. 2, 1953.

PIRES, Anderson. A industrialização de Juiz de Fora. **Revista Científica da FAMINAS**, Muriaé, v. 1, n. 2, p. 13-37, mai.-ago. 2005.

PLURI STOCHOS CONSULTORIA. **Tamanho das torcidas por região**. 2013. Disponível em: <<http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURISTOCHOS%20Pesquisa%20regiao%20sudeste.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2013.

POCHE, Bernard. La région comme espace de référence identitaire. **Espaces et Sociétés**, Paris, n. 42, p. 3-12, 1983.

POLLICE, Fabio. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 7-23, jan.-jun. 2010.

PONTENET. **Torcida FlaPonte faz gol de placa em Ponte Nova**. Disponível em: <www.pontenet.com.br/index.php/component/k2/item/829/torcida-fla-ponte-faz-gol-de-placa-em-ponte-nova>. Acesso em: 12 jan. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO – PUC-RJ. **História do Jornal do Brasil**: concepção e trajetória até a primeira metade do século XX. Disponível em <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610429_08_cap_02.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2014.

PRATA, Nair. Panorama do rádio em Belo Horizonte. In: _____. **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: FUNDAC, 2010. p. 129-153.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE – PMBH. **Plano estratégico de Belo Horizonte – 2030**. Avaliação situacional de Belo Horizonte e de sua inserção no contexto metropolitano. Belo Horizonte: PMBH, 2009. 117 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMA DUARTE – PMLD. **Campeonato Oficial de Lima Duarte**. 2016. Disponível em: <www.limadurte.mg.gov.br/conteudo.php?opcao=not&id=64>. Acesso em: 28 jul. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MIRADOURO – PMM. **Campeonato intermunicipal**. Disponível em: <<http://miradouro.mg.gov.br/sys-nfse.com/>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VISCONDE DO RIO BRANCO – PMVRB. **Esporte**. 4 abr. 2016. Disponível em: <www.viscondedoriobranco.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=6888
<www.limadurte.mg.gov.br/conteudo.php?opcao=not&id=64>. Acesso em: 28 jul. 2016.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA ZONA DA MATA – PRODEMATA. **Programa de Desenvolvimento Integrado da Zona da Mata**. Belo Horizonte: Secretaria de Planejamento do Estado de Minas Gerais (SEPLAN-MG), 1982. 120 p.

PUIG, Andrés Fábregas. El fútbol em Chiapas (México): um símbolo de identidad? **Revista de Dialectologías y Tradiciones Populares**, Madrid, v. LXI, n. 2, p. 145-161, jul.-dic. 2006.

QUEIROZ, Bernardo Lanza; BRAGA, Tania Moreira. Hierarquia urbana em um contexto de desconcentração econômica e fragmentação do território: questionamentos a partir do caso da rede de cidades mineira. **VIII ENANPUR**. Mar. 2013. p. 1-18.

RÁDIO ATIVIDADE – Muriaé. **Programação.** Disponível em: <www.redeatividade.com/portal/atividade-am>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RÁDIO CATAGUASES. **Programação.** Disponível em: <www.multisomcataguases.com>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RÁDIO DIFUSORA – São João Nepomuceno. **Programação.** Disponível em: <www.difusorasjn.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RÁDIO EDUCADORA – Ubá. **Rádio/Programação.** Disponível em: <www.ameducadora.web2110.uni5.net>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RÁDIO GLOBO – Juiz de Fora. **Programação.** Disponível em: <www.radioglobojf.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RÁDIO MURIAÉ. **Rádio/Programação.** Disponível em: <www.radiomuriae.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RÁDIO PIRAPETINGA. **Programação.** Disponível em: <www.radiopirapetinga.com.br>. Acesso em 20 jun. 2016.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

RESTITUTTI, Cristiano Corte. **As fronteiras da província:** rotas de comércio interprovincial, Minas Gerais, 1839-1884. 2006. 334 f. Dissertação (Mestrado em Economia), UNESP, Araraquara, 2006.

REZENDE, Giovane Carvalho. **O jornalismo de incentivo e os danos à informação:** uma análise sobre a cobertura diária do Tupi Foot Ball Club. 2013. 110 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), UFJF, Juiz de Fora, 2013.

RIAL, Carmen Sílvia Moraes. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-80, 1º sem. 2003.

RIBEIRO, Henrique. Siderúrgica tenta não ser página virada em Sabará. **Hoje em Dia.** Belo Horizonte, 17 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/esportes/siderurgica-tenta-n-o-ser-pagina-virada-em-sabara-1.11373>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Clubes de futebol e espaço urbano: o Galo e a capital de Minas. **XV Encontro Regional da ANPUH-Rio**. Rio de Janeiro, 2012. p. 1-9.

RIO, Gisela Pires do. A espacialidade da economia: superfícies, fluxos e redes. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. da; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 155-187.

ROCHA, Cézar Henrique Barra. **Zona da Mata mineira: pioneirismo, atualidade e potencial para investimento**. Juiz de Fora: Do Autor, 2008. 128 p.

ROCHA, Simone Maria. Identidade regional, produção e recepção: a 'mineiridade' na televisão. **Semiosfera**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4-5, p. 1-12, abr.-mai. 2003. Disponível em: <www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera45/conteudo_rep_srocha.htm>. Acesso em: 10 out. 2013.

ROCHEFORT, Michel. **L'organisation urbaine de l'Alsace**. Paris: La Société d'Édition Les Belles Lettres, 1960. 341 p.

_____. **Aménager le territoire**. Paris: Éditions du Seuil, 1970. 145 p.

RODRIGUES, Maria J.; SILVA, Francine B. Considerações teóricas sobre rede urbana. **Geo-ambiente**, Jataí, n. 8, p. 49-66, jan.-jun. 2007.

RODRIGUES, Marilita A. Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. 2006. 338 f. Tese (Doutorado em História Social), UFMG, Belo Horizonte, 2006.

_____. Esporte, cidade e modernidade: Belo Horizonte. In: MELO, Victor A. de. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 97-129.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. 135 p.

RODRIGUES, José Luiz Machado; CANTONI, Nilza. **Imigração em Leopoldina: história da Colônia Agrícola da Constança**. Leopoldina: sem editora, 2010.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ROSA, Maria Cristina et al. Clube de Sports Hygienicos: Memórias. In: CUNHA JR., Carlos Fernando F. da. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1 ed. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 97-119.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. **Revista Argumento**. Rio de Janeiro, Ano I, n. 4, p. 61-85, 1973.

ROSSI, Jones e MENDES JR., Leonardo. **Guia politicamente incorreto do futebol**. São Paulo: Leya, 2014. 416 p.

SANT'ANNA, Cleverson de Mello. **O futebol mineiro no rádio**. 2007. 63 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), UFV, Viçosa, 2007.

SANTOS, Anderson D. G. dos. **A consolidação de um monopólio de decisões**: a Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol. 2013. 268 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), UNISINOS, São Leopoldo, 2013.

SANTOS, André Carazza dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, año 10, n. 87, s/p, agosto 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/mineirao.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001. 348 p.

SANTOS, Doris Dey Passos dos. **Memórias de papel**: As cidades de Juiz de Fora e do Rio de Janeiro preservadas por Rachel Jardim. 2004. 85 f. Dissertação (Mestrado em Literatura), Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora, 2004.

SANTOS, Maria Cláudia. O local e o global na Rádio Itatiaia. In: PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: FUNDAC, 2010. p. 111-127.

SANTOS, Milton. A cidade de Jequié e sua região. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 1, p. 71-112, 1956.

_____. Crescimento nacional e nova rede urbana: o exemplo do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia** (caderno especial), Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 78-92, 1967.

_____. **Manual de Geografia Urbana**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1989. 214 p.

_____. Território e dinheiro. In: _____ (Org.) **Território Territórios**. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO-UFF/AGB, 2002a. p. 9-15.

_____. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EDUSP, 2002b. 285 p.

_____. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2004. 384 p.

_____. Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas. **Revista da Rede Alcar**, ano 7, n. 83, 1 nov. 2007. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/rede_alcar/Rede_Alcar_83/serie_imprensa.htm>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2009. 174 p.

_____. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: EDUSP, 2014. 204 p.

SANTOS, Marcos A.; COSTA, Marta B.; VASCONCELLOS, Lelia M. de. Rio de Janeiro: dinâmica urbano-regional do Estado. In: IPEA; PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; FURTADO, Bernardo Ales (Org.). **Dinâmica urbano-regional**: rede urbana e suas interfaces. Brasília: IPEA, 2011. p. 399-438.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**. Território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro, Record, 2002. 475 p.

SARAIVA, Luiz Fernando. **O Império das Minas Gerais**: Café e Poder na Zona da Mata mineira, 1853-1893. 2008. 328 f. Tese (Doutorado em História Social), UFF, Niterói, 2008.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 190 p.

SAVENHAGO, Igor J. Siquieri. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 22-31, jan.-abr. 2011.

SEABRA, Odette C. Lima. Urbanização: bairro e vida de bairro. **Travessia**, Florianópolis, p. 11-17, set./dez. 2000.

SENA JÚNIOR, Antônio Walter; MIRANDA, Renato. Resgate da história do esporte em Juiz de Fora. In: CUNHA JR., Carlos Fernando F. da. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1 ed. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 159-175.

SILVA, Daniel R. dos Reis. **Cidade (i)material**: museologias do patrimônio cultural na cidade de Juiz de Fora. 255 f. 2012. Tese (Doutorado em História), FGV, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Fernanda M. da. Jornalismo esportivo como área específica na televisão: o pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: UERJ, 5 a 9 de setembro de 2005. s/p.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Quem desloca tem preferência. **Mediação**, Belo Horizonte, n. 4, p. 23-30, dez. 2004.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. A cidade dividida nas charges de Mangabeira. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano VII, v. 2, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-cidade-dividida-nas-charges-de-mangabeira-de-marcelino-rodrigues-da-silva/>. Acesso em: 1 out. 2015.

SILVA, Sidney da. **Identidade no futebol**: o papel do jornalismo esportivo paranaense na formação de uma identidade futebolística regional. 2011. 167 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), Universidade Positivo, Curitiba, 2011.

SILVA, Silvio Ricardo da. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 21-52.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 73-102.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 119 p.

SOARES, Josarlete Magalhães. **Das Minas às Gerais**: um estudo sobre as origens do processo de formação da rede urbana da Zona da Mata mineira. 2009. 235 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), UFMG, Belo Horizonte, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia**: Geografia e Ideologia. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 135 p.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. da; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 77-116.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidades Regionais**: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia. Londrina: Eduel, 2013. 222 p.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Lazer), UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. Território e Identidade. **Revista Eletrônica da AGB**, Três Lagoas-MS, ano 4, v. 1, n. 6, p. 126-148, nov. 2007.

SPORT CLUB INTERNACIONAL – SCI. **Ídolos eternos – Falcão**. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=1&setor=3&codigo=11>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

THE SOCIAL ISSUES RESEARCH CENTRE – SIRC. **Football passions**: report of research conducted by The Social Issues Research Centre. Oxford University, 2008. 63 p.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 75 p.

TOMBENSE FUTEBOL CLUBE – TFC. **Cidade; História**. Disponível em: <www.tombensefutebolclub.com.br>. Acesso em: 01 jul. 2015.

TONUCCI FILHO; João B. M.; MAGALHÃES, Felipe N. C.; OLIVEIRA, André M. de. Estrutura produtiva e mercado de trabalho na RMBH: formação histórica e perspectivas contemporâneas. In: ANDRADE, Luciana T. de; MENDONÇA, Jupira G. de; DINIZ, Alexandre M. A. (Ed.). **Belo Horizonte**: transformações na ordem urbana. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital/OM; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2015. p. 49-87.

TRUJILLO, Jorge. La cuestión regional en el Ecuador. **Ecuador Debate**. Quito: Centro Andino de Acción Popular (CAAP), n. 3, p. 45-60, 1983.

TUPI FOOT-BALL CLUB – TF-BC. 2015. **Curiosidades Carijó**. Disponível em: <www.tfc.esp.br>. Acesso em 15 jul. 2015.

TV GLOBO. **Dados de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro (2013-2015)**. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novidades/esportes/noticia/plantao.html>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

_____. **Final da Copa Sul-Americana**. 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novidades/esportes/noticia/2013/12/futebol-globo-exibe-ponte-preta-x-lanus-para-sao-paulo-nesta-quarta-4.html>>. Acesso em: 4 dez. 2013.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 1 ed. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

UBATUBA, Ezequiel. **Na Zona da Mata II**: Abaixo e acima das serras, da Mantiqueira ao Caparaó. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1918.

UMBELINO, Glauco; SATHLER, Douglas. Desconcentração demográfica mineira: migração, crescimento populacional e as 'novas territorialidades'. **IV Encontro Nacional sobre Migrações**. Rio de Janeiro, 16-18 nov. 2005. p. 1-21.

UNIÃO DAS FEDERAÇÕES EUROPEIAS ASSOCIADAS – UEFA. **Membros da UEFA**. 2013. Disponível em: <www.uefa.com/memberassociations/association=ita/honours/index.html>. Acesso em: 20 abr. 2014.

_____. **História**. 2015. Disponível em: <<http://pt.uefa.com/uefachampionsleague/history/index.html>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT). 2 ed. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. 102 p. (Cadernos de Estudos; 9).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV. **Diagnóstico econômico da Zona da Mata de Minas Gerais**. Viçosa: UFV, 1971. 313 p.

VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata, de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 1, p. 3-82, jan.-mar. 1958.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Mineiridade**. Ensaio de caracterização. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 108 p.

VASCONCELOS; Artur Alves de; ABREU, Domingos. #Onordestemerece um #Nordestelivre: Futebol e identidade regional na TV Esporte Interativo. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 24, p. 1-25, mar. 2015.

VEIGA, José Eli da. **Como reconhecer uma cidade?** São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <www.fea.usp/professor/zeeli>. Acesso em: 10 out. 2013.

VILLA NOVA ATLÉTICO CLUBE – VNAC. **Glória em Vermelho e Branco**: um pouco da história do Leão do Bonfim. Disponível em: <<http://www.villanovamg.com.br/historia.php>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 2001. 373 p.

XAVIER, João Vítor. Disparidades. **Super Notícia**, Belo Horizonte, p. 7, 9 dez. 2015.

WERNECK, Ronaldo (Org.). A modernidade perene de Cataguases. **Suplemento**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 40 p., nov. 2013. Edição Especial.

WISNIK, José Miguel. **Futebol no Brasil**: veneno remédio. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

WITTE, Robert S. e WITTE, John S. **Estatística**. 7 ed. São Paulo: LTC, 2005. 510 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 7-72.

ZACCHI, Raquel Callegario. **Processo de verticalização da área central da cidade de Viçosa-MG (1970-2007)**. 2009. 116 f. Monografia (Bacharelado em Geografia), UFV, Viçosa, 2009.

ZERO HORA. Que vença o Uruguai de Eduardo Galeano. **Zero Hora**, Porto Alegre, jul. 2010. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2010/07/que-venca-o-uruguai-de-eduardo-galeano-2966903.html>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

ZIRPOLI, Cássio. Espanholização do futebol brasileiro a curto prazo. 2013. **Diário de Pernambuco**. Recife, 01 out. 2013. Disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2013/10/01/espanholizacao-do-futebol-brasileiro-a-curto-prazo/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

ZUCAL, Garriga. Entre identidades nacionais y locales. Los simpatizantes de un club de fútbol argentino ente los avatares de su selección nacional. **Papeles del CEIC** (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco, Leioa (Biskaia), v. 2, n. 30, p. 1-14, sept. 2007.

APÊNDICES: ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS

APÊNDICE A – Entrevista com Rita De Cássia Pereira, Relações-Públicas do Cruzeiro Esporte Clube (CEC)

Entrevista realizada em 16 abril de 2015, nas dependências da Sede Administrativa do CEC em BH, após consentimento via correio eletrônico e conhecimento sobre a natureza da entrevista.

HRC (Helcio Ribeiro Campos) – Observei umas pesquisas sobre tamanho de torcidas e vi que o Cruzeiro não possui muitos torcedores em certas partes do Brasil (não possui 1% dos torcedores no Nordeste, Norte e Sul; e tem 1% no Centro-Oeste). Em Minas Gerais divide torcida com clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo no Triângulo, Sul de Minas e na Zona da Mata. Há interesse do CEC em reverter isso? Como reverter?

RCP (Rita de Cássia Pereira) – A mídia joga junto com os times do Rio e de São Paulo. Ela é muito forte, muito poderosa. Além disso, há grupos de comunicação aqui em Minas Gerais (e também no Brasil) ligados às famílias que têm os seus times [risos], como a TV Globo, a TV Alterosa e a Rádio Itatiaia, que são atleticanas... Temos que enfrentar tudo isso.

HRC – Abertamente, a família Marinho é flamenguista e a Saad corinthiana...

RCP – Pois é... isso torna as coisas muito mais difíceis, ainda mais porque hoje não dá mais para levar os jogadores até os locais onde o número de torcedores do Cruzeiro poderia ser maior. Antes dava. Nos anos 60 houve um *marketing* forte no interior de Minas, que foi encabeçado pela Inês Helena. Os jogadores também iam. As escolas eram visitadas e os alunos recebiam brindes do Cruzeiro. Depois disso a torcida do Cruzeiro aumentou muito no interior. Por isso, no interior, a torcida do Cruzeiro é muito maior que a do Atlético. Agora ela é também maior em BH.

HRC – E o time máster? Já houve um máster do Cruzeiro, correto?

RCP – Já houve, sim, e que também ajudou a divulgar o Cruzeiro, mas que atualmente não está mais jogando no interior como antes. Tinha o Nonato, Ademir...e outros jogadores. Mas a

inconstância de quem ia jogar, por um motivo ou outro dos jogadores, acabou por encerrar o time máster.

HRC – Há um Cruzeiro em Rondônia, inspirado no Cruzeiro daqui de BH, que já até enviou uniformes para lá. Aproveita-se isso como meio de penetrar em outro estado?

RCP – As cores dos uniformes são até a mesmas...tudo igual... Mas não há um contato com o Cruzeiro lá de Rondônia.

HRC – As cotas da TV [Globo] vão ficar ainda mais desiguais em 2016. O Cruzeiro vai receber cerca de 3 vezes menos que Flamengo e Corinthians. Como a Globo divide isso? Ela usa as pesquisas para cotizar esse dinheiro todo?

RCP – É... chega para nós que ela observa o número de torcedores e a penetração no mercado. Mas a Globo controla. Por exemplo: o Cruzeiro foi campeão [brasileiro] no vôlei, mas nada foi falado no Jornal Nacional. Foi um jogão... Mas se o SESI [vice-campeão] tivesse vencido, aí aparecia no Jornal. Mas nós temos nossas ações. Em 2003 o Raposão foi criado. Ele vai até creches, hospitais, escolas... e faz essa aproximação com o torcedor e também um lado social do Cruzeiro. O Raposão faz o papel que os jogadores faziam nos anos 60, mas antes o calendário não era tão apertado quanto o de hoje. Agora não dá mais para fazer isso. Quando o Cruzeiro joga em outras cidades... no interior, fazemos o *Reduto do Sócio* e o Raposão vai também.

HRC – As pré-temporadas fora de BH não poderiam ser usadas para marcar presença onde o Cruzeiro tem pouca torcida?

RCP – A questão é que o Cruzeiro, depois de construir a Toca 2, com toda a infraestrutura, não tem feito mais pré-temporada fora porque isso gera um custo muito alto para o clube.

APÊNDICE B – Entrevistas com Torcedores

Entrevistas realizadas nos anos de 2014 e 2015, após consentimento via correio eletrônico e conhecimento acerca da natureza da entrevista. Foram mantidos os nomes dos entrevistados consoante o que foi acordado.

Marco Antônio, membro da TO Avacoelhada (do América F. C.)

1. Identificação: 51 anos; analista de sistemas; natural de Belo Horizonte.

2. Onde você morava quando passou a torcer pelo América?

MA – Em Belo Horizonte mesmo.

3. O que influenciou nesta escolha?

MA – Pesou a influência do meu irmão.

4. Seu irmão sempre morou em BH?

Sim, sempre.

5. Você vem de uma família de americanos?

MA – Não e só meu irmão é americano. Meus pais não têm time.

6. Então, ninguém quebrou a tradição de torcer pelo América?

MA – [Risos] Pois é!...

7. Você se lembra da primeira vez que foi a um estádio de futebol e qual jogo foi assistir?

Lembra dos detalhes: Com quem você foi? Qual idade você tinha?

MA – Não. Foi mais ou menos em 1979 [Por volta dos 15 anos de idade, portanto].

8. Quais são as coisas que mais fazem você gostar do América?

MA – A participação na reconstrução americana, a necessidade de aprender sobre o faça você mesmo, comprometimento e amizades feitas na torcida.

9. É difícil convencer os mais jovens a torcer pelo América? Quais são as maiores barreiras para aumentar a torcida americana?

MA – A maior dificuldade é lutar contra a influência negativa da mídia que privilegia os clubes de grandes torcidas.

10. Você conhece americanos que têm um segundo time? O que leva um torcedor a ter ou não ter um segundo time?

MA – Sim e não. Existem torcedores que simpatizam com outros clubes devido às influências familiares e regionais, do mesmo jeito que o América pode ser o 2º clube de um torcedor de outro estado.

11. O que pode ser feito para que o América volte a ser o maior vencedor do Campeonato Mineiro e cresça mais como clube?

MA – Ganhar títulos não deve ser o objetivo. Deve ser consequência do trabalho bem feito. O América precisa formar times competitivos e combativos em condições de brigar pelos títulos em todas as competições que disputar. Por ser um time essencialmente formador e revelador de jovens talentos deve privilegiar o aproveitamento e desenvolvimento dos [atletas] pratas da casa. Por isso é fundamental criar um processo de aprimoramento dos sub-23 na equipe profissional, além dos juniores serem mais bem treinados em termos de fundamentos nas categorias de base.

Tatiana de Lery Guimarães Baldi

1. Identificação: 29 anos; psicóloga; natural de Juiz de Fora.

2. Você torce/simpatiza para/por algum clube de futebol? Se sim, qual o motivo?

TLGB – Sim, torço para o Botafogo e tenho simpatia pelo Cruzeiro. Não há uma razão específica, talvez por influência de um irmão. E gosto demais dos times europeus por apresentarem um futebol mais bonito, mais técnico. Quanto ao Tupi, “torço” [sinal de aspas com as mãos] sem empolgação, talvez por ser da cidade e a única opção.

2. Quais são as coisas que fazem você gostar (e não gostar) desse clube?

TLGB – A torcida e o plantel, mas se por acaso entrar para o clube algum jogador que me desagrade por sua postura e/ou seu comportamento deixarei de torcer para ele e escolherei outro. Já fui flamenguista quando criança e deixei de ser quando o Romário entrou para o time. Já mudei de religião, de partido político, por que não mudar de time de futebol? [Risos].

3. Você está lembrada da 1ª vez na qual foi a um estádio de futebol e qual jogo foi assistir? Com quem foi e quantos anos tinha? Em que essa experiência influenciou você?

TLGB – Sim, foi no Maracanã. Assisti ao jogo entre Flamengo e um outro que não me lembro o nome. Creio que o placar foi 5x2. Eu tinha 14 anos e fui com o padrinho de meu irmão (o botafoquense). Encantei-me com o tamanho do estádio, a quantidade de pessoas e toda a "energia" envolvida. As vibrações a cada gol me surpreendiam e eu pulava junto com todos simplesmente por estar completamente envolvida nas cenas! Até hoje essa emoção me acompanha todas as vezes que vou a estádios ou até mesmo a ginásios.

4. Costuma acompanhar jogos do seu time pela TV ou rádio? Gosta do espaço que seu time tem na grade de programação?

TLGB – Sim, acompanho pela TV (quando a aberta transmite, pois não tenho a fechada). Pelo rádio só quando é jogo decisivo e não será televisionado. Faço questão de assistir à Liga dos Campeões da Europa.

5. É comum o estádio vazio nos jogos do Tupi (como você sabe): a que atribui isso e como pode melhorar?

TLGB – Atribuo ao fato da cidade não ter uma cultura esportiva (já teve!) e pouquíssimo incentivo sob todos os aspectos, o que acarreta em péssimos desempenhos dos atletas, desestimulando a torcida. O que fazer? Helcio, não faço a mínima ideia, creio que minha resposta é muito óbvia, ou seja, investimentos. Tentar atrair o empresariado para montar uma "puta" estrutura? Talvez. Não sei mesmo.

Marcel Brum

1. Identificação: 45 anos; professor; natural de Muriaé.

2. Você disse que torce para o Cruzeiro. Como e quando isso aconteceu?

MB – Virei cruzeirense em 1º lugar pela minha inteligência [risos]. A história é essa: meu pai me levou para eu ver o jogo Cruzeiro e Nacional [de Muriaé]. Eu devia ter uns 7 anos de idade... Na época, o Nelinho jogava no Cruzeiro. Ele fez um gol e eu fiquei muito encantado com o time e a partir daí eu comecei a torcer para o Cruzeiro e sofrendo menos influência por

morar em Muriaé ... [pausa] até os meu 18 anos... porque aqui em Juiz de Fora você sabe que é grande a influência do futebol carioca e movido também pela sensação de ser mineiro, eu gosto de ser mineiro. Eu brinco dizendo aqui [em Juiz de Fora] com os alunos: como é que você pode torcer para um time do Rio se você é mineiro? A história é mais ou menos essa... eu tenho um carinho já nato por esse time que foi despertado pelo meu pai.

3. Mas ele não era torcedor do Fluminense, não é isso mesmo que tinha me contado antes?

Isso... mas apesar dele ser cruzeirense e também torcedor do Fluminense. Virei cruzeirense apesar de morar em cidades que têm time, igual em Muriaé que tem o Nacional, e Juiz de Fora com o Tupi. Mas não são times que me influenciaram a não torcer pelo Cruzeiro.

João Alberto

1. Identificação: 70 anos; aposentado; natural de Juiz de Fora.

2. O senhor está lembrado da 1ª vez na qual foi a um estádio de futebol e qual jogo foi assistir? Com quem foi e quantos anos tinha? Em que essa experiência lhe influenciou?

JA – Fui tantas vezes na infância que perdi quando foi essa 1ª vez... É que minha família morava aqui nos arredores do campo do Tupi, então, íamos muito. Meu pai, meus tios e primos, todo mundo ia. Nós também íamos para ver alguns deles jogarem...Tivemos uma ligação antiga com o Tupi. O impacto sobre mim foi esse: passei a ser torcedor assim como eram os demais.

3. E torce também para outro clube?

JA – Não, nunca torci. O pessoal lá de casa até tem [outro time], mas eu não. Fiquei envolvido com as coisas daqui...o clube, campo, assistir treinos e jogos (seja da base ou do profissional). Já ouvi muito futebol pelo rádio... continuo, e vejo também jogos pela TV, mas é porque gosto do futebol, mas não escolhi nenhum clube para torcer.

APÊNDICE C – Entrevistas com Ex-Jogadores

As entrevistas foram realizadas durante apresentação da Seleção Brasileira Máster, em 3 out. 2015, no estádio do Andaraí, em Barbacena.

Amaral

1. Quanto à sua carreira, que time lhe deu mais visibilidade?

O Palmeiras. Comecei no Palmeiras, mas passei pelo Corinthians, pelo Vasco, pelo Vitória, Baueri, pelo Campeonato Baiano, pelo Campeonato Fluminense, pela Seleção Brasileira, depois fora do país também, mas minha visibilidade mesmo é com o Palmeiras.

2. Você acha que jogando por times de Minas Gerais, você teria ido para a Seleção do mesmo jeito?

Tenho certeza que sim, eu joguei no Atlético, né? Acabei até esquecendo... Joguei no Atlético, joguei no Grêmio... É que o mercado maior é em São Paulo, e eu estava num momento muito bom e acabei indo pra Seleção Brasileira.

Biro-Biro

1. Quanto à sua carreira que time lhe deu mais visibilidade?

O Corinthians, não tem jeito. Lá joguei por 14 anos, então, acho que pra mim foi o Corinthians.

2. Você acha que jogando por times de Minas Gerais, você teria ido para a Seleção do mesmo jeito?

Ah, sem dúvida! Acho que sim. Acho que Minas, Rio Grande do Sul, Rio são os centros que mais saem jogadores que vão pra Seleção. É claro que nos outros estados também tiveram jogadores que saíram já numa outra época. Mas esses locais aí são as mais frequentadas, vamos dizer assim, pelos jogadores da Seleção.

Éder

1. Qual foi o time mais importante da sua carreira, que fez a diferença para você chegar até a Seleção?

Eu cheguei à Seleção jogando pelo Grêmio, depois pelo Atlético [Mineiro] onde joguei por 10

anos. Eu tenho uma identificação grande com o Atlético. É o meu time do coração, então, basicamente eu tenho o Atlético no meu coração, com certeza.

2. Você acha que se tivesse jogado por times de massa, como Flamengo e Corinthians, você teria tido mais chances nas copas de 78 ou 86?

Não, eu jogando pelo Atlético eu fui na de 82, então, Atlético é igual ao Corinthians, ou até mais.

Edilson

1. Quanto à sua carreira, que time lhe deu mais visibilidade?

R: Eu sou grato a todos os times que joguei. Eu comecei no Guarani, na verdade... desde lá do Industrial, que foi meu primeiro time, Guanabi... me projetei no Guarani, depois fui pra aquela época do Palmeiras Parmalat. Então eu sou grato ao Flamengo, Corinthians, Bahia, Cruzeiro, Vitória, e sou grato a todos os times. Acho que a minha projeção foi gradativa: comecei no Palmeiras novinho, Seleção Brasileira, depois fui para o Corinthians, Flamengo e assim sou muito feliz, grato muito a esses times, eu acho que eu fiz coisas maravilhosas.

2. A imprensa deu a mesma abertura para todos esses times?

R: Ah, não deu né!? O time mais popular, que tem mais torcida, geralmente tem mais mídia né? Então a imprensa consome mais esse times... esses times grandes, que nem Flamengo, Cruzeiro, Palmeiras, São Paulo. Então, infelizmente é assim, quem tem mais mídia aparece mais, mas isso não deixa de tirar o valor dos que não têm tanta popularidade assim.

3. Isso conduz o jogador a escolher o tipo de time?

R: Também, também. Acho que a maioria dos jogadores brasileiros gostaria de jogar em times que nem o Flamengo, que é um time que tem uma torcida muito grande, de massa, e que tem uma visibilidade grande. Todo jogo do Flamengo é transmitido, passa na TV, tem uma repercussão grande, e o jogador quando está bem no Flamengo abre várias portas pra ele. Então, geralmente, tem muitos jogadores que escolhem o time sim, por causa da torcida, por causa da popularidade, e outros não né? A gente tem exemplo aí, como Régério Ceni, que está no São Paulo há muito tempo; Marcão ficou no Palmeiras a vida inteira. Então é isso aí, cada um escolhe o seu caminho, na verdade.

Vítor

1. Quanto à sua carreira, que time lhe deu mais visibilidade?

O São Paulo foi minha trajetória! Claro que eu sou grato aos clubes que eu passei, mas o São Paulo foi meu início... Telê Santana... isso marca a minha história.

2. Você acha que jogando por times de Minas Gerais teria ido para a Seleção do mesmo jeito?

Claro! Porque eu tive 2 anos no Cruzeiro e tive 4 títulos. Se eu também tivesse no Cruzeiro, não sendo convocado pelo São Paulo, eu seria convocado pelo Cruzeiro.